

SÉRIE

coleção BIBLIOTECA DIPLOMÁTICA

Eurico Gomes Dias

Gazetas da Restauração: [1641-1648]

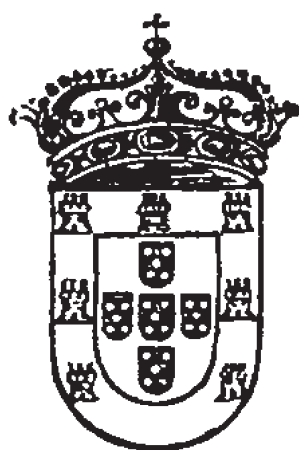
Uma revisão das estratégias
diplomático-militares portuguesas
(edição transcrita)



Ministério dos Negócios Estrangeiros

i d
Instituto diplomático

GAZETA,
EM QV E S E
RELATAM AS NOVAS
TODAS, QVE OVVE NESTA
CORTE, E QVE VIERAM DE
varias partes no mes de Nouern.
bro de 1641.



Com todas as licenças necessarias.
E priuilegio Real.
EM LISBOA.
Na Officina de Lourenço de Anueres,

colecção BIBLIOTECA DIPLOMÁTICA

Eurico Gomes Dias

Gazetas da Restauração: [1641-1648]

Uma revisão das estratégias
diplomático-militares portuguesas
(edição transcrita)

Ficha técnica

Título

Gazetas da Restauração: [1641-1648]. Uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas (edição transcrita)

Autor

Eurico Gomes Dias

Coordenação Editorial

IDI - MNE

Edição

Colecção Biblioteca Diplomática do MNE – Série A
Ministério dos Negócios Estrangeiros, Portugal

Design Gráfico

Risco, S.A.

Paginação, Impressão e Acabamento

Europress, Lda.

Tiragem

1000 exemplares

Data

Outubro de 2006

Depósito Legal

248069/06

ISBN

972-9245-52-5

978-972-9245-52-7

Índice

Prefácio	VII
As primeiras gazetas em Portugal: uma apresentação	XIII
Agradecimentos	XIX
Gazetas da Restauração [1641-1648]: uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas	XXIII
Estampas Históricas	LXXV
Algumas Indicações Gerais de Consulta	LXXXIII
Siglas e Abreviaturas	LXXXV
Corpo das Transcrições	LXXXVII
Índice Analítico	LXXXIX
Índice Toponímico	CXXXV

Prefácio

Textos e contextos iluminam-se sempre entre si. O Mestre Eurico Gomes Dias é um jovem investigador da Academia Militar, e Auditor do primeiro Curso de Política Externa Nacional ministrado no Ministério dos Negócios Estrangeiros sob a égide do Instituto Diplomático. Preocupam-no questões históricas, sobretudo questões de História política e militar. É, naturalmente, nessa linha que se inscreve o estudo ora publicado. Quando, há poucos meses, me abordou com propostas muito concretas para a Biblioteca Diplomática – em resposta a uma solicitação geral que lancei, num arco tão amplo quanto possível, em vários meios académicos e afins –, a minha reacção foi imediata e entusiástica. Eram dois os projectos que trazia. O presente livro dá corpo a um deles, relativo às relações externas portuguesas no período da Restauração. Espero no próximo ano poder dar à estampa o outro, que aborda a participação de “mercenários” portugueses na Guerra de Independência norte-americana.

O leitor tem então, entre mãos, o resultado do primeiro projecto que Eurico Dias me trouxe há alguns meses atrás. Para melhor o localizar, vale decerto a pena que comece por disponibilizar um enquadramento genérico do trabalho ora apresentado. Como é bem sabido (e a imagem faz-nos sempre sorrir) em 1640 um português ilustre, Miguel de Vasconcelos, foi, de maneira ao que parece assaz sumária, defenestrado. Viu-se assim simbolicamente assinalado o fim do domínio *de facto* do todo da Península, que durou 60 anos, pelos Filipes. Soltarmo-nos da tutela soberana dos Áustrias não se ia porém revelar fácil na Europa da época: uma longa guerra se iria seguir, até que os Habsburgos se resinassem à perda – uma de várias que em duas ou três gerações os afligiram, e que corroeram lenta mas inexoravelmente uma hegemonia que atingira o seu auge com Carlos V – e até que as potências europeias nos reconhecessem como, de novo, constituindo *de jure* uma entidade independente. Uma das consequências, inesperada, do compasso de espera que o poder filipino nos impôs: o Reino de Portugal não foi, por

consequente, oito anos depois da defenestração de Lisboa, convidado a participar na Paz de Westphalia, que foi concluída em 24 de Outubro de 1648. Ficámos de fora.

Às elites nacionais que subiram ao poder com D. João IV e a Casa de Bragança não passou, no entanto, despercebida a importância destes Tratados que tanto custaram a celebrar. Quase trezentos anos antes, em 1385, ocorrera a batalha de Aljubarrota, um acontecimento marginal, mas um evento para muitos efeitos integrado na Guerra dos Cem Anos que, então, assolava o Continente europeu e que tanto militou a favor de processos de desencadeamento da construção de uma identidade própria e relacional portuguesa. Três séculos depois, um novo impulso era dado, em condições a vários títulos paralelas. Num sentido em muito semelhante, a Guerra da Restauração formou parcela remota de uma Guerra dos Trinta Anos que devastou de novo o agora Velho Continente. Analogias valem o que valem, mas são muitas vezes patentes. Na mesa, por assim dizer, e num Mundo que três centenas de anos ricos e intensos tinham alterado imenso, estava o estertor final da *Respublica Christiana* e o início do sistema internacional de Estados, como a fórmula resultante encontrada veio, muitos séculos mais tarde, a apelar-se.

Para as elites de um pequeno Estado ambicioso, pluricontinentalmente fragmentado, e católico, como Portugal, as consequências potenciais de Westphalia eram por demais evidentes. A Espanha perdeu, a favor da França, o seu estatuto hegemónico; as políticas de alianças, doravante cada vez mais atidas a uma *raison d'État* calculada do que a convicções confessionais transcendentes, começaram a variar a sua geometria em percursos adaptativos mais pragmáticos; o equilíbrio continental dos poderes alterara definitivamente o seu regime de funcionamento, por assim dizer. A não participação portuguesa *formal* nas negociações westphalianas não podia deixar de ser preocupante. Mas pior, muito pior, teria sido se as nossas elites estaduais, mais uma vez renovadas, se tivessem mantido à margem de um processo tectónico que, manifestamente, as iria afectar profundamente. Felizmente, perceberam-no a tempo, dele podíamos e devíamos ser pelo menos observadores atentos. Como? A resposta foi a possível e, é claro, foi dada ao gosto da época.

Reportando acontecimentos-chave. A chamada *Gazeta da Restauração* foi o meio encontrado para colmatar uma lacuna conjuntural tida logo então como sendo séria. Teve como finalidade retratar processos sentidos como cruciais. Como o mostra a colectânea que publicamos, entre 1641 e 1648, a *Gazeta* trouxe-nos notícia de batalhas e lutas políticas, no quadro maior da Guerra dos Trinta Anos, no mais regional das Guerras da Restauração, e no ainda mais amplo da Reforma e da Contra-Reforma que opôs Protestantes a Católicos, e secundarizou Roma. No processo, viu-se implantada a imprensa em Portugal, que não se esgotou em publicações mais conhecidas da mesma época como o *Mercúrio Português*, e publicado no reinado de D. Afonso VI [1663-1667]. Talvez mais importante tenha sido o significado substantivo disso: contra um pano de fundo externo altamente constrangente, foi-se com as *Gazetas* elaborando uma narrativa *pública* sobre o processo moroso, para o qual soluções foram sendo encontradas em Westphalia, de modo a que cessassem de vez as confrontações terríveis e devastadoras que pareciam não ter fim e nas quais a Europa se via de novo mergulhada.

Este último ponto parece-me essencial e creio-o um bom retrato do que julgo ser a linha-mor de força da experiência de leitura das *Gazetas da Restauração*, agora pela primeira vez reeditadas. Como todos os produtos do que Benedict Anderson memorável e famosamente chamou *the typographical revolution*, os seus vários números operam a transmutação semiológica tipicamente construtivista que resulta da coexistência, numa mesma página, de discursos sobre questões quotidianas “domésticas” e outras que relevem das conjunturas externas: por efeito de recontextualização, no sentido mais forte do termo, induzem re-imaginações quanto à natureza das comunidades políticas de pertença dos leitores. Ao lermos a *Gazeta*, e ao nela nos embrenharmos, intuímos que terá sido assim com o público da época, com as inúmeras consequências que tal pode ter. A centralidade do Sacro Império Romano-Germânico, as alianças entre franceses e suecos, ou bávaros e austríacos, os conflitos entre suecos e austro-húngaros, dinamarqueses e suecos, ou franceses e austríacos, passaram a fazer parte da topografia político-militar em que se jogava a nossa política externa e, nela, as nossas preten-

sões de vir a consolidar uma identidade própria em que nos pudéssemos rever. Certamente conscientes disso, os autores dos textos das *Gazetas* escreviam tendenciosamente [o Dr. Eurico Dias comenta, *felix culpa*], em defesa intransigente da restauração da pátria portuguesa. Emergiu assim, solidificando formas, um novo tipo de nacionalismo, que tentava aliar especificidade a cosmopolitismo, numa síntese nova mas que viria a revelar-se como assaz duradoura. Eis um ponto sobre o qual ganharíamos em um dia atentar mais.

Em balanço e resumo, é com grande honra e prazer que o Instituto Diplomático acolhe na sua série A da colecção *Biblioteca Diplomática* (a relativa a Autores Portugueses) este estudo de Eurico Dias. Dele constam oitenta e tal páginas de uma introdução pormenorizada que, a um tempo, contextualiza o que se lhe segue e o anota: uma laboriosa transcrição, numa versão límpida, do texto das edições sucessivas da *Gazeta da Restauração* que foram saindo nos sete anos da sua publicação. Na sua introdução muitíssimo longa e ricamente informativa, E. Dias põe em evidência a dimensão “jornalística” da *Gazeta*, de par com outras publicações periódicas que tomaram o seu lugar e se tornaram mais conhecidas – é esse, aliás, o tema central da sua dissertação de doutoramento. A série de publicações que ora se torna a publicar, três séculos e meio volvidos, iluminam-nos porém bastante mais. Retomando aquilo que antes disse, não posso deixar de sublinhar um outro aspecto do seu dimensionamento tão *sui generis*, que me parece ser aqui de realçar, pela enorme mais-valia que soletra: as edições sucessivas da *Gazeta da Restauração* disponibilizam-nos uma janela de observação – uma das poucas que temos – sobre a tão importante e germinal Paz conseguida em Westphalia. Não o fazem, é certo, de maneira enxuta e isenta. Talvez em parte por isso mesmo, retratam, com uma fidelidade que só posso apelidar de *naïve*, a postura altamente comprometida (no sentido de *engagée*) das elites portuguesas, face a uma movimentação de fundo que torna o presente muitíssimo mais inteligível: o da forclusão definitiva de uma longa Idade Média que teimava em ir-se arrastando, e os primeiros dos grandes passos institucionais firmes daquilo que, pouco mais de um século depois, viria a tornar-se na Modernidade. Mais e não menos do que um estudo sobre a realidade política

coeva, formaram parte e parcela dessa mesma realidade, e transpiram esse facto.

Oxalá muitas oportunidades houvesse de publicar trabalhos com o potencial de rejuvenescimento de perspectivas que este tem. Está o Autor de parabéns. Estamo-lo todos nós.

Professor Doutor Armando Marques Guedes

Presidente do Instituto Diplomático

Professor da Faculdade de Direito

da Universidade Nova de Lisboa

As primeiras gazetas em Portugal: uma apresentação

“Gazeta”, segundo Bluteau, no seu *Vocabulário* de 1713, quando em Portugal já há muito tinham desaparecido as da Restauração e nenhuma as substituíra (o que acontecerá dois anos depois, em 1715), significava “papel impresso” contendo “as novas de várias partes do mundo”. Era, além disso, uma palavra com origem veneziana, que Bluteau, citando a autoridade de um professor de Pádua, afirmou ter sido usada para referir “moeda pequena, com que ordinariamente se comprava em Veneza a Relação impressa das novas correntes”. O termo “Gazeta”, começando por ser um preço, e passando a designar o objecto a que o preço se refere, acabou por ser equivalente a “Relação”, “Novas” ou “Descrição”, termos usados para identificar os abundantes folhetos impressos avulso dando conta de batalhas, naufrágios ou outros acontecimentos dignos de atenção, papéis de procura assegurada desde pelo menos o século XVI. Como noutras Cortes europeias, em particular as mais próximas, tidas como modelo, as gazetas correspondiam à necessidade de se seguir o que era tido como relevante, as movimentações diplomáticas e militares, a vida das famílias reais, por exemplo. Fizeram uma longa viagem até identificar inequivocamente um periódico porque, então, para além dos folhetos referidos, era a correspondência manuscrita que fazia correr esta informação. Nem o termo, nem as formas conhecidas mais próximas apontam para o que nós hoje chamamos um “jornal”.

Um habitante de Lisboa, em 1641, perante uma *gazeta* tinha a sensação de poder acompanhar o que se passa nas várias Cortes e guerras europeias, de seguir aquilo que até esse momento pertencia a um mundo reservado ou oral e, finalmente, tinha acesso a uma forma nova, ainda pouco definida, de transmissão de *novas*, forma que começava a afirmar-se nas Cortes mais civilizadas. Para alguns, era o sinal de que se acompa-

nhava a civilização dessas Cortes, de que se possuía um instrumento de distinção.

Para outros, pelo contrário, a incerteza do que é novo, associada à incerteza do que se escreve, tornava estas gazetas alvo de inevitável suspeita. Para que serviam afinal? Quem, pela sua posição ou contactos, tinha acesso directo ao que se sabia, não precisava de uma nova publicação. Os outros estavam justificadamente fora deste mundo e, por conseguinte, deviam continuar de fora. Justificar-se-ia o interesse de um boticário ou de um mestre-escola pelos sucessos da Guerra dos Trinta Anos? E porquê abordar publicamente aquilo que devia implicar ser-se discreto? E porquê usar a imprensa para fixar vozes e ditos incertos? Vozes, era justo que circulassem como tal, ou em cartas, mas não deveriam ter a dignidade da imprensa.

Esta tensão, que de modo diferente, se nota ainda na primeira metade do século XVIII, quando se publica a *Gazeta de Lisboa*, nota-se em particular na crise que levou à sua suspensão e transformação em 1642. As publicações que se retomam nessa data são um compromisso possível, abordando apenas “novas de fora do reino”, embora, um pouco mais tarde, timidamente fossem publicadas de novo notícias da Guerra da Restauração.

As gazetas passam então por anos de alguma hesitação. O número de páginas e a periodicidade variarão de acordo com a quantidade de informação ou a sua força, assim como a necessidade de publicar listagens ou relatos mais circunstanciados. Dependia do que ia chegando na correspondência e imprensa, sobretudo de Espanha e França. Assim também variará o tamanho das letras e até as dimensões da mancha de texto, dependendo também do impressor. O preço também não será constante, dependendo sobretudo dos custos em material, mas podendo manter-se em exemplares com diferente número de páginas, fidelizando uma relação com os leitores. Também os títulos mudam, embora o termo “gazeta” procure marcar uma continuidade que os termos anteriores não garantiam.

Já noutro lugar referi a necessidade de se avaliar as gazetas no seu tempo (cf. *Gazetas. A informação política nos finais do Antigo Regime, Cadernos de Cultura*, 4, Lisboa, CHC, 2002). Então argumentava sobre o facto de não se tratar de uma publicação em série, mas de um conjunto de folhetos que se

sucedem em relações, o que também permite integrar sem problemas o exemplar refractário de 1648. Esta preocupação, longe de diminuir as gazetas como fontes aos nossos olhos, permite interrogá-las para além do que é a noção actual sobre o que um jornal deve conter. As gazetas são austeras, breves, dedicando-se a um reduzido campo de assuntos. Mas seguem protocolos e convenções que dão significado a afirmações que hoje passariam despercebidas. As formas de tratamento, a selecção de notícias e a sua ordem, a hierarquização de protagonistas, as relações familiares entre as Coroas europeias, a imagem das famílias reais, têm consequências. Daí que na perspectiva de quem se interessa pela história militar e diplomática, como acontece com Eurico Dias, as gazetas da Restauração sejam um material muito rico, embora difícil de tratar, até pelo carácter incerto e cifrado das suas mensagens.

Estas considerações devem ainda ter presente dois aspectos daqueles anos.

O primeiro, e mais evidente, é o da situação social, política e militar saída do movimento que levou D. João IV ao poder. O segundo é o que diz respeito ao panorama da imprensa dessa época. Estes dois aspectos, estando relacionados, devem ser entendidos naquilo que são as suas características próprias. O levantamento político do 1º de Dezembro e a guerra que se lhe seguiu utilizam, como não acontecera antes, a imprensa, no seu esforço de afirmação política e diplomática. Traduz-se e publica-se a uma escala sem precedentes, procurando chegar às Cortes europeias, e em particular à Santa Sé. Neste sentido, as Gazetas, tendo uma dimensão mais interna, não podem ser vistas fora de uma preocupação geral de presença política que mobiliza a cultura escrita. Mas, também por isso, o que foi dito sobre a tensão provocada pela novidade e eventual estranheza do registo ganha outro relevo. As gazetas actuam num terreno já de si conflituoso, onde a necessidade e eficácia do que se diz pode ser contraditória, gera resistências, entra em campos sensíveis, nomeadamente o que envolve o esforço de guerra.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da imprensa não decorria da independência política. Em 1640, os impressores portugueses já não trabalhavam sobretudo apoiados na protecção da Coroa ou dos *grandes* com as suas

encomendas, mas sobretudo no interesse comercial do que publicavam. O que significa que, durante décadas, os impressores foram diversificando as suas edições, proliferando um conjunto de pequenos livros e folhetos ao lado dos eternos grandes volumes. É nítido, muito antes do início da publicação de gazetas, que publicações com menos de vinte páginas «in 4º», relativamente baratas, de sermões, almanaques, teatro ou mesmo notícias ou pequenas histórias, tinham um público ávido.

As gazetas aparecem, assim, num ambiente propício para os impressores e a sua história está ligada a este fenómeno de expansão do mundo da imprensa, para além do título a que deu origem. As gazetas começaram a ser publicadas por um impressor que se identificava como Lourenço de Anveres, e assim vão continuar em 1642. Sucede que tal identificação é um nome sem rosto localizável na constelação da família Craesbeeck. Ao estarem associadas a este nome e a esta família, as gazetas têm uma parte nas contradições por que passa o mundo da imprensa, no seu desenvolvimento. Duas ideias apenas para explicar esta situação. A primeira, a de que os Craesbeeck, responsáveis pela publicação de algumas das mais importantes obras portuguesas dos séculos XVI e XVII, e em 1640 na sua segunda geração em Portugal, juntavam inicialmente nos irmãos Paulo e Lourenço dois ofícios que não podiam ser acumulados, os de livreiro e de impressor. É Paulo quem vai tentar desenvolver o seu ofício de livreiro promovendo e até imprimindo os trabalhos que lhe interessavam. Fá-lo através desse expediente que é usar o nome próprio de irmão (ou de um primo) em obras que ele faz sair, e que alegadamente apenas promove. Lourenço está então em Coimbra onde publica com o seu nome completo. O suposto Lourenço de Anveres, que publica muitas obras de propaganda do novo poder de Lisboa, só desaparecerá quando Paulo passar a assinar com o seu próprio nome como impressor. Ou seja, assistimos nestes anos, e com as gazetas pelo meio, a um processo de transformação das regras das corporações, regras que mais de duas décadas antes eram contestadas (também por outros livreiros) e que se dobram em grande medida à posição que Paulo conquistou, pelos serviços que prestou ao novo rei (cf. João Alves Dias, *Craesbeeck. Uma dinastia de impressores em Portugal*, Lisboa, APLA, 1996).

Pelo que fica dito, o interesse das “gazetas da Restauração” não se fica por terem sido um tipo de publicação pioneira, mas por tudo aquilo que nos podem dizer da época em que apareceram e circularam. As gazetas têm os seus temas, os dados que conservam em notícias e formas de as apresentar. A sua materialidade fala também de como uma época usa os seus recursos, como se organiza, como dispõe aquilo a que dá importância. Se, para a história política, militar e diplomática, as gazetas têm um valor evidente, o podermos aceder mais facilmente aos seus conteúdos levará a respostas que partem de perspectivas muito diferentes.

Também por isso, continua a ser fundamental dispor de fontes históricas, e a sua publicação criteriosa é sempre um serviço à memória das comunidades que lhes podem dar sentido.

João Luís Lisboa

Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

Agradecimentos

Devo o primeiro e mais importante agradecimento ao Senhor Professor Doutor Armando Marques Guedes, cuja sabedoria, perspicácia e amizade são objecto da minha mais profunda estima. À sua pessoa se deve o primeiro impulso e o estímulo necessário para a publicação desta obra.

Também endereço um especial agradecimento ao Senhor Professor Doutor João Luís Lisboa pela apresentação deste livro, assim como a disponibilidade para diversas orientações académicas que me concedeu.

Também deixo registada uma palavra de amizade à Mestre Madalena Requixa, cujo apoio e profissionalismo foi imprescindível para a concretização final de todo este projecto.

Aos meus colegas do primeiro Curso de Política Externa Nacional, pela amizade e camaradagem, lhes consagro o meu profundo agradecimento.

Neste sentido, devo também especiais palavras de apreço e consideração, bem como do apoio imprescindível ao Senhor Professor Doutor Armando Luís de Carvalho Homem e à Senhora Professora Doutora Isabel Ferreira da Mota, meus orientadores de doutoramento, que desde a primeira hora apoiaram os meus projectos, bem como às restantes colegas e Professores do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em História Medieval e Renascimento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Cumpre-me agradecer, com elevada estima e atenção, ao Senhor Major-General Fernando Paiva Monteiro, ao Senhor Coronel Alberto Ribeiro Soares, ao Senhor Coronel Vítor Marçal Lourenço, ao Senhor Coronel João Vieira Borges e ao Senhor Tenente-Coronel Carlos Ribeiro, assim como a outras individualidades do Centro de Investigação da Academia Militar, a quem devo a oportunidade para poder trabalhar na investigação histórica. Sem o seu prestimoso auxílio, amizade e incentivo, não seria possível a prossecução deste trabalho académico, bem como de outros projectos de estudo.

Outros nomes urge indicar nestas breves linhas e que foram de extrema importância na minha formação acadêmica e pessoal, mas que a exiguidade de espaço não me permite aqui apontar. Para todas essas pessoas, os meus sinceros agradecimentos.

Dedico este trabalho académico aos meus pais,
ao Henrique e à Susana, assim como à Joana,
sem esquecer quem me ouviu quando precisei.

Gazetas da Restauração [1641-1648]: uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas

Eurico Gomes Dias¹

1. As razões de uma investigação

Este projecto historiográfico, ainda que não tão profusamente crítico como seria desejável ou possível, pretende fornecer uma ferramenta científica útil que complemente uma enorme lacuna na historiografia periodista nacional e na historiografia diplomático-militar portuguesa. Assim sendo, foi nosso objectivo proceder à publicação integral das denominadas *Gazetas da Restauração*² [1641-1648], vulgarmente conhecidas entre os investigadores como «o primeiro jornal português».

O objectivo primordial das ‘famosas’ *Gazetas da Restauração* foi, na sua essência funcional, o de veicular todo um volumoso processo de informação

¹ Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração de Santarém. Pós-graduado em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Mestre e doutorando em História Medieval e do Renascimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia e investigador associado do Centro de Investigação da Academia Militar. Auditor do Curso de Política Externa Nacional pelo Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

² Referimo-nos, nomeadamente, à colecção *Gazeta em que se relatam as novas todas, que ouve nesta Corte e que vieram de varias partes...*, da responsabilidade editorial de João Franco Barreto, Manuel de Galhegos e frei Francisco Brandão, entre outros ignotos ou discutíveis autores, como o próprio D. João IV. As *Gazetas da Restauração* foram sendo sucessivamente editadas em diferentes casas impressoras lisboetas, entre as quais a Officina de Lourenço de Anvers, a Officina de Domingos Lopes Rosa e a Officina de António Álvares. Embora muitos números mensais tenham desaparecido com o correr dos tempos e as diferentes intempéries, as *Gazetas da Restauração* foram publicadas entre Novembro de 1641 e Setembro de 1647 – quase todos os autores, estudos, índices e entradas bibliográficas que conhecemos balizam a vivência das *Gazetas da Restauração* entre os anos de 1641 e 1647, embora se admita quase unanimemente que tal delimitação cronológica é, com toda a certeza, uma matéria discutível.

e de contra-informação. Continham sobre o desenrolar das diferentes guerras e estratégias diplomáticas europeias e focar o importantíssimo papel das forças militares portuguesas estacionadas por todas as nossas fronteiras, assim como por toda a Europa, em paralelo com as actuações das nossas embaixadas enviadas às diferentes potências europeias beligerantes, sempre em defesa da insigne causa da Restauração.³

Notoriamente censuradas ou *instrumentalizadas*, como pensaríamos nos termos dos cânones actuais, sendo “ajustadas” à realidade que Portugal ia vivendo, o conjunto das informações veiculadas pelas *Gazetas da Restauração* tem de ser compreendido no quadro de uma ampla perspectiva polí-

Em virtude desta problemática, entendemos, por bem, “expandir” esses limites temporais, dado que a colecção das *Gazetas da Restauração* reunida nos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Lisboa, instituição que possui a colecção mais completa deste periódico, incluiu um número extra das *Gazetas da Restauração* e datado de 1648. Embora a *Relaçam da famosa vitoria, que alcançou...* não indique o mês em que tenha sido editada e se identifique como uma “relação”, só complementarmente incluindo o título de “gazeta”, pertence, sem dúvida, à colecção das *Gazetas da Restauração* – possui o mesmo formato «in-quarto», uma paginação similar, foi impressa na Officina de Domingos Lopes Rosa e, fundamentalmente, denota-se um claro encadeamento com as notícias apresentadas no número de Setembro de 1647. Neste sentido, dever-se-á consultar, por exemplo: CUNHA, Xavier da – *Impressões Deslandesianas: divulgações bibliographicas*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1895, cap. XXXIV, pp. 920-921; *Catalogue de La Bibliothéque de M. Fernando Palha*, por José António Luiz, vol. I, Imprensa de Libanio da Silva, Lisboa, 1896, p. 3245; FONSECA, Martinho da – «Elementos bibliográficos para a História das Guerras chamadas da Restauração: 1640-1668», separata de *Arquivo de História e Bibliografia*, n.º 2, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1927, p. 64; *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII. Letras M-R*, de João Frederico de Gusmão Arouca, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2005, p. 500.

³ “O acordar da consciência colectiva contra situações de domínio e prepotência nas épocas de grande efervescência social e política necessitam de arautos que denunciem as injustiças e mobilizem os indivíduos numa sintonia de ideais e objectivos. Não nos surpreende que a origem do jornalismo em Portugal esteja relacionada com o período de afirmação e consolidação da independência nacional que se seguiu à revolução de 1640. A imprensa periódica, para além de transmitir as tão desejadas notícias de guerra, corporalizou a exaltação dos valores nacionais e a mobilização para a luta pela independência contra o domínio espanhol.” VELOSO, Lúcia Mariano – “A *Gazeta da Restauração* e o nascimento da imprensa periódica portuguesa», in *Tesouros Públicos da Biblioteca Pública de Évora*, coordenação de João Ruas, Edições INAPA, Lisboa, 2005, p. 115.

tica, militar e diplomática das estratégias nacionais desenvolvidas após o 1.º de Dezembro de 1640. Esta vertente encontra-se praticamente inexplorada no que toca à fundamentação historiográfica baseada na imprensa periódica nacional [e até internacional] emergente, pelo que se abre aqui um precedente justificativo da necessidade de publicação destas fontes históricas.

Em sucedâneo, defendemos a opção de publicar as *Gazetas da Restauração* num formato transcrito, além do próprio estudo de transcrição que ora se publica, embora as possibilidades desta edição integral se mantenham em aberto.⁴

O movimento da Restauração desencadeou toda uma abundante literatura de *justificação* revolucionária e chamamento patriótico, de tratados jurídicos, panegíricos e de outros múltiplos discursos e panfletos, simultaneamente doutrinários e políticos, mas todos dotados de um pendor nacionalista e legitimador da nova dinastia de Bragança, como se poderá nitidamente ver nos inúmeros exemplos patentes nos domínios da politologia, da historiografia, dos sermões religiosos e até da incipiente imprensa periódica portuguesa, entre outras áreas.

Apesar das análises em contrário, as *Gazetas da Restauração* reúnem evidentes provas de isenção e veracidade, devendo ser consideradas fontes históricas de primeira importância para a compreensão das manifestações políticas, militares e sociais, bem como toda a ambiência diplomática que envolveu Portugal logo após a Restauração de 1640. Possuidor de inúmeras

⁴ Até à presente publicação, apenas se tinha publicado o primeiro número das *Gazetas da Restauração* de modo “fac-símile” e referente ao mês de Novembro de 1647. Por iniciativa de Alfredo da Cunha, o primeiro autor a publicar esse exemplar, seguiram-se, entre outras, as edições da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada* [1935]; a *Gazeta, em que se relatam as novas todas, qve ovve nesta corte, e qve vieram de varias partes no mes de Nouembro de 1641*, [edição fac-símile comemorativa do tricentenário da “Gazeta”, o primeiro periódico português], Imprensa Nacional, Lisboa, 1941; a *Gazeta em qve se relatam as novas todas, que ovve nesta corte e que vieram de várias partes no mes de...*, [edição fac-similada do primeiro jornal português comemorativo do I Congresso dos Jornalistas Portugueses], Sindicato dos Jornalistas, Lisboa, 1983, por exemplo.

informações históricas e inéditas acerca das actuações, composição e manutenção do Exército Português,⁵ este periódico registou uma perspectiva inovadora sobre as vastas operações militares portuguesas e europeias decorrentes do contexto da Guerra dos Trinta Anos, um amplo conflito onde as Guerras da Restauração se inscreveram perifericamente.⁶

Esta investigação pretende, deste modo, estabelecer um vínculo fundamentado entre o universo da história da imprensa periódica portuguesa, nomeadamente nos seus primórdios, complementando a dinâmica da pesquisa historiográfica referente à década de 1640, que corresponde a uma nova compreensão e abordagem do Portugal pós-Restauração.⁷

Coligindo os comentários inéditos recolhidos nesta fonte histórica e sendo esse um período emergente do nosso universo periodístico, pretende-se uma melhor compreensão das opções estratégicas diplomáticas e das políticas praticadas pelo Exército português na década de 1640. Também aqui se verificará que condicionantes internas e externas influenciaram o posicionamento de Portugal no contexto da primeira fase da Guerra da Restauração [1640-1650], do ponto de vista principal das *Gazetas da Restauração*. Com especial enfoque para a compreensão teórica da ligação entre a organização e as tácticas bélicas europeias e a sua aplicabilidade no contexto português e ultramarino, sem esquecer a grande importância das temáticas políticas a

⁵ CARVALHO, Francisco Augusto Martins de – «Gazeta», in *Diccionario Bibliográfico Militar*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1891, p. 117.

⁶ Já nas comemorações do tricentenário da publicação das *Gazetas da Restauração*, em 1941, se sublinhava a importância do estudo deste periódico para a compreensão da História Militar em Portugal. Ver MORAIS, A. N. Tancredo de – «A <Gazeta> de 1641», separata da *Revista Militar*, [s. n.], Lisboa, 1941. Como complemento actualizado, consultar ESPÍRITO SANTO, Gabriel – *Restauração 1640-1668: batalhas do Ameixial e de Montes Claros*, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2006.

⁷ Ainda na esteira das comemorações do Duplo Centenário de 1940, apelou-se, desde essa data, a um estudo mais elaborado das *Gazetas da Restauração*, como se pode verificar em diversos artigos especializados de Alfredo da Cunha, Júlio Dantas, J. Fernando de Sousa, entre outros, publicados por iniciativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas, em 1941. Ver *Boletim Comemorativo do Tricentenário da «Gazeta»*, direcção de Luiz Teixeira, n.º 4, SNJ, Lisboa, Outubro-Dezembro 1941.

analisar e que se revestem de importância cabal para a compreensão da vivência do Exército português nessa época.⁸

2. As *gazetas* como primeiro exemplo da imprensa periódica europeia

As primeiras concepções de *jornalismo* foram de carácter 'epistolar', ou entendidas enquanto "cartas de notícias gerais", muito em voga nos finais da Antiguidade Clássica – os afamados *Acta Diurna*⁹ –, eram panfletos manuscritos expostos ou lidos publicamente pelos *actuarii* [vulgo: estenógrafo, copista] nos momentos nevrálgicos da vida social desses tempos.

As *gazetas* foram precedidas por diversos serviços de correspondência manuscrita organizados entre as cidades comerciais italianas com as cidades da Europa central. Designava-se este tipo de manuscrito como *carta-relação*, ou *carta de notícias*, enviada a personagens de relevo, às Cortes europeias, ou a poderosos estabelecimentos comerciais, pelos seus correspondentes literários, os quais eram, frequentemente, ricamente pagos pela realização desses

⁸ "De facto, [as *Gazetas*] dá-nos, através de várias notícias de confrontos com os castelhanos, uma imagem extremamente realista da actuação das nossas tropas – incluindo a descrição de actos de crueldade por elas praticados e as consequências da sua deficiente vigilância sobre as fronteiras – mas, por isso mesmo, longe do modelo heróico pretendido." BELO, Filomena & ROCHA, Manuela – «Anatomia do primeiro periódico português», in *Claro-Escuro, Revista de Estudos Barrocos*, direcção de Ana Hatherly, n.º 1, Quimera, Lisboa, Novembro de 1988, pp. 63-75 [aqui se podem consultar úteis tabelas descritivas acerca dos conteúdos temáticos das *Gazetas da Restauração*].

⁹ "Le journalisme portugais est contemporain du journalisme européen, le plus ancien, abstraction faite des *Acta diurna* des romains, et des *Nottizzie scritte* de la république vénitienne, que l'histoire de la presse considere à juste titre, comme étant les prédécesseurs du journalisme de tous les pays. Il a eu la même origine; des circonstances semblables l'on produit; il est né de la même impulsion; et dans la succession de son développement, correspondant aux différentes phases de l'histoire politique du pays, on trouve des accidents de la même nature que ceux qui caractèrisent les annales de la presse périodique chez les peuples qui luttent pour ses progrès." COELHO, Eduardo – «Notice présentée au congrès littéraire international de Lisbonne», desdobrável publicado no *Diário de Notícias*, Lisboa, 1898, p. XI.

serviços. Desenvolve-se, por essa razão, uma rede de informações epistolares ligando, por correspondência, as cidades de Veneza, Génova, Roma, Lyon e Paris, até às grandes cidades do norte da Europa, como Antuérpia, Amesterdão, Hamburgo e Londres.¹⁰

Pensa-se que esta forma incipiente e primitiva do jornalismo terá nascido, portanto, em Veneza durante o século XV, cidade onde existiam desde meados do século XIV as célebres *fogli d'avvisi* e as *notizie scritte*. Durante essa época, os correspondentes venezianos teriam criado uma forma de periodismo chamando-lhe *gazzetta*, derivando a sua designação da moeda corrente do comércio local, a *gazza*.¹¹

Devido ao seu teor pouco verosímil, frequentemente furtando-se à observação dos censores e mesmo porque rivalizavam estas *gazetas* entre si na devassa da vida privada e pública, desde cedo foram os seus autores sujeitos a perseguições e outras pesadas coimas. Entretanto, generalizava-se o próprio desenvolvimento da imprensa a partir de 1450, com os inventos de Johann Gutemberg, o que constituiu um elemento determinante para o desenvolvimento do periodismo na Europa. Na realidade, não deixa de ser significativo que o periodismo tal como o conhecemos, ainda que apenas em fase germinativa, só se tenha desenvolvido cerca de dois séculos posteriormente ao aparecimento da tipografia na Europa.¹²

¹⁰ Ver tendências gerais do jornalismo: FABRE, Maurice – «O Jornal e o Tempo», in *História da Comunicação*, Moraes Editores, Lisboa, 1980, cap. IV, pp. 49-60.

¹¹ É de notar que a palavra «gazeta» era inteiramente desconhecida no léxico português ainda em meados do século XVII: «GAZETA, ou *Gazetta*. He palavra Veneziana, que na sua primitiva significação, era o nome de hum troco, ou moeda pequena, com que ordinariamete se comprava em Veneza, a Relação impressa das novas correntes. Ferrari, antigamente Professor na Universidade de Padua, Cidade da Republica de Veneza, declarando mais particularmente esta etymologia, diz, *Gazetta, Veneta moneta, argentea duorum assium, sed unde appellata sit, nondum mubi compertum est; quo pretio, cum olim nuncii rerum toto orbe gestarum, quæ Tacitus Deurna appellat, pararentur, ipsa Diurna Gazetta vocitantur*. *Gazetta*. Papel impresso, que conte as novas de varias partes do mundo. [...]» BLUTEAU, D. Raphael – «Gazeta», in *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, vol. IV, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, Coimbra, 1713, p. 42, col. II.

¹² Serão de salientar vastos conjuntos de factores sociais, políticos, económicos e intelectuais que motivaram o nascimento da imprensa periódica por toda a Europa, embora em ritmos e escalas diferentes: a curiosidade intelectual decorrente do próprio movimento do Renascimento,

Atendendo à panorâmica geral do nascimento da imprensa periódica na Europa, o primeiro jornal a possuir uma edição impressa regular foi o *Nieuwe Tijdinghen* [1605], editado por Abraham Verhoeve em Antuérpia. Os primeiros periódicos alemães foram fundados em 1609 – o *Relation aller fürnemmen und gedenckwürdigen Historien* [Relação de todas as notícias notáveis e rejubilantes], o *Avisa Relation oder Zeitung* e o *Frankfurter Journal* [1615], por exemplo. Em 1621, surgiu em Londres o primeiro jornal de língua inglesa, *The Corante* e, no ano seguinte, Nathaniel Butler fundou o primeiro hebdomadário – o *Weekly News* –, que, a partir de 1638, seria o primeiro jornal a publicar um noticiário internacional, assim como sucedia na Holanda pelo *Courante uyt Italien ende Duytschlandt*, de 1632.

Por curiosidade, refira-se que o jornal mais antigo do mundo ainda em circulação é o periódico sueco *Post-och Inrikes Tidningar*, que teve início em 1645. Até então, estas publicações tinham uma periodicidade semanal, quinzenal, mensal ou mesmo irregular. Foi só a partir de 1650 que surgiu o primeiro jornal impresso diário do mundo, o *Einkommende Zeitungen* [Notícias Recebidas], fundado em Leipzig. Ainda contemporânea às nossas *Gazetas da Restauração*, publicou-se a primeira revista académica, em estilo de *almanaque*, o *Journal des Savants* [ou *Diário dos Sábios*], fundado em França [1665].¹³

A gazeta mais famosa da Europa por esta altura foi, sem dúvida, a *Gazette de France*¹⁴ [que influenciará decisivamente as publicações congéneres por-

o advento dos Descobrimentos, a evolução nos intercâmbios bancários das grandes casas comerciais e os consequentes fluxos económicos, sem esquecer o combate entre a Reforma e a Contra-Reforma, motivos que levaram à intensificação das trocas de informações e sobre novas perspectivas da visão do Homem perante o mundo.

¹³ Sem esquecer a realidade portuguesa, sugerimos a leitura de uma obra fundamental para todo este contexto internacional: *História da Imprensa*, coordenação de Alejandro Pizarroso Quintero, Planeta Editora, Lisboa, 1996.

¹⁴ A ilustre e, por vezes, satírica *Gazette de France* foi uma adversária de peso das políticas governamentais francesas desde o governo do cardeal-duque de Richelieu e de Luís XIII, o *Justo*: “Et, comme nous aimons mettre des noms sur les choses, nous datons seulement du 30 mai 1631 la naissance de Sa Majesté la Presse française: sur la *Gazette* qui parut alors, nous pouvons, en effet, mettre le nom de Théophraste Renaudot, premier journaliste de France. Ce journaliste était d’ailleurs un médecin, lequel jugeait que la meilleure médication n’était pas la pharmacie, mais la littérature.” LAUZANNE, Stéphane – *Sa Magesté La Presse*, Arthème Fayard et C^{ie}, Paris, 1925, p. 18.

tuguesas] e surgiu em Paris, em Maio de 1631, pelo punho do célebre jornalista Théophraste Renaudot. As edições da *Gazette de France* tinham originalmente quatro fólios e uma tiragem média ente 300 e 800 exemplares, tendo tido um sucesso fenomenal, impulsionando o prevalecimento da imprensa periódica em França.

Desde os princípios do século XVII que se estabeleceram muitas das características normativas da moderna imprensa periódica. Surgem novos estilos jornalísticos e a defesa/promoção da profissão de «jornalista» começa a alargar a sua liberdade publicista, reclamando e exigindo publicar as mais diversas informações militares, políticas, económicas e sociais, anunciando-se como verdadeiros órgãos de cultura e de entretenimento, prósperos em *fait-divers*.¹⁵ Contudo, ainda que a imprensa periódica impressa se tenha desenvolvido e se publicasse crescentemente, a actividade dos noticiaristas manuscritos¹⁶ não cessou; antes pelo contrário, continuaram estes a promover a sátira incisiva e a crítica mordaz até aos finais do século XVIII.

¹⁵ “E eis que já estão definidas as três facetas principais da imprensa, desde tempos recuados. As informações gerais, ou seja, os «ocasionais», os *fait-divers*, com os *canards*, e a imprensa de opinião, que se esforça por ter peso nos assuntos públicos, com os libelos, editais e outras tretas. Este conjunto estende-se até ao final do século XVIII e mesmo até ao início do século XIX, com a literatura de cordel que teve uma grande influência na evolução das sensibilidades colectivas na Europa.” JEANNENEY, Jean-Noel – *Uma História da Comunicação Social*, 2.ª edição revista, Terramar, Lisboa, 2003, p. 21.

¹⁶ Em Portugal, as gazetas manuscritas tiveram uma ampla profusão, contrariando todas as censuras instituídas. Motivo de renovado estudo e interesse académico para a compreensão da sociedade portuguesa da primeira metade do século XVIII, é de importância fulcral: *Gazetas Manuscritas da Biblioteca Pública de Évora. Vol. I (1729-1731)*, por João Luís Lisboa, Tiago dos Reis Miranda e Fernanda Olival, Edições Colibri, Lisboa, 2002; *Gazetas Manuscritas da Biblioteca Pública de Évora. Vol. II (1732-1734)*, por João Luís Lisboa, Tiago dos Reis Miranda e Fernanda Olival, Edições Colibri, Lisboa, 2005.

3. Questões acerca dos antecedentes da imprensa periódica portuguesa

Afigura-se ainda problemático discernir qual a publicação ou o conjunto de iniciativas editoriais que se podem constituir como os componentes embrionários¹⁷ da História da imprensa periódica portuguesa. Um dos primeiros géneros literários portugueses a ser transposto para um suporte impresso foi o conjunto de informações manuscritas que se encontravam dispersas e que foram reunidas num conjunto específico das relações¹⁸ da ‘literatura de viagens’, um pouco como já se registava na Europa.

Desde a segunda metade do século XVI e até meados do século XVIII, proliferam as *relações* de viagens, género tão peculiar às nossas Letras, e em que o relato dos naufrágios e a descrição pormenorizada das reacções humanas, das perdas humanas e materiais, assim com o seu esforço trágico de sobrevivência, alcançaram bastante sucesso em Portugal,¹⁹ como se verá de seguida.

¹⁷ Referenciado, por exemplo, em LISBOA, João Luís – «Introdução», in *Cadernos de Cultura. Gazetas: a informação política nos finais do Antigo Regime*, suplemento da revista *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, n.º 4, Centro de História da Cultura, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002, pp. 7-10.

¹⁸ “Tal como as suas congéneres estrangeiras, as relações portuguesas apresentam [o] aspecto de um livro, com frontispício que muitas vezes é ilustrado, pequeno formato (predominando os in-4.º e in-8.º), variando o número de páginas (normalmente não passando as 8), em papel grosseiro. Sem carácter de regularidade, cada uma delas limita-se a descrever, sem comentários nem interpretações, um único acontecimento, com grandes minudências, mas nem sempre com muita verdade.” TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª edição, Editorial Caminho, Lisboa, 1989, p. 29.

¹⁹ “A utilidade e a satisfação de curiosidades nessa investigação de factos, principalmente relacionados com conflitos militares ou desastres naturais, representa, como acontece nessa época em toda a Europa, um impulso para a difusão de informação cada vez mais detalhada e actualizada. Assim, o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e o interesse do público fomentam a publicação das primeiras folhas noticiosas impressas ou *relações*, como eram conhecidas em Portugal.” Cft. RODRÍGUEZ, Alberto Pena – «História do Jornalismo Português», in *História da Imprensa*, coordenação de Alejandro Pizarroso Quintero, cap. VIII, p. 351; MAS, Maria Luísa de – «Prensa Portuguesa», in *Historia de la comunicación y de la prensa universal y de España*, Ediciones Atlas, Madrid, 1988, p. 523.

O relato mais antigo que se conhece deste tipo é o texto *Galeão Grande São João*, conhecido por *Naufrágio de Sepúlveda* [1554], de autoria anónima. Outros relatos, porém, merecem beneficiar igualmente da atenção da análise literária pela raríssima capacidade de escrita do patético, pela descrição paralela da tensão psicológica e do seu pendor pessimista – transfigurando-se na “contra-epopeia lusíada” –, como se verifica na *Relação do Naufrágio da Nau Santiago*, de Manuel Godinho Cardoso, e na *Relação do Naufrágio da Nau Conceição*, de Manuel Rangel,²⁰ primeiramente publicada em 1556, entre outras. Publicados em folhetos avulsos e “periódicos”, foram reunidos por Bernardo Gomes de Brito na monumental *História Trágico-Marítima*,²¹ editada primeiramente em 1735 e 1736. É neste contexto que urge compreender o papel precursor de Manuel Severim de Faria e das suas *Relações Universais*.

Apontado por diversos analistas e catálogos bibliográficos como sendo, muito provavelmente, o primeiro “noticiário nacional”,²² a folha noticiosa *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente*²³ constitui-se como um conjunto precioso de relatos acerca dos sucessos béli-

²⁰ Cft. *Relaçam do lastimozo navfragio da Nao Conceiçam chamada Algaravia a Nova de que era Capitaõ Francisco Nobre a qual se perdeo nos bayxos de Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555*, Officina de António Álvares, Lisboa, [17?], f.º 4; «Manuel Rangel», in *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, vol. XVI, Imprensa Nacional, Lisboa, 1889, pp. 298-299; «Relação do lastimoso naufrágio da nau Conceição», in *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, vol. XVIII, 1906, p. 343; «Naufrágios», in *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, vol. XVII, 1894, p. 84.

²¹ BRITO, Bernardo Gomes de – *História Trágico-Marítima*, vol. I, Publicações Europa-América, Mem Martins, pp. 110-121.

²² “Fossem porem escriptos essas relações por Severim de Faria, ou qualquer outro, o que é muito provavel é que ellas foram as primeiras publicações periódicas que se fizeram em Portugal, sendo como se vê, muito anteriores às celebres *Gazetas* nas Guerras da Restauração.” Cft. SILVA PEREIRA, A. X. – «Relação Universal...», in *Diccionario Jornalístico Portuguez*, [manuscrito], vol. I, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, [s. d.], pp. 54-55; «Breve Memoria sobre o movimento evolutivo do jornalismo politico em Portugal», in *Diccionario Jornalístico Portuguez*, pp. XII-XIII; *O Jornalismo Portuguez, Resenha Chronologica...*, Typographia Soares, Lisboa, 1895, p. 1.

²³ Veja-se, por exemplo, o disposto em: MENDES DOS REMÉDIOS, Joaquim – «Jornalismo», in *História da Literatura Portuguesa desde as Origens até à Actualidade*, F. França Amado, Coimbra, 1914, cap. IV, pp. 386-387; LAPA, Albino – *A palavra «Lisboa» na História do Jornalismo*, «Biblioteca de Estudos Olisiponenses», CML, Lisboa, 1967, p. 18.

cos e políticos portugueses compreendidos no período entre 1625 e 1626. Estas informações foram inventariadas por Manuel Severim de Faria²⁴ [1583-1655], doutorado em Teologia pela Universidade de Évora, designado posteriormente como cônego e chantre da Sé desta cidade e que usou aqui do nome literário de Francisco de Abreu.

A falta de periodicidade e continuidade da *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente*, de que sobreviveram apenas dois exemplares e que, segundo tudo aponta, apenas seriam publicadas quando sucedia algum importante acontecimento, leva-nos, no entanto, a afastá-las da categoria dos «periódicos»²⁵ pela sua falta de regularidade e continuidade. O conjunto que compõe a *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente* surge, portanto, integrado na categoria das *folhas volantes*, destinadas ao estrito público literato existente aos inícios do século XVII. Foi uma folha de 32 fólhos, decididamente noticiosa e intencionalmente política, apresentando um preço elevado e tendo a particularidade de ter sido também publicada num centro periférico da actividade tipográfica nacional, como o era Braga.

Não obstante o papel primordial das *Gazetas da Restauração*, o esboço embrionário da imprensa periódica portuguesa situa-se cronologicamente um pouco mais atrás e dever-se-á apontar, de qualquer modo, a importância

²⁴ Cft. MACHADO, Diogo Barbosa de – «Manuel Severim de Faria», in *Bibliotheca Lusitana*, vol. III, Officina de Ignacio Rodrigues, Lisboa, 1752, pp. 368-374; SILVA, Inocêncio Francisco da – «Manuel Severim de Faria», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. VI, 1862, pp. 106-108; «Francisco de Abreu», in *Diccionario da Língua Portuguesa [1793]*, tomo I, reprodução fac-similada assinalando o II Centenário da Edição, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1993, p. CXI.

²⁵ “No entanto, a falta de periodicidade e continuidade das *Relações* de Severim de Faria, de que surgiram apenas duas e quando acontecimentos importantes o justificaram, leva-nos a afastá-las da categoria dos periódicos, pautados pela continuidade e periodicidade. [...] À semelhança de outros países europeus, dirigindo-se à população e já não ao público erudito ou religioso, também entre nós apareceu certo tipo de publicações como os almanaques, os reportórios, os calendários e os prognósticos, mas todas elas sem carácter de periodicidade e regularidade.” Cf. ROCHA, João L. de Moraes – *A Imprensa em Portugal*, «Coleção Essencial», Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1998, pp. 20-21.

da publicação destas *Relações*.²⁶ Note-se que estas *relações* esboçam já um forte teor nacionalista anunciando o movimento da Restauração.

Norteados por princípios economicistas, o autor da *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente* aponta a prosperidade cerealífera que Portugal, supostamente, atravessaria ao longo de 1625 e 1626, ou seja, quando esta publicação saiu do prelo. Sabe-se, ao invés, que Portugal sofreu grandes danos na agricultura por estes anos²⁷ e que o governo de Filipe III tentou minorar os problemas, renovando antigas leis medievais que obrigavam a que os corregedores das comarcas²⁸ do reino aproovessem ao aproveitamento das terras aráveis, de modo a que estas não permanecessem incultas:

²⁶ “A propensão noticiaria e articulista faz ainda de Severim de Faria um dos precursores da imprensa noticiosa em Portugal, com a publicação da sua *Relação universal do que succedeo em Portugal e nas mais prouincias do Occidente e Oriente*, dois números, que referem acontecimentos de 1625 a 1627. De 1641 até 1647 a iniciativa de Severim, entretanto imitada por dezenas de outras relações esparsas de assuntos mais ou menos amplos, veio a ser continuada com a edição mensal da *Gazeta em que se relatam as novas todas que houve neste Reino e que vieram de vários países*, de que o poeta Manuel de Galhegos foi, de início, concessionário.” Cf. LOPES, Óscar e SARAIVA, António José – «Prosa Doutrinal, Panfletária e Historial», in *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª edição corrigida e actualizada, Porto Editora, 1996, cap. VII, p. 542. Veja-se, para uma maior elucidação acerca destas publicações, SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Viagens em Portugal de Manuel Severim de Faria (1604/9/25)*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1974.

²⁷ HERMANN, Christian e MARCADÉ, Jacques – «O domínio dos Habsburgo em Portugal», in *A Península Ibérica no século XVII*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 2002, pp. 183-197.

²⁸ “[...] Trabalhe por todos os lugares de sa Correição, que as herdades sejam lavradas, e as vinhas adubadas, como achar, que he prol da terra, fazendo teer boys aaquelles, que os deverem, e podérem teer, e que morem com amos aaquelles, que som pera servir, e que nom teem tanto de seu, que devam seer dello escusados. E para os servidores averem razom de servir, e os bees de cada huu lugar seres aproveitados, e os moradores desses lugares nom andarem com elles em demandas dapnando o que haõ, mande aos Juizes que dem igualmente os mancebos, como per Nós he mandado.” Esta legislação seria posteriormente compilada e aumentada no *corpus* das *Ordenações Afonsinas*. Cf. «Dos Corregedores das Comarcas», in *Ordenações Afonsinas*, com nota de apresentação e Mário Júlio de Almeida Costa e nota textológica de Eduardo Borges Nunes, Livro I, 2.ª edição *fac-símile* de acordo com a edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra em 1792, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, § 16, p. 125.

“A felicidade destes dous annos mostrou claramente, que sem vir pão de fora, se podia sustentar o Reyno, & por q o cuidado da agricultura he grande parte da abundancia, mandou sua Magestade renouar a ley d’ElRey D. Fernando, ordenando aos Corregedores, q por conta das Camaras, fizesse laurar todas as herdades, q estiuesses sem laurador, para que a auareza dos donos não fosse causa da esterilidade da terra.”²⁹

A propensão noticiaria e economicista de Manuel Severim de Faria consagra-o na galeria dos precursores da imprensa periódica em Portugal com a publicação das suas *Relações*, ainda que seja assunto não totalmente pacífico. No entanto, talvez a sua obra mais conhecida seja o tratado *Notícias de Portugal* [1655],³⁰ durante muito tempo erroneamente considerado como um dos primeiros periódicos portugueses, que mais não é do que um tratado sobre estudos de numismática portuguesa, genealogia nobiliária, a história das universidades peninsulares, a organização militar portuguesa e um memorial dos cardeais portugueses.³¹

Muitas mais *relações* existiam e que poderiam incluir-se no rol histórico da imprensa periódica portuguesa. Sem carácter de regularidade, cada uma

²⁹ *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente, desde mes de Março de 625. até todo Setembro de 626. Contem muitas particularidades, & coriosidades*, ordenada por Francisco d’Abreu natural da cidade de Lisboa, Fructuoso Lourenço de Basto, Braga, 1627, f.º 2 – v.º.

³⁰ Cft. FÁRIA, Manuel Severim de – *Noticias de Portugal, ofrecidas a elrei nosso senhor D. João o IV. Declaram-se as grandes commodidades que tem para crescer em gente, industria, commercio, riquezas e forças militares por mar e terra. As origens de todos os appellidos e armas das familias nobres do reino. As moedas que correram n’esta provincia do tempo dos romanos até o presente. E se referem varios elogios de principes e varões illustres portuguezes...*, Officina Craesbeeckiana, Lisboa, 1655. Veja-se a nova edição: *Notícias de Portugal...*, introdução, actualização e notas de Francisco A. Lourenço Vaz, Edições Colibri/Escola Secundária Manuel Severim de Faria, Lisboa/Évora, 2003.

³¹ Neste sentido, podem considerar-se, do mesmo autor, os *Discursos Vários Políticos* [1624], que historiam as vestes eclesiásticas no nosso país e encerram biografias de João de Barros, de Luís Vaz de Camões e Diogo do Couto, escritos não directamente ligados com a problemática da História da imprensa periódica portuguesa. Vd. FÁRIA, Manuel Severim de – *Discursos Vários Políticos*, introdução, actualização e notas de Maria Leonor Albergaria Vieira, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2001.

delas limitava-se a descrever, sem comentários nem interpretações, um único acontecimento, mas nem sempre com muita verosimilhança. É quase impossível quantas *relações* terão sido publicadas, mas o certo é que tiveram uma enorme profusão desde meados do século XVI e proliferaram até meados do século XVIII, sendo bastante comuns por altura do aparecimento do primeiro «jornal» português, em 1641.

4. O primeiro jornal português – as *Gazetas da Restauração* [1641-1648]

Comummente se refere que a imprensa portuguesa, intimamente interrelacionada com a *praxis* periodicista ou jornalística, nasceu das convulsões sociais, políticas e militares relacionadas com os movimentos propulsionados pela Restauração de 1640, revelando, desde cedo, o seu imenso poder de intervenção social e política.³²

Durante largo tempo veiculou-se a noção de que a imprensa periódica começara em Portugal com as *relações* de Manuel Severim de Faria [1626-1627], como já aqui o afirmamos. Porém, as duas únicas *relações* que vieram a público não podem significar o início do periodismo em Portugal por lhes faltar duas condições essenciais do periodismo: a periodicidade e a continuidade, ainda que possuíssem algum encadeamento.³³

³² Assinale-se um apontamento de todos os factores proporcionadores à promoção da imprensa periódica portuguesa logo após o movimento da Restauração: “De uma maneira geral, pode dizer-se que o jornalismo nasceu, em qualquer país, e também em Portugal, em virtude da confluência de três factores diversos: o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e das relações postais e o interesse do público pela *notícia*. [...] O ambiente era de grande tensão e vigilância. Reinantes e governantes, assistindo à proliferação do panfletarismo, não queriam deixar de utilizar a seu favor uma arma que se afigurava já de poder considerável. Por outro lado, não convinha dar público conhecimento de informações secretas sobre a nossa situação militar.” TENGARRINHA, José – «Imprensa», in *Dicionário de História de Portugal*, direcção de Joel Serrão, vol. II, Livraria Figueirinhas, Porto, 2002, pp. 470-497.

³³ Patente noutras referências: DELGADO, M.^a Rosalina – *Estudo crítico à obra de Luís Montês Matoso. Ano Noticioso e Histórico (1742)*, dissertação de mestrado em História Moderna, vol. I,

Nas *Gazetas da Restauração* procedeu-se a uma profunda adaptação das diferentes informações disponíveis em formato epistolar («cartas») e numa posterior transformação em discurso noticioso, dito “jornalístico” – aqui se preconizava já o intuito de um forte respeito pelos cânones formais de ‘fazer as notícias’. Existiu uma preocupação com a veracidade noticiosa, embora, por vezes, seja algo compreendida como uma deturpação da verdade das *notícias*, como sucedeu amiudadamente:

“O que na Gazeta do mes passado se diße de França, que cõ as presentes guerras se paßavão muytas necessidades, he falso & parece foy informação de peßoa mal intencionada, & pouco affecta as cousas deste, & daquelle Reyno.”³⁴

As *Gazetas da Restauração* desempenharam um papel de extrema importância no seu tempo, na defesa indelével da liberdade do povo português perante o jugo espanhol. Estas características particulares, aliadas a um objectivo eminentemente informativo, só nelas se reúnem pela primeira vez; o seu primeiro número tem o título, longo como todos os que presenciavam os opúsculos desses tempos, de *Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*, podendo ser conhecidas por *Gazetas da Restauração*, ou, simplesmente, por *Gazetas*.³⁵

FLUL, Lisboa, 1990, p. 75; *História da Imprensa Periódica Portuguesa. Subsídios para uma Bibliografia*, coordenação de José Motta de Sousa e Lúcia Maria Mariano Veloso, Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra, 1987, p. 28; TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 35.

³⁴ *Gazeta do mes de Julho de 1643*, n.º 19, f.º 6 – v.º.

³⁵ “Ao folhear as páginas das *Gazetas* ficamos surpreendidos com algumas das características e técnicas utilizadas pelo jornalismo de hoje e que já estão patentes na sua linguagem e estilo: para além do conceito de veracidade e actualidade dos factos descritos, introduzindo-se notícias de última hora, é notória a utilização do jornal como um meio de anunciar publicamente os diversos aspectos da vida social, como festas, espectáculos, livros, casamentos, óbitos, prisões e crimes. A linguagem é simples, directa e concisa. As notícias, apresentadas com a sua sequência cronológica e a sua importância política são encadeadas e transferidas de um número para

O aspecto inovador e de maior impacto apresentado pelas *Gazetas da Restauração* foi de tornar periódica uma informação que até aí se apresentava de forma desconexa, confusa e irregular face aos acontecimentos ou da vontade política, religiosa, económica e social, imposta ou não aos redactores e aos impressores e sujeita às contingências da censura instituída. Ainda assim, perante dificuldades de toda a ordem, impôs-se a necessidade de se fundar um novo órgão de informação que alimentasse a alma patriótica

o outro onde se complementam, acicatando a curiosidade do público.” VELOSO, Lúcia Mariano – «A *Gazeta da Restauração* e o nascimento da imprensa periódica portuguesa», p. 116. Neste sentido, consulte-se outras características inovadoras deste periódico e fundamentadas em outra bibliografia: «O Jornalismo. As “Relações” de Manuel Severim de Faria e as “Gazetas” da Restauração – Os “Mercurios” – Quem foi o primeiro periodista português?», in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, direcção de Albino Forjaz de Sampaio, vol. III, Livraria Bertrand, Lisboa, 1935, pp. 220-234.

Para uma descrição bibliófila de cada número das *Gazetas da Restauração*, é imprescindível a prospecção actualizada de *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*.

Letras D-L, de João Frederico de Gusmão Arouca, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2003, pp. 185-194 [com ampla bibliografia de suporte]. Ver outras descrições bibliográficas do conjunto histórico das *Gazetas da Restauração*: NORONHA, Tito de – *Ensaio sobre a História da Imprensa*, Tipografia Franco-Portuguesa de Lallemand e C.^a, Lisboa, 1857; SILVA PEREIRA, A. X. – «*Gazeta...*», in *Diccionario Jornalístico Portuguez*, vol. I, pp. 35-38 – v.º; SILVA PEREIRA, A. X. – *O Jornalismo Portuguez, Resenha Chronologica...*, p. 1; SILVA PEREIRA, A. X. – *Os Jornaes Portuguezes, sua filiação e metamorphoses...*, Imprensa de Libanio da Silva, Lisboa, 1897; *Catalogo Methodico da Livraria dos Marquezes de Sabugosa, condes de S. Lourenço*, coordenação de Luiz Carlos Rebello Trindade, Imprensa Lucas, Lisboa, 1904, p. 191; *Catalogo da preciosa e riquissima livraria que foi do distincto bibliophilo Dr. Luiz Monteverde da Cunha Lobo*, redigido por José dos Santos & Irmão e prefácio de Teófilo Braga, vol. I, Typographia da Empresa Litteraria e Typographica, Porto, 1912, p. 280; *Catálogo da importante e preciosissima livraria que pertenceu aos notáveis e bibliófilos condes de Azevedo e de Samodães...*, redigido por José dos Santos e com introdução de Anselmo Braamcamp Freire, Primeira Parte, Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1921, p. 382; FONSECA, Martinho da – «Elementos bibliográficos para a História das Guerras chamadas da Restauração: 1640–1668», p. 5; *Catálogo da riquissima Biblioteca Victor M. d'Ávila Perez, organizado por Arnaldo Henriques de Oliveira*, vol. III, [s. n.], Porto, 1939, pp. 3200-3212; *Exposição Bibliográfica da Restauração: Catálogo*, organização de Ataíde e Melo, [et. al.], vol. I, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1940, pp. 155-162; BRAGA, Isabel Drumond – «As realidades culturais», in *Nova História de Portugal. Da Paz da Restauração ao ouro do Brasil*, direcção de Joel Serrão e de A. H. de Oliveira Marques, coordenação de Avelino de Freitas de Meneses, vol. VII, Editorial Presença, Lisboa, 2001, cap. XV, p. 508.

portuguesa e que servisse os objectivos propagandísticos dos agentes régios brigantinos.

As *Gazetas da Restauração* constituíram a resposta mais eficaz, marcante e o mais incisivo meio de informação³⁶ dos acontecimentos que se seguiram imediatamente à própria Restauração, relatando as denominadas Guerras da Restauração, o longo conflito que opôs os reinos de Portugal e Espanha entre 1640 e 1668, logo após o fim do domínio filipino; apenas se concluiria no reinado de D. Afonso VI, embora o poder já estivesse nas mãos de D. Pedro II.³⁷

Foram lutas encarniçadas em quatro continentes, especialmente difíceis nas campanhas brasileiras contra as pretensões holandesas nesse território, arrastando-se as operações militares de forma irregular ao longo de quase três décadas, tendo obrigado Portugal a um enorme esforço militar e financeiro para as sustentar. Qual esforço épico, as campanhas militares foram acompanhadas de acções diplomáticas com vista ao reconhecimento internacional da nova dinastia, nomeadamente junto das Cortes francesa, inglesa e pontificia, entre outros países, como a Holanda e a Suécia.³⁸

³⁶ A propósito do apoio régio brigantino à publicação das *Gazetas da Restauração*: “Foi para apoiar a causa portuguesa e para esclarecer o povo sobre os progressos das hostes portuguesas que apareceu a imprensa em Portugal, assumindo-se na altura como privilegiado veículo de propaganda política, num tempo em que por toda a Europa aparecia o impresso periódico, pelo que convinha à coroa portuguesa utilizar todos os meios que estivessem ao seu alcance.” CRUZ, João Cardoso da – «Antecedentes e primórdios da imprensa periódica portuguesa», in *Introdução ao estudo da Comunicação: imprensa, cinema, rádio, televisão, redes multimédia*, ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2002, pp. 136-137.

³⁷ “Este tema [a Restauração] tem sido objecto de longas e variadas reflexões na historiografia portuguesa, um pouco ao sabor das ideologias e interesses políticos das diversas épocas históricas. A memória que o senso comum ainda hoje dele guarda é a de um momento épico da memória nacional.” CUNHA, Mafalda Soares da – «O significado da <Restauração>», in *Memória de Portugal. O Milénio Português*, sob a direcção de Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos, 1.ª edição, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001, p. 354.

³⁸ Denote-se algumas das condicionantes políticas a que D. João IV teve de obedecer para fazer prevalecer a Restauração no plano diplomático e militar do complexo *xadrez* das potências europeias: “Embaixadores plenipotenciários foram enviados a França, Inglaterra, Holanda e Suécia, não só para obterem o reconhecimento da nova dinastia como também para negocia-

Será, portanto, na difícil conjuntura política e social que marcou vincadamente a Restauração portuguesa que irão nascer e ser impulsionadas as primeiras publicações periódicas em Portugal que, ainda na presente actualidade, se revelam parte de um amplo movimento social e cultural ainda algo difícil de avaliar com linearidade. Não por falta de estudos histórico-bibliográficos que se proponham a explicitar e apontar toda essa conjuntura histórica e intelectual; mas porque, em linhas gerais, foram muitos os factores de vária ordem que proporcionaram esse fomento fugaz ao periodismo português e, que evidentemente, não se podem reunir e compreender neste estudo crítico, pois que não é esse o seu propósito.³⁹

Por outro lado, a sua irregularidade, a notória falta de veracidade e de qualidade, assim como a incerteza da publicação das *relações* ou panfletos,

rem alianças militares contra Filipe IV. A Inglaterra e a Suécia, a quem então pouco interessavam os negócios de Portugal, limitaram-se a reconhecer protocolarmente o novo rei, o que em nada influía na sorte das armas. De sorte que apenas a França, por interesse próprio da sua política anti-espanhola, correspondeu cabalmente aos interesses e desejos de Portugal.” Vd. SELVAGEM, Carlos – *Portugal Militar...*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1999, p. 388.

³⁹ “O jornalismo, entre nós, nasceu ostensivamente noticioso – para dar *novas*, segundo inculcavam os postos das colecções da *Gazeta* e do *Mercúrio* seiscentistas – mas intencionalmente político, isto é, dando às informações – *felix culpa!* – orientação propositadamente favorável aos restauradores da pátria. A primeira *Gazeta* de 1641, pela propaganda, nem sempre, ao que se afigura, despida de exageros, das vitórias de D. João IV, ajudou a consolidar o feito glorioso deste monarca e dos seus partidários. Nos dois reinados subsequentes, porém, em que a conveniência de tais serviços e préstimos continuaria a fazer-se sentir, mas em que no público ainda se não radicara o hábito de ler periódicos, estes não progrediram em número, nem em prestígio. Apareceu apenas um de novo, em cada um dos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II, e, desses, somente digno de nota o *Mercúrio Portuguez* [1663-1667], de António de Sousa de Macedo.” CUNHA, Alfredo da – *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa [1641-1821]*, Academia das Ciências, Lisboa, 1941, pp. 15-16. Do mesmo autor, sobre o mesmo assunto: «La presse périodique en Portugal: bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse à Lisbonne», desdobrável publicado no *Diário de Notícias*, Lisboa, 1898; «<Olisipo> berço do periodismo português. O tri-centenário da <Gazeta> cognominada <da Restauração>», separata de *Olisipo*, n.ºs 7-8, CML, Lisboa, 1939; «Relances sobre os três séculos do jornalismo português: conferência proferida na Câmara Municipal de Lisboa, em 29 de Novembro de 1941», separata do *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, n.º 4, SNJ, Lisboa, 1941; «Periódicos e relações, periódicos e noticiários», separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, n.º 13, ACL, Lisboa, 1942.

tanto manuscritos como impressos, que circulavam entre nós, faziam com que estes escritos já não bastassem às necessidades imperativas do público, o qual manifestava um crescente interesse em acompanhar com familiaridade os acontecimentos políticos e militares que o reino estava a enfrentar.⁴⁰

As *Gazetas da Restauração* venderam-se pela primeira vez em meados do mês de Dezembro de 1641; mas passados poucos meses desde o início da sua publicação, as *Gazetas* seriam suspensas, por força da lei de 19 de Agosto de 1642, devido “em razão da pouca verdade de muitas notícias e do mau estilo de todas elas”; embora esta razão seja, como se sabe, amplamente discutível.⁴¹

Estando-se em pleno movimento da Restauração, a primeira gazeta portuguesa viu-se, no entanto, ainda submetida às regras da censura prévia estabelecidas na regência de Filipe II de Portugal. Apesar de esta lei datar de 1603 e ser dedicada à regulamentação da publicação de obras avulsas em Portugal (ou seja, ainda promulgada ao tempo da dominação filipina), ela legislação seria especificamente reaproveitada para legislar a crescente proliferação de *folhas volantes* e outras *relações* que o regime de D. João IV irá regulamentar por largo tempo, pese o facto da publicação da Lei de 29

⁴⁰ A par do impulso régio dado às *Gazetas*, não obstante, outras formas impressas ganharam uma forte importância, dado que há muito vinham a crescer progressivamente e a alimentar o movimento revolucionário português: era o *panfletarismo*, que em breve iria alimentar todas as revoluções ocorridas pela Europa: “Não apenas as relações, que não diminuíram com o aparecimento da *Gazeta*, mas toda uma profusa literatura de carácter panfletário, que incluía coplas, resumos, *rimances* ou romances, cartas, etc., a qual, ao mesmo tempo que manifestava animosidade para com os espanhóis, não escondia a sua desconfiança em relação à alta aristocracia. Esses meios visavam superar as limitações da comunicação pelo livro, para alcançar, de forma rápida e fácil, um mais largo público interessado nos importantes acontecimentos que o País atravessava.” TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 38; «Imprensa Periódica», in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, vol. I, Publicações Alfa, Lisboa, 1983, pp. 327-328.

⁴¹ Cft. *Notícias Históricas de Lisboa na Época da Restauração (Extractos da Gazeta e do Mercúrio Português)*, selecção, prefácio e notas de J. E. Moreirinhas Pinheiro, CML, Lisboa, 1971; CASTELO-BRANCO, Fernando – *Lisboa Seiscentista*, 2.ª edição revista e aumentada, CML, Lisboa, 1957.

de Janeiro de 1643, especificando que “não se imprimiam livros sem licença D’el-rei.”⁴²

A sua periodicidade, anunciada no primeiro número, prometeu aos leitores uma publicação mensal. Criaram-se, deste modo, com estas *Gazetas*, esperadas agora em datas previamente fixas, os primeiros hábitos característicos dos leitores da imprensa periódica, tal como os conhecemos ainda hoje.

Estas *Gazetas* tinham ainda uma circulação muito restrita a certos círculos sociais, pois o analfabetismo grassava em Portugal e atingia mais de 90% da população; o seu elevado preço [de 6, 8 e 10 réis, o que para a época seria considerável, variando o custo segundo o número de fólhos], também não apelava a uma compra a larga escala pela população. Poderemos localizar os seus primeiros leitores situados entre os comerciantes, homens de negócios e outros elementos instruídos da burguesia lisboeta e alguma aristocracia esclarecida, todos fortemente interessados nas *novas* acerca da guerra com Castela.⁴³

⁴² Esta disposição régia dedicada à regulamentação da incipiente imprensa periódica portuguesa tinha em conta a aplicação da «Lei da Confirmação», publicada logo a 9 de Janeiro de 1643, e, mais tarde, a 14 de Agosto de 1663, contava com um diploma discorrendo «Sobre licenças para obras que envolvessem coisas do Estado ou reputação pública». Cft. ALVES, Luís – «Inventário da Legislação sobre Imprensa [1576-1841]», in *Subsídios para a História da Imprensa em Portugal*, Centro de Estudos Humanísticos, Porto, 1983, p. 5. Consulte-se ainda o seguinte artigo: «Que se não imprimão Livros sem licença del Rey», in *Ordenações Filipinas* [1603], Livro V, título CII, com nota de apresentação e Mário Júlio de Almeida Costa, 2.^a edição *fac-símile* de acordo com a edição feita por Cândido Mendes de Almeida (Rio de Janeiro, 1870), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1985, p. 1249. Cf. SILVA PEREIRA, A. X. – «As Leis de Imprensa», extracto do *Instituto*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1901, pp. 9-10.

⁴³ Tendo analisado profundamente as conjecturas em torno do nascimento da imprensa periódica portuguesa, Alexandre Herculano aproveita um artigo histórico acerca das *Gazetas* para se insurgir também pela maior isenção e credibilidade dos periódicos portugueses ao seu tempo: “O objectivo principal destas gazetas antigas era dar noticias da guerra com Castella; continham, além disso, as novidades occorridas nos paizes estrangeiros, as novas publicações litterarias de vulto, os obitos das pessoas notaveis, e variedades curiosas, tudo narrado com tal concisão e simplicidade, que seria de imitar pelos periodistas modernos. Quanto aos successos militares, vemos que já não é novo o costume dos periódicos, o exaggerar as perdas alheas e encobrir as proprias; data esta usança em Portugal do anno do Senhor de 1640 ou 1641.” Cf. HERCULANO, Alexandre – «Origem das gazetas em Portugal», in *O Panorama*, vol. II, 1.^a série,

Portanto, as célebres *Gazetas da Restauração* foram publicadas e reunidas num conjunto de títulos saídos irregularmente à estampa entre o mês de Novembro de 1641 até ao completo estiolar desencadeado no final do mês de Setembro de 1647 ou em meados de 1648, como defendemos. As referidas *Gazetas* foram simultaneamente publicadas na cidade de Lisboa, primeiramente na Officina de Lourenço de Anvers⁴⁴ e depois na de Officina de Domingos Lopes Rosa,⁴⁵ alternando com a Officina de António Álvares,⁴⁶ de acordo com o privilégio real concedido a Manuel de Galhegos,⁴⁷ por alvará de 14 de Novembro de 1641, e um dos autores desta publicação.

Frequentemente é frei Francisco Brandão⁴⁸ apontado como um dos prováveis autores das *Gazetas da Restauração*, pelo menos a partir da edição de

ft. 48, *Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, Lisboa, 31 Março 1838, pp. 101-102.

⁴⁴ “Tipógrafo flamengo que imprimiu em Lisboa de 1641 a 1647. Exerceu vários cargos públicos depois de ter renunciado à profissão de impressor. Imprimiu a *Gazeta em que se relatam as Novas todas que nestas corte...* de Novembro de 1641, considerado o primeiro periódico português. Esta publicação saiu quase todos os meses, de 1641 a 1647. Lourenço de Anvers obteve privilégio para imprimir o *Baptisterio*, a *Semana de Villa Lobos*, e o *Flos Sanctorum*, de frei Diogo do Rosário.” CANAVEIRA, Rui – «Lourenço de Anvers», in *Dicionário de Tipógrafos e Litógrafos Famosos*, [s. n.], Lisboa, 2002, p. 9. Vd. MORAIS, Casimiro Augusto de – «Lourenço de Anvers, primeiro impressor da <Gazeta> cognominada da <Restauração>», separata da *Indústria Portuguesa*, n.º 158, Associação Industrial Portuguesa, Lisboa, Abril 1941.

⁴⁵ “Impressor de Lisboa, no século XVII. Em 19-1-1639 teve alvará por 10 anos para a impressão e venda de um *Manual de Orações*. Teve mercê pelo mesmo período por alvarás de 14-1-1641, para a impressão e venda do *Flor Sanctorum*, de Frei Diogo do Rosário.” Cft. «Domingos Lopes Rosa», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVI, 218; *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*, por Venâncio Deslandes, vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa, p. 66.

⁴⁶ “Filho de António Álvares, este impressor foi chamado pelo rei D. João IV para o seu serviço em substituição de Lourenço Craesbeeck que se mudara de Lisboa para Coimbra. Em 1623 publicou a *Chronica do Condestavel* dedicada ao Duque de Bragança, futuro rei D. João IV.” CANAVEIRA, Rui – «Lourenço de Anvers», in *Dicionário de Tipógrafos e Litógrafos Famosos*, p. 6.

⁴⁷ MARTINS, Heitor – *Manuel de Galhegos*, Tipografia Cisal, Anadia, 1964.

⁴⁸ Como a autoridade de Inocêncio Francisco da Silva admite confirmar nas entradas «Fr. Francisco Brandão», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. II, 1859, pp. 360-361 e «Gazeta de Lisboa», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. III, 1859, pp. 137-141; vol. IX, 1870, pp. 418-420. Vejam-se outras doutas opiniões que afiançam ter sido também frei Francisco Brandão

Julho de 1645 em diante, além de serem apontados outros autores⁴⁹ como o já referido poeta Manuel de Galhegos e João Franco Barreto, assim como o próprio monarca português vigente, D. João IV, segundo opiniões deficientemente fundamentadas.

Embora fossem prontamente compreendidas como instrumentos políticos, a cujo controlo cedo se mostrou imperioso proceder [como, aliás, se procedeu para todos os títulos editoriais saídos dos prelos por esses tempos], estas publicações traziam, na sua essência primordial, a génese da evolução do poderio da opinião pública e de um sobejo interesse, crescente, pelas práticas jornalísticas.

5. Algumas considerações sobre o conteúdo das *Gazetas da Restauração*

Imediatamente após o enlace do 1.º de Dezembro, a Coroa portuguesa viu-se instada a procurar um apoio militar além-fronteiras para contrabalançar o enorme poderio bélico espanhol, se bem que este estivesse num estado de intensa actividade por todo o seu império ultramarino e, particularmente, nas suas possessões europeias, com especial destaque para as movimentações

um dos autores das *Gazetas da Restauração: Portugal. Dicionário histórico...*, por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, vol. II, João Romano Torres Editor, Lisboa, 1906, p. 479; «Introdução», por A. da Silva Rego, in *Quinta parte da Monarchia Lusitana, que contém a historia dos primeiros vinte e tres annos d'elrei D. Diniz*, de Frei Francisco Brandão, edição fac-similada, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1975, p. XIII; «Fr. Francisco Brandão», por António Banha de Andrade, in *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura Verbo*, vol. III, 1963, pp. 1793-1794 e «Gazeta», por Costa Júnior, in *ob. cit.*, vol. IX, pp. 272-273; «Fr. Francisco Brandão», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. V, p. 32; FIGUEIREDO, Fidelino – *Historia da Litteratura Classica. 2.ª Epocha: 1580-1756 e 3.ª Epocha: 1756-1825*, «Bibliotheca de Estudos Históricos Nacionaes – VIII», Portugália Editora, Lisboa, 1922, pp. 177-178; *Catálogo das Publicações em Série [1641-1833]*, organizado por Maria Helena Braga da Cruz e José Alberto Matos da Silva, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1985, p. 50.

⁴⁹ Por exemplo, ALVES, José Augusto dos Santos – *O Poder da Comunicação. A História dos Media dos primórdios da imprensa aos dias da Internet*, Casa das Letras, Lisboa, 2005, pp. 149-151.

militares na província sublevada da Catalunha. Quanto a estas e outras inúmeras operações militares de diferentes campos oponentes dão as *Gazetas da Restauração* profusas e inúmeras indicações, algumas das quais completamente inéditas.⁵⁰

No sentido de procurar o apoio do monarca francês Luís XIII, foram expedidas algumas missões diplomáticas portuguesas, das quais as *Gazetas da Restauração* dão especial destaque, nomeadamente ao compromisso algo moroso e ambíguo da parte daquela nação.⁵¹ Em conformidade, apontamos adiante um episódio extremamente curioso em que se apela à Providência para que, após estas primeiras negociações diplomáticas, reine a concórdia e o mútuo auxílio entre Portugal e a França.⁵²

⁵⁰ “A *Gazeta* aparecia atafalhada de notícias preciosas para a história do seu tempo, no que, de resto, são elementos magníficos os jornais desde que dêem só notícias, e quanto mais completas e esmiuçadas forem melhor servirão os investigadores. Os critérios e comentários, às vezes, são prejudiciais, mas o crítico tem o seu encargo e o noticiário absolutamente outro.” MARTINS, Rocha – *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, Editorial Inquérito, Lisboa, 1942, p. 19.

⁵¹ “[Os embaixadores portugueses] tiveram audiência da Rainha [Ana de Áustria], e, passados alguns dias, depois de várias conferências, ajustaram entre uma e outra Coroa paz perpétua, procurando ambos os Reis de não ajudar aos inimigos de qualquer deles com gente, dinheiro, munições ou navios; [...] e que o comércio entre os dois reinos se continuaria da mesma sorte que se observara no tempo dos antigos Reis de Portugal.” Vd. ERICEIRA, D. Luís de Meneses, 3.º conde da – *História de Portugal Restaurado*, vol. I, Livraria Civilização, Porto, 1945, pp. 176-177. A este respeito, veja-se, em particular: DOMINGUES, Mário – «Em que se obtém o valioso apoio da França», in *D. João IV e a campanha da Restauração*, Romano Torres, Lisboa, 1970, pp. 108-120; MARTÍNEZ, Pedro Soares – «Recuperação da individualidade portuguesa a nível internacional (1640-1668)», in *História Diplomática de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, 1986, cap. IV, pp. 132-170; BRANDÃO, Fernando de Castro – *História Diplomática de Portugal: uma Cronologia*, Livros Horizonte, Lisboa, 2002, pp. 97-105.

⁵² Vejam-se algumas fontes bibliográficas de grande interesse para o estudo das relações diplomáticas entre Portugal e França, aquando da Restauração: GOMEZ, Antonio – *Triumpho Lusitano: recibimento que mandó hazer Su Magestad el Christianissimo Rei de Francia Luis XIII. a los embaxadores extraordinarios, que S. M. el Serenissimo Rey D. Juan el 4. de Portugal le embiô el año de 1641*, [s. n.], Paris, [1642?]; *Treslado da carta original, que Sua Magestade el Rey Dom Joam IV. N. S. escreveo a el Rey Christianissimo Luis XIII de França que lhe enviou pelos embaxadores Francisco de Mello & Antonio Coelho de Carvalho*, Antonio Alvarez, Lisboa, 1641; BARRETO, João Franco – *Relaçam da viagem que a França fizeram Francisco de Mello... & o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, indo por embaixadores extraordinarios... [de] Dom Joam o IV... ao... Rey de França Luis XIII... este presente anno de 1641...*, Officina de Lourenço de Anvers, Lisboa, 1642.

Mas o anónimo autor, mais do que tudo, deseja a D. João IV que a guerra lhe seja tão feliz e honrosa como houvera sido para o ilustre antepassado da sua Casa, ou seja, para D. Nuno Álvares Pereira – esta é, sem sombra de dúvida, a primeira referência apontada para uma personagem histórica pertencente à Idade Média nacional. A memória pelos feitos de tão insigne figura da nossa História foi aqui adoptada como um argumento de justificação da legitimidade da Casa de Bragança.⁵³

Daqui se depreende, como é por demais conhecido, que a *intelligentsia* régia procurasse estabelecer o seu prestígio interno no País, cimentando-o na memória histórica daquele célebre Condestável e nas suas imorredoiras lides, assim como no reavivar de outras tradições históricas e religiosas, sendo todas conotadas com um renovado pendor nacionalista e restauracionista.⁵⁴

Este primeiro apontamento, de importância ténue e quase apagada importância, revela-se à nossa análise como um ínfimo pormenor de uma estratégia das pretensões legitimistas da dinastia brigantina, com base na fundamentação histórica dos feitos nobres da História de Portugal. Mas convém sublinhar que a sua importância foi fundamental para a compreensão das

⁵³ “A nossa Casa, próxima na genealogia, no sangue e nos destinos da Casa Real, mas tão esplendorosa e majestosa como ela quanto poderia ser, por vontade expressa de Nun’Álvares, inspirador entusiasta e generoso a sua grandeza, sempre se manteria distinta da Coroa, de modo «que nunca pudesse com ela confundir-se, nem com ela consolidar-se», quer dizer, diferente, mas não tanto e solidária sempre, cavalcando à ilharga do Estado do rei, coexistindo ambos os estados sem mutuamente se beliscarem, sobrevivendo às crises de vicissitudes e à euforia das glórias nacionais.” PESTANA, Manuel Inácio – «A Casa de Bragança: das origens à actualidade», in *História de Portugal*, dirigida por João Medina, vol. VII, Clube Internacional do Livro, Amadora, 1996, pp. 107-132.

⁵⁴ Foi notório o interesse político joanino sobre as tradições medievais portuguesas: “Uma das primeiras medidas d’O *Restaurador* consistiu em restabelecer a procissão anual pela vitória de Aljubarrota. Em Lisboa e noutras terras, fora costume, desde o tempo de D. João I, celebrar na véspera de Santa Maria de Agosto o grande feito que garantira a independência. Durante o governo dos Filipes, como se compreende, interrompera-se a tradição. Mas em 1640, com as horas difíceis que se aproximavam, havia razões para acordar no sentimento pátrio a lembrança do velho Portugal que, em 1385, soubera impor-se ao invasor castelhano. Tal pensamento imperou no ânimo de D. João IV para avivar a chama da Restauração.” Cf. SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, vol. V, p. 158.

mentalidades da época e da importância dada ao cultivo da História pátria e o seu emprego na luta pela sobrevivência da Restauração.⁵⁵

Esta desconhecida referência na *Gazetas da Restauração* é já um reflexo notório dessas opções editoriais, expressas de acordo com a ideologia e vigilância vigente, bem patentes noutras notícias focadas e decorre, como já referimos do sucesso das embaixadas portuguesas em França, por ocasião dos festejos decorrentes do primeiro aniversário da Restauração em plena Lisboa:

“No Chiado auia hum paço de figuras de cera, fabricado por outro homem particular, o qual representaua a paz, q o Christianissimo Rey de Frãça fez cõ o Serenissimo Rey D. IOAM o IV. nosso Senhor, cujas armas o Ceo prospere, & em cujo fauor se arme o braço diuino, para q alcance tantas vitorias, q iguale as do grande defensor da patria o Santo Conde D. Nuno Aluares Pereira.”⁵⁶

Ainda no mesmo exemplar da *Gazetas da Restauração* apontado, encontra-se uma outra referência, parca e circunstancial, ao cerimonial das recepções na ordem da Jarreteira ou da Garroteia, ordem militar inglesa fundada nos finais da Idade Média e ainda hoje vigente, mas que desde as suas origens contava no seu seio com as personagens mais ilustres da Europa, inclusivamente membros portugueses, como até os nossos cronistas⁵⁷ apontavam.

⁵⁵ Paralelamente à propaganda veiculada oficialmente pelas *Gazetas*, essa é a época áurea de ilustres pregadores portugueses, dos quais se destaca a figura do padre António Vieira, que do alto dos seus púlpitos defenderam a legitimidade da nova dinastia e o apoio da Providência à causa portuguesa: “Motivados pelo reconhecimento devido a Nossa Senhora, os pregadores da Restauração rememoram o passado, a fim de encontrarem exemplos paralelos para uma actuação adequada às necessidades presentes. Como seria lógico, procurava-se, em confrontos havidos entre os portugueses e os castelhanos, sinais da predilecção mariana em favor dos primeiros. E, muito naturalmente, Aljubarrota era tema preferido como referente ideal. Na verdade, a circunstância de naquele embate se ter assegurado a conservação da independência nacional, ameaçada na crise de 1383-1385, tornava pertinente, no período pós-aclamatório de 1640, a evocação desse acontecimento.” MARQUES, João Francisco – «O móbil religioso gratulatório e depreciatório», in *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, vol. I, INIC, Porto, 1989, p. 126.

⁵⁶ *Gazeta do mes de Dezembro de 1641*, n.º 2, f.º 2.

⁵⁷ “[...] da Ordem da Garrotea, de que Pryncepes Christaõs, e pessoas de grande merecimento sam Confrades.” Cf. PINA, Rui de – *Crónica de D. Afonso V*, introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Lello & Irmão, Porto, 1977, cap. XXXI, p. 621.

Este apontamento surge por ocasião do feliz sucesso do envio da embaixada portuguesa a Londres e comandada por D. Antão de Almada.⁵⁸ Apesar de o monarca inglês Carlos I manter, nessa altura, as melhores [e as possíveis] relações diplomáticas com Filipe IV de Espanha, e embora os representantes diplomáticos espanhóis na Corte inglesa tivessem tentado falecer as propostas diplomáticas portuguesas, o certo é que se conseguiu chegar a um consenso internacional com a Inglaterra, embora revogável e alterado em breve prazo.⁵⁹ A indicação expressa à ordem da Jarreteira⁶⁰ encerra, em si mesma, motivações de evidente ordem política. Face ao êxito das conversações, o facto de os nossos representantes diplomáticos serem recebidos com tal aparato protocolar pelos representantes de tão distinta ordem militar demonstrava o reconhecimento inglês pelos primeiros êxitos da Restauração portuguesa. Daí que forçoso era noticiar tal evento, onde se transmitia a convicção de que o movimento restaurador era aceite ao mais alto nível nobiliárquico europeu:

“Logo alcançada a licença, cõ aluoroço, & festa uniuersal entrarão na Corte de Londres, acôpanhados de quarenta, & tantos coches, em que vinhão todos os Caualleiros da Garrotea, & todos os Senhores titulares.”⁶¹

⁵⁸ MELO, Ana Homem de e SAMPAIO, Jorge Pereira de – *D. Antão de Almada na Restauração*, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, 1995.

⁵⁹ HESPANHA, António Manuel – «A diplomacia da Restauração», in *Memória de Portugal. O Milénio Português*, pp. 356-357.

⁶⁰ “Por todos estes nomes costumamos designar uma das mais antigas e illustres ordens militares de cavallaria, instituida em Inglaterra, pelo rei Eduardo 3.º. É controversa a data precisa da sua instituição: uns a põem no anno 1344; querem outros que fosse em 1350: mas todos concordam em que fôra estabelecida em Windsor, depois d’umas justas e torneios. A causa que lhe deu nascimento também não é bem conhecida. Não passa inteiramente como fabula a historia vulgar de que em um baile caíra uma liga á condessa de Salisburly, e que o rei a levantara, dizendo para os cortesãos, que por este motivo sorriam: *Honi soit qui mal y pense*: amaldiçoado seja quem disto pensar mal. Estas palavras são o motto da ordem. [...]” Cf. HERCULANO, Alexandre – «A Ordem da Liga, Garrotea, ou Jarreteira», in *O Panorama*, vol. II, 1.ª série, ft. 76, 13 Outubro 1838, pp. 324-325. Note-se que o autor se refere explicitamente no texto às alocações históricas retiradas da obra de A. Ashmole, *History of the order of the Garter*, publicada em Londres em 1672.

⁶¹ *Gazeta do mes de Dezembro de 1641*, n.º 2, f.º 10 – v.º.

Dado D. João IV ter junto de si um apoiante tão intransigente como frei Francisco Brandão,⁶² cronista-mor do reino e um dos prováveis autores das presentes *Gazetas da Restauração*, assim como da referência noticiosa que adiante transcrevemos, fez com que este monarca mantivesse e aumentasse os privilégios da ordem de Cister, aliás, como já a dinastia filipina⁶³ o houvera feito. Deste modo se justifica que D. João IV tenha confirmado as mercês à casa-mãe de Alcobaça,⁶⁴ cujas origens eram distantes ao tempo de D. Afonso Henriques.⁶⁵ Manobra propagandística, essas confirmações régias eram também parte de um processo de legitimação régia a que já aludimos, até porque retomava e mantinha a praticabilidade de uma tradição que remontava à

⁶² Já havéramos defendido esta autoria em trabalho publicado por nós e onde revisitamos toda uma biografia de tão ilustre cronista. Cf. DIAS, Eurico Gomes – «Frei Francisco Brandão [1601-1680]: da poligrafia da História ao contributo para o arranque do periodismo em Portugal no século XVII», in *Revista Militar*, vol. LV, n.º 12, [s. n.], Lisboa, Dezembro de 2003, pp. 1229-1246; MATTOS, Ricardo Pinto de – «Gazetas», in *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Curiosos*, prefácio de Camillo Castello Branco, Livraria Portuense, Porto, 1878, p. 294; BESSA, João – «O Jornalismo em Portugal e Hespanha», in *O Jornalismo: esboço historico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904, pp. 146-147.

⁶³ “E para satisfazer a Ordem de Cister, que os Filipes tinham largamente compensado, D. João IV confirmou ao Mosteiro de Alcobaça todas as doações e privilégios que a corporação recebera desde o tempo de D. Afonso Henriques.” SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, vol. V, p. 158.

⁶⁴ Esta carta patente foi promulgada pela Coroa a 4 de Fevereiro de 1642. É de sublinhar a espantosa actualidade da notícia publicada na *Gazeta*, dado que a data de publicação de número deste periódico é de 12 de Fevereiro de 1642, ou seja, de uma semana após a publicação daquela disposição régia. Este documento foi apontado e comentado em *Collecção chronológica da legislação portugueza: 1603-1656*, compilada e anotada por José Justino de Andrade e Silva, Imprensa de J. J. A. Silva, Lisboa, 1854-1856, pp. 432-434.

⁶⁵ “D. Afonso Henriques manda um mensageiro a Claraval pedindo o envio de monges que tomem posse das novas terras. Chegados a Portugal cinco religiosos, trazem consigo cordéis com as medidas das diversas oficinas (que deveriam reproduzir a traça de Claraval) e instruções quanto ao governo do futuro mosteiro. Em lugar onde até então não havia qualquer sinal de povoação nem memória de moradores, mas apenas matas bravíssimas e quase impenetráveis, irá iniciar-se a construção da abadia de Alcobaça.” Vd. MATOS, Leonor Correia de – *A Ordem de Cister e o Reino de Portugal*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1999, p. 31. Como complemento bibliográfico, ver: DUBY, Georges – *São Bernardo e a Arte Cisterciense*, Edições ASA, Lisboa, 1997.

Idade Média e ao início preciso da portugalidade⁶⁶ e que importava agora destacar e noticiar, visto o peso histórico dessas concessões:

“Fez elRey nosso Senhor mercè aos frades Bernardos da comenda de Alcobaça, assim como Iha deu elRey Dom Affonso Enriques.”⁶⁷

Salientamos ainda uma notícia de um desses inúmeros prodígios que, à altura, se dizia acontecerem, tendo muitos deles permanecido largo tempo na memória histórica colectiva como acontecimentos dignos de menção e veracidade. Um acontecimento em particular despertou a nossa curiosidade analítica, pois relata-nos o prodígio de uma criança muda que, ainda no seu berço, teria proclamado a realeza de D. João IV. Ora, este acontecimento mais não é do que o reatar de uma antiga tradição medieval que remonta aos tempos da subida ao poder de D. João I,⁶⁸ quando teriam acontecido fenómenos seme-

⁶⁶ Neste sentido, dever-se-á consultar a carta de doação e couto de Alcobaça, datada de 8 de Abril de 1153, feita a favor do mosteiro de Claraval, que perderia o direito à terra doada se a deixasse despovoar. Cf. *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*, introdução diplomáticas e notas por Rui de Azevedo, vol. I, tomo I, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1958, doc. 243, pp. 297-298. Como referências históricas para a notícia publicada nas *Gazetas da Restauração*, que julgamos ter sido redigida por frei Francisco Brandão, visto ser também o abade geral da Ordem de Cister em Portugal à altura, veja-se: BRITO, frei Bernardo de – *Chronica de Cister...*, Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa Occidental, 1720, Livro III, cap. XX, f.º 167; BRANDÃO, Frei Antônio – *Monarquia Lusitana*, Parte Terceira, introdução de A. da Silva Rego, notas de A. A. Banha de Andrade... [et al.], Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1973, Livro X, cap. XII, f.ºs 139-141.

⁶⁷ *Gazeta do mes de janeiro de 1642*, n.º 3, f.º 2 – v.º.

⁶⁸ Este episódio surge explícito na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, como se pode verificar: “Que coastrameo a boqua da filha dEsteve Anes Derreado, morador em Evora, moça pequena de oito meses nada, que no berço homde jazia se levamtou e cu tres vezes, dizemdo cõ a mão alçada: «Portuugual, Portugal, Portugal, por el Rey dom Joaõ?” Cf. LOPES, Fernão – *Crónica de D. João I*, vol. II, edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto, Livraria Civilização, Porto, 1990, p. 125. Consulte-se um outro comentário a esta notícia da *Gazeta*: “Tal notícia nem sequer tinha originalidade, porque este prodígio do meninos, mudos ou ainda antes da idade de falarem, se porem a tagarelar como pessoas crescidas e patrióticas, vinha, pelo menos, desde o começo da segunda dinastia.” Vd. CUNHA, Alfredo da – *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa [1641-1821]*, p. 52.

lhantes e que agora tornavam a suceder, dado que até em *Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões houvera relatado esse episódio.⁶⁹

Assim, dada a ligação entre as tradições medievais portuguesas e sua utilização pelas novas estratégias da Restauração explícitas na *Gazetas* se justifica a seguinte notícia «prodigiosa»:

“Na Comarca de Miranda falou hum minino mudo: e disse: VIVA EL REY
DOM IOAM IIII. Isto se sabe de certo; & agora se está fazendo hu instrumeto
de testemunhas por ordem da Sè de Miranda.”⁷⁰

Quando, em Maio de 1643, morre Luís XIII de França,⁷¹ a rainha Ana de Áustria, sua esposa, assumiu a regência entre os anos de 1643 e 1661.⁷² Filha de Filipe III de Espanha, ao casar com Luís XIII de França, esse matrimónio contou com uma activa oposição intriguista por parte do conselheiro do rei, o cardeal-duque de Richelieu, contra a rainha. Por morte de seu marido, ocupou o trono como regente de seu filho, o futuro Luís XIV, até que este atingisse a maioridade, onde o seu conselheiro, o cardeal Mazarino, teria especial destaque no governo, como as *Gazetas da Restauração* já o havia noticiado.

Ora, a redacção da *Gazetas da Restauração* fez publicar uma notícia dando conta do início da regência de Ana de Áustria e, como que para justificar a

⁶⁹ “Ser isto ordenação dos Céus divina // Por sinais muito claros se mostrou, // Quando em Évora a voz de hũa minina, // Ante tempo falando, o nomeou. // E como cousa, enfim, que o Céu destina, // No berço o corpo e a voz alevantou: // “Portugal, Portugal”, alçando a mão, // Disse, “polo Rei novo, Dom João.” Cf. CAMÕES, Luís de – *Os Lusíadas*, com comentários de José Hermano Saraiva e ilustrações de Pedro Proença, Edição Expresso/Grupo Totta, Lisboa, 2003, Canto IV, Estrofe III. Segundo as notas de José Hermano Saraiva, esta lenda era referida correntemente nos sermões pregados na Sé de Lisboa nas comemorações da vitória de Aljubarrota. Assim sendo, esta lenda seria “reaproveitada” ao tempo de D. João IV, embora num outro contexto funcional específico.

⁷⁰ *Gazeta do mes de Fevereiro de 1642*, n.º 4, f.º 3.

⁷¹ Vd. *Epitaphio do grande, e invencivel monarca Luis XIII Rey de França, & Navarra: com os votos de França, pella prosperidade do reynado de seu filho de gloriosa esperança Luis XIII, et as ceremonias de seu baptismo...*, Officina de Lourenço de Anvers, Lisboa, 1643.

⁷² MOURRE, Michel – «Ana de Áustria», in *Dicionário de História Universal*, vol. I, Edições ASA, Porto, 1991, p. 63.

permanência de uma mulher nos destinos da França – contrariando, deste modo, os costumes de um país que houvera introduzido a célebre *Lei Sálica* nos regulamentos sucessórios europeus, como sucedia em Portugal –, o autor aponta as regências e os reinados de várias rainhas francesas, desde os tempos merovíngios até à sua actualidade. O provável autor deste artigo terá sido, muito provavelmente, João Franco Barreto,⁷³ um dos menos conhecidos autores das *Gazetas da Restauração*; foi o autor de uma obra de onde se supõe que terá baseado o conteúdo do seu artigo: *Catalogo dos Christianissimos Reys de França, e das Raynhas suas esposas, prosapia sua, com os annos de sua vida, de seu reynado, & onde estão enterrados...*, que acaba precisamente no reinado de Luís XIII e que foi publicado na Officina de Domingos Lopes Rosa, em Lisboa, no ano de 1642. Ora, nesta mesma Officina foram impressos muitos dos exemplares das *Gazetas da Restauração* conhecidos e onde aquela obra fora publicada apenas um ano antes.

Não importa reter extensas ilações sobre a História medieval de França, até porque implicaria uma análise, por demais, volumosa e não adequada para este espaço crítico. Neste sentido, transcrevemos, com algumas úteis indicações bibliográficas como adendas, uma passagem pertencente ao referido artigo das *Gazetas da Restauração*:

“E não he entre nós cousa nova terem as Raynhas de França a administração do Reyno, & tutoria de seus filhos, porque as historias antigas, & modernas estão cheyas de exemplos em igual caso. Assi a Raynha Brunechilda⁷⁴ mãy dos Reys Theodoberto, & Thierry menores, foy sua tutora, & Regente do Reyno. A Raynha Alix⁷⁵ foy Regente, & tutora delRey Philippe

⁷³ Terá que se ter em conta que o polígrafo João Franco Barreto obteve o privilégio régio de só ele traduzir *Relações e Gazetas de França*. «João Franco Barreto», in *Dicionário Ilustrado de História de Portugal*, vol. I, p. 62. Cft. MACHADO, Diogo Barbosa de – «João Franco Barreto», in *Bibliotheca Lusitana*, vol. II, Officina de Ignacio Rodrigues, Lisboa, 1747, pp. 664-666; SILVA, Inocêncio Francisco da – «João Franco Barreto», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. III, 1859, pp. 379-380; vol. X, 1883, pp. 264-265; vol. XI, 1884, p. 290.

⁷⁴ Cft. «Brunehaut ou Brunhild», in *Grand Dictionnaire du XIXe Siècle*, par Pierre Larousse, vol. II, p. 1346; MOURRE, Michel – «Brunehaut», in *Dicionário de História Universal*, vol. I, p. 173.

⁷⁵ «Alix», *Idem*, vol. I, p. 207.

Augusto seu filho. A Raynha Branca⁷⁶ mãy de São Luis, foy duas vezes Regente, huã no anno de mil & duzentos & vinte seis por ordem delRey seu marido, pella menoridade do dito Rey seu filho: e outra pella sua primeira viagem de Ultramar. ElRey Philippe o Bello, estando no bosque de Vincenna ordenou o mesmo no anno de mil & duzentos & noventa & quatro, & q se seu falecimento fosse antes da mayoridade de seu filho, & successor Luis Hutín, a Raynha loana⁷⁷ sua mulher fosse a Regente: mas esta disposição não teve lugar, porque ElRey Philippe o Bello vio seu filho mayor, & a Raynha loana morreo antes delRey seu marido. No anno de mil & trezentos & trinta & quatro ElRey Carlos o Quinto, estando em Melum fez à Raynha loana⁷⁸ sua mulher tutora, & principal Governadora, & guarda das pessoas de seus filhos, & do Reyno. A auzencia assi mesmo de nossos Reys tem dado lugar a estas Regencias, & governos [...] & em nossos tempos a Raynha mãy [Ana de Áustria] delRey foy [Luís XIV] Governadora até sua mayoridade.⁷⁹

Embora as *Gazetas das Restauração* se dediquem às movimentações bélicas portuguesas, todo o seu conteúdo monumental se reporta às traduções e ‘triagens’ portuguesas dos correios epistolares europeus face à Guerra dos Trinta Anos, então em curso – neste sentido, embora a luta independentista portuguesa se deva compreender com um conflito periférico⁸⁰ – é, por demais, sabido que a Coroa portuguesa tentou “manobrar” a condução das Guerras da Restauração no sentido de poder tomar parte nas permeáveis alianças contra o poderio imperial habsburgo.

⁷⁶ Cft. «Blanche de Castille», *Idem*, vol. II, pp. 795-796; MOURRE, Michel – «Branca de Castela», in *Dicionário de História Universal*, vol. I, pp. 163-164.

⁷⁷ «Jeanne, reine de France», in *Grand Dictionnaire du XIXe Siècle*, vol. IX, p. 938.

⁷⁸ «Jeanne de Bourbon», *Idem*, vol. IX, p. 938.

⁷⁹ BARRETO, João Franco [?], in *Gazeta do mes de Ivnhu de 1643*, n.º 16, f.º 5 – v.º. Como complemento bibliográfico, veja-se a *Declaração del Rey Christianissimo sobre o governo da Raynha verificado em Parlamento aos 21. de Abril de 1643 e Copia da carta que el Rey Luis XIII. escreveo à cidade de Paris depois da morte del Rey Luis XIII...*, Officina de Lourenço de Anvers, Lisboa, 1643.

⁸⁰ CARDIM, Pedro – «Portuguese rebels at Münster», separata de *Historische Zeitschrift*, Oldenbourg, Munique, 1998, pp. 294-333.

Deste modo, as *Gazetas das Restauração* foram um espectador atento⁸¹ dos enlances bélicos, políticos e diplomáticos que marcaram os conflitos travados por toda a Europa entre 1641 e 1648, com intervenção de vários países e desencadeado por várias razões, onde se incluíam fidelidades religiosas, pretensões dinásticas, ambições territoriais e rivalidades comerciais. É bastante notório o apoio prestado pelas *Gazetas das Restauração* às estratégias políticas, diplomáticas e militares francesas,⁸² baseadas num versado discurso catolicista, de cariz amplamente francófono.

A Guerra dos Trinta Anos [1618-1648]⁸³ englobou uma série de conflitos religiosos e políticos ocorridos especialmente no Sacro Império Romano

⁸¹ "Abundava em notícias vindas do estrangeiro, mas tão-pouco era escassa nos informes do Reino, o que permitia a quem estava longe do País ir conhecendo a marcha da administração pública e a vida da corte. O jornal mantinha assim a chama patriótica, tão necessária na emergência. Mas a divulgação do noticiário não servia os interesses da nossa diplomacia, além de se prestar a informações nem sempre coincidentes e que criavam rumores de opinião que afectavam a política em curso." Vd. SERRÃO, Joaquim Veríssimo – «A imprensa periódica», in *História de Portugal. A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750)*, vol. V, Editorial Verbo, Lisboa, 1980, pp. 170-172.

⁸² "A disputa pela hegemonia entre a França dos Bourbons e a Espanha dos Habsburgos, corporalizada por um tempo na rivalidade entre o cardeal Richelieu e o conde-duque de Olivares, constituiu um pano de fundo do cenário internacional que condicionou directa e decididamente o curso dos acontecimentos em Portugal na sua fase inicial. Desde logo porque a França desde há anos que procurava incentivar uma rebelião em Portugal, como forma de aliviar a pressão militar espanhola que sofria em várias frentes." MONTEIRO, Nuno Gonçalo – «A Guerra da Aclamação», in *Nova História Militar. A Guerra Moderna*, por Rui Bebianno, Fernando Dorez Costa [et. al.], com coordenação de António Manuel Hespanha, sob a direcção de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. II, Círculo de Leitores, Lisboa, 2004, p. 271.

⁸³ "The underlying causes of this devastating, general European war were conflicts of religion: Protestantism versus Roman Catholic reform, pluralistic tolerance versus arbitrary imposition of faith, Lutheranism and Calvinism, and the Protestant Union and the Catholic League. It was also a conflict of politics: centralization of authority with the decline of feudalism versus the rise of independent German principalities. The Hapsburg (Austrian) dynasty sought to control as much as possible of Europe, helped by most German Catholic princes, while German Protestant princes and foreign powers (France, Sweden, Denmark, the Netherlands, and England) attempted to check the Hapsburg power. Spain periodically sided with the Catholic Hapsburgs and participated in the war." KOHN, George Childs – «Thirty Year's War», in *Dictionary of Wars*, revised edition, Checkmark Books, New York, 1999, pp. 492-493.

Germânico, se bem que as rivalidades religiosas entre católicos e protestantes alemães tivessem gradualmente sido transformadas numa imensa luta fratricida à escala europeia, em que os oponentes se bateram confusamente.⁸⁴

Apesar de os conflitos religiosos serem a fundamentação directa do conflito, deu-se um grande esforço político da Suécia, então uma nação emergente no concerto das nações europeias, assim como de França, de modo a diminuir a força da dinastia dos Habsburgos, que governava a Áustria e todo o Sacro Império Romano Germânico.⁸⁵ O primeiro-ministro de Luís XIII de França, embora interessado no aniquilamento da Casa de Áustria, não pretendia intervir directamente no conflito por ser o imperador alemão Fernando III acérrimo defensor do Catolicismo. Por consequência, o protagonismo principal da Guerra dos Trinta Anos coube à França, chegando esta a contar com um exército de cem mil homens em armas no apogeu do conflito, firmando várias alianças⁸⁶ com as Províncias Unidas, a Suécia, os príncipes alemães contrários à hegemonia dos Habsburgos, a Confederação Helvética e alguns Estados italianos, numa estratégia global amplamente delineada pelo cardeal-duque de Richelieu.⁸⁷

⁸⁴ "Exércitos cada vez mais destituídos de objectivos políticos inteligíveis, para não falar da logística, tendiam a degenerar em bandos, a viver numa relação simbiótica com os campos que atravessavam. O campesinato, provocado até à raiva suicida, entrava frequentemente em fúria, grandes, ardentes revoltas cuja inutilidade era tão óbvia quanto a sua crueldade. Vivendo no meio do seu pesadelo, os homens atentos assistiam com descrença e horror ao que estava a acontecer e se resume nas palavras do jurista-filósofo peripatético holandês Hugo Grotius: «Vi grassar por toda a Europa uma licenciosidade na feitura da guerra que teria envergonhado até as nacoes barbaras». Era verdade. A Europa dilacerava-se, à beira de um abismo moral e intelectual do qual poderia não haver redenção." O'CONNELL, Robert L. – «A Ceifa Sagrenta», in *História da Guerra. Armas e homens. Uma história da guerra, do armamento e da agressão*, Editorial Teorema, Lisboa, 1995, pp. 170-178.

⁸⁵ «From the Franco-Swedish Phase to the Peace of Westphalia», in *Visual History of the World*, foreword by Douglas G. Brinkley, National Geographic, Washington DC, 2005, p. 269.

⁸⁶ "Durante a Guerra dos Trinta Anos houve quase tantos tratados como acções militares, uma verdadeira mina de ouro para os diplomatas e os juristas internacionais, que representavam em juízo as várias nações." «Guerra dos Trinta Anos», in *História Universal. O século XVII: a era do Absolutismo. A Rússia de Pedro, o Grande*, vol. IX, Planeta De Agostini, [s. l.], 2005, cap. IV, pp. 162-211.

⁸⁷ "Os únicos objectivos do inexorável ministro eram: deitar por terra todas as limitações à autoridade real e, depois, elevar a França ao lugar de nação mais ponderosa da Europa.

Os assuntos religiosos não seriam, então, os pretextos mais importantes para a declaração de guerra da França à Espanha em 19 de Maio de 1635, o outro grande domínio habsburgo na Europa, além da Áustria e das regiões suas dependentes na Europa central. Deste modo, o conflito foi ampliado para quase todo o continente europeu, sem esquecer o poderio turco otomano⁸⁸ e a pressão exercida pelo sultanato de Constantinopla na Europa central e na esfera do Mediterrâneo, onde Veneza liderava a oposição mais consistente aos seus desígnios – é de se referir também ao relato das diferentes revoltas que ameaçavam já a coesão do império turco otomano, anunciando já a sua irreversível decadência a partir do governo do sultão Ibrahim I.

Em Roma, concentravam-se as embaixadas de toda a Europa e entravam em confronto os grandes interesses internacionais, com França e Espanha a influenciar grandemente as políticas pontifícias dos papas Urbano VIII e Inocêncio X⁸⁹ como se poderá constatar do relato das acções e desventuras do primeiro embaixador português em Roma depois da nossa Restauração, D. Miguel de Portugal,⁹⁰ bispo de Lamego e depois arcebispo de Lisboa.

Tratando-se da obtenção desses fins, não permitiu que nada se interpusse no caminho. Reprimiu implacavelmente tanto os nobres descontentes como os hunguenotes, mantendo um exército de espíões e cortando as conspirações pela raiz mediante execuções em massa. Embora incentivasse a instrução e protegesse a literatura, negligenciou os interesses do comércio e permitiu que a concussão e a extravagância florescessem no seu governo. Além disso, o espírito belicoso com que o primeiro-ministro conduziu os negócios externos do Estado obrigou a França a guerras dispendiosas.” BURNS, Edward McNall – «O cardeal Richelieu», in *História da Civilização Ocidental*, vol. II, Círculo de Leitores, Lisboa, 1981, pp. 244-245.

⁸⁸ «The Ottoman Empire», in *The History of Europe from Ancient Civilizations to the dawn of the Third Millennium*, general editor John Stevenson, Facts on File Inc., London, 2002, pp. 254-255.

⁸⁹ FERNÁNDEZ, Henry Dietrich – «The Papal Court at Rome c. 1450-1700», in *The Princely Courts of Europe. Ritual, Politics and Culture under the Ancien Régime (1500-1750)*, edited by John Adamson, Seven Dials, London, 2000, p. 163.

⁹⁰ D. Miguel de Portugal, bispo de Lamego, foi uma personagem de primeira ordem na actividade diplomática portuguesa em Roma, como se pode constatar da leitura das *Gazetas da Restauração*. A sua biografia merece renovados estudos, fundamentados em: *Discursos, que se apresentaram na Curia Romana, por que se mostra que... Dom Miguel de Portugal Bispo de Lamego avia de ser recebido em aquella corte, como embaixador do Serenissimo Rey de Portugal, Dom Joam o IV...*, Antonio Alvarez, Lisboa, 1642; *Manifesto do reyno de Portvgal, presentado a santidade de*

Convém não esquecer que toda a península itálica estava em profunda convulsão devido à contestação papal encabeçada pelos duques de Modena e de Florença e desencadeada nas chamadas *Guerras de Castro*, que profundos estragos causaram no seio de Itália.

As lutas civis inglesas no reinado de Carlos I de Inglaterra contra o poderio do Parlamento inglês, cujo conflito interino se propagou, como de costume, à Escócia e à Irlanda, foram também amplamente relatadas pelas *Gazetas das Restauração*, assim como as actuações de diferentes contingentes ingleses nos teatros de operações europeias da Guerra dos Trinta Anos (eram bastante numerosos os efectivos mercenários ingleses em todos os lados das contendidas) embora este periódico veiculasse uma falsa imagem da supremacia realista pró-católica.⁹¹

Os exércitos franceses também detiveram um papel de destaque nas *Gazetas das Restauração*. Estavam sob o comando dos generais Henri de La Tour d'Auvergne, visconde de Turenne, e Louis II Bourbon, príncipe de Condé, cujas campanhas foram quase sempre bem sucedidas, como se poderá verificar da propaganda efectuada à vitória do príncipe de Condé quando derrotou um exército alemão e espanhol comandado por D. Francisco de Melo em Rocroi, [França], a 19 de Maio de 1643.⁹²

Urbano VIII. N. S. Pelas tres Nações, portvgvesa, francesa, catalan em qve se mostra o direito com que el Rey Dom Ioão IIII Nosso Senhor possuiue seus Reynos, & Senhorios de Portugal, e as rezões que ha para se receber por seu Embaixador o Illustrissimo Bispo de Lamego: diuidido em doze demonstrações..., Officina de Domingos Lopes Rosa, Lisboa, 1643; GAMA, Fonseca da – *O bispo embaixador D. Miguel de Portugal*, Crisos, Lamego, 1945; BRAZÃO, Eduardo – *A missão a Roma do Bispo de Lamego*, Coimbra Editora, Coimbra, 1947; MARTINS, Rocha – «O Embaixador da Independência», in *Legendas de Portugal*, vol. IX, colecção «História», [edição do autor], Lisboa, [s. d.], pp. 5-39.

⁹¹ “Embora sem intervir na Guerra dos Trinta Anos, a Inglaterra não pôde evitar as disputas políticas e religiosas. Tal como outros monarcas europeus, Carlos I (reinado 1625-49) julgava que os reis governavam por direito divino. A sua intenção de governar sem o Parlamento colocou-o contra a maioria dos seus súbditos e provocou uma guerra civil. Carlos I, vencido, foi executado em 1649.” HAYWOOD, John – «A Guerra Civil Inglesa», in *Atlas Histórico do Mundo*, Konemann, Colónia, 2001, p. 140.

⁹² EGGENBERGER, David – «Battle of Rocroi», in *An Encyclopedia of Battles. Accounts of over 1560 battles from 1479 B. C. to the Present*, Dover Publications, New York, 1985, p. 363. Para uma fácil consulta das principais batalhas e estratégias da Guerra dos Trinta Anos, esta obra é de leitura fundamental.

Apesar de, em Novembro de 1643, os exércitos franceses sofrerem algumas derrotas em Tuttlingen, na Alemanha, a partir daí os exércitos imperiais alemães só conseguiram ganhar algumas pequenas batalhas. Os exércitos aliados de Condé e de La Turenne bateriam um exército bávaro em Freiburg im Breisgau, em Junho de 1644. Em 3 de Agosto do ano seguinte, os comandantes franceses voltaram a superiorizar-se a um outro exército austro-bávaro perto de Nördlingen. A França, aliada da Suécia e de outros territórios e líderes protestantes, pôde ultrapassar algumas dificuldades iniciais. Entre 1642 e 1645, o general sueco Lennart Torstensson obteve diversos triunfos: bateu a Dinamarca, que se unira às forças alemãs imperiais, e tomou largas porções territoriais da Alemanha e da Áustria.

Entretanto, as *Gazetas das Restauração* davam conta das negociações de paz, cujas conversações iniciais se iniciaram no início de 1642 nas cidades de Münster⁹³ e Osnabrück como uma alternativa favorecida pela Suécia, enquanto que Hamburgo e Colónia eram as alternativas francesas. As conversações nas duas localidades foram necessárias, pois os signatários protestantes e católicos recusavam reunir-se em conjunto; os representantes protestantes ficaram em Osnabrück⁹⁴ e os católicos em Münster.

Contudo, depois da Baviera ter ser invadida, o duque Maximiliano I concluiu, em 14 de Março de 1647, as tréguas de Ülm com a Suécia e a Espanha. Apesar destes desastres, o imperador Fernando III recusou-se a capitular e a aceitar a pesada derrota. Os confrontos prosseguiram na Alemanha, Luxemburgo, Países Baixos, Itália e em Espanha, ainda em 1647. No Outono de 1647, o duque Maximiliano I reentrou na guerra do lado do Sacro Império Romano Germânico e, mais uma vez, o exército bávaro-austriaco foi derrotado em Maio de 1648. Esta derrota, bem como os cercos suecos de Praga e o cerco franco-sueco a Munique, aliados à importante vitória francesa

⁹³ *Relacion de las causas que obligan a la Casa de Austria, a pedir pazes al... Rey de Francia, y sus confederados, en la ciudad de Munster, nel año de 1642*, por Don Joseph Pellicer de Salas y Tovar, Officina de Lourenço de Anvers, Lisboa, 1642.

⁹⁴ *Negotiations secretes touchant la Paix de Munster et d'Osnabrug*, vols. I-IV, Jean Neaulme, Haia, 1724-1726.

de 20 de Agosto em Lens, em França, obrigaram o imperador Fernando III, também confrontado com a ameaça de assalto a Viena, a concordar com os termos de paz impostos pelos vencedores.

Os tratados foram concluídos nas duas cidades da Vestefália já referidas e depois reunidos no *Acto Geral de Vestefália*, ratificado em Münster a 24 de Outubro de 1648. A assinatura da paz ratificou e confirmou as cláusulas do Tratado de Ausburgo, de 25 de Setembro de 1555, incluindo a livre prática do Calvinismo e garantindo aos crentes protestantes e católicos a liberdade de culto. Em resultado, o mapa religioso da Europa ficaria imóvel, uma vez que a eventual conversão dos soberanos não acarretaria mudanças religiosas nos respectivos domínios.⁹⁵

Na qualidade de árbitro do equilíbrio internacional, a França conseguiu alguns ganhos territoriais: tomou o Rossilhão à Espanha, tomou posse de quase toda a Alsácia e obteve o reconhecimento do bispado de Metz, Toul e Verdun [os “Três Bispados”]. A Suécia ampliou o seu controle sobre o mar Báltico e recebeu a Pomerânia ocidental alemã, além de importantes portos situados nas embocaduras dos rios alemães, dilatando assim os seus domínios para o exterior da Escandinávia. O poder sueco seria recompensado com concessões feitas ao Eleitor [príncipe ou bispo que participava da eleição do imperador] de Brandemburgo, senhor das vias de acesso entre a Prússia e o rio Reno. A guerra franco-espanhola, no entanto, prosseguiu até o Tratado dos Pirinéus,⁹⁶ em 1659.

⁹⁵ “Foi restaurada a paz de Ausburgo (de 1555). Os principados e as cidades livres – em número de 234 – tornaram-se outros tantos Estados soberanos; o edicto de Restituição (1629) foi abolido, a divisão religiosa restabelecida. (As conquistas suecas e brandeburguesas limitavam ainda mais a influência do imperador). Foram reconhecidas as independências da Suíça e das Províncias Unidas. A França contentava-se com a anexação de uma parte da Alsácia, a Suécia controlava os estuários dos grandes rios alemães; o eleitor protestante de Brandeburgo, já senhor da Prússia, tornava-se, graças aos territórios que recebeu, o príncipe mais poderoso da Alemanha do Norte. As dificuldades dos dois ramos dos Habsburgos iriam fazer da França o árbitro do novo equilíbrio europeu.” *História Comparada de Portugal, Europa e o Mundo. Uma Visão Cronológica. Da Pré-História ao Liberalismo*, direcção de António Simões Rodrigues, vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, 1996, pp. 397-398.

⁹⁶ SANABRE, Josep – *El tractat dels Pirineus e seus antecedents*, Rafael Dalmau Editor, Barcelona, 1988.

Quais as consequências da Guerra dos Trinta Anos? Deu-se o início da hegemonia francesa sobre a Europa e do declínio do poder imperial dos Habsburgos. A Alemanha foi amplamente derrotada e devastada pela guerra e diversas estimativas apontam que o índice populacional da Alemanha caiu 20% durante a guerra; em algumas regiões esse declínio chegou a 50%, pois aldeias, vilas e cidades inteiras ficaram reduzidas a escombros.⁹⁷ Procedeuse à contínua fragmentação da Alemanha e cerca de 350 Estados alemães tornaram-se quase independentes do imperador, atrasando a sua unificação num único Estado por quase três séculos.

Os Países Baixos ficaram independentes da Espanha, terminando-se com a Guerra dos Oitenta Anos. O poder dos imperadores alemães foi irreparavelmente abalado e os governantes dos estados germânicos voltaram a gozar da prerrogativa de determinar a religião oficial dos seus territórios. O tratado deu reconhecimento legal aos calvinistas. Três grandes potências emergiram: a Suécia, as Províncias Unidas e a França. O poderio da Suécia foi, contudo, de pouca duração. A maior parte do tratado pode ser atribuída ao trabalho do cardeal Mazarino, o sucessor do cardeal-duque de Richelieu, como o noticiam as *Gazetas da Restauração*. A França⁹⁸ também saiu da guerra em uma posição muito melhor do que as outras potências europeias, permitindo-lhe ser capaz de reger boa parte das premissas do tratado.

A assinatura do Tratado de Vestefália⁹⁹ em 1648, veio garantir um equilíbrio de poderes no continente europeu, dado a Espanha a ceder a posição

⁹⁷ “Embora as consequências desta conflagração para a população em geral tivessem sido exageradas pelos seus contemporâneos, as perdas em homens e em bens móveis e imóveis, em particular nas zonas afectadas, atingiram dimensões até então desconhecidas. «Nunca houve na história da Alemanha uma época de tribulações tão globalmente sentidas e que chegassem à consciência de tão amplos círculos humanos» (Wedgwood).” «O final da Guerra [dos Trinta Anos]», in *História Universal. Renascimento à Guerra da Secessão*, adaptação e revisão técnica de Jorge Borges de Macedo, vol. III, Lexicoteca/Círculo de Leitores, Lisboa, 1989, p. 107.

⁹⁸ *Memoires et negociations secretes de la Cour de France, touchant la Paix de Munster*, vols. I-IV, Chez les Freres Chatelain, Amesterdão, 1710.

⁹⁹ *Traicté de la Paix, conclu le trentjesme lanvier de la presente année 1648 en la Ville de Munster en Westphalie, entre le... Prince Philippe quatriesme de ce nom Roy d’Espagne, &c. d’une & les... Estats Generaux des Provinces Vnies des Pais-bas de l’autre part...*, La Veusue, & Heretiers de Hillebrandt Iacobssz de Wouw, Haia, 1648.

dominante a França, como também certas fronteiras foram redefinidas. A Paz de Vestefália é frequentemente apontada como o marco da diplomacia moderna, pois deu início ao sistema moderno do «Estado-Nação»¹⁰⁰ – a primeira vez em que se reconheceu a soberania de cada um dos Estados envolvidos.

As guerras posteriores ao Tratado de Vestefália não mais tiveram como causa principal a religião, mas giravam agora em redor de questões de Estado. Isto permitiu que potências católicas e protestantes pudessem aliar-se, provocando grandes inflexões no alinhamento dos países europeus. Também fortaleceu as divisões internas da Alemanha, impedindo-a de formar um Estado-Nação unido, o que perdurou até o final do século XIX, só se invertendo esta situação com as políticas imperialistas de Otto von Bismarck. A afirmação da soberania do Estado-Nação inviabilizou a pretensão idealista de que o Sacro Império Romano Germânico teria uma suposta primazia sobre [ou devesse englobar] toda a Cristandade.

Embora Portugal não tenha conseguido participar no Tratado de Vestefália, teve de lhe adaptar a sua política externa e viu-se na contingência de ter de assimilar as contrapartidas estratégicas desse acordo internacional.¹⁰¹ O tratado teve grande importância para Portugal que, em luta contra a Espanha, temia que esta, libertada das guerras que sustentava no centro da Europa, reorientasse o seu poderio militar sobre si, o que iria decerto fazer perigar o processo da Restauração. Procurou-se, por isso, até à exaustão uma via diplo-

¹⁰⁰ Para uma sucinta contextualização histórica, jurídica e filosofia da junção dos conceitos de «Estado» e «Nação», é imprescindível a leitura de BOBBIO, Norberto – «Estado», in *Enciclopédia Einaudi. Estado-Guerra*, direcção de Ruggiero Romano, vol. XIV, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1989, pp. 215-275; GIL, José – «Nação», in *ob. cit.*, pp. 276-305; *L'Europe des Traités de Westphalie: esprit de la diplomatie et diplomatie de l'esprit*, direction de Lucien Bély et Isabelle Richelfort, PUF, Paris, 2000.

¹⁰¹ Neste sentido, comparar os diversos estudos: RIBEIRO, Ângelo – «A actividade diplomática da Restauração», in *História de Portugal*, direcção literária de Damião Peres, vol. VI, Portucalense Editora, Barcelos, 1934, cap. II, pp. 23-40; BRASÃO, Eduardo – «A acção diplomática de Portugal no congresso da Vestefália», separata de *Anais*, vol. VII, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1942, pp. 492-544; MATTOS, Gastão de Mello de – «A diplomacia da Restauração», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, pp. 326-338; DÓRIA, António Álvaro – «Paz de Vestefália (1648)», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. VI, pp. 281-283.

mática para uma aliança com a França, tónica que marca todo o discurso das *Gazetas da Restauração*.

6. O nascimento da imprensa periódica portuguesa na década de 1640

Logo após o surgimento das *Gazetas da Restauração*, publicadas entre 1641 e 1648, publicaram-se nesta década dois «periódicos», quer em França ou em Portugal, e que pertencem por direito ao universo periódico português – o primeiro foi o *Le Mercvre Portvgais*¹⁰² e o segundo foi o *Mercvrius Ibernivcs*, embora se suspeite que tenham havido outras publicações periódicas, embora, infelizmente, se tenham perdido com as intempéries dos tempos.

O que importa focar é que todos estes periódicos se reportavam à causa da Restauração e se direccionaram para uma ‘prática’ diplomática, no caso do *Le Mercvre Portvgais*, e com a expressa homenagem aos movimentos católicos da Irlanda contra a suserania protestante de uma Inglaterra mergulhada em sangrentas guerras civis entre o Protestantismo e o Catolicismo e entre o parlamentarismo e o realismo de cariz pré-absolutista de Carlos I.

O periódico *Le Mercvre Portvgais*¹⁰³ é, porventura, das publicações mais enigmáticas que se podem encontrar redigidas por estas épocas e, simultaneamente, das mais desconhecidas.¹⁰⁴ Lançado à estampa no primeiro semestre

¹⁰² DIAS, Eurico Gomes – «A contribuição do *Le Mercvre Portvgais* para o movimento periódico português e para a construção de História de Portugal», in *ArtCiência.Com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação*, n.º 0, 2005 [vide www.artciencia.com].

¹⁰³ *Le Mercvre Portvgais, ov relations politiqves de la fameuse révolution d'Estat arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien jusques au couronnement de D. Iean IV. à present regnant*. [Auec le recit particulier de ce qui s'est passé en ce pais-là, tant pour la paix que pour la guerre], por François de Chastonniers de Grenaille, impresso por Antoine de Sommaville e Augustin Courbé [Salle des Merciers, na *École de France*], Paris, 1643. Vd. TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 42.

¹⁰⁴ Na verdade e, muito provavelmente, serão quase inexistentes as referências a este periódico numa qualquer obra de referência ou num outro estudo particularizado: “*Le Mercure Portugais* é obra extremamente rara, pelo menos em Portugal. Em um leilão de livros vendeu-se

do ano de 1643, subsistem ainda dúvidas sobre a sua verdadeira autoria: nas poucas referências bibliográficas que lhe apontam a existência é, frequentemente um editor francês de renome, Antoine de Sommaville¹⁰⁵ coadjuvado por um outro, Augustin Courbé,¹⁰⁶ ambos dirigindo a famosa “officina” da *École de France*.

No entanto, o estudo bibliófilo desconhece, talvez por falta de interesse analítico mais aprofundado, é que o seu autor terá sido, sem grandes dúvidas, François de Chastonniers de Grenaille¹⁰⁷ [1616-1680], cujo nome figura ao final da apresentação¹⁰⁸ do *Le Mercvre Portvgais*. Assim sendo, afiançamos que este é, efectivamente, o verdadeiro autor do periódico, embora contasse com o auxílio dos ilustres editores acima mencionados, e a a sua autoria fosse ainda imputada a Manuel Fernandes Vila Real.¹⁰⁹

um exemplar por preço bastante elevado. A Bibliotheca Nacional de Lisboa possui uma collecção encadernada em pergaminho e assás bem conservada. Falta-lhe contudo o retrato que de ordinario, apparece depois do frontispício.” Cft. SILVA PEREIRA, A. X. – «*Le Mercure Portugais*», in *Diccionario Jornalístico Portuquez*, vol. I, pp. 49-49 – v.º.

¹⁰⁵ Note-se que Antoine de Sommaville foi um editor de renome e profundo conhecedor da História portuguesa, editando obras que reflectem bem as problemáticas do seu tempo. Veja-se, por exemplo, *Les de Pseaumes de Dom Antonio Roy de Portugal* [1657].

¹⁰⁶ Augustin Courbé foi, com certeza, outro editor da “officina” da Academie Française e outro excelente conhecedor da História de Portugal. Se não, veja-se um exemplo de uma obra publicada por si, *Relations veritables et curieuses de l’Isle de Madagascar, et du Bresil. Avec l’histoire de la derniere guerre faite au Bresil, entre les Portugais et les Hollandois* [1651].

¹⁰⁷ Seria, muito provavelmente, uma pessoa íntima do círculo de D. Vasco Luís da Gama, porventura, um seu colaborador em França. Para um útil complemento dos seus dados biográficos: «François de Chastonniers de Grenaille», in *Grand Dictionnaire Universal du XIXe Siècle*, par Pierre Larousse, vol. VIII, p. 1510; «Chastonniers de Grenaille», in *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VI, p. 624.

¹⁰⁸ *Le Mercvre Portvgais*, f.º 21.

¹⁰⁹ Veja-se um testemunho quase inédito acerca da autoria do *Le Mercvre Portvgais* e escrito por Manuel Fernandes Vila Real [1608/11-1652], cônsul português em França aquando da Restauração e que assistiu às diversas embaixadas portuguesas e aos desígnios de D. Vasco Luís da Gama. Regressado a Portugal, seria supliciado pelo garrote em *auto-de-fé* por práticas de judaísmo: “No mesmo anno [1643] se imprimiu em París um livro em francez, intitulado *Mercurio Portuquez* que se dedicou ao conde da Vidigueira, e impresso por sua ordem, para se dar noticia de Portugal, e do que n’elle se observa. Tudo o que n’elle se imprimiu, foi visto e aprovado pelo mesmo conde, que dava as memorias na fórma, que elle queria, e se lhe enviava do reino. N’elle

Le Mercvre Portvgais foi um periódico que, editado em Paris, se dispôs a retratar e a apresentar ampla matéria noticiosa sobre o processo da Restauração em Portugal, corrente à época. Tendo o privilégio de impressão aprovado por Luís XIII de França, pode-se considerar uma publicação devidamente integrada nas estratégias e conversações concertadas entre os primordiais pactos franco-portugueses.¹¹⁰

Este periódico apresenta-se, deste modo, como uma espécie de escrito ou proclamação panegírica dedicada a D. Vasco Luís da Gama¹¹¹ conde da Vidigueira e embaixador extraordinário de Portugal na Corte francesa, cuja leitura se destinaria, *a priori*, aos elementos executivos das conversações e a um público-alvo que se concentraria quase exclusivamente nas altas camadas da sociedade francesa – como se pode verificar detalhadamente, em paralelo, ao longo do conteúdo das *Gazetas da Restauração*. Aliás, este típico “mercúrio” dirige-se a tão insigne individualidade [embora, segundo parece, tenha sido publicado a expensas do mesmo] como um “arauto” do reconhecimento do

se tratou da retenção da pessoa do ill.mº bispo inquisidor geral, com os mesmos termos, que o conde havia dito, e depois me disse, que sua illustrissima se escandalisava do modo como se fallava n’elle. E posto que eu n’isso tenho mais culpa que ser um instrumento da vontade e ordem do embaixador, em serviço da patria. Faço esta memoria, porque pretendo justificar-me, ainda n’aquellas acções, em que não commetti a menor falta. O auctor é francez, a quem o conde pagou o trabalho que n’isso tomára.” Cf. «Manuel Fernandes Villa Real», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. XVI, 1889, pp. 189-209 e, como complemento, o disposto no vol. V, 1861, pp. 422-423. Como prova da actualidade dos comentários políticos deste esquecido diplomata, consulte-se VILA REAL, Manuel Fernandes de – *Epítome Genealógico do Eminentíssimo Cardeal Duque de Richelieu e discursos políticos sobre algumas acções da sua vida*, edição de António Borges Coelho, Editorial Caminho, Lisboa, 2005.

¹¹⁰ “Um tratado de aliança entre os reis de Portugal e de França formalizara-se logo em 1641. Nele se previa que o rei de Portugal contribuiria para a guerra contra o inimigo comum, continuamente, sem pausas, atacando por terra e por mar com todas as suas forças. Apontava, para mais, para uma aplicação específica da aliança [...]. A orientação delineada era ofensiva.” COSTA, Fernando Soares – *A Guerra da Restauração 1641-1668*, Livros Horizonte, Lisboa, 2004, pp. 45-46.

¹¹¹ Cft. «Marqueses de Nisa», in *Dicionário de Personalidades*, coordenação de José Hermano Saraiva, vol. XVIII, QuidNovi, Porto, 2004, p. 17; SOUSA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 2.ª edição, vol. X, Atlântida Editora, Coimbra, 1946, pp. 336-337; *Cartas de El-Rei D. João IV ao conde da Vidigueira (marquês de Nisa) embaixador em França*, prefácio de P. M. Laranjo Coelho, vols. I-II, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1940-1942.

povo francês¹¹² a favor da legitimidade das pretensões independentistas portuguesas.

Como tal, o *Le Mercvre Portvgais* dispôs-se, tal como o seu título o indica, a apoiar a Restauração portuguesa e a fornecer uma síntese extremamente bem fundamentada do processo revolucionário baseado num amplo conhecimento da História de Portugal para, deste modo, se justificar as razões imperiosas que levaram Portugal a libertar-se do jugo de Castela. Aliás, em todo o conjunto discursivo encerrado no *Le Mercvre Portvgais*, poder-se-á verificar que poucas serão as proposições que não se encontram alicerçadas na História de Portugal ou nos conhecimentos aceites pela historiografia contemporânea à altura da redacção deste periódico.

Vejamos, num esboço elogioso à famosa genealogia¹¹³ de D. Vasco Luís da Gama, as origens e o parentesco da Casa da Vidigueira com o segundo titular do ducado de Bragança, D. Afonso, primeiro marquês de Valença e neto de D. João I:

“le ne veux pas dire par là que vostre Grandeur ait commencé à la découuerte du nouueau Monde, veu qu’elle estoit déia fort ancienne dãs le vieil, & que vostre Noblesse ne sçauroit auoir de fin puis qu’on n’en trouue de commencement que dans les fondemens de la Monarchie. Outre que tout le Portugal sçait que la Maison de Gama vient du Sang Royal de D. Alphonse¹¹⁴

¹¹² François de Chastonniers de Grenaille evoca ainda a grande esperança do povo francês na aliança perpétua com Portugal e ao papel culminante do embaixador nesse contexto. «Epistre», in *Le Mercvre Portvgais*, f.º 21. Neste sentido, veja-se o excelente artigo de CARDIM, Pedro – «Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa Portuguesa no século XVII», in *Cultura – Revista de História das Ideias*, II série, vol. XV, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002, pp. 47-87.

¹¹³ Para um correcto e actualizado estudo acerca da biografia de D. Vasco Luís da Gama, veja-se: ALVES, Ivone Correia – «A terceira geração, D. Vasco Luís de Gama e D. Maria de Ataíde», in *Gamas e condes da Vidigueira: genealogias e percursos*, cap. V, Coleção Travessias, Colibri/ICIA, Lisboa, 2001.

¹¹⁴ D. Afonso [1400-1460] foi ainda o 4.º conde de Ourém. Cft. SOUSA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. X, pp. 307-317 e vol. XII, Parte II, p. 56; BASTO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, 2.ª edição, vol. VIII, [s. n.], Braga, p. 606.

Comte de Ourim & Marquis de Valence fils du premire Duc de Bragance & petit fils du Roy D. lean premier [...].¹¹⁵

As matérias noticiosas e históricas presentes no *Le Mercvre Portvgais* encontram-se devidamente indexadas numa «Table des Narrations» ao início da publicação, tendo esse útil índice sido, muito provavelmente, organizado após a publicação de toda a série de fólhos e folhetins posteriormente agrupados e encadernados no volume.¹¹⁶

Talvez um dos mais notáveis testemunhos das relações franco-portuguesas logo após o enlace de 1640, este periódico afigura-se-nos completamente inédito e quase ignorado pelas referências bibliográficas sobre aquela altura crucial da nossa História, dado que o *Le Mercvre Portvgais* fundamenta todo o seu discurso histórico-político numa bem estruturada explicação panegírica das relações bilaterais entre os dois países. François de Chastonniers de Grenaille assumiu, por diversas vezes e ao longo do periódico, a defesa da veracidade das suas narrativas, ainda que, por exemplo, se tivesse socorrido de obras e das acepções de autores contemporâneos que defendiam a manutenção de Portugal sob o jugo de Espanha.¹¹⁷

No seguimento da aclamação e legitimação de D. João IV, o autor entendeu, por bem, transcrever parte da proclamação das Cortes¹¹⁸ que aclamaram tal monarca e escrita sob a responsabilidade de D. Sebastião César de Meneses.

¹¹⁵ «Epistre», in *Le Mercvre Portvgais*, f.ºs 4-5. François de Chastonniers de Grenaille remete ainda vários elogios ao ilustre antepassado do embaixador, ou seja, a D. Vasco da Gama e à sua célebre viagem à Índia. Deste modo, endereça rasgados elogios às qualidades do povo português e ao seu papel na epopeia dos Descobrimentos.

¹¹⁶ O periódico *Le Mercvre Portvgais* é constituído, fundamentalmente, por 7 números ou folhetins, o último dos quais saído à estampa em 4 de Abril de 1643 e cuja paginação inicial terá sido alterada em função da organização decorrente da encadernação em um único volume. É considerado extremamente raro e, segundo se sabe, o único exemplar encontra-se presente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

¹¹⁷ «Avant-propos», in *Le Mercvre Portvgais*, § VIII, f.ºs 15-16.

¹¹⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – «Cortes de Lisboa (1641)», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, pp. 28-29; ERICEIRA, D. Luís de Meneses, 3.º conde da – *História de Portugal Restaurado*, vol. I, pp. 143-145.

Essa proclamação,¹¹⁹ transcrita na íntegra, no *Le Mercure Portugais*, está datada de 5 de Março de 1641.

Por consequência, o *Le Mercvre Portvgais* concentrou especial atenção nas explicações das leis de sucessão fundamentadas na prática consuetudinária aplicadas no Portugal medievo e na sua correlação com a situação análoga em Portugal, como se verá adiante:

“[...] & le Pape Innocent II. lui ayant donné le tiltre de Roy dans vne Bulle¹²⁰ qu’il luy enuoya l’an mil cent quarante-deux. Toutefois, en la premiere Assemblée des Estats, qui se tindrent bien tost aprez en la ville de Lamego sur la fin de l’an mil cent quarante-trois, les trois Estats du Royaume¹²¹ y estans conuoquez, le proclamerent derechef & le reconnurent pour Roy au nom de tout le Royaume [...]”¹²²

Este periódico primou pela profusão de opiniões e de convicções apaixonadas e cujo estilo discursivo, ao longo de todos os seus fólhos, anuncia já as ideias que nortearão as práticas governamentais próprias dos governos absolutistas. Neste completo panegírico, feito “folha volante” ou “relação”, assiste-se ao apoio da causa restauracionista portuguesa, fazendo-se uma quase “diabolização” dos inimigos de Portugal, inclusivamente dos portugueses traidores à Pátria, assim como uma síntese das principais estratégias régias no

¹¹⁹ «Resolvtion prise en l’Assemblée des Estats des Royaumes de Portugal, sur le sujet de la Proclamation, restitution & serment de fidelité des mesmes Royaumes, en faueur de tres-haut & tres-puissant Seigneur le Roy Dom lean IV. de nom», in *Le Mercvre Portvgais*, f.ºs 305-347.

¹²⁰ Esta bula, que se sabe falsa, teria sido expedida antes da morte do pontífice ocorrida em 1143. Frei António Brandão aponta-a como verídica, mas sabe que não existiu. Cft. *Monarquia Lusitana*, Parte Terceira, f.ºs 136-138; BRANDÃO, António – *Crónicas de D. Sancho II e D. Afonso III*, edição actualizada com uma introdução de A. de Magalhães Basto, Livraria Civilização, Porto, 1946, p. XLV; ALMEIDA, Fortunato de – *História de Portugal. Desde os tempos pré-históricos a 1580*, vol. I, Bertrand Editora, Lisboa, 2003, pp. 86-87.

¹²¹ Atente-se à expressão “trois Estats du Royaume”, expressão designativa dos Estados Gerais em França e aplicada pelo autor, ainda que erroneamente, às ditas «cortes de Lamego», cuja composição social não suportaria os três estratos sociais principais em que a sociedade medieval portuguesa se dividia ao tempo.

¹²² «Resolvtion prise en l’Assemblée des Estats...», in *Le Mercvre Portvgais*, § IV, f.ºs 308-309.

sentido fazer vingar a Restauração, como por exemplo, apresentando a composição das principais missões diplomáticas portuguesas na Europa e dos objectivos que visavam alcançar, entre outras informações de valioso interesse historiográfico. Por causas desconhecidas, o *Le Mercvre Portvgais* extinguir-se-ia em Abril de 1643, embora o seu lugar na cultura portuguesa seja perpétuo.

O peculiar periódico que se apresenta com o nome de *Mercvrius Ibernicvs*¹²³ teve apenas direito a um único número conhecido, que saiu do prelo pelos inícios de 1645: taxado a 13 de Fevereiro de 1645, conforme as *Gazetas da Restauração* e com o mesmo método de censura aplicado naquela publicação, este periódico só teria saído a público, provavelmente, em meados de Março do mesmo ano.

Não se apontam hipóteses acerca de quem terá sido o seu autor ou se mais alguém terá participado na sua redacção, embora facilmente se constate que o seu anónimo autor seja português ou residente em Portugal – todo o seu conteúdo foi redigido em língua castelhana, algo passível de ser considerado como uma [perigosa] atitude pró-castelhana. Seria, por esse motivo mais que evidente, suprimido da leitura pública, logo após a publicação e divulgação do primeiro número? Seria destinado à divulgação da contra-propaganda portuguesa em Espanha? Ninguém o sabe ao certo, embora apenas se conheça este exemplar, em formato in-quarto, de 8 fólios, quase passível de ser considerado como mais um dos inúmeros panfletos que se publicavam à época.¹²⁴

O *Mercvrius Ibernicvs* foi publicado em Lisboa, na célebre Officina de Domingos Rosa, um dos célebres impressores das *Gazetas da Restauração* e um dos mais conceituados artífices impressores do seu tempo. Portanto, este

¹²³ *Mercvrius Ibernicvs. Qve relata algvnos casos notables, que sucedieron en Irlanda, despues que tomó las armas por defender la Religion Catholica. Con una breve noticia del Estado prezente de aquel Reyno*, Officina de Domingos Lopes Rosa, Lisboa, 1645.

¹²⁴ “De índole muito diversa, como se vê, os mercúrios apresentam-se de princípio como sùmulas de factos notáveis e esporádicos, não encadeados, assemelhando-se, neste aspecto, às relações.” Vd. TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 42; SILVA JÚNIOR, António Joaquim da – *Os Reservados da Bibliotheca Publica de Évora*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1905, p. 216.

periódico não poderá ser, com justa razão, considerado como uma publicação “marginal”, visto que foi publicado e taxado com todas as licenças necessárias e exigências burocráticas em vigor nessa época, embora se não possa apontar o preço exacto da sua publicação, visto esse apontamento estar omissa na publicação original. No entanto, pode-se apontar que devia variar entre um preço de 6 réis e 10 réis, conforme era usual.¹²⁵

No entanto, o *Mercvrius Ibernivus* tem como preocupação constante apontar alguns acontecimentos «prodigiosos» que se teriam sucedido na Irlanda conquistada pelas tropas protestantes inglesas e das manifestações, ditas “sobrenaturais”, e que eram vistas como sinais da intersecção divina pelas facções católicas irlandesas.¹²⁶

O facto de a Irlanda ser uma nação quase desconhecida pelo seu isolamento e pela distância com a Península Ibérica, fomentava que, não raras vezes, alimentasse verdadeiras polémicas acerca das veridades de determinados factos referentes à história daquele país. Frei Bernardo de Brito¹²⁷ não foi, com certeza, alheio a estas influências e, sendo autor propício a alusões fantasiosas nas suas narrações históricas, não deixaria de apresentar algum escrito não desprovido de incongruências acerca da Irlanda, como o anónimo autor do *Mercvrius Ibernivus* aponta:

¹²⁵ Este periódico é um breve reflexo da sua época, em que as guerras europeias então decorrentes manifestam especial destaque e presença em todo o seu conteúdo. Provavelmente redigido por alguém ligado ao «círculo» dos autores da *Gazeta*, o seu autor seria, pelo menos, um profundo conhecedor das tiragens daquele periódico pois que surgem, por vezes, várias referências àquele periódico primordial.

¹²⁶ No entanto, apesar da defesa da fé católica e do povo irlandês que se confessava adstrito a Roma, o anónimo autor não deixava de procurar ter uma palavra de isenção face ao público inglês residente em Portugal. Existe ainda uma notável defesa pela veracidade dos acontecimentos aqui relatados, assim como uma constante procura pela fundamentação histórico-teológica das suas afirmações e tomadas de posição. Ou seja, para se explicar cada fenómeno ou episódio histórico, o autor teve uma preocupação em apresentar as obras de referência ou as fontes de informação que julgou serem mais idóneas e credíveis, apontando, inclusive, várias testemunhas residentes em Lisboa e que teriam presenciado certos episódios por si relatados.

“Ha padecido esta noble Isla mucho por la Fé, y más por la opinión que della tiene vulgarmente, no por malevolencia, sino por ignorancia, y falsa información de algunos que escriben della. Vn destes es el docto, y erudito varon Fr. Bernardo de Brito, que imagina estar aquel Reyno debaxo del polo Arcaico, y fuera de la conuersaçiõ de los hombres; no distando de Portugal mas q 250. leguas.”¹²⁸

A História da Irlanda reveste-se de múltiplos aspectos de interesse intelectual que inspiravam as linhas do *Mercvrius Ibernivvs*. A História medieval irlandesa é uma narrativa monumental fundamentalmente fragmentária e dotada de uma conotação amplamente bélica, de confrontos constantes entre pequenos clãs, de inúmeros condados e domínios senhoriais e de outros minúsculos reinos dispersos entre si lutando pela sobrevivência ou pela supremacia sobre todos os outros. Como matriz constante na História irlandesa aponta-se a influência destabilizadora da Inglaterra, como acontecia à altura da redacção do *Mercvrius Ibernivvs*.

Além da exposição dos acontecimentos sucedidos na Irlanda à época da feitura do *Mercvrius Ibernivvs*, regista-se também uma insistência na simbiose entre os apontamentos de natureza hagiográfica, histórica e literata para fundamentar as «nobres» origens da cultura cristã patente na Irlanda medieva.¹²⁹ Registe-se os exemplos de São Patrício¹³⁰ e de Santa Úrsu-

¹²⁷ Cft. *Monarquia Lusitana*, por Frei Bernardo de Brito, Parte Primeira e Parte Segunda, introdução de A. da Silva Rego, notas de A. A. Banha de Andrade... [et al.], Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2004; TERREIRO, Álvaro – *Frei Bernardo de Brito, historiador profético da resistência (1569-1614)*, Câmara Municipal de Almeida, Almeida, 1992.

¹²⁸ *Mercvrius Ibernivvs*, f.º 3 – v.º.

¹²⁹ Confronte-se com outra passagem no corpo do texto do *Mercvrius Ibernivvs*: “No se puede hacer mencion de todos, pero [...] en ningū Reyno de Europa ay nobleza mas antita, ni aun mas rica que en Irlāda: siepre se exceptuā los Principes de Alemaña, y los de la sangre de Frācia, y algunos grādes de España, q é riqueza sō incōparables.” Cf. *Mercvrius Ibernivvs*, 1645, f.ºs 4-5.

¹³⁰ Cft. SOUSA, Francisco Saraiva de – *História do purgatorio de S. Patricio...*, Antonio Rodrigues de Abreu, Lisboa, 1676; COSTA, Vitorino José da – *Vida e purgatorio de S. Patricio...*, Officina de Antonio Pedroso Galrão, Lisboa, 1737; BAIÃO, José Pereira – *Retrato do Purgatorio e suas penas; despertador do peccador adormecido, exhortação á emenda e devoção das almas, etc. A que se ajunta a admiravel historia do purgatorio de S. Patricio...*, Mauricio Vicente de Almeida, Lisboa, 1742.

la,¹³¹ bem patentes no discurso historiógrafo dos vários temas focados no desenrolar do *Mercvrius Ibernivcs*:

“No es necesario hablar de los muchos Santos que ha tenido este Reyno, porque ay vn Calendario dellos, y son tãtos, que pocos dias ay en el año que no tega muchos santos Irlandeses; como lo muestra el Padre Enrique Fitzsimon;¹³² el qual tambien prueba como S. Vrsula fue hija delRey de Irlanda, y dize q las otras genealogías desta Virgen son meras fabulas.¹³³ [...] Comencemos por el famozo Eugenio Onello General⁽¹³⁴⁾ de la Prouincia de Vltonia, cuyos antepasados fueron Reyes de Irlãda quãdo entró en aquel Reyno S. Patricio [...]”¹³⁵

¹³¹ Cft. TAVARES, Jorge – «Santa Úrsula», in *Dicionário de Santos...*, Lello & Irmão Editores, Porto, [s. d.], p. 142; «Quadro das Onze Mil Virgens», in *Archivo Pittoresco*, vol. III, ft. 17, Typographia Castro & Irmão, Lisboa, 1860, p. 129. Até Gil Vicente se referiu a esta mártir no *Auto da Barca dos Infernos*: «Santa Ursula não converteu // tantas cachopas como eu: // todas salvas polo meu, que nenhuma se perdeu», dizia, graçola, a alcoviteira». Vd. VICENTE, Gil – *Auto da Barca dos Infernos*, edição didáctica, anotada e comentada por Mário Fiúza, Porto Editora, Porto, 1975, p. 87. Já Damião de Góis acentua uma faceta mais grave de Santa Úrsula: “Santa Úrsula, guia e capitoa das virtuosas mártires onze mil virgens”. Cf. GÓIS, Damião de – *Crónica de D. Manuel*, Livro IV, cap. 26. Também Guerra Junqueiro em *A Velhice do Padre Eterno*, se refere pejorativamente a estas lendas, consideradas o sustentáculo da decadência da Igreja: «Feitas bebês, comendo um queque // Tocando flauta ou tamboril, // Ou arrastando a asa em leque // Ingénuaamente... às onze mil.» JUNQUEIRO, Abílio Guerra – *A Velhice do Padre Eterno*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1926, p. 211.

¹³² Henry Fitzsimon [1516?-1643?], importante teólogo católico irlandês, foi autor de uma célebre obra hagiográfica intitulada *Catalogus Præcipuorum Sanctorum Hiberniæ*, publicada em 1611 e que conheceu variadas edições na Europa. O anónimo autor deste número do *Mercvrius Ibernivcs* ter-se-á servido das informações históricas pertencentes nesta obra para fundamentar as suas proposições acerca da História da Irlanda. Cf. POLLEN, J. H. – «Henry Fitzsimon», in *The Catholic Encyclopedia*, vol. VI, Robert Appleton Company, New York, 1909.

¹³³ *Mercvrius Ibernivcs*, f.º 3 – v.º.

¹³⁴ “Antiquíssima família irlandesa que se diz provir de Olegário, primeiro rei cristão da Irlanda, em 432, cujos descendentes governaram até ao século XIII na qualidade de reis, continuando-se depois por linha de príncipes soberanos até 1616.” «O'Neill», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XIX, p. 458. Será de referir que as *Gazetas da Restauração* também se referem a Eugene O'Neill, general irlandês. Cft. *Gazeta do mes de Dezembro de 1641*, n.º 2, f.º 7 – v.º; *Gazeta Primeira do mes de Novembro de 1642*, n.º 12, f.º 4.

Tal como surgiu de forma inovadora, a sua cadência cessou logo ao fim do primeiro número – o *Mercvrius Ibernivvs* aparenta ter desejando manter a sua continuidade mas, por motivos desconhecidos, cessou logo as suas funções. O certo é que introduziu uma conotação histórica bastante fundamentada nas suas proposições acerca da actualidade em que se inseria, dando ao conhecer ao público leitor uma realidade acerca da História da Irlanda e dos seus problemas contemporâneos e que, à data da sua publicação, deveria ser conhecimento de uma minoria letrada bem diminuta.

Para a posteridade, legou-nos a excelência do debate sobre vários interesses em redor do fascínio que a antiga Hibernia ainda mantinha no íntimo do seu anónimo autor, como se de uma evocação da antiga Lusitânia se tratasse.

7. Conclusões Gerais

Terminada a vigência das *Gazetas das Restauração* em meados de 1648, dista um período até ao ano de 1663, ano em que foi fundado o célebre *Mercurio Portuguez*,¹³⁶ de D. António de Sousa Macedo, existindo poucos registos seguros de actividade jornalística em Portugal. Excepção feita para algumas folhas volantes impressas e manuscritas com as notícias da guerra da independência ou outras notícias de menor importância histórica. No entanto, ainda dentro do mesmo tempo histórico é de se referir a problemática em torno da existência da *Gazeta do Parnaso Prologetica*, publicada em 1649.¹³⁷

Desde 1641 até 1648, o ainda restrito público leitor das *Gazetas da Restauração* irá ter uma perspectiva muito real do que se terá passado nos campos de batalha por essa Europa fora e onde as forças militares portu-
gue-

¹³⁵ *Mercvrius Ibernivvs*, f.º 6 – v.º.

¹³⁶ Para uma actualização detalhada do historial do *Mercurio Portuguez*, consultar DIAS, Eurico Gomes – «O contributo do *Mercvrio Portvguez* para o final das Guerras da Restauração e da construção da História de Portugal», in *Revista Militar*, n.º 6/7, Junho/Julho de 2005, pp. 655-664.

sas tiveram uma papel de destaque. No entanto, os leitores de então puderam ter um acesso cuidado e anotado a informações tão díspares como o movimento de tropas europeias, o movimento diplomático internacional, sem esquecer o importante papel da correspondência epistolar diplomática portuguesa na Europa¹³⁸ a publicação de cartas pontifícias, a notícia de «milagres», das devoções religiosas, assim como uma atenção dedicada a numerosas descrições referentes às inovações do armamento e da logística militares em voga na época.¹³⁹

Devemos apontar, ainda que de forma bastante sucinta, a escassez e a urgência de estudos históricos desta natureza, pelo menos, ao nível do panora-

¹³⁷ Se existem enigmas pertinentes que ainda mantêm a sua aura indecifrável nos primórdios da imprensa periódica portuguesa, um caso singular é, com certeza, o que diz respeito a existência (ou não) de um periódico denominado *Gazeta do Parnaso Prologetica*. Lançado provavelmente em Lisboa em 1649, não se conhecem outros dados acerca deste ignoto periódico a não ser o que nos diz A. X. da Silva Pereira nas suas obras. Terá existido tal periódico? Tudo leva a crer que sim, a julgar pela autoridade incontornável dos escritos daquele bibliógrafo, embora não se conheça cópia alguma em nenhum espólio consultado. Quem teriam sido os seus autores ou onde teria sido editado? De provável conteúdo panegírico de dedicatória a D. João IV e à causa da Restauração portuguesa e, segundo parece, focando temáticas mitológicas com forte conotação política: “Escrepto por auctor anonymo, em lingua hespanhola, e impresso em papel (almasso ordinário). Consiste o seu artigo de introdução em um elogio ao rei D. João IV por elle ter expulsado os castelhanos do dominio de Portugal. Numa engraçada allegoria representa o auctor o deus Apollo, monarcha do universo, recebendo o rei portuguez e felicitando-o por ter libertado os portuguezes do jugo despotico da Casa d’Austria. [...] Finalisa com tres sonetos encomiasticos offerecidos á Revolução de Portugal e uma poesia á morte de Miguel de Vasconcellos, a quem appella de *alcruz das tyrannias de Portugal*. Este folheto tem 164 paginas e parece-nos que o único publiciado. Que me conste existem só dois exemplares um pertence á Bibliotheca Nacional de Lisboa e o outro existe na copiosa livreria do Sr. Conselheiro Manoel d’Assumpção.” SILVA PEREIRA, A. X. – «*Gazeta do Parnaso Prologetica*», in *Diccionario Jornalístico Portuguez*, vol. I, pp. 47-47 – v.º.

¹³⁸ MAGALHÃES, José Calvet de – «A acção diplomática portuguesa no período da Restauração», in *Breve História Diplomática de Portugal*, 3.ª edição, «Coleção Saber», Publicações Europa-América, Mem Martins, 2000, cap. VIII, pp. 69-92.

¹³⁹ Neste sentido, consultar o papel das *Gazetas da Restauração* no contexto da sua época: BEBIANO, Rui – «Gazetas, panfletos e livros», in *A Pena de Marte. Escrita da guerra em Portugal e na Europa (séculos XVI-XVIII)*, Edições Minerva, Coimbra, 2000, cap. III, pp. 224-237.

ma científico português.¹⁴⁰ É bem notório que a História da imprensa periódica em Portugal é ainda uma área de estudos limitadamente desenvolvida, embora possuamos um conjunto de periódicos bastante rico e diversificado, assim como uma tradição periodista bastante profunda e enraizada no nosso meio cultural.

Uma evidência premente do interesse em desenvolver este estudo foi constatarmos que até a própria historiografia oficial desse período histórico [vide frei Francisco Brandão, p. ex.] se associou ao nascimento e desenvolvimento desses incipientes meios de comunicação, vulgarmente conhecidos como *gazetas*, *mercúrios*, *relações* e *almanaques*,¹⁴¹ entre outras designações. Aqui fez a classe dominante portuguesa veicular as suas opiniões e o retrato do quotidiano nacional e europeu por meio desses novos meios de comunicação – de todo esse universo ainda restrito, mas já amplamente multifacetado, as *Gazetas da Restauração* evidenciaram-se pela sua importância funcional e de combate ideológico. Hoje reclamam serem consideradas fontes históricas imprescindíveis para a compreensão do Portugal dos meados do século XVII e do registo das manifestações políticas, militares e sociais sucedida na Restauração de 1640.¹⁴²

Devido a ausência de estudos aprofundados e norteados na simbiose entre a imprensa, a administração régia, a instituição militar e a diplomacia no nosso meio cultural, a publicação das *Gazetas da Restauração* reveste-se da mais elevada importância. Será esta a razão de ser do presente esforço intelectual, em que as afinidades da investigação entre a História e as Ciências da Comunicação se constituem como um objectivo primordial para o bem da Cultura em Portugal.

¹⁴⁰ Desde os finais do século XIX que os intelectuais portugueses clamam por estudos especializados na História da imprensa periódica portuguesa. Por exemplo, ver *Os Reservados da Bibliotheca Publica de Evora. Catalogo Methodico...*, por António J. Lopes da Silva Júnior, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1905, pp. 215-216.

¹⁴¹ *Os sucessores de Zacuto. O almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, coordenação de Rosa Maria Galvão, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2002.

¹⁴² Compreenda-se a publicação das *Gazetas da Restauração* como uma iniciativa de primeira necessidade no contexto imediato da Restauração: “A primeira grande campanha empreendida no propósito de conquistar simpatias, aquém e além fronteiras, e consolidar a libertação do Estado português, foi a que mobilizou, com efeito, no campo das letras, autores já conhecidos e outros que vieram então a revelar-se. [...] O aparecimento da imprensa periódica é um indicador da importância da opinião como elemento político na situação nascida da Restauração.” CRUZ, António – «As classes e os problemas da sociedade portuguesa», in *História de Portugal*, direcção de José Hermano Saraiva, vol. V, Publicações Alfa, Lisboa, 1983, pp. 180-183.

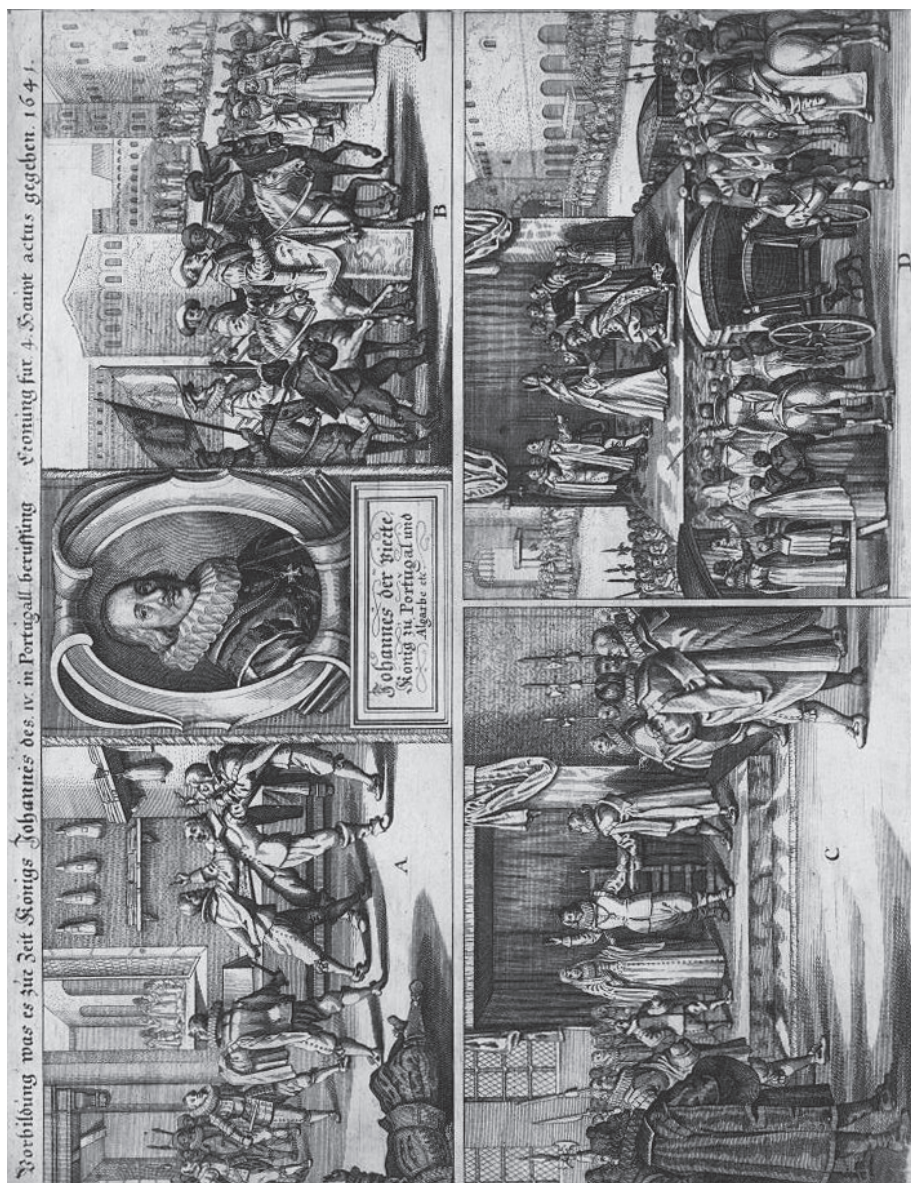
Estampas Históricas



D. João IV de Portugal. Gravura a água-forte e buril, aguarelada por Gabriel M. Rousseau, inserta na obra *Reys de Portugal*, 1736, [BNL].



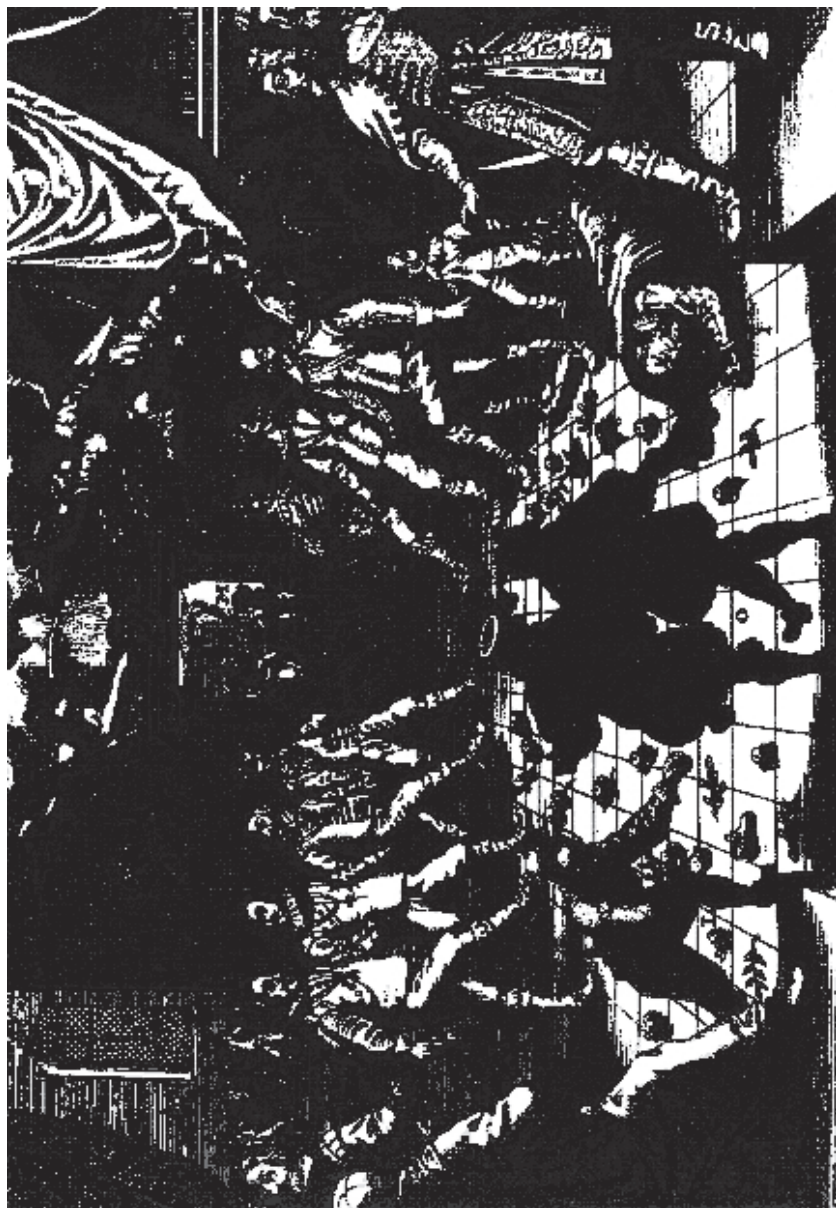
Representação alegórica da Lusitânia. Gravura incluída na obra *Anacephaleoses*, de António de Vasconcelos, Antuérpia, 1621 [BNL].



Johannes der vierte König zu Portugal und Algarbe etc. – os episódios da Restauração portuguesa numa gravura água-forte alemã, datada provavelmente de 1650 e de autoria desconhecida [BNL].



Carta da fronteira entre o Alentejo e a Estremadura espanhola. Obra atribuída a João Teixeira Albarnaz, 1644 [BNL].



Alegoria às relações diplomáticas europeias na década de 1640 – de um lado, dança Filipe IV de Espanha e os seus aliados; do outro lado, dançam os inimigos de Espanha, entre eles D. João IV de Portugal, de mão dada com o jovem Luís XIV de França. *Grob Europisch Kriegs Balet getantzet durch die Könige und Potentaten Fürsten und Respublicken auff dem Saal der betrübten Christenheit*, circa 1648 [BNL].

Algumas Indicações Gerais de Consulta

Devido ao volume considerável de informações de toda a ordem e naturezas díspares dispostas no seio das *Gazetas da Restauração*, optamos por não comentar detalhada e especificamente todo o seu imenso conteúdo. No entanto, houve uma preocupação em construir índices devidamente bem complementados e que pudessem fornecer as informações mais completas possíveis acerca de determinado pormenor histórico.

De modo a poder-se usufruir da correcta e proveitosa leitura das *Gazetas da Restauração*, decidimos elaborar toda a transcrição usando o tipo de letra "Agaramond"[®], com o intuito que todo este *corpus* histórico se assemelhe o mais fielmente ao cunho tipográfico original da publicação, idêntico em todas as casas impressoras, seja da Officina de Lourenço de Anvers e da Officina de Domingos Lopes Rosa, sem esquecer a Officina de António Álvares.

As medidas correntes do formato geral das *Gazetas da Restauração* são de 19 centímetros de altura por 13,5 centímetros de largura, em formato «in-quarto, variando alguns milímetros de número para número. Nos primeiros exemplares das *Gazetas da Restauração*, em que se poderá verificar um melhor arranjo gráfico da apresentação do texto principal e dos títulos das notícias, existem elaboradas letras capitulares e diversas vinhetas de decoração. Como se poderá verificar, só o primeiro número das *Gazetas da Restauração* possui um frontispício e, à medida que o tempo vai passando e aumentando o tráfego de notícias a publicar, far-se-á um maior aproveitamento da mancha tipográfica, bem patente na transcrição integral de documentos, das cartas oficiais, de tratados, etc., com os tipos de letra em itálico e num corpo textual deveras reduzido, fazendo-se um aproveitamento exaustivo do papel dos fólios. Também se poderá verificar esta disposição e opção textual, pois a nossa transcrição reduziu o tamanho do corpo de texto em um ou dois valores percentuais de modo a coincidir com o documento original e que, por sua vez,

também apresenta uma diminuição do cunho tipográfico de modo a permitir inserir todo o texto no fólio original respectivo.

As *Gazetas da Restauração* eram, por vezes, paginadas ao centro inferior da frente dos fólhos, mas nem sempre tal sucedia – na nossa transcrição, optamos por efectuar uma retirada de qualquer anotação ou paginação manuscrita da autoria do primitivo compilador ou compiladores.

Perante um conjunto monumental de nomes, de múltiplas instituições, de inúmeros acontecimentos, de extensos lugares e de outras tantas referências indiferenciadas, optamos por fazer duas grandes delimitações funcionais de «índices» – ou seja, dividimos as cerca de 4000 referências indexadas em «índice analítico» e «índice topónimo». Muitas das vezes, certas dúvidas ou lacunas na clarificação de nomes, de expressões ou determinados lugares poderão ser um ponto de partida para investigações particulares, dado que nem sempre tivemos possibilidades funcionais de tudo conseguir vislumbrar na documentação histórica, apesar de termos reunido todos os esforços possíveis ao nosso modesto alcance.

Tentamos inserir uma informação o mais completa possível acerca de cada indivíduo referenciado, incluindo em parênteses rectos um sucinta relação ou evolução dos seus postos militares, nobiliárquicos, eclesiásticos, honoríficos e administrativos, entre outros títulos. No que respeita aos índices toponímicos, e dado muitas das vezes a mesma localidade ser referenciada de modo diferente ou com a sua designação deturpada do nome original, mesmo para a época, optamos por apresentar o nome da localidade que consta no corpo do texto, mesmo nas suas variações textuais, fazendo inserir em parêntesis rectos o nome actual dessa localidade específica, de modo a permitir um melhor auxílio ao investigador e ao leitor.

Para que as *Gazetas da Restauração* possam apresentar uma ferramenta de estudo funcional e apresentarem-se academicamente correctas, foram elaboradas revisões e efectuadas diversas reformulações de acordo com vários parâmetros, nomeadamente a nível da indexação detalhada dos pormenores patentes no corpo do texto das *Gazetas da Restauração*.

Reiteramos novamente que foi elaborado um imenso esforço no sentido que esta transcrição respeitasse o mais fielmente possível a disposição do texto original. Embora todos os trabalhos sejam passíveis de uma crítica, defendemos que esta primeira versão integral *Gazetas da Restauração* poderá ser o início de outros trabalhos similares nestas áreas de estudo em Portugal.

Siglas e Abreviaturas

art. cit. – artigo citado;
cap. – capítulo;
cf. – confira;
cft. – confronto;
f.º – fôlio;
fl. – fascículo;
fs. – fôlios;
ft. – folhetim;
fts. – folhetins ;
ibid. – ibidem;
id. – idem;
liv. – livro;
ms. – manuscrito;
n.º - número;
n.ºs – números;
nt. – nota;
ob. cit. – obra citada;
op. cit. – opúsculo citado;
p. – página;
pp. – páginas;
ref.^a – referência ou referenciado;
s. d. – sem data identificada;
s. l. – sem local de edição identificado;
s. n. – sem nome de editor identificado;
ss. – seguintes;
tít. – título;

tm. – tomo;

v.º – verso;

vd. – vide;

vol. – volume;

vols. – volumes;

U. – mil, milhar;

ß – ss;

ŕ – que, quem, quê;

sic – sic

Corpo das Transcrições

**GAZETA,
EM QVE SE
RELATAM AS NOVAS
TODAS, QVE OVVE NESTA
CORTE, E QVE VIERAM DE
varias partes no mes de Nouem-
bro de 1641.**

[figura do brasão real joanino]

Com todas as licenças necessarias.

E priuilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Lourenço de Anueres.

f.º 1 – v.º

[fólio em branco]

[Letra capitular]ELEIIOV a armada de Olanda com huma esquadra da armada Real de Castella, em que vinhão muitas fragatas de Dúquerque: durou a pendencia mais de vinte, & quatro oras; foise a pique hum galeão dos Castelhanos, & ficarão alguns destroçados, & todos com muita gente morta. O Olandez com algum dano se retirou a este porto, donde està aguardando aque elRey nosso Senhor lhe de socorro para sair otra vez a atemorizar os portos de Andaluzia.

¶ O Conde da Castanheira, que estaua preso numa torre de Setuual pedio a elRey nosso Senhor que lhe mudasse a prizão por quãto estaua indisposto: & elRey nosso Senhor vsando de sua natural benignidade o mãdou trazer para o Castello de Lisboa.

¶ Num lugar da Beira se afirma que ouue hum homê, que ouuindo dizer numa cõuersação de amigos que na felice aclamação delRey nosso Senhor fizera o crucifixo da Sè o milagre, que a todos he notorio: disse que podia a caso a imagem do Senhor despregar o braço; & assim como acabou de dizer estas palauras cahio huma parede junto da qual estauão todos os da cõuersação, & sò a elle matou.

¶ Estando o galeão Santa Margarida para dar à vela disse o Piloto que não se atreuia a sair sem lhe daré mais gente do mar; inquietarãose os soldados, & foy necessário acodir o General Antonio Telles de Menezes, & alguns Senhores q̃ o acõpanharam na jornada de Cadiz & depois de tudo quieto prenderão tres soldados, que foraõ os cabeças, & a todos tres os enforcarão.

A

Luis/

¶ Luis de Abreu que estaua, preso por cumplice na conjuração, que se fez contra a pessoa Real prouou sua innocencia, & sahio liure.

¶ O Conde de Alba de Liste, & o Marques de Alcanises aos 10 de Outubro entrarão pella villa de Ifanes, & Malhadas com dous mil homens com animo de toma é as muniçoens, & a artelharia, que desta corte se mandaua para a cidade de Miranda porem os nossos lhe prêderam junto à villa das duas Igrejas (por donde a comboi hauia de passar huma hespia que lhe hauia dado o aluitre) & lhes vinha ensinando o caminho, & com a sua prizaõ mudaraõ de intento, & se foraõ: logo: chegou o train ao lugar das duas Igrejas dõde cõ grade preça se recolheo, & se pôs em cobro fizeraõ os inimigos na retirada algũ dano: porem Ruy de Figueiredo de Alarcão Fronteiro mor de Traslosmontes, & Pero de Mello capitão mor, & superintendente das armas na cidade de Miranda juntarão 3000: infantes, & com caualllos, & com dous mil infantes mais que lhes mandou Francisco de Sampayo Frõteiro mor da Torre de Mõcoruo, de que era cabo Domingos de Andrade Correa foraõ a Brandilanes sinco legoas de Miranda, donde o inimiguo estaua feito forte, & despois de duas horas de batalha ganharaõ a trincheira, é q̃ mataraõ 70. homês, & os demais se retirarão a huma Igreja, donde resistiraõ atè q̃ os nossos puseraõ fogo a hum barril de poluora, para q̃ elles cuidassẽm que os queriaõ queimar, & se entregassẽ. O que fizerão, mas ficarão mortos quatrocẽtos, entre os quais morreo Dõ Inigo de Balãdria gouernador da caualleria. Saquearão os nossos do lugar, & vic: ao victoriosos cõ mais de 300 armas de

fogo/

fogo, muyto fato, grãde numero de gado, & outros muitos despojos; da nossa parte morrerão sete, ou oito homens.

¶ Despachou elRey nosso Senhor ao Conde da Vidigueira por embaixador de França para assistir na corte de Paris.

¶ Dom Antão de Almada (que foy por Embaixador extraordinario a Inglaterra, fica assistête para tratar dos negocios do Reyno.

¶ Veio Frei Dinis de Alencastre, a quem elRey nosso Senhor hauia mandado às partes do Norte: & não se sabe a que foy mas presume-se que effeituou tudo com a felicidade, que se esperaua de hum sogeito, em quẽ concorrẽ tão soberana qualidade, & partes tão superiores.

¶ O general Martim Affonso de Mello (sãbêdo que o inimigo estaua em Valuerde preuenindose para dar ê Oliuença) juntou do terço de Dom João da Costa, de Aires de Saldanha, & de todas as fronteiras do Alentejo 3000. & tantos homens, & a 27. de Outubro sahio da cidade de Eluas ao dia seguinte pella menham, chegou a Valuerde com a infantaria repartida em tres esquadroens, & quinze mangas volantes, & a cauallaria é sete tropas. Foi visto dos inimigos: acudirão todos a defêça: preueniraõse os nossos para o asalto; enuestirão, & ganharão logo a primeira, & a segunda trincheira; & arrimando escadas entrarão na villa, na qual não hauia rua, que não defendesse a entrada com huma pessa de artelharía porem os nossos romperão, & alhanarão tudo, & los inimigos se ritirarão a huma Igreja, ao pê da qual hauia hũ reducto, donde se defenderão valerosamente, & estando já os nossos ao pê da terceira trincheira, & o lugar quasi

A2

rendido, /

f.º 3 – v.º

rendido, ouue da nossa parte quem gritou que se retirassem, & cuidando todos que era ordem o General obedecerão, & cessou o destroço, que foy tão grande q̃ não ficou em todo o lugar casa alguma que os soldados não saqueassem, & o que não podiaõ trazer ou o despedaçauão, ou lhe punhaõ o fogo. Tornaraõ em fim para Eluas alegres cõ a vitoria, & deixaraõ na villa mortos mais de 400. Castelhanos entre os quaes morreo o Commissário da Caualleria: trouxerão 55. prisioneiros, tomaraõ 3. bādeiras: & otros muitos despojos; da nossa parte morreraõ pouco mais de 30. homens & os conhecidos foraõ o Commissario da Cauallaria, o Capitam Ieronimo de Castro, o capitão João de Seixas, o Tenente de João de Saldanha capitão de cauallos.

¶ Veio noua que estauão os Galegos mui atemorizados depois que lhes desfizeraõ os reductos; tomarãolhe os nossos algumas armas, & muniçoens mataraõlhe, & catiuarãolhe alguma gente.

¶ Onze homens de Castro Lobeiro que estauaõ na trincheira viraõ no campo doze caualleiros castelhanos os quais vinhaõ a reconhecer, & deraõlhes huma carga cõ que mataraõ sete, & catiuraraõ os mais, & lhe tomaraõ as armas, & os cauallos, e os mandaraõ presos a Valença. Vinhaõ atras destes caualleiros trezentos infantes, & sē saberem do que lhes hauia socedido acometeraõ a trincheira: mas os onze mosqueteiros lhes deraõ duas cargas com que mataraõ alguns, & os mais fugiraõ, & não foraõ tão poucos os mortos, & os catiuos, que não fossē por todos 31. & dos nossos ninguem perigou.

¶ Em Caminha se tomaraõ tres barcos de Galegos, dõ-de/

de se matou alguma gente, & outra se catiuou.

¶ Fez elRey nosso Senhor merce do Priorado do Crato ao Illustrissimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano.

¶ Prenderaõ hum frade Beguino estrangeiro, & dizem que veio a esta cidade por espia.

¶ Estão nomeados por Mestres de campo Christouam de Mello filho do Monteiro mor do Reyno, & Dom Sacho Manoel.

¶ Publicouse o subsidio Ecclesiastico.

¶ Abriose o comercio de Moscobia, & ja veio huma nao com mercadorias, & ficauão muitas para vir.

¶ Dizem que estão quinze mil Francezes sobre Fonte Rabia.

¶ Chegou a este porto huma carauella, que vinha das Indias com auizo, & os nossos a tomaraõ nas ilhas. Tras vinte mil crusados em patacas.

¶ Está eleito capitão de caualllos Dom Nuno Mascarenhas filho de Dom Antonio Mascarenhas.

¶ Chegou hum nauio que faltaua da esquadra de Rui de Brito: o qual hauia ido no alcance de huma nao de Turcos, & se presumia que estaua perdido.

¶ Elegeo elRey nosso Senhor a Tristão de Mendoça por General, & não se sabe ainda para onde vai; he seu Almirante o capitam Francisco Duarte.

¶ O Padre Ioaõ de Matos, Reitor que foy da companhia em Euora, agora assistente da mesma Companhia em Roma escreueo que o summo Pontifice esperaua cõ grande aluoroço pello Bispo Embaixador de Portugal a pesar das instancias que o de Castella fazia por lhe es

toruar a entrada.

¶ Veio Francisco de Sousa Coitinho, que auia ido por embaixador delRey nosso Senhor ao Reyno de Suecia; foi là recebido com grandissimo aplauso: deixou as pazes cõfirmadas; & trouxe tres naos de guerra de mais de 30. peças de bronze cada huma com hum fidalgo, o qual vem a este Reyno de parte da Rainha de Suecia para assistir nesta corte, & ja falou a elRey nosso Senhor: trouxe muita artelharia de bronze, grandissimo numero de corpos de armas, mosquetes, & crauinas, 30. mastros grandes: huma embarcação carregada de poluora, & alguns caualllos. Deulhe a Rainha huma cadea de ouro, que pesa 330000. huma joya de diamantes com o seu retrato, & a todos os que foraõ em sua companhia mandou dar huma cadea de ouro, & escreueo a elRey nosso Senhor dādolhe os parabens da Restauração do seu Reino, & assegurandolhe que com tudo o que pode, & com a propria vida se empregará sempre em seu seruiço, & vltimamente lhe dà sua palavra de que não fará nunca pazes com o Emperador, & que sendo caso que as faça será a primeira condição, que elle dará a liberdade ao Senhor Dom Duarte.

¶ O Conde de Bocoí mandou prender hum soldado Frances da companhia de Monsiur Baron: tiueraõ âbos hum encontro sobre a prizão, de que o Monsiur Baron sahio com alguma desconfiança, & ao dia seguinte pella menham foy a casa do Conde de Bocoí, & depois de almorçar com elle, lhe disse, que se pusesse a cauallo que havião de ir ambos a desafio: aceitou o Conde, & logo se foraõ ambos cada hum com seu padrinho a câpo lide

& tanto/

& tanto que chegaraõ se deceraõ todos quatro dos cauallos: & se tirarão as capas, rouperas & gipoins, & assim os desafiados como os padrinhos se inuistiraõ com valor igual, & no primeiro encontro se feriraõ todos, & o Monsiur Baron cahio logo morto com o que se acabou a pendencia. O Conde de Bocoí veio muito mal ferido & temesse que morra.

Nouas de fora do Reino.

[Letra capitular]POR via da Olanda foy a França hũa carta de hũ Portugues, que assiste nas Indias de Castella, & de França veio a esta cidade, a qual diz que he partida ãfrota cõ algumas naos de guerra, mas estauão os castelhanos temerosos de que lhe saíssem ao encontro os inimigos de Espanha, por quanto hauia noua que Pede pao General da armada de Olanda saira de Pernaobuco em companhia de huma esquadra de Portuguezes, que andaua nos mares do Brasil, & se fora na volta da Bermuda.

¶ A armada Real de Castella anda diuidida em duas esquadras huma no cabo de São Vicente, otra na barra de Cadis esperando a frota. He general o Duque de Maqueda.

¶ Em Madrid apertaõ com os Portuguezes, & estam presos alguns por se quererem vir para Portugal.

¶ O Bispo de Lamego, que foy por Embaixador ao Summo Pontífice, dizem que ficaua junto a Marcelha, para da lli passar a Roma.

¶ O Principe de Conde esta sobre Perpinham, & o tẽ posto em tão grande aperto que dizem que sem duui-

A5

da/

da se lhe entregara.

¶ Monsiur de la Mota anda cõ hũ exercito poderosisimo à vista de Aragaõ, & tem saqueado alguns lugares.

¶ De Genoua, & de Veneza se diz que foy là bem recebida a deliberação da nobreza de Portugal; & que se resolve que não se dará socorro contra elRey Dom Felipe mas que serâ admitido o Embaixador delRey Dom Ioaõ o quarto.

¶ A armada do Bispo de Bordeus se reforma; & se presume que vem outra vez sobre Tarragona.

¶ O Papa leuanta gente na terra da Igreja, não se sabe para que.

¶ ElRey de Inglaterra faz grandes leuas em seus Reynos, & dizem que quer restaurar o Palatinado.

¶ Dizem que estão quinze mil Francezes sobre Fonte Rabia.

¶ Por pessoa, que veio de Cadiz, & por carta de Castro Marinho, se soube que a Armada da Olanda fizera grandissimo destroço na armada de Castella, & que se recolhera com dous galeoens, perdidos, & muitos sem mastros, & passados das balas, & grandíssimo numero de gente morta.

[figura ou timbre tipográfico]

[Letra capitular] Esta Gazeta está conforme com seu original. Em S. Domingos de Lisboa 3. de Dezembro de 641.

O Mestre Fr. Ignacio Galuaõ.

[Letra capitular] Visto estar conforme com o Original pode correr esta Gazeta. Lisboa 3. de Dezembro de 1641.

Fr. Ioão Vasconcellos.

Pero da Silva.

Francisco Cardozo de Torneo.

Sebastião Cesar.

Taxasse esta Gazeta em seis reis. em Lisboa 5. de Dezembro de 1641.

Antonio Coelho de Carualho.

f.º 6 – v.º

[fólio em branco]

**GAZETA
DO MES DE
DEZEMBRO
de 1641.**

[Letra capitular] Domingo, o primeiro dia do venturoso mes, em que Deos nosso Senhor pôs seus olhos de misericordia no miserauel estado de Portugal, & foi seruido de o restituir a seu legitimo successor, o Serenissimo Rey D. IOAM o IV (despois de huma agradauel pompa de luminarias, com que esta muy nobre, & sempre leal Cidade de Lisboa celebrou ao sabado à noite, a vespóra da felice restauração deste Reyno) sahio da Igreja da Sé, às tres horas da tarde, huma procissão de graças. Foi nella o Illustrissimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano, com hua reliquia do santo Lenho, & diante aquelle sagrado Crucifixo, que (para dar animo aos zelosos da patria) despregou hum braço á porta do glorioso Padre S. Antonio; com todo o Clero, as Religioens, Confrarias, & bandeiras, que costumão ir na procissão do Corpo de Deos da Cidade. ElRey nosso Senhor sahio do Paço a caualllo, com a nobreza do Reyno, & todo o acompanhamento Real. Occupaua já a procissão algumas ruas, & era tão grande o concurso da gete, q̃ se não sabe atè oje igual nesta Cidade, te auer em toda ella hua pêqna inquietação, e não obstâte, q̃ todos os soldados da guarda, e as justiças hiaõ diãte desēbaraçado o caminho não foi possiuel ir elRey N. S. apear-se á porta principal, dōde lhe auiaõ posto a tarima, & atalhando por hua traueça,

A

deixou/

deixou a mayor parte do vistoso acompanhamento, & pella rua, q̃ vê de S. Ioaõ da Praça para a Sè foi apearse aos degraos da parte esquerda do adro. Entrou na Igreja: fez oração, & veyo pella porta principal, detrás da procissão, q̃ auia grandissimo espaço que estaua ordenada, esperado por sua Real pessoa. Não vio o Sol em quantos milhares de annos ha que rodea a maquina do mundo, mais gala, aparato igual, mayor grandeza, nem tantas demonstraçoens de alegria em todos os triunfos, que a fama soleniza. Moueuse aquella galharda tropa. Começarão a cantar os musicos da Capella Real, & sem duuida não haueria coração, que não suspendessem com a melodia de seu canto, se os. *Viuas.* que o pouo daua a elRey nosso Senhor, não embaraçarão os ouuidos, reduzindo tudo a hũa suauissima confusão. Houue muitos homens velhos, que admirados do intimo affeito, com que o pouo acclamaua a Sua Magestade, considerarão, que na entrada delRey Felipe o Segundo, & de seu filho elRey Felipe o Terceiro (posto que neste Reyno lhes fizerão grandes festas) não houuera nunca em nenhum acto publico pessoa algũa, que lhes desse hum *Viua.* circunstancia digna de grande reparo. ElRey nosso Senhor em agradecimento deste peregrino aplauso (para que o pouo o visse deuagar) parou no meyo das escadas, & deteu-se hum largo espaço falando com o Conde de Cantanhede. Veyo finalmente a procissão percorrendo por donde vay a do Corpo de Deos da Cidade, & chegando ao poço do chão subio pello Chiado, & recolheu-se no Conuento de Nossa Senhora do Monte do Carmo; dõde elRey nosso Senhor fez oração ao Sanctissimo Sacramento, que estaua exposto, & depois de registrar com os olhos a grande copia de

gente, /

gente, q̃ assistio na Igreja, sahio, & posto a cauallo veyo outra vez ao Paço cõ todos os senhores, q̃ o acompanhauão. Neste dia estiuerão as ruas, por dõde passou a procissão, adornadas de tudo quãto para a vista humana ha apraziuel. No meyo da rua noua hũ homẽ particular fez hũa maquina de bolantes no âr, q̃ tomava a rua de lado a lado. Pedia della hũa Cruz muito grade brana, & perfilada de oiro cõ muitos Serafins de cera, & com hũa letra, q̃ dizia, *In hoc signo vinces*. E no meyo da nuue. *Ioannes nomen eius*. Ao pé della voauão dois Anjos de cera, os quais tinhão nas mãos as armas de Portugal. No Chiado auia hũ paço de figuras de cera, fabricado por outro homem particular, o qual representaua a paz, q̃ o Christianissimo Rey de Frãça fez cõ o Sereníssimo Rey D. IOAM o IV. nosso Senhor, cujas armas o Ceo prospere, & em cujo fauor se arme o braço diuino, para q̃ alcance tantas vitorias, q̃ igualé às do grande defensor da pátria o santo Conde D. Nuno Aluares Pereira. Hauia de pregar o Reuerendo Padre Fr. Martinho Monis, & elRey nosso Senhor, porque não se mallograsse o Sermão, lhe mandou, que o imprimisse.

¶ Sairão de Campo mayor duas companhias de cauallo, forão atreueçando os campos do Guadiana por atalhos, & sempre fora do caminho Real, & meteraõse tanto pella terra dentro; que chegarão â villa de Talaueruela, tres leguas alem da cidade de Badajòs. Não acharão embaraço nenhum em todo aquelle destrito, & forão discorrendo por huma, & outra parte, levando diante de sy o gado, os pastores, os caminhantes, & tudo quanto podiaõ conduzir. Vinhão ja entrando com grande copia de gado, & alguns prisioneiros, quando lhes sairão ao encontro mais de trezentos Castelhanos de cauallo, que acodia

rão de Montijo, de la Puebla, de Vilhar del Rey, & de outros lugares circunvisinhos. Puseraõse com igual deliberação; huns, & outros em som de guerra. Trauouse a escaramuça, & fugirão os prisioneiros; & o gado, com que os nossos se vinhão retirando. No primeiro encontro nos matarão sinco homens, cujas mortes forão muy sentidas por serem caualleiros, que em muitas occasioens se hauiaõ singularizado. Chegou Ayres de Saldanha de socorro com o seu terço, & deu huma carga, com que fez, que o inimigo logo se retirasse, & lhe matou muitos homens, entre os quais dizem, que morreo o Marques de Mala Espina, irmão de huma dama da Duquesa de Mátua, que se chama Dona Caterina de Mala Espina, & hum fidalgo caualleiro da Ordem de Sam Ioaõ. O Alferes do Capitão de cauалlos Ioaõ de Saldanha, sahio com tres feridas, & os inimigos o deixarão no campo por morto, & o despojarão do vestido, mas acabada a batalha, da mesma maneira, que estaua, se ergueo, & veyo para Campo mayor.

¶ Entrarão tres naos de França, que sairão do porto de Samalo, & trouxerão mercadorias, armas, & gente de guerra, que vem a servir a elRey nosso Senhor.

¶ Acabouse de imprimir o liuro intitulado, *Summa Vniuersæ Philosophiæ*, composto pello Padre Balthazar Telles da Companhia de IESV: obra muy desejada, & que incluye, com grande erudição, tudo o que ha na Philosophia.

¶ Veyo da Ilha de Saõ Miguel auiso, de que hũa esquadra de nauios nossos, que anda segurado os portos da Ilha Terceira, tomàra huma nao de guerra Castelhana, que leuaua para a Fortaleza trezentos homens de socorro, com

muita/

muita poluora, munições, armas, mantimentos, & outros petrechos de guerra, & q os da fortaleza hauiaõ gastado a mayor parte da munição, & que estaõ hoje taõ faltos de mantimentos, que por razão do biscoito ser podre, lhes deu o mal de loanda, & que hiaõ morrendo huns de fome, & outros de doença, de modo que já não hauia mais que 150. homens.

¶ Vieraõ das fronteiras de Alentejo, & da Beira muitos Galegos, & Castelhanos prisioneiros.

¶ Dois fidalgos Moiros, dos mais valerosos, & dos q mais renome alcançarão pellas armas nos câpos de Africa, vieraõ hũa noite bater às portas de Mazagaõ, no mesmo tẽpo, em que a aquellas partes chegou a noua da felice acclamação delRey nosso Senhor, & despois que tiuerão saluo cõduto, entrarão, & pediraõ agua do Bautismo; & preguntandolhe o Sacerdote, como se queriaõ chamar, hum respondeo, que Ioão, & outro, que Duarte.

¶ Foy Sua Magestade visitar os Almazens, & a Armada Real.

¶ D. Fernando Telles de Faro está despachado por Capitão môr da villa de Campo Mayor.

¶ Morreo o Conde de Odemira.

¶ Da Cidade de Eluas fugio hum estrangeiro soldado de caualllo, foraõ no seu alcance, & colheraono escondido num mato, perto do caminho de Badajôs, trouxeraõno outra vez para o corpo de guarda, & em continente o enforcaraõ.

¶ Nas fronteiras de Tras os montes entráraõ algũas tropas de cauallaria Castelhana, & muitas de mosqueteiros: hiaõ marchando sem que lhes escapasse caminhante, ou pastor, q não rendessẽ gado, em q não fizesse presa,

nem lugar, que não saqueassem. Inquietarãose todas as terras circunuezinhas, atè q̃ chegou o clamor às nossas praças de armas, & de improuisso se juntarão cõpanhias de varias partes, & forão buscar os inimigos, & derão nelles junto ao lugar da Bemposta. Houue hũa pedência muy rinhida de parte a parte; mas os Castelhanos, depois de lhes custar a batalha grande copia de vidas, deixarão a presa, & se retirarão com muita descomposição.

¶ Fez elRey nosso Senhor merce de mandar ao General da armada de Olãda hũa cadea de ouro, & hũ anel de diamãtes. Ao Almirante outra cadea, & outro anel de igual valor, & do mesmo feitio. E a cada hum dos Capitaes (q̃ erão dezoito) sua cadea de ouro.

¶ Enuergonhados os Castelhanos da ousadia, cõ q̃ os nossos entrarão pellas suas terras; quando forão à villa de Talaueruela; sairão ao capo, & vierão marchãdo a Portugal, atè q̃ chegarão à vista de Capo mayor. Rodearão a villa, como q̃ queriaõ entrar, ou pello menos fazer algua presa; porẽ sairaõlhe quarenta homens de cauallo, da gête do lugar, & peleijarão valerosamente cõ eles: mas, como o partido era desigual, matarão dos quarêta dezasete, & os vinte, & tres, q̃ ficarão, forão continuãdo a batalha cõ bizarro coração, atè q̃ os socorreo o Terço dos Olãdezes, q̃ a não ser isto sem duuida perderiaõ alli todos a vida, porq̃ os inimigos erão muitos mais, mas logo se retirarão, deixãdo no campo algũs mortos, & feridos.

¶ Morreo o Padre Diogo de Areda, aquelle raro Prégador da Companhia: causou geral sentimêto a sua morte pello muito que perderão os pulpitos de Portugal.

¶ O Padre Ignacio Mascarenhas, por faltar o Prégador na festa de S. Frãscisco Xauier, prègou de repête, &, fez hu Ser-

mão, /

mão q̃ agradou cō notauel encarêcimeto, e pellos ouuintes de maior voto foi çelebrado, e attribuido a fauor do São.

¶ Em Castro Lebroreiro tiuerão os nossos auiso, de q̃ nẽ lugar de Galiza se fazia hũa feira de gado: sairão ao capo 300. homês; & emboscados detràs de hũs motes esperarão q̃ os da feira se juntassem, & deraõ de improuiso nelles, & depois de matarẽ sete, catiuarem oito, & fazerem fugir todos, & despejar o lugar; trouxerão o gado, que erão mais de 540. cabeças, & tornarão com estes despojos para a villa, de dõde auiaõ saido, sem perderem mais que hum homem.

¶ Foi hũ nauio do Brazil leuado de hũa rigurosa tepêstade a demandar o porto de Caminha, & ao entrar apertou cō elle o vento de maneira q̃ foi descaindo para à parte de Galiza, junto à villa da Guarda; & depois de se rêder ao impeto das ondas, encalhou taõ perto da Fortaleza, & dos reductos dos Gallegos, q̃ lhe atirarão quatorze peças, e lhe dispararão mil, & tantos mosquetes, sê lhe fazerẽ outro dano mais q̃ rōperêlhe as vellas. Os nossos de Caminha vendoo em taõ grande aperto atirarão à fortaleza 24. peças, & a descortinarão toda pella parte do rio, & metendolhe algũs pelouros pellas torneiras lhe descaluagarão muitas peças; & foi taõ grande o destroço, q̃ lhe fizerão, q̃ depois em 24. horas não atirou senão sò duas peças; pello q̃ os nossos entendendo q̃ estaua jã desmantelada, & com muita gente morta, se meterão em barcos, & foraõ a bordo do nauio, & cō muita preça o descarregarão até q̃ nadou, & o trouxerã para dentro do porto, & affirmase, que lhe acharão setecêtas & tantas balas de artilheria, & de mosquetes.

¶ Deraõ os Castelhanos ã algũa gente nossa, que de varias partes acudia à feira de Estremòs: & sahiolhes ao encôtro D. Rodrigo de Castro Capitão de cauallos, & os acometeo

A4

com/

com tam grande valor, que lhes tirou das mãos algũs prisioneiros, & os fez desocupar a campanha.

¶ Veyo hũa nao de Inglaterra cõ cêto, & tantos soldados Portugueses, hũs q̃ de Ceilaõ foraõ prisioneiros a Olãda, e outros, q̃ se sairão dos presidios de Frandes. Vê mais algũs Monsiures a servir a el Rey nosso Senhor nestas guerras, cujos nomes são estes. Isban Stercan, Antonio Montagú, Mathia Vicent, Carlo Lui, Petro Noël, Carlo Rosmon, Iuan Peti, Petro Baròn, Saõ Moris, Bastian Gian. Frãcisco de Cãp. Iuan Arnul. Antonio Alange, Iuan Roi. Saõ Lò. Jerónimo de la Torre. Jacobo Iaques. Noel de Ribera.

¶ O Conde de Castanheira, o Cõde de ValdeReys, & Gõçalo Pires de Carualho estaõ já em suas casas.

¶ Da Bahia veyo noua, q̃ os Olandezes, cõ hũa esquadra auia ido a Angola: porẽ o General da armada de Olanda, q̃ assiste nesta cidade, affirma, q̃ os Estados lhes não deuiã dar tal ordem, & que tanto que chegar a sua noticia, lhes mandarã, que despejẽ a praça.

¶ A S. Thome chegou noua deste successo por dois barcos de Angola: & o Gouvernador Manoel Quaresma Carneiro (como soldado velho, & de tanta experiẽcia) despejou logo a cidade de toda a gente inhabil para a guerra, entrincheirouse; repartio a infantaria; preparou a fortaleza de tudo o q̃ lhe era necessario, & esperou cõ grande valor. Neste mesmo tẽpo foi a aquelle porto desgarrada hũa nao de Castelhanos cõ 24. peças, & muita infantaria, a qual sahio de Cadis para a India Oriental. Arribaraõ sobre ella duas naos, q̃ alli estauão, hũa de França, outra de Portugal, & enuestiraõna por hũ, & outro bordo, dizendolhe a Frãcesa q̃ amainasse por elRey de França, & a Portuguesa por elRey de Portugal: ella se preparou para a defensiva, e as duas

a co/

a começáráo a canhonear, até q̃ a metêrao a pique; mas aproueitáraõse de tudo quanto leuava, principalmente da artelharia, q̃ com ella guarneceo o Gouernador os baluartes das trincheiras.

¶ O Dũq de Medina Sidonia veyo ao campo de Maruaõ com oito cõpanhias de cauallo, & depois de passear, botando maõcheas de terra para o ar, & quebrando ramos diante de quatro notarios, q̃ dauaõ fé de tudo, se retirou sê aguardar, q̃ chegasse o General Martim Affonso de Mello, o qual auia saído da cidade de Eluas, & hia marchádo para aquelle sitio sò com animo de se encontrar cõ elle, & o seguio com tanto feruor, q̃ ainda lhe alcançou dois criados, & os trouxe prisioneiros. Huns dizem, que estas ceremonias forão de desafio, outros, que de posse.

¶ ElRey nosso Senhor fez merce ao Marques de Ferreira do cargo de Mordomo mòr da Raynha nossa Senhora, que vagou por morte do Conde de Odemira.

Nouas de fora do Reyno.

[Letra capitular] A Armada, q̃ o Christianissimo Rey de Frãça mãdou a este Reyno do socorro, se retirou a varios portos de Bretanha, por causa de hum temporal: & o General com tres naos entrou na Rochella, & indo dalli por terra para a sua patria, encontrou no caminho tres correos, q̃ o Christianissimo lhe mandaua, com ordê de voltar a aprestar a armada toda com dez nauios mais: & dizê, que para tornar a esta cidade, & que partiria por todo Ianeiro.

¶ O Marques de Ayamonte (a quem el Rey Felipe mãdou prender na mesma torre, em q̃ esteue D. Rodrigo Calderõ) està cõ muitas guardas ê grãdissimo aperto. Algũs homẽs, q̃ vierão de Madrid duuidão disto: mas todos os q̃ vẽ

de Castro/

Castro Marinho, & de Mèrtola, asseguraõ que là he cousa publica, & que se sabe por via de Ayamonte.

¶ O Mariscal de Bresè, pai do Marques de Bresè, q̃ veyo a este porto o veraõ passado por General da armada de França, està em Catalunha com hum poderoso exercito, & agora tem sitiado a Tarragona.

¶ O Infante Cardeal estaua com vinte sinco mil, e quinhentos infantes, e tres mil cauallos sobre Airien hũa praça fortissima no Paiz de Artoes, q̃ o Christianissimo Rey de França ganhou a el Rey Felipe) quando lhe deu hũa doêça, & lhe foi necessario retirar-se a Gante, donde morreo, & deixou ordenado, q̃ atè elRey Felipe mandar noua ordê gournassem o Arcebispo de Malinas, D. Francisco de Melo, o Marques de Valada, o Cõde de la Fontana, Andre Câtelmo, e o Presidente Rosa. Cõ sua morte ha grandes alteraçõs nos Paizes, & não tomàraõ bem dizerse, que os hia a gouernar o Archiduque Leopoldo, & se querem fazer Republica.

¶ De Cadiz sairaõ tres naos com dois milhoês & seiscentos mil cruzados, metade para Frandes, & outra metade para Londres, & entràraõ pello Canal de Inglaterra cõ vento prospero; mas tanto q̃ chegàraõ ao cabo de Cronalhi se leuantou hũa tormenta, & taõ rigurosa, q̃ hũa dellas se foi a pique, & era a q̃ leuaua a mayor parte do dinheiro. não se saluaraõ mais que dezasete pessoas.

¶ O Conde de Torlon (q̃ he hũ hidalgo Italiano, que està na fronteira de Ayamonte, seruindo pella Coroa de Castella) arcabuzeou a hũs soldados por fugirem do alojamêto; la) pizem que hum delles era Tenente.

& O Bispo de Lamego que foi por Embaixador ao Sũmo Pontifice, està ja em Roma, e foi recebido cõ grandissimo aplauso.

A Ray-/

¶ A Raynha de Suecia, sabendo que Picolomi estaua sobre hũa fronteira do seu Reyno, cõ hũ grande exercito do Emperador de Alemanha, applicou o poder todo a aquella parte, & ambos os esquadroẽs se acometêraõ cõ igual valor: durou a batalha quasi hũ dia todo, e foi hũ dia todo, e foi hũa das mais sanguinolentas, q̃ houue nas partes Septétrionais. Retirou-se o Picolomi, porẽ matou quatro mil, e tãtos Suecos. Dahi a poucos dias se reformou o exercito da Raynha, e foi marchando ate donde estaua fortificado o Picolomi, e matou.lhe sete mil, e tantos homens.

¶ Por via de não Ingreza, q̃ agora veyo cõ os soldados da India, e de Frandes, se sabe o que passaraõ os Embaixadores de Inglaterra em todo o tẽpo, q̃ ha, q̃ daqui sairaõ; e he o seguinte. Na enseada de Biscaya escapàraõ milagrosamente de hũ incendio: e foi, que hũ marinheiro, por descuido, deixou hũa candeia acesa sobre hũ quarto de azeite, e pegou nelle de tal maneira o fogo, q̃ ja estaua perto do payol da poluora, mas quis Deos q̃ acudiraõ, e cõ grande presteza o apagaraõ: que a não ser isso, a ruina era infalliuel. Dahi a dous dias naquella mesma paragem lhes deu hũa tormenta, q̃ durou 40. horas, quebroulhes o goropez e todo o circuito da popa por hũa, e outra parte, e estiuerã quasi sumergidos. Entrando jà pello canal á vista de Inglaterra, lhes sairaõ sete fragatas de Dunquerque, as quais foraõ dando cassa à sua nao, cõ tanto impeto, q̃ botàraõ a artelharia toda fora, e se preueniraõ para a peleja: porem ouueraõ vista de terra, e meteraõse no porto de Falmû, dõde estauaõ quatro naos Olandezas cõ 40. peças de brõze, e 400. mosqueteiros cada hũa, e tanto q̃ ouueraõ vista das fragatas issaraõ de gauia, e arribaraõ sobre ellas, & as canhonearaõ mais de tres horas atẽ q̃ renderã hũa, e cõ ella
se re-/

se retirarão vitoriosos para Falmú, & as seis fugirão destroçadas. Mandarão os Capitaes Oládezes dar a boa chegada aos Embaixadores com hũ presente de peixe, & de muitas outras comidas de refresco. Deste porto de Falmù forão os Embaixadores por terra ate a cidade de Ecita, q̃ está 40. legoas de Londres: & aquo tiuerão auiso de como D. Balthezar de Soria, Regête da embaixada de Castella, q̃ ficou em lugar do Marques de Valada, fizera grades amoestações ao Parlamento, em ordẽ, a q̃ não admitisse a embaixada delRey de Portugal nosso Senhor; & porq̃ defendendo sua causa dizia muitas cousas cõtra a verdade, despacharão os Embaixadores a toda diligencia o Secretario da embaixada Antonio de Sousa Macedo, o qual entrou em Lõdres: & depois de dar noticia, de como os Embaixadores erão chegados, offereceo ao Parlamento hum manifesto do direito, que elRey nosso Senhor tẽ neste seu Reyno (de q̃ goze infinitos annos) & de sua Real decendencia. Remeteuse aos mais doutos do Parlamento, os quais tanto que o lerão assentarão, *nemine diserepante*: q̃ os Embaixadores de Portugal fossẽ admitidos, & entrassem cõ a mesma popa, que os dos mais Monarcas de Europa. Logo alcançada a licẽça, cõ aluoroço, & festa vniuersal entrarão na Corte de Londres, acõpanhados de quarenta, & tantos coches, em que vinhão todos os Caualleiros da Garrotea, & todos os Senhores titulares. Forão aposentados nẽ quarto Real, donde estiuerão tres dias, & logo tiuerão entrada no Paço: & depois de beijarẽ a mão a elRey propuserão a embaixada em publico na mesma sala, que serue das audiencias. Forão aplaudidos de todos os circũstãtes, & delRey tão benignamente ouuidos, que não sò cõ grades demonstraões de alegria lhes significou o gosto, que

tiue-/

tiuera da felice acclamação del Rey nosso Senhor; mas tambem lhes assegurou, que viria em tudo o que na embaixada lhe propunhão, & que jãmais faltaria ao Reyno de Portugal naquillo, que fosse em sua mão, logo lhes nomeou por Comissarios da embaixada ao Conde de Pembrot, ao Conde de Arandel, ao Duque de Linot, ao Marquez de Lile, & ao Secretario de Estado. Propondo as condiçoens das pazes, & tratando de as confirmar gastâraõ muitos dias, atè que o Parlamento assentou, que se concedesse tudo da mesma maneira, que os Embaixadores auiaõ proposto. E não faltaua mais que confirmaremse as capitulaçoens; quando veyo de Olanda auiso da liança, q̃ os Estados auiaõ feito cõ elRey nosso Senhor; & se deuulgou a noua da alteração de Escocia de modo, que os negocios todos se suspenderão, & houue hũa gèral perturbação, & vltimamente ElRey se partio para Escocia pella posta dando sua palaura aos Embaixadores, que como viesse lhes defiriria cõ resolução; & que tudo se hauia de negociar com facilidade, & como a razão pedia. E agora não se espera mais senão, que venha elRey para Londres, & sem duuida se confirmaraõ as pazes.

¶ Entrou elRey de Inglaterra em Escocia predeo os cõjurados, & aquietou o tumulto, & perdoou ao Marquez Anbleton: & a rogo do pouo fez Conde a Lailei, que auia sido o cabeça daquella rebeliaõ.

¶ Vierão de Londres Comissarios ao Reyno de Irlanda, & fizeraõ a saber aos poucos, que el Rey Carlos era verdadeiro Principe, & Senhor da Igreja, & que lhes mandaua, que assim o confessassem, & fizessem disso hũa protestação publica; porem os Irlandezes Catholicos se juntarão, & com as armas nas mãos respondêrão, que

elles/

elles não conheciaõ outro Principe, & Senhor da Igreja, mais que o Summo Pontifice Romano. Dizem, que o seu General he o Conde de Onel o moço, que ha pouco tempo, que sahio de Madrid, & por essa razão presumio o Parlamento, que elRey de Espanha entràra nesta reuolução, por diuertir a empresa do Palatinado. Fizerão gente os do bando contrario, & houue rompimento: mas os Catholicos se portàraõ com tanto valor, que matàraõ à espada grande numero de protestantes, & lhes tomàraõ cidades, villas, & castellos: & de presente està o Parlamento preuenindo hũa armada de 15000. homes sobre Irlanda, donde vem muitos senhores de grande experiencia de guerra, & sobre todos o Conde Lastly, que foy General da Raynha de Suecia, & gouernou as armas em Escocia: & dizem, que he General o Conde de Lestria, nouo deputado de Irlanda.

¶ Na cidade de Dobli, cabeça do Reyno de Irlanda, se imprimio hũa relação desta guerra dos Catholicos, & protestantes, & se mandou a Londres, & foy lida publicamente no Parlamento a 11. de Nouembro de 1641.

¶ Por carta de 7. de Nouembro, escrita em Londres, se sabe, que as alterações, sobre a Religiaõ, crecêraõ de maneira, que se publicou hũa ley contra os Iesu cultores: & as Imagens, & Cruzees, que atè agora se permitiaõ, se tirarão dos lugares publicos, donde sempre estiueraõ. Ate as Imagens dos sepulchros antigos se despedaçarão: & os Pursisantes (que são os ministros, a quem toca prender os Catholicos Romanos) andão pellas ruas perguntando aos homens em que ley viuem, & prendem a todos os que confessão obediencia ao Papa. Hum Clerigo Capellaõ, & interprete do Embaixador de Veneza, foy preso, & esteue

conde-/

condenado ao martyrio, mas valeulhe a intercessão do Embaixador. O Agente de Florença escapou tambem milagrosamente do impeto dos protestantes, porque lhe entrãrão em casa, & lhe fizerão grandissimas vexações, & vltimamête martyrizàrão em Londres hum Clerigo nobre, & de muitas partes. E no Condado de Alencastre, hũ frade da Ordem de S. Bento; & não se passa semana que se não prenda algum Sacerdote: & o Padre Felipe, Confessor da Raynha, a tres de Nouembro, deste presente anno, foy mandado preso à torre de Londres. O Principe de Guales, o Duque de Iorc, & as Infantas suas irmãs estão se parados da Raynha sua mãy: & estâ aquelle Reyno todo de tal maneira inquieto, & tam discordes huns, & outros entre sy, que dizem, que será impossuiel conformaremse: porem o Parlamento trataua de remediar tudo.

¶ O cerco de Airien se vay continuando com grandes esperanças de ser breuemente socorrido de hum poderoso exercito delRey Christianissimo, que estaua já hũa legua do alojamento dos Castelhanos, os quais se não atreuião a sair fora das trincheiras.

¶ Os Dunquerquezes tomaraõ hum nauio, que vinha de Roterodam para esta cidade com petrechos de guerra, & fazendas.

¶ O Duque de Maqueda renunciou o cargo de Capitaõ General da armada de Castella, & entrou em seu lugar D. Francisco Mecia, o qual dizem, que anda agora com 24. velas no Cabo de S. Vicente, esperando para dar escolta à frota de Indias.

¶ O Duque de Fernandina se retirou ao porto de S. Maria, & deixou o cargo de General das Galès de Espanha.

¶ El Rey Felipe mandou passar algũa gente de guerra
das/

das fronteiras para os portos de mar da costa de Andaluzia, por razão da armada de Olanda, que està ao presente nesta cidade esperando por tempo, para sair em companhia da esquadra de Portugal, que està já auiada, de que he General Tristaõ de Mendoça.

¶ Pessoa digna de credito que veyo de Madrid, affirma, que elRey Felipe auia gastado dentro de dez meses nas guerras de Portugal, e suas dependencias, tres milhoës, e trezentos mil cruzados.

¶ Auisaõ de varias partes de Italia, que sua Sanctidade vay continuando com as leuas da gête para a guerra, & os mais potentados, & Republicas, & dizem, que o Principe de Parma he Capitaõ General.

¶ No encontro, que teue a armada de Olanda com a de Castella, se sabe de certo, que morrerão mais de 400. Castelhanos, & perderão dois galeoens, & os mais forão destroçados; & tambem os Olandezes perderão dois nauios.

¶ As mais destas nouas saõ colhidas de cartas, & pessoas de credito, que vierão de varias partes. E o que se diz do Bispo de Lamego, se sabe por via da não de Inglaterra, que veyo o mês passado: & de Italia auia já aqui carta, em que se diz, que ficaua em Leorne, de donde se vay a Roma em pouco mais de tres dias.

Com priuilegio Real.

EM LISBOA

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Lourenço de Anueres. Anno 1641.

Taixão esta Gazeta em dez reis. Lisboa 11. de Ianeiro de 642.

Ioão Pinheiro.

Meneses.

**GAZETA
DO MES DE
IANEIRO
de 1642.**

[Letra capitular] No principio do mês vierão da Cidade de Badajòs trinta Castelhanos de caualllo, & chegarão denoite aos campos de Eluas, & numa herdade, a que chamão a Escriuan, & noutras circunuisinhas, dèrão em quantidade de bois, & de ouelhas, & sem acharem embaraço, se forão com a presa. mas veio hũ pastor a Eluas a dar auiso ao General, & logo sahio o Tenente da caualleria com hũa tropa, & foi no seu alcãce atè a ponte do Rio Caya (donde estáuão ainda os Castelhanos por se o gado hauer detido em passar hum rio que chamão Vbeda) & tanto que ouueraõ vista dos nossos deixàrão a presa, & todos se lançaõ ao rio, & como leuaua muita agoa, & era de noite, algũs delles se afogàrão. Colherão os nossos hum caualeiro, que estaua na ponte do Caia vigiando, & com elle prisioneiro tornàrão para Eluas, trazendo diante as ouelhas todas; & não deixàrão lá mais que os bois; porque pudérão aturar o impeto das ondas; & tinhaõ já passado o Rio, quando elles chegarão.

¶ Vespora de Reys presentou Antonio pessoa Campo ao Principe, que Deos guarde, hum caualllo feito por elle cõ tal artificio; que não somente no aspeito engana a qué o vê, mas

A

tambê/

tambem nas acçoês: rincha, em direita as orelhas, obedece ao freio, escarua, bate, dá com as mãos nas silhas, poem a anca no chaõ, tira coices, dá corcouos, faz chaças; & curuetas; salta, galopea, toma a andadura, trota, corre, passeia, volta a hũa, & a outra mão: & faz tudo quanto a natureza ensinou a hum ginete: a còr he endrina, a sella estardiota de veludo verde bordada de oiro com pedras preciosas.

¶ Dia de Reys ás quatro horas da tarde, sairão os Reys de armas com suas cotas bordadas, & os Maceiros, com trombetas, atabales, & muitas outras festas, & forão discorrendo por todas as praças, & pellas ruas mais frequentadas da Cidade, publicando as pazes, que elRey nosso Senhor fez com a Rainha da Suecia,

¶ A segunda sexta feira foy elRey nosso Senhor á Relação: propuserãolhe o caso do Meirinho da armada, & do Escriuão que furtarão hũa quantidade de barris de poluora. SahIo o Meirinho condenado à morte: & o Escriuão, por constar que não teue culpa, sahio solto, & liure.

¶ A treze enforcarão o Meirinho, & puseraõlhe a cabeça no terreiro de saõ Paulo.

¶ O General Dom Gastão Coutinho mandou de presente ao Principe, que Deos guarde, quatro cauallos, hũa Aguia Real, & hũa folha de espada antigua, & de muito preço.

¶ Foy elRey N. S. a Barcarena a ver a fabrica da armas.

¶ Por via de hum nauio do Norte, o qual tomou o porto do Fayal, & veio a Viana, se sabe que os nossos da Ilha terceira estão com grandissimos desejos de entrar na fortaleza à escala vista; & já o intentarão; mas por ser a fortaleza muito alta, & as escadas virem curtas, não estam senhores della.

¶ Foy elRey nosso Senhor a santa Engracia no dia de sua festa.

Por/

¶ Por carta escrita em Eluas a treze, se sabe que fugirão para Castella desasete soldados estrangeiros, oito de pè, & noue de Cauallo: & porque de là fugirão outra vez, & no campo fizeraõ alguns insultos; veio hũa tropa da caualleria Castelhana no seu alcance; & depois de os renderem, os leuàraõ prisioneiros a Badajòs; donde enforcàraõ os oito de pè, & mandaram os de cauallo para as galès.

¶ Entre os Galegos, que vièram da Beira prisioneiros, veyo hum soldado castelhano, o qual diz, que trouxera da sua terra hũas poucas de patacas, que seu pay lhe hauia dado para o caminho, & que tanto que chegava à fronteira, estando já para sair a campanha, fora ter com o cura do lugar, & lhe deu as patacas, dizendolhe, que lhas guardasse, & que se elle morresse na guerra, ficariaõ para elle, com condiçam, que dissesse vinte Missas pella sua alma: & que se escapasse, lhas tornaria outra vez a dar. Veyo ao campo, trauouse a batalha, venceram os nossos, & trouxeram tantos castelhanos prisioneiros que lhe foy necessario ao soldado vntarse a cara com sangue & meterse entre os mortos, por não vir catiuo com os mais: desta maneira ficou no campo, atè que o mesmo cura, a qué elle fez depositario do seu dinheiro, veio a retirar os mortos, & tanto que o soldado o vio, pegoulhe da capa, & muito māsamente lhe disse que estaua viuo, & que se fizera morto por nam o catiuarem. Neste ponto olhou o cura para os nossos, que estauam perto, & defronte delle, & começou a dizer em gritos altos. *Senhores Portuguezes, aqui està hum Castellano viuo entro estos muertos, acudan ueças Mercedes, y llebenselo; que yo no traigo comicion para retirar viuos, y no quiero engañar a nadie, que soi Christiano, y temo a Dios.* Vieraõ logo os nossos, & ttouxeraõno preso, & o cura foi para o lu-

gar com os mortos, & com as patacas.

¶ Hũa nao de Genoua, que sahio da Rochela com sesenta, & dous soldados Portuguezes de Frandes, de Catalunha, & de outras praças de Espanha, dos quais era cabo o capitam Manoel Homem: veyo a portar a Lagos, botou a gente em terra, & fezse na volta de Lisboa, & à vista do cabo de sam Vicente encontrou sinco fragatas de Dunquerque, as quais lhe dèram tal cassa, que não teue outro remedio mais, que valerse da fortaleza de Sagres, & desta maneira escapou, bem q̃ com grandissimo dano: os soldados vieram todos por terra, & entraram nesta Cidade a oito do mes.

¶ Sabendo os Galegos da Villa da Barca, q̃ o G. D. Gastam coitinho com algũs capitaes se hauia ido para a cidade de Braga, passarão o Minho em tres barcassas, & chegarão à vista de Villa noua, dõdẽ q̃imarão hũ pedaço de trincheira, & parte de hum reducto, que estaua longe da Villa; & tanto que os nossos se preuenirão para lhes sair ao encontro se retiraram, & foi tam grande a preça, & a mareta que algũs se afogaram.

¶ Duas naos Ingresas, q̃ saíram do porto de Priamua, e hiaõ para o Estreito, acossadas de hũa tempestade arribaram a esta cidade.

¶ Vieram algũas pessoas de Madrid, & de Seuilha.

¶ Fez elRey nosso Senhor mercè aos frades Bernardos da comenda de Alcobaça, assim como lha deu elRey Dom Afonso Enriques.

¶ Morreo no conuento de S. Francisco de Enxobregas o P. Frey Lourenço de Portel, sugeito raro em virtude, & letras como publica a sua fama, & os muitos liuros, com que autorizou no mundo o nome Portuguez.

¶ No castello de Villa de Segura (de q̃ he capitam, & Alcaide/
caide/

caide mór Gaspar Moisinho) aos trinta do mes de Dezêbro passado às dez horas da noite, nas pontas dos chussos da cêtinellas, appareceo hum lume aceso à maneira de hũa Estrella, a cór Bassa do mesmo modo da cera bella, & algũas vezes resplandecia como fogo. Foy este prodigio admirado, & visto de todos, & o capitam do Castello (afora algũas outras pessoas) tomou na mão hum dos chussos para a pagar o lume mas nam foi possiuel, & ouue lume que se tirou do dardo, & se pós no chapeo, & na mão direita do que estaua de posta, & a outro soldado sé lhe pôs no terço da espada q̃ tinha nua na mão: estes mesmos lumes foram vistos duas noites antes. Cõsta tudo isto por hum instrumento de testemunhas, que veio ao Illustrissimo senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano.

¶ Quasi todo este mes ventou, choue, & neuou, & fez muito dano a tempestade. Cairam no bairro de S. Paulo hũas casas, donde morreram duas pessoas: arruinouse o recolhimento de S. Christouão, & as orfãs se mudàram para hũa casa junto á Igreja de S. Vicente. Creceo a agoa da chuua de maneira, que na rua dos canos se afogou hum homem, & morto veio pello cano Real sahir ao terreiro do Paço. Iunto ao baluarte da carreira dos cauallos cahio hum rayo.

A3

Nouas/

[figura ou timbre tipográfico]

NOVAS DE FORA DO
REYNO.

[Letra capitular] APERTAM com os Portuguezes em Castella, & estam os portos serrados de maneira, que os mais, q̃ fogem, prendem no caminho, & so em Ciudad Rodrigo estam presos duzentos, & tantos.

¶ Foram de Madrid alguns Portuguezes a Seuilha, & compráram partidas de fazenda para darem a entender que hiam aly a negocio, & denoite se meteram numa nao Ingreza, & se foram a Inglaterra para de là se virem a esta cidade: & em todas as terras da Andaluzia estam os Portuguezes tam auexados, & persiguídos do pouo, que a huns matam, & a outros mandam desterrados para Larache, & para a Mamora.

¶ Mandou elRey de Castella a Seuilha hum fidalgo Portuguez aleuantar hum Terço de Portuguezes para Napoles.

¶ Monsiur de la Mota está sobre Tarragona com dezoito mil Infâtes Francezes, & sete mil Catalaães, & quatro mil, & quinhentos cauallos, & por amor do inuerno se alojou na Villa de Reus, Monblanca, Valhes, Constantin, Villa seca, Cãbrilles, & Vilha Franca de Panaderes.

¶ O Principe de Botera (que he hum senhor Napolitano, q̃ está nesta praça gouernando as armas) faz grandes diligências por se ir para Italia, sò por não se achar na guerra este veraõ, que estam as armas de Espanha em tal estado, & ha tanta falta de socorro, que Dom Alvaro do Quinhones Teniente da Cauallaria, de que era General o Duque de S. Iorge filho do Marquez de Torreclusa entrou naquella praça com quatro mil, & quinhentos cauallos, tres mil, que deram as ordês mi-
litares/

litares, & quinhentos, que tirarão dos continuos, & não tem hoje quinhêtos, porque èste inuerno se gastou o socorro, que meteu o Maqueda, & o Fernandina, & estam em tanto aperto, que val a carne de caualllo, a quatro reales a liura.

¶ Em Tortosa, Perpinham, & Salfes, ha tambem grande falta de gente, & de mantimento.

¶ Monsiur de S. Tonè (hum fidalgo Frances, que serue a el-Rey de Castella, & he cabo da caualleria) faz protestos, & pede soccorro para a guerra que se espera este verão, & nam lhe diferem.

¶ Na Rochella, em Burdeos, em Tolosa, em Narbona: & em outras partes de França, se fazem grandes leuas de gente, & se vam mandando para Leucate â ordem de Monsiur de Argêson, que està gouernando as armas e Catalunha por elRey de França, para que as mande ao Principe de Condé, o qual tem ordem do christianissimo para tanto que entrar a Primavera sitiar a Perpinham, & a Salses.

¶ Em Seuilha foi o inuerno tam riguroso; & tantas as aduenidas, que se alagou a Cidade toda, & subio a agoa a parte, donde já mais chegou. Afogouse algũa gente, & morreo muita de fome.

¶ O Mariscal de Bersè, que assiste por Tenente General em Catalunha, foi com mil, & quinhentos caualllos, & quatro mil Infantes de socorro ao alojamento de Monsiur de la Mota, que està sobre Tarragona.

¶ O Arcebispo de Burdeus General da armada Franceza do mar Mediterraneo: prepara com grande preça por mandado delRey Christianissimo, a armada, que está em Marcelha & em Tolon, para sair a estoruar que entre socorro em Tarragona: & tras grandissimo poder.

A

Em/

¶ Em Irlanda vai a guerra por diante, & os Catholicos Romanos tem já metido à espada mais de seis mil Ingrezes, & a armada, que o Parlamento preuenia para ir em socorro dos protestantes, he já partida, não obstante que elRey Carlos mādou manifestar aos Irlandezes, que a todos os que quisessem reduzir-se, & tornar à sua obediencia, perdoaria, & que em caso que o fizessem assim, os declaraua por traidores: & q̃ os hauia de destruïr a fogo, & sangue.

¶ O Marquez de Bresé General do mar Oceano por el Rey de França, està na Rochella com maior armada, que a q̃ trouxe a esta cidade, & dizem, que sairá com o primeiro tempo.

¶ Por carta escrita em Burcellas a desaseis de Dezembro, se sabe que a praça de Airien està ainda cercada pello exercito delRey Felipe: mas o socorro delRey christianissimo he já chegado, & os Castelhanos estão receosos de algũa ruina, & sem duuida leuantarão o cerco.

¶ Està o Archeduke Leopoldo para entrar em Frandes a tomàr posse do gouerno, porem as disençoens das Prouíncias vão crescendo, que hũas se querem vnir aos Estados de Olanda, outras fazeremse Republica, outras entregar-se a elRey de França: & os da parcialidade delRey Felipe, são os menos. A razão desta controuersia he, que os Olandezes tem a maior parte das suas praças em Barbante, & elRey de Frãça tem tomado no Paiz de Luzenburch a Damuillers, & no Paiz de Anau a Landiesy duas praças fronteiras: & tem conquistado no Paiz de Artois a Arràs, a Hesdin, a Bampama, & Arien. E em quanto as armas de Espanha andauão prosperas estauão as Prouíncias com algũa confiança, porem hoje com tem das portas adentro dous inimigos de Espanha, & elRey Felipe està acossado por tantas partes, receão alguma

ruina/

ruina: & sem duuida hauerà grandissimas alterações com a entrada do Archiduque. E elRey de França mandou já comissarios às Prouíncias, os quais em seu nome lhes propuserão q̃ deitassem fora os Espanhoes, & se gouernassem como Republica liure, que elle lhes daría auxilio, & seria seu Protector, & quando não, o terião por enemigo. Mas até agora não respõderão á proposta.

¶ Intentarão os Castelhanos meter segunda vez socorro em Tarragona, mas impidiolhe o passo o Principe de Condè.

¶ De Aragão, & de Tortosa (que são praças de armas da guerra de Catalunha por elRey Felipe) fogem muitos soldados por falta de socorros.

¶ A frota de noua Espanha sahio da Abana, & no Canal de Bahama lhe deu hum temporal com que derrotou, & sòmente desembocàram tres nauios, dos quais hum entrou em Cadiz, & os dous se perderam: dos que foram derrocados, não se sabe nada de certo, mas ha grandes indicios de q̃ se perderaõ.

[figura ou timbre tipográfico]

f.º 5 – v.º

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Domingos Lopez
Rosa. Anno de 1642.

Esta Gazeta està conforme com o
seu original. Em sam Domingos de Lis-
boa, 11. de Feuereiro de 642.

O D. Fr. Ignacio Galuão.

[Letra capitular] Visto estar conforme com o original, pode correr esta
Gazeta. Lisboa 11. de Feuereiro de 642.

Fr. Ioão de Vasconcellos.
Francisco Cardoso de Torneo.

Pedro da Sylva.

Taxaõ esta Gazeta em 6. reis em papel. Lisboa. 12 de
Feuereiro de 1642.

Ioão Pinto

Ribeiro. Meneses.

Com priuilegio Real.

**GAZETA
DO MES DE
FEVEREIRO
de 1642.**

[Letra capitular] Avisouse de entre Douro, & Minho no primeiro Sabado deste mes, que dos cōtomos da Ponte da Barca sahiraõ algũas tropas da nossa infantaria; & foraõ marchando pello Reyno de Galiza, até chegar à Villa de Gerés, donde entraraõ sem auer quem lhes fizesse resistencia: antes fugio toda a gente do lugar, de modo que ficou despouado, & os nossos, porque não tiueraõ em que empregar o seu valor, foraõ a fazer oração a hũa Igreja de N. Senhora dos Remedios: & porque a gente de entre Douro, & Minho costumaua ir todos os annos em Romaria a esta sancta casa, tiràraõ do altar cõ muita reuerencia a imagem da Senhora, & com ella se recolheraõ, sem trazer nenhũa presa, nem fazer daño ao lugar. Foy successo este muy festejado naquellas partes, porque estauão todos descōsolados de não poderẽ agora fazer esta Romaria: & com isto se alegràraõ mais, q̃ se os nossos ouueraõ gainhado algũa praça, ou alcançado algũa grande victoria.

¶ Monsiur de Mahè Coronel de quatro regimentos de cauallaria, Senhor da Turcha, & Caualleiro da Medalha saindo a seis do mes, cõ todos os seus officiais a cauallo a darem

A

em/

stra pella cidade: passeou por varias ruas, & no terreiro do Paço correo parellhas, & andou às voltas.

¶ A outo fez annos o Serenissimo Principe Dom Theodosio: vestiramse os fidalgos todos de gala, & estauão preuenidas festas de caualllo; mas elRey N. Senhor não pode assistir a ellas, & assi nam tiueram effeyto.

¶ Neste mesmo dia forão hūs homēs do mar à Igreja de N. Senhora da Estrella a dar graças de hum milagre, que a Senhora fez: o qual he o seguinte. Estando a naueta N. Senhora da Estrella na Bahia de todos os Santos, sahiram hūs marinheiros no batel a fazer aguada, & no caminho os inuistio hum monstruoso peixe, a quem algūs chamão Espadarte, & outros peixe Espada: deu tres botes no batel, & cō o bico o passou de parte a parte: de modo que vendo os marinheiros, que a perdição era infaliuel, chamàram pella Virgem N. Senhora da Estrella: & escassamente soou nos ares o seu sanctissimo nome, quando o peixe suspendeo a furia, & se deixou estar manso, & socegado, de maneira, q̃ se atreuerão os marinheiros a pegar nelle com as mãos, & elle se deixou atar com muytas cordas, atè que com grade facilidade o trouxerão viuio a terra, donde depois de o matarem lhe arrincaram o bico (o qual estaua atraueçado no batel de hum bordo a outro, & era muy comprido; & à maneira de serra) & o trouxerão consigo para o offerecerem à Senhora em memoria deste milagroso successo. Hoje està dependurado na sua Igreja, dentro na capella mòr do Sanctissimo Sacramento.

¶ Sahiraõ desta Cidade para a Guarda, & para outras terras ^[da] Beira algũas tropas de caualleria.

¶ Em varias partes das fronteiras fizeram os Castelhanos
fumo/

fumo a fim de que o vento o deitasse para a banda de Portugal, & fizesse fugir o nosso gado para as suas defezas: porê mudouse o vento de improviso, & padecêram elles o dano, que nos querião fazer a nós porque o seu gado, tanto que lhe deu o fumo, fugio para ás nossas terras, & dizem q̃ foy quantidade muito grande.

¶ Antonio de Saldanha vai por General da esquadra que està para dar à vella com o primeiro tempo.

¶ No Crato prendêrão hum espia, que veyo de Castella, & o mandaraõ para a cidade de Eluas.

¶ Manoel de Sousa Pacheco está despachado por Governador da Ilha terceira.

¶ Sahiram os Castelhanos da cidade de Badajôs, & vieram à vista de Campo Mayor: mas os nossos se metêram de baixo da artilheria, & tanto que elles chegáram a tiro de mosquete lhes deram hũa carga, com que os fizeram retirar com grande preça. Matàramlhe mais de quarenta homens, & cattiuaramlhe oito.

¶ Despachou elRey nosso Senhor ao Marquez de Montaluão por Vedor da fazenda, com superintendência nas armadas, & tomou posse a treze do mes.

¶ Neste mesmo dia ás sete horas para as oito da menhã morreo o Capellam mòr de febres malinas, & não durou mais que, sette dias.

¶ A nossa caulleria de AlemTejo, com o nouo Comissario, que succedeo ao que matáram em Valuerde, se reformou, & sahio a correr a campanha até chegar à vista da cidade de Badajós: porem não ousaram a sahir os Castelhanos, & tanto que os nossos se virão senhores do Campo, entrarão pella terra dentro mais de tres legoas sem acharem

A2

em/

em todo aquelle destricto, que se atreuesse a impedir-lhes o passo, antes viram assolado tudo quanto com os olhos descobrião, de modo q̃ não ouue em q̃ fazer presa; & sem despojo nenhum se retiràrão.

¶ Junto á praça dos Canos no entreforro de hũas casas, que estauam deuasio, se achou hum sacco, dentro do qual estaua hũa mulher feita em quartos. Tirouse deuaça, mas não ha noticia até agora do delinquente. Presumese, que seu marido a matou.

¶ A Villa de Cascais se vay fortificado, & D. Antonio Luiz de Menezes, q̃ gouerna as armas nesta praça, assiste cõ grãdissimo cuidado a toda a fabrica.

¶ Da nobreza, & dos preuilegiados se fazem quatro terços, dos quaes he Coronel o Serenissimo Principe D. Theodosio; & Tenentes o Marquez de Montaluão, o Conde de la Torre, o Conde da Calheta, & o Conde de Vnham.

¶ Estáse fabricando, por traça de Antonio Pessoa Campo, hũa carreta para o tiro de Dio; que por ser grandissimo, & de muito peso esteue até agora descaualgado; & todos os engenheiros, que o virão aberiguâram (depois de muitas experiencias) que não era possiuel auer carreta, que o pudesse sustentar.

¶ Por carta escritta entre Douro, & Minho a sette deste mes se auisa, que o Marquez de Val Paraíso entrara com quatro mil infantes pella ponta das varjas, & viera marchãdo por Lamas de Moiro, até o Mosteiro, & Coito das Trauas (que he mais de hũa legoa) donde fez algum dano, porque não auia naquellas partes força bastante para resistir a tanta gente: mas no mesmo ponto em que chegou o auiso às nossas praças de armas, se preueniraõ em Braga o General

Dom/

Dom Gastam Coitinho, & o Coronel Francez, que lhe sairem ao encontro com a gente daquelle presidio. E de todos aquelles contornos começaram a acodir os poucos em tanta copia, que só de Melgasso vieram tres companhias: & o Marquez de Val Paraiso vendo o grande numero de gente, que baixaua conta elle, não quis esperar, & logo se retirou para Lamas de Moiro, & se fez forte nũs redutos, que os nossos lhe auião ganhado, donde està alojado ao presente.

¶ A quinze do mez veyo hũa não de Bretanha com algũs petrechos de guerra, & muitas mercadorias.

¶ Na Comarca de Miranda falou hum minino mudo: & disse: *VIVA EL REY DOM IOAMO IIII*. Isto se sabe de certo; & agora se està fazendo hu instrumẽto de testemunhas por ordem da Sè de Miranda.

¶ A 18. entrou neste porto hũa naõ Franceza, a qual vem de Genoua com mercadorias.

¶ Mandou el Rey nosso Senhor, que se tornasse às partes o terceiro quartel dos juro, tenças, & ordenados, que se pedio por emprestimo o anno de 41. porque se tem achado q̃ o dinheiro da decima, & da vintena basta para a guerra.

¶ Na ribeira das naos se fabricaõ duas fragatas à maneira das de Dunquerque para andarem na armada.

¶ Vierão algũas tropas de caualleria Castelhana às nossas terras de AlemTejo, & leuarão grande quantidade de porcos, & muito outro gado, que andaua no campo pacendo; mas os nossos sahiram, & corrèram os campos de Guadiana, de dõde trouxeram tanta copia de ouelhas, q̃ se affirma, que eraõ mais de sette mil cabeças.

¶ As naos que vierão com o Embaixador de Suecia, carregarão de sal em Setuual, & com muitas outras mercadorias

se tornam outra vez; & leuáo à Raynha de Suecia dous presentes, hum, que lhe manda elRey nosso Senhor, & outro que lhe manda a Raynha N. Senhora; & ambos grandiosissimos.

¶ A 22. veyo noua de que estauão em Tauira algũs Portuguezes, que de Andaluzia vieraõ por Ayamonte, & hũ delles he Dom João de Sousa.

¶ Foy elRey N. Senhor â banda d'alê a ver os galioês.

¶ Manoel da Sylua Mascarenhas està despachado por Capitão mor da Villa de Mouraõ.

¶ Chegou á vista das penhas da Arrabida hũa fragata de Dunquerque, donde andauão prisioneiros algũs Portuguezes, & hũ delles se laçou ao mar, & sê q o alcãçasse nenhũa bala, de muitas que lhe a tiràraõ, foi nadando atè, que o recolheo hũa tartaranha, & o botou em terra.

¶ Veyo de Catalunha por via de Madrid hũ Capitão Portuguez, o qual se achou no cerco de Tarragona, & tardou no caminho perto de tres meses pellas grandes deficuldades, q ha na passagem.

¶ A nao São Domingo, que se esperaua de Liorne, entrou neste porto a 25. em companhia de outra de Veneza.

¶ Foy a Raynha N. Senhora com todo o acompanhamêto Real ao Mosteiro da Madre de Deos.

¶ No vltimo do mez se publicou a prouisaõ do dinheiro recellado, & em cada Comarca do Reyno se faz hũa casa de moeda.

NOVAS/

NOVAS DE FORA DO
REYNO.

[Letra capitular] Da Rochella se auisa, que cada prouincia se offerece a contribuir com quatro mil homens pagos para todas as guerras; & elRey Christianissimo lhes larga por estes mesmos dous annos ametade de todos os direitos, & rendas Reays: & affirmase que estão em varias praças de França alistados duzentos mil infantes: a saber.

¶ Sincoenta mil para Catalunha. Vinte mil para Fuenterabia. Sincoenta mil para Frandes. Dez mil para Borgonha. Vinte mil de socorro para Suecia. Dez mil de socorro a Portugal. Quatorze mil para as praças de Italia. E os mais para hia armada, que vai para Leuante.

¶ Em Cadis se prepara socorro para a fortaleza da Ilha terceira, & entrarão algũs nauios da frota de noua Hespanha.

¶ A armada delRey Christianissimo, que vem para esta Cidade, não espera mais, que tempo. E já hũ Mõsiur Capitam de mar, & guerra, que esteue da outra vez nesta Corte, escreueo à pessoa, em cuja casa o alojãrão, que esperasse por elle, que tornaua outra vez a ser seu hospede.

¶ Em Inglaterra vão por diante as alterações, & estão as cousas embaraçadas, de modo, & as nouidades na Religião sam tantas, que as lyturgias dos protestantes estão quasi acabadas de todo, & o liuro commum das preces nalgũas partes anda emêdado, & noutras de nenhũa maneira o aceitão.

¶ O Archiduque Leopoldo entrou já em Frandes, & foi com vinte mil infantes a vnirse com os Hespanhoes, os quaes tanto que lhes chegou este socorro tomãrão a praça de Ai-

A4

rien, /

rien; mas o exercito de França (ainda que deste encontro se retirou com algum dano) logo se reformou, & veyo sobre elles, & os tem setiados, & em grandissimo aperto.

¶ As vexações, que em Castella fazem aos Portuguezes vão em augmento, principalmente em Andaluzia, donde prenderão muitos, entre os quaes o Capitam Iordão de Bairros de Sousa padece grandes calamidades.

¶ O exercito da Raynha de Suecia se està preuenindo para sahir a campanha.

¶ Em Madrid se juntarão algũas tropas de caualleria, & foraõ para Vineróz á ordê do Marquez de Leganez.

¶ D. João de Garai, que gouerna as armas em algũas praças da Estremadura, dizem que quer pedir licença a el Rey de Castella para deixar o cargo por falta de socorros.

¶ Acode algũa infantaria à praça de armas de Merida: mas toda se vai comboyando para Cathalunha. Ha muitos cauallos; mas a maior parte delles desmontados.

¶ Chel de la Reyna, que era Maese de Campo em Tatragona, està agora na Corte de Madríd esperando que o despachem; & no seu lugar ficou o Conde de Aguilar Marquez de la Inojosa.

¶ Depois que a praça de Baupama (que era delRey Filippe) se entregou a partido a elRey de França: os Hespanhoes, que alli estauão de guarnição, lhe pediram passo franco até à primeira praça de elRey Phillippe: & elle lho concedeo; & foi esta hũa das capitulações do partido, com que lhe entregaraõ a praça: de forte que com saluo conduto firmado pella mão Real, & com hum trombeta Francez, se puseraõ a caminho, & chegàrão a pedir alojamêto a saõ Thomè (q̃ he a primeira praça delRey Phillippe, que està nos contornos de/

de Baupama) porem o Gouvernador della não nos pode recolher, em razão de que auia dentro mais gente, do que a terra podia sustentar, & alem disso estaua receoso de que o exercicito^[sic] de França o sitiase. Assi que foi necessario irem buscar a alojamento a outra praça, & tanto que chegâão à vista de Arràs lhes sahio ao encontro o Gouvernador Monsiur de Samprul, & deu nelles dizendo, que o saluo conduto, & passofranco, que nas capitulações do partido lhes prometera o Christianissimo, fora para atè que elles chegassem á primeira praça del Rey Philippe; o que já se compria, pois auião chegado á praça de S. Thome, que era a primeira das que ao redor de Baupama siguião a voz del Rey Filipe; & a pesar das amoestações, que lhes fez o trôbeta, requerendo-lhe que deixasse passar as tropas, que foraõ rendidas a bom quartel, & que reconhecesse o saluo conduto, que o seu Rey lhes auia concedido, deu nellas, & não ficou homẽ, a q̃ não tirasse a vida. Foy esta desordẽ tam estranhada delRey Christianissimo, que ainda que este Monsiur por seu valor era digno de todos os fauores, lhe mandou cortar a cabeça, & a sua morte causou lastima atè nos seus proprios inimigos, porque o seu brio foi tam grande, como o do Mariscal de Biron; & o mesmo Rey depois de o sentenciar escreueo a Monsiur gaston hũa carta significãdolhe o intimo desgosto, que tiuera de lhe ser necessario, por razão d'estado, tirar a vida a hum tam valeroso Capitam.

¶ Monsiur de la Mota vai continuando cõ o cerco de Tarragona, & dizẽ q por nenhũa parte lhe pòde entrar socorro.

¶ Em varias partes de Italia se fazem grandissimas preuêções de guerra. Genoua se fortifica. O Sũmo Pontifice tem leuantado trinta mil homẽs, & o Principe de Parma està já
com/

com hum poderoso exercito, mas a empresa nam se sabe.

¶ A fortaleza do Monaco, a qual era da protecçam delRèy de Hespanha, guarnecida com infantaria Hespanhola, & fūdada no alto de hūas penhas entre Nisa de Proença, & Genoua, de que era senhor o Principe Grimaldo: està hoje por elRey Christianissimo.

¶ O Bispo de Lamego està já em Roma: & o q̃ se passou na viagē, he o que se segue. Desembarcou na Rochella, donde esteue 9. dias. Daqui passou a Pariz, & foi hospede do Monteiroy mór Embaixador de Portugal em França. Logo se partio para S. Germão a ver o Christianissimo, & se tornou a Pariz. Depois foi à Picardia, donde naquelle tēpo estaua sua Magestade a pedir-lhe licença pera passar adiante. Despediose, & veio outra vez a Pariz, de donde foi a Leão de França. Entrou em Auinhão, & a cabo de tres dias foi a Ahis. Aqui se deteue atē q̃ passou a Tolon, em cujo porto achou hūa nao, a qual por ordē do Christianissimo o estaua esperando cō muita gēte de guerra. Sahio; mas arribou tres vezes, a primeira à Ilha de S. Honorata; a segūda a Borma; a terceira a Antigo: & finalmēte chegou a Ciuita Vechia, porē cō tão mau tēpo, q̃ esteue perdido. Neste lugar o Gouernador (como estaua já preuenido por ordē do Sumo Pontifice pera o receber) lhe pedio, que sahisse a terra, & elle não quis. João Baptista Leão (hum criado delRey N. Senhor, q̃ por seu mandado foi a Roma, & auia 7. annos q̃ assistia naquellas partes) o veyo a ver; & elle o mādou a Roma a preuenir o q̃ era necessario para o caminho. Negociou João Baptista Leão: tornou de Roma: & com elle vierão por mandado de Sua Sãctidade 450. Corços de caualllo para o acōpanhamēto: & auia oito dias q̃ andauão 150. Esbirros assegurando a campanha de Bandoleiros. Veio també o

Secreta-/

Secretario da embaixada de França, cō algũs Monsiurs. Pozse o Embaixador ao caminho, donde achou infinitas carroças de Portuguezes, Catalaães, Francezes, & Italianos, q̃ concorrião a vello. Hũa legoa de Roma lhe sahio ao encontro o Embaxador de Frãça; & logo lhe veyo hũ proprio de Monselhor o Eminentíssimo Cardeal Nipote Francisco Barbarino, o qual lhe mandou dizer, q̃ não entrasse de dia, porque o desgosto dos Hespanhoes, & a alegria do pouo não fosse causa de algũa inquietação. Elle o fez assi; & com duas horas de noite entrou pella porta dos caualllos ligeiros; & dalli mādou q̃ a sua gête fosse andando em duas esquadras até à Fõtana do Teuere, donde pousaua o Embaixador de França; & sem estrondo foram hũs pella via Longàra, & outros pella pote de S. Ângelo; mas nẽ por isso deixou o pouo de se aluoroçar; que homens, & mulheres andauaõ como doudos pellas ruas gritado: *VIVAL RE D. GIOVANNE' Lquarto*. De traz de todos (cō Pantaliaõ Rodrigues Pacheco Agête del Rey N. Senhor ẽ Roma, & Rodrigo Rodrigues de Lemos Secretario da Embaixada) foi o Bispo, acõpanhado de M.º Emin. Card. Biche, & do Embaixador de França; ẽ cujo Palacio fica hospede, ẽ quanto na praça Naona se lhe prepara o seu Palacio, q̃ custa cada anno de aluger 1400. escudos; & nelle pousauão sempre os Embaixadores de Alemanha.

¶ Pozse hũ retrato delRey N. S. numa sala do Palacio do Embaixador de França: despouoauase Roma pera o ver: & todos os pintores faziaõ infinitas copias; q̃ se cõprauaõ para adornar as casas em Roma, & para mandar a outras partes.

¶ Fez o bispo hũa grandiosa casa, & está ordenado, q̃ se vâ pera â quinta do Papa Iulio, & q̃ dalli faça entrada publica: para à qual se estauaõ acabado (afora muitos coches, & galas) tres

librès/

f.º 6 – v.º

librés: hūs para o capo, outra para entrar é Roma, & a outra para entrar no sacro Palacio.

¶ Sahio hũ manifesto em Italiano do direito delRey N. S.

¶ Criou o Sũmo Põtifice 12. Cardeais: a saber. *Monselhor Frãcisco Machiauello, Florëtino, Patriarcha Costantinopolitano, M. Filo Marino, Napolitano, Arcebispo de Napoles. M. Antonio Borrage Digno, Veneciano, Bispo Vicentino. M. Ottauiano Ragio, Genouez, Auditor general da Camara. M. Pedro Donato Cesio, Romano, Thesoureiro general do Su. Pont. M. Hieronymo Verospio, Romano, Auditor da Rota. O P. Frei Vicêcio Maculano, da Ordẽ de S. Domingos, natural de Florenciola Placentina, Mestre do Sacro Palacio. M. Francisco Pereto, Romano, Abbade. M. Iulio Gabriel, Romano, Deam da Camara. M. Decimo Mazerino, Romano, Refrendario de hũa, e' outra Signatura. M. Virginio Vrsino, Romano, Abbade. M. Reinaldo Estense, natural de Modena.*

¶ Nas dignidades, q̃ vagaraõ por estes nouos Cardeais entrãrão os seguintes. *Monsenhor Teodoli, Romano, Auditor da Camara. M. Lomelino, Genouez Thesoureiro geral. M. Vecchiarello, M. Arimberti, Milanez, Clerigo de Camara. M. Arragi Clerigo de Camara. OP. Lucatine, Mestre do Sacro Palacio. M. Leone Verospio, irmão do Cardeal Auditor da Rota. M. Rapacioli, Prefeito de la Anona. M. Dongo, Prefeito de la Graça. M. Franzone, Ginouez, Presidẽte da Camara. M. Panziroli, Auditor da Rota, declarado Patiarcha de Constantinopla, o qual agora vai por Nũcio extraordinario a Madrid. M. Luincio del Bufalo, Mestre de Camara de M. O Eminẽtissimo Cardeal Barbarino.*

¶ No q̃ se diz na gazeta de dezẽbro acerca de S. Thome se aduirta, q̃ o Governador Manoel Quaresma Carneiro era jà morto.

Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa. Na Officina de Domingos

Lopez Rosa. Anno de 1642.

Taxaõ esta Gazeta em 6. reis em papel. Lisboa. 8. de Março de 1642.

Ioão Pinto Ribeiro.

Meneses.

**GAZETA
DO MES DE
MARÇO.
de 1642.**

[Letra capitular] Pelo Iubileo do Entrudo foi elRey N. Senhor com toda a casa Real a Igreja de S. Roque. Assistio á festa, de q̃ era mordomo o Marquez de Mõtaluaõ. Acompanhou o Sanctissimo Sacramẽto. Levou hũa vara do palio, & as outras leuaraõ o Marquez de Gouea, o Bisconde de Villa Noua da Cerueira, o Conde do Redondo, o Conde de Obidos, & o Conde da Vidigueira.

¶ D'entre Doiro, & Minho o primeiro sabado deste mes veio carta, em que se auisa, que hum Capitaõ de infantaria Francez, Tenente de Coronel, enfadado da suspensão das armas, & do grande odio, em que os soldados estauão na Cidade de Braga, por razão do inuerno, se deliberou a sair à campanha, & entrar pelas terras dos inimigos elle sò com a sua companhia: para o que foy com muito segredo, persuadindo aos seus soldados (os quaes eraõ todos Portuguezes, que vieraõ de Frandes, & de Catalunha: gastou oito, ou noue dias em lhes dispor os anĩmos, & em preuenir poluora, balas, corda, & tudo o que mais era necessario para reduzir a acto esta generosa deliberação. E hum dia antes de amanhecer deu traça, com q̃ elle, & os seus soldados sahiram à deshitada, & caminharão para Melgasso; & dahi forão marchando pela ponte das Varjas, atè que entraraõ em Galliza, destruindo subuertendo, & assolando tudo aquillo, que com olhos descobriaõ. Não ficou gado, em que não fi-

A

zessem/

zessem presa; nem encontrarão pelos caminhos homem nenhum, que não rendessem. Com esta bissaria foraõ auançando, & metendose pela terra dentro; porem acodiraõ os inimigos de varias partes & sairaõlhes ao encontro diuididos em dous troços: hūs pela vanguarda, otros pela retaguarda. Estes segundos se meteraõ pelos matos, & sem serem vístos, nem sentidos lhes armaraõ hũa silada, com que lhes cortaraõ o caminho, por donde precisamente auiaõ de passar, quando tornassem. De modo que se marchauão por diãte hiaõ dar nas mãos dos que os inuestiam pela vãguarda; se se retirauão era infaliuel a ruina; pois se metiam entre os que cortandolhe o caminho os esperauão na emboscada: & se fazião alto sem duuida ambos os esquadroës os acometiam, & seria irremediauel a perdiçam. Vendose o Francez neste taõ horriuel aperto, fez hũa pratica aos soldados, representandolhes o perigo, em que a fortuna os auia posto & exhortandoos a que se delibarassem a perder antes a vida, que a honra. Não lhe deixaraõ os soldados acabar o discurso, porque todos vnanimos, & conformes se resolveram a romper aquelle esquadrão, que emboscado pretendia a talharlhes o passo, antes que o outro (que já lhe tocava arma pela vanguarda) lho estrouasse. Passou-se o Capitaõ para a retaguarda: & logo viraram com muita destreza os soldados os rostros, & foram marchando com tão boa ordem, que tanto que chegaraõ á emboscada lhe descompuseram a fronte: & com a primeira carga a puras feridas, & mortes abriram caminho muítò antes que chegasse o esquadram, que marchaua em seu alcance. Pisando mortos, & pondo por terra a todos os que lhes seruiam de embarço romperam: penetraram, & saíram da filada atè que se puseram em saluo, com tal galhardia, & tão grande admiraçam dos inimigos, que nem o outro esquadram, que já estaua perto, se atreueo a siguillos. E o mayor assombro que ouue nesta heroica ousadia, foy que da nossa parte não morreo ninguèm, & sómente hum soldado sahio ferido com hũa bala no braço esquerdo, o

qual/

qual se veyo a curar à Cidade de Braga, donde naquelle tempo estaua o general D. Gastam Coitinho: & com este exemplo se deliberarão todos a sair à campanha, & logo o Coronel Francez se foy para as fronteiras do Minho.

¶ O primeiro Domingo da Quaresma na Igreja de S. Antão o nouo dixe o Padre Pregador aos ouuintes, que dessem graças a Deos pelas boas nouas, que tiuemos da India Oriental, por hum correo que veio a Italia por via da Percia: o qual não sómente dizia, que el Rey nosso Senhor estaua já naquellas partes aclamado por Rey, com grande aplauso, até dos principes Moiros, mas tambem que andauão mui prosperas as armas Portuguezas.

¶ Por carta escrita em Eluas a sinco do mes se sabe q̃ vespera de Entrudo vieraõ aos nossos campos tres terços de infantaria Castelhana, & onze, ou doze tropas de caualllos; os quaes fizeraõ alto no posto do Conselho hũa legoa de Eluas; & porque lhes não fizessem dano com a nossa artilheria se estenderaõ em esquadrão prolongado atè a fonte branca. Logo começaraõ os de cauallo a correr a campanha, & chegaram quasi atè a horta dos Martyres: inquietouse a Cidade. Acodiraõ todos aos Muros, & ás trincheiras & sahio hum Capitaõ de infantaria com hũa companhia bolante para entreter o inimigo em quanto se formaua o nosso esquadrão: & para estrouar q̃ nos não occupassem hum forte, que por aquella parte se vai fabricado, a par dos muros, & tambem para que nos não senhoreassem os oliuaes. Porem como os caualllos eraõ muitos cercaram a companhia toda com tanta preça, que não tiueraõ os nossos tempo de dar hũa carga, & com as espadas nas mãos se puseraõ em defensa. Durou a batalha hum grande espaço; & mataraõnos algũa gente, não se sabe ao certo o numero; mas tambem os inimigos receberam dano, & o nosso Capitaõ se retirou mal ferido, com dous presoneiros, & seis caualllos, sendo, assi que o esquadram, que auia feyto alto no posto do Conselho, era de 3 U. infantes; & os caualllos eraõ

1U500. & traziaõ algũas peças de campanha, & bagajem como dixerãõ os Castelhanos que vieraõ presioneiros, & ouue quem vio dos muros de Eluas muitos carros de la Mancha; & nao obstante, que a maior parte da nossa gente estaua repartida pelas otras fronteiras, & que os nossos caualllos não eram 400. Acodio o General Martim Affonso de Mello, & os Mestres de Campo, com a mais gẽte, que se pode jũtar, & ao rocio dos Martyres concorreraõ algũas tropas de infantaria, & de caualllos: estiueram os Castelhanos, & os nossos atè as tres horas da tarde na campanha, & neste mesmo tẽpo o Licenceado Ioam Pais de Paredes, & dous amigos seus encontraram num posto que chamãõ a Bragada, quatro Castelhanos de cauallo; & brigaram com elles tam valerosamente, que fizeram fugir dous, & trouxeram os outros dous rêdidos para Eluas. Retiraramse os Castelhanos, & leuaraõ grande numero de gado que andaua pacendo no campo.

¶ Deu elRey N. Senhor hũa Comêda ao Doutor Pedro de Castro de Mello pellos seruichos de seu filho o capitãõ Hieronimo de castro de Mello: q̃ morreo peleijando valerosamente na entrada de Valuerde. E fez merce de outras muitas a varios Fidalgos.

¶ Aos câpos de Moira vieraõ 300. caualllos, & algũs mosqueteiros Castelhanos, & leuaram todo quanto gado auia naquelle destrito, que foram 40U. cabeças, & muitas caualgaduras, que para varias partes hiam carregadas de fato. Sahio no seu alcance o Capitãõ D. Henrique Henriques com a sua companhia (que era de 60. caualllos) & com 40. mosqueteiros: tres legoas os seguio embaraçandoos com hũa, & outra carga, atè que das Villas de S. Alexo, & de Safara vieram em seu socorro 90. mosqueteiros. Os quaes o Sargento mór agregou aos 40. & de todos fez hum batalham, com que foy marchando mea legoa atè chegar á ladeira dos vales de Aroche. Aqui lhe deram os Castelhanos 3. cargas sem lhe fazerem mais dano, q̃ mataremlhe hum cauallo: & logo os nossos deram nelles, & nam

sõmente/

sômente lhe tomaram toda a presa: mas tambem tiraram a vida a 40. homens, & renderam a 14. & se retiraram victoriosos com muitos despojos, em que auia 15. cauallos, espingardas, pistolas, carauinas, sellas, & vestidos. Depois de passado o conflito vieram quatro caualleiros Castelhanos à aquelle mesmo posto a buscar o corpo de hum tenente, que morrera na batalha, & os nossos os colherão, & mataram 3. & trouxeram o outro presoneiro; o qual afirmou, q̃ os Castelhanos, que se retiraram feridos morreram quasi todos. Ouue tão horriuel destroço assi de gente, como de cauallos no exercito do inimigo, que diz pessoa digna de credito, que com a grande copia de sangue correra vermelha, a ribeira de Chaaça.

¶ Quarta feira de Cinza á tarde sahio da Cidade de Eluas Gaspar Pinto Pestana Commissario da caualleria com 700. cauallos; & foi alojarse a campo Maior: logo foram duas companhias a reconhecer o campo: & encontraram num posto, que chamão o cabeça da Cerua, junto ao rio de Abrilongo, hum Clerigo Castelhana, que chamam el Licenciado Gordito, com 25. caualgaduras, & algũs soldados de escolta mudando hũas colmeas: deram nelles, mataramlhe seis homẽs, renderão os de mais, tomarão as caualgaduras, & derão hũa ao Clerigo para q̃ se fosse. Ao dia seguinte sahio de Capo Maior o Cõmissario com a caualleria, & cõ 500. mosqueteiros. Correo a campanha, & deixando a mosqueteria de emboscada nẽ posto, que chamão nossa Senhora da Botoua (que he na passagem de Badajoz) escalou os campos de Villar del Rey: deu volta ao lugar, & seus contornos; & chegouse tanto, que de dentro das trincheiras matarão dous cauallos: mas os nossos tirarão a vida a 30. Castelhanos, rēderão 24. E não ouue ẽ todo aquelle circuito herdade, moinho, quinta, seara, defeza, ou oliual, a que não alcançasse o destroço deste assalto. Depois de não ter que destruir se retirou o Cõmissario cõ grande numero de vacas, porcos, ouelhas, cabras, caualgaduras, & muitas cargas de roupa branca.

f.º 3 – v.º

¶ Em Aldea da Ponte, junto á Villa de Alfaiates perto da cidade da Guarda deraõ os Castelhanos de Cuidad Rodrigo: & a gete do lugar tomou as armas. Acodirão à defesa até as molheres. Peleijouse cõ tanto valor, que rechaçaram os inimigos cõ alguas mortes, & muitos prisioneiros. Hia juntandose infinira gete de Almeida, do Sabugal, de Pinhel, & de outros muitos lugares.

¶ A treze foi el Rey N. Senhor ver a torre de S. Giam.

¶ Miguel Pereira Borralho vai para Setuual por Capitaõ mór da Fortaleza de Oitam.

¶ A segunda sesta feira da Quaresma pela manhã veyo da Rochella o Capitão Saluador de Mello da Sylua caualleiro da Ordem de Christo, natural da Ilha dos Açores: o qual da Villa de Fraga (donde era Capitão viuo por el Rey Filipe) hua noite, que entrou de guarda fugio para o Castello de Aitona com a sua companhia formada, officiais, armas, tambores, & bandeiras, a pesar da caualleria Castelhana, que hia no seu alcance. E sempre marchando por ordem, passou Cathalunha, & França, até chegar à Rochella; donde agregou à sua companhia muitos outros Portuguezes, que alli estauão: & com elles em sinco naos se veyo para este Reyno. Desembarcou, & foy ao Paço, de dõde sahio cõ muitas hõras; & hua Comenda, q lhe deu el Rey N. Senhor de S. Maria de Frechas na Comarca de Viseu.

¶ Este mesmo dia à tarde foi el Rey nosso Senhor, & a Raynha nossa Senhora, com o Serenissimo Principe D. Theodosio, & todo o acompanhamento Real a ver a procissão dos passos de hua janela do tribunal do Sancto Officio.

¶ A dezoito sahio o General Antonio de Saldanha com a esquadra que vai de socorro á Ilha terceira.

¶ Dia de Sam Ioseph fez annos el Rey nosso Senhor: ouue muita gala, & grande festa na capella Real pela manhã; & à tarde recebeo o Sacramento da Chrisma o Serenissimo Principe D. Teodosio. Veyo abaxo ao lado delRey nosso Senhor, acompanha

do com/

do com toda a regia casa: & depois de fazerem ambos oração se assentaraõ no sital: & o illustrissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano se vestio de Pontifical: deolhe agua às mãos o Bisconde de Villa Noua de Serueira, & seruio a toalha o Conde Regedor. Disposto, & preuenido tudo, quanto era necessario para esta solenidade se leuantou o Serenissimo Principe cõ o Reuerendo Padre Confessor da Raynha N. Senhora (que era seu Padrinho) & se foy pòr de giolhos sobre hũa almofada diante do altar maior. Acabadas as ceremonias todas, & celebrado o Sacramento, chegou a elle o Bispo Conde, & limpoulhe aquella parte do rosto em que se lhe auia posto o sancto olio, & depois disto trouxerãno para o sital; donde elRey N. Senhor com grandissima alegria o recebeo nos braços. Tirouse o Pontifical o senhor Arcebispo. Logo veyo a dar os parabês a elRey N. Senhor, & ao serenissimo Principe. Assistio a tudo na sua tribuna, com as damas luzidamente vestidas, a Raynha nossa Senhora, & foi este hum dos alegres dias, que ouue na capella Real.

¶ O Conde da Bidigueira, que vai por Embaxador a França, està para sair com o primeiro tempo.

¶ O Monteiro mòr do Reyno foy para as fronteiras de AlemTejo por General da Caualleria.

¶ Ruy de Moura Telles vai por Governador de Mazagão.

¶ Mandou elRey N. Senhor confiscar os bens do Marquez de Castello Rodrigo por lhe constar que assistia em Alemanha em deseruiço desta Coroa. E os do Conde de Linhares se confiscarão tambem por hum decreto do Conselho da Fazenda.

¶ Dziase na Cidade d'Eluas, que o inimigo preparaua exercito, & peças de campanha, para vir sobre hũa das praças de AléTejo. E o General Martim Affonso de Mello mandou auiso a Manoel da Sylua Mascarenhas Capitão Mòr da villa de Mouraõ, aduertindolhe que era necessario colher hum Castelhana, para saber delle o

numero da gente, & o lugar, a donde auia de ser o assalto: & logo aos 13 do mes mandou Manoel da Sylua Mascarenhas noue homens de caualllo os quaes (depois de correrem toda hũa noite a campanha) foram das sete para as oito oras da manhã dar volta à Villa de Chelles, & porque não acharão nos arrabaldes soldado algum Castelhana, entrarão dentro, inuistirão as trincheiras, & junto às primeiras casas do lugar pelejarão valerosamente, & tirarão a vida a tres Castelhanos. Mas ao sair os acometeo hũa tropa de 30. mosqueteiros, & se defenderão delles com grande bisarria. Ferirão muitos, & matarão hum cujas armas trouxerão ao Capitão Mor, & da nossa parte não ouue dano.

¶ O Capitão D. Henrique Henriques com algũs caualllos, & a infantaria do Terço do Mestre de Campo D. Francisco de Sousa, depois dos inimigos tomarem muito gado nos nossos campos, & fazerem algũas irreuerencias à Igreja de N. Senhora da Coroada: sahio a campanha, & teue com elles algũs encontros em varias partes: atè que os colheo num posto, que chamão a Negrita, donde auião feito alto: & lhe tomou a presa do gado que leuauão (q̃ erão mais de 14U. cabeças) & noue Portugueses prisioneiros, & muitas armas, & lhe ferio infinita gente, & matou 39. de modo que com grande desconposição lhe fugirão, & elle se retirou vitorioso para a Villa de Sancto Alexo.

¶ Antonio de Queiròs Mascarenhas Capitão mòr de Valladares, aos 14. do mes sahio à campanha com 400. homens diuididos em tres troços; marchou por Galiza. Fez hũa entrada nos lugares de Guegoas, Villar, & Benzianes: donde matou 20. Galegos dos q̃ lhe fizeram resistencia; saqueou estes tres lugares, & retirandose vitorioso, com hũa presa de muito porte lhe sahirão do Conselho de Intrimio, & da Villa de Lobeira 300. Castelhanos, & o acometerao pela retaguarda: mas elle lhe deu hũa, & outra carga, & os fez retirar com muito dano. E os despojos que trouxe foraõ infini

tos/

tos mosquetes, pistolas, espingardas, espadas, piques, dardos, com grandissima copia de fato, & mais de duas mil ouelhas, & cem vacas. Da nossa parte nem ouue mortes, nem feridas, & sòmente o Capitão mór sahio ferido em hũa mão.

NOVAS DE FORA DO REYNO.

[Letra capitular]O Mariscal de la Milharé grão Mestre de artilheria tem cercado Perpinhão com mais de dez mil infantes, & seis mil caualllos.

¶ ElRey Christianissimo està em Narbona, donde dizem que assistirà este verão, para d'alli dar calor às guerras do principado de Catalunha.

¶ Tarragona està sitiada, & por nenhũa parte lhe póde entrar socorro, senão à força de armas.

¶ Padecerão hũa horriuel tempestade vinte galés del Rey de Castella, que forão a Colibre a leuar o socorro de Perpinhão. Tres derão à costa nas Tinhas em Prouença: hũa entrou em Monaco, & foy rendida pelos Franceses: outra deo em Liorne: & sinco em Saiona: as mais se receião perdidas; & nam falta quem afirma que o Principe de Oria (que era o General) fora prisioneiro a Paris: & que assiste hoje em Bastilha, que he a prisaõ dos Príncipes em França.

¶ Carlos Duque de Lorena està outra vez rebelado; & fesse da parcialidade do Emperador, mas el Rey Christianissimo lhe confiscou tudo o que elle em seus Reynos possuhia.

¶ Iuntase a armada de França do mar Oceano, com a do mar mediterraneo, & com as galès, que virão a ser mais de cem baxeis.

¶ Monsiur de Enguien, Monsiur de Espernon, & Monsiur de Bresè juntarão os exercitos, & sahirão ao encontro a 8U. infantes, q̃ hião de Argilers, & Colibre em socorro de Perpinhão. De parte a
parte/

parte auia peças de artilheria, começou a batalha às cinco da manhã, durou mais de seis horas, até que os Castelhanos se retirarão com perda de 1U 100. homens, & sò hũa pequena parte do comboi escapou do estrago, & trinta cargas ficarão por despojos. Dos Francezes morreraõ algũs officiais, & algua gente da melhor.

¶ Fez el Rey Christianissimo Coronel General da infantaria ao Duque de Anguina, filho do Principe do Condè, cunhado do Marquez de Bresè.

¶ Casou o Duque de Longa Villa Principe de la Sangre (que era viuuo de hũa irmã do Principe Conde de Soíson) com Madama de Borbon, prima do Christianissimo, filha do principe de Condè.

¶ O Embaxador de Catalunha, que assistio nesta Corte: agora esta preso em Barcelona.

¶ Monsiur de la Mota, sendo auisado de que os Castelhanos, que se alojauão na raya de Aragão querião inuadir a Lérica, ou atalhar o passo de Valaguer; & que tambem os de Tarragona sahião a correr a campanha com mil, & duzentos cauallos, & sinco mil infantes para diuirtir aos Francezes, & que ja hião marchando para Valsse foi a Momblanco; & dahi a oito dias, sabendo que os Castelhanos estauão fortificados em Valmot: & que Monsiur de Xabot (por ordem de Monsiur de Terrail Mariscal de Camp, Gouvernador de tres regimentos de infantaria, & dous de cauallos) dera nelles; & os fizera retirar com perda de dez Capitaes de Dragoes, & muitos soldados veteranos; mandou diante a Monsiur de Condrai, com os regimentos de Boxes Baritaus, & Bussy, & elle se poz logo a caminho com todo o seu exercito: & chegando a Villa Longa, donde os Castelhanos estauão descansando, derão num corpo de 500. infantes, & 200. cauallos, entre os quaes estava o Marquez de La Inojosa. De improviso se trauou a batalha, & durou até que os Franceses destruirão a infantaria Castelhana, & forão atras dos de cauallo, q̃ lhes hião fugindo: & ao passar de hũa ribeira derão nelles, & sòmen

te o/

te o General; & algũs officiais lhe escaparão. Veyo prisioneiro Dom Diogo de Mers, Gouernador do Regimento do Conde Duque, com 4.^[2] officiais, todos os mais morrerão: trouxerão os Franceses despojos, em que vinhão dez peças de artilheria. Depois disto se juntarão os Castelhanos, que estauão da outra parte da ribeira, & vierão passando a hũs tras outros com animo de se vingarem. Porem Monsiur de la Mota fez que se retiraua, & assi como vio passados seiscentos infantes, voltou sobre elles, & matou quatrocentos, & os de mais catiuou. Foy grandissimo o estrago, que ouue em todos estes encontros: morrerão noucentos Castelhanos, & vierão prisioneiros quatrocentos, entre os quaes auia sincoenta officiais. No exercito dos Franceses, perecerão cẽ homens, os mais delles soldados velhos, & algũs Monsiurs. Sahio ferido o Mariscal de Camp, Monsiur de Tertail, Monsiur de Landricour, Monsiur de Bais, Monsiur de Iacci, o lugar Tenẽte de Tunnins, o caualleiro de Sauueuse, & Monsiur de ^[palavra omissa no documento original] Capitão de carauinas: veyo prisioneiro, & ferido o Monsiur de ^[palavra omissa no documento original].

¶ Morreo o Duque de Pernon, que era o mais velho dos Principes de França, & priuou cõ Luis vndecimo, & cõ 3. antecessores seus.

¶ O Conde de Guebrian Capitão General delRey Christianissimo em Germania, passando o rio Reno aos 14. de Ianeiro cõ 7U. homens, & 5. peças de Campanha por hũa ponte de barcas, q se fez em Vusel, acompanhado do Conde de Eberstein, foy até á Cidade de Ordinguen, donde teue auiso de que Lamboy General do Emperador estaua fortificado no Païs de Kenpen cõ 9000. homens esperando ao General Hazfeld, para q jũtos formassẽ hũ exercito de 18000. homens. Pozse logo ao caminho com animo de estrouar que se juntassem. Estaua o Lamboy nũ fortissimo reparo cõ seis para peitos, & co 10. batalhoẽs de infantaria, & às suas espaldas em hum llhano a caualleria de socorro. Numa parte da fortificação auia hũa Diga de 12. pés de alto, q se chamaua Landuert, & hũ grade fosso: & ao re-

dor das/

dor das trincheiras hũa grande paliçada, que assegurava toda a campanha. Diuidio o Conde de Guebrião o exercito em tres partes; a primeira da mão direita com os Franceses tomou para si: a segũa da mão esquerda com os Hassianos, deu ao Conde de Eberstein; a terceira aos Alemaães. Começouse hũ durissimo cõbate, & querêdo os Franceses descompor a Diga, foraõ rechaçados. Mas o Conde de Eberstein, & no mesmo tempo o Conde de Guebrian, acometerão a Diga com tanto impeto, q̃ descortinadas as fortificações, entrando ambos cõ as espadas nas mãos por meio dos inimigos: matarão a quantos lhes fizerão resistêcia: & os mais se renderão à descripção. Vendo o General Lãboy perdída quasi toda a infantaria, desordenadas as tropas de caualllo, & ganhada a artelheria, jũtou os soldados, q̃ pode, & fez hũ corpo: mas à primeira carga, que deu, fugio, & desocupou a fortificação. Mandou o Conde de Guebrian em seu alcance dous esquadroẽs de caualllo q̃ o acabarão de rõper, & o trouxerão prisioneiro. Entrou logo a caualleria Franceza no quartel da bagagẽ & não ouue cousa, em q̃ não fizesse presa. Durou a batalha das 8. da manhã até as 3. do meio dia. Morrerão dêtro das trincheiras 2U. 500. homens, & no seguimêto mais de mil. Ficou o Cõde da Guebriã senhor da fortificação, & da câpanha: & de pois em outros encõtros rêderão os seus Coroneis muitas tropas e q̃ entrou o regimêto de Dragoẽs do mesmo Lãboy cõ o Coronel, & muitos officiais, & o Varaõ Zelti, de cuja gẽte morreo a maior parte. Tomaraõ os Franceses nesta vitoria 162. bandeiras.

¶ No mesmo ponto, em q̃ se acabou de imprimir este papel, veio da Ilha Terceira Iorge de Mesquita, & trouxe auiso de q̃ a fortaleza se auia rêdido, & estava já por elRey N. Senhor. Por ser noua de grade alegria para este Reyno se poz nesta Gazeta, não obstante que pertence á do mes de Abril.

Cõ todas as licenças. Na Officina de Domingos Lopez Rosa. Anno 642. Taxão esta Gazeta a 6 reis Lisboa 10. de Abril de 1642.

Menezes.

Cesar.

**GAZETA
DO MES DE
ABRI,L.
de 1642.**

[Letra capitular] O CONDE de la Torre por mandado del Rey nosso Senhor foi a ver as fronteiras de Alentejo.

¶ No segũdo dia do mes entrou neste porto hũa nao Franceza: aqual vindo de Villa Noua de Portimão carregada de figo, & passa a esta corte, com intento de fazer daqui viagem para Nantes, encontrou na altura do cabo de Espichel hũa nao de Moiros, que andaua a corso, & o pirata, depois de render ao capitam, lhe perguntou para donde fazia viagem: ao que elle respõdeo que a sua direita descarga era para a corte del Rey D. Ioam o quarto de Portugal. Em continente mandou que nenhum soldado lhe fizesse agrauo, logo lhe deu liberdade, & sem lhe tomar de todas as mercadorias; de que vinha carregado, mais, que hum cunhete de passas, & outro de figos, lhe dixe que siguisse sua viagem, aduertindolhe que daquella fineza, de que vsaua com elle, não queria outro agradecimento, mais, senão que como chegasse a Lisboa dicesse a elRey de Portugal que hum capitão Africano, depois de o ter catiuo, & depois de auer feito presa na sua nao, o largara sem permitir que ninguem lhe fizesse dano, somente porque lhe dixeram que nauegava para a corte do Serenissimo Rey

A

Dom/

Dom Ioam o quarto de Portugal.

¶ A cidade de Eluas veyo fugido o tambor mór de Badajos.

¶ O Mestre de campo Dom Francisco de Sousa sahio com algũas tropas a correr a campanha, entrou no districto de Castella, & depois de infestar as terras do inimigo fazendo grandes demonstraçoẽs de valor, se retirou com hũa luzida presa de gado.

¶ Vieraõ muitos Portuguezes de Cadiz, os quaes dizem ã em Andaluzia se acrecentaram os tributos, & que elRey Filippe tomou quasi toda a prata, que veyo registrada na frota de noua Hespanha: & que tudo era prender gente para as guerras de Catalunha.

¶ O Domingo de Lazaro se celebrou nesta corte o acto da Fè. Iunto ao quarto em que assiste a Raynha nossa Senhora se fabricou o theatro. Sahirão a padecer tres mulheres, & tres homẽs, hum dos quaes hia a morrer viuo por pertinaz, & às dez horas da noite se reduzio, depois de ter caçado aos Religiosos ã lhe assistião, & a muitas outras pessoas. Grãde parte deste dia estiuerão el Rey nosso Senhor, & a Raynha nossa Senhora numa das janellas do paço, que ficaua sobre o theatro.

¶ A noua da Ilha Terceira, de que se fala por mayor na Gazeta do mes de Março, veyo aos oito do mes de Abril no nauio Sol dourado. Foy de grande alegria para todo este pouo. Repicarãose os sinos. Cantouse na capella Real. Te Deum Laudamus. Assistiraõ nas suas tribunas elRey N. Senhor, & a Raynha nossa Senhora. Veyo em Procição o Senhor Arcbispo de Lisboa desde a Sè até a Igreja de Sancto Antonio, donde se disse hũa missa votiua. Comeo elRey nosso Senhor em publico: & fez merce de mandar dar hum prato ao ca-

pitam/

pitam mor Francisco de Ornellas da camara, & outro ao capitam Iorge de Mesquita (que trouxeraõ a noua) dizendo-lhes a ambos palauras mui honrosas. A noite ouue luminarias. E dahi a dous dias sahio da Igreja da Sè huma procição gèral com o pendão da cidade, & o Senado da camara, & foi ao conuento de S. Domingos a dar graças de tão felice successo. E de tudo o que passou desde o dia em que sahio deste porto o Capitão mór Frâncisco de Ornellas da Camara, atè o em que se entregou a fortaleza se faz hũa relação verdadeira, a qual se imprime na officina de Domingos LopeRosa.

¶ Sahiram para as fronteiras algũs officiais de caualleria cõ quantidade de caualllos.

¶ O conde da Bidigueira, que vai para França por Embaxador, he jà partido.

¶ A noue se fez à vela o galeão S. Bento, que vai para a India Oriental; & elRey nosso Senhor o foi ver, & assistio no mar atè que sahio de foz em fora.

¶ Publicouse hum edicto que todos os Castelhanos se sahissem deste Reyno, & que os que estão nelle moradores de muito tempo, querendo ficar, se naturalizem.

¶ Veyo de Inglaterra, despachado pellos Embaxadores de Portugal Felis de Olanda; trouxe auiso a elRey nosso Senhor do estado da embaxada, & jà tornou outra vez cõ a reposta.

¶ Sahiraõ algũas embarcações com artilheria, & gente de guerra a buscar o galião, que já está acabado na Cidade do Porto. Arribarão por causa de hum temporal, & estiueram em Cascais até q̃ lhes fez tempo: & tornarão a sahir.

¶ Fez elRey N. S. merce de algũas comēdas a varios fidalgos.

¶ Leuantouse o ouro: porque os estrangeiros o não tirassem do Reyno, & publicouse q̃ toda a pessoa, q̃ o tiuesse, o leuas-

se a casa da moeda para se fundir de nouo, de modo que hũa moeda de quatro cruzados valha 3000. reis Meya moeda 1500. & hum quarto 750.

¶ O Tenente Miguel Nunes da Maya sahio de Capo Mayor com 30. cauallos, & o capitão Vergas Olandez com 40. & ambos forão à vista da cidade de Badajòs, donde estiueraõ desde as oito da manhã até a hũa da tarde, & depois de reconhecerem o campo, vendo que ninguem lhes sahia se retirarão com 13. presioneiros, 18. caualgaduras, & hum Furriel de caulleria, que passaua de Villar de Rey a Badajòs com cartas para o General D. Ioão de Garai: as quaes se lerão, & não auia nellas mais que pedir gente, armas, & mantimento, de q̃ aquella Villa necessitaua.

¶ Vai Antonio Telles da Sylua despachado por Vizorrey do Brazil.

¶ Seis Portuguezes, que estauão presioneiros em Badajòs vieraõ fugidos à Villa de Campo Mayor. Veyo tambem hũ natural de Estremòs, que auia muitos annos que là estaua casado.

¶ Na prouincia de Traz os montes naceo hũa vitella com duas cabeças, viueo poco tempo, & depois de morta lhe encheram a pelle, & a mandou o Reitor da Vniuersidade de Coimbra ao Senhor Arcebispo de Lisboa, em cuja casa està hoje: & a vão ver muitos curiosos por marauilha.

¶ Veyo hũa carauella da Ilha Terceira com auiso de como já là era chegado o General Antonio de Saldanha.

¶ Toda a Semana Sancta não desocupou el Rey nosso Senhor a sua tribuna da Capella Real, quinta feira de Endoenças ao desenserrar o Senhor assistio como manto de caualleiro: á tarde ouuio o officio das treuas: sesta pella

menhan/

menhan correo as Igrejas: & mandou soltar a mãy do Secretario Diogo Soares, com todos os mais daquela casa.

¶ Dentre Doiro, & Minho se auisa que os Galegos se vam passando pocos a pocos a Portugal, porque morrem lá de fome, & nao podem aturar os tributos.

¶ Os Castelhanos que assistem de guarnição nas villas, que estão fronteiras da Prouincia da Beira, entraraõ nos nossos campos, & deraõ no lugar de Forcalhos, de donde se retiraraõ com grandissimo numero de Gado, depois de auerem feito algũas hostilidades. Logo se juntaraõ os nossos, & foraõ inquietar os lugares de Castella por aquella parte, q̃ responde a Albergaria, & trouxeraõ de là muito maior quantidade de gado, q̃ a que elles nos auiaõ tomado. Sentiose o dano de parte a parte, & assentaraõ que cada hum restituisse tudo aquillo, em que se auia feito presa, & no mesmo ponto, em, que se trataua de efeituar este concerto, vieram os Castelhanos da Villa de S. Martim, & entraraõ na aldea de Fuinhos, donde fizerão algum dano, & levaraõ hũas poucas de ouelhas, que andauão pacendo nos montes. Escandalizado o General Fernão Telles de Menezes de ver que os inimigos (violando as leys da guerra) quando actualmente tratauam de restituição de presas, vinhão aos nossos campos a roubar se deliberou a fazer hũa empresa: & juntou algũa caualleria com quinhentos soldados pagos, & oitocentos da ordenança, & aos quatorze deste mes, por melhor desimular o seu intento, foi marchando para a villa de Alfayates; donde esteue hũ dia, & hũa noite, & logo sahio â campanha, & deu no lugar de Elges, cujo castello he capaz de alojar grande copia de infantaria. Inuestio cõ tanto valor, que no primeiro encontro fez retirar o inimigo, & rendeo o castello, ain-

da que cõ grande trabalho por estar situado no alto de hûas penhas, & ser a sobida com todo o encarecimento deficultosa. Deste castello pende a segurança de todos os mais, q ha na serra de Gatta. Depois de entrado procurou o General guarnecello de infantaria, & para isto se conseguir com facilidade deceo à Villa de Veluerde, & mandou dizer aos moradores della que lhes daria bom quartel se quizessem estar por el Rey Dom João de Portugal. Elles vierão logo nisto, & reduzindose à obediencia del Rey nosso Senhor, se entregarão, com promessa de dar cada mes o trigo, o azeite, & o vinho, que fosse necessario para socorrer a nossa gente, que auia de ficar de presidio naquella praça. Celebrouse o conserto, & guarneceose o castello com 300. mosqueteiros, de que he gouernador o Mestre de Campo Dom Sancho Manoel. Achouse tambem nesta occasião hum mestre de Campo Frances; & Affonso Furtado de Mendonça Alcaide môr, & capitão mor da Couilhan, o qual foi na vanguarda com oito companhias, & deu grandes mostras de valor. Ficarão mortos oito Castelhanos, & algũs feridos.

¶ Dia de N. Senhora dos prazeres à tarde foi el Rey nosso Senhor com toda a Casa Real à sua quinta de Alcantara, donde está ainda.

NOVAS DE FORA DO REYNO.

[Letra capitular] EL Rey Christianissimo tem junto infinita gente de guerra em Narbona: & em troços a vai já comboyando toda para Barcelona.

¶ Preparase hũa dieta vniuersal na cidade de Maguncia, em

que/

que ande a assistir plenipotenciarios de muitos Príncipes de Europa.

¶ ElRey Carlos de Inglaterra desgostoso do parlamento se sahio da Corte com o Principe; & agora esta na cidade de Yorque vinte, & tantas legoas de Londres. Mandoulhe o parlamento pedir o Principe, & elle não deferio à petição.

¶ A Raynha Henriqueta Maria vai aos banhos de Espàa jūto ao Bispado de Liegi, com animo de se curar de hũa infirmitade de melanconia, com que ha muito tempo que padece grandes molestias. Ià veyo de Dunes para Olanda cō hũa esquadra de Galeoēs Olandezes, que a foi esperar ao Canal para a vir acompanhando: & trouxe consigo a Infanta sua filha, que casa com o Principe de Orange. Ha grandes festas nas Prouincias, & assistem nas bodas quatro Raynhas: a saber a Raynha de Inglaterra, a Raynha Madre, que estaua retirada em Colonia, a Raynha de Bohemia irmã delRey Carlos molher q̃ foy do Conde Palatino. & a Raynha mãy da Raynha de Suecia.

¶ O Conde de Oland, que he dos principaes senhores de Inglaterra, foi de Londres à Cidade de Yorque a ver elRey Carlos. faloulhe numa fala publica, & teue com elle a parte hũa pratica mui larga que ninguem ouuio mais que o mesmo Rey, o qual antes que elle acabasse de falar o deixou, & olhando para os circustantes se recolheo mui colerico, dizē do que o Conde mentia em tudo quanto lhe auia dito. Foy caso este que admirou, & confundio a todos os senhores de Palacio, & atè agora senão sabe que era o que o Conde lhe auia dito.

¶ No Reyno de Irlanda ouue a mais terriuel batalha entre Ingrezes protestantes, & Irlandezes Catolicos Romanos, q̃

se vio em nossos tempos. Entrou na Prouincia de Vltonia o Conde de Lesle General dos protestantes com 18U. homens, entre os quaes vinhão muitos Ingrezes, & Escocezes senhores titulares. Sahirãolhe ao caminho 8U. Irlandezes Catolicos Romanos; encontraraõse em campo aberto os dous exercitos, & com igual furia se acomenteraõ ambos, ouue na batalha grandes actos de valor de parte a parte, & o estrago foy tão estupendo que affirmão pessoas graues, & dignas de todo o credito que de Irlanda, & de Inglaterra se auisa que dos 8U. Irlandezes morrerão quatro mil, & que os 18U. protestantes morrerão quasi todos: ficou prisioneiro o Conde de Lesle, que por ser o General escapou naquelle cõflicto cõ a vida; porem depois de se publicar a vitoria por os Catolicos Romanos veyo ao parlamento de Irlanda preso, & alli os ministros supremos lhe perguntarão cõ que ordem metera aquelle exercito na Prouincia de Vltonia, ao que elle respondeo que com ordem do Parlamento de Inglaterra, Não auia acabado bem de dar esta resposta, quando as justiças o maniataram, & numa praça publica o mandarão enforcar por conduzir hum exercito sem ordem de seu Rey.

¶ Em Londres padecerão sinco Catolicos Romanos quatro delles Sacerdotes A saber dous Clérigos, & 2. Frades Bêtos.

¶ Veyo de Inglaterra aos mares de Irlanda o General dos Galioês do Estado com hũa esquadra de 30 baxeis: he seu Almirante o Conde de Nortumberlãd dizem que não traz outro pensamento mais que senhorear aquelles portos, para q̃ os Príncipes Católicos não socorrão aos Irlandezes.

¶ Com a vitoria, que o exercito dos Catolicos de Irlanda alcançou do Conde de Lesle na Prouincia de Vltonia se assegurou aquella Christandade de maneira, que até de Londres/

dres se auisa, que não ficou viuo em Irlanda nenhum protestante.

¶ Colibre foi entrada pelo exercito delRey de França.

¶ Por carta do Abade Carleno (Embaxador q̃ foy do Duq̃Cõde de Cleues) escrita ẽ Lõdres aos 28. de Março de 1642. se sabe q̃ no Sacro Palacio aos 13. de Feuereiro no vltimo Cõsistorio fez nosso Sanctissimo Padre Vurbano 8. hũa pratica a todo a Cõclaue Apostolico sobre a felice acclamação del Rey N. Senhor díscurrêdo largamente com grande erudição sobre as muitas, & indubitaueis razões de direito, que tem neste Reyno, de que hoje está de posse; & por vltima conclusão resolueo que o excellentissimo Senhor Bispo de Lamego Embaxador de Portugal fosse recebido como Embaxador. Logo (acabado este acto) por ordem de sua Sanctidade foy Monsenhor o emenentissimo Cardeal Barbarino, com grande acompanhamento, a visitar o Bispo Embaxador, & apreuenillo para a entrada; a qual se esperaua que fosse a mais grandiosa, & a de mayor alegria, & aceitação popular, que ouue na Curia Romana.

¶ O Principe de Parma espera concerto em seus negocios. Iá se humilha, & pede a bênção Apostolica, & absoluição da escomunhão, declarando que no que toca à venda dos bens, que possui em Roma, & nos estados da Igreja se procederia com todo o rigor, sem elle a isso por duuida algũa.

¶ Fazendose na Igreja de Monserrato de Roma a festa da Purificação, preueniraõ os beneficiados Castelhanos ao Embaxador de Castella, para que assistisse com tanta gēte, que não tiuesse lugar o de França: porem os binificados Catalaens derão conta do que passaua ao Embaxador de França. O qual encontinente juntou 400. homens Portuguezes, Catalaês, &

Franceses, /

Franceses, & os mais delles com pistolas. Chegou á noticia do Sũmo Pontifice, & mandou aos Embaxadores que nenhũ sahisse aquelle dia de casa.

¶ O Principe Thomas, & o Cardeal de Saboya se achão hoje tão desalentados por razão dos infortunios, que tiuerão nas guerras passadas, que por falta de forças estão quasi suspêsas as armas em todas as suas praças. E elRey Christianissimo mandou retirar algũas tropas do Piamonte, & as applicou às guerras de Catalunha.

¶ De algũas praças, que em Catalunha estão por el Rey Filippe, sahiraõ os Castelhanos, & procurarão descompor o sitio das tropas Francezas, que estão sobre Tarragona, mas não as puderão desalojar & ouue muitos recontros, em que da parte a parte morreo grande numero de gente.

¶ Nas Prouincias de Frandes apertão os Castelhanos de tal modo com os soldados Portuguezes, que depois de os tripularem a todos, os alojarão em prisidios fechados, & se colhê algum fugitiuo o fazem quartos: & já nenhũ se atreue a fugir.

¶ As galès de Hespanha por estarem destroçadas, & faltas de gente, assi de mar, como de guerra não tem saído atè'gora mas já se estão preuenindo em Cadiz para hir de socorro a Tarragona.

¶ Em Andaluzia obriga elRey Filippe a cada officio a que sustente hũs tantos homens à sua custa para a guerra de Catalunha, & sobre isto ha grandes controuersias, & se teme que haja algũa porturbação.

¶ A 28. veyo hũ nauio Frances, o qual trouxe nouas q̃ a armada Real de França hia já para Tarragona.

¶ Duas galés del Rey Filippe partirão de Cartagena de leuante para Genoua com 500U. cruzados, padeceraõ grandes/

des tormêtas no golfo de Leaõ, & chegarão mui destrachadas.

¶ Na Gazeta, que veyo de França, estão as propostas, que os Irlandezes agora fazem a elRey Carlos de Inglaterra, as quaes traduzidas ao pé da letra são as seguintes.

*ARTIGOS, DO QVE OS CATOLICOS
cónfederados em Irlanda pedem a el Rey Carlos
de Inglaterra.*

1 ^[Letra capitular] Pedimos q̃ haja liberdade de consciencia, & publico exercicio da nossa sagrada Religião, como teos Escocезes da sua: de maneira q̃ a innouação, & reformação, que se fez em Escocia não venha ao nosso Reyno; & assi nenhũa será estabelecida, nem cõfirmada, senão a Religião Catolica, & Ecclesiastica Hierarchia, & admitimos outra vez os Religiosos, sem admitir heresia, nem feita nenhũa, senão os moderados protestantes, que atè agora estauão em Inglaterra, Germania, & em outras certas Prouincias. Que não haja Bispo nenhum senão Católico; que os Sacerdotes gozê dos beneficios Ecclesiasticos, & rendas, como antiguamente foy ordenado; & que os ministros protestantes gozem somente dos Bispados, & beneficios, que os da sua seita procurarê para sua sustentação.

2 Pedimos que no gouerno temporal sejamos gouernados pelo Vizorrey, Conselho, & Officiais Católicos, & naturaes, sempre com a subordinação deuida a sua Magestade, de cuja mão aceitaremos taes officios.

3 Pedimos que as terras, & Condados dos Católicos, que forão confiscados por causa da Religião, assi no tempo da Raynha Elizabeta, como depois, sejam exactamente restituídos, ou ao menos a valia delles.

4 Pedimos que daqui por diante não mandem nem Ingrezes, nem Escocезes a pouoar este Reyno, senão forê Catolicos, ou moderados protestantes, & q̃ as colonias somête, q̃ estão por autoridade publica estabelecidas, se permitão, & sofraõ, sê prejuizo da nação Irlandaesa.

5 Pedimos q̃ o nosso comercio cõ Inglaterra, & outras Pro
uincias/

f.º 6 – v.º

uincias se continue, como até agora.

6 Pedimos q̃ estes Artigos, por nossa cõsolação, & segurança se confirmẽ distintamẽte por S. Magestade, & por nosso Parlamẽto em Irlãda, não confessando sugeição, nẽ subordinação a nenhũ outro Parlamẽto, ou seja de Inglaterra, ou de Escocia, assi como os Escocезes, q̃ não admitẽ subordinação mais q̃ a S. Magestade, & ao seu Cõselho priuado. Procedẽdo nosso Parlamẽto juridicamẽte cõforme nosso modo, & costumes & protestado os Cõselhos de Irlãda, q̃ elRey Carlos he nosso Principe, & gouernador puramente no temporal em Irlãda, Inglaterra, & Escocia. E nos oferecemos a estar sẽpre a parelhados para fazer a mesma protestaçoão, & afirmar o mesmo com juramento, que serà julgado, conforme nossas consciencias, & a Catolica Religião, segundo o parecer de nossos Bispos. S. do Senhor Papa de Roma nosso pastor vniuersal, & regra nas cousas espirituais, a quẽ propriamẽte pretẽce á aprouação dos juramẽtos, q̃ tocaõ á cõsiência; & prometemos defẽder a autoridade Real de S. Magestade sobre o Parlamẽto, cõdenando todas as opinioẽs em cõtrario. Entre tãto protestamos, q̃ não procedemos nesta materia como seueros vingadores da opressão, q̃ nos fizeraõ, da qual sabemos q̃ nosso benigno Rey não he causa senão seus ministros: & assi nos humilhamos, como subditos de S. Magestade, para alcançar delle justa consolação; prometẽdo ẽ boa fé q̃ largaremos as armas, quãdo S. Magestade, por sua real palaura nos conceder o q̃ lhe rogamos. Vltimamẽte queremos q̃ as guerras se acabẽ, em alcãçando a satisfaçoão, q̃ pidimos, sẽ efusaõ de sangue humano. Isto pode S. Magestade fazer de sua clemencia, se quizer, cõ muito menos gasto, do que o Parlamẽto de Inglaterra fez em remediar o leuantamẽto dos Escocезes, a q̃ os Puritanos chamão facção.

Com todas as licenças necesarias.

Em Lisboa. Na Officina de Domingos Lopez Rosa. anno de 1642.

Taxão esta Gazeta em 6. reis. Lisboa 9. de Mayo de 1642.

Menezes.

Pinheiro.

**GAZETA
DO MES DE
Mayo
de 1642.**

[Letra capitular] VIERAM algũas naos de França, as quaes trouxeraõ muitos soldados Portuguezes, que militavão por elRey Dom Felipe nas praças de Catalunha.

¶ O General Martim Affõso de Mello mãdou algũas tropas de gente sobre a Codiceira villa de Castella na qual entraraõ, & depois de fazerem recolher o inimigo com grandissimo dano foraõ saqueando o lugar, & se poz o fogo á maior parte delle.

¶ Estão declarados os Capitaes da armada Real, que se vai aprestando para sahir este veraõ, que consta de famosos galeões do Estado.

¶ A onze do mes se benzeraõ as duas fragatas que se fabricaraõ na ribeira das naos. Dixe missa o Bispo Capelão môr, & deu por nome à maior Sam Ioaõ Baptista, & à mais piquena Sam Theodosio, em graça do nome de Sua Magestade, & do Principe nosso Senhor.

¶ Vaõse alistando os nobres, & os Preuilegiados nos quatro terços do Serenissimo Principe Dom Theodosio.

A

Na vila/

Na Villa de Caminha sahiraõ hũs pescadores num barco pelo rio Minho, & tanto que se apartaram de terra encontraram dous bargantins com infantaria do inimigo; & porque vinhaõ em seu alcance se tornaraõ ao porto, & deraõ conta a Rodrigo Pereira de Soto Mayor Alcaide mór, & Capitão mòr de Caminha, & de Valadares o qual mandou ao Sargento mòr Francisco Pais, & outros Capitaes remetessem com algũa gente nos barcos daquella ribeira: os quaes foraõ, & não somente deram escolta aos nossos pescadores, mas també inuistiraõ os inimigos, & á vista dos dous bargantiñs, & de muitas tropas contrarias, que da outra parte dauão hũa, & ou.tra carga, tomaraõ dous barcos com algũs Galegos, & as redes a outro barco, que se acolheo para terra, & por que isto bastaua por vingança. Se retirarão os nossos deixando os inímigos em terra postos em arma, & receosos de algum assalto.

¶ A quatorze deste mes se botou ao mar a fragata Sam Ioam Baptista, obra já do Marques de Montaluão: ouue grande concurso de gente na ribeira das naos: veyo el Rey nosso Senhor da sua quinta de Alcantara na gondola Real com o Serenissimo Principe Dom Theodosio, & assistiram ambos até que a fragata adornada de ramos, flores, bandeiras, & galhardetes acabou a carreira, rompendo as aguas com airoso impeto, & grandissima alegria de todos.

¶ Fez elRey nosso Senhor merce a hũ bisneto do Bandarra de hũa Capella com que se pôde sustentar sufficiente-/

cientemente.

¶ Dom Nuno Mascarenhas mestre de Campo, & Capitão mór de Castello de Vide, & Fernão da Sylua capitam de caualllos, que agora assistem na Cidade de Portalegre: juntaraõ naquelles contornos algũa gente, & marcharaõ para hũa aldea de Castella, que se chama Santiago com animo de a saquearem. Chegaram á sua vista & como já os moradores estauam de auiso fugiram sem ficar hum sò, lenamdo^[sic] consigo tudo quanto auia de importancia, & o que não puderam levar deixaram escondido^[palavra rasurada no documento original], & por entre o trigo. Foi entrado o lugar, & somente acharam um homem (que por velho não pode seguir os mais) o qual pedio que o nam matassem, que elle diria em que parte estaua escondida a fazêda daquelle pouo. Pareceo bem darlhe vida: comprio o velho o que prometeo, & os nossos tomaram posse de tudo: que dizem importou muito. E com esta presa (depois de pegarem fogo ao lugar) se retiraram.

¶ A tres de Mayo à noite foram duas companhias nossas de cauallo a correr a campanha a cargo de Gaspar Pinto Pestana Cõmissario geral da caualleria de Alentejo, & rodearam a ponte de Badajós, somente a fim de ver se colhião no campo algũa espia do inimigo; & viram ao longe dous batedores a cauallo, em cujo alcanse foram: & não obstante que elles fugião para Badajós cõ grande vilocidade, os seguiram até que dentro na ponte lhes tiraram a ambos a vida, & lhes tomarão as armas, os vistidos, & os caualllos. Depois disto se passaram ao

A2

forte/

forte de Sam Christouão, que está do Guadiana para cá à mão esquerda da ponte, para a parte de campo Maior entraram nelle; desmantellarão-o, & queimarão-lhe huma casa, em que os soldados, que alli estauão de guarnição se recolhião. Logo forão dar da hi à huma legua no monte de Sespedes junto á ponte do Rio Caia, que he o posto, donde se alojão as rondas de Castella. Acharam aqui algum fato, & huma caalleriça em que se agazalhauão. 20. cauallos: abrasarão tudo, & retirarãose.

¶ Os Castelhanos fronteiros da prouincia de Alentejo, não saem a campanha por falta de gente, & por estarem os mais dos cauallos no verde.

¶ Fizerão os nossos tantos actos de valor na entrada de Enzinasola, que he forçoso, que a contemos por menor. E foy desta maneira O Mestre de Campo Dom Francisco de Sousa se preuenio para entrar em Castella ao mesmo tempo, em que Manoel de Mello Alcaide Mòr, & capitão mor de Serpa filho de Luis de Mello Porteiro mor, & capitão da guarda Real Portugueza, teue auiso de que o gouernador das armas trataua de mandar gente a campanha, & nao obstante que Manoel de Mello ao presente se achaua na cama sagrando algũas vezes apesar das amoestaçoens dos medicos se levantou, & no derradeiro dia de Abril foy a Santa Lusía auerse com o Mestre de campo Dom Francisco de Sousa dizendolhe como estaua deliberado a sair a correr a campanha com a sua gente, porque o inimigo não acudisse com maior poder a aquelle posto donde andauão as nos

sas/

sas tropas, pareceo acertado ao Mestre de campo, & ambos asentarão, que o dia seguinte iria Manoel de Mello a Moura com a sua gente para dalli marchar à EnzinaSola. O qual no primeiro de Maio sahio de Serpa com 45. caualllos, & 600. mosqueteiros & se foi jũtar em Moira com o Mestre de campo. Estauão ja os esquadroens ambos para marchar quando veyo auiso de Manoel da Silua Mascarenhas Capitão mór de Moirão de como havião saido muytas tropas de caualllos, & muyta infantaria Castelhana de villa Noua, & que se imaginaua que o intento era dar em Safara, Santo Aleixo, ou Moura. Pareceo acerto suspenderse a jórna da ate virem os batedores que havião ido a coroar o campo, & ate ver se os nossos trazião alguma espia do enemigo, que lhes desse auiso do que passaua, & logo o capitão mór Manoel de Mello marchou com a sua gente para Safara, porque se o enemigo viesse a aquelle posto ou a Santo Alexo não achasse aquellas villas faltas de gente, & em caso que o seu pensamento fosse vir sobre Moira ficaua dalli mais pronto para o acometer pella retaguarda. Chegou a Safara, & mandou alguns de cauallo, que sabiam^[sic] à terra a correr a campanha, & poz centinellas nas partes por dõde o enemigo hauia de passar; & ao Domingo a noite, que foi a 4. deste mes lhe trouxerão os seus soldados dois espias hum de Enzina Sola, & outro de Aroche, & sabendo delles que o campo estaua seguro mandou auiso ao Mestre de campo, & a segunda feira ao meio dia se junrarão ambos no posto do çapatão, que he tres

A3

legoas/

legoas de Enzina Sola, donde fizerão alto, & derão lugar à que gente descansasse do caminho. Daqui saíram de noite: & detiuerão-se na jornada não só pella aspereza da terra, mas também por serem sentidos das sentinellas dos inimigos, de modo que lhes foy forçado de ter agente até descobrir o campo porque lhes não fizessem algumas emboscadas, & tanto que o sol sahio auistaram o lugar no mesmo ponto em que hião subindo ao alto de hum oiteiro, que estaua mais perto, & mais superior á villa. Aqui se assentou o campo, & se resolveo, que, sem embargo de serem sentidos, o lugar se inuestisse por todas as partes para que diuidindose agente que nelle estaua houesse menos resistencia na entrada. Fez logo o sargento mór Ventura da Cunha de Albuquerque hum batalhão do terço do seu Mestre de campo Dom Francisco de Sousa, & o capitão mór Manoel de Mello mandou formar outro da sua gente. Também Miguel Iacome Esquiuel, a cujo cargo hiu alguã gente foy ordenando os homens que leuaua. Nomearãose os Capitaens, q̃ havião de inuestir o lugar com as suas cõpanhias, o que deu ocasião a alguãs competencias sobre a vanguarda, & o capitão mór Manoel de Mello vendo que ao terço do Mestre de campo lhe tocaua, procurou ocupar aquelle posto com a sua companhia e o conseguiu com beneplacito do mestre de campo. Foise chegando ao lugar, o qual esperou aquella primeira furia tão bem fortificado, que se rodeaua de trincheiras, reductos, plataformas baluartes, & estradas encubertas, & hum Castello que a in-

da/

da, que antiguo não he dos menores, que ha por aquellas partes. Começouse a peleija, inuestiraõ todos num tempo com valor igual, & ao entrar matarão os castelhanos dois soldados Olandezes, & hum do capitão mòr Manoel de Mello. então Sargento mòr Ventura da Cunha de Albuquerque, chegandose as trincheiras pella banda da porta meteu dentro hum soldado por nome Andre Lopes de Moura o qual desembaraçou aquella trincheira de forte que entrou nella grande numero de gente aqui peleijou á peito descuberto^[sic] com grande brio hum capitão Olandez, & outros, & foy tão grande o impeto deste acometimento, que excedendo o bom vzo militar entrou todo o esquadrão sem ficar da parte de fora qvem resistisse ao socorro ao socorro, que aos inimigos podia vir. Padeceo aquelle lugar hum lastimoso estrago, & virãose os Castelhanos em tal aperto, que se retirarão. He o Castello tão inexpugnael, que està seguro do maior atreuimêto, que a ser possiuel tomallo à escala vista pouco aproueitariá à retirada ao inimigo. O qual se defendeu em varias partes quasi duas oras. houue entre os nossos marauilhosas acçoens de brio. Domingos do Vale Sargento de huma companhia do Castello de Moira despois de admirar a todos com o que fês nos inimigos ao entrar de muytas feridas que recebera cahio, & chegando a elle o seu capitão Geronimo de Moura para o retirar lhe dise, que estaua morrendo sem remedio; & que não se detiuesse porque outro capitão lhe não leuasse à hora de entrar primeiro, que elle, & atras destas palauras

A4

falle-/

falleceo deixando a todos magoados de sua morte o Capitão Ingrez Ioaõ de Laton com hũa granada na mão amedrentou, & fez retirar grande parte dos castelhanos. Deuse auiso ao Mestre de campo de que ao enemigo vinha socorro de Frexenal, Oliua, & de outras villas de Castella, informouse da gente que era, & logo se veio a elle o capitão mòr Manoel de Mello, & lhe dixe que o socorro aparecia ja na campanha, & o Mestre de campo lhe respondeo, que tomasse a gente, que lhe parecesse, & que saísse a entretello em quanto elle pegaua fogo ao lugar, sahio logo o Capitão mòr, porem o socorro se retirou com tanta preça, que o não pode elle alcançar, & tornou outra vez para o lugar, aquem os nossos sáquearão sem perdoar à menor casa, & depois de mortos mais de 150. Castelhanos lhe pegarão o fogo, & abrasarão á mayor parte delle. Da nossa gente morreraõ dezoito, ou vinte homens, & ficaraõ feridos pouco mais de setenta. O Capitam Manoel de Mello sahio com hũa piquena ferida num braço. Depois de abrazado o lugar, armados caualeiros muytos dos nossos, & curados os feridos (quãdo ja se retirauaõ vitoriosos) ao descer de huma costa lhe sairão os enemigos em grande numero mas a nossa retaguarda, & a cauallaria os detiueraõ escaramuçando cõ elles valerosamente. Aqui feriraõ o capitam Iorge de Goes, & lhe pasaraõ hũa perna de parte a parte, & vendoo ferido o capitão de cauallos Henrique Henriques lhe rogou que se fose curar, & porque o naõ quis fazer deu traça para que dous Alferes o prendessem, & nem isso apro-

ueitou/

ueitou, porque sem respeitar à ninguém arrimado na espada se meteo com a sua cōpanhia pellos matos, & deu ao enemigo huma carga com, que o fez retirar, & tiuerão tempo os nossos de se recolherem sem dano atè que chegarão a Santo Aleyxo. Os despojos desta empreza forão de grandissima importancia. E todos os sete dias q̃ durou foy sustentando o Capitão mòr Manoel de Mello à sua custa a gente, que o seguia.

¶ A 23. que foy sexta feira, veio elRey nosso Senhor de Alcantara, & assistio no tribunal da Relação donde condenarão à morte 3. homens por testemunhas falsas no crimen lesæ Maïestatis.

¶ Nos vltimos de Mayo vindo alguns Barcos de trigo de Mertola para Alcoutim pello Rio arriba lhe saíram outros bem armados de Castelhanos succedeo, que na Ríbeira da parte de Portugal se achauão dous homens, & hum moço, que casauão, & vendo a contenda socorrerão aos barcos portuguezes tirando alguns tiros aos Castelhanos, que temerosos daquella defensa, ainda que tão piquena, se puzerão em fugida, & os nossos barcos vierão em paz ao porto.

NOVAS DE FORA DO Reyno.

[Letra capitular] O General Picolomi depois de ter huma rota grande, & correr fama, que morrera na bata-

lha/

lha, tornou outra vez em busca do enemigo, & o fez retirar com muyto dano, atè a baixa Saxonia indo sempre picándoo na retaguarda.

¶ O exercito do Christianissimo deu na gente de Lamboi, que escapou da batalha de Chenpe, & acabou de á destruir.

¶ Por carta de 6. de Abril escrita em Narbona se auisa de hum grande vitoria, que Monsiur de la Mota de Ancour alcansou do exercito delRey de Castella junto à villa Franca de Panaderes no principado da Catalunha.

¶ Ao Conde de Gebrian General do exercito, que venceo a Lamboi, fez elRey Christianissimo Mariscal, & a Monsiur de la Mota de Ancour.

¶ O Marquez de Torreclusa hia de socorro a Colibre mas não pode chegar a tempo por ir a gente mal tratada da viagem por isso se perdeu aquella praça.

¶ De Douer veio carta de 14.de abril na qual se auisa, que elRey Carlos se queria passar a Irlanda.

¶ Pella gazeta de Olanda se entende que o Parlamento de Inglaterra mandou hum commissario com grandissimos poderes a dizer aos Irlandezes que lhe mandassem as condiçoens, que pedião a elRey, & que as despachatião comò fosse justo, & que as firmassem os seus Gouvernadores. Os Irlandezes lhe mandaraõ 13.artigos dõde puseraõ algumas condiçoens nouas, das quais a principal he que o Conde de Corche restituísse aos fidalgos todas as terras, que lhes hauia vsurpado. Estas condiçoens leuarão ao Parlamento os Senhores Montgaret Del
uin/

uin. Dunlyps, Lymbre, O nel, & muytos otros titulares, & principaes.

¶ A cidade de Dublín (que he a principal de Irlanda), & a que até agora não seguio à parcialidade dos Catolicòs) diz à gazeta de Londres, que os Irlandezes a tem sercado com 50U. homens, & està em tão grande aperto que se comem os caualllos, & ja os Catolicos, que ha nella à vista dos Protestanres,^[sic] que a governão fazem plegarias publicas a Dêos pello bom sucesso dos Irlandezes.

¶ Sua Santidade escreueo aos Príncipees Catolicos exortandoos, a que socorressem as prouincias de Irlanda, & mandou ao Senhor Felix O nel (que foy o General no leuantamento) hum estandarte, no qual ha hum diuisa que declara, que a guerra dos Irlandezes he em defença da Fé Catolica Romana, & da Catedra de São. Pedro, & lhe mandou mais hum presente de muyto preço com indulgência plenaria para todos os que ajudassem, & fauorecessem este Reyno, asegutando que nunca lhe faltaria o fauor da Igreja.

¶ De Olanda, & de outras partes se auisa, que elRey de Dinamarca tem aprestados sincoëta galioens para socorrer a elRey de Inglaterra, ou para outros effeitos Politicos.

¶ Por se tomar assento nas dicensoens, que ha entre os puritanos, & protestantes se ordenou, que por votos se aueriguasse qual das seitas se hauia de seguir. A dos Protestantes teue 126: votos, & a dos Puritanos menos sinco & o conselho se confundio de maneira, que não se resol

ueo/

¶ Publicouse hum edicto, que nenhum Bispo inda, q̃ue fosse Protestante tiuesse voto no Parlamento, & agora ficauão presos. e vierão ja a juizo parte delles, & ainda se não se sabe a sentença.

¶ O Parlamento mandou Embaixadores a elRey os quaes de sua parte lhe dixerão, que aquelle pouo estaua triste porque sua Magestade não voltaua a Londres, & elRey lhes deu por resposta, que cada hum do pouo metesse a mão na sua consciencia, & que logo seria facil conhecer a razão porque não voltaua.

Manda elRey nosso Senhor, que pello Dezembargo do Paço se lhe passe à licença necessaria para se imprimir.
Em Alcantara a 3. de Junho de 642.

Francisco de Lucena.

Esta conforme com o Original em Sam Domingos de Lisboa
12. de Junho de 1642.

O Mestre Fr. Ignacio Galuão.

Podesse imprimir a Gazeta de que se trata, & depois de impressa torne a esta mesa para se taxar Lisboa a 6. de Junho de 1642.

Menezes.

Ribeiro.

Taxaõ esta Gazeta ẽ 6. reis Lisboa 14. de Junho de 1642.

Menezes.

Ribeiro.^[sic]

Em Lisboa na Officina de Domingos Lopes Rosa.
Anno 1642.

**GAZETA
DO MES DE
IVNHO DE
1642.**

[Letra capitular]CHEGOV a este Porto huma nao da Rochela, em que vieraõ algũs Portugueses de Italia, & de Catalunha.

¶ Na villa de Penamacor se foi o General Fernão Telles de Menezes para Almeida por ter auiso de q̃ o inimigo pretendia fazer algũas entradas por aquellas partes, & a 28. de Mayo saíram de Aldea do Bispo (hũa villa de Castella, que dista de Almeida meia legoa) algũas tropas de infanteria, & de cauallos, & foraõ correr o campo jũto a hum lugar nosso, que se chama Val de la Mula, donde fizeraõ presa no gado que andaua pastando mui longe dos muros. Tocouse logo a rebate: & o Tenente General da caualleria Ioão de Saldanha de Sousa, sahio com algũas tropas, & se foi a Val de la Mula, a tempo que os Castelhanos estauão já da banda de alem de hũ rio, que auiam passado, & no alto de hũ mōte, que està perto de Aldeã do Bispo. Passou elle tambem o rio, & passaraõ em seu socorro com 60. de cauallo os capitaes Ruy Tauares de Brito, Christouão de Sà de Mendonça, & Christouão da Fõseca Cardoso. Cchegou^[sic] ao posto, de donde se vio a caualleria do inimigo, que andaua escara-

A

muçando/

muçando junto às suas trincheiras, fauorecida da sua infateria. Auiaõse adiantado algũs dos nossos, aos quaes inuestiram os Castelhanos, & se começou hũa trauada escaramuça; durou largo espaço de tempo: pelejaram valerosamente Mõsiur de Mongrol Alferez do Coronel Sebastião de Mahè, Antonio da Fonseca Ajudante de cauallaria, Frâncisco Valente da Costa Capitão de infantaria, & Nicolao de Paiua de Albuquerque Alferes do Tenente General, a quem naquelle dia feriram o cauallo. Mandou o Tenente General Pedir^[sic] licença ao General Fernam Telles de Menezes para inuistir a villa de Aldea do Bispo, & não lha concedeo: assi porque auia grande risco na empresa, em razam da pouca gente, com que se achaua o Tenente General, como tambem porque queria hir elle mesmo. E a 29. de Mayo sahio de Almeida à hũa hora depois da meia noite: leuaua a vanguarda da caualleria o Tenente General, hia com elle o Capitão da Guarda Dom Lourenço de Sousa, que assi nesta como em todas as mais occasiões o acompanhou sempre, dando grandes mostras de valor, & de zelo do seruiço de S. Magestade, tambem foram em sua companhia os Capitaes Ruy Taueira de Brito, Antonio de Carualho de Vasconcellos, & Diogo Ribeiro Homem, sугeitos, dignos de grande estimaçam por seu valor. Seguiase logo o Capitam Puplinier, a quem o Tenente General entregou hũa tropa de cauалlos, donde auia sete, ou oito Frâceses todos officiais, hia na retaguarda da caualleria o Capitão Christouão da Fonseca Cardoso com a sua companhia. O Mestre de Campo D. Sancho Manoel leuaua a vâguarda da infantaria, ao qual acompanhauão por ordem
com/

com os seus rroços os Capitaes Nuno da Cunha de Ataide, Duarte de Miranda Henriques, Alonso de Touar, Antonio de Andrade de Gambôa, Francisco Valente da Costa, Manuel Teixeira Homem. Marchaua logo o General Fernão Telles de Menezes, a quem daua guarda o Capitão Christouão de Sà de Mendonça com a sua companhia de caualllos, hia na retaguarda o Sargento mór Lourenço da Costa Mimoso. Desta maneira chegaram à vista de Aldea do Bispo pela madrugada, & já o Tenente General auia occupado os postos altos do contorno da villa; & num padraсто, que ficaua sobre ella fez alto o Capitão Vitorio Zagallo com 50. mosqueteiros: & porque o inimigo estaua fortificado junto á Igreja, foy o Tenente General a ocupar hum oiteiro, que lhe ficaua defronte. Ià neste tempo os Capitaes Puplinier, & Christouão da Fonseca tinhaõ cercado a villa pella outra parte, & tomado hum alto ôlôgo de hũa ribeira, de modo que ninguem della podia sair, que lhe não desse nas mãos. Repartio logo o Mestre de Campo a infantaria pelos postos conuenientes: começouse a peleiја dándose grandes cargas de mosquetaria de hũa, & outra parte, atè que os nossos dispararam duas peças de Artilheria, que com grande cõduziraõ à aquelle posto, & com ellas fizeram tanto dano aos inimigos, que lhes quebrantaram o animo. Veio de socorro à villa (duas horas depois de chegarem os nossos) hũa campanha de cauallo: porem sahiraõlhe duas tropas da nossa caualleria, puseraõnos em fugida, & os foram seguindo atê Villar de Seruo, q̃ està meia legoa daquella villa, & aqui se trauou a escaramuça, & nella morreraõ algũs Castelhanos, & veio hum prisioneiro.

A2

Entre/

Entre tanto o General mandou que inuistissem as trincheiras os Capitaes Nuno da Cunha de Ataide (a quem encarregou a vanguarda, pelo muito que fiaua de seu valor) Duarte de Miranda Henriques, Alonso de Touar, Francisco Valente da Costa, Manoel Teixeira Homem, Antonio de Andrade de Gambôa, cada hum com sua manga, & num mesmo tempo entraram todos com igual deliberaçam & ao entrar num reduto derão com hũa bala pela testa ao Capitão Alonso de Touar, & lhe tirarão a vida, sendo geralmente sentido, por ser de muito valor, & esperanças: forão os nossos ^[palavra rasurada no documento original] ganharam, & saquearam o lugar, & pegaram fogo à maior parte delle. Logo foy o Tenente General dahi a meia legoa a hum lugar, que chamão Castelejo com hũa companhia de cauallos, & outra de mosqueteiros, & lhe poz tambem o fogo: com o que se retiraram os nossos vitoriosos, deixando mortos gram numero de Castelhanos, & trazendo 90. prisioneiros.

¶ O Monteiro Mòr General de caualleria das fronteiras de Alentejo, sahio da Cidade de Eluas a 2. deste mes com 11. companhias de cauallo, & foy para Oliuença, donde chegou pelas 4. da tarde, & logo dahi a 2. horas foi de Oliuêça á correr a campanha, andou toda a noite, & ocupou aos campos da villa de Alconchel (que dista de Oliuença pouco mais de tres legoas) emboscouse num mato, que ficaua mui perto do lugar, com animo de esperar que os moradores delle deitassem pela manhã o gado a pacer, porque se sabia que ally se agazalhauão de noite os rebanhos todos, que auia naquelle destrito: & tanto que o Sol a pareceo, sahirão os pastores, & foram estendendo o gado pe-

los/

los campos, & assi como os nossos o viraõ mandou o General sair da emboscada, o que fizeram, ganhando todo o gado, o qual se leuou com pouca resistencia para Oliuêça, com algũa gente de Comboi, & logo inuistio o lugar, cujos moradorés fugirão para o Castello, donde se fizerão fortes, & dispararão tres vezes hua peça, com que nos mataraõ hum Capitam, & feriram quatro Olandezes correrão quatro tropas da nossa caualleria todo o lugar, & saquearão muitas casas: porem como aquella praça era de pouca importancia, & a gente della estaua já recolhida no castello, não quis o General deterse mais, & com os despojos do sacco se retirou para Oliuença, deixando alguns dos inimigos mortos, & ferídos. Foy a presa aualiada em 25U. cruzados, constaua de 8U. cabeças, entre ouelhas, porcos, vacas, & caualgaduras. Della se tirou o quinto de sua Magestade, & o de mais se repartio pelos soldados. E por razam das muitas presas, que os nossos naquellas partes fazem val tudo mui barato, & alguns soldados estão muito ricos.

¶ Naquelle mesmo dia, em que o Monteiro mor deu na villa de Alconchel, sahio de Campo Mayor o Mestre de Campo Aires de Saldanha com algũa gente do seu terço; & foy marchando atè à cidade de Badajòs: & causou tam grade inquietação à aquelle pouo (a quem já auia chegado a noua do assalto de Alconchel) que fugio da cidade muyta gente, & todos recearam huma entrada, admirados de que num mesmo tempo lhes dessem os nossos em duas praças, & afirmase que se o Mestre de Campo Ares de Saldanha leuaua mais gente, sem duuida nenhũa pudera auer

obrado muito naquella cidade. Comtudo não deixou de fazer dano (entre outros muitos) matou hum fidalgo, cuja morte foi sentida de todos por ser mui aparentado, & pessoa de grandes merecimentos.

¶ Vespóra de Spirito Sancto veyo à vista da cidade de Eluas huma tropa de Castelhanos, & tanto que as nossas centinellas reconheceram que auia gente na campanha, sahio outra tropa da nossa cauallaria para discubrir o campo; & assi como chegou a ver os Castelhanos se apartou hum delles com bandeira branca, & posto à fala com os nossos, disse ao Capitam que aquella gente trazia 20. Portugueses de Badajós, os quais vinham com passaportes. Recebeos logo o Capitão, porque lhe constou que com elles vinham duas mulheres Portuguezas conhecidas, que estauão em Badajòs em seruiço de hum dos cabos que ally assistê, & elle alcançou passaporte para todos. Retiraraõ-se os Castelhanos, & os nossos se tornaram com os Portuguezes para à cidade de Eluas.

¶ Veio por via do Algarue hum Moiro Cõmissario del Rey de Marrocos, inuiado a fim de que se lhe permi ta o mandar seus Embaxadores a el Rey nosso Senhor; & a 22. deste mes entrou nesta corte.

¶ Dia de S. Antonio se publicarão as pazes entre S. Magestade, & o Serenissimo Carlos primeiro, Rey de Inglaterra, & Irlanda.

¶ Quinta feira do Corpo de Deus veio el Rey nosso Senhor de Alcantara, & acompanhou a procição da cidade, com toda a nobreza, como he costume.

¶ Francisco Luis de Vasconcellos està despachado por
Gouer-/

Gouernador, & Capitam General da Ilha de S. Miguel, & seu irmão Ioane Mendes de Vasconcellos por conselheiro de guerra.

¶ O Marquez de Valparaiso, que estâ nas fronteiras do Reyno de Galliza, foy visto de Valadares marchando com muita gēte de guerra: & o Gapitaõ^[sic] mòr António de Queiròs Mascarenhas querendo saber o seu dissenho fez hũa emboscada, & tomou hum criado de D. Fradique de Valadares Mestre de Campo Gallego, o qual díxe que o Marquez passaua a Alharis aonde faz praça de armas, & que leuaua tres carros de moeda para socorros das tropas, que ha naquellas praças. Este mesmo dia â noite o Capitam mòr fez hũa preza debaixo das centinellas do inimigo.

¶ A 13. deste mes entrou o Mestre de Campo D. Sancho Manoèl por Castella, deixando os Capitaes Manoel Teixeira Homem, & João Fialho com as suas companhias numa emboscada para que assaltassem a caualleria do inimigo, em caso que viesse por aquelle sitio, & ao romper da Alua succedeo que a caualleria Castelhana, q̃ andaua correndo a raya, tomou hum ajudante nosso, matou hum soldado, & leuou 4. presioneiros. Porẽ os da emboscada ouuindo disparar dous mosquetes, sahiram ao campo cortando o caminho atẽ que chegaraõ â vista dos inimigos, & lhes deram hũa carga, com que mataram ao Alferez, que governaua aquella tropa, & dous caualleiros mais, pondo em fugida a todos os outros: entre tanto entrou de noite o Mestre de Campo pela parte de Cuidad Rodrigo, & prendeo doze caualleiros Castelhanos, & dous clerigos, hum beneficiado, & outro tesoureiro da Sé de Cuidad Rodrigo: de-

A4

pois/

pois disto arrasou a Almeida, que he hũa aduana pegado a Cuidad Rodrigo, & tomou ahi muita quantidade de gado: & se despejou hum lugar, que se chama Barquillo, & dois mais, que estauão junto da nossa raya. Veyo o inimigo cõ infantaria, & gente de caualllo para tomar a presa aos nossos, porem acudio o General Fernão Telles de Menezes, & os Castelhanos logo se retiraram: & porq ficaua no meyo hũa ribeira, & não auia da nossa parte caualleria, nam foy o General em seu alcance.

NOVAS DE FORA DO Reyno.

[Letra capitular] O Conde da Vidigueira, Embaxador ordinario de S. Magestade a el Rey Christianissimo, escreueo dà Ròchella que estaua de caminho para Perpinhaõ, donde el Rey Christianissimo assistia com hum poderoso exercito.

¶ Entrou hũa nao de Inglaterra, em que vieraõ hũs fidalgos Portuguezes, que estauão em Madrid antes da acclamação del Rey nosso Senhor, os quaes sam Dom Manoel de Castro, Aluaro de Sousa, D. Francisco de Azeuedo de Attaide, & Hieronymo da Sylua Caualleiro do Habito de Santiago: foraõ a Flandes despachados por el Rey de Castella com grandes merces. E Como^[sic] bons vassallos del Rey nosso Senhor, deixarão tudo, & se vieram a seu seruiço, trazendo também em sua companhia ao Alferes D. Pedro Garcia de Auis, Fulgencio de Matos Galuam, & Manoel Martins Roxo, com algũs soldados, que todos se

auiam/

auiam retirado de Flandes deixando seus postos, & se passaram a Inglaterra, & desde ally a este Reyno: donde foram recebidos de sua Magestade, com muitas hōras, & se espera lhe faça grandes merces.

¶ Tres fidalgos Portugueses, a saber D. Francisco Mascarenhas, D. Ioam de Menezes, & Aluaro de Carualho estam presos em Madrid, por se quererem vir a Portugal.

¶ Veyo de Goa á Ilha Terceira hũa naueta, & outra de Onor à Ilha de sam Miguel. Daõ algũas nouas da India, entre as quais dizẽ, que jã em todas aquellas praças ficaua acclamado el Rey nosso Senhor.

¶ Dom Aluaro de Biuro, Mestre de Campo Castelhana, & Governador da Fortaleza S. Felipe Monte do Brasil da Ilha Terceira, foy para Castella em huma nao Ingreza (q̃ sahio deste porto a buscar o Conde de Villa Franca, em companhia do General Antonio de Saldanha) com elle foram os mais dos Castelhanos rendidos, & muitos delles ficarão em terra seruindo a el Rey nosso Senhor.

¶ El Rey de Castella he ido para o Reyno de Aragão, obrigado da guerra, que lhe faz o Christianissimo.

¶ No assalto de Alconchel se achou na algibeira de hum Castelhana prisioneiro huma carta, que de Segouia escreueo hum amigo a outro, que viue em Albuquerque, & diz nella que se admira da ousadia, com que os Portuguezes entram pellas fronteiras de Castella, fazendo presas de grade estimaçãõ, & fortificandose cada vez mais. Diz també que o filho bastardo do Conde Duque està aposentado no bom Retiro com grandissimo aparato, que o Duque de Medina Sidonia està em Montanches, & o Marques de

Aia-/

Aiamonte em S. Torcàs, que por là se diz que em Portugal valem todas as cousas por excessivo preço, & que o mesmo he em Castella, principalmente a prata, que corre a cêto por cento. Que Perpinhão se socorreo. Que em Barcelona, & Lerida fez o exercito de Castella algum dano: & discorre largamente sobre o aperto de Castella, encarecendo q̃ tudo sam lastimas, prantos, queixas, desgraças, roubos de fazenda, que ninguem tem a sua segura, & que agora se manda que todos os homens ricos comprem em prata dobre censos sobre as rendas Reais.

¶ Felis Onel General dos Irlandezes catholicos está cõ 50U. homens sobre a cidade de Doblin.

¶ No mes de Abril passado sahio hum liuro impresso em Londres por mandado do Parlamento, intitulado Demõstração dos acontecimentos admiraueis, que succederam em Irlanda, composto pello Doutor Henrique Ioanes, em o qual estão os testemunhos de hũa inquirição, que se fez por hum decreto do Parlamento, em que declararão debaixo de juramento os ingleses, que fugirão de Irlanda, o que importa o dano, que auião padecido naquellas guerras; & foy aualiado em 5. milhoês, sendo assi que diz o mesmo liuro, que das quinhentas partes dos Ingrezes (cujas fazendas se destruíram) não jurou mais que huma, porque de trinta, & dous Condados de que constão as sinco Prouincias, & meia de Irlanda somente de 16. foram alguns Ingrezes a jurar na inquirição; ha nella infinitas cousas, das quais as de maior nota sam as seguintes.

¶ Que na Prouincia de Vltonia auião os Catolicos Irlãdezes promulgado hũa ley que todo o homem, que falas-
lasse/

lasse Ingrez fosse condenado em 20. reales.

¶ Que Frey Roque de Auis (Frade de S. Domingos, que esteue nesta cidade o anno de 18. em que se celebrou capitulo geral, & agora he bispo de Keldar) quando tomara posse do seu Bispado, querendo sagrar huma Igreja mandou desenterrar os ossos de hũs Bispos Protestantes, & de outras feitas que ally estauão enterrados.

¶ Que Edinundo Orelly Irlandez fidalgo matara em sua propria casa a hũ Bispo de Quilmor Protestante, & a sua mulher, & dous filhos: & que logo mandou chamar ao Bispo Catolico Eugénio Macsuyne, & o meteo de posse do paço, & de toda a fazenda do Bispo morto.

¶ Que os catholicos Irlandezes fazem queimar todos os liuros dos Ingrezes tocantes a Religião.

¶ Que duas mulheres Irlandezas catholicas encontraram no campo hum Protestante, que hia com passaporte, & lhe tirarão a vida, & que sendo presas pello delito confessarão que ellas o auião morto; porem que a causa fora porque na cidade de Doblin tiraraõ a vida a seu senhor os Ingrezes protestantes.

¶ Que hum clérigo Irlandez conuertera 50. Ingrezes, & que depois de elles fazerem protestaçaõ da Fé, & jurarem que reconheciã por cabeça da Igreja ao Summo Pontifice, & crião na real presença, na Eucaristia se lhes deu passaporte para se irem liurementemente, & que hum soldado q̃ se achou presente os seguio, & matou a todos dizendo, que era lastima deixalos hir a parte, dõde os peruertessem; & que os queria mandar a todos para o Ceo.

¶ Que os Irlandezes tem no mar sincoenta naos de guerra/

ra com muita infantaria.

¶ Que no Conuento de nossa Senhora de Montefarnan se juntaram quasi todos os prelados, & gente docta de Irlanda, & que fizerão conselho a cerca de como tratariaõ aos protestantes, que deitauaõ fora do Reyno, & que depois de varios pareceres se resolveo que se lhes fizesse boa passagem, mas que não fosse com muita largueza; & outras cousas, como estas que tudo o Parlamento de Inglaterra mandou imprimir para que se diuulgasse pello mundo.

[Letra capitular] Manda el Rey nosso Senhor que pelo desembargo do Paço se lhe passe licença para se imprimir. Em Lisboa a 8. de Iulho de 642.

Francisco de Lucena.

[Letra capitular] Estâ conforme com o Original. Em Sam Domingos de Lisboa 15. de Iulho de 642.

O M. Fr. Ignacio Galuaõ.

[Letra capitular] Visto estar conforme com o Original pode correr. Lisboa 15. de Iulho de 642.

*Fr. Ião de Vasconcellos. Francisco Cardoso de Torneo.
Sebastiam Cesar.*

Taxão esta Gazeta em 6. reis. Lisboa 15. de Iulho de 642.

Menezes. Coelho.

**GAZETA
DO MES DE
IVLHO DE
1642.**

[Letra capitular] No principio deste mes se escreueo da Prouincia de Alentejo, que dia de Sam Ioam vieram os inimigos a Oliuença, & que os nossos os fizeram retirar com morte de muyta gente.

¶ Antonio Telles da Sylva foy a gouernar o estado do Brasil.

¶ Veyo el Rey nosso Senhor da sua quinta de Alcantara, com toda a casa Real.

¶ Na Prouincia de Alentejo sahio o Monteiro môr General da caualleria a correr a campanha: deu no lugar de Chelles, que he de 300. vizinhos: inuistio as trincheiras; acudio o inimigo à defesa: ouue de parte a parte na entrada algum dano. E de hũas casas do senhor daquelle lugar, por torneiras, que se fizeram nas paredes, nos mataram seis homens; mas o Monteiro môr mandou pegar fogo a todas as casas, & a mayor parte dellas se abrasou. O sacco não foy de importancia, porque os inimigos souberam que auiam de ser acometidos; & retiraraõ quasi tudo, o que era de valor: & porque já vinha acudindo socorro da villa de Alconchel, se vieram os nossos, & tomáram outro cami-

¶

nho/

nho, donde passaram huma ribeira, & quando as tropas do inimigo chegaram ja elles estauam da outra parte.

¶ Entre as pedreiras de Alcantara se acharam dois homens falsificando o cunho da moeda recellada: ambos foraõ cõdenados na pena da ley: hũ delles padeceo no mesmo dia, em que el Rey nosso senhor veio de Alcantara: o outro, por ver se podia embaraçar a execuçam, ou pello menos dilatala, confessou que hauia cometido o crime de heresia: foi remetido ao tribunal do Sancto Officio: & da hi a doze dias tornou para a cadea publica, de dõde sahio a padecer a mesma morte, que o primeiro.

¶ Depois de acabado o galeão Bom Iesu de Portugal, que se fabricou na cidade do Porto, quizeram mandalo para esta Corte com a infantaria, que da qui foy para sua guarniçam: porem faltoulhe maré, & vento depois de sahir, de maneira que se vio em riguroso aperto, & lhe foy necessário meterse outra vez no Porto. Dahi a poucos dias sahio em mais oportuna occasiam; & a dezasete entrou nesta Corte.

¶ Vieram tres tropas de caualleria Castelhana a villa de Campo Mayor: as quaes sem serem vistas das nossas centinellas correram todo aquelle distrito, donde mataram dezoito cegadores, & feriram outros tantos; dos quaes morreram já algũs, & dizem, que nenhum escapará. Viram os frades do conuento de Sam Francisco daquela villa os inimigos no campo, & tocaram logo a rebate. Sahio Aires de Saldanha com a mayor parte do seu terço, & algũas tropas de cauallo, alcançou ainda o inimigo, & o fez retirar, matandolhe oito homens, afora muytos feridos.

Reco-/

Recolheose, & trouxe algũs cauallos por despojos.

¶ De Cadiz veyo hum barco longo com algũs Portuguezes, os quae^[sic] passaram grandes molestias por razam do muyto que os Castelhanos apertam com os que fogem.

¶ Chegou a este porto hum pataxo do gram Parà (que he huma terra do Maranhão donde nam ouue até agora assalto nenhum) trouxe algũs Portuguezes; os quaes vem a pedir armas, & poluora; & dizem que naquelle sitio estam os nossos (que sam pouco mais de duzentos) vnidos com o gentio da terra, & que nam ha por aquellas partes poder, que os descomponha.

¶ A huma aldea, que està entre Alcoitin, & Castro Marinho, vieram sinco barcos longos de Castelhanos, & saquearam huma ermida de Sancto Antonio, sem deixarem os sinos, nem as portas; & depois de queimarem algumas choças, que naquelle destrito hauia, se recolheram leuando o mesmo sancto com grande festa, & algazara, como que o leuauão catiuo. Chegou isto à noticia de Dom Francisco de Castelo Branco; que estaua em CastroMarinho, & mandou logo meter huns mosqueteiros em barcos, os quaes sahiram ao rio, & tomaram tres barcos, os quaes sahiram ao rio, & tomaram tres barcos longos de Aiamonte, & dous de Sam Lucar de Guadiana, com a gente que hia nelles.

¶ Entrou nesta Corte a Duqueza de Aueiro, & està aposentada numa quinta alem de Enxobregas.

¶ Vieraõ dous clerigos de Badajoz, cõ algũs Portugueses prisioneiros a trocalos por outros tantos Castelhanos.

¶ Foy o Mestre de Campo Dom Ioam da Costa para as

fronteiras do Alentejo.

¶ O General Fernam Telles de Menezes marchou com IU.500. infantes, 50. cauallos, & duas peças de câpanha a hũ lugar de Castella que se chama Fuentes, & era tam grande o desejo, que todos tinham de chegar, que sem verem o perigo se hiam meter em huma emboscada que os inimigos lhe auiam feyto: mas hum Frances, que descubrio o campo, gritou que marchassem pello alto, & os fez caminhar por outra estrada, pella qual foram seguros até chegar ao lugar de Fuentes. Acudiram os inimigos às trincheiras: começaramse as cargas, & os nossos dispararam quinze tiros, com que fizeram algum dano. Veyo socorro ao lugar: de modo que o General se vio em grande aperto: & porque estaua a sua caualleria longe d'aquelle sitio: foy a recolhela Affonso Furtado de Médonça Alcaide mór da Cuuilhan, & nam achou mais, que vinte caualleiros, diante dos quais veio com a espada na mão, & pondo as pernas ao cauallo rompeo hum troço do inimigo de 400. homens sem outro sequito mais que os vinte. Retirouse o Castelhana com grande descompostura, & os nossos foram atraz de algũas tropas até o lugar de Galhegos, mas o General, porque hauia muyto tẽpo que a refrega duraua, & vinha acudindo socorro de varias partes. Mådou tocar a recolher, formou o esquadrão & retirouse deixado dos inimigos 35. mortos, & trazêdo 5. prisioneiros, com alguns cauallos, & outros despojos, Tres dos nossos vieram feridos.

¶ Antonio Machado da Franca Tenente do Capitam de cauallos Dom Rodrigo de Castro entrou com

algũas/

algumas tropas no lugar de Telena, & como o vio despouoado se foy para a parte de Badajoz; & numa defeza achou hũs trabalhadores, que estauão fazendo lenha com algũs soldados de escolta: deu de improuiso nelles; & matou mais de quarêta: logo se retirou com seis prisioneiros, & sincoenta caualgaduras.

¶ Vieram 600. Castelhanos a Villar Fermoso para impedir aos nossos o cegar o trigo: deu sobre elles o Mestre de Campo Dom Sancho Manoel; & os fez retirar, matando-lhe mais de vinte homens, & trazendo dez prisioneiros com alguns despojos.

¶ Andauão vinte caualleiros nossos de ronda nos campos de Oliuença: colheos numa emboscada a caualleria de Badajóz, & de todos elles hũ só escapou de ir prisioneiro. Este veio dar auiso ao General da caualleria o qual mōtou com grande preça: & seguido de 300. cauallos foy a fazer huma emboscada entre Badajoz, & Valuerde (que era a paragem, por donde os que leuauão os nossos prisioneiros auiaõ de passar) vieraõselhe meter nas mãos os inimigos com a presa. Deu nelles: & depois de liurar os prisioneiros, matou a mayor parte delles (que eram duas grandes tropas) & lhes tomou as armas, & os cauallos depois disto foy atè Badajoz: chegou à vista dos muros; & os nossos dixerãõ estupendas injurias aos Castelhanos rogando-lhes que viessem a escaramuçar; & vendo que ninguem lhes sahia se recolheram, tomando o gado todo, que acharam pellos caminhos.

¶ Cauando hũs soldados nas trincheiras da villa de Penamacor descobriram huma mina, & sem saber de que me-

tal era se mandou a esta Corte a amostrar: fezse o ensayo, & achouse que era de cobre, com muyto boa conta.

¶ O Comissario da caualleria de Alentejo Gaspar Pinto Pestana deu num lugar de Castella, que se chama Figueirò de Bargas: matou mais de sesenta homens, & tomou quantidade de gado, com o qual se retiraua, quando os inimigos lhe sahiram ao encontro, & o acometeram por tantas partes, que não teue outro remedio, mais que por fogo aos trigos, Os quaes ajudados do vento arderaõ de maneira, q̃ o fumo, & as flamas espantaram os caualllos do inimigo, & o fizeram retirar apreçado, & descõposto. Foy taõ horriuel o incendio, que laurou muitas legoas por Castella, & de algumas partes de Alentejo se diuisaua ao longe. Neste encontro morreo muyta gente ao inimigo: dos nossos 3. ou 4. homês.

¶ Querendo hũs lauradores de Almeida hir segar os seus trigos à raya fizeraõ os Castelhanos hũa emboscada para q̃ tanto que elles chegassem os colhessem: souberam isto os nossos, inuistiraõnos, & depois de lhes matarem muita gente trouxeram mais de 60. prisioneiros.

¶ Escandalizado o Comissario da caualleria Gaspar Pinto Pestana da impiedade, com que os Castelhanos mataram os segadores de Campo mayor: vingou este agrauo em todas as occasioens, em que depois disto se achou, soltando a redea a furia em dano dos contrarios. E mandou ao Gouernador das armas de Badajoz a carta que se segue.

¶ *Ahi se embia esse hombre para que diga los prisioneros, q̃ acátenemos; si V. S. por ellos nos quisiere embiar uno Franceses. y Portugueses, que allà estan, se hará luego el trueque,*

dandosel

dandose tantos por tantos, vendo luego al momento los que aqui se hallan, con gran seguridad, y por el mismo, que esta lleua, o por otro qualquier prisionero de allà se puede auisar V. S. es tan gran soldado, que no es menester para serlo que se lizongee de vna tyrania. La mayor ha sido la de Campo Mayor, pues no se yo que resistencia podian hazer quatro gañanes, que apenas tienen traça de hombres, y la guerra, mejor se haze con los que se pueden defender, que con los inutiles. Y o, q̄ se mal el guarismo, per uno me echè ciêto a cuestras: digalo el destrito de Badajoz; y si V. S. no pusiere modo en lo disoluto dessos desaires te prometo me ire muy breue a refrescar en los guertos de guadarrama. Vaya esto sin brauatas, que mis canas ya non son para ellas. Oliuença Iul. 5. 1642.

Gaspar Pinto Pestana.

NOVAS DE FORA DO Reyno.

[Letra capitular] O Duque de Medina Sidonia está em Andaluzia, & foy a sua vinda muy festejada de todos aquelles pouos.

¶ O General da armada de Irlanda Dom Malachias Odiscoil anda com 50. naos no mar da Prouincia de Mononia, que he a que està mais fronteira de Inglaterra.

¶ Hum exercito de Escocia, por ordem do Parlamento Real, cercou a fortaleza de Carig Arís. Acudio a infantaria, que estaua de guarniçam, com grandissimo valor. Ouue muyto dano de parte a parte, & leuantouse o cerco.

¶ Sahio de Inglaterra hũa armada de 30. naos, quinze do estado, & quinze de particulares; botou gente no cabo da Prouincia de Conacia (donde por ser terra fragosa, & inexpunauel pello sitio, não tinham os Irlandezes muita gente) desembarcaram os Ingrezes: defenderaõse os da Prouincia; & como a terra era aspera, & quasi inacessivel, os da armada se embarcaram com algum dano, & logo se fizeram à vela, & de ahi a 20. legoas deitaram gente na cidade de Galuca. Deixaraõnos desembarcar, mas depois de estarem em terra ouue hũa rigurosa batalha, em que morrerão dois mil Irlandezes, & mais de tres mil Ingrezes.

¶ O gram Turco tê no porto de Argel mais de 70. velas, entre naos, & galès.

¶ No molhe de Dunquerque estão aprestadas algũas fragatas para irem a vnirse com a armada de Castella, porem o General Men hier Tromp, & o vice Almirante Men hier Vuiten Vuitens andão com 33. velas do estado de Olanda cruzando o canal para lhes impedirem a saida.

¶ O Conde da Vidigueira Embaixador del Rey Dom Ioam o quarto de Portugal no Reyno da França, chegou a Narbona, & logo mandou auiso de sua chegada ao Christianissimo, que estaua em Perpinhao, que he de alli a pouco mais de dez leguas, & sua Magestade Christianissima o mandou visitar pello seu capitam de guarda, com ordem, para que se passasse a Bisiers, & que esperasse ally atè que elle viesse para a Corte de Paris, que sem duuida seria dentro de pouco tempo: em razão de que Perpinhaõ tratava já de concerto: o Conde obedeceo. Chegou a Bisiers; & foy visitado de muytos Monsiures, & embaxadores; & assistido

do/

do Cardeal Masserino, & do Nuncio de França.

¶ O Mariscal de la Mothe vai entrando pelo Reyno de Aragoão, & tem ja tomado a cidade de Monson.

¶ O aperto de Tarragona he agora maior, que nunca não se dá a cada soldado para cada dia mais que 20. onças de pão, & 4. de carne de cauallo.

¶ Em Cartagena de leuante estam 12. galès de Castella, & em Vinerós seis fragatas de Dunquerque: & nam ousão sair por amor da armada do Christianissimo.

¶ O Marquez de Leganez, & o de Oropeza estão ao presente na praça de Vineròs.

¶ Iorge de Sousa da Costa (gentil homem do Conde da Bidigueira embaixador del Rey nosso senhor no Reyno de França) a quatro do mes de Junho de 1642. por ordem do Conde, foy a sam German, acompanhado do Capitam Villa Real; & offereceo à Raynha Christianissima o presente, que a Raynha nossa senhora lhe mandou. Feslhes a Christianissima grandes honras, & deu a cada hum delles hũa cadea de oiro, com a sua medalha.

¶ Morreo Madama Condeça de São Pol, & deixou para obras pias sincoenta mil escudos.

¶ Ouue hum conjuraçam contra o eminentissimo senhor Cardeal Rocheleu: porem o Mariscal de Xomberg a descubrio, & muitos dos conjurados estão já presos.

¶ Querendose sua eminencia curar de suas enfermidades, lhe mandou o Christianissimo esta carta.

¶ *Primo, ideuos a qualquer lugar, que os medicos vos ordenarem para vossa saude: & em tudo tende cuidado de meu estado, & tambem dos meus filhos, & de toda minha casa.*

Eul

Eu vos amo mais, que a nenhũa outra pessoa do mundo.

¶ O general Stal-hans (que he dos principaes, que militão pella Raynha de Suecia) passou o rio Oder com hum exercito de oito esquadroës de caualleria, & dous mil mosqueteiros foy sobre a cidade de Fristerel, & depois que se lhe entregou à descrição, a guarneceo, & tornou outra vez a passar o mesmo rio sem fazer dano á cidade de Bunzel, ou á de Lemberg, que estam no caminho, nem a nenhũa outra praça daquelle distrito.

¶ Na cidade de Bressao, cabeça da Prouincia de Sylesia, està alojado hum exercito imperial, que consta de 10U. caualllos, & quatro mil infantes: espera por hũs regimentos nouos, que haõ de vir de Prouincia de Misnia. Todo este poder se jũta para impedir os progressos, que da outra parte do rio Oder faz o exercito da Raynha de Suecia, o qual estã sobre a cidade de Gura, & sobre a de Henestad.

¶ O Duque Francisco de Saxónia Lauuemburg sahio de Vienna com 300U. cruzados para leuantar gente na Prouincia de Sylesia contra Torsteson general Sueco.

¶ O Eleitor de Brandenburg celebrou neutralidade por dous annos com a Raynha de Suecia.

¶ O General Stal-hans tomou a cidade de Gubra.

¶ Os Suecos mataram a Sehurten Capitam de caualllos do exercito imperial.

¶ A cidade de Luchao se rendeo a partido de armas, & bagajem.

¶ Tomou hum exercito da Raynha de Suecia a cidade de Grosgolao; & o dia da entrada se pegou o fogo a quantidade de poluora, que estaua dêtro numa Igreja, & a abra

sou/

sou toda cõ as mais das cousas, que auia naquelle distrito.

¶ O Mariscal de Guebrian, que estaua sobre a cidade de Lêchenic, leuantou o cerco pondo fogo a todas as casas, & a grande parte do castello; & logo se foi fazer forte jũto ao rio de Erst, donde té grade comodidade para os viueres, & para a artilheria, & por lhe sair ao encontro. Veio a Colonia o General Asfeld com 18U. imperiaes, & assentou o exercito junto a Preul sobre o rio Rhin. Iuntase grandissimo poder de parte a parte, & esperase que esta seja a mayor batalha, que ouue naquelles paizes.

¶ O Marquez de Bresé com ambas as armadas de leuante, & a de poente, que constauão de 66. nauios, & 24 galès: sahio ao encontro a armada Real de Castella, que hia meter socorro nas praças, que estão de cerco em Catalunha. Pelejaraõ duas vezes em dous dias: retirouse a armada de Castella para as ilhas de Mayorca, & affirmase que com perda de sinco baxeis (hum dos quaes era o galeão S. Domingos: & tres naos de fogo com tres mil infantes mortos. As armadas de França perderão huma nao, de que era Capitaõ o Comendador de Congè.

f.º 6 – v.º

[Maiúscula] Manda el Rey nosso senhor que se veja no Dezembargo do Paço. Em Lisboa 11. de Agosto de 1642.

Francisco de Lucena.

[Maiúscula] Està conforme com o seu Original. Em Sam Domingos de Lisboa 19. de Agosto de 642.

M. Fr. Ignacio Galvão.

[Maiúscula] Visto estar conforme com o Original pode correr. Lisboa 19. de Agosto de 642.

Fr. João de Vasconcellos.

Francisco Cardoso de Torneo.

[Maiúscula] Taxão esta Gazeta em 6. reis. Lisboa 19. de Agosto de 642.

Ribeiro. Cesar.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa.

**GAZETA
PRIMEIRA
DO MES DE
OVTVBRO DE NOVAS
Fora do Reyno,**

[Letra capitular] De Viena de Austria por cartas de 24. de Julho auizaõ, que os Suecos tinhaõ cercado a Brim em a Morauia, tres legoas de Olmutz, praça de muita importancia. O Archiduque Leopoldo General do Imperio sabendo o grade aperto, em que a cidade estaua, & considerando de quanta importãcia era, se resolveo a socorrella, & ajuntando para isto quãtas forças pode, marchou com toda pressa para se ajuntar, & encorporar com o exercito do Conde Octauio Picolomini Tenente general do Imperio, q̃ hauia ia dias estaua mui perto della, só para estar á mira, porque como os Suecos tinhaõ muita força, não ousaua cometellos. Leonardo Torstenson General dos Suecos entendendo que o Archiduque Leopoldo vinha marchando para o buscar, & acometer de subito, & pretendia ajuntarse, & encorporarse com o exercito do Picolomini, se anticipou, & preuenio com tempo. Mãdou logo chamar sem dilação, & ajuntar quanta gente tinha de presidio em a Prouincia de Morauia, & que acudissem logo sem perder tempo. E o dito General Torstenson em continente leuantou o cerco, & pondo fogo aos quarteis, & barracas, sahio á campanha a esperar os Imperiaes: os quaes ao outro dia o vinhaõ acometer com grande animo por todas as partes; a saber o Picolomini por hũa, & Leopoldo por outra. Os Suecos, que se achauaõ com hum poderosissimo exercito, com grade confiança esperaraõ é capo razo aos Imperiaes; ábos os exercitos pelejaraõ cõ grade valor por muito tẽpo, sê q̃ de parte algũa se conhe

A

cesse/

cesse ventagem, ate que a vitoria se inclinou aos Suecos, & os Imperiaes ficaraõ de todo desbaratados, com morte de seu General Picolomini, & muitos officiaes de calidade. O Archiduque esteue muito arriscado, & escapou a vnhas de cauallo: & o General Torstenson ficou muito mal ferido de duas pilouradas.

¶ Tábẽ auisaõ q̃ a 7. de Agosto o Cõde de Erbeistin General dos Suecos, & Hesenses, desbaratou, jũto a Nuis, no Arcebispado de Colonia, tres mil caualllos Imperiaes, q̃ foy muy grande vitoria.

Mais auizos de Olanda de 19. de Agosto de 1642.

[Letra capitular] O Principe de Orange està com exercito sobre o rio Rim, jũto a Rimberga, & os Cõdes Guebriam General de França & de Enseistin General de Suecia estaõ ambos com seus exercitos em o Territorio de Colonia, & tem feito, & fazem cada dia grandes pilagẽs, & tem tomado [expressão rasurada] e consideraçaõ, sem que os Imperiaes lho pudessem impedir estando alojados, & aquartelados ao redor de Colonia, para asegurarem a cidade, na qual ha grande confusaõ, & medo.

¶ Ha opiniaõ conforme as apparencias, que os Francezes, & Suecos inuernaraõ naquelle território, & faraõ tributarias aquellas prouincias, para se poderem sustentar.

¶ ElRey de Castella tem em Frandes quatro exercitos, & tudo & mais lhe he necessário, para se defender de seus contrarios. Hum està em Geldres, a cargo do Cõde de la Fõtana, outro em Namur, a cargo do Marques de Leda: o 3º. em Frades é o pais de Vvast, a cargo do Marques André Cãtelmo, & o 4º. q̃ he o mayor & mais poderoso, é o pais de Artoes, a cargo de D. Francisco de Mello para estar a mira, & encontrar os designios dos Frãcezes que estaõ naquella parte com grandissimo poder.

¶ A armada nual dos estados está ainda sobre a barra de Dunquerque para impedir q̃ não saya delle a armada, q̃ ha mais de dous mezes està auiada para sair, sê o poder fazer em razãõ da dita armada de Olanda, q̃ está cõ grade vigilançia, porq̃ se a de Dũquerque sair, não ha duuida, q̃ causará grande cuidado em varias partes, porq̃ tem muyto poder de nauios, & gẽte de mar, & guerra, & nauios de fogo, o que obrigou ao General da armada dos Estados, a pedir mais nauios de guerra, para se asigurar mais, & impedir ao inimigo a saida.

Auizos/

Auizos de Londres de 22. de Agosto de 1642.

[Letra capitular] As diferenças del Rey de graõ Bretanha com o Parlamêto estão cada dia de peor condição, porque cada qual pertende sustentar sua rãzam, & assi ha grandes aparencias de que antes de muitos dias cheguem a batalha.

¶ Os do Parlamento mandaraõ doze deputados a ElRey, os quaes lhe manifestaraõ que para a pacificação, & mayor acrecêramento de seus Reynos, era necessario, introduzir hũa ley Saliqua, q̃ nũa se possa renovar, nem violar, nẽ reprovuar, & q̃ para sêpre seja guardada, & obseruada, como ley diuina, & humana.

¶ Primeiramête, q̃ sua pessoa real, herdeiros, & successores não poderão per nenhũa maneira, ou via, pretender, nem procurar aliança de matrimonio, ou cazamento dos filhos, & filhas Reaes da graõ Bretanha, cõ Reys, Principes, ou Potêtidos, q̃ sejaõ Catholicos Romanos, & q̃ toda a pessoa de qualquer calidade q̃ seja, q̃ for taõ atreuido q̃ ousar tratar, ou propor esta materia será castigado como traidor, amotinador, & perturbador do Reyno.

¶ Que a Rainha prezête não poderá desde logo ter ẽ sua casa, nẽ seruiço, pessoas Catholicas Romanas de qualq̃r cõdição q̃ sejaõ.

¶ Que em o paço da Raynha será prohibido o sacrificio da missa, & todo; & qualquer officio tocante á Igreja Romana.

¶ Respondeo ElRey aos deputados, que os tres pontos, que elles alegauaõ era grandissimo disparate, & mayor atreuimêto pedir a seu Rey cousa tam despropositada, contra razãõ diuina, & humana, & totalmente contra a authoridade real, & que em todo mũdo nũa vassallos foraõ tão atreuidos, q̃ cometessem cousa tão deshumana, como elles auiaõ cometido.

¶ Vêdo os deputados a reposta^[sic] delRey, replicarão q̃ sua Magestade fosse seruido de rosoluer, aceitar, & decretar os tres pôtos declarados, ou elles da parte do Parlamento havião de mandar publicar hũ manifesto contra a pessoa Real, para chegar a noticia de todos, q̃ o Parlamento do Reyno de Inglaterra nũa pertenderà mais q̃ a pacificação, & conseruação de seu Rey, R^{no}.

¶ Estes tres pontos declarados foi o que mais obrigou a se retirar ElRey, & tãbẽ a Raynha sair fora do Reyno em razãõ de hauer o Parlamento violado, & quebrantado os capitulos do matrimonio, que aceitou, & foram confirmados pellas duas coroas^[de] França, & Inglaterra.

A2

O Par-/

¶ O Parlamêto depois de ida a Raynha, mādou notificar aos seus padres Capuchos, que se saissê logo fóra do Reyno; mas acodio o Embaixador delRey Christianissimo dizêdo, que primeiro deuia dar conta a seu Rey, como també dos grandes agrauos, que faziam a sua Irman; & pedio licêça ao Parlamêto para se retirar.

¶ Tornou o Parlamêto outra vez a mandar deputados a elRey é nome do pouo, disêdolhe, que se espantauam de sua Magestade nam querer aparecer é Londres. Respondeo elRey, que examinassem bê suas conciências, & veriam a causa, que tiuera para o fazer, & lhes virou as costas sem mais reposta.

¶ Os das duas ceitas Puritana, & Protestantes tiueram entre si grandes porfias, & diferêças, procurando reduzir hūs aos outros, alegando os Protestantes, que a Raynha Isabel obseruara sêpre a sua ley: vieram a remeter as duuidas em pareceres de seus Theologos, tâtos de hũa parte, como de outra, & depois de seus argumêtos, os Protestantes tiuerã 5. votos mais q̃ os Puritanos com que a diferença ficou empatada, & causa grande confusam entre elles.

Vltimo memorial, que em nome do Parlamento offereceo a elRey da gram Bretanha o Conde de Ollanda.

1. [Letra capitular] Primeiramente o Parlamento oferece restituir a cidade de Hul em o mesmo Estado, que estaua antes das alterações.
2. Retirar a guarniçam da dita praça, & de todas as outras.
3. Tirar de Londres as guardas.
4. Dar satisfação a sua Magestade no tocante à milicia.

Pedio o Parlamento em troco a ElRey.

1. Que mandasse cessar as preparaçoens de guerra.
2. Que publicasse hum perdam geral.
3. Que se tornasse a Lõdres, onde esteja mais perto do Parlam^{to}.

Em resposta das quatro preposições sobreditas, fez elRey outras quatro, sem as quais não viria a nenhũ concerto.

1. [Letra capitular] Qve elle queria lhe dessem Hul.
2. [Letra capitular] O gouerno da Armada.
3. A direcçam da milicia.
4. Que o Parlamento se passasse de Londres para outro qualquer lugar.

¶ A qual reposta descontentou muito ao Parlamento, & julgou que nam conuinha replicar a ella, antes mandou ao Conde de

Erse-/

Eisers seu General, tiuesse as leuas prestes, & aparelhadas o mais depreça que pudesse, porque estaua resolutu a mandar dez mil homens à Huls, & vinte mil àquella fronteira, para obrigar a ElRey vir a conserto, ou a pelejar.

¶ El Rey té a mayor parte dos senhores, titulos, & grades por si, que dá notauel cuidado ao Parlamento, & ao pouo receasse hua ruina vniuersal naquelle Reyno-

¶ Os Escozeses fazem tambem peruenção de gente de mar, & guerra sem se quererem declarar a qual das partes se hão de inclinar, o que não deixa de cauzar cuidado.

¶ Em Hirlanda cada dia ha batalhas com grande derramento de sangue, principalmente dos Hirlandezes, por falta de armas.

¶ O Parlamento de Inglaterra lhes mandou hum comissario cõ poder, & authoridade suprema, a saber se se queriaõ determinar & resolver a reconciliar-se, & reduzir-se à obediencia de seu verdadeiro Rey, & que sua resolução, & intenção dessem por escrito firmado pellos Gouernadores, para o dito Parlamento poder resolver, o como se hauia de proceder com elles, & responderão os Hirlandesês da maneira seguinte.

Artigos da repostas dos Hirlandezes.

1. ^[Letra capitular]Primeiramente que lhe haõ de tornar a restituir, & entregar todas as Igrejas, Parochias: Capellas, & Conuentos, para poderem exercitar, & celebrar a Religião Catholica Romana.
2. Que lhe ande tornar a restituir todos os bens, fazendas, dignidades, & authoridades, & preminencias ecclesiasticas na forma, que dantes era.
3. Que todas as terras, dominios, & rendas ecclesiasticas, que foraõ tomadas, & confiscadas pella Raynha Izabel, & elRey Iacobo, lhes seraõ outra vez restituidas.
4. Que a Nobreza, que tem tirado, & despriuado de sua Authoridade, & preminencia, & dignidade, será outra vez admitida, & confirmada em os cargos, & gouernos, como no tempo passado.
5. Que todas as fortalezas, & portos maritimos de Hirlanda seraõ entregues aos mesmos naturaes, para os gouernarem, & os presidios seraõ de Hirlandeses.
6. Que os Visoreis de Hirlanda seraõ pessoas Catholicas Romanas, & não os sendo taes, não seraõ admitidos.
7. Que se ha de publicar perdaõ geral por todo o R^{no}. o qual será

f.º 3 – v.º

guardado, & obseruado para sêpre, & q̃ não háde fazer hostilidade.

8. Que todos os mercadores Hirlandezes gozaráo das mesmas preminencias, franquezas, & liberdades, como os Ingrezes gozaõ em Escocia, & como os Escocезes gozaõ em Inglaterra.

9. Que o Cõde de Cotque será obrigado a tornar a restituir aos filhos da nobreza, toda a fazenda, que tem tomado, & vsurpado contra toda a razaõ.

10. Que todos os priuilegios, & preminencias concedidas, & dadas por elRey Eduardo o IV. Seraõ confirmados, & obseruados para sempre.

11. Que todos os soldados Hirlandezes, não tendo remedio de vida em suas terras, poderaõ liurementesahir, & hir fora dellas, & passar o mar a seruir a quem lhes parecer, em caso q̃ elRey de Inglaterra não os aja mister para se seruir delles.

12. Que em o dito Reyno de Hirláda cada tres annos se faraó cortes, & ajuntamento de Parlamento, para tratar, & consultar as couzas em beneficio do Reyno.

¶ Estas proposiçoens forão assinadas por Mõtgaret de Lain, D. Luce, Limbrey, Oncale, & diferentes pessoas de calidade.

¶ O Parlamento vendo estas proposiçoens se alterou de maneira, q̃ dizem não havião de responder, nem tratar mais q̃ de proceder contra elles, com todo rigor de armas, fogo, & sangue.

Auizos de Paris de 23. de Agosto de 1642.

[Letra capitular] A 15. de Agosto dia de nossa Senhora fez sua entrada em Paris o senhor Embaixador de Portugal o Cõde da Vidigueira, com grande acompanhamento: foy a buscallo por ordem delRey o Mariscal de S. Luc Caualleiro da Ordê do S. Spirito, grãde senhor em França; & ao outro dia o veyo visitar Monsiur de Pouere primeiro gentil homem da Câmara delRey, & Marques Caualleiro da dita Ordem, por mandado de S. Magestade, dandolhe o parabem de sua boa chegada, & q̃ estaua com grãde impaciencia esperando vello ao domingo assim para saber nouas de seu irmão elRey D. IOAM, como para o ver: & assi ao domingo vierão os coches delRey, & da Raynha, & nelles o Duque de Xeurosa, Principe da Caza de Lorena, & grande Xambalano de Frãça, q̃ he dos supremos cargos da Caza delRey, & Caualleiro da dita ordem, com todos os coches dos mais principaes, & senhores como no anno passado; & o senhor Embaixador foi ver sua Magestade/

gestade, que o recebo com tâtas demostraçoens de alegria, que admirou a quantos estauão presentes. Estaua el Rey vestido de comprido, & de roxo, que he o fev dó ordinario, & o que tomou pella Raynha sua may, que ja se auisou como falleceo em Colonia a hũa quinta feira 3. de Junho, de pois de auer feito hũa confissão geral ao padre Guardiaõ dos Capuchinhos da dita Cidade, & recebidos os Sacramentos do Viatico. & extrema Vnção, por mão do Nuncio de sua Santidade, em presença do ordinario. Nomeou em seu testamento por executores das cousas de França ao Duque de Orlens seu filho, & ao Eleitor Arçobispo de Colonia das cousas daquella parte de Colonia. Mandou que seu corpo fosse leuado ao Mosteiro famoso, & Real de S. Dinis em Frãça. & posto junto ao de Henrique o grande seu marido, & seu coração a Igreja do Collegio real de la Felxia em Anjũ dos padres da Companhia de Iesus, com o coração do dito Rey Henrique o grande. Deixou todos seus bens a sua Magestade Christianissima, pedindolhe quisesse dar parte delles ao dito Duque de Orlens, confirmando a doação, que ja auia feito á Coroa de França de seus paços Reaes, chamados de Luçenburg no burgo de S. Germão de Patris. Deixou à Raynha Christianissima o anel, cõ que se despozou com seu marido. A Raynha Catholica hum liuro cuberto de diamantes. A Raynha de Ingalaterra hum relicario. A madama Duquesa Regente de Saboya hũa crus de reliquias. A Madamusella sua neta, filha da Duquesa de Orlens, hũa cadea de perolas.

¶ Também a Raynha fes muita festa ao senhor Embaxador, & lhe falou logo em Castelhana. Monsiur delfim lhe perguntou pello Principe nosso senhor.

¶ Todos os Portuguezes, que vieraõ cõ o senhor Embaxador beijarao a mão a Elrey, & elle, que Deos guarde, recebo a todos com grande beneuolencia & perguntaua ao interprete quẽ era cada hũ. Deu sua Magestade este dia de jũtar ao Embaxador o que assistio o Duque de Xeuroza, & o Conductor Monsiur de Berlin. O Cardeal Duque está de todo bom, & se espera por horas nesta Corte, & he muito desejada sua vinda, dos Embaixadores, & mais requerentes, por que sem elle não se difere a couzas de importancia, & com sua chegada se dará resolução a muitas.

¶ Em Italia são os exercitos fracos; se bem o de França he de mais
de/

de 10U., infantes, & em lugar do Duque de Bulhon seu general, que era da facção Castelhana, & foi preso no Casal, he partido o Duque de Longauilla a gouernar o dito exercito.

¶ Em Alemanha os Suecos desbaratarão em batalha campal ao Duque de Saxónia, & matarão a seu Irmão; depois do qual o general Torstenson tê tomado quasi toda Silesia, & se chegou dez legoas de Viena. E elRey de Vngria està desesperado de ver que a guerra não tem fim, & que quando cuida descansar, he quando se ve em trance de perder tudo: porque ja mais os Suecos, né os aliados desta Coroa, forão tão poderosos em Alemanha, como são de prezête. ElRey de Vngria obriga a todas as pessoas ecclesiasticas, & seculares, a darem todo o ninheiro^[sic] que for necessario para sustêto da gête de guerra, que com muyta preça vai leuâtado, para se defêder dos Suecos, que estão senhores da câpanha. Ha muitos têpos que o Imperio não esteue tão apertado, como hoje, porque dizem que os Vngaros querê leuâtar por Rey a Ragosky Principe de Transiluania, o qual tê ja formado hũ exercito de 30U. homens, com resolução de marchar até Vngria, para se fazer Rey, a pedimêto dos mesmos Vngaros que o tê chamado por estarê escandalizados, & aborrecidos delRey de Vngria pello mao trato, que lhes faz, sem lhes querer guardar as preminencias, & estatutos do Reyno, antes lhos tem violado & quebrantado: o que obrigou á quererem fazer esta aclamação, que dà notauel cuidado a elRey de Vngria.

¶ O Principe Thomas, & seu irmão o Cardeal estão reconsiliados com elRey X^{mo}. o Cardeal se casa com sua sobrinha, & o filho do Principe Thomas com a filha do Duque de Longauilla: ambos proximos parentes, filhos de duas irmãs, & porque a mãy de Madamusella era mais velha que a Princeza de Carinhan, sesas este casamento, & se lha dà em dote a herança do Conde de Suason, & para todos estarê de acordo, se casou Madamusella de Borbon, filha do Principe de Condè, com o Duque de Longauilla, que estaua viuuo da Irman do Conde de Suason.

As cerimoniaes dos desposorios do Principe Mauricio com a Princeza de Saboya, conforme o extraordinario de 27. de Agosto 1642.

[Letra capitular] Os artigos acordados entre elRey, & os Principes Mauricio Cardeal, & Thomas de Saboya, forão notificados por elRey o primeiro de Iulho passado, & logo pellos ditos Principes

& se/

& se trataraõ entre o senhor de Aiguebona Embaixador de sua Magestade em Piamonte, em virtude do pleno poder, que lhe foy dado a dez de Março passado, & os deputados dos ditos Principes, fundados tambem em o pleno poder de sua parte concedidos aõs vinte & dous de Março passados. Do qual tratado o estado dos negocios presentes não permite, que eu ainda vos de em publico contas, mas vereis dous effeitos seus, que ambos chegaraõ no mesmo dia, a saber os desposorios do dito Principe Mauricio de Saboya, & a tomada de Crescentim.

¶ A catorze de Agosto hauendo sido eleita para estas cerimonias Madama a Duqueza de Saboya, vestida de grande luto, pella morte da Raynha mãy, & leuandolhe a Marqueza Villa o rabo, entrou em os paços do Duque de Saboya, os quaes todos estauaõ cheos de senhores, & damas de Turim. A camara do aparato estaua toda entapiçada de panos de ouro & seda, aõde hauia leuãtado hũ trono sobre quatro degraos, cercado de balaústres dourados, dêtro dos, quaes não entrarão mais que o Marques de Pianazza, o Conde de Plefsis, Pralim, o Marquez de Aglien o Conde de Pruent, & alguns caualleiros mais da ordem da Anunciação, que he a de Saboya, o senhor de Tellien Intendente da Iustiça, policia, & fazenda, & os primeiros Presidentes do Parlamento, & da Camara dos Condes. Madama de Saboya estaua posta sobre o trono, a dous passos de sua Alteza, o Duque de Longaulla General das armas delRey em Italia, o Nuncio de sua Santidade, & o Embaixador de França. Ao redor das grades estauaõ as damas de Saboya vestidas de grande luto.

¶ O Marques Cirie, que tinha cargo do Principe Cardeal de Saboya, o qual estaua em hũa camara vizinha, tendo auizo pellos Capitães das guardas, entrou dentro das grades, fazendo muitas cortezias: subio dous degraos do trono, & sobre o terceiro se pos de joelhos, para saudar a Madama, & leuantandosse, lhe pedio a Princeza sua filha, em nome do Principe Mauricio de Saboya. Sobre o que Madama lhe pedio a procuração, que para isso tinha, & elle lha apresentou, com os joelhos no cham, & tomandoa Madama, a mandou ler em alta voz ao Conde de Sancto Thomas,

Secre/

Secretario de Estado, & depois disse ao Marques de Cirie, q̃ ella daua seu consentimêto, & só faltaua saber o da Princeza a qué o Duque de Longauilla foi logo buscar a hum grãde gabinete dourado, jũto da camara onde estas cerimoniaes se fazião, & trazendoa ao trono, ella se mostrou com tanta graça, & fermosura, q̃ se duuidou se era natural, se artificiosa pella grande pompa, & aparato de suas galas. Estaua vestida de hũa tela de prata, cuberta de grandes pontas, & todo o corpo, & mangas cõ grande quantidade de pedraria. Tinha sobre a cabeça hũa Coroa aberta de grandissimo preço, polla multidam de seus diamantes, aos hombros hũ manto de tella de prata, que tinha 7. annas de comprido cheio també todo de diamantes, o rabo do qual era leuada pella Condeça de Polonguiêra, irmam do Conde de Moreto Embaixador de Saboya nesta corte. A graça de seu meneyo, & de seu gesto foi grandemente acrescentado polla se seu discurso, em o qual manifestou tanto respeito ás pergũtas de madama sua may, q̃ nam ouue qué nam admirasse em idade de 15. annos sua grande modestia, & nesta eleiçam a prudencia, & a felicidade do Principe Mauricio. E ainda que nam pude alcançar sua verdadeira resoluçam nesta materia, bem se julga pello que se seguio, que hauia dado o si, porque os juramentos se fizeram de parte a parte em consequencia dos quais todo o ajuntamento passou á Igreja de S. Ioam que estaua riquamente armada, em a qual se cantou o *Tē Deum laudamus*.

A tomada de Crescentim praça de Castelhanos.

[Letra capitular] Tanto que o Principe Thomas se vnio com o Duque de Saboya seu sobrinho debaixo do gouerno de Madama, para mostrar alguns effectos de sua afeiçam, vnindo seu credito às armas delRey Christianissimo, & de S. Alteza cõ ellas se foy acercar Crescentim, a qual apertou taõ fortemente que a doze deste mes de Agosto os Castelhanos, q̃ estauam nesta praça se lhe rêderam, com condiçam que sairiam della aos 14. como fizeram com bãdeiras despregadas, caixas tocadas, & mechas acezas. Forão leuados a S. Hay. Esta preza encheo de espanto a Versel ainda q̃ tê dentro, & em seu contorno 3U. cauallos, & algũa infantaria, porem o mais que toda esta campanha pode fazer he defenderse, rem o mais que toda esta campanha pode fazer he defenderse.

Mais avizos de Paris de 30. de Agosto 1642.

[Letra capitular] A 8. de Iulho foi o senhor Bispo de Lamego Embaixador

de/

de Portugal com licença de Sua Santidade, dos paços do Marques de Fontenè Embaixador de França, com quem esteue depois de sua chegada a Roma, para os seus paços, q̃ tomou na praça Nauona não obstāte todas as ameaças do Marques de los Veles Embaixador de Castella, & seus sequazes, que diziaõ o hauiaõ de levar fora de Roma, & faziaõ mil protestos de que em cazo que fosse recebido, se hauiaõ de sair fora de Roma em hũ instante, com os Cardeaes de la Cueva, Albornos, & Montalto, auditores da rota Castelhana, & que o mesmo hauiaõ de fazer dentro de dous mezes os vassalos, & subditos das coroas de Castella. Mas os Francezes, Portuguezes, & Catalaes se ajuntaraõ hum dia todos, & andaraõ passeando por Roma, para dar hũa vista ao dito Embaixador de Castella, & mostrarlhe em effeito como seu poder não era tão grande como sua imaginação. O dito Bispo Embaixador de Castella tem em particular fallado com o Cardeal Barberino; & com sua Santidade, & cedo se espera que seu recibimento seja em publico, porque se ajuntaraõ os Cardeaes em cõsistorio, & decretaraõ que se guardasse hũa Bula antiga de hũ Papa, que por algũas occasioens semelhantes de seu tempo, ordenou que a Santa Sede Apostolica admitisse, & conhecesse por Rey, & senhor aquelle que estiuessa de posse de seu Reyno, gozando os frutos delle hum anno.

¶ O Duque de Bauiera tem mandado grande socorro de dinheiro, & gente a elRey da Vngria, & tambem lhe importa para sua conseruação. De Vngria lhe mandarão seis, ou oito mil homens, de Bohemia quatro mil.

¶ ElRey de Polonia ao presente não pode dar auxilio ao dito Rey de Vngria em razam de estar o Turco sobre suas fronteiras, ameaçando querer fazer entrada.

¶ O Principe da Transiluania està tambem com grandes exercitos, & dá grande cuidado a elRey de Vngria, & seus confederados.

¶ O gram Moscouita està tambem á mira com outro grande exercito.

¶ Em Italia todos os Potentados, & atè o Padre Santo estam com as armas nas maos, & com notauel desconfiança huns de outros.

¶ Em Constantinopla tem o Turco grande armada naual de

gales/

de gales, & galeotas, que dà grande cuidado aos Principes vizinhos.

¶ De Angola nos auizaõ como doze companhias de infantaria que o Pédepao la deixou, para segurança da praça, não eraõ viuos mais que 250. homens, & que os Portugueses se auiaõ retirado junto de hum rio, onde estauaõ fortificados, & que os Olandeses lhes auiaõ offerecido grandes partidos, para que se confederassem com elles na forma que o auiaõ feito os vizinhos de Pernambuco, & Parahiba, a que os Portuguezes responderão que antes querião todos morrer, q̃ aceitar tal partido, & aliãça.

¶ Estaõ na campanha de Angola tres exercitos de Negros, hum delRey de Congo, outro do Duque de Bamba, outro do Conde Afonso, sem nenhum delles se atreuer dar ajuda a Portuguezes nem Olandezes.

¶ De Sam Thome auizaõ q̃ de todos os Olandezes, q̃ ali deixou o Pédepao, só 15. erão viuos.

¶ O Duque de Parma está concertado com o Padre Santo. O Duque de Lorena tem tambem hum exercito reforçado, com alguãs tropas, que lhe mandou o Duque de Bauiera: dizem que pertende fauorecer a Duqueza de Bulhon, a qual tem mandado Embaixadores ao Padre Santo, aos Potentados de Italia, a elRey de Inglaterra, ao Principe de Orange, aos Estados de Olanda, para lhes pedir intercedaõ com elRey Christianissimo pello Duque seu marido, para que vze com elle de sua Clemencia.

¶ Monsiur Gastão está ia reconciliado com elRey Christianissimo seu irmão.

¶ O Coreyo de Doures, & Dunes, & de toda Inglaterra, para Dunquerque està de todo prohibido, & defendido por ordem dos Parlamentos, que cauza grande cuidado aos Framengos.

Com todas as licenças neceſſarias.

EM LISBOA.

Na Officina de Lourenço de Anueres. Anno 1642

[Letra capitular] Taxão esta Gazeta em seis reis. Lisboa 8. de Nouembro 1642
Coelho. Menezes.

**GAZETA
SEGVNDA
DO MES DE
OVTVBRO DE NOVAS
fora do Reyno,**

Auisos de Londres de 31. de Agosto

[Letra capitular] As cousas deste Reyno cada ves estão de pior condiçãõ, sem nenhuma apparencia mais, que hũa sangrenta guerra; ElRey cada dia fas muitas preuençoens, & tem grandes senhores de seu bando. Os Parlametos també tem ja muyta gente leuantado, & vão formado exercitos de infantaria, & caualleria a cargo de bons cabos, & Generaes experimentados em a sciencia militar, para sair a campanha, & cada dia lhes acode tanta gente, q̃ he cousa espantosa. Não ha official, nem obreiro, nem criado, q̃ não deixe seu officio para se applicar a guerra. Todo o Reyno està com cuidado, & medroso, receando algũa total destruiçãõ, & ruina. As duas cidades de Ports muda, & Castelnouo, portos maritimos muy importantes, estão por ElRey, que dão grande cuidado ao Parlamento: o qual mandou prender ao Conde de Porlant, & ao Gouvernador de Vvicht por descõfiãça q̃ delles tinha.

De Mastrich de 2. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Avisaõ que de Venlo, Reurmonde. Stenenvert, & de Geldres praças sogeitas a elRey de Castella sairão com 36. cornetas de Caualleria, & 40, companhias de infantaria, & 10. peças de artelharia, com intençãõ de a cometer, & romper o quartel dos Suecos, & Hessenses: o que puderam fazer com facilidade, porque estauam descuidados, & a mayor parte delles se hauiaõ ido o dia de antes a buscar mâtímētos. Mas o Principe de Orange tendo noticia, que os Castelhanos eraõ saídos mandou

A

logo/

f.º 1 – v.º

logo muy depressa ajuntou 60. companhias de Infanteria, & 50. de Caualleria, & 6. peças de artilheria, & sahio em pessoa a campanha acompanhado de seu filho o Principe Guilherme de Nassau, & muytos senhores de consideração, com que encontrou, & impidio os disignios, & intentos dos Castelhanos, que tornaraõ outra vez para os presidios donde hauiaõ saido.

¶ Tinnaõ os Castelhanos tomado tres fortalezas aos Franceses entre Grauelingua, & Calez, acudio o Conde de Harcourt com 20. mil homens, & restaurou as ditas fortalezas.

¶ Dom Francisco de Mello General dos Castelhanos està com seu exercito entre São Thome, & Aire; mandou tres atè quatro mil Cauillos a correr a campanha para reconhecer o campo do Conde de Harcourt, que està hũa legua de Arrás; de maneira que estes dous exercitos estão muyto juntos hum do outro, & cada qual com grande vigilancia á mira para ver quem se descuida, que se arriscará a hũa desgraça.

¶ O Christianissimo esteue os dias passados em Amiens, donde passou a Abbauilla para dar mais calor a seus disignios, & fomentar as guerras de Flandes, que cada vez haõ de picar mais, pellas grandes apparencias, que ha de parte aparte.

¶ ElRey de Castella hauia metido este anno grandissimo poder em as fronteiras de Frãça, imaginando por aquella via diuertir a guerra de Catalunha, & dar socorro a Perpinhaõ, mas achouse enganado, porque o X^{mo} meteo mais forças de gente de guerra em o Condado de Rosselhon, que causou notauel cuidado ao Castelhana, & obrigou ao mesmo Rey de Castella a passar de Madrid a Saragoça, para ver se com sua presença podia fazer algũa facção.

¶ Auisaõ de Roma que o Padre Santo assentou, & decretou em pleno consistorio, que a pessoa que estiuier aclamada, & leuantada do pouo por Rey do Reyno, & estiuier hum anno de posse, dando obediencia a sua Santidade o Papa de Roma, será recebida, & admitida, & confirmada por Rey, & filho da Santa, & Catholica Igreja Romana sem nenhuma contradição.

¶ Publicou sua Santidade hum grande Iubileo em rasaõ dos vinte annos de seu Pontificado, & se fizeraõ grandes festas em Roma: todos os Cardeaes lhe deraõ os parabens, com notaueis lououres, & mayores contentamentos.

Tendo/

¶ Tendo sua Santidade noticia que andauam em Roma tantos vagamundos, que por certos respeitos, causauão grande cuidado; sendo a mayor parte Borgonheses, Loreneses, & alguns Castelhanos, mandou publicar que todos os que fossem destas nações, saíssem em tēpo de tres mezes de Roma, & de sua jurisdição.

¶ De Colonia auisão que os exercitos do Christianissimo, & dos Suecos, & Hessenses, & do Principe de Orange, & do Duque de Norborch toda via estauão alojados, cada qual em seu quartel em o destrito, & territorio do rio Rhim junto a Colonia; & tam bem está hum exercito do Imperio a cargo do Conde de Artífelt, & Ioaõ Vert. Todas estas forças de armas estiuerão sem fazer, nem effeiturar cousa algũa, mais q̃ destruir, & assolar a quellas terras, & seus visinhos. O exercito delRey de Castella a cargo de Dom Francisco de Mello tambem appareceo, mas retirou-se logo, por não se arriscar a hũa desgraça.

¶ Todo o pais de Liege està com as armas na mao; tem mais de 30U. homens iunto, para guarda de suas fronteiras, porq̃ receão que aquelles exercitos dos Francezes, Hessenses, & Suecos queirão inuernar em suas terras: o que por nenhũa maneira haõ de consentir,, antes impedir por armas.

¶ O Eleitor Arçobispo de Colonia está tambem aparelhado, & tem consigo 3U. infantes, & 2U. cauallos, com muytos petrechos de guerra, para segurança de sua pessoa.

¶ O Duque de Bauiera tem muyta gente de guerra em campanha: deu grande socorro a elRey da Vngria, & aos de Colonia, & tambem ao Duque de Lorena, que os dias passados estaua com seu exercito em Helsacia, & agora hia marchando para suas terras de Lorena, com resolução de intentar algũa facção, para poder recuperar suas terras; & conforme opiniaõ de muytos està arriscado a hũa desgraça, porque Monsiur de Hallier Marichal de França ha saído a campanha com disignio de pelear com elle, & impedirlhe não passe auante.

¶ ElRey de Polonia ategora tem suas fronteiras bem preuenidas de gente de guerra, a mayor parte caualleria, em rasaõ do Turco, que ainda que tem com elle treguas, todauia parece o quer cometer, & entrar naquelle Reyno, que dê cuidado, porque não ha que fiar do Turco.

A2

O/

¶ O Moscouita tem por suas fronteiras grandissimo numero de gente de guerra, em razão do mesmo Turco, & delRey de Polonia, ainda que com elle tem suspenssaõ de armas por 26. annos, toda via está cada qual desçonfiado^[sic], por estarem ambos com as armas nas mãos.

¶ Ragostky Principe de Transiluania formou hum exercito de 30U. homens de pè, & de caualllo, em razão dos Vngaros, que o chamaraõ para ser Protector, & defensor do Reyno, em razão de alguãs diferenças, que hauiaõ tido com sèu Rey, que lhes concedeo tudo que pediãõ, de maneira que o Transilvano não passou auãte, & agora està â mira de auer se se lhe offerece intêtar algũa facção:

¶ Estes grandes mouimentos, & preuençoens de guerra naquellas partes dão grande cuidado a elRey de Vngria, q̃ agora vay ordenando, & tratando hũa assẽblea, para ver se por aquella via pode paçificar^[sic] as sangrentas guerras do Imperio, & entre tanto ganhar tempo para se poder restaurar, & valer de algũa boa occasião.

¶ O Principe Ioão Carlos de Medicis irmão do grão Duque, está nomeado delRey de Castella para Generalissimo do mar, cõ 8. mil escudos de pensão cada mes.

De Amstradama em 6. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Avizão de Viena em 20 de Agosto q̃ os Suecos tinham cercado a Briech na Morauia, mas tendo noticia que os Imperiaes vinhão com grandes forças, & com muyta resolução para socorrer a praça, não se atreuerão aguardar, & leuantarão logo o cerco por terem pouca gente em razão que até diuidida, por varias partes daquellas prouincias. Mas os ditos Suecos antes de leuantar o cerco meterão ã a cidade de Olmutz dous mil & quinhentos infantes, & 500. caualllos, alem da gente que de antes tinha, & logo o General marchou para Slesia, a aguardar por 6. ou 7U. iufantes,^[sic] & 3U. caualllos, que a Raynha de Suecia manda para reforçar seu exercito. E em chegando este socorro sairá o dito General dos Suecos outra vez á campanha a buscar os Imperiaes; para pelejar com elles: porque fica com exercito de 30U. infantes, & doze mil Caualllos. Os ditos

Impi-/

Impiriaes tambem tem grandissimos exercitos; hum delles posto perto de Olmuts, cidade na Morauia, que está muy apertada, & com pouca apparencia de socorro.

¶ O Archiduque Leopoldo tem hum exercito de doze mil Caualllos, & 16U. infantes, & 40. peças de artelharia, com que entrou na Slecia, é seguimento dos Suecos, & não estaua mais que des leguas delles. O General Torstenson tendo noticia que os Imperiaes o vinhaõ buscar, & que estauaõ taõ perto, mandou logo 5. mil infantes, & 5. mil caualllos a reconhecer, & correr a campanha para dinertir aos imperiaes, & em quanto lhe vem o socorro, que està ia muy perto: de maneira que sem fallécia algũa chegaraõ a pelejar, poder a poder. O tempo dirà do successo.

De Londres em 10. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Avisaõ que he cousa muy lastimosa de ver que as cousas daquelle Reyno estão postas em estado que não ha alguma apparencia de melhoria, senaõ de hũa sangrenta guerra de fogo, & sangue, comperdição, & destruição total daquelle Reyno, & poucos. ElRey está muy seuero, & muy animoso, & com resoluta determinação de sustentar sua autoridade Real atè morte. Em o que està muy seguro, & por mais que lhe digaõ, não quer dar ouuidos anada, nem por nenhũa maneira ceder, nem desistir de sua opiniaõ. Por todos estes Reynos se fazem leuas de gête de guerra de pee, & de cauallo, & todos estão com as armas nas mãos, & cada dia se encontrão os Reaes, & os do Parlamento, com ventagem, & perdição de hũa, & de outra parte de maneira que se vão picando guerras sangrentas.

¶ ElRey tem feito grandes diligencias por alcançar o Castello de Duures, & a ilha de Vricht, porem os Parlametos tiueraõ disto noticia, & anticiparaõse a tempo, que prenderam os Gouernadores para estar com menos cuidado.

¶ Em Castelnouo entraraõ dous nauios com petrechos dê uerra,^[sic] & com huma companhia de soldados velhos, exprimentados, que havião militado em Hollanda, & em Alemanha.

¶ Os Condes de Salsbery, & Lordeclaer, que estauão por parte del Rey, tornarão outra ves apassarse ao parlamento.

¶ O Conde de Varvycq, por ordem do Parlamento, tem sitiado o porto, & barra de Portsmuden com 12. Galioens, & 20.

A3

nauios/

f.º 3 – v.º

nauios ordinarios, & pella terra està també cercado com 10U. homens: de maneira que a praça està muy apertada, & com pouca apparencia de socorro.

¶ O dito Cõde de Varvycq, tomou hum nauio com caualllos, & artelheria, que hia para Castelnouo em socorro del Rey.

¶ Estauão huma noite destas quarenta caualleiros, & outras pessoas de Callidade, recolhidos em huma casa de campo, onde se dauão por muy seguros, entrarão 300. ou 400. moços leuantados, & armados, & mataraõ a mayor parte delles, & puserão fogo á casa, com a qual ardeo tudo.

¶ Mandou ElRey pedir emprestado aos homens de negocio de Londres huma gram soma de dinheiro arasão de oito por cento, responderão, que todos estauão prestes para seruir a sua Magestade com a fazenda, & com a vida, mas auia de ser com licença, & ordem do Parlamento; com a qual resposta se enfadou muito elRey.

¶ A Londres acudirão mais de vinte mil homens voluntarios, q̃ de si mesmo se vierão apresêtar, & offerecer, para viuerê, ou morrerê pella defenção, liberdade, & conseruação da patria. O Conde de Essers he o General desta gente, & os vay diuidindo em regimêtos: não faltaõ mais, que ministros, & officiaes militares, os quaes tem mandado pedir a varias partes.

¶ O Gouernador de Hull fez hũa saida com 800. homens, & entrou em hum quartel delRey; alcançou alguns presioneiros, & algũas armas, com o que se retirou a seu presidio, sem que os delRey lho pudessê impedir.

¶ A Castelnouo chegaraõ de Dunquerque alguns ministros, & officiaes de guerra com 6. ou 8. Engenheiros Franceses para seruiço delRey.

¶ O Marques de Harsfest sahio cõ 1U. infantes, & quinhêtos caualllos, & entrou em Somerset com disignio de publicar, & manifestar as ordês delRey, para saber se aquelles poucos querião ser da facção delRey seu verdadeiro senhor, mas os ditos poucos responderão que si, mas com licença, & ordens dos Parlametos, & de improuiso ajuntarão mais de 6. ou 7U. homens com armas daquella comarca, que obrigou ao dito Marques Harsfest a se retirar.

¶ Por todo o Reyno não se trata de mais que de guerra, em cada
par-/

parte, & prouincia ha grêdes^[sic] preuêçoens, huns por ElRey, outros pellos Parlamentos, asii andão pellas terras & campos, encontrandose logo perguntaõ quem viue? não respondendo a preposito, não ha mais que inuestir, viua quem vence.

¶ No Reyno ha muy grandes desconfianças, nenhum se atreue a fiar de outro, por amigos que sejaõ: não se ve mais que mortes, & prisoens, & outras mil desaenturas. E isto não he mais que principiar, não sabemos, em que hade parar tam lastimosa tragedia.

¶ Muytas pessoas que não se atreuem aparecer, humas se fazem indispostas, outras com achaques se saẽ fora do Reyno por escusarse entretãto, até ver em que para esta sangrenta guerra, & então ver aõde se hade inclinar, porq̃ não ha q̃ iulgar, senão estarmos em vesporas de ficarmos todos destruidos.

¶ Cada dia ha bandos, huns por elRey, outros pellos parlamentos, & nem huns, nem outros se entendem; nem sabemos como hauemos de viuer neste miserauel Reyno.

¶ Os Escoceses tambem fazem grandes preuençoens de gente de guerra, & mostraõ querer fauorecer o Parlamento: sobreisto ha varias opinioens, & grandes desconfianças, atè que elles mostrem por obras a quem estão inclinados. ElRey está com grandes esperanças que se haõ de conformar com suas armas, O Parlamento està com a mesma opinião.

¶ As cousas de Irlanda estão muy arriscadas: os Ingreses tem tomado todos os portos, & lugares maritimos, que obrigou aos ditos Irlandezes a se retirar pella terra dentro, adonde estão fortificados em lugares, & praças mais eminentes, com resoluçam de se defenderem atè morte. Valor, nem animo nam falta, somête armas. Mas agora como vay entrando o inuerno, & tambem as guerras de Inglaterra se vam picando cada ves mais, estam os ditos Irlandezes com menos cuidado, & com mayores esperanças de se poderem defender.

Com todas as licenças neceſſárias.

EM LISBOA.

Na Officina de Lourenço de Anueres. Anno I642.

[Letra capitular] Taxão esta Gazeta é quatro reis. Lisboa I0. de Nouêb. I642.

Coelho.

Menezes.

f.º 4 – v.º

[fólio em branco]

**GAZETA
PRIMEIRA
DO MES DE
NOVEMBRO DE NOVAS
Fora do Reyno,**

Auisos de Dublin cabeça de Irlanda de 10. de Septembro de 1642.

[Letra capitular] Dos tres nauios, que por ordem do Parlamêto de Inglaterra andauão guardando estas costas, dous se retiraraõ a Inglaterra, & por este meyo tiueraõ os Mercadores Irlandezes liberdade pera poderem commerciar com os estrangeiros. Os Catholicos deste Reyno se ajuntaraõ ha pouco tẽpo em Kilkenny; & os Protestantes neste lugar: onde a mayor parte de seus soldados morrẽ de puras miserias, porque àlem de nam terem q̃ comer, andam todos quasi nús. O q̃ sem duuida ha de fazer resolver aos Protestantes a cemeterem^[sic] algũs concertos, se os Catholicos quiserem vir nisso: porẽm entendese, q̃ nam o farãm sem muita satisfaçam delRey da gram Bretanha: o que ha poucos dias mandáram hum protesto, de que o hauiam defender á custa de suas vidas, & fazendas contra o Parlamento de Inglaterra: porq̃ a presa, que fizeraõ da Cidade de Kinsale, lhes tem dado grande animo.

De Wittemberg, aos ditòs 10. de Septembro de 1642.

[Letra capitular] Qvnhentos cauallos Suecos tomáram a 13. de Agosto 200. Imperiaes, junto a Torgau, onde os desbaratàram, & se senhoreàram por astucia, & ardil do passo do Rio Elba: metendose dous soldados seus de guerra com os barqueiros, atè que 40. caualleiros Suecos, que se auiaõ posto de emboscada, deram sobre elles, & se fizeram senhores da barca, depois de auerem lançado os vilões, & morto algũs dos q̃ lhe quiseraõ impedir a passagem. E logo apparecéram 1500. cauallos Svecos ao redor de

Leuca, /

Leuca, onde se havião de ajuntar mais outras tropas, pera passar a mesma Ribeira; porque nos affirmaõ, que o General Major Konigsmarc vay pella outra parte dalem de Elba com seis regimentos de caualleria, & quatro de infantaria, pera se ajuntar aos Suecos, que estão em Esford, & fazerem hũa diuersaõ em o Pais de Saxã, & de Franconia.

De Bennefeld, a 11. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Aos 21. do pãssado o Duque Carlos chegou de improviso à vista da cidade de Dombach, à qual por duas vezes mandou auizar, que se rendesse; mas hauendo o Sargento, que nella gouernaua 25. soldados, mostrado em a reposta estar de terminado & mui resolutos a se defender ao outro dia 22. mandou pòr a artilheria defronte da cidade, a qual fez bater cõ tãta furia, q̃ antes do meio dia foraõ atiradas 141. balas de artilheria, & assi fizerão hũa brecha de 24. pès de largo. Mas o Coronel Morsheuser nosso Gouernador despachou cõ muita preça hũa cõpanhia com 30. soldados, os quaes entrãrão na dita praça ao mesmo dia, & repararaõ també a brecha, q̃ ficou mais forte do q̃ antes era a muralha. O q̃ hauêdo impedido aos inimigos a dar o assalto, tornàrã outra vez a mandar fazer seus protestos, enuiando aos 23. hum morador do lugar, q̃ estaua prisioneiro, a q̃ se rendessem, & não os obrigassê a tomar a praça por força, porq̃ em caso tal, havião de matar até os mininos no ventre de suas mãys. Mas o Sargêto nã estando menos resolutos q̃ de antes, animado com o socorro, que lhe hauia entrado, insistio em sua primeira reposta. O que vêdo o Duque Carlos, & que entre outras cousas estaua falto del poluora, fez logo retirar sua artilheria de diante da praça & pòr fogo a a seu campo. E aos 24. se foi marchando pello valle de Markirche, pera S. Maria das minas, dizendo que o não obrigaua nada a tomar Dombach, & que elle não queria de algũa maneira perder sua gente, & tempo com hũa maneira perder sua gente, & tempo com hũa praça tam mà.

De Roma de 11. Setembro de 1642.

[Letra capitular] A 16. do passado chegou a esta cidade hũ correyo de Florença, & trouxe por novas, que aos 24. hauia parido a Duquesa de Toscana hũ filho: o que o Embaixador de Florêça fez logo ao outro dia saber a S. Santidade: & como he o primogenito mãdou aquella noite, & as duas seguintes pòr ê seu paço muitas luminarias; & o mesmo fizerã todos os Cardeaes, & Embaixadores dos/

dos Principes aliados daquella casa. A nação de Florença faz câtar o *Te Deū laudamus* é a sua Igreja de S. Ioaõ, & o señor Vincêcio de Medicis agête do grãDuq, pera manifestar sua grande alegria, laçou aqui pelas janellas algũas mêcheas de dinheiro ao pouo.

¶ Depois do successo, que aos 23. do dito mes de Agosto ouue aqui entre o Embaixador de Portugal, & o de Castella, foraõ postas guardas é muitos lugares da cidade, & se dobrãram as que estauaõ nas portas della, cõ grandes penas de nam deixarẽ entrar pessoa algua sospeita em fauorecer a parte de Castella. E se prẽderaõ esta somana^[sic] 7. Borgonheses, que vinham de Napoles, & quiseram entrar por força, fazendo resistencia às guardas, que estam à porta de S. Ioaõ de Latraõ; & depois de se lhes fazerem algũas perguntas, os tornãram a lançar fóra pella do Populo, desterrados pera sempre de todo o estado Ecclesiastico.

¶ S. Santidade mandou logo ver os muros, cõ ordẽ de os fazer reparar cõ toda a diligência, & mandou derribar todas as casas q̃ estiuesssem pegadas a elles, assi de fóra como de dentro. Fez jutamente meter em o castello de S. Angelo 2U. barris de poluora, & grande numero das outras munições de guerra, que vierão de Rossilhon. Porque o pouco respeito, que o Embaixador de Castella mostrou em o cometimento do de Portugal, deo a entender claramente, que nam esperaua mais que a occasião (como muitas vezes entre os seus se hauia jactado) de emprender descubertamente algũa acção contra Sua Santidade.

¶ O dito Embaixador de Castella Marques de los Veles, se sahio daqui aos 28. de Agosto pera Aquila em Abruza, acompanhado dos Cardeaes Albornoze, & Montalto, do Duque Sauelli Embaixador delRey de Hungria, & de muitos soldados, que hiaõ ao redor de sua carroça.

¶ Hauia S. Santidade, á instância do Embaixador de Frãça, & de outros Principes, suspẽdido a marcha de seu exercito cõtra o Duque de Parma, esperando que S. Alteza daria logo a obediência de uida á Santa Sé Apostolica mas vẽdo que cada vez mais persistia em sua contumácia, se resolueo é fazer marchar cõtra elle o seu exercito, pera o reduzir por força à obediência da dita Santa Sè.

Mais auisos de Roma de 17. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Estamos aqui em grade quietação, & repouso depois da partida do Embaixador de Castella, q̃ sò cõ a licença do Papa, sẽ

A2

visi-/

visitar os Cardeas novos se foy; por quanto os ditos Cardeas hauiaõ tirado hũa deuassa de tudo o socedido em os 23. do passado, entre o dito Embaixador, & o de Portugal, dado a culpa toda ao primeiro: & assi mandaraõ a Madrid hũa relação verdadeira de tudo, & muy contraria á do Embaixador de Castella, que lançou fama, que o de Portugal hauia sido o Aggressor. O Cardeal Antonio té feito marauilhas por impedir todas as desordês, q̃ daqui podiaõ resultar: porq̃ não se cõtêtdo cõ mãdar por guardas ao redor dos Paços dos Embaixadores de França, de Castella, & de Portugal, quasi toda a noite ada a cauallo, por se êtêder aqui, q̃ os Loreneses, & Borgonheses fizessê algũ motim, porq̃ se teue auiso, q̃ o Embaixador de Castella lhes auia secretamête mãdado armas, & q̃ se tinham visto a duas milhas daqui 200. homens de cauallo, o q̃ nos obrigou a estar outo dias com as armas na mão, porem não se faz mais guarda nesta Cidade que de noite, principalmete depois da tomada de Perpinhã, que foy de tãta alegria para este pouo, q̃ é altas vozes dizia: *Viua França*; o Cardeal Antonio fez hũa grade dadiua a quem trouxe a noua em 7. dias, como tambem fês o Embaixador de França.

De Brieg a 12. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Depois que o Archiduque Leopoldo se reforçou de 3U. cauallos Húgaros, & Croatas, mostra estar mais resolutio q̃ nũca a inuestir o exercito Sueco, q̃ ainda está alojado em os cõtornos de Crassen, Guben, & Francfort sobre o Oder. Em Dõ de Breslaw cortarão a cabeça ao Capitam Schonek Imperial, por render com tam pouca resistencia aos Suecos a cidade de Striga, que os Imperiaes tem agora cercado, ainda que de longe.

De Hoxter aos ditos 12. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] O General Mayor Konigsmar Sueco tomou a cidade de Duderstad em o pais de Eisfeld, onde ao presente està com 20. cornetas de caualleria, & muyta infanteria, que tirou das guarniçõens de Mansfeld, de Erford, de Minden, de Osnabrug, & de Neuburg. Tem dado muitas comissoens para se fazerem outras leuas, & é Mulhausen deixou ao Coronel Enther cõ hũa boa guarniçaõ; & é Northausen ao Coronel Schoner cõ outra.

De Stokolm aos 13. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Ha mais de 2. meses q̃ a Rainha de Suecia visita este Reyno foy ver as famosas minas de Cobre, q̃ estaõ é Kopperberg,

& as/

& as de prata, que estão em Salberg na Prouincia de Wesmaueland, 20. legoas daqui. Aos 9. de Agosto chegáráo aqui dous Embaixadores do Eleitor de Brandeburg, & aos 12. do mesmo tiuerão sua audiencia dos cinco administradores do Reyno. Em o mesmo dia chegou també o Marichal Gustauo Horn; a quẽ os mais dos Senadores, acõpanhados de muitos caualleiros, & officiaes de guerra, forão receber meia legoa fóra da cidade, da qual hà 16. annos anda ausente. O nosso Cancellario o acompanhou tè sua casa, & foi ver sua sogra, & sua única filha, q̃ auia deixado no berço.

De Praga aos mesmos 13. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] O General Major Enkensert he chegado a Vienna. O Coronel Wanck Sueco, Gouernador de Olmutz, tẽ tomado ẽ hũa de suas saidas quantidade de gado, & de pão, que logo fez recolher em sua praça: tomou mais, & saqueou a Tobischaw. He certo, q̃ o Coronel Schlarg Sueco, matou 500. Croatas ao Cõde de Bruè, & fez priosioneiro^[sic] ao Coronel Heister cõ outros muitos.

De Amburgo aos 14. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Vieraõ a elRey de Dinamarca Embaixadores do graõ Duq̃ de Moscouia, & elRey os esperou assentado em seu throno com a coroa, & o ceptro aos lados. Entrarão os Embaixadores, & depois de hauerẽ saudado a elRey, lhe pedirão q̃ se leuantásse pera os ouuir, por quanto o graõ Duque seu senhor fazia a mesma honra a seus Embaixadores. Repugnou elRey algũ tão, mas emfim se leuantou, & se tornou com muita pressa assentar; o que vendo os Moscouitas pedirão també cadeiras, as quaes lhe fora logo dadas. Suas preposições erão, q̃ elRey de Dinamarca quisesse fazer cõtinuar o tratado começado pellos Embaixadores Moscouitas hauia 55. annos, & renouar a antiga aliança, & concertos feitos pera o comercio, entre os defuntos Reys da Dinamarca, & os grandes Duques de Moscouia, em todas as quaes cousas elles Moscouitas estauão ainda de acordo. Pedirão mais, q̃ quando o graõ Duque de Moscouia, & elRey de Dinamarca, se comunicassem de parte a parte per escrito, o graõ Duque fosse sempre nomeado primeiro, como usavaõ em tẽpo de Frederico, pay del Rey Christierno, q̃ he o q̃ ao presẽte reyna, sem nisso achar algũa dificuldade: ao q̃ os Danos responderão, q̃ o costume geral era, q̃ cada Principe puzesse seu nome em o primeiro lugar da carta, q̃

A3

daua, /

f.º 3 – v.º

daua, & q̃ se elRey Frederico se hauia gouernado de outra maneira, se auia de attribuir á falta de seu secretario, & se não deuia tirar dahi a cõsequência. Pello q̃ a conclusão deste capitulo ficou outra vez como de antes. Propuserão mais em outro os Moscouitas, q̃ pera cõfirmação de mais estreita amisade, o casamêto entre o Conde de Woldemar filho delRey, & a filha de seu graõDuq̃: mas propondolhe també os Danos as condições deste casamêto, replicarão elles, que era necessario primeiro que o Conde, ao modo de seu Pais, se fizesse rebautizar, & fizesse profissão de sua religião; & que em tudo mais seria satisfeito, & lhe darião tanta terra, q̃ por este meyo pudesse acrescentar tanto o seu estado, quãto o não hauia sido jâmais; o que foi tido por hũ grande absurdo: & mostrando os Danos espantarse destas proposições, o Interprete lhes disse, q̃ esta embaixada não fora mais que pro forma, querendo o graõ Duque de Moscouia dar a elRey de Dinamarca igual honra, á que hauia recebido do Cõde de Woldemar, que elRey de Dinamarca lhe hauia mandado cõ embaixada do Inuerno passado. Os Moscouitas depois de hauerem dado seus presentes a elRey, de quantidade de peles, & recebido delRey cadeas de ouro, & vasos de prata dourados, tiueraõ audiencia de despedida, na formà da primeira, pera se tornarem, em dous nauios Danos, que tinhão ordem pera os levar a Riga.

De Tolosa aos 16. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Aos 3. deste mes se fez a 8. legoas deste lugar, na cidade de Soreza, na Diocesi de Lauor, a consagração de hũa Igreja, & Mosteiro da Ordem de S. Bento, do qual o Cardeal Duque he protector; & hauia sido derribado desde seus aliceces^[sic] no tempo das guerras passadas: mas o Padre Bertholameu Robon Abbade regular do lugar o reedificou, & tornou a pòr em pé dentro de 3. annos. Fez os officios o Arçobispo desta cidade, & prègaram manhã & tarde, perante hũa multidão incruel de pouo, os Bispos de S. Paulo, & de Aletz: & foraõ no mesmo tempo estabelecidos nelles os Bentos reformados, & a missão pera instrucção dos pobres Catholicos, que hauia 70. annos, que neste lugar estauaõ priuados do exercicio de sua sagrada Religiam.

De Amstardam aos mesmos 16. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Vendo os Dunquerquezes, que nam tinham meyo algũ pera sair com seus grandes baixeis, & sabendo que as duas

fra-/

fragatas, que com tanta pena, & trabalho hauiam saído, foram depois tomadas, começaram a desanimarse, & assi lhes tem fugido a mayor parte dos marinheiros.

De Barcelona aos 17. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Aos 10. do presente, a Armada naual de França, composta de 63. baixeis, & 22. galés, depois das grandes festas, & alegrias, feitas pella tomada de Perpilhaõ, partio daqui pelas 9. horas da noite na volta de Leuante. Ao outro dia a dos Castelhanos composta de 42. baixeis, & 34. galés, veyo dar fundo diante do mole desta cidade, com mostras de a querer sitiir por mar, em quanto se auançaua o exercito de terra. Porem aos 13. se tornou a fazer á vella na volta de Rosas. E ainda q̃ a empresa nam mostraua ter muito fundamento, nam se quis deixar de fazer toda a preuençam. Pera este effeito se puseram logo guardas geralmente; tomando os Religiosos á sua conta duas das portas, & os seculares as outras duas. Onde todos manifestarão bem o grande affecto que tem ao seruiço de S. M. Christianissima, & quanto todos o veneram nesta Prouincia. Os dous exercitos dos inimigos de Aragam, & Terragona, sabendo que o Marichal de la Motha hia caminhando pera elles, logo se retiraram a Terragona.

De Wexford a 17. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] O Coronel Eugenius, ou Neil nos tem atégora trazido muita quantidade de armas, & de muniçoens, principalmente poluora. E no caminho tomou quatro baixeis dos Protestantes, os quaes aos presente temos aqui. E depois que o mesmo Coronel sahio a campanha, tem ganhado aos mesmos 6. castellos, & desbaratado 7. pera 8U. homens de sua milicia, & constrangido os mais a se saluarem fugindo em Drohedale, & Dublin. As suas fragatas trouxeram tambem agora ha pouco a este porto seis nauios carregados de trigo, vinho, sal, & outras mercadorias, que tomaram aos inimigos. O Conde de Clanricard está declarado pella nossa parte, vendo que nosso intento nam era mais que sustentar, & defender a Religiam Catholica, & a authoridade delRey de Inglaterra.

De Nottingham aos 18. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] As tropas do Parlamento de Inglaterra, que constaram de alguns 6U. homens, sam partidas de Couentry pera Northampton. Seu primeiro intento he romper os liuros da Litur

gya/

gya Ingleza, & quebrar todos os vidros pintados das Igrejas: o q os Catholicos sentem mais que tudo. Aos 15 do corrente fez elRey da gram Bretanha hua resenha das tropas, que aqui tem, & achou 4U. Infantes, & mais de 2500. caualllos, aos quaes o Baram de Strange deue tambem ajuntar 3U. Infantes, & 300. caualllos; com a vinda das quaes tropas S. M. se porá logo em câpanha.

De Londres aos ditos 18. de Septembro de 1642.

[Letra capitular] Ao primeiro deste mes ordenou a Camara baixa, q não ouuessem mais Bispos em toda Inglaterra, nẽ assi mesmo os q elles chamão seus ramos, & raizes, he a saber, Deaões, Cabidos, nẽ Arcediagos: & fizerão pòr isso em toda a cidade, em final de Alegrias (excepto em Westmũster, q he hũ quartel, onde estão os paços delRey da graõ Bretanha, q cote 3. ou 4. grades Parochias) muitas fugueirãs, repicando todos os sinos; em as quaes fogueiras os Protestantes lançarão muitas estatuas feitas á maneira de Bispos, & as queimauão. O que deu a entender aos Escoceses, q o Parlamento queria, que as Igrejas de Inglaterra fossem em tudo conformes às de Escocia. Outros tem pera sy, que se formarà hũ Catechismo, & Liturgia pera todas as terras obedientes a S. M. Britanica. Em tanto o Marques de Hartford se fortificou de homẽs, & artilheria em o castello de Sherburua de maneira, q o Conde de Betford, q por ordẽ do Parlamento o hia prẽder, nã pode fazer cousa algũa, sendo que leuaua 7U. homẽs; os quaes vẽdo o perigo da empresa, desempararão ao dito Conde, excepto 1200. que com elle se retirarão a Dorcester. O conde de Essex general das tropas do Parlamẽto, inda não começou a marchar; entendese que está muy falto de armas: & as que hauia mandado buscar a Holanda pello senhor de Strikland, estão detidas. Algũs entendẽ que o Conde descontente do mal que se procedeo contra os Bispos, se quer retirar a sua casa, mas que não acha ainda lugar pera poder manifestar sua intençãõ. Tanto que o Embaixador de França teue licença delRey da gram Bretanga^[sic] pera se retirar, os senhores da Camara alta lhe mandarão dizer pelo Conde de Holland, que dẽsse ordem a se retirarem tambem a França os Capuchinhos, porque o pouo, dizẽ elles, estaua muito escãdalizado, & temiaõ socederlhes algũ dano, se com diligencia se não atalhasse. Deos acuda a este pouo com sua Misericordia.

Mais auisos de Londres.

Temos/

[Letra capitular] Temos nouas que Sua Magestade tem aruorado o seu estandarte em Nottingham, & mandado juntamente apregoar, que todos os que o quizerem seguir terão muito bom soldo. E assi formou logo hum campo de 4U. de caualllo, & 2U. de pé. Agregarão selhe mais o Principe Ruberto, & o Principe Mauricio, os quais deixarão as tropas que trouxerão de Frandes em Castello nouo, pera virem acompanhando o comboi. Por todo este Reyno não se ouue mais que tocar caixas pera fazer leuas de gente.

¶ O general Essex tem junto passante de 10U. infantes, & 3U. caualllos alem das tropas de pé, & caualllo, que por ordem do Parlamento estão repartidas por diferentes Castellos, & Cidades. Temese se Deos nam acode com sua mizericordia, hũa lastimosa tragedia: mas com sua diuina ajuda, & com a vinda dos deputados de Escocia temos esperança, que por sua interceção se concluirà com Sua Magestade o que se dezeja. O dito General tendo noticia, que o Conde de Dorcet tinha em Emsynock escondido cantidade de armas, as quais estauão em poder do Senhor Ioaõ Sakuil, fez conselho de guerra pella meya noite, & logo despachou 3. cornetas de caualllo, os quais trouxeraõ prezo ao dito senhor Sakuil, com armas que seriaõ pera quinhentos, ou seiscentos homens.

¶ O Parlamento pera sua mayor segurança tirou a muitos de seus cargos, & trocou outros, assi gouernadores, como officiaes de guerra, com fez no Castello de Doures em Rochester, nos Redutos de Grauezent, & em outras praças de importancia, em Higaet que he hum lugar de consideração entre as montanhas, & duas horas de caminho deste, tem feito hum forte; em q̃ podem álojar duzentos, ate 300. homens.

¶ Trouxeraõ també prezo hum sacerdote, q̃ meteraõ na torre. Acharaõ em diuersas partes grande cantidade de moniçoës, & tomaraõ 5. carroças caregadas dellas, que vinhaõ de Cobham junto a Grauesent. Mais outras 5. també carregadas da casa do Arcebispo de Lambeth. 7. mais da casa do Senhor Ioaõ Haydon, hum valido DelRey. Alem disto trazem tanta gente de diferentes partes, que senaõ pode della dar razão.

¶ A torre da Cidade se guarda com muito cuidado de noite, & de dia com os mesmo moradores da Cidade.

Em/

¶ Em Porsimyem tem o senhor Broún Bosckel: & debaixo do castello tomarão hũa nao carregada de trigo: & parece que o Gouernador Goringh estaua esperando a vinda do Conde Essecx porque tinha leuado muito gado dos ditos lugares.

¶ A Couentrie vierão algũs 800. caualleiros para pôr em ordê a comissão delRey em Array, mas achando as portas fechadas, fizerão saltar hũa com hũ petardo: os moradores entendendo o que elles determinauão fazer, ajuntarão muitos barris, mesas, bācos, & outras cousas de casa, com que entupirão as ruas, pera q̃ quando entrasse a caualleria, não pudesse romper, a qual entrou cõ notauel furia; mas os moradores despararão sobre ella hũa peça de artilheria com que lhe matarão muitos, & carregando sobre os mais, deixarão no campo mais de 300. mortos, com perda de 50 ou 60 dos da cidade. Dali a pouco mais de duas horas veyo Broeck com 4U. soldados ao mesmo lugar, entendendo que achasse a caualleria delRey, porém chegou tarde.

¶ Pouco depois veyo outra partida delRey mais poderosa sobre a cidade WarWyck, onde Milord Broeck, como tenente das Prouincias rezidia, a saber, o Conde de Castelnouo com dois Cornetas de cauallo, o Conde de Northampen com hũa tropa de pé & hum Corneta de cauallo, o Conde de Linseny com 5. companhias de pè, & dous Cornetas de cauallo, o Conde Riuers com hũa companhia de Lamcaster, o Lord Richre com hũa tropa de pé, & 200. caualllos, o Lord Monbray com hũa tropa de pè, & o Lord Capel cõ hũ Corneta de cauallo: os quaes partirão de Nottingham ás 11. horas da noite, imaginando em que cidade, ou castello podiaõ dar mais descuidadamente: porém Milord Broeck tendo auiso de sua vinda ajuntou cõ muita preça 7U. homens, & marchando hum pouco fóra da cidade, esperou cõ muita resolução a seu inimigo. De quádo é quádo se tocauão as caixas pera peleijar: & de ambas as partes de inuiuão trôbeteiros, que requerião assi cada qual acompanhado de cê caualleiros, & de 50. mosqueteiros, succedeo o seguinte. Chegou o Conde de Castelnouo a falar primeiro, & disse, q̃ era vindo com especial comissão de S. M. pera receber a cidade de WarWyck, com o castello, & moniçoês por elRey; querendo q̃ á mesma instância o Lord Broeck a entregasse logo, & despezesse de suas armas, renúciando todas

as/

as ordens dos Parlamentos, & da malicia, que debaixo disto podia auer, & receberia perdão de S. M. o que ouuindo o Lord Boreck, querendo desuiar o caualllo, entendeo que se queria ir sem se despedir, mas dahi a pouco considerando na resposta, lhe disse: *Espantome, que vòs Senhor imagineis, que podeis resistir ás forças do Parlamento, & q̃ estejais tam emfêitizado, q̃ por vosso particular respeito, & vossa pura ambição queirais arruinar este Reyno, & a vòs mesmo com elle. No q̃ toca à cidade, Castello, & munições, eu as ei de guardar por elRey, & pello Parlamento, que mo entregarão, & no fim se ha de ver quem he, ou não fiel a elRey. Eu não tenho necessidade de perdão; vós, & outros tais com vòs sim.* E depois de grandes discursos, se apartarão, & Milord Broeck se retirou como valente soldado a WarWyck, sem perda algũa.

Carta que elRey Christianissimo mandou aos Senhores o Preuoste dos Mercadores, & Mesteres de sua boa cidade de Paris.

Sobre a entrega da Cidade, & Castello de Perpinhaõ.

Em a qual lhe manda, que assistaõ ao Te Deũ, onde Sua Magestade se hauia de achar em pessoa.

De parte delRey.

[Letra capitular] *Charissimos, & muito amados. Depois que fomos obrigados a leuar nossas armas a Espanha, não sò para nos opormos aos inimigo^{sic} declarados de nosso Estado, mas també para dar a Catalunha oprimida o socoro q̃ nos ella pedia: sempre cõsideramos a Perpinhaõ como hũa praça, da qual dependia o sucesso destes justos designios, pellos quais hauemos, em o meyo do Inuerno, atrauessado todo nosso Reyno, & ido emfim em pessoa a pòr o cerco à dita praça, a fim de nos fazermos senhores della, por todos os meynos, que ouuessem em noço poder; & tendo reconhecido, que o melhor era tella bloqueada de sorte que lhe não pudessem entrar nẽm viures, nẽ gente, depois de hauermos tomado os portos, & fortalezas de Coliure, & S. Elma, que aßegurauão a mais comoda passagẽ aos inimigos para socorrer a Perpinhaõ, & termos hũa grande victoria, que nos meteo nas maõs as melhores tropas de Castella, dẽmos toda a boa ordẽ, que se requeria à continuacão desta empresa, atẽ que hũa apertada, & perigoza doença nos constringe a nos retirarmos, nam hauendo apparencia algũa que humanamente nos pudeße faltar: & assi deixado hũa grande Armada naual em a Costa de Espanha, dous exercitos em Catalunha, & Rossilhon, impedimos com diuersas, & assinaladas victorias, que todas as forças, que os inimigos ajuntaram com incruel trabalho, em todos seus estados, nam pudessem socorrer esta praça, que elles tinham por inexpug*

nauell

nauel, & o amparo de toda Espanha contra França; de sorte, que hauendo sofrido hum cerco de sinco meses, & todos os extremos, que a falta de mantimētos pode causar, ella finalmēte se rendeo aos 9. deste mes a nossos charissimos & muito amados primos, os Marichaes de Schomberg, & de la Melharè, segundo a capitulaçã, que elles hauiaõ feito com os sitiados, da qual tendes jã conhecimento. E como o progresso, & glorioso suceßo deste sitio faz verdadeiramente, ver que o deuemos todo à assistencia diuina, & à protecção particular da gloriosissima Virgê, debaixo de cujo amparo nõs especialmente hauemos posto nõbo estado; hauemos resoluido de lhe irmos tambem dar as graças em pessoas à Igreja de Nostradama (he a saber de Nossa Senhora) de nossa boa cidade de Paris, quarta feira proxima 17. do presente mes, & para este effeito cantar nella o Te Deum laudamus, com a solenidade requisita. Do qual vos quisemos assi auisar, & mandar por esta carta que assistais là em corpo precisamente à hora que o Senhor de Saintot, Mestre de nossas cerimoniaes, vos fará saber de nõba parte, conuidandouos a dardes comnosco à diuina Bondade todos os lououres, que lhe são devidos por tantas prosperidades quantas ella he seruido dar a nõbo Reyno, & ajuntardes vossas instantes orações às nõbas, a fim de nos conceder o que sò desejamos de todas estas victorias, que he hũa larga, & gloriosa paz para a Christandade, & hum descanso, & aliuio prõpto, & seguro para nossos bõs, & fieis vaßallos, que cõtribuem com todas suas posses para adquirir cõ hũa obediencia, & fidelidade; da qual estamos perfeitamente satisfeitos: & tendo nõs por certo, que vòs executareis de boa vôtade a ordẽ, que pella presente vos damos: Nam vos escreuemos mais largo, nem mais expressamente: nam façais pois falta, Porque tal he nossa vontade. Dada ao Plessis lez Bois, aos 5. de Setembro de 1642.

Assignados.

LVIS.

Por ElRey.

Sublet.

O Sucesso do nosso Embaixador em Roma.

A graõ batalha de Lerida.

A victoria que o Principe Thomas teue dos Castelhanos e Italia.

A vitoria que o Conde de Granci teue na Franche-Conte.

A tomada de Nice de la Paille.

A batalha que Monsiur de Alier teue com o Duque Carlos junto a Lison.

E outros successos mais saem em suas Relaçoens particulares.

Cõ as licenças, & Priuilegio. Na officina de Lourêço de Anueres.

Taixão esta Gazeta em seis reis. Lisboa 5 de Dezembro 1642.

Cesar.

Pinheiros.

**GAZETA
SEGVNDA
DO MES DE
NOVEMBRO DE NOVAS
fora do Reyno,**

Auizos de Vienna de 26. de Septembro de 1642.

[Letra capitular] O Coronel Wanke Sueco, Governador de Olmuts, vendo que os Croatas o tinham cercado de tam perto, se sérvio de hum estratagemma pera os desfazer: & foy, que mandou meter muitos mosqueteiros em todas suas carretas, as quaes fez cubrir de feno, á maneira de mercaderias, & conduzir por algũas companhias de Cavalleria, dando mostras de se querer da praça. Os Croatas, que estavam alojados pellos redores, pera impedir as saidas da guarnição Sueca, entendendo que esta retirada era verdadeira, os vieraõ logo cometer: mas os mosqueteiros Suecos saltarão fora de suas carretas, detráz das quaes se fizeraõ fortes, & deraõ suas cargas em os Croatas tanto a proposito, que matarão mais de cẽ, carregando sobre os mais a Cavalleria Sueca de sorte, que todos forão mortos, prisioneiros, ou feridos. E os Suecos não achando depois deste successo algum obstáculo, carregarão suas carretas do que acharão a seis leguas em torno da praça, & se tornarão a recolher em Olmuts, onde o Governador tem ordenado hum corpo de exercito de 4U. homens, de sua guarnição, & de alguns moradores: & tem fortificado muito bem a praça. E porque a mayor parte dos soldados do exercito Imperial, principalmente das novas levas, se tem acolhido a grandes tropas, se tem ordenado por todo este pais, que os vam logo prender em qualquer lugar onde forem achados, & os tornem logo pera suas bandeiras.

A

Del

De Pragua, aos mesmos 26. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] Temse má satisfação em Vienna do General Picolomini, por haver levantado o cerco da cidade Groslogaw: se bem elle se escusa, em que os Suecos eraõ mais fortes que elles na infãteria, ainda que na Cavalleria eraõ iguaes: que nam havia recebido o socorro, & as moniçoẽs, q̃ lhe eraõ prometidas: q̃ os Suecos havendo passado a ribeira do Oder, se haviã alojado entre seu capo, & Polonia, donde lhes vinhão os mantimentos, q̃ começavão a lhe faltar a elle, q̃ se quisesse passar a ribeira pera impedir o socorro, ficava obrigado a tirar as postas, q̃ elle tinha da outra parte: & emfim, q̃ os Suecos havêdo lançado 2U. homẽs na praça, por aviso do cõselho de guerra, elle havia levantado o sitio, & se retirou a Guben, 4, leguas da dita cidade de Gloglogaw, conseruando por este meyo o exercito imperial pera outras occasioens.

De Mansfeld a 27. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] O Lugartenente Coronel Sconher do exercito do General Major Konigsmarc encontrando junto a Arnstein 4. cõpanhias do regimento de infantes do Coronel de Tour, com outra de dragões, que hiaõ pera Aschersleben, pera se unirem ás tropas, que o Barão de Soya ali hia ajuntando, carregou sobre elles com tanto vigor, que fez hũa graõ mortandade nos Imperiaes, & entre os mortos foy o Lugartenente Coronel Lexfeld, & o Rith-mestre Kullemborg, & ficarão algũs prisioneiros, indo no alcãce dos mais até a dita cidade de Aschersleben: da parte dos Suecos morreo somente hũ Rithmestre, & sinco, ou seis Cavalleiros.

De Langres aos ditos 27. de Setembro,

[Letra capitular] Aos 22. deste mes, chegãrão aqui os dous canhões, & morteiro, & mais petrechos, q̃ o Conde de Grancy tomou na batalha de Ray, & o dito Conde veyo tambem a se curar da ferida que recebeo. Esta batalha foy mais sangrenta do que se imaginava, porque fóra do campo de batalha se achãrão depois mais de trezentos corpos mortos, & entre elles o General da Cavalleria de Franche-Contè: os dous Sargentos móres dos regimentos de Infãteria de S. Mauricio, & de Govan: & outros muitos officiais, a fora os que se não podem achar, & os trombetas vem a pedir. O Barão de Cey, achandose ferido de dous tiros de pistola, se tornou a Gray, acompanhado somente do Conde de Salnova. Os Marqueses de Trave, & de Govan Mestre de campo, forão també gravemente feridos.

Del

De Naumburg, aos ditos 27. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] O General Major Konigsmarc tem feito atirar até os 19. deste mes trezentos tiros de artilheria sobre esta cidade, & pellas 10. horas da manhã a brecha se achou razoavel, & se deo o assalto; pera o qual o Coronel Goltaker estava prevenido, havêdo feito fazer detràz da brecha hūfosso cuberto de pallissada, & abrolhos. Morreo neste assalto hū Capitão Sueco da guarnição do Castello de Mansfeld, q̃ tinha a vanguarda, & o Lugartenente Coronel de Linden, que o sustentava com 400. soldados, foy rechaçado com perda de alguns sincoenta dos seus. Todavia ao terceiro assalto os Suecos entrarão a praça: mas forão outra vez lançados della com perda de Vinte homens, que aly ficàrão mortos, àlem de muitos feridos, entre os quaes são o Capitão Bolner, o Lugartenente Coronel de Linden, & o Lugartenente Coronel de Ende. E logo o General Major Konigsmark, fazendo tocar a retirada, pedio huma trégua de duas horas, pera retirar seus mortos, & feridos: o que lhe foy concedido. E depois considerando, que esta praça era defendida por 600. mosqueteiros velhos, & que àlem disso não era muito necessaria para seu intêto, se retirou aos 16. & chegou aos 21. a Salfed: depois da qual retirada o Coronel Goltaker começou a fortificar esta cidade, cō resolução de a defender contra os Suecos, que mostravão querer outra vez cercalla.

De Leipzig aos mesmos 27. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] O General Major Konigsmarc está ainda nos contornos, & arrabaldes das cidades de Salfeld, & de Pevenek: donde observa a marcha (inda que murmurem criticos) do Coronel Spork, que està alojado em o Baliado de Lichtenberg. A somana passada algūs Suecos da guarnição de Esford, encontrandose com hūa tropa de Cavallos Imperiaes junto a Gresliz em o pais de Voitland, carregarão sobre elles com tanto impeto, & vigor, q̃ a mayor parte dos ditos Imperiaes foraõ mortos, & os outros feitos prisioneiros: être os quaes são o Rithmestre, & seu Lugartenente. O Coronel de Four he partido desta terra com suas tropas, pera se ajuntar ao Barão de Soya, q̃ està em Aschersleben.

De Nottingham aos 28. de Setembro de 1642.

[Letra capitular] ElRey da graõ Bretanha, & suas tropas se entende partirão hoje daqui pera Derby, & a mayor parte de sua bagage o

A2

fez/

fez honte. Aos 21. deste mes enviou Sua M. Britanica hum mēsegeiro às duas Camaras do Parlamento de Inglaterra, pera lhes manifestar o grande sentimento que tivera, de que suas proposições, ordenadas a hũa paz, fossem refutadas, & que por esta causa estava resolutio a se defender, mas que sempre ouviria o que se lhe propuzesse acerca da mesma paz, se he que elles a desejavaõ, por impedir a grande effusão de sangue, que a guerra estava prometendo. O Conde de Essex, General do exercito do Parlamento, foy muy depressa a Barnet, pera apasiguar os soldados, q̃ a falta de pagas se haviaõ amotinado. Os quaes sendo reprimidos, & amoadados, que deviaõ obedecer a seus officiaes, & superiores, responderão, que elles os não conhecião por taes, porque todos igualmente haviaõ cometido crime de lesa Magestade. Indo logo o mesmo General a Northampton, onde o motim era inda mayor, elles lhe pedirão o estabelecimento de sua Liturgia, & disserão mandásse logo tirar dali o potro, que havia mandado vir pera seu castigo, & apertarão com elle de maneira, que o obrigarão a pessoalmēte o desfazer: depois disto lhe pedirão logo 50. soldos mais por cada mes, que diziaõ lhe forão prometidos além de seu soldo ordinario, pello q̃ a causa era comum a todos.

¶ Chegãõ agora há pouco a Scarborough mil mosquetes, & cantidade de muniçoens, pera elRey da graõ Bretanha. Chegãõlhe mais a Castelnovo 3U500. com muitos piques, & outras armas pera a Cavalleria, que sua Magestade espera, pera sair a campanha, ainda que já fez hũa mostra com outo para dez mil infantes, & 3U. Cavallos. As Provincias de Northumberland, & de Durham, lhe deraõ, não há muito 10U. francos, & prometerão 20U. mais, os quaes lhe dariaõ dentro de poucos dias; & no mesmo tempo lhe mandaraõ tambem 300. dragões.

¶ Temos novas de que o Marques de Hartford vendose ameaçado do Conde de Bedford, General da Cavalleria do Parlamēto, o qual tinha 6U. homēs, sahio de Sherbona, onde estava retirado, com 600. soldados, & invadio tam determinadamente as tropas do dito Conde, que lhe matou 200. soldados, & fez outros tantos prisioneiros: com os quaes, & quantidade de armas, que tomou a seus inimigos, se tornou a recolher em o mesmo dia a seu Castello, & o Conde se retirou a Dorchester. Todos os prisioneiros a hũa vòz disserão, que elle os havia enganado, & que

não/

não sabiaõ que o dito Marques de Hartford, defendia a causa del Rey da graõ Bretanha: do que sendo por inteiro informados, elle os tornou a largar todos, a fim de irem desenganar a seus visinhos; o que elles fizerão tam bem, que logo ao outro dia a mayor parte dos moradores vierão a grandes tropas entregarse ao Marques, que mostra estar resoluta a brevemente ir cometer os Condes de Bedfort, & Pembrok.

De Londres aos 29. de Septembro de 1642.

[Letra capitular] O Coronel Goring vendose apertado por mar & por terra, em a cidade de Porstmuth, depois de algũas èscaramuças, a rendeo ao Parlamento de Inglaterra; o qual fez prender muitas pessoas, & entre outras o Milord Montaigu, hum dos senhores da Camara alta, por haver levantado gente pera elRey da gram Bretanha. O Parlamento lançou tambem fora algũs da Camara baixa, por não quererem concordar com os zelosos de seu bãdo, & parcialidade. O Barão de Strãge lançou mil homens em a cidade de Westcheiter, que por parte de sua M. Britanica tem cercado, & vay preparando mais outras forças. Dous navios de sua Magestade estão postos diante daquella cidade, pera a defender contra o Parlamento, que se lhe opos com seus baixeis.

¶ O Conde de Cuberland tem tambem mandado mil cavallos a sua dita Magestade, a qual té feito ao Principe Palatino General de sua Cavalleria, depois de lhe haver dado a ordê da Iarreteira.

¶ A Nobreza deste Reyno, começou a fazer algũas presas em muitas partes em serviço de Sua Magest. mas ao presente não pòde entrar cousa algũa, em razão do Vulgacho, que se opoê cõtra ella, & desta maneira retarda todos seus progressos: principaimête em a Vniversidade de Oxford, onde o Parlamento té enviado tres peças de artilheria, acompanhadas de 2U. dragões. Em este comenos a plebe dando nas casas da Condeça de Rivas, dona de honor da Raynha de Inglaterra, & de outros muitos Catholicos, as saqueou todas; em cãbio do que o Principe Roberto fez tambem derribar as do Conde de Stamford, do senhor de Hasleriga, & outros aliados do Parlamento.

De Amsterdão aos 6 de Outubro de 1642.

[Letra capitular] O Amiral, ou General Tromp, está ainda na barra de Dũquerque; & porq̃ de quando em quando lança algũas balas em o porto daq̃lla cidade, os Castelhanos, q̃ estão em S. Donato lhe mã

A3

darão/

f.º 3 – v.º

darão dizer, que por cada tiro que fizessem a Dunquerque, haviaõ elles de fazer dous a Eclusa; o que começarão fazer, & o Governador da dita cidade de Dunquerque, mandou pera este effeito hum comissario ao de S. Donato, com dinheiro pera mercar polvora, & outras moniçoens de guerra.

Maïs de Londres a 9. de Outubro de 1642.

[Letra capitular] O Cõde de Essex, General do exercito do Parlamento, he saído a cãpanha contra elRey da graõ Bretanha, com muitas tropas, donde tẽ enviado outras pera a Provincia de Galles, pera a divertir de seguir a parte de S. M. Britanica. Mas fazem as ditas tropas tantos roubos em todos os lugares, por onde passaõ, por falta de disciplina, & cabeças de authoridade, a quẽ tenham respeito, q̃ se tem já levantado hũa terceira facção em a Provincia de Chester; onde as cõmunidades tẽ já em pé 8. pera 10U. infantes, & 3U. cavallos, pera se oporẽ assi ás tropas delRey da grãBretanha, como às do Parlamẽto, q̃ quiserẽ continuar cõ seus roubos. As duas Camaras fizerão há pouco hũa declaração, pella qual offerecem hũ perdaõ geral a todos os da facção de S. M. Britanica, q̃ deixandoa, quiserẽ seguir o Parlamento: exceptuando o Duque de Richemont, o Conde de Hartford, o Milord Strange, & algũs mais, que estam já declarados por trédores. O Parlamento tem tambem annullado, tudo q̃ debaixo do graõ sello por ordẽ delRei da grã Bretanha se havia passado. E continua em a confiscação dos bens de todos os Catholicos, por lhes impedir o meyo de poderem servir a sua dita Mag. Tẽ assi mesmo, recusado a continuação de 2U. Iacobos de pensam, q̃ a Raynha de Bohemia dizia lhe erão devidos, assi por o defunto Rey Iaques, como pello que ao presente reyna: dando por razão, que tomando sua dita Mag. as armas contra o Parlamento, tudo quanto havia otorgado, erã de nenhũ valor, atẽ que a paz não seja feita. ElRey da gram Bretanha, acõpanhado somente de algũa Cavalleria pera sua guarda, foi de ShreWsbury a Westchester, onde chegou aos 4. deste mes: & se entende voltará aos 13. Elle está reforçado de 4. regimẽtos bẽ providos de tudo, que o Baraõ de Strãge lhe mandou: de sorte q̃ seu exercito he ao presẽte de 10U. Infantes, & 6U. cavallos, que mostraõ grandes desejos de chegarem a combaterse, & os do Parlamento os nam tem menores. O Conde de Hartford deixando a Sherbona bẽ fortificada, & com boa guarniçam de soldados dẽ

tro, /

tro, se partio com 300. cavallos, & se foy a Miniard, onde passou a ribeira de Severna, que divide por hũ lado o Principado de Galles do resto de Inglaterra. E se diz està ao presente com elRey da gram Bretanha. Aos 6. do corrente o Cavalleiro Biron estando em Wercester com as tropas, que havia levado de Oxford, o Conde de Essex mandou ao Coronel Sandes com seu regimento de Cavalleria, & outra de Escoceses, pera o lançar da dita cidade. Do que S. M. Britanica tendo aviso mandou aos Principes Roberto, & Mauricio Palatinos seus sobrinhos com algũas tropas, em socorro do dito Cavalleiro Biron, o qual fazendo hũa saida se foi ajuntar com elles, & deram sobre os inimigos cõ tanto ardor, que fizeram grande mortandade nelles: & entre os mortos foy hũ o dito Coronel Sandes; aos demais persiguirão por espaço mais de hũa hora, sê de sua parte haverẽ perdido pessoa algũa consideravel: tres somente foram feridos, a saber, seu irmão o Cavalleiro Luis Dives, & o Comissario Wilmot: pello que o Conde de Essex mandou a mayor parte de suas tropas em socorro dos seus: isto obrigou aos Principes, que se haviam recolhido em a dita cidade no mesmo dia do combate, a sairẽ ao outro dia, & o Conde de Essex mandou pedir socorro ao Parlamento, temêdo q̃ os seus soldados o deixassẽ, como muitos tem já feito. O Conde de Leycester Visorrey de Irlanda, está tambem aqui, a fim de tirar tudo q̃ lhe for necessario pera o sustento do exercito. q̃ està naq̃lle Reino onde os soldados se vam indo em grossas tropas, a falta de dinheiro; o q̃ he causa dos Catholicos irem fazendo grades progressos.

Artigos acordados entre Madama; & os Principes de Saboya.

[Letra capitular] Para que as differenças avidas entre Madama Christina de França, irmã delRey Christianissimo, Duquesa de Saboya, Princesa de Piamonte, Raynha de Chipre, &c. os serenissimos Principes Mauricio Cardeal, & Frãscisco Thomàs seus cunhados, & pella tutela, & governo dos Estados de Carlos Emanuel Duq̃ de Saboya, Principe de Piamonte, Rey de Chipre, &c. não pudessem defunir as vontades de suas Altezas, nem diminuir de algũ modo, & respeito, q̃ os Principes devem a Madama real, & a fim de evitar tãbẽ a ocasião de qualquer ma intelligencia, por meyo do senhor Aygabonna, Conselheiro de Estado, Marichal de campo, & Embaixador delRey Christianissimo, em Piamõte, se fez o acordo seguinte.

Seràl

f.º 4 – v.º

1. Serà constante, firme, & mais do q̃ nunca estabelecida a uniaõ fraternal entre ambas as partes, a boa intelligencia, & a verdadeira concordia tam neceßaria ao serviço de Sua A. Real, por bẽ de seu estado, & por a utilidade publica: pondo em esquecimento por sua generosidade, & prudencia toda a causa de queixas; de sorte q̃ em a boa intelligẽcia, & união das vontades se sustenha indissolubilẽtre parẽtes tã estreitamẽte ligados, & Principes de tãta calidade.
2. Madama Real ficarà por tutora do Duque Carlos Emanuel, & regente de seus estados.
3. O Serenissimo Principe Cardeal terá o titulo, autoridade, & mando de Lugartenente general de Sua A. R. em as cidades, terras, lugares, & vigarias do Condado de Nice, & de todo o territorio, & destrito, q̃ depẽder do Parlamento de Nice: mas em o q̃ toca a Limone, & Vernante não terá mais q̃ o governo das armas. Cõtudo nos Castellos, & fortaleza sitas sobre os portos elle terá a autoridade, q̃ serà especificada ẽ as declaraçoẽs, q̃ se farã a parte desde este dia atẽ q̃ Sua A. R. chegado a idãde de 14. annos, o disponha de outro modo: tudo da maneira expressa em os capitulos assinados no mesmo dia.
4. O Serenissimo Principe Thomas terá o titulo, autoridade, & mando de Lugar tenente general de Sua A. R. em as cidades de Yvrẽe, & de Briella, cõ suas dependẽcias, & em todas as terras, & lugares, assi de Canevets, & Bielloes, como de Varceloes, & Trinoes de ãlem do rio Orço, & ißo tambem atẽ q̃ Sua A. R. chegado o idade de 14. annos, o disponha de outra maneira.
5. Madama real elegerà pera o seu Conselho pessoas capazes, & intendentes em o governo do Estado: em o qual conselho os ditos Principes poderã intervir, se bem lhes parecer.
6. Em todas as escritura, onde for costume meter a clausula, por parecer de noß o Conselho, ou de outros Magistrados; estãdo presentes os ditos Sereníssimos se porã primeiramente em presença dos Sereníssimos Principes Mauricio Cardeal, & Francisco Thomas, nossos cunhados; & Suas Altezas serã tidos por presentes, tanto que estiverem dentro do Estado de Sua A. Real.
7. Que em as escrituras tocantes aos interesses dos do sangue, de sua sucessão, casamentos, & onde se ordenar mover guerra, estabelecer paz, fazer ligas, treguas, confederaçoẽs, dar paßages, fazer tratados cõ os estrangeiros pello intereße da Coroa, criar magistrados, fazer leys, & edictos perpetuos, impor tributos, & gabellas, & alienar os bẽs patrimoniaes, antes q̃ as taes escrituras se expidã, se os ditos Principes estiverẽ presentes, serã assinados por elles com sua própria mão, immediatamente depois das firmas de Sua A. R. & do graõ Chãncarel. E quando os Principes estiverem ausentes, serà avisado seu procurador: & se o negocio puder sofrer dilação, serà dado tempo ao

seul

seu Procurador, para os avisar, e procurar sua resposta.

8. *Os Serenissimos Principes darão o juramento de fidelidade a Sua A. R. e a seus Serenissimos Successores, como davaõ ao Duque Carlos Emanuel seu pay, e ao Duque Victor Amadeo seu irmão de gloriosa memoria, e isto na forma devida.*

9. *Será renovado o juramêto de fidelidade pellos Magistrados, vassallos, subditos, e outros, q tẽ em costume dallo a Sua A. R. depois de cujo falecimento sem filhos machos legitimos (o q Deos não queira) será metido em o dito acto o nome do Serenissimo Principe Cardeal, e assi successivamête em favor dos machos, observando a prerogativa do grao.*

10. *Madama Real elegirá Governadores das praças, Ministros, e officiaes de justiça, e fazêda, capazes, e habeis: e quãto aos de guerra, serão todos de calidade correspondente do cargo, que lhes for dado: os quaes todos tomarão juramento na forma no capitulo precedente.*

11. *Em os negócios q dependẽ da ordẽ da Anunciação, e das religiões de S. Maria, e de S. Lazaro, serão observados seus estatutos, e ordenações.*

12. *Os Ministros, Officiaes, e Governadores, q forão nomeados já pella Alteza real do Duque Victor Amadeo, de gloriosa memoria, serão confirmados, ou tirados por Madama real, e os Serenissimos Principes, como mais requerer ao serviço de Sua A. R. e como mais vontade for de Madama; de modo que os dous Principes fiquem tambem satisfeitos.*

13. *As graças, e perdoes dos crimes, se farão na forma ordinaria.*

14. *As guardas ordinárias de Sua A. R. serão cõpostas da mesma sorte de soldados, q se observava no tẽpo do Duque Victor Amadeo. Madama Real terá sua guarda, da nação, q mais seu gosto for; e se sirvirã també de quẽ lhe melhor parecer. As duas cõpanhias de Couraças dos Serenissimos Principes, serão de soldados subditos, e da mesma nação, e nam se serviram de maneira algũa de guardas, mais que em suas antecamaras, e nam fora; e quãdo sairem em publico: nem excederão o numero acostumado, e sairão a campanha todas, e quantas vezes parecer conveniẽte, seguindo o costume.*

15. *Os vassallos, e subditos, e todos os mais, que seguirão, pendentes as ultimas alteraçoes, em os exércitos, ou conselho, ouvem outra qualquer cousa, hũa parte, ou outra, nam poderão por esta causa ser molestados em seus bens, ou peçoas, daqui em diante, mas inteiramente serão restituídos à posse de seus ditos bens, em a graça de Suas Altezas Reais, e em a boa graça dos Serenissimos Principes.*

16. *Os bens, que forão represados, e de outra algũa maneira tomados aos legitimos possuidores, lhes serão tornados em o estado q se acharão e o q*

Madamal

f.º 5 – v.º

Madama Real, & os Serenissimos Principes estenderam seu braço, pera que inteiramente seja assi executado.

17. *Quanto à restituição, confirmação, ou demição dos primeiros graos, & dignidades, ficarão à resolução, que Madama real tomar: de modo comtudo, que os Serenissimos Principes tenham causa de ficar cõtêtes como dantes.*

¶ As quaes cousas todas acima declaradas, Madama Real, & os Serenissimos Principes aceitaraõ, & aceitão, prometendo de as observar em palavra de Principes, debaixo da obrigação respectiva de seus bês: em fê do q̃ este tratado foi assinado por suas proprias mãos: do qual acto se faraó tres originaes firmados por Madama Real, & pello Serenissimos Principes. Feito em Turin aos 14. de Junho de 1642. Assinaraõ Christina, Mauricio Cardeal de Saboya, Francisco Thomas, & mais abaixo, de S. Thomas.

RELAÇAM DAS FESTAS, QVE EM AVINHAM
*se fizeraõ pella tomada de Perpinhaõ, & inventario da artilheria,
armas, petrechos, & monições de guerra, que se acharaõ
dentro do Castello, & da Cidade.*

[Letra capitular] Como a presa de Perpinhaõ não só importe a seus visinhos, mas também a quantos estavam receosos do jugo Castelhana, assi a gloria de sua entrega, & reducção ao serviço delRey Christianissimo, deve ser comũ a todos. A primeira que a manifestou foy a cidade de Avinhaõ, porq̃ não se contentando cõ haver offerecido parte de sua generosa nobreza, pera q̃ a cargo do Duque de Euguyena se opusesse aos Castelhanos, em caso q̃ elles tiuessẽ ousadia pera os buscar, havendo muitos senhores da dita cidade mãdado pera effeito fazer muitas galas, & buscar fermosos cavallos, assi acompanhados de seus amigos, se apresentaraõ todos em Béziens, que era o lugar assinado pera se ajuntarem, como fizera, com grande satisfação de quantos os viraõ, pello ardor, com q̃ se haviaõ portado em o serviço delRey.

¶ E assi vista destes effeitos manifestos em a occasião, escusado será perguntar, nẽ inquirir, se esta cidade, q̃ sempre foy Francesa, na affeição, fez grandes mostras de alegria, pella presa da primeira cidade de Espanha; o zello da qual não he possivel ser satisfeito mais q̃ pella estimação, q̃ França fará delle, pello q̃ creyo merece bẽ hũ lugar em nossa historia diaria. Tanto q̃ a nova da memo

ravel/

ravel presa chegou a Avinhaõ, cada morador fez logo, segundo sua possibilidade, hũa grande fogueira, defrõte de sua porta: porê as freguesias da mesma cidade não satisfeitas destas mostras da afeição particular, quiserão també dallas mais geraes. E assi a de S. Desiderio começou aos 12. do mes de Septebro, fazendo hũa grande fogueira em o meio de sua publica praça, todas as janellas se viraõ á noite bordadas de luminarias, entrefachadas cõ flores de lys, em quanto os fogos artificiaes, de todas a sortes, fazião belissimos effeitos.

¶ Aos 13. se fez outro fogo de novo artificio, o qual vécia muito ao precedête na invêção, soado em tanto 4. trôbetas, & outros tantos atambores, & muitos instrumêtos por toda a cidade, & o q nam foy pior, em quanto os olhos, & os ouvidos se recreavaõ, hua mesa cheia de muitas, & diversas iguarias, & dos mais preciosos vinhos do pais, a qual estava exposta a quãtos hiaõ, & vinhaõ.

¶ Aos 14. a Parrochia de S. Pedro, & a rua da Espiceria cõtinuou as mesmas festas, cõ hũ terceiro fogo de exquisito artificio, diante da casa do segũdo cõsul, ode elle, & oss seus principaes visinhos da Parrochia, tinhaõ exposto hũ tonel do melhor vinho, q em este clima se cria: & todos os principaes visinhos, cada hũ defronte de sua porta, tinhaõ posto hũa mesa cheya de diversos frutos, & doces pera colaçam de quantos passavaõ, & sobre tudo pera as damas dos outros bairros da cidade, q ao redor desta mesa andavaõ dizendo, q Perpinhaõ se havia rendido cõ mais razaõ, do q outras o haviaõ feito outras vezes, por hũ desproposito, & disparate, q o sucesso presente fez parecer profecia. Esta festa se continuou, & rematou cõ hũ baile, em q dançaraõ moços, & velhos: no cabo do qual o Consul deo hum banquete ás damas, que durou tè o amanhecer. Todas as demais Parrochias fizeraõ o mesmo.

Inventario da artilheria, armas, petrechos, &c.

<i>Hum canhaõ de 48. libras de bala.</i>	<i>Hũa peça de dez libras de bala.</i>
<i>Outro de 34.</i>	<i>Duas de nove.</i>
<i>Outro de 30.</i>	<i>Quatro de sete.</i>
<i>29. peças de Calibre de França.</i>	<i>Dez de seis,</i>
<i>Hũa peça de 28. libras de bala.</i>	<i>Outo de sinco.</i>
<i>Tres de 24.</i>	<i>Outras tantas de tres.</i>
<i>Outra de 18. Tres de doze.</i>	<i>Dous falcoêts.</i>
<i>Quatro quartaos do mesmo calibre.</i>	<i>Quinze falconetes.</i>
<i>Nove bastardos.</i>	<i>Duas peças de ferro. Somão 122.</i>
	<i>Setel</i>

f.º 6 – v.º

Sete morteiros. Dous pedreiroiros.
 33. petardos de bronze. 12. petardos,
 mais de bronze, pera fogo de artificio.
 2. petardos de madeira com cintas de ferro.
 20. Arcabuzes de forquilha de fundição.
 6. grandes bobas carregadas de fogos de
 artificio.
 47. bombas pequenas, com o mesmo.
 340. granadas de mão, tantas de ferro, co-
 mo de pao. (ficial.
 114. bôbas de pao, carregadas de fogo arti-
 200. cartuxos de pao.
 7800. mosquetes comũs. 1600. de Biscaya.
 Outros tanto de Milão, de sobreceleste.
 90. arcabuzes de forquilha, de ferro.
 6900. arcabuzes comuns.
 400. arcabuzes de Biscaya, de serviço.
 680. arcabuzes de sobreceleste.
 2100. canos de mosquetes, & de arcabuzes.
 3600. piques do serviço. Mil de sobreceleste.
 700. cofoletes de infantaria.
 300. forquilhas. 200. manoplas.
 900. Counaçs de seruiço, pera gête de caval
 1600. Cofoletes de Cavalleria. (lo.
 100. sayas de malha, ou laminas.
 300. Caravinas de sobreceleste.
 495. pistolas de sobreceleste.
 150. pares de bolas de pistola.
 350 bandoleiras pera a Cavalleria.
 Moniçoës
 295300. libras de polvora.
 75500. libras de balas de chumbo.
 800. libras de chumbo em pães.
 7550 libras de corda.
 30. mil libras de enxofre. 700. de salitre.
 17550. balas de toda sorte.
 60. balas de pedra.

Petrechos, & instrumentos.
 40. instrumentos para abrir plataformas.
 800. cintas de roda de toda a grandeza.
 1500. raios de roda de carreta.
 30. eixos para a artilheria. (nho.
 400. traves quadradas. 450 taboas de pi
 3100. madeiros de 14. & 15. pés de cõprido.
 4. carretas das q servẽ pera leuar a artelhe
 (ria á montanha.
 24. barcos pera potes. 12. anconas de ferro.
 24 carretas para artilheria.
 27. calabrẽs, & amarras.
 50. mil libras de pregos de toda sorte, a fo-
 ra hũ grande montão de outros, q não fo
 rão pesados.
 800. libras de ferro novo.
 300. Cabeçadas de couro.
 Algũs instrumẽtos pera levãtar a artilheria.
 Toda a madeira de hũa pote paßar rio.
 1200. barris pequenos pera levar agoa aos
 soldados. 7. mós de moinho.
 142. escadas de duas, & tres peças.
 15. escadas de 7. peças. 36. jugos.
 480. freyos para mulas, ou cavallos.
 600. arneses de mulas.
 3000. trastos de cordas.
 800. feixes de vime para fazer cestos, para
 levar terra. 240. dos ditos cestos.
 72. retrancas de couro. 3000. pellas de ferro.
 4440 petrechos de toda sorte.
 Graõ quantidade de piquetes, & enxadas.
 1200. bocados de brida novos.
 250. sellas & bridas.
 200. arçõs para fazer cellas.
 Tres forjas aparelhadas de tudo.
 40. Carretas aparelhadas.
 Muita quantidade de petrechos, para tra-
 balhadores, & officiaes de toda sorte.

EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias, & privilegio Real.
 Na Officina de Lourenço de Anveres. Anno 1642.

Taxaõ esta Gazeta em seis reis. Lisboa 23. de Dezembrode 1642.
 Sanchez. Pinheiro.

**GAZETA
PRIMEIRA
E SEGVNDA
DO MES DE DEZEMBRO DE NOVAS
de fóra do Reyno,**

De Napoles a 26. de Outubro de 1642.

[Letra capitular] Hvm dia destes se prêdeo nesta cidade hum famoso renegado, o qual se fazia chamar Barbaroxa, & andava aqui Incogníto, fazendo passar a Barberia quantos escravos podía salvar.

De Roma a 28. de Outubro de 1642.

¶ Tendo aviso o Duque de Parma, que o Perfeito desta Cidade havia enviado todas suas tropas para seus quartéis: depois de haver feito ligua com a Republica de Veneza, & algũs Principes de Italia, sahío a campanha com mais de dous mil cavallos, & mil infantes; & passando alem de Bolonha, entrou na Romania, onde fez algũas pílhagens, com dísígnio de ir a Castro: mas o dito Perfeito, que estava em Ferrara, sêdo disto avisado, o seguio com oito mil infantes, & dous mil cavallos; pello que o Duque vendose cercado (porque tinha por diante a Rimini, & Pèsato, praças fortes, onde o Papa tê presidio, & as tropas do dito Perfeito por detrás) passou com muito trabalho o monte Apenino, pera entrar no Estado do graõ Duque de Toscana: o qual tendo disto aviso, lhe mandou o Principe Mathias seu irmão, com algũas tropas de infantaria, & de cavalleria, pera refrear as desordens de suas tropas, & obrigallas a pagar por onde quer que passassem.

De Genes a 30. de Outubro de 1642.

[Letra capitular] O Principe Mauricio, antes Cardeal de Saboya, entregou as praças, que tinha, a Madama, a quẽ foy visitar a Cosni, donde se tornou a Nice com a Princesa sua mulher.

[Frase rasurada e imperceptível no documento original] Cidades de Terton, & de

Seravale; & he cousa muy ridicula, q̃ no mesmo tẽpo ẽ que nesta cidade se estavaõ fazẽdo festas, & mil demonstações de alegria, pella entrega de Perpinhaõ a el Rey Christianissimo, por mais q̃ os Castelhanos queriam persuadir, q̃ lhe havia entrado socorro, & que em Milaõ se havia feito hũa procissam geral de graças, ẽ Napoles se faziã, tambem muitas festas, & luminarias, pella victoria de Nordlinguẽ, & levantamẽto do cerco de Fonterabia, q̃ socederaõ, como todos sabẽ, ha muitos annos, tudo a falta de materia mais rezente.

De Paris a 25. de Outubro de 1642

[Letra capitular] O Duque de Longavilla tomou a 2. do corrente aos Castelhanos a cidade de Nice dè la Pailla, praça de muita consideraçam com os Estados delRey de Castella fica impossibilitado por mar, & pera entrar naquelle Ducado nam faltam mais q̃ duas milhas, onde nam he necessario passar ribeira algũa. Sairam della aos 3. do dito mes algũs 500. soldados ẽ tam miserável estado, q̃ a quinta parte nam poderà chegar a terras de Espanha. Foram as capitulações, q̃ a infantaria sairia cõ espada somente, deixando todas as mais armas, & bandeiras. A cavalleria com seus cavallos & bagage, com condiçam, q̃ seriam conduzidos a Franche-Contè pello Delphinado, ficando sogeitos á vontade de sua Eminẽcia de os querer tornar mandar pello mesmo caminho a Milam. Cõ o q̃ o Duque de Longavilla quis reparar a afronta, que os mesmos inimigos nos haviam feito, obrigando os nossos soldados a semelhante rodeo, quando nos tomaram esta praça, em a qual o Duque de Longavilla deixou por Governador (com beneplacito delRey) ao senhor de Bruèl, Capitaõ do regimẽto de Normandia.

¶ Descubrindose por hũa graça singular de Deos o tratado feito em Madrid a 13. de Março passado, com o Conde Duque de Olivares por elRey de Castella, & havendo S. M. Christianissima feito prender os Autores, o Duque de Bovillon, que era hũ delles, pedio com muita humildade a elRey lhe perdoasse, aceitando a cidade, & castello de Sedam, que por muitas vezes havia servido aos mal affectos a esta Coroa, & por este infame tratado havia de servir de asilo, & valhacouto contra seu estado. E assi S. Mag. lhe concedeo a vida, & a liberdade, por intercessam de alguns aliados desta Coroa, & principalmente do Principe de [palavra imperceptível]

pelos grandes serviços recebidos do Bisconde de Turonna seu irmão, em consequencia do que o dito Duque escreveo à Duquesa de Bovillon sua mulher, que entregasse a elRey esta praça pura, & singellamente. E foy eleito por sua Magestade, pera em seu nome tomar della posse o Cardeal Mazarino, como fez, por mais que D. Francisco de Mello, considerando a fortificaçam do sitio, & importancia désta praça, buscou de artificios, pera desviar a Duquesa de Bovillon da obediencia delRey: mas ella vendo que nam havia de alcançar a liberdade de seu marido, sem a entrega desta praça, & tendo por mais seguras as promessas delRei que as frivolas esperanças, que lhe dava Castella, pois não pode conservar o seu, quanto mais socorrer seus aliados; considerações, que todas lhe foram representadas pello Cardeal Mazarino, aceitou com toda sumissaõ, & obediencia a merce de S. M. & assi aos 29. do passado sahio toda a guarniçam do Duque de Bovillon, que seria de 3. pera 400. homens somente, & dahí a pouco entrou o Cardeal Mazarino, & hũa hora depois o senhor Faber Capitam do regimento das guardas, ao qual S. M. deo o governo desta praça. A Duquesa de Bovillon se retirou de Sedam no mesmo dia com seus filhos, & o que quis levar consigo, & tomou o caminho da casa do Conde de Roussi seu cunhado, onde o Duque de Bovillon, posto em sua liberdade, havia de ir ter. Os moradores, que haviam ido apresentarse a sua Eminencia, lhe offereceram as chaves da cidade, mostrando grade alegria de se verê sogeitos a elRey: & ainda q̃ ella se cõpoê de hũa grade parte dos q̃ fazê profissão da Religiao pertedê reformada, os q̃ sabê a doçura das leys de França, nam foraõ os ultimos, que lhe foram fazer seus cõprimentos, cõ hũa pratica de muitas sumissoes, & mostras de hũa firme obediencia, a qual fez o senhor de Rambourg, hũ de seus ministros por indisposiçam do senhor de Moulin. Os visinhos desta praça sabêdo de sua étrega a hũ Rey, enviaraõ muitos trôbetas a Sedam, por saber do Governador se q̃ria com ellas a neutralidade, q̃ antes aviaõ dito cõ o Duque, aos quais o Governador respõdeo, q̃ se não podia dar nisto a resoluçã, sê primeiro avisar a S. M. Chri^{ma}. Êtretãto o comercio se cõtinuou naq̃lla frôteira, como de antes. De Madrid nos avisam, q̃ elRey de Castella, té mādado, q̃ todos os fidalgos, & mais pessoas, q̃ se quiserê escusar de ir â guerra, dê hũa certa quãtidade de dinheiro, cõforme calidade de cada

hũ: & assi ordenou q̃ todos q̃ tiverẽ pleitos, ou de novo os quiserẽ ter contribuaõ tãbẽ cõ hũ tãto, segũdo a causa, excepto os plebeos, aos quais avia por libertados desta ordẽ; & os escrivãos só graves penas, q̃ não admitão pessoa algũa, sê licêça de S. M. ou se fazer primeiro termo de como he plebeo, vilão, & pecheto: a qual ley tê feito grade aballo em todos. Tãbẽ escrevẽ, q̃ em Toledo, & Burgos houve hũ grãdissimo furacão, & choveo pedras de 6. & 10. arrates cada hũa: é a qual occasiã cahio o cruzeiro da Sè de Burgos, & morreo muita gẽte. E q̃ Toledo, & Burgos estavam mũy alterados. Aos 19 deste mes forão bautizados tres Turcos e a Igreja do grade Cõvêto do Carmo do praça Maubert, a saber, o pay chamado Agly, de idade de 60 annos, a mãy chamada Ainè, de idade de 40. & a filha chamada Emeriè, de idade de 3. annos & meyo, os quais chegarão a Frãça ha 4 meses, & entretãto lhes deo a Raynha sêpre o necessario, & forão instruidos na Fè Catholica seguindo suas ordẽs, pello Padre Suares Carmelita, & hũ de seus Pregadores. O padrinho do pay foy o Marquez de Coaslin, cuja gẽtileza & graça renovarão neste acto a memoria dos meritos de seu pay. Foy feita esta cerimonia pello senhor Tudor Deam de Notra-Dama, & conselheiro na grande Camara, em meyo de hũa influêcia incrivel de povo, que os levou no ár ate sua casa.

Mais de Roma ao primeiro de Novembro de 1642.

[Letra capitular] Temse acordado hũa suspêsaõ de armas por dez dias entre as tropas do Papa, & as do Duq̃ de Parma, o qual se retirou a Aquapendente, & a Procèno, & Pontècentino, praças pertencêtes ao Duque Sforza. Os Deputados de hũa parte, & outra, deuẽ, como he crivel, ajũtarse e Sièna, por ver se podẽ vir a algũs cõcertos, por meyo delRey Christianissimo, dos Duques de Florêça, & Modena, & das Republicas de Veneza, & Luca. O Cardeal Antonio estará entremêtes em Aquapendente cõ hũ parte do exercito do Papa, & o resto das tropas em as praças visinhas: onde tem já tam grande numero, que o Baillí de Valença (he o mesmo que Governador) foy constrangido a enviar a mayor parte pera suas casas, retendo somête os q̃ lhe parecerão mais aptos pera a guerra. Algũas cõpanhias do Cõde de Avinhaõ chegarão agora ha pouco a esta cidade, dõde forão mãdadas pera a ilha de S. Bertholameu, & pera outras praças do Estado de Vrbino, pera se irẽ logo ao capo do Papa. O mestre de capo Fáfanelli he entrado em

Aquapendente com tres mil infantes, & mil cavallos. O Senhor Cornelio Maluesi, que tem o regimento de mil cavallos, & o Marquez Mario Frangipani, que aquí são vindos ha pouco a algũs negocios particulares, se estão preparando para tornar ao mesmo campo. O Principe Borgez Proximo parente do Duque de Parma, com quem não corre ao presente, por se nam mostrar descubertamente seu inimigo, pedio ao Papa, que em lugar das tropas, que he obrigado dar, como os demais varoens Romanos, para defesa do Estado Ecclesiastico desse huma soma de dinheyro, o que lhe foy permitido.

¶ As levas, que para a mesma defesa fez Dom Paulo Iordão vem muy devagar, pello receyo que tem (como se entende) do perder a mayor parte de seus bens, que tem em Florença.

¶ Temnos aqui a todos espantado os grandes offercimentos, que o Visorrey de Napoles fez ao Papa, que logo forão tidos por patranhas; porque havendose em Napoles resolvido enviar logo o socorro, que aquelle Reyno he obrigado dar ao Estado ecclesiastico, o Visorrey, não sómente impedio a execução delle, mas mandou diversos correynos a Florença, Veneza, Modena, & Luca, no mesmo tempo, em que se teve aviso, de como elle junto de Napoles, para a parte desta Cidade, tinha 12000. infantes, & dous mil cavallos, & 10. peças de artilheria, donde se entendeo, que o Visorrey era da liga, que ha pouco tempo alguns Principes de Italia fizerão contra o Papa.

¶ Aos 26. do passado o Cardeal Cesarino consagrou o Senhor Savelli Arçobispo dé Salerno, & lhe assistirão os Senhores Gonzaga, della Moreta, & Sfondrato. Os Cardeaes Alborno, & Montalto estão ainda em Frascati, esperando a ordem de Castella, do que hão de fazer, durante estes movimentos.

¶ He cousa notavel, & muito pera considerar, que depois do encontro, que os Embaixadores de Portugal, & Castella tiverão, das muytas ballas, que de parte aparte forão tiradas, naquelle lugar, onde foy a pendencia, se vem hoje claríssimamente em huma esquina assinaladas sinco, em modo que representão as sinco chagas, armas do Reyno de Portugal, que parece as estapou ali o Ceo, por algum misterio oculto ao juizo dos homens.

Dê Lespsic a 5. de Nouembro de 1642.

¶ O General Torstenson perdeo 150. homens em o assalto, ^{[Frase}

rasurada e imperceptível no documento original]

f.º 3 – v.º

que fez dar a esta Cidade, entre os quais sintio muyto hum seu sobrinho, a quê os estudantes, & alguns moradores, que sustentarão o a assalto, de nenhuma maneira quiserão dar quartel. Os Imperiaes atribuem o desbarato de sua ala esquerda, & logo de todo seu exercito, a dous mil mosqueteiros Suecos, que haviam sido postos de emboscada pera invadir esta ala esquerda per hũ lado, de que se trata na Relação desta batalha.

¶ O Conde de Brovay, que se havia retirado a esta Cidade cõ hum braço menos, que lhe levou huma balla, he morto. O General Picolomini, que com muyta pena escapou da batalha, não se deteve aqui mais, que hum hora, em a qual escreveo a elRey de Hungria, ao Duque de Baviera, & ao Eleitor de Saxã, & logo se partio, sem beber nem comer, caminho de Bohemia. Os Suecos acharão em sua secretaria, ou chancelleria, as cartas de Hoy de Hungría, pellas quais lhe defendia expressamente o combate, mas a muyta ventagem, que elle imaginava ter aos inimigos, o enganou, da qual falta nunca poderá dar boa escusa. A cavalleria Sueca foy seguindo a Imperial atê o rio Molda, por espaço de des legoas.

De Zuitckàu, aos 8. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] O General Torstenson de pois da batalha de Breitenfels, tornou com seu exercito a se por diante de Leipsic, porèm não faz causa algũa, porq̃ quer, que os soldados, como hão muito mister, descansem, & tomem algũ alivio, & assi se contenta com a ter bloqueado, de maneira que lhe não possa entrar, nê sair nada, porquanto suas tropas estão alojadas por todas as Villas, aldeãs, & lugares visinhos, & por seus proprios arrabaldes, de sorte que a Cidade, que elle quer tomar somente por fome, dificultosamente lhe escapará das mãos, porque tem ja muyta falta de agoa, de pão, & de pastos, & não tem esperança algũa de socorro.

De Turim aos 8. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] Havendo as tropas delRey, & de Madama Real tomado à Cidade de Tortona, & cercado o Castello, o medo de o perder, como fizeram a outras muitas praças de importancia, fez resolver aos Castelhanos, de tirar todos os presidíos, que tinham nos lugares visinhos, afim de fazer hũ pequeno corpo de exercito em Alexandrim, capaz pera cortar os viures ao exer-

cito Frances, ao qual se havião juntas as tropas de Madama, & as do Principe Thomas, que tinhaõ cercado o Castello. E apenas quiseraõ por obra este designio, quando o Duque de Lõgavilla, por aviso do Principe Thomas, & outras cabeças, se resolveo a fazer algũa diversão pello Piamonte, afim de atalhar o intento aos inimigos por aquella parte, que lhes obrigase a deixar sua empresa, ou se nelle estivesse contumases, tomarlhes algũa praça, que achasse mais desprevenida. Para o que escreveo a Madama Real, & ao Marquez de Pianazza, que seria bê ajũtar o mayor poder q̃ pudesse, & deo o mesmo aviso ao Senhor de Maleissi Governador de Casal, ambos Marichaes de Campo, para fazerẽ sair hũa partida de suas guarnições, e favor deste disignio, pello qual o Senhor de Malerssi se veyo para esta praça, onde o Senhor de Couvonges escrevẽdo q̃ de sua parte não havia por então cousa q̃ se pudesse éprẽder, foy resolutio pello senhor de Ayguabonna Embaixador delRey na Corte de Madama, q̃ o Marquez de Pianazza, se fosse pella parte de Verrue, em cujo Castello os inimigos não tinhaõ mais q̃ 200. homẽs de presidio. Acentado isto, as tropas chegaraõ a uistar o Castello a 20. do passado, & julgando o Marquez de Pianazza, segundo sua muyta experiẽcia na guerra, & principalmẽte pello conhecimento, q̃ tẽ dos humores desta nação, q̃ toda a épresa cõsistia na destresa da execução, partio desde os 17. do dito mes cõ tres mil infantes, & mil cavallos, cõ os quais no mesmo dia chegou por baixo de Verruè, aquẽ o seguinte dia, duas horas ante manhã foy dar o assalto, & alevou depois de algũa resistencia: porẽ não esperando tão facilmete ganhar o Castello, esperou pello resto de suas tropas, cõ as quais o foy apertado de maneira, ajudado do senhor Nestier Marichal de batalha, que governava a de Madama Real, cõ titulo de Ajuda de cãpo, & do Senhor de Villa Ajuda de campo das tropas de Sua Altesa, q̃ chamarão a Capitulação, de q̃ o Marquez de Pianazza avisou logo a Madama pello Conde de Tana Lugar tenente da cõpanhia dos Arcabuzeiros de Sua Altesa, & no mesmo dia á tarde lhe enviou a Capitulação pello Senhor Talon intendente das fortificações de Piamonte; aqual foy acordada aos 20. de Outubro & assi aos 24. sahio o Senhor Ioão Gautier Capitão, & Governador do Castello de Verruè cõ

toda/

toda guarnição, armas, & bagage, balla em boca, mecha acesa por dous cabos, bandeiras despregadas, caixas tocadas, & hũa peça de artilheria de 9. libras, com as moniçoens de guerra para atirar sinco tiros. O qual Governador com todos seus officiaes, & soldados de toda sorte, forão, segundo a Capitulação, condusidos pello Rio Pó atè Brema presidio Castelhana.

¶ Esta praça he de muyta importancia, porque alem de dar hũ porto muy avengejado a nossas armas, abre o caminho de Cazal, & tem os inimigos em hũ perpetuo receyo, & incertesa do disignio de nossas armas, pella ponte, que com muyta facilidade lhe podê fazer sobre o Pô, na quella parte, que fica fronteira a Crescentim, praça tambem de Madama, & finalmente Verruê foy sempre ê certo modo tida por fatal aos Castelhanos, porque hum vez a não poderaõ tomar com quarenta mil homens governados pello Duque de Feria, nem a tomarião nunca, senão foraõ as ultimas revoltas do Piamonte, & agora a perderão sem tiro de artilheria.

De Hildeshein aos 12. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] O General major Konismarc Sueco he chegado aos Bispado de Halberstad com nove regimentos, para sitiar a Cidade do mesmo nome, se bem está nella hũa boa guarnição Imperial. O Marichal de Guebriant está tambem alojado sobre o rio Leina, mas tem seu principal quartel em Cronavv. Fez saber aos Deputados dos Duques de Brunsvvik, & de Lunebourg, como não quería fazer dano algum ao Principado de Calemberg, pertencente a estes Duques: mas que lhe era necessario tomar quartel para suas tropas, por algum tempo neste Bispado, & pera o seu em Pena ou Elts. A cidade de Brunsvvic permite a sua gente livre entrada, & comercio, o que a de Hanover ha refutado.

De Naubourg aos ditos 19. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] O Exercito Sueco està ainda ao redor de Leipsic, & seu quartel Principal em Stetevilla. As tropas imperiaes, que escaparão da ultima refrega, estão entre Egger, & Pragua, onde se devem ajuntar as novas leuas do General Mayor Enkenfort. Aqui se está tambem esperando pello General Hazfeld com seu exercito, porque os Imperiaes ajuntão de todas as partes quantas tropas tem, pera ordenar hum novo Campo.

De Ratisbona aos 14. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] He tam grande o medo neste país do alto Palatinado, que ninguém trata de mais que de por em cobro seus moveis em as praças fortes: por cuja causa a nossa ponte está de contino en barassada com as carretas, que por el a vão, & vê cõ grade fula fula. Com tudo o nosso Magistrado fez com muyto cuydado, & vigilancia ver as fortificaçoens desta Cidade. O Archiduque Leopoldo depois de seu desbarato tomou sua reta pera Praguam & o General Picolomini para RaKonis, praças ambas na Bohemia. O Coronel Gal do mesmo campo he chegado com seus Dragões ao contorno de Ellembogeu, & o Coronel Goltaker junto a Egger.

De Franfurt, aos ditos 16. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] OS Exercitos dos Generaes Hasfeld, & Vvalh estavam alojados aos 13. do corrente em os arrabaldes desta Cidade, tẽdo seu principal quartel em Rhoden, & estavam tam apertados que dez regimentos seus estavam alojados em menos de hũa legua de terra. Onde se mandaraõ cozer para elles setenta mil paens que lhes foraõ levados com quantidade de avea, pello M = in a Aschaffenbovrg: onde os dous exércitos passarão honte aquelle rio, para írem, como se entende, te o alto Palatinado.

De Exforfd aos 17. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] O Exercito Sueco está descansando ao redor de Leipsic, que toda via està muyto apertada. O General Mayor Konigmarc tem tambem cercada a Cidade de Halberstad com 9 regimentos. O General Guebriant, está ainda no Bispado de Hildeshein. Os Exércitos de Hazfeld, & de Vvalh em Franconia: & o que escapou do exercito do Imperio està taõ derramado, & espalhado, que havendo elle sido tão consideravel antes da ultima batalha, está ao presente redusido a nada, pella perda de sua infantaria, artilheria, & bagage.

De Munster a 21. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] Daõ por novas certas, que os Hessienses havendose apartado do Exercito do Marichal de Guebriant, tornão pera àquem de Vveler, & que parte delle he já chegado ao Bispado de Osnabrug, & nos affirmão tambem darão volta ao Rhim, & que o Marichal os seguirá, pera se apoderar de todo pais, que fica entre aquella ribeira, o Mosella, & o Musa, onde não ha tropas algũas, que lhe possaõ resistir, [Frase rasurada e imperceptível no documento original]

De Dresda a 21. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] A 19. do corrente o Doutor Guldenvvein, Syndico da Cidade de Leipsic, chegou a este lugar condusido por hũ trôbeta dos Suecos; pera informar o nosso Eleitor do Estado daquela Cidade. Da por novas, que o General Torstenson depois da batalha de Breitenfels se havia tornado a por na frôteira da dita Cidade aos 3. deste mes cõ oito mil homês, & q̃ havêdo dado mostras de a querer somente bloq̃ar de longe, o Magistrado lhe havia por muytas veses por seus deputados offerecido seis centos mil cruzados, e todos os meses outra notauel soma de dinheiro, pera o êtretienimêto, ou pagas do prezidio de Erford, se lhe quisesse permitir a neutralidade: pêdête o qual cõtrato os Suecos tiverão licêça para cõprar aos moradores tudo o q̃ quiserão, mas q̃ hauêdo o General êgeitado estes oferecimêtos, & logo cõvertido seu bloquo é hũ sitio muyto mais apertado, do q̃ havia sido o primeiro, começara aos 17 a faser suas trincheiras & plataformas cõ tâta prôptidão, & violêcia, q̃ é menos de 24 horas fes laçar nesta praça 500. balas de artilheria, & 40 bõbas de fogo, o effeito das quais foy tão grade q̃ os moradores temêdo algũ mao sucesso, haviaõ pedido hũa suspêsaõ por sinco dias, pera tratar de sua êtrega, & no interim poder avisar ao Eleitor de Saxã, mas q̃ o General Torstenson lhes havia negado a dita suspêsaõ & tregoas, & assi de abas as partes se espera cõ grade impaciência o fim deste sitio, porq̃ ainda q̃ ao General Mayor Schleinitz lhe nam falta animo, & valor, mas antes está muy resolutos a defender a praça atè o ultimo extremo, principalmente cõsiderandose cõ 4000. homês aptos pera tomar armas, & de quãta importancia, & cõsequência he aos Imperiaes, & Saxonios, entêdese naõ quer por em perigo & arriscar a todos os moradores, & aos muitos estrãgeiros, q̃ estão dêntro, être os quais ha algũs de muita cõsideraçam cõ mais de milhaõ, & meyo de mercadorias; cõ q̃ os Suecos poderã levantar, & sustêtar largo tempo hũ poderoso exercito. Mas os cercadores se prometê cõ tanta segurança a presa desta praça, q̃ disê q̃ de pois della se haõde logo ir pera Bohemia, & a Morávia, pera entrar na Austria, & dar hũa vista a Vienna.

De Lubek aos ditos 21. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] O General Mayor konigmarc Sueco ainda está alojado no Bispado de Halberstad; & as tropas Imperiaes, q̃ chegarã a 2000

homês, dêtro da Cidade. O q̄ ficou das levas do Coronel Pents Imperial, desbaratado na refrega de Breitenfels, querendo ir para Bohemia, foy totalmente desfeito por baixo de Magdeburg, pellos mesmos Suecos, de cujas mãos sos doze soldados escaparaõ. O General Torstenson deo salvas guardas aos mercadores de Hamburgo, & de Dantzic, pera as mercadorias, que tinham na Cidade de Leipzic. A Raynha de Suecia he ja vinda de Sto Kolm. O Residente de Inglaterra, na corte delRey de Dinamarca, não pode ainda alcançar cousa algũa no tocante á moderação, pellos baixéis Ingleses, do tributo, que se paga em Glukstad. Mas o Coronel Cocheton, que Sua Magestade Britanica enviou a koppenhagem, tẽ ja alcançado do dito Rey de Dinamarca hũa grossa suma de dinheiro, & quantidade de moniçoens, que o Governador da dita Cidade da Koppenhagẽ fez conduzir a Inglaterra em dous navios de guerra.

De Lerida, aos mesmos 21. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] Tem sido as chuvas tão grandes em Catalunha, & particularmẽte em os bairros, onde os Castelhanos estavaõ alojados, que as cheyas, & inundaçoens lhes afogarão graõ numero de gente, & os que ficaraõ se salvaraõ com muyto trabalho em algũas eminencias, onde padeceraõ grandissimas incommodidades, que os constrageraõ a tratar de sua retirada. Assí que estando aparelhados pera este fim, acentarão seu campo junto a Fraguas, não podendo ir mais avante, por a enchente das aguas haver levado a ponte daquella praça. No espaço deste dia, a grande falta de mantimentos, que os soldados padecerão, pella perda de seu ultimo cõboy, de q̄ aveis ouvido fallar, foy causa de fugirẽ muytos, de sorte q̄ quando a pôte chegou a se reparar, pella mostra q̄ se fez de todo seu exercito, se achou q̄ não chegava a mais q̄ a sete mil infantes, & dous mil cavallos, q̄ he pouco mais do terço do q̄ era cõposto. Entendese q̄ a infantaria passará o inuerno em Aragaõ, & a cavalleria em Navarra. Quanto a ElRey de Castella elle he ja partido de Saragoça pera Madrid. O Mariscal de la Mota tendo noticia desta retirada dos inimigos, se pos logo a caminho, & chegando ao lugar, onde elles tinhaõ seu campo, achou nelle graõ numero de enfermos, & 7. pera oito mil mosquetes, & piques.

¶ As mesmas cheyas alcançaraõ també algũs lugares dos alojamẽ

[Frase rasurada e imperceptível no documento original]

tam boa ordem a tudo, que nenhũa incommodidade receberaõ. Depois da retirada dos inimigos fez alojar huma parte de sua infantaria nesta Cidade, & a outra em a de Balaguier, & alargou os quarteis de sua Cavallería, para que pudessem viver mais comodamente: & della enviou tambem hũa parte embuscados inimigos, para os desacomodar, & molestar em sua retirada. Estava para ir a Barcelona, a jurar os privilegios do país com titulo de Visorrey desta provincia, porem difirio sua viagem para os 18. do proximo, por esperar a eleição, & ereação dos novos conselhos da deputação, que se faz todos os annos por dia de S. Andre, afim de que o dito juramento tenha logo seu vigor. Todas as companhias da gente de armas, & as companhias Francesas dos cavalloos ligeiros, com o regimento de Manti, se tornaraõ a França, por falta de inimigos.

Do câpo dos Suecos, q̃ está diãte de Leipsic aos 22. de Nouẽbro. 1642

[Letra capitular] AOs 17. do corrête começamos a bater a grade Torre do Castello, do qual havemos recebido bẽ de perda. A bateria cõtinuou ate 20. e q̃ a Torre se deixou por inútil. Ao presẽte se ordena outra bateria sobre o fosso, atẽ o qual havemos levado nossas trincheiras. Derribou tãbẽ a nossa artilhería todos os moinhos dos cõtrarios, & quebrou todos os canos de suas fõtes, & estamos de maneira cortados, q̃ se os sitiados não ouvesse cessado cõ sua artilheria, nos podião molestar muyto de Castello, dõde entẽdemos estão ja sẽ munições, ou perto disso. He aqui vindo hũ dos Magistrados da Cidade, etẽdemos q̃ a tratar de sua etrega.

De Pragua aos ditos 22. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] O Archiduq̃ Leopoldo está ainda neste lugar cõ o General Picolomini & ainda sobresaltados de seu fracasso. Fazẽdose a 15. do corrête jũto a Rakoniz resenha geral das tropas, q̃ escaparaõ desta ultima batalha, senão acharão mais q̃ 5. mil cavalleiros mal esquipados, & sẽ algũa bagage, & ainda ha mais de 2. mil jũto ao lugar, porẽ não querẽ tornar a suas bãdeiras, âtes de lhes fazerẽ pagas, por cuja falta, os mais delles se tẽ espalhado por toda Bohemia, õde fazẽ mayores roubos, q̃ os mesmos inimigos.

¶ Esta somana os ditos Archiduq̃ Leopoldo, & Picolomini fizeram fazer mostra a todos os moradores desta Cidade, & se achou chegarẽ a 4500. homẽs, aptos para tomar armas, sem contar a mayor parte dos officiaes, cõ os quaes se podia ordenar hũ exerci

[Frase rasurada e imperceptível no documento original]

ao Archiduque, que não metesse aqui presidío, offerecendose elles todos a guardar a cidade. Mas o Archiduque sabendo muito bem o pouco que val a gente bisonha, & sem algũa experiencia de guerra, principalmente sem cabeças mais que seus corpos, lhe meteo 300. dragões, & o regimento de suas guardas. Mandou prêder o Coronel Mordon, & alguns mais officiaes seus, acusados de se haverem portado com frouxidão nesta ultima batalha. O Capitaõ Smorasky Sueco, que está de presidío na cidade de Sitavv, é Luface, fez há pouco hũa saída por Bohemia cõ 300. infâtes, & 100. dragões; onde tomou, & saqueou, entre outras praças, a villa de Iungenbunzel: mas o Baraõ de VVal Kenstein tendo disto aviso o siguio com 400. cavallos, & 500. infantes, com tanta diligencia, que havendolhe cortado o caminho, o obríou a hũ combate, em o qual o Capitão perdeo 50. soldados q̃ lhe matarao, & fizeraõ prisioneiros, & os Imperiaes 15. ou 20. além de muitos feridos, entre os quais foy o General mayor de hum tiro de mosquete, que lhe passou os dous joelhos.

De Nuremberg a 23. de Nouembro de 1642,

[Letra capitular] OS Generaes Hasfeld, & VValh estão entre Rottembourg, & Hal, donde esperaõ ver a determinação do Marichal de Guebriant, & do general Torstenson. O general Mayor Mercy està alojado com suas tropas junto de Nordlinguen. O Duque de Baviera tem feito ajuntar toda sua milicia, pera defensa de seu país.

De Basla aos 28. de Nouembro de 1642,

[Letra capitular] O General Mayor de Erlach, depois de haver tirado algũas tropas da fortaleza de Hohentvviel, tomou sua marcha pera a cidade de Duthlinguen, a qual invadio com 1500. assi de pè, como de cavallo, & ella se defendeoo com mil cavallos, & outros tantos infantes Imperiaes, que ali estão de presidio.

De Turim aos 28. de Nouembro de 1642.

[Letra capitular] Finalmente depois de 50 dias do cerco, o Castello de Tortona no Ducado de Milão, foi conquistado pello exercito delRey Christianissimo, & ganhado aos Castelhanos, que o defenderão cõ muito valor; mas cedendo seu animo, & corage ao valor, & perseverança dos nossos, o presidio q̃ nelle havia se sahio por capitulação, em numero de mil homẽs saõs, & perto de 400. feridos, & enfermos, aos 26. deste mes, segundo as capitulações, cujos arti-

gos vos enviarei brevemente. O que feito entraraõ logo em o dito Castello as companhias das guardas, & a nossa cavalleria se foy pera Sanacavalle: da qual empresa o tempo vos dará a grade consequencia, & o primeiro correo a Relação.

De Paris a 6 de Dezembro de 1642.

[Letra capitular] FOy Deus servido levar pera sy em 4. deste mes ao Cardeal Duque de Richelieu em o seu Paço Cardeal. faleceo aos 58 annos de sua idade: primeiro ministro, que era de Estado de nosso invencivel Monarcha, o qual cargo exercitou por espaço de 20. annos, tam dinamente, que falta grandeza de palavras pera se poder declarar, mas com melhor evidencia nolo fazem conhecer os effeitos de seus maravilhosos conselhos, continuamente acordados com S. Mag. por meyo dos quais tem feito surtir generosamente todos os heroicos desenhos de hũ tam bom Rey, cuja fortuna, & valor particular, em vigor de coração, & prudencia, q̃ lhes eraõ comũs, triunfaraõ sempre de seus inimigos, & sustentataõ os aliados desta Coroa com tal potencia, q̃ se vê ao presente por todo o mundo. Entre os quais trabalhos este espiritu incansavel, avendo arruinado a saude de seu corpo, debilitado por suas vigias, & fadigas, deixou a todos os que amam a gloria deste Estado, tanto sentimento por sua morte, como satisfação por muitos acrecêtamêtos, que a França conseguiu durante sua administração. S. M. (que na segunda feira derradeira avia vindo de S. Germaõ a esta cidade a visitalo, como elle muitas vezes, durante sua doêça, avia feito) depois de aver manifestado tanta brandura como bõdade, com grande abũdancia de lagrimas pella perda de tal vassallo, animando també por este meyo a cada hũ a bẽ servilo, conservou a todos os adherentes do Cardeal em seus cargos, que sam os principaes do Estado, mostrando por esta via, & por outros testemunhos, que té dado, que suas açções aviam respondido ao caso, & estimaçam, que delles avia feito S. M. & Sua eminencia, & que elle tinha satisfação inteira de todos seus ministros. E por quãto o Cardeal Mazarino por largo tẽpo se avia criado na pratica, & conhecimẽto dos negocios de toda Europa, avêdo dado provas ã numero de sua rara intelligencia, & grande fidelidade pera com S. M. & esta Monarchia, elle o chamou a seu conselho.

¶ Em o curso de 6. dias, q̃ durou sua enfermidade, a qual foi hũa
prele-/

prelesia, mandava muitas vezes a elRey avisos dos negocios mais importantes ao serviço de S. M. pelo Cardeal Mazarino, pello Chansiler de França, & pellos Senhores de Xavinhi & de Nojerx Secretarios de Estado, & seu espirito, & perfeito juizo o acompanhou sempre de tal sorte, q̃ hũa hora antes de morrer avia enviado os mesmos mensageiros a elRey com o mesmo vigor de espirito, com q̃ o pudera aver feito em o ponto de sua mais inteira saude. Sua affeição ao serviço, & pessoa delRey, álé do q̃ se avia manifestado em todas suas acções passadas, se mostrou particularmente na presente occasiam, em a qual deixou a S. M. quinhêtos mil escudos de ouro, seu grandioso palacio Cardeal, & seus mais ricos moveis, & pessas. Pendente todo o curso desta ultima enfermidade, como também avia feito em todas as precedentes, deu mostras de hũa grande, & profunda devação, com hũa resignação á vontade divina: muniose com os Santos Sacramentos, os quais recebeo da mão do Cura da sua freguesia, que nam quis q̃ o fizesse o Bispo: & como durando sua vida elle havia sido hum perfeito exemplo de piedade pera todos os seus, tambem em sua morte deu todas as mostras de seu fervor pera com Deus: de sorte, que seus discursos, & suas caridades, são hũa sufficiente prova, & os negocios de estado nada incompativeis com os da caridade. Assi Deus lhe fez este favor ao partir deste mundo, q̃ jámais se vio pessoa algũa aver rendido a alma com mais resolução, & quietação de espiritu, porque a mesma gravidade, & serenidade, que em vida resplandecia em seu rosto, a conservou tambem depois da morte, a qual sabida delRey, mandou no mesmo ponto hũ gentilhomen à Duquesa de Aguilhon, aos Marichaes de Brezè, de la Melerè, & de Guiché, pera os assegurar da continuação de seu favor, pera com elles, & todos os seus; & que se elles avião perdido hum bom parente, nelle lhe ficava hum bom senhor, q̃ nunca os desemparraria.

Com todas as licenças necessarias, & privilegio Real.
Na Officina de Lourenço de Anveres. Anno 1643.

Taxam esta Gazeta em oíto reis. Lisboa 24. de Janeiro de 643.

[Frase rasurada e imperceptível no documento original]

f.º 8 – v.º

[fólio em branco]

**GAZETA
DO MEZ DE MARÇO
DE 1643.**

De Hierusalem a 7. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] O Padre de Arco Frãciscano, natural de Italia, Guardião do Convêto de S. Salvador, que os desta ordê tem nesta Cidade, he vindo de Constantinopla, pera onde partío, ha ãno & meyo, a dar cõta das grandes afrontas, & persiguições, q̃ o Baxà desta dita Cidade lhes fazia, & pera serê restituídos á posse do Presepe de N. Senhor, do Sepulchro da Virgem, de Nazareth, & dos mais lugares santos, de que os haviaõ lançado fôra, sem lhes ficar mais que o Sancto Sepulchro. O Grão Vizír lhe deu inteira satisfação a tudo, por meyo, & intercessão do nome de S. Magestade Christianissima (a cuja protecção estão os ditos lugares sanctos) pellas demonstraçoens, & diligencias, que neste negocio fez o senhor de Hayas, seu Embaixador, o que pera todos elles foy de muito grande alegria, principalmente por quanto à sua chegada q̃ foy, a 8. de Setebro, morreo nesta cidade o dito Baxà seu persiguidor. E assi se animarão a começar renovar a Igreja, & Convento, q̃ no dito lugar de Nazareth tinhão, com esperança de que nesta occasião os Chrístãos lhes não faltarám com sua ajuda, & favor: conforme o aviso que ao Padre Magnà do grande Convento de S. Francísco de Paris, Comissario geral em França, pera os negocios da terra sancta, enviarão.

A

Del

De Dresda a 8. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] Fallase hoje mais do que nunca em os contratos entre a Coroa de Suecia, & o Ragortzky Principe de Transilvanía: o qual se diz quer ao presête dar aos Suecos 15. mil homens, & que para segurança sua ametade do presidio de Olmutz será de Transilvanos. A razão, que ao Principe moveo para esta união, são as innovações, q̃ os Imperiaes fizerão, ha pouco tempo, na Hungria, em perjuizo seu.

De Dantzic aos ditos 8. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] AOs 12. do corrente se ha de fazer em Vvarsaw hũa junta dos Estados de Polonia, em a qual se ha de tomar deliberação sobre estes pontos. Primeiro. A ordem, q̃ [palavra rasurada] no tocante à segurança das fronteiras de Moscovía. Segundo. Os meynos, com q̃ se haõ de opor ao graõ Senhor, principalmente depois q̃ tem tratado com os Moscovitas, feito aliança com os Tartaros, & mãdado marchar poderosas forças pera as fronteiras de Polonia. Terceiro. Como se ha de impedir à edificação dos fortes, que os Suecos querem fazer em as fronteiras de Livonia. Quarto. Do casamento, que hum dos príncipaes mēbros da Coroa de Polonia quer contratar com a Raynha de Suecia, em prejuizo da dita Coroa. Quinto. Tratar de impedir, & fazer, q̃ não corra a má moeda estrangeira. Sexto. Advertir os meynos, que se haõ de ter para pagar a contríbuição voluntaria, que os Estados desta Coroa prometerão, ha muito tempo, a elRey de Polonia, pera socorrer a seus negocios.

De Roma aos 9. de Ianeiro de 1643

[Letra capitular] Escrevemnos de Ferrara, que o Cardeal Ginetti, que ali está por Legado, tem feito reparar os muros, & mãdado a todos os moradores, q̃ estejam providos de mantimentos pera seis meses por quãto teve aviso, q̃ esta praça era muito requestada do Duq̃ de Modena, q̃ cõtina em fazer muito grandes levas.

He/

¶ He fama, q̃ elRey de Castella envia a esta Corte per seu Embaixador ordinario ao Conde de Onhate; & outros dizê, q̃ ao Cõde de Siruela. Tambem nos avisaõ de Madrid, que tem dado o governo de Aragão, & o titulo de Grande de Espanha ao Cardeal Trivulcio, & ao Principe seu filho. O de Valença ao Cardeal Spinola: & que o Marques de Leganez tornava brevemente ao Milanez cõ 3.000 homês das tropas que governava em Catalunha.

¶ Ao ultimo do passado o Regente Cassanate, Embaixador extraordinario delRey de Castella em esta Corte, foy numa carroça beijar os pès a Sua Santidade.

¶ O Duque Frederico Savelli, Embaixador delRey de Húgria, tendo per hum proprio aviso da rota, que o exercito Imperial teve junto a Leipzic, tendo audiencia do Papa, lhe pedio socorro em nome de seu Senhor: mas dizem q̃ S. Santidade lhe respondeo, que suas tropas estavam destinadas pera se oporem ás que a Casa de Austria havia dado de socorro a seus inimigos.

¶ He chegado hum Correo de Madrid, q̃ nos affirma, que o Marques de los Velez ha recebido as patentes de Visorrey de Napoles: & q̃ elRey de Castella, a ínstancia dos povos de Aragão vay estar em Valença.

¶ Tambem nos contão por certo, q̃ o Marques da Viglièra Visorrey de Mexico, havia feito levantar os moradores de Mexico contra o dito Rey de Castella.

¶ Sua Santidade está muito espantado da eleição, q̃ elRey de Castella havia feito do Marques de los Velez, pera Visorrey de Napoles; & do pouco caso, que a Corte de Madrid fizera, das queixas, que Sua Santidade, & seu Nuncio lhe tinhamo feito contra o dito Marques, pella qual parece aprovar o precedido, pois logo em continente lhe dava hum cargo tam grande.

A2

De/

¶ De Napoles nos avisaõ, que o Visorrey tem mandado hum correo a Madrid, pera precisamente saber a vontade delRey de Castella, no tocante ao dito Marques de los Velez, ao qual entretanto elle não quer entregar a praça, dado a entender a toda a nobreza daquelle Reyno, q̃ o Marques he muito violento pera a governar; o que a obrigou a mandar tambem hum proprio a S. M. Catholica, pera lhe pedir queira revogar o cargo de Visorrey, q̃ lhe té dado, de que os povos daquelle pais estão muito descontentes.

¶ Aos 18 do passado o Marques de Fontenè Marevil, Embaixador de França, se partio daqui com o Bispo de Lamego, Embaixador de Portugal, acompanhados de quarenta Caualleiros. Fizerão lhes escolta, por mandado do Papa, duas companhias de Couraças, ate ás fronteiras de Toscana, onde os estavam esperando muitos Cavalleiros do graõ Duque, que os recebeo com muita festa.

De Oxford aos ditos 9. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] ELRey da graõBretanha està todavia aqui com seu exercito, & tem acentado campo pellos lugares destes contornos, o qual se diz ser ao presente hum dos mais consideraveis, & se acha em estado de o poder sustentar por largos tēpos. Todo o pais visinho tras suas mercadorias a esta cidade, tam livremente como o fazia em o tempo de paz.

¶ A ultima empresa de algũas tropas deste exercito, foy em a cidade de VVinxester, onde S. M. Britanica mandou ao Barão de Grandisson com 500 soldados, os quaes estado senhores da praça, forão investidos por algũas tropas do Parlamento, & saindolhes o Barão, as desbaratou de todo. Porem elles tornandose ajuntar, & a refazer, invadirão cõ tanta resolução a dita cidade de VVinxester, que constringerão ao dito Barão a se render a partido, que elles depois não guardarão, que não tem fê qué a Deos nega; porque

alem/

alem de roubarê a casa do Cavalleiro Richardo Tírchborn, & outras comprehendidas em os concertos, matarão a 40. moradores, que reconhecerão ser da parte de S. M. Brítanica, & todos os demais, que disserão ser da parte de S. Magestade, & do Parlamento, forão roubados, & conduzidos a Portsmouth, mas todos escaparão no caminho.

¶ O Conde de Essex está ainda em VVindsor, que he no meyo do caminho daqui a Londres: & decontino vay enviando tropas, a fim de trazer inquietos os Reaes, & dar socorro aos de seu partido, conforme às ordens, que do Parlamento tem, se bem nunca sae em pessoa.

¶ Dizem que os soldados do Parlamento estão quasi amotinados por falta de pagas, principalmente tendo toda sua esperança fundada em a cidade de Londres, da qual estão muito receosos, consideradas, & vistas as parcialidades, & as opposiçoens, que o Parlamento nella acha para seus designios. Alem dístico he tambem cômum, que o Barão de Farfex escreveo, ha pouco tempo, ao dito Parlamento hũ^[sic] carta, que publicamête foy lida numa junta, em a qual dizia, que o Conde de Castelnouo, do partido real, estava senhor da campanha, havendo passado, sem algũa resistencia, atè o Castello de Pomfrett. Que o Conde de Darby, do mesmo partido, estava ainda da parte do Sul do Principado de Gales, bem armado, & provido de tudo, & totalmête na devoção de S. M. Britanica. Que o Milord Herbert, filho do Conde de VVorxester, se havia feito, ha pouco, senhor da cidade de Hereford, em a Provincia do mesmo nome, lançando della ao Conde de Stanford, o qual se retirou a Bristau, & havia desfeito todas suas tropas. Que a Provin-

cia de Glaster, & principalmente a sua capital, de quem tomou o nome, se tinha declarado, havia pouco, per sua Magestade. Que o Coronel Gering, mandado pella Raynha a elRey de Inglaterra, era chegado a Castelbranco cõ os officiaes, & moniçoës de guerra. Que o Cavalleiro Hopton estava tambem em o país de Ouest, com exercito consideravel por S. M. Britanica, onde o Xerife de Dèuon estãdo em cõselho com algũas pessoas graves do pais, fora preso pellas tropas do Parlamento; & logo em continente libertado por este cavalleiro; & que toda a Nobreza da Provincia de Sussex estava em armas por sua do dita Magestade. Ao que os Parlamentarios replicarão, que tambem além da perda, que as tropas reaes havião tido junto a VVinxester, onde com o Milord Grandisson forão presos 28. officiaes, & os do Parlamento havião ganhado 600. cavallos: o Conde de Castelnovo, do partído real, havia sido forçado a se retirar do pais do Norte com grande perda, & que o capitão Hotam havia tomado, & desbaratado duas companhias reaes, hũa das quaes era a do capitão VVindebank. Mas finalmente assentarão, que a cidade de Londres mandasse juntamente com as duas Camaras a pedir a S. Magestade tornasse para ella, & que para o tocante dos Bispos, Deaões, & Conegos, se fizesse hum Synodo da nação, em o qual se terminassem as differenças da Igreja de Inglaterra; que o Parlamento prodedesse contra os dilynquentes, & que os luízes do Reyno se mudassem.

De Londres a 10. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] O Principal negocio, que esta somana passada se tratou em a Camara alta, forão as proposiçoens de paz, para mandar a elRey de Inglaterra, as quaes forão enviadas á Camara baixa, pera as rever, & examinar: & depois de alguns debates, de de parte a parte ouve, se resolverão em

fazer/

fazer as seguintes. Primeira, que S. Magestade fosse servido do consentir nos estatutos acordados pellas duas Camaras do Parlamento, principalmente no que foraõ feitos contra as innovações da Igreja Ingresa, contra os ministros escandalosos, contra os Bispos, Deaõs, & Cabidos: & a fim de ajuntar a Clerizia, pera estabelecer o governo de Sua Igreja. Segunda, que he a dita Magestade fosse servido de fazer hum edito para hum mais firme assento dos direitos, & privilegios do Parlamento, & liberdade dos vassallos. Terceira, que os delinquentes fossem entregues às duas Camaras, para nellas serem punidos, conforme às leys do Reyno, & principalmente o Milord Digby, & o Commissario Vvilmot. Quarta, que sua dita Magestade fizesse hũa declaração para a justificação do Milord Kimbolton, & dos sinco membros da Camara baixa, acusados. Quinta, que de todos os Ministros de Estado, Iuizes, & outros officiaes, q̃ foraõ depostos de seus cargos, depois das ultimas alterações, fossem estabelecidos nelles. Sexta, que todos os Iuzes que aqui se chamaõ de paz, que foraõ lançados em diversas Provincias, fossẽ assi mesmos restituídos a seus officios. Septima, que Sua Magestade ordenasse, que a grande despeza feita neste Reyno, por causa da presente guerra, se fizesse á custa dos delinquentes. Octaua, que S. Magestade dẽsse hũa amizade geral para todos os actos de hostilidade, que estaõ feitos: & outro si consintisse, que o perdaõ geral se fizesse com as excepções acordadas pellas duas Camaras. Nona, que sua dita Magestade, consintisse em tanto hũa suspensão de armas, por quatorze dias, a fim de tratar mais livremente sobre estas proposições, & enviar sua reposta, pendente o tal tempo. A estas ajuntaraõ mais outra, a saber, q̃ todas as terras, & outros bẽs pertencẽtes aos Bispos, Deaõs, & Cabidos deste Reyno, fossẽ vendidos. Porẽ a nada disto dífirio S. M.

O Mar-

¶ O Marquez de Hartford, que governa por sua dita Magestade as tropas, em Principado de Gales, està em VVorxester: & se não sabe ainda, que rota seguirá. O Conde de Castello novo se tem avançado com as suas até Nottingham, não obstante o impedimento, que lhe quiseraõ fazer as tropas do Parlamento, com as quaes muytas vezes pelejou em seu caminho.

¶ Algũs navios Ingleses, chegados, ha pouco, a VVaimuth de Malacovve, com hũa ríca carga, se renderão voluntariamente ao cavalleíro Niculás Slaning, que ali he governador por Sua Magestade.

¶ O cavalleiro Guilhelmo de VValer, tem cercado a cidade de Xexester: onde o Conde de Brèford se defende valerosamente com as tropas Escocesas, 500. cavallos, & mais de mil infantes, que ali governa por Sua Magestade.

Mais de Londres a 12. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] PEdisteme por varias vezes a relação do martyrio do Padre Hugo Green, por outro nome Fernando Brooke, ou Deerman, o qual sendo de idade de 57. annos, deo a vida pella Fè em a cidade Dorcestria, a hũa sesta feira 19 de Agosto de 1642. he pois breuemente a seguinte.

¶ A 17. de Agosto de 1642, que foy a hũa quarta feira, se lhe deo a sentença de morte, & ouvindoa o dito Padre com muita paciencia, & consolação disse: *Sit nomen Iesu benedictum in sæcula*. E antes que se deitasse em o caniço de palha, em que neste Reyno he costume levar os padecêtes, posse de joelhos, & beijouo: chegando ao lugar da execuçaõ, foy tirado do caniço, fazendoo parar em hum monte, que distava algũ tanto da forca, em quanto enforcavaõ tres molheres, que no mesmo dia foraõ a padecer: duas das quaes a noite precedente lhe mandaraõ dizer, que queriaõ

morrer/

morrer em Sua Fè: o Servo de Deos fez quanto pode pollas ver, & fallar, porem não pode alcansar para isso licença, & assi lhe mandarão pedir, que quãdo ouvessem confessado sua má vida ao pè da forca, & fizessem sinal, elle as absolvesse: o qual cõ grande alegria de sua parte, & muito mayor beneficio dellas, o pos assi por obra: porque ambas de duas virandose pera o Sacerdote, & estêdendo seus braços, disseraõ em alta voz, Senhor, ficai com Deos; & assi morrerãõ cõ esperãça grade de Sua Salvaçãõ. Nê foy sua caridade fé remuneraçãõ nesta vida, porq̃ Deos, por sua misericordia ouve por bẽ de lhe dar semehlante ^[sic] con solaçãõ, por hũ Padre da Cõpanhia de Iesus, do qual, cõ grande reverência, tirando a carapuça, cõ os olhos levantados para o Ceo, recebeo a absólviçãõ. Depois disto o dito Padre foi levado pello Xarife ao pè da escada, adõde ojoelhandõse em oraçãõ, continuou por espaço quasi de meya hora nella. Entãõ tomou hũ Crucifixo, & Agnus Dei, q̃ trazia ao pescoço, & os deo à hũa senhora, devota, q̃ ali estava presente: a outra deo as suas cotas, & seu lêço a outra; hũ livro, pello qual rezava no caniço a outra: & ao Carcereiro môr hũ lêço. Virando depois pera o povo, & bẽzêdõse fez hũa larga pratica, em a qual foy diversas vezes interrûpido, & nella declarou, que a Igreja Catholica Romana era a verdadeira, & que fóra della ninguẽ se salvava: & que na Igreja verdadeira hãode haver Sacerdotes pera sacrificar, & q̃ elle mesmo era hum delles, & polo ser morria; entãõ rogou por Sua Magestade, & que seu Reyno fosse estabelecido em paz, & concordia, o q̃ dizia não avia de ser e quãto entre elles não ouvesse algũa uniaõ na Fè. Depois disto abaixando a carapuça sobre o rosto com as mãos jûtas diante do peito em quieta oraçãõ esperou, meyo quarto de hora mais, seu ditoso transito, pelo virar da escada: o que feito, foy notado por muytos,

benzer-/

benzêrse tres vezes com a mão díreita, estando já dependurado; mas logo mādaraõ ao algoz o tírasse da forca, o qual era muy cobarde, & pouco experimentado em seu officio, cuja mãy, irmã, & irmão são muito bons Catolicos; & se deteve tanto, antes q̃ o esquartejasse, q̃ o Padre tornou em si cõ perfeito sentido, & assentandose muito direito, tomou ao algoz pella mão, pera mostrar (como se cuida) q̃ lhe perdoava: mas o povo lhe puxou per hũ pedaço de baraço, que lhe ficou ao pescoço, & o deitou ao chaõ; o carnicheiro entãõ lhe abriu a barriga pello meyo, & a parte que ficava de cima a lançou sobre o peito, q̃ sintindo ainda o padecente pos sua mão esquerda sobre as tripas, & com a direita fez o sinal da Cruz, dizêdo tres vezes, IESVS, IESVS, IESVS, misericordia: o q̃ ouviraõ, & notaraõ muitos. E em quanto chamava por este nome de IESVS, o carnicheiro lhe tirou hũ pedaço de bofe, em lugar do coração, & revolvendolhe as entranhas de hũa parte & outra, a ver se achava o coração entre ellas, o qual buscava com a faca na propria mão, nunca o dítoso Padre deixou de chamar por IESVS; mas todo entãõ se cubrio de sangue, & de agoa (como testefica hũa mulher virtuosa, q̃ naquelle tempo tinha a mão na sua cabeça) admiravel foy seu sofrimento, & quando sua lingua não pode pronunciar aquelle sactíssimo nome de IESVS, parece o pronunciava com os beijos. E seus interiores gemidos, bem davaõ mostras dos lamentaveis tormentos, que por mais de meya hora soffreo: & movia a compaixão verlhe alevantar os olhos ao Ceo, ainda vivo. Entãõ o Xarife, por petição de hũa Senhora Catholica, & devota, mandou lhe cortasse a cabeça, pera que se lhe acabasse a pena, & assi deo a alma a Seu Criador. Entãõ lhe acharaõ o coração, & o puseraõ logo em a ponta de hũa lança, & o mostraraõ ao povo, & botaraõ logo em o fogo, o qual fica-

va/

va na subida de hum monte; dizem que o coração saíra do fogo, & que hũa mulher o tirara, & levará.

¶ Estas mulheres Catholicas pedirão ao Xarife o seu corpo, o qual lhes foy concedido: mas estorvandoo o povo, procurarão que seus quartos fossem amortalhados, por via de hũa honrada protestante (a qual padeceo muitas afrontas da barbara multidão pello fazer) & os enterrou perto da força: o povo desde a manhã até as quatro da tarde ficou ali jugando com a cabeça, & com os pès, como aque se costuma é hũas pellas grades feitas pera este uso, metêdolhe paos pellos olhos, orelhas, narizes, & boca, & depois a enterrarão junto dos quartos, q̃ se não atreveraõ pola nas portas da cidade, porq̃ depois da derradeira cabeça de Catolico, q̃ pella Fè padeceo, havia annos, & nellas haviaõ posta, logo se seguiu nesta terra muy grande peste: de maneira que ainda temem, mas não se emendaõ.

De São Germaõ a 9. de Ianeiro de 1643.

[Letra capitular] A Somana passada o Duque de Richelieu, filho do Marques de Pont Courlè, deo aqui a omenagem a elRey, pello cargo de General das galès, de que Sua Magestade lhe fez merce.

¶ Esta somana o Marques de Bresè ha tambem dado a omenagem nas mãos delRey, pello cargo de graõ Mestre, Chefe, & Superintendente general dos mares, navegaça, & comercio de França, juntamente de Governador de Brovage, Ilhas de Rey, & Oleron, a Rochella, & país de Aulnis, havendo já mostrado os effeitos de seu animo, & valor sobre este elemento, onde ha feito quatro viagens em outros tantos annos com o primeiro mando.

De Paris a 6. de Fevereiro de 1643.

[Letra capitular] A Morte do Cardeal Duque não fez innovar cousa algũa no governo, que hoje tem o Cardeal Mazarino,

Xaueni, /

Xavueni, & Noier, os quaie^[sic] guardão em tudo as ordês, que o dito Cardeal deixou. Sua Magestade soltou algũs presos da Bastilha, & perdoou algũs desterrados.

¶ Pera as cousas de Portugal está sua M. Christianissima, & ministros com a mesma vontade.

¶ Em Catalunha põem S. M. Christianissima 20. mil infantes, & 5000. cavallos pera seguir aquella guerra, a cargo do Marichal de la Mota, a quem fez merce do Ducado de Cardona, & Visorrey do Principado. Na Picardia, Alemanha, & Italia ha grandes exercitos, que ao todo serám mais de setenta mil homens. O Estado de Milaõ esta muito arruinado & as mais das praças tomadas pello Duque de Longavilla, & o Principe Thomas. Faze neste Reyno grande armada de mar, a cargo do Marques de Bresè, q̃ he já Duque, Par, & Almirante de França, por morte do Cardeal. Tudo arde em guerra, & será bom que Portugal se aproueite desta occasiaõ. Nestas partes se não faz caso de Correrias, que dizem he guerra de ciganos.

¶ Os Castelhanos tem cercado a cidade de Tortona, que elRey Christianissimo tomou o anno passado no Milanez.

¶ Na cidade de Londres ha grandes dissensões, & se as proposiçoens das duas Camaras, alta, & baixa, não forem aceitas de S. M. Britanica, temese de parte a parte hũa grande ruína. Acuda Deos, com Sua misericordia, áquelle Reyno.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias, & privilegio Real.

Na Officina de Lourenço de Anveres. Anno 1643.

Taxam esta Gazeta em seis reis. Liboa^[sic] 28, de Março 643.

Coelho.

Ioaõ Pinheiro.

GAZETA
DO MEZ DE ABRIL
DE 1643. DE NOVAS FORA DO REYNO.
*COM O PROTESTO QVE FEZ A S. SANTIDADE O BISPO
de Lamego Embaixador deste Reyno de Portugal,
quando sahio de Roma.*

De Barcelona a 4. de Março de 1643.

[Letra capitular] Depois do primeiro assalto, q̃ os Castelhanos nossos inimigos deraõ á cidade de Flix em Catalunha, cidade posta alé do Ebro, dõde cõ muyto valor forão rebatidos pello Cõde de Xabot, ficado muytos delles mortos é a praça, & depois da batalha, q̃ o snõr de Feracieras Marichal de cãpo lhes deo jũto à cidade de Mora, em q̃ lhes desbaratou mais de 200. cavallos, tornarão outra vez aos 6. de Fevereiro a cercar a mesma cidade de Flix. Mas o dito sñor de Feracieras, mādado novamête àquellas partes, por ordê do Marichal da Motha, se meteo dêtro cõ 1500 infâtes, & 200 cavallos. Cõ o qual socorro, & temor da vinda do dito Marichal, sêdo 6. pera 7. mil homês, levãtaraõ o cerco dentro de 4. dias; & se retiraraõ de noite cõ tâta pressa, q̃ por mais diligencias, q̃ o sñor de Feracieras fes, por lhes dar na retaguarda, já não os pode alcãçar, & achou q̃ por fogirê cõ mais ligeireza, havião deixado todas suas moniçoês de guerra, bõbas, granadas, morteiros, & outros petrechos, & queimado 2. barcasas, q̃ tinham armado, & carregado de artelheria, a qual lâçarão no Ebro, dõde os nossos esperão tiralla.

¶ Indose tâbê o sñor de la Roqua S. Xamarã, q̃ governa o regimêto de cavalleria do Duq̃ de S. Simão por ordê do dito Marichal da Motha, alojar em o plano de Tarragona, pera impedir as correrias dos inimigos, teve aviso aos 14. do dito mes, q̃ todo seu gado havião lançado fóra, & sahindo pera o tomar obrigou os imigos, a fazerê sair a elle quãta cavalleria puderão, porê sê nenhũa utilidade, porq̃ o dito sñor de la Roqua naõ só lhes desbaratou mais de cem cavallos, mas tambem levou o gado todo. Assi que os negocios de guerra em Catalunha vaõ

A

sempre/

sempre de bem em melhor, & nas demais partes he certo, que não vão mal encaminhados.

De Narbona aos ditos 4. de Março de 1643.

[Letra capitular] A desgraça do Conde Duque de Olivares, nos foy confirmada com estas particularidades. Mandou elRey de Castella aos 17. de Ianeiro ao Cõde Duq̃ hũ bilhete escrito por sua mão, pello qual lhe mandava que pera satisfação de sua consciencia, & a de seus povos, convinha deixar o meneo de seus negocios. Desde aquelle dia até os vinte & dous do mesmo mes, se occupou em dar expedição a muitos negocios em favor de seus amigos, & em queimar muytas outras cartas, & papeis, cuja memoria queria sepultar com a de seu cargo. Aos vinte & tres se retirou a Lechez, que he hum convento de Religiosas, a sinco legoas de Madrid, novamente edificado por sua molher. Mas sendo entrado nelle teve ordem delRey pera não tornar a sair sem sua licença. Diversamente se falla das causas desta desgraça, porém entendese que as principaes foraõ seu proprio governo, & os desastrados sucessos das cousas de Espanha, desde sua privança, principalmente na presa de Perpinhão, & ruina do exercito de Aragaõ. Tambem se diz, que o Rey de Hungria por meyo de seu Embaixador em Madrid, & a Duquesa de Mantua, antes Governadora de Portugal, forão grande ajuda pera o fazer mal quisto com seu senhor. Porque tendo a Dita Duqueza por meyo da Raynha de Castella ordem pera escusarse com elRey seu marido dos defeitos, que lhe atribuhíao, aos quaes imputavão o levantamento (digamos assi) do Reyno de Portugal, ella os lançou todos ao Conde Duque, & fes ao dito Rey de Castella a se resolver tomar mais conhecimento de seus negocios do que de antes tinha, & assi pos em lugar do dito Conde Duque a Dom Fernando Borgia, gentilhomem de sua Camara, se bem lhe não tem concedido tanta iurisdicção.

De Haya a 5. de Março de 1643.

[Letra capitular] A Raynha de Inglaterra partio daqui pera Schevelinguen aos vinte & tres do passado, em companhia da Raynha de Bohemia, do principe, & Princesa de Orãge & de todos os

senhores/

senhores, & damas desta Corte. Aos vinte & quatro o General Tromp foy á Briel pera fazer sair os baixeis da dita Raynha de Inglaterra, mas achou na boca do Muza dous navios do Parlamento de Londres com bandeiras vermelhas, que impedião os baixeis a sair, os quaes haviaõ sido embargados por ordem de alguns deputados dos Estados, do que havendo a Raynha de Inglaterra feita queixa ao Principe de Orange, veyo logo aqui à junta dos Estados, onde se resolveo, que os ditos baixeis saíssem. Aos vinte & seis a dita Raynha se meteo nũa barca, que a levou á Capitaina. Mas depois de haver navegado perto de duas horas com seis navios de guerra, & sete de mercancia, apparecerão de novo os dous navios do Parlamento, que atirarão tres peças, ás quaes o General Tromp respondeo com outras tantas, & lhes mandou dizer, que se não cessavaõ de atirar, elle lhes faria ver a ordem, que levava. Responderão, que elles não queriaõ cousa nenhũa com elle, mas com os baixeis da Raynha de Inglaterra, que hiaõ carregados de armas, & de munições. Do que o General mandou logo advertir ao Principe de Orange, & entre tanto continuou sua viagem, perseguido dos navios do Parlamento. Os sucessos da qual se poderaõ melhor saber da carta, que hũa dama da cõpanhia da Raynha de Inglaterra escreveo de Barlingtõ a seu marido, que estava com elRey de Inglaterra em Oxford, a qual foy escrita a 13. de Março, & diz assi.

[Letra capitular] Meu sñor, sabendo eu a pena, cõque estareis, pellos sucessos de nossa viagem, visto não haverem querído os ventos ategora ser mais favoraveis a este elemento, me pareceo bem avisarvos de como a Raynha partindo de Scheveling em Hollanda aos sinco deste mes pella tarde, andou no mar atè os nove por hum tempo assaz trabalhoso: mas achandosse junto desta Bahia de Burlington, & ventando Nordeste, que não he nada proprio pera ir a Castello novo, onde fazia conta desèmbarcar, & que desde então ameaçava a frota hũa próxima tēpestade, os marinheiros lançaõ suas ancoras nesta Bahia. Da qual sua Magestade Britanica despachou logo hum correyo ao Conde de Castello novo, para lhe dar aviso do lugar, & estado, em que se achava. Quis a boa fortuna que o Conde estava

A2

entaõ/

entaõ com seu exercito vinte milhas dali sômente, depois de haver empregado tres dias inteiros em dar cassa aos cavalleiros Hothan, & Chomley Parlamentarios, aos quaís havia obrigado a se retirarem à cidade de Beverlèy, seis milhas de Hul, depois de lhes ter ganhado hũa ponte por onde era necessario passar pera ir a York. E apenas recebeo as novas da chegada da Raynha de Inglaterra, quando logo enviou sua cavalleria, pera àcompanhar; & sem perder tempo, se pos tambem a caminho pera o mesmo effeito com sua infantaria. A Raynha de Inglaterra desembarcou entre tanto nesta costa, onde não achando outras melhores, foy constrangida a se ir alojar em hũa pequena casa cuberta de feno, que estava na beira do mar; em oqual alojamento ella se acomodou com muyto gosto, porquanto delle podia facilmente ver desembarcar a bagage, & as monições, que trazia. Mas imaginando nòs, que estavamos aqui muyto seguros, sinco baixeis Parlamentarios vieraõ aportar a esta mesma Bahia. E tanto que o dia lhes pode descobrir o lugar, em que estavamos, o Capitão HadockK, que era o General destes sinco baixeis, mandou lançar hum homem seu em terra, com ordem de lhe marcar o lugar, em que a Raynha estava: o que havendo feyto o Capítão mandou logo atravessar hum dos sinco navios contra a dita casa, com disignio de descarregar sobre ella sua artilheria. E sendo seu pensamento entendido dos nossos, vierão logo avisar a sua dita Magestade: que não podendo dar credito a taes novas, mandou saber a verdade, pello senhor Germin seu Estribeiro mór: oqual havendo reconhecido, o que elle mesmo não podia crer, que o General Ingles fosse atirar ao alojamento da dita Raynha de Inglaterra, apenas teve tempo pera a fazer sair de sua cama, & a se retirar, como fez meya vestida, a tresentos passos dali: onde não achando lugar algum de segurança, nem que a amparasse das bombardas, que começavão a cair, mais que o fosso de hũa valla, se meteo dentro com grande pressa, o que a defendeo dos pilouros, que lhe passavão à flor da cabeça, fazendo assi mesmo saltarlhe a terra em sua pessoa: a vinte passos da qual hũ dos seus foy morto. A furia das bombardas cõtinuou duas horas,

&/

& avia grande apparencia que não cessaria tão depressa; quando o General Tromp, que governa a Armada Hollandesa, aquem estava encomendada a guia da dita Raynha, mandou num esquife por sèu lugar tenente, ameaçar ao General Ingles do trato, que merecia, se esperasse que tornando a encher a marè, por quãto seus baixeis eraõ de mais alto porte, lhe desse meyo de o abordar: com temor do que o dito General Ingles se retirou, & por aqui foraõ postas em salvo as moniçoës, & bagage de sua dita Magestade. E tanto que a Raynha de Inglaterra, pode sair daquelle fosso sem perigo; logo se tornou a seu alojamento, onde acudiraõ tambem de diversas partes todos os de sua casa, que as mesmas bombardas havião trasmontado, & a fugida de suas casas perservado. Porque alem das balas que se acharaõ por baixo da casa da sua dita Magestade, a da Condeça de Dembigb sua primeira dama de honor, foy de todo posta por terra. A primeyra acção que sua Magestade fes, foy dar graças a Deos pella livrar de tão grande perigo, & por haver feito, a pezar das traças, & invenções de seus inimigos, tomar terra a estas moniçoës; & pera este fim assistio á missa, que mandou dizer, mais celebre por sua devação, & pella de sua companhia, doque pella magnificêcia do lugar: & isto feito vey o alojarse a este lugar, que fica hũa milha da dita praya, onde esperava a carruagem, & as provisões necessarias para conduzir as ditas moniçoës a YorK.

¶ Entre o que diversamente havemos notado em esta viagê, ainda que aqui sejamos de diversa ley, o em que vimos todos, he que Deos foy o que condusio esta Raynha como pella mão & com hũa providencia singular: principalmente entendendo que se sua Magestade sahira de Holland mais cedo, cairia verissimelmente em as mãos de seus inimigos, que esperavão em Castello novo; onde era sua derrôta, & em caso que áquelle porto chegasse, não sabiamos como depois soubemos, da ausencia do Conde de Castello novo, então por hum encontro inopinado, ocupado, como ja vos disse, em a cassa de seus inimigos: nem que os sinco baixeis Parlamentarios nos esperavão allí, com tal impaciencia, que vendo o vento trocado, & por este meyo retardada a vinda da dita Raynha, elles se partiraõ pera irem a seu encontro, & lhes fazer o trato que ha-

f.º 3 – v.º

veis ouvido Porê ja graças a Deos estamos em salvo, & suas *Magestades* Britanicas em estado pera desputar com muita ventagem hoje seu direyto pellas armas.

De Marcelha a 9. de Março de 1643.

[Letra capitular] AS grandes chuvas, que em Italia ouve desde o princípio de Novembro, até o fim de Dezembro passado, engrossarão de maneira os rios de Lombardia, & particularmente o Po, que saindo de madre inūdou a mayor parte das cidades, villas, & terras visinhas: em o qual diluvio se afogarão tantas pessoas, arruínaraõ tantas casas, & se perderão outros bens, que se não dera credito, & de autoridade. Começou esta inundação em a Cidade de *Mantua*, por causa do grande Lago, em que está situada, o qual havendo trasordinariamente crecido, derribou cantidade de casas, & entre outras tres ricos palacios do Duque de *Mantua*; a saber *Gonzaga*, *São Bento*, & *Burgo forte*, com perda de mais de mil, & duzentas pessoas, que se afogarão. Porque quasi toda a Cidade estava cheya de agoa por dentro, & por fora: de sorte que os pobres moradores erão contragidos a se subir aos telhados de suas casas, & sobre as altas arvores, onde muitos depois forão achados mortos de fome, ou de medo: & fora sem falta muyto mayor o dano senão fora a boa ordem, que então deo a Duquesa de *Mantua*: mandando sopena da vida aos barqueiros levarem lhes pam, & vinho, que ella dava, não faltando ja mais áquella miseravel gente com este socorro até dè todo baixarem as aguas. E por ajuntar com este socorro do Ceo ao da terra o Bispo de *Mantua* fes expor o SANTISSIMO SACRAMENTO pellas quarenta horas, & mandou fazer procissões geraes aos moradores, que avião escapado deste perigo, com as cabeças descubertas, & os pès descalços, pedindo, & bradando *Misericordia*, por abrandar a ira de Deos. A cidade de *Viadana*, deste mesmo país, aqual he de alguns mil fogos, rica por suas mercadorias que repartia por todo aquelle destrito, foy de todo sumergida, por ter a situação muyto baixa, & se perderão nella mil, & quinhentas pessoas A fermosa cidade de *Cremona* não teve menor perda que as outras por esta grande enchente do Por

que chegou â ella pellas tres horas depois de meya noite, & tomou todos deseuidados, & viraõ por espaço de quatro horas somente, que durou este diluvio toda a cidade alagada atè á grande praça, onde a agoa estava de altura de quatro pès. As casas chamadas São Christovão, Prado, & Gonzaga foraõ de todo sumergidas, com muytas outras de menos nome, das quais cairão mais de cento, & outras ficaraõ arruinadas: & subio a agua atè a igreja, que chamaõ do Domo, que he hum dos mais altos lugares da cidade; de sorte que os moradores se não podião visitar senão com bateis, & entravão nelles pellas mais altas janellas de suas casas. O Cardeal Campora Bispo da Cidade, esteve muy embarçado neste diluvio, & mandou fazer rogativas publicas, enviando quantidade de barcas com muyta pressa, a salvar pellas casas os que pudessem; porem não obstante tudo isso se afogaraõ mais de 300. pessoas, & ouve hũa grande perda. A pequena cidade de Ergadella, que não tem mais, que alguns tresentos fogos, em o mesmo territorio de Cremona, se vio em hum instante sumergida, & se não poderaõ salvar mais que cem pessoas. Em Castel-Vetri foy tudo inundado, excepto o campanario da Igreja mayor, em a qual se salvou o Governador da praça, com alguns trinta dos moradores. Em o lugar de Monte, não ficou mais que a Igreja, & todos os mais edificios cairaõ com a violencia das aguas. A cidade de Parma ficou livre destes danos, pella boa ordem do mesmo Duque de Parma, mas seu territorio ficou de todo inundado; porque em Colorno se afogaraõ algũas cẽ pessoas. & em os sete lugares da saida de Buffè ao longo da calçada de Bessè, morreraõ, mais de duas mil, com numero incrível de gado. Torresello, & o Convento dos padres Zoccolâtes tiveraõ o mesmo perigo. Roccabranca pertencente ao Marques de Rangon ficou livre, mas o dito Marques perdeu outras quatro casas. Em Plesentin, Gaurzi alagaraõ tudo as agoas, & assi todas as cidades de Mesana, porque o Duque de Parma, querendo salvar as suas duas cidades de Parma, & Plasença, fez com muyta diligência a bater as calçadas, & vallas, que estão ao logo do Po, por não fazerem represa as aguas; o q̃ causou hũa grandissima perda a todo o país, onde des cídades, & grande numero de lugares forão arruinados, & se afogaraõ se-

sete para oito mil pessoas; a mayor parte das quaes, querendo salvarse com seus moveis, mulheres, & filhos em os carros, & carretas, a violencia das aguas os sumergio todos, & os fez perecer miseravelmente. Abaixo da cidade de Turim, a ribeira de Dora, que entra no Po, derribou tres fortes, em os quaes se afogaraõ alguns soldados. O lugar de Gieradada cahio mais de metade, pello rio Ada, que entra no estado dos Venezianos, pella parte da cidade de Bergamo: em as villas, & lugarês de Morengo, Bariano, Caravazo, Muzzanega, o Bettole, Sola, atè o pè da cidade de Lodi, ouve muita perda. A cidade de Ferrara não recebeu desta inundação tanto dano, como seu território: porque havendo o Po quebrado, & derribado suas vallas, pella parte de hum lugar chamado a Zoccha, que está 16. milhas de Ferrara, carreguou sobre elle a agua de alguns des pès de alto, com tanta violencia, & furos, que quanto a ribeira achou sobre elle, & seus contornos, barcas, moveis, gado, & outras cousas tudo foy destruido, & assolado, & tantas casas derribadas, que na boca do mar Adriatico, pella parte de Veneza, onde o Po descarrega, se viraõ por espaço de tres dias montes de feno, & palha, lan, carretas, pipas, arcas, & outros moveis, que a agua havia tirado de Lombardia, do Ferrarez, & do Milanez, por tempo de hum mes, em o qual inundou mais de cem legoas de terra, onde morreraõ afogadas mais de doze mil pessoas, & mais de trinta mil cabeças de gado, assi cavalos, como boís, & outro gado miudo.

De Amstardam aos 9. de Março de 1643.

[Letra capitular] EM a cidade de Sturgard em Alemanha, no fim do anno passado, & principio deste, forão vistos doze prodígios; a saber: o primeiro que choveo duas veses sangue em a dita cidade, & seus contornos. 2. que a terra se estremeceo ali trasordinariamente. 3. que todas as portas de seu Castello se abrirão por si mesmas. 4. que o sino do Castello tangeo por si mesmo. 5. que no mesmo lugar foy ouvido hum ruido, & hum estrondo tão espantoso, que temendo o Duque & sua corte, que se queria de todo arruinar, quiserão mudarse a Kirkenheim. o 6. que dentro da Camara do Duque foy ouvido hum huyvo espantosissimo, sem saber a causa delle. 7. que querendo o Duque fazer viagem, ja mais os cavalloos puderão passar á vante,

nem tornar atras: & que aparecerão no ar dous homens, hum com hũa fouce, & outro com hum alfange nas mãos: o primeiro, como quem andava cegando, & o segundo jugando com o dito trançado, á direita, & á esquerda. 9. que o Ceo se abrio, & apareceo por muito tempo aceso em fogo. 10. que hum cão negro (cuja vista foy sempre funesta aos Duques desta caza) apareceo, & desapareceo logo. 11. que foy ouvido hum trovão grãdíssimo, estãdo âtes o ar muyto claro, & sereno, de q̃ todos ficarão cõ grade admiração. 12. q̃ hũa cãdea se acêdeo por si mesma é a capella dos paços do mesmo Duq̃. Os sucessos farão ver a verdade, ou para melhor diser, vaidade destes agouros.

De Lião aos 10. de Março de 1643.

[Maiúscula] Esta somana passou por esta Cidade, caminho da Corte, o senhor de la Iarrie-Montigni, gentilhomen do Embaixador de França em Roma, o qual partio de Roma aos vinte do passado. Trouxe por novas que avendo o dito Embaixador recebido em Bommarzo duas cartas do Cardeal Barberino, pellas quaes lhe assegurava, que tornandose a Roma, receberia grande contentamento, & havendo tambem tido ordem da Corte, & cartas do Nuncio de Sua Santidade pera o mesmo, elle se havia voltado, depois de haver estado em Bemmarzo perto de sete somanas: onde o R. Padre Mazarino Dominico o veyo tambem buscar pera o mesmo fim: de sorte que chegou a Roma aos sete do passado; enviando primeiro hum gentil-homem seu diante, a pedir que ninguem o viesse receber: mas nem por isso deixou o dito Cardeal Barberino de lhe enviar sua carroça, em a qual hia o dito P. Mazarino, & algũas pessoas mais: o qual á sua chegada foy recebido com muytos cumprimentos, & gratificações, assi dos Franceses, como dos afeiçoados á nação, com grande sentimento da facção Castelhana, que esperava diferente efeito de sua ausencia. Quanto ao Bispo de Lamego dízem, que não o havia o Papa de receber por Embaixador, por quanto os Castelhanos publicavão, que estava irregular, por haver tomando armas, no encontro do Embaixador de Castella, com elle, que he cousa galantíssima; mas que sem duvida receberia o primeiro Embaixador, que tornasse de Portugal, & que entre tanto daria hũa ordem particular pera os negocios beneficiarios do dito Reyno o dito Embai-/

Embaixador de França teve logo audiencia de hũa hora, & meya do dito Cardeal Barberino, & se espera que brevemente a terá muy favoravel de sua Santidade. Quando o illustrissimo de Lamego Embaixador de Portugal se sahio da Corte de Roma, fez hũa protestaçaõ a sua Santidade na maneira seguinte.

SANTISSIMO PADRE, E BENDITISSIMO

Senhor.

[Letra capitular] *DOM Miguel de Portugal Bispo de Lamego representa a voßa Santidade com este memorial, por naõ ter licença para o fazer ajoelhado aos pés sagrados de voßa Santidade, como logo que os tres Estados do Reyno de Portugal aclamaraõ por Rey ao Serenissimo Rey Dom IOAM IV. Duque de Bargaça, como suceßor universal da Serenissima Senhora Dona Caterina Sua Avò, usando da faculdade, que de direito lhes competia, pera resolver, julgar, & determinar a divida sucessaõ por morte do Serenissimo Rey Dom Henrique, que falecera sem descendencia, foy elle orador destinado por aquella Magestade, para em seu nome vir render obediencia a vossa Santidade, & impetrar sua bençaõ Apostolica, & sendo entrado nesta Curia em 20. de Nouembro de 1641. & procurando dar comprimento a sua comissaõ, bejando os sagrados pés de vossa Santidade, foy ordenado fizesse informar primeyro a congregaçã, que vossa Santidade pera tal effeito deputasse: & dandose exêcuçaõ a esta ordem, por palavra, & por escrito, naõ sô se naõ tomou resoluçaõ no sustancial da aceitaçaõ desta obediencia, más nem ainda se lhe permitio chegar à presença de voßa Santidade: do que sendo informado a Magestade do dito Rey, da desautoridade, & pouca segurança, com que elle orador assistia nesta Corte, ouve por bem de se resolver, que se atê outro tal dia de 20. do presente mes de Novembro, no qual se cumpre hum anno inteiro de sua entrada nesta Curia, voßa Santidade, naõ fõsse servido de o admitir, como Embaixador, ou assinalar dia para o fazer, se ouveße por respondido, & se sahisse de Roma, por quanto da parte de Sua Magestade se tinha instificado, & feito notorio ao mundo tudo quanto inteiramente compria com a obrigaçaõ de Rey Catholico, & obediente filho da Igreja Romana, & Sê Apostolica,*
acu-/

acudindo logo què foy restituído aos Reynos que de direito, & iustiça clara lhe pertencião, & com violencia lhe havião sido usurpados, dos quaes plenariamente em todas as partes, & membros daquella Coroa estava de posse ha dous annos, iurado, & obedecido, sem duvida, nem contradição, & dà a devida obediencia a voſſa Santidade, em Seu nome, & de Seus Reynos, reconhecendo, & venerãdo o como pay uniuersal do povo Christão, cabeça da Igreja Catholica, & Sucessor do Apostolo Sam Pedro, sem pedir a voſſa Santidade declaração, ou confirmação do titulo de Rey, da qual não necessitava, nem ajuda para se defender, & sustentar, nem outra cousa mais que a benção Apostolica de vossa Santidade: sendo tambem notorio, que os gloriosos Sumos Pontifices predecessores de vossa Santidade admitirão sêpre as Embaixadas, & receberão sê cõtradição a obediencia dos Principes poſuidores dos Reynos, & ainda dos intrusos, sem que ja mais excluíssem nem os dos herejes, & infieis: & havendo hum anno que sò a este negocio assistia elle orador nesta Curia, fazendo tantas instancias, & tão apertadas diligencias pera aver de ser ouvido, & admitido, & provando com, evidentes rasoês, exemplos, & documentos a precisa obrigação, que havia pera haver de ser recebida esta Embaixada, não sò se lhe não deferio, mas nem elle orador foy ouvido, como pertendente ordinario, negãdoselhe a entrada a voſſa Santidade ainda privadamente, pera lhe representar o escandalo, & graves inconvenientes que podia resultar de ser assi tratado, dandose com isto ocasião, a se poder presumir que obravão mais com voſſa Santidade as contradições delRey de Castella, que justiça, & obrigação de suprema cabeça da Igreja, que não devia atender a outra dependencia mais que à da mesma justiça, sem se inclinar a probabilidades temporaes, em materia meramente espirital, qual he hum acto de Rey Christão render obediencia ao Vigairo de Christo: assi que havendo Sua Magestade cumprido tudo o que devia, ficava por conta dos que aconselhão a vossa Santidade o haveremna de dar diante do divino tribunal dos danos, que se siguissem da resolução tão pouco esperada, & que não podendo a reputação real tolerar mais tempo a desestimação, & pouco respeito, com que he tratado publicamente era forçoso conhecer o desengano, de que neste Pontificado não havia que esperar melhoria do agravo, que se lhe tinha feito, prezervando pera outro a emmenda, & satisfação delle, pello que cõ a de-

*vida reverencia, & humildade, postrado de novo aos sagrados pés de voſſa Santidade pede elle orador inſtãtemête ſe ſirva vossa Sãtidade de considerar com piedade paternal as demonſtrações, que por parte de Sua Mageſtade ſe tem feito, as deſconſolações, & deſordens, que de preſente ſe padecem naquelle Reyno, no eſpiritual, & os perigos, & danos, que podem resultar ao diante, pera que inclinado a ſua natural piedade, & juſtiça, queira aceitar a obediencia do dito Rey, & Reyno, & lançarlhe
Sua benção Apostolica.*

EM LISBOA.

Comtodas as licenças necessarias,
& Privilegio Real.

*Na Officina de Lourenço de Anvères.
Anno de 1643.*

Taxam eſta Gazeta em ſéis reis. Liboa^[sic] 23, de Mayo de 1643.
Coelho. João Pinheiro.

**GAZETA
DO MEZ DE
MAYO DE 1643.
DE NOVAS FORA DO REYNO.
EM A QVAL SE RELATA ADITOS A MORTE DO PADRE
*Thomas Hollanda da Companhia de Iesu. E se contaõ va
rios tributos, & presentes, que se fizeraõ ao
Grão Turco.***

De Narbona a 20. de Março de 1643.

[Letra capitular] Escrevem de Barcelona, que depois do successo de Mirabel, o Governador de Monção ganhou aos Castelhanos hum quartel de cavalleria, com posto de sessenta homens: os quaes todos ficarão, ou mortos, ou prisioneiros, & o mesmo Capitaõ com seus filhos.

De S. Diniz aos 21. de Março de 1643.

[Letra capitular] AOs oito deste mes das seis para as sete horas da tarde, chegou a esta cidade o corpo da Raynha mãy; o qual foy recebido de todos os religiosos desta celebre Abbadía, & de todos os maís ecclesiasticos, & moradores della, segundo as ordens, que elRey lhes havia mandado pello Bispo de Meaux esmoler de Sua Magestade, & foy depositado em esta S. Igreja onde espera as magnificas honras do officio solene, que se lhe prepara.

De S. Germão em Laya aos ditos 21. de Março de 1643.

[Letra capitular] Esta somana passada o Reverendo P. Dinet, da Cõpanhia de Iesus, insigne por sua piedade, & doutrínà foy escolhido delRey pera seu confessor: por quãto o R. Padre Sitmond alcansou de Sua Mag^{de}. licença pera se retirar por sua muita idade.

De Vienna aos 22. de Março de 1643.

[Letra capitular] O Archiduque Leopoldo, deixado o governo de seu exercito, se partio a somana passada daqui pera Passavv: & he fama, & muy cõmum, q̃ sua intenção he deixar o Mũdo, & em

tregarse, o restante de sua vida, ao serviço de Deos somente. ElRey de Hungria depois de haver largo tēpo deliberado sobre a eleição de outro General, em lugar do Conde Piccolomini, q̃ vay a Espanha, acabou finalmēte cō o conde Galas, que aceitasse este cargo.

¶ Temos aqui aviso que o Graõ Senhor se quer passar a Andrínopoli, onde tem mandado fazer grandes preparações de guerra, & isto junto com a boa intelligencia, que ao presente té cō o Principe RogotzKi, não pode deixar de nos dar muito em q̃ cuidar: & o receyo obrigará verdadeiramēte a elRey de Húgria, a por suas tropas ē campo, mais tarde doque havia determinado.

De Hamburgo aos 24. de Março de 1643.

[Letra capitular] ELRey de Dinamarca, como medianeiro da paz geral, tem assinalado aos 25. de mayo proximo, pera publicar a jūta q̃ pera este fim se ha de fazer em Mūster, & em OsnabruK: visto cōsētirē nella todos interessados. O q̃ obrigou aos Embaixadores, & Residētes, q̃ nesta Corte assistē, a escreuer a seus frēs.

¶ Os estados da provincias unidas tem aceitado os passaportes, que elRey de Castella lhes mandou dar, pera enviarē com toda segurança seus deputados a esta junta.

De Genova aos 25. de Março 1643.

[Letra capitular] Temos aquí por novas, que o galeão capitaina de Napoles se queimou em hum porto de Minorca, com perda de toda sua artílheria, moniçoēs, gente, & quanto tinha.

De Marselha aos 26. de Março de 1643.

[Letra capitular] O Grão Turco arma sessenta galēs; as quaes se dizem estão destinadas contra a Christandade, mas Deos lhe assistirá por sua misericordia, cō seu fauor, cōtra inimigo tão poderoso.

De Veneza aos 28. de Março de 1643.

[Letra capitular] OS que aqui vem do cerco de Tortona dizem, q̃ aos 13 deste mes, 400. Franceses, dos q̃ assistē naquelle Castello, fizerão hũa saida sobre hum quartel de milícia Castelhana, & despois de lhe haverē morto muyta gente, lhe tomarão todos os Vivres, & os levarão ao Castello: aos quinze seguintes fizerão outra sobre a cidade, em aqual matarão muitos inimigos.

¶ De Milaõ nos escrevē aos mesmos 15. q̃ os Frāceses estavaõ sobre Alexandrim, & Monpavona perto de Mōte Castello, cō intētos de passarē o rio Tanaro; & q̃ o Governador daquelle

estado enviara por aquella parte ao mestre de câpo Bríto cõ o terço de infãteria de D. Vicête Gõnzaga, míl cavallos, & 3. peças de artilheria, & o Marques de Caracena cõ o resto de cavalleria pella parte de Valêça, Brema, pera lhes impedir a dita passagem.

De Oxford ao 1 de Abril de 1643.

[Letra capitular] São aqui vindos muytos correynos a dar a S. Mag^{de}. Brítanica as boas novas da chegada da Raynha de Inglaterra, de Burlingtõ a YorK, cõ todas as armas, & moniçoês, q̃ de Holláda trouxe. O Cõde de Northampton, & o Coronel Hasting do partido real, trabalham muyto por ganhar a cidade de Lichfield, onde o Milord Brook foy morto: pera este effeito se té chegado a ella, & em sua marcha mataraõ cẽ Parlametarios, & fizeraõ prizioneiros a alguns 80. O Conde de Northumberland deputado da Camara alta, & 4. mais da baixa, são chegados aqui de Londres, pera tratar cõ sua Ma^{gde}. Britanica no tocãte a hũa suspensão de armas: em aqual se diz, q̃ S. Ma^{gde}. nao quererá vir, sê se dar liberdade ao comercio, q̃ pellas duas Camaras he reprovada, cõ temor q̃ os do partido real, de q̃ ha grão numero em a cidade de Lõdres, & noutras partes, tirem com este pè de cantiga, pendente o dito tratado, seus bês, & moveis mais preciosos.

¶ São chegados de Bistol â Bahia real 16. navios, bem guarnecidos de gente, moniçoês de guerra, & mantimentos, os quaes se foraõ offerecer ao serviço de S. Ma^{gde}. Britânica. O exercito do Conde de Castel-novo se tem engrossado de maneira que o fazem chegar de presente a mais de 18 míl homens.

De Londres a 2. de Abril de 1643.

[Letra capitular] A Camara baixa deliberou a somana passada sobre esta questãõ, a saber, se podia mandar sair aos Capuchinhos da Raynha de Inglaterra fóra do Reyno, & concluyo affirmativamente: & assi fes advertir aos padres que se preparassẽ pera sua partída: o q̃ deo sugeito ao Agente delRey Christianissimo pera ir á dita Camara, & fazer seu protesto cõtra o sobredito intento. E mostrandosse os da Camara alta agravados deste processo, disendo que a Camara baixa lhe quebrava seus privilegios, por haver dado aquella sentença sem seu conselho, & parecer: hũa & outra cousa fez deter ategora aos ditos padres Capuchinhos.

f.º 2 – v.º

Mais de S. Germão em Laya aos 10. de Abril de 1643.

[Letra capitular] AOs 2. deste mes mōsiar Delphím crecêdo cada ves maís em piedade, como em grandesa, vigor, & fermosura, seguindo os altos exemplos de seus progenitores, fes aqui a cerimonia da Cea lavando os pès aos pobres.

Mais de Venesa aos 2. de Abril de 1643.

[Letra capitular] O interesse, q̃ a Christandade tē dos negocios dos Turcos, principalmēte em tēpos, em q̃ cada hũ falla de paz, q̃ por ninguē pode ser mais perturbada, q̃ por elles, servirà de escusa a coroosidade, q̃ temos de vos dar cõtado q̃ se passa naquelles Estados. De Cōstātinopla nos escrevê, q̃ aos 8 do mes de setebro chegara áquella cidade o tributo do Bey, ou Principe de Moldavia de 80. cargas de moeda, sēdo cada carga de mil plastras, ou patacas, & de 40 cargas mais pera o presētes ao Vizír, & Mufti, como aos demais officiaes daquella Porta. Ao outro dia, q̃ forão 9. chegou tãbê o tributo do Bey de Valachia de 170. cargas de moeda, & algũas 40. mais, pera os presētes dos mesmos officiaes. Aos 13. o dito Vizir mandou chamar ao Residēte delRey de Hũgria, & lhe pergūtou porq̃ não hia o Embaixador de seu senhor; o Residēte respõdeo, q̃ elle tinha escrito a seu senhor, & per horas estava esperado reposta sua; pello q̃ o Vizir lhe disse, q̃ dētro de breve tēpo não hia o dito Embaixador cō as cē mil pastras, q̃ lhe pedia fizesse elle cota de se voltar, porq̃ não tinha q̃ fazer mais naquella Porta. De maneira q̃ ElRey de Hũgria se hade resolver a mādãr as dita cē mil plastras, & hũ Embaixador, ou mādãr retirar seu Residēte. Aos 15. foraõ cōsignados pera o thesouro de sua Alteza os 10. mil sequins de tributo do Principe de Transilvania, que seu Embaixador, por adoecer no caminho, havia mādado diãte. Aos 23, foy celebrado o Beyran, o a Pascoa dos Turcos, em o qual dia o Graõ Senhor, acõpanhado de seus Vizires, & de toda sua Corte foy fazer suas orações ao tēplo de S. Sophia, & a pōta do ferralho, & todos os navios do porto lhe fizeraõ salva de artílheria. Algũs dias antes o primeiro Visir lhe mādou, como he costume, 3 cavallos de estado, hũ dos quais tinha os arreyos cheyos de rubis, esmeraldas, & outras pedras preciosas; cō as armas é a frôte de ouro, cheyas de muyta pedraria, os estribos de ouro maciço cheyos da mesma, cō hũa cubertura por mãta, bordada de esmeraldas. Sua Alteza, em

reconhecimento de tão rico presente, lhe mandôu dar algumas pelles de martas, & seis, ou sete bolsas de sequins. Aos 28. chegarão âquella porta o Embaixador do Principe de Transilvania, & tendo audiencia do graõ senhor lhe fes presente de alguns nebris, & vasos de prata dourada: & logo foy regalado, com he uso, de hum vestido de brocatel, & assi quatro mais de sua companhia. O Embaixador delRey da Persia foy finalmente admitido, ainda que primeiro se lhe deo a entender, que não o receberião, atè que o seu senhor não mandasse arrasar de todo a fortaleza de Tertina; a qual he hũa praça sita na fronteira de Turquia, & de Persia, pella parte do mar Caspio, edificada pellos Persas, havera quatro pera sinco annos, em perjuiso do tratado de paz, feito entre elles, & os Turcos. O q̃ o Embayxador de Persia trouxe ao Graõ Senhor, forão cêto & quarenta vestidos (entre os quaes havia oitenta de tella de ouro, das melhores obras, que ja mais foraõ vistas no serrallo) muytas alcatifas, quantidade de maça, ambar, tellas finas pera turbantes, apertadores de seda, aljavas, arcos, & frechas, traçados de excellente tempera, vasos de Percelana, sincoenta, ou sessenta camellos, & quatorze Cavallos de grão preço: Sua Altesa lhe deo hum fermoso vestido de brocatel, & assí a trinta de sua companhia.

De Paris a 12. de Abril de 1643.

[Letra capitular] DE Madrid avisaõ, que o Duque de Fernandina está ja solto, & lhe entregão as armadas marítimas. O Conde Duque ainda retirado, mas entendese que na graça delRey, por quanto seu escritório está no mesmo ser, que de antes, & despacha o Protonotario, & a Condeça em Palacio. Dizem que hũa mulher dissera a elRey, que estava emfeitiçado, & que ella o queria desenfeitiçar; a qual mulher está recolhida em casa do confessor. Que he fama que elRey quer sair em campanha, & que pera esse effeito se faz muyta gente. He chamado o Picolomini de Alemanha pera as guerras de Castella: mas o dinheiro em todo aquelle Reyno he muyto pouco; & elRey tomou toda sua prata, & pedio a todos os grandes, senhores, & Ecclesiasticos a sua, & disem que tè as alampadas das Igrejas, com titulo de emprestimo, atè a vinda dos galeões, & tudo mandou bater em moeda. Os mercadores se queixaõ, que

A3

não/

f.º 3 – v.º

não podem negociar pello muyto que val o dinheiro. Vão pera Indias este anno doze galeões. Estão eleitos Monsiur de Xavígni secretario, & do Conselho delRey, & o Cardeal Mazarino pera Alemanha, mas estão ainda devagar, porque tratão de partir em Iulho.

Mais de Marselha a 17. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] HE chegado a esta terra hum cativo de Argel, que disse eraõ saídas daquelle porto setenta vellas, das quaes se haviaõ ja recolhido quinze com vinte & duas presas; entre ellas hum navio Framengo, que levava tresentos & setenta & hum mil crusados em patacas, & muyto azeite, mais outra nao Framenga com quatrocentas botas de vinho; mais hũa nao Inglesa riquissima; outra do Reyno do Algarve com tresentas pipas de azeite; mais hum pataxo delRey de Portugal, o qual saíndo de Mazagaõ em tres de Fevereiro passado, encontrou aos sete, perto do Cabo de Sam Vicente (onde havia ja vinte & quatro horas, que andava sem leme ao paio) hum navio de Turcos, & querendo salvarse delles, tratou de buscar algum porto, em que se pudesse meter, mas apertou tanto o vento com elle, que lhe levou as vellas, com o que determinaraõ arribar aos mesmo porto donde havia saido, porem o vento lhes não deo a isso lugar, & assi se fizeraõ na volta de Gibraltar; & estando de fora preparandose pera seguir sua viagem, veyo hum navio da terra do mesmo porte, mas com mais de cem homens, & abalroaraõ com elle, na qual occasiaõ os Portugueses, ainda que muyto menos em numero a seus inimigos, se ouveraõ com tanto valor, que com morte de mais de trinta Castelhanos se desatracaraõ, & se o pataxo Portugues não estivera desparelhado de vellas, & de leme sem duvida rendera o seu contrario. Quiseraõ despois continuar sua viagem pello estreito, quando de Tituaõ lhe sahio hũa nao de vinte & duas peças de artilheria, & dusentos & sincoenta Turcos, & como o acharaõ taõ destroçado, & sem moniçoës ja pera se defender, o renderaõ com facilidade, & o levarã a Argel, onde todos os Portugueses, que hiaõ no dito pataxo, ficaõ viuos, sem faltar pessoa algũa. Deos os livre de cativoiro, & leve em pas a sua pátria, & casas.

RELA-/

RELAÇÃO DA DITOSA
*morte do Padre Thomas Hollanda Sacer-
dote da Companhia de Iesus, Ingres de
nação, & natural da Provincia
de Lencastre no Reyno de In-
glaterra. Escreveo a hũ In-
gles Catolico, que se a-
chou presente.*

[Letra capitular] FOy prezo o Padre Thomas Hollanda na cidade de Lódres, corte dos Reis de Inglaterra, & Metropoli daquelle Reyno (menor theatro não bastava pera as façanhas de tão illustre cavalleiro de Christo). Esteve preso seis somanas: chegou o tempo de hũa das quatro audiencias geraes do anno: foy levado a juizo, entre ladroës, & malfeitores, pera que nem esta gloria de padecer por Christo lhe faltasse; com valor gozoso appareceu diante dos Iuizes: fizerãolhe varias perguntas, entre outras, se era Sacerdote? respondeo, que quem por tal o acusava, que lho provasse, que elle estaria pellos autos, & leys do Reyno, porem os acusadores, que eraõ quatro, jurarão somente, que o havião visto estudar em Castella pera sacerdote, mas q̃ não sabião se o era: porẽ q̃ sabião q̃ prometião os q̃ estudavão em taes casas, & collegíos de o serem pella doutrina, & estudo, que nelles recebião. Com tudo os Iuizes por estas sospeitas sòmente fulminarão sentença de morte contra o valeroso soldado de Christo, nem esperarão replica, nẽ treplica, nẽ embargos, nẽ admittirão defesa algũa, contra as leys do Reyno. A forma da sentença foy a seguinte.

[Letra capitular] POr quanto a este tribunal lhe consta serdes Sacerdote, mandamos que morrais por traidor, conforme as leys do Reyno. Tornareis ao lugar donde viestes, que he a cadea de Neugate, & della saireis a arrastar por traidor, ao rabo de cavallos, pellas ruas publicas, ate o lugar de Tiborne, & abi sereis enforcado, & meyo vivo vos lançarão abaixo; & logo vos abrirão as entranhas, &

arran-/

arrancarão o coração, & o mostrarão ao povo, & as entranhas cõ elle serão lançadas no fogo, & voſſo corpo esquartejado, & os quartos pendurados pellas portas de Londres.

¶ Pronunciada a sentença levantou o servo de Deos os olhos, as mãos ao Ceo, & deo graças à divina Magestade pella merce que lhe fazia de dar a vida pella confissão de sua Fè Romana, & Apostolica: & logo com sembrante de vencedor disse pera os Iuizes liberalmente vos perdoo tão injusta sentença, dada somente por sospeitas, & leves indicios, contra as leys do Reyno, & tambem perdoo ás testemunhas, que jurarão contra mim, porem não permitta Deos, que no tremendo tribunal do día do Iuizo não clame meu sangue contra vos, daqui o levarão outra vez á cadea, em hum sabado dez de Setembro de 1642. Passou o restante deste dia, & o domingo seguinte com visitas de Religiosos, & outras pessoas de grade calidade q̃ por sua devação o híaõ visitar. A segunda feira doze do dito mes disse missa na prisão, & comungou a muytas pessoas devotas q̃ cõcorrerão pera o ver, & ouvir sua pratica, & doutrina. Pellas oito horas da mesma manhaã chegou a Iustiça, com grande estrondo, & estrepíto criminal, & o tiraraõ da Cadea, & deitaraõ em hum carrinho baixo de altura de hum palmo do chaõ, sobre hũa pouca de palha, & depois de o amarrarem bem, o foraõ arrastando por dous cavallos pellas ruas publicas, ate o lugar onde padecem os malfeitores: chegou a Tiborne, lugar de seus triumphos, & posto que muyto enlameado, a lama lhe parecia gala: o algoz o desamarrou do carro, que verdadeiramente pera o servo de Deos foy carro triumphal, deste subio a outro mais alto, prevenido ja pella justiça, donde com cortès alegria fez suas continencias aos senhores, & senhoras Catolicas, & aos mais que erão muytos, & povo sem conto. Logo pedio licença aos ministros da justiça pera mostrar em publico a sem rasaõ, com que o matavaõ, contra as leys do Reyno, & pera se despedir daquelle povo. Tanto que hum dos ministros lhe acenou com a licença, elle, em alta voz, pedio atenção, & começou hũa pratica admiravel. Comecemos (disse elle) pello final da Crus, que os Calvenistas entranhavelmente aborrecem, & com este sinal demos princípio a esta nossa gloriosa acção,

pera/

pera que tenha o fim, que desejamos. Em nome do Padre, & do Filho, & do Spírito Santo, tres pessoas, & hum só Deos verdadeiro. Ha neste auditorio quem se escandalise deste sinal? aqui parou hum pouco, & tanto que vio que ninguem lhe respondia, prosiguiu seu atresoadado, & provou com textos, & pontos de direito concludentemente, como fora condenado sem algum genero de prova. E logo tornou de novo a pedir atenção, & a perguntar: Ha neste auditorio alguem, que me visse obrar cousa mal feita, ou contra Deos, ou contra elRey? depois de parar, & ver, que ninguem respondia, disse: aqui tem lugar o nosso vulgar proverbio, *quem calla consente*; todos logo confessais que morro innocente, & contra direyto, sem prova iuridica? pois agora quero eu declarar quem sou, meu estado, minha profissão, & mínha ventura.

¶ Eu sou Sacerdote, posto que indigno da Companhia de Iesus, Religião, que he coluna da Fè Romana, & Apostolica, em que somente ha salvação. Eu sou o Padre Thomas Hollanda desta illustre nação: sou natural da Provincia de Lencaster, bem conhecido nella pellos Catholicos Romanos, porque de meu nascimento fuy sempre Catholico Romano: nesta vivi sempre, nella espero morrer, porque assi como não ha mais que hum só Deos, assi não ha mais que hũa só Fè, que ha salvação, esta he somente a Romana, que nossos antepassados por tantos annos professarão, com hũa prodigiosa & contínua successão de espantosos, & milagrosos successos, como testemunhão tantos annaes Anglicanos. Nesta me corroborei mais em Espanha, Alemanha, França, Flandes, & outras provincias, onde estudei muyto de veras todos os fundadores da verdadeira religião, & sempre achei, que os das contrarias eraõ falsos, & so os da Romana verdadeiros, & que só nella podia haver salvação.

¶ Aqui desfes alguns dos fundamentos da falsa ceita de Calvino, mas hum ministro della interrompeo o discurso, & bradou: senhor Hollanda, pare vossa merce, pera que são tantas rasoês? cuidaraõ os rudes, que ouvem essa sua doutrina que he verdadeira, & logo entendeo com os ladroês, que morrião em Companhia do Servo de Deos, & os preverteo ainda mais do que estavaõ. Virou o Apostolico varaõ as co-
stas/

stas ao impío pregador, & sua doutrina, & levantando as mãos, & rosto pera o Oriente, esteve immobil por hum quarto em profunda contemplação: depois se tornou a virar, & em alta, & sonora voz disse: Senhor meu, & Deos meu, vos me criastes, & remistes com vosso precioso sangue, eu vos dou infinitas graças por todas as merces, que me fizestes, & agora particularmente por esta de dar a vida pella profissão, & confissão de vossa Fè Romana, & Apostolica, eu vos torno a vida, & alma, que me destes. Oh quem tivera muytas mais pera vos sacrificar! quem por vosso amor padecera todos quantos tormentos padecerão vossos invictos martyres!

¶ E porque o algos hia fazendo seu officio, meteo a mão na algibeira, & tirou hūas moedas embrulhadas em hum papel, & lhas meteo na mão, disendo que perdoasse, que não tinha mais, que sempre vivera como pobre de Christo. O algos lhas aceitou com o chapeo na mão. Logoo defensor da Fè Romana se pos de joelhos no carro, em que ultimamente havia de triumphar, com os olhos no Norte, & em alta voz fes a Deos a vltima recomendação de sua alma, & lhe pediu perdão pera seus inimigos, & lhe encomendou com notavel affeito, & força de espirito a redução de Inglaterra. Depois de rogar a Deos por todos, se tornou alevantar em, pè sitio, & postura de Capitão triumphante na morte gloriosa. Logo os algoses derão hum açoute nos cavallo, que partindo, ficou o servo de Deos pendurado no ar, com as mãos postas no Ceo, sem fazer no rosto esgar algum, antes vestio hum semblante ainda mais sereno, & alegre.

¶ Meyo vivo o cortaraõ abaixo, & o despiraõ nù, & o abriraõ pellos peitos, & lhe arrancaraõ o coração, que vinha palpitando, & como triumphando. O algos o mostrou ao povo com a costumada cerimonia, & solenes palavras, dizendo, vedes aqui o coração de hum traidor, & Deos guarde a elRey, & o deitaraõ no meyo de hūa fogueira, que preparado tinhaõ, com as entranhas juntamente, & despois fizeraõ o corpo em quatro quartos, que dependuraraõ pellas portas mais principaes da cidade, pera que aquelles tropheos da Fè Romana, fossem de todos mais vistos, & taõ alto os levantaraõ, que sô com os olhos lhe podiaõ chegar.

Foy/

¶ Foy esta cruel execução sentida ainda dos Hereges: & com ella grãgearão os Iuizes pera si odio, & malevolência, & pera o cavalleiro de Christo gloria, & eterna fama. Foraõ comigo presentes tres sacerdotes, fóra outras muytas pessoas Catholicas, em Londres a 12 de Dezembro de 1642.

¶ Esta Relação confirmaraõ depois em este Reyno algũas pessoas, que assistiraõ nesta fermosa acção do servo de Deos Thomas Hollanda, que na verdade foy hum espectaculo de honra para Deos, de esforço pera os Catholicos, & de psalmo pera os hereges. Na divina bondade esperamos, que seu sangue vertido pellas praças de Londres, por teste munha da Fè Romana, torne a consagrar aquella grande cidade, & todo aquelle Reyno na verdadeira crença, & Religiaõ, que seus mayores outro tẽpo patẽtemente professaraõ.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias,
& Privilegio Real.

*Na Officina de Lourenço de Anveres.
Anno de 1643.*

Taxam esta Gazeta em seis reis. Liboa^[sic] 10, de Junho de 1643

Coelho.

Ribeiro.

f.º 6 – v.º

[fólio em branco]

**GAZETA
DO MES DE
IVNHO DE 1643.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM A QVAL SE CONTA HVM NOTAVEL PRODIGIO, SE
relatão as Raynhas de França que tiuerao o Governo do Reyno &
tutoria dos filhos, & as Cortes, que se fizerão em França
despois do falecimento delRey Luis XIII.
cognominado o justo.*

De Vienna o primeiro de Mayo de 1643.

[Letra capitular] ESTA somana chegou a esta Corte hum Embaixador Tartaro, com algũas vinte & sinco pessoas. Vem por parte do Grão Kam da Tartaria, a renovar as antigas amizades com ElRey da Hungria, aquem fez hum prezente de arcos, frechas, & aljavas somente, segundo o costume daquella nação.

¶ A viagem delRey de Hungria está novamente remetida pera os quinze de Iunho, assi por causa de se haver armado o Principe de Transilvania, como pello temor, & receyo, que se tem dos moradores desta cidade, & de seus contornos, os quaes dão a entender estarem muy descontentes. Entendese que se não deterá muyto em Pragua, mas que passará logo a Franfort sobre o Mein, a fim de estar mais perto dos lugares, onde se ha de fazer a junta da paz geral, pera assistir na qual ElRey de Castella tem nomeado o Marques de Castel Rodrigo seu Embaixador nesta Corte.

¶ Os Valacos estão levantados contra elRey de Hungria, por lhes haver (dizem elles) violado os seus privilégiõs, & elegerão por sua cabeça a hum de sua nação, muyto experimentado em as cousas da guerra.

De Dunquerque aos 2. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] NEsta somana sairão daqui oito fragatas nossas a pezar das bombardas dos Olandezes, que inda estão neste porto: as

mais dellas vão pera Espanha, & Irlanda. Tambem partiraõ daqui dous grandes baixeis com os moveis, & domesticos do defũto Cardeal Infante, com passaporte dos Ollandezes, que lhes deraõ quatro navios pera os acompanhar a Espanha.

De Amstardão aos 4. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] O Capitão Cornelio VVeibeck trouxe agora ha pouco ao porto de Texel hum navio, que tomou aos Dunquerquezes, com vinte & oito peças de artilheria, entre as quaes ha doze de bronze, & com trezentos homens de guarnição. Honte sahio do porto de Vlia hũa frota composta de seiscentos baixeis, pera irem ao mar Baltico.

De Hamburgo aos 4. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] Estamos aqui com grande receyo de hum cerco, vendo tão vizinhos de nós alguns regimentos de Cavalleria delRey de Dinamarca, & q̃ em Glukstad tê o dito Rey mandado fundir muita artilheria. O que obrigou ao nosso Magistrado a fazer boa provisao de armas, & de monições, & exercitar de contino quantos se achaõ capazes de tomar armas. Aguardãose aqui brevemente os Deputados Suecos pera a junta de paz geral, afim de se encaminharem a Osnabruk com o senhor Salvio.

Mais de Vienna a 6. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] AOs quatro do corrente teve audiencia delRey de Hungria o Embaixador Tartaro; o qual he da casa de Spínola, descendente dos Genoveses, que algum tempo governarão em Cafa, & outras praças do mar Euxino. O cerco de Olmuts está levãtado. Fez esta cidade dous mil homens pera sua guarda, porq̃ teme de hũa parte os Turcos, & os Transilvanos, & da outra os Suecos: mas são tão poucos os soldados neste pais, que he necessario fazerlhes muitas ventagens. Escrevemnos de Constantinopla, que ja se falla da viagem do grão Senhor a Andrinopoli, & que as preparações de guerra se não continuão ja com tanto vigor como de antes.

De Lubek aos 7. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] HE aqui fama que elRey de Dinamarca tem tomado o forte, que os Suecos tínhaõ em Taurmund, sobre a boca do Canal

por/

por onde passão os baixéis a Rostok, & adonde elles eraõ constringidos a pagar hum certo tributo aos Suecos, que forão lançados delle, entrando os Danos em seu lugar: O dito Rey fas de contino trabalhar em o porto de Altenau junto a Hamburgo: o que obriga á dita cidade a reparar suas fortificações, & a fazer grandes prevenções de guerra. E mandou seu syndico a Haya pera representar aos Estados a consequencia deste novo porto, & pedir-lhes sua assistencia, como áquelles q̃ não são menos interessados, que ella, em a liberdade do commercio, que se faz por meyo da navegação do Elba, pera a dita cidade de Hamburgo.

De Londres a 7. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] AOs sinco do corrente despois do meyo dia quatro Deputados do Parlamento, forão á Igreja de Santa Margarida de VWestmunster, com alguns mais de seu serviço, & quebraraõ todos os vidros, & janellas pintadas, desfizeraõ todos os altares, pías de bautizar, & orgãos.

De Oxford em Inglaterra a 19 de Mayo de 1643.

[Letra capitular] O Cavalleiro, Artur Aston Governador da cidade de Readin cercada pellas tropas do Parlamento, sendo ferido de hum tijolo, que de hũa chaminè derribara hum tiro de artilheria, em quanto andava passeando na rua, foy levado a sua casa sem falla o q̃ o fez incapaz de governar: & assi tomou o governo da praça o senhor Fielding primeiro Coronel, não sem alguns debates com doze Coroneis mais, que ali estavam de guarnição; pello que amotinandose a soldadesca, daqui tomou elle occasiaõ pera por hũa bandeira branca no muro, em sinal de que queria falar, ainda que no mesmo tempo elRey de Inglaterra chegando à ponte de Cassam, que he dali meya legua, lhe mandou encomendar, fizesse hũa saida daquella praça, & desse na retaguarda dos cercadores, em quanto Sua Magestade Britanica o fazia pella vanguarda, ao que elle se repugnou, respondendo que tinha feito sinal, & prometido não fazer nada em perjuizo do tratado, durante elle: o qual se continuou, & concluido, a dita praça foy entregue por composição ao Conde de Essex, que em pessoa a tinha cercado, & o dito Cavalleiro Aston sahio della em humas andas por causa de suas feridas, & assí mesmo o Coronel Fielding, & todos os mais,

A2

que/

que serão quatro pera sinco mil infantes, & quinhentos Cavallos, os quaes se forão ajuntar ao exercito Real, com as tropas dos Principes Roberto, & Mauricio, & aos sete do corrente tirarão pella dita composição quatro peças de artilheria da dita praça, da qual sairão com caixas tocadas, bandeiras despregadas, mecha acesa, balas em boca, com sua bagagem em outenta carretas, das quaes forão pilhadas algũas pella soldadesca, não obstante o cuidado, que nisso o Conde de Essex teve, castigando por isso alguns. Os Parlamentarios acharão a praça tambem monida de tudo necessario pera resistir muy largo tempo, & tambem fortificada, que mil & duzentas balas de artilheria, que contra a praça forão tiradas, não haviaõ feito mais que hũa brecha de sinco pès: por cuja causa o dito Coronel Fielding foy chamado ao Conselho de guerra, residente nesta cidade, & se provou haver recebido do Parlamento por entregar a praça vinte mil iacobos, que fazem soma de cento & vinte mil cruzados, & assi foy condenado a passar pellas armas. A cidade de Londres ficou tão glorioza da entrega desta praça, que mandou ao Conde de Essex quarenta mil íacobos, que são duzentos, & corenta mil cruzados pera pagar seu exercito, & hum presente de sinco mil iacobos, que são trinta mil cruzados pera elle. Porem elRey de Inglaterra tornando a ganhar a dita praça, lhe mandou derribar todas as fayas, & alhanar todos os fossos, que ao redor della estavam, afim de ali por em batalha mais commodamente a sua Cavalleria, em que he mais forte, que os Parlamentarios, aos quais mandou dezafiar, & elles se avançarão tambem de sua parte pera o invadirem com seu exercito, o qual he mais forte na infantaria.

¶ Aqui nos chegarão novas da preza da cidade de Lèedes, que as tropas do Conde de Castel novo haviaõ cercado, onde o Milord Fairfax General das armas do Parlamento, em o país do Norte, foy feyto prisioneiro, & mandado ao Castello de Ponfret.

¶ Tambem o General King do partido Real tomou ha pouco ao Parlamento a cidade de Notíngnam capital da provincia do mesmo nome.

¶ O Doutor Homes, & o Mestre Burton Parlamentarios estabelecerão aos onze de Abril passado hũa congregação, que refuza a administração dos Sacramentos da Cea, & do

Bautis- /

Bautismo a todos os que não forem assentados em a lista. Em a qual congregação elles se atribuem poder examinar a vida, costumes, & conuersações de seus confrades, lançando da dita confraria, ou recêbendo nella, aquem bem lhes parece: pella qual erecção mostraõ querer imitar seus predecessores do tẽpo da Raynha Elisabeth, pella instituição de hũa nova Igreja, sem o parecer dos Magistrados, & contra as leys do Reyno.

¶ A Crus dourada de Cheapside, hũa das mais fermozas da Christandade, ao redor da qual estavão muytas, & bellas imagens de pedra, & de chumbo tambem douradas: aqual excedia em sua altura ás mais altas casas de Paris, & q̃ havia custado a pintar dez mil iacobos, q̃ são sesenta mil cruzados foy arrastada por ordẽ das duas Camaras, fazendolhes guarda hũa cõpanhia de cavalleria, & de infantaria, atẽ se acabar a obra, com temor, de q̃ vendo alguns arruinar este maravilhoso sinal de antiguidade, não o quisessem defender. E as ditas estatuas de chumbo dourado forão convertidas em balas de mosquete.

De Avinhaõ aos 15 de Mayo de 1643.

[Letra capitular] EScrevemnos que os dous baixéis, que ha pouco tempo partiraõ de Tolon, tem tomado por empresa, he a saber de subito, a Caète, hum dos melhores portos do Reyno de Napoles.

De Perona aos 19. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] AOs dezasete deste mes chegou a esta cidade Madama duquesa de Orleans; aonde teve a honra de a receber a Duquesa de Chaulnes, havendo ido esperalla ao meyo do caminho de Cambray, acompanhada de muitas senhoras de condição, & de muita cavalleria. Daqui partío o seguinte dia pera Chaulnes, onde a dita Duquesa a recebeo tambem, & tratou com toda a magnificência, que lhe foy possivel, & despois a acompanhou mais tè fõra do governo da Picardia.

De Paris aos 23. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] AOs treze deste mes passou por esta cidade o corpo do Cardeal infante, pera ser condusido a Espanha.

¶ Aos dezoito o corpo delRey foy levado de Sam Germão pera são Dínis, sem cerimonia algũa, conforme o que tinha ordenado: deixou sei coração á Igreja de São Luis, casa professa da Companhia de Iesus, q̃ pouco ha foy edificada, & õde o Cardeal Richelieu

de eterna memoria, disse em presença de Suas Magestades Christianíssimas a primeira missa, a nove de Mayo que foy dia da Ascenção de nosso Senhor, anno de 1641. a qual fica na rua de Santo António: que tanto amou o Rey defunto a dita Companhia, que quando tomou as mãos de Monsiur o Duque de Orleans, & da Raynha, sobre lhes encomendar a uniaõ, & concordia, lhes disse tâbe, q̃ estimassem muito a companhia de Iesus, porque nenhũa cousa depois de Deos elle tão amara, nê o estado secular de Frãça lhe devia tão a elle, como o da Religião Catholica á Companhia.

¶ ElRey de Castella tem nomeado por seus Plenipotenciarios aos Marqueses de Castel Rodrigo, & Spínola, aos Condes da Roca, Zapta, & ao doutor Bron.

¶ Em Catalunha se entregou por trato, depois da vitoria de Val de Aram, a cidade de Almena ao Marichal da Motha, Vizorrey daquelle Estado.

¶ A Raynha mãy, & Regente do Reyno, sabêdo que nenhũa cousa he mais agradável aos Parisienses, que â vista de seu Rey, com a qual estão em posse de esperar tudo, & de não temer nada, quis que a vontade delRey se concordasse neste particular com a sua, & que verdadeiramente as mas constellações deste funesto dia, que ja nos tem levado dous Reys, de nenhũa maneira diminuíssem as doces influências, & os benignos aspectos, que devem favorecer sua entrada, em hũa cidade, que ella tanto ama, & onde ella he tanto amada, & assi ao outro día quinze do corrente pellas onze horas do dia, Suas Magestades, & Monsenhor o Duque de Anjû acompanhados dos Principes do sangue, Duques, Pares, Marichaes de França, & outros grandes do Reyno, partirão de São Germão em esta ordem; Primeiramente marchava hum batalhão do Regiênto^[sic] das guardas; o qual era seguido de outro datalhaõ^[sic] do Regimento dos Suizatos; da companhia dos mosqueteiros delRey; dos novecentos cavallos ligeiros da guarda de Sua Magestade, & de toda a Nobreza; em meyo da qual hião os Marichaes de França, depois os Duques; & Pares, todos a cavallo: logo a Carroça da Raynha, onde hía ElRey, & Monsenhor o Duque de Anjû, & ao redor della os Capitães das guardas, & todas as guardas do corpo delRey; detras da qual hião os duzentos homens de armas a cavallo, & dous batalhões mais do regimento das guardas Francezas, & Suízaras.

Toda/

¶ Toda esta fermoza tropa, cuja frente era do mais galhardo exercito que ha muito tempo foy visto, chegou nesta ordem atè as portas de Paris, que dista de São Germão sinco legoas; fora das quaes sairão a receber Suas Magestades os archeiros do grão Prevoste, & os cem Suizaros da guarda do corpo, os quaes tomaraõ sua fileira, & marcharaõ em ordem diante da Carroça de suas Magestades. A porta de Santo Honorato, por onde elRey entrou, apresentou o Duque de Mombazon o Prevoste dos Mercadores, & os Senadores desta cidade, que receberaõ a Suas Magestades de joelhos, & lhes deraõ a honra, & omenagem, que lhes he devida: & logo se puserão entre o regimento das guardas em ala desete^[2] a dita porta atè o Luvre, adonde o Parlamento, a Camara dos Condes, a Corte das Ajudas, o Castellet, & outros muitos corpos os vieraõ saudar, & manifestar-lhe a gloria, que estas companhias tinham de sua vinda, & quanto bem esperavão da demora de Suas Magestades em esta cidade Capital de seus Estados.

¶ Ao Domingo dezasete do mes o Senhor de Rhodes, q o dia precedente havia dado a omenagem de Grão Mestre das cerimoniaes & o Senhor de Sentot, que de São Germão foy mandado pera este effeito, advirtiraõ a todos os grandes do Reyno, que o seguinte dia dezoito, havião acompanhar a elRey, & á Raynha mãy ao Parlamento. Em o qual dias Suas Magestades metendose em sua Carroça, com a Princeza de Conde, a Duqueza de Longavilla, & a senhora de Lansac, partirão do Luvre, entre as oito, & as nove horas da manhã, por meyo dos soldados das guardas Francezas, & Suizaras, que estavam postas em ala atè o paço da justiça, & todas as bocas das ruas estavam guarnecidas de soldados, por impedir a fula do povo, que a coriosidade de ver alí trasia: & se foraõ apear à Santa Capella, onde ouviraõ missa, que celebrou o Bispo de Bauvès, durante a qual o Duque de Orleans chegou ao Parlamento, & o foraõ a receber á porta da grande sala dous Prezidentes, & quatro Conselheiros: apos delle chegaraõ o Príncipe de Códè, & o Principe de Conti seu filho: & cada qual tomou o seu assento: depois veyo o Chançarel de França, & foraõ mandados a recebello dous Conselheiros. Acabada a Missa foraõ mandados receber suas Magestades quatro Presidentes, & oito Conselheiros, os quaes conduziraõ a suas Magestades desde a santa Capella atè a grande camara, indo diante os archeiros do grão Prevoste, & logo

os cem Suizaros da guarda do corpo, chegou logo a nobreza, & logo os atambores, & trombetas da Camara delRey: os cavalleiros da ordem de dous em dous precedidos dos Farautes, que levavão seus Caduceos, & hião vestidos de suas cotas de armas: os officiaes da Coroa, o Mordomo mòr, os Senhores de Rhodes, & Sentot, mestres de cerimoniaes: os Porteiros da Camara delRey, levando suas maças ao lado delRey; que era levado pello Senhor de Mont escudeiro ordinario da cavalheriça pequena, em ausencia do grade, & do primeiro escudeiro. Detras delRey hião a dama de Lansac sua aya, & o senhor de Charrosts Capitão das guardas do corpo. A ilharga delRey os quatro Presidentes, os oito Conselheiros & as guardas da manga Escoceza: logo marchava a Raynha condusida pello Duque de Vzes seu caualleiro de honor, & pello Conde de Orvub seu primeiro escudeiro: & detras de Sua Magestade o Senhor de Champdenier Capitam das guardas do corpo, & todas as ditas guardas. Detras da Raynha hião todas as Princezas do sangue, & outras, & sua dama de honor, & outras damas da Corte & pessoas de condição.

¶ Assentouse elRey em a sua cadeira de Iustiza; á sua mão direita se puserão a Raynha Regente sua mãy, o Monsenhor o Duque de Orleans, o Principe de Condè, o Principe de Conti, o Duque de Vandoma, & outros muitos Duques, & Marichaes de França. A mão esquerda delRey, o Bispo de Beauvès; aos pès recostado o Duque de Xeurosa Mordomo mor: mais abayxo sobre hum pequeno banco os quatro Capitães das guardas do corpo; & sobre o degrao pequeno, que vay pera os assentos de cima, o Prevoste de Paris, em baixo os senhores de Rhodes, & Sentot, os Porteiros, & Masseiros delRey, Reis de armas, & officiaes das guardas do corpo. Abaixo da palizada aos pès delRey estava o Chançarel de França em sua cadeira, os Presidentes do mortorio sobre seu banco, & todos os Conselheiros do Parlamento em seus lugares ordinarios fora das audiencias, todos vestidos de vermelho. Em o corro debaixo estava hum banco pera as Princezas do sangue, & outras Princesas: detras dellas hum banco pera os Governadores das Provincias, & cavalleiros da ordem. Defronte da outra parte outro banco, pera os Secretarios de Estado, que eraõ os senhores da Veillèra, de Presi, Guinegaud, & o Tellfer. Tomados todos os assentos, se fez fazer silencio, & elRey começou a fallar, & dizer

Senhores!

Senhores, eu vos hei vindo ver, pera vos manifestar minhas afeiçoês: meu Chançarel vos dirà o mais. O que elle fes, & havendo gravemente trasido as razoês, que havião dado causa a elRey, pera vir a seu Parlamento: o senhor Talon antigo avogado delRey fez comparação do Reyno de David com o delRey defunto, havendo hũ & outro sido de igual numero de annos, & cõcluio depois hũa pratica, á dignidade da qual seria fazer afrõta querervola aqui repetir, como tãbẽ as advertêcias, & pareceres de Monsenhor o Duque de Orleans, do Principe de Cõdè, do Presidente de Bailleul Chançarel da Raynha, & dos mais, q̃ todos fallarão muyto eloquẽtemẽte, manifestãdose muito apaixonados ao serviço de S. S. Magestades. Apos do q̃ o Chãarel de Frãça sobio ao longo delRey como pera tomar sua fala, & tornandose a seu lugar, pronũciou a sentêça da Regêcia absoluta da Raynha, & depois, se retirou cada qual, & suas Magestades tornarão ao Luvre na mesma ordem, em que vierão, porem com muitas mais acclamações de *Vival ElRey*.

¶ Aos vinte & hum todos os bispos, que aqui se acharão em grande numero forão offerecer a elRey, & á Raynha Regente, o serviço de toda a Cleresia de França, que elles representavão, fazendo o Bispo de Lizieux a pratica, que elRey ouviu com a paciência de hum homem de trinta annos. A Raynha lhes manifestou seu contentamento com tão boas palavras, tão iudiciozas, tão cheyas de doçura, de magestade, & mostras de afeição pera a igreja, que arrebatou a todos os circunstantes. No mesmo dia o grão Conselho, & a corte dos moedeiros, forão saudar a suas Magestades, sendolhes suas summiçoês representadas por boca dos primeiros Presidentes, os quaes forão muito bem recebidos.

De Monçon aos 29. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] MOnsenhor o Duque de Orleans, havendo aos dezaseis deste mes acompanhando a elRey, & a Raynha, de São Germão a esta cidade, & aos dezoito assistido a suas Magestades no Parlamento, em o qual elRey declarou a Raynha Regente em França, pera ter o cuidado de sua educação, & a administração absoluta, livre, & inteira de seu Reyno pendente sua minoridade, estableceo a Monsiur o Duque de Orleans seu tio Lugar tenente General em todas as provincias do dito Reyno; debaixo da autoridade da Raynha, & de baixo da mesma autoridade Chefe, & cabeça de seus conselhos, & em sua auzencia a seu primo o Principe de Condè/

Conde primeiro do sangue; ficando em poder da Raynha o fazer eleição das pessoas de meritos, & a experiência, tantas quantas lhe parecerem ser necessárias, pera deliberar nos ditos Conselhos, & darlhe seus votos, & pareceres acerca dos negocios, que se propuserem; sem que ella seja obrigada a seguir os mais, se lhe não parecerem bem. E não he entre nós cousa nova terem as Raynhas de França a administração do Reyno, & tutoria de seus filhos, porque as historias antigas, & modernas estão cheyas de exemplos em igual caso. Assi a Raynha Brunechilda mãy dos Reys Theodoberto, & Thierry menores, foy sua tutora, & Regente do Reyno. A Raynha Alix foy Regente, & tutora delRey Philippe Augusto seu filho. A Raynha Branca mãy de São Luis, foy duas vezes Regente, huã no anno de mil & duzentos & vinte seis por ordem delRey seu marído, pella menoridade do dito Rey seu filho: e outra pella sua primeira viagem de Vltamar. ElRey Philippe o Bello, estando no bosque de Vincenna ordenou o mesmo no anno de mil & duzentos & noventa & quatro, & q̃ se seu falecimêto fosse antes da mayoridade de seu filho, & successor Luis Hutín, a Raynha Ioana sua molher fosse a Regente: mas esta disposição não teve lugar, porque ElRey Philíppe o Bello vio seu filho mayor, & a Raynha Ioana morreo antes delRey seu marído. No anno de mil & trezentos & trinta & quatro ElRey Carlos o Quinto, estando em Melum fez à Raynha Ioana sua mulher tutora, & principal Governadora, & guarda das pessoas de seus filhos, & do Reyno. A auzência assi mesmo de nossos Reys tem dado lugar a estas Regencias, & governos: pello que aos quinze de Iulho de mil & quinhentos & quinze, & aos doze do anno de mil & quinhentos & treze, ElRey Francisco Primeiro por duas de suas auzencias, fez a Madama Luisa de Saboya sua mãy Regente, & lhe substituiu Madama Margarita sua irmã, Raynha de Navarra. Tambem Henrique Segundo na sua viagem de Alemanha deo á Raynha sua molher a regencia durante a Menoridade delRey Frâncisco Segundo: & ella o foy tambem durante a menoridade de Carlos o Nono seu filho; o qual estando enfermo no bosque de Vincenna, ordenou que a mesma Raynha sua mãy tivesse o Governo, tè à volta de Polonia delRey Henríque Terceiro seu irmão, & successor; & em nossos tempos a Raynha mãy delRey foy Governadora até sua mayoridade.

O se-/

¶ O Senhor Duque de Orleans he vindo a esta cidade em busca de Madama, que chegou no mesmo dia vinda de Bruxellas, condusida pello Conde de Fontana-Chalandray atè este lugar; onde como por todo caminho, a fermozura, sabidura, & a modestia desta virtuozza Princeza, achou tãtos admiradores, como pessoas que o viraõ. O que se não fas verdadeiramente sem louvar muyto a eleição, que Monsenhor o Duque de Orleans fez de hum sugeito digno das affeições de hum tão grande Principe, & sem fazer poderosas reflexões em a providencia divina; que parece não haver permitido que tantas travessas servissem tão longo tempo de obstaculo á indissolubel união destes dous corações, senão pera se fazer sua constancia mais illustre nos seculos futuros, & mais exemplarem o nosso.

Da Rochella aos ditos 29. de Mayo de 1643.

[Letra capitular] EM dezaseis do corrente matou nesta cidade da Rochella hũa mãy a quatro filhos, em que entrou hũa filha ja mulher de quatorze annos, & os degolou a todos na cama: a qual mulher foy levada preza a Paris.

¶ No mesmo dia dezaseis socedeo, que estando os Hereges na sua Igreja, fazendo suas rezas, & pedindo a Deos desse graça ao novo Rey de França, pera lhe conceder quanto seu pay lhes havia concedido no dia, que tomou esta cidade, os quaes seriam passante de quatro mil almas, assi homens, como mulheres, viraõ subitamente decer de hũa brecha hum homem com duas espadas de fogo nas mãos: fosse o que fosse todos desemparaõ o lugar, sem ficar pessoa dentro: sobre o que ha muytas cousas, & temem os Hereges os extinga Deos totalmente do Reyno de França, como confiamos em sua misericordia.

¶ Logo aos dezasete do mesmo mes, duas leguas fõra da Rochella outra mulher matou a tres filhos, & se enforcou tambem juntamente, o que dizem fez com necessidade, atentada do demonio, porque está hoje França tão falta de pam, por causa das guerras, que se padecem muytas necessidades.

Com todas as licenças neceßarias, & Privilegio Real.
Na Officina de Lourenço de Anveres. Anno de 1643.

[Letra capitular] Taxão esta Gazeta em seis reis. Lisboa 13. de Julho 1643.

Menezes.

Coelho.

f.º 6 – v.º

[fólio em branco]

**GAZETA
DO MES DE
IVLHO DE 1643.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

De Landrecies, ao primeiro de Junho de 1643.

[Letra capitular] REssoluto o Duque de Enguien General das armas delRey Christianismo a seguír sua victoria, persiguir os inimigos, & sustentar seu exercito á custa delles, recebendo as ordens da Corte, se partio de Guisa aos vinte & oito deste mes, & no mesmo dia chegou a Hanapes, & o outro dia a esta cidade, onde se deteue só hũ dia, & partindo aos vinte & sete, com toda sua infantaria, deixou a ribeira de Sambra á direita, & chegou ao redor de Barlemõt, castello mais importante pella íncommodidade, que podia causar ao cõbois de nosso exercito, q̃ por sua força: ao qual mandou logo dizer se entregasse: porem o Gouernador Castelhana, havendo recusado abrir as portas, o Principe tratou de o obrigar pela força, & assi o senhor de Gassion Marichal de Campo, que estava de outra parte do rio, com hũa parte das tropas, havendo reconhecido a praça, deo sua informação ao dito Duque de Enguien; pello que seguindo suas ordens, fes pór duas peças em bateria, das quaes os inimigos forão saudados sobre o campo: mas sobrevindo a noite, se diferio pera o seguinte dia vinte & oito, em o qual tanto que o dia apontou começou a tirar: porem o Governador não quís fallar senão depois de sincoenta balas; & havendo pedido o deixassem sair com armas, & bagage, não se lhe concedeo mais que a vída sômente, & foy condusido a Avenas, com trinta mosqueteiros de sua guarnição, em cuja praça entrou hũa companhia de Picardía. No mesmo dia vinte & oito, o Duque de Enguien não querêdo perder tempo, levou consigo os Marichaes de campo, & foy reconhecer Aymery, Castello distante sômente meyo quarto de legua de Barlemont, que tem hũa ponte de pedra sobre o Sambra,

A

que/

que a faz consideravel, alem de sua aventajada situação. Tambem se resolveo, que a invadissem; pera o qual effeito o Principe mandou aos regimentos de Picardia, & Piemonte fizessem seus aprestos: aquelle pella parte da ribeira, & o outro pella parte onde estava o senhor de Gassion. As ordens forão promptamente executadas; & apenas Picardia teve ganhado hũa muralha, que está diante da porta do Castello, quando o Espanhol Governador da praça, que era hum Alferes (o qual havia antes arvorado hũa bandeira vermelha, & lançado suas bravatas) chamou pera fallar: o senhor de Gassion, que estava lá lhe prometeo a vida com as armas, & bagage, & segurança pera ir a Avenas; o que foy ratificado pello Duque de Enguien, que assinou a capitulação, & na própria hora entrou na praça, em saindo os inimigos, que seriaõ cento & sincoenta mosqueteiros. Deixou nella por Governador ao senhor de São Martim Capitão de fusis, com sua companhia, & cem Suizaros. Assi foy tomada como em hum instante, esta praça, que não havia muyto tempo resistira a hum exercito real sinco dias inteiros: se bem custou depois muytos trabalhos sua defesa. Os inimigos saídos destas duas praças foraõ com segurança condusidos a Avenas na forma de sua capitulação. Honte fez o Principe marchar seu exercito pera Meubeuge.

De Ruão aos 2. de Junho de 1643.

[Letra capitular] OS dias passados o Padre Carlos Daud Guardião do Convêto dos Franciscanos observantes desta cidade, tornou publicamente a dar o abito de sua ordem a Iacques Malortin: de idade de noventa, & hum annos, sincoenta & dous annos depois de lho aver tirado, por se ir fazer a Sedão Ministro da Religião pertendête reformada, havendo mostrado desde o dia de sua abjuração tanto arrependimento, que nenhum dos circunstantes pode refrear as lagrimas.

De Veneza aos ditos 2. de Junho de 1643.

[Letra capitular] O Conde Piccolomini he aqui chegado incognito, pera ir a nossa Senhora do Loreto, depois a Sena, sua patria, & dali passar a Espanha, onde vay governar as tropas delRey Catholico. De Florença nos escrevem, que o grão Duque de Toscana declarou ao Principe Mathias General de sua infantaria, a Dom Pedro de Medici, General de sua cavalleria, ao Conde Affonso Stozzi Ger

neral/

neral da artilheria, & ao Marques de S. Angelo Superintendente geral de suas fortificações.

¶ Em Turquia se começão assegurar do temor que tinham de que vindo a faltar a raça Othomana, lhes fosse ocasião de algũas alterações; porq̃ alé do primeiro filho, do grã senhor de q̃ haveis ouvido falar, lhe naceo o segũdo a vinte & sinco de Fevereiro passado; por cujo nascimento se fizeraõ grandes alegrias, & festas em todos os lugares daquelle vasto Imperio. Aos sinco do mesmo mes, o senhor Soranzo, Baille de Veneza, havia feito sua entrada publica em Constantinopla; ao qual o Embaixador de França, havia mandado receber, & conduzir atè a casa do dito Baille pello senhor de Lempercur seu secretario, acompanhado de trinta cavallos: aos dezasete teve audiencia do Grão Senhor, ao qual fez presente de alguns vestidos de brocatel, entre os quaes havia hum de tella de ouro de grão preço; Sua Alteza o regalou de hum vestido de brocatel, & a ouro mais de sua companhia. No mesmo dia o Emehor, ou grande Escudeiro foy feyto Pacha de Alepo, & o de Alepo foy feito Pacha de Damas. O Embaixador da Persia havia tido tambem aos dez sua audiencia de despedida, & foy regalado de trinta vestidos, & antes de o deixar partir o Vizir lhe fez hum excellente festim: por postre do qual lhe fez hum presente da parte do Graõ Senhor de trinta bolsas, cada hũa com quinhentas patacas, pera ajuda dos gastos de sua viagem: as quaes bolsas forão tambem acompanhadas de alguns vestidos, & outras galanterias do pais. Lançarão estes dias passados sete gales novas ao mar, com as quaes perfazem os Turcos oitenta, que armão este anno com trinta grossos baixeis, pera virem ao Poente, como se cre. Com temor do que o Grão Mestre de Malta se partio o mez de Abril passado, pera ir visitar as fortificações da Ilha de Goza, que elle quer por em estado de defensa: mandando entre tanto com diligencia algumas embarcações, pera lhe trazerem novas seguras dos disgnios dos Turcos.

De Staden aos 3. de Junho de 1643.

[Letra capitular] EM fim elRey de Dinamarca se concertou com a cidade de Amburgo, por meyo de duzentos & sincoenta mil reisaldres, que fazem duzentos & sincoenta mil cruzados, pouco mais, ou menos, os quaes se obrigou a lhe pagar dentro de quatro annos; fican

do as demais diferenças remetidas a hum tratado amígavel, ou ao Iuizo da Camara Imperial. E assi mandou de socorro a ElRey da graõ Bretanha seu tio vinte & sinco navios, que dizem levarião oiro, pera dez mil homens.

¶ Alem dos ditos duzentos & sincoenta mil reis daldres, que a cidade de Amburgo deve pagar a elRey de Dinamarca em quatro anno, a nobreza do pais de Holstein, que hia muyto interessada neste acordo, se obrigou a lhe pagar trinta mil, pello qual concerto foy posto em liberdade, & está ja na dita cidade de Amburgo o Syndico Broder Pauli. A cidade de Bremen está com igual temor, por estar muyto mal com seu Arçobispo filho do dito Rey da Dinamarca. Hãonos certificado que o dito Rey tem feyto embargar em o districto de Sund alguñs navios Suecos, pellas diferenças, que entre elles ha, & assi alguns Ingleses, por não terẽ passa portes delRey da grão Bretanha.

De Marselha aos 4. de Junho de 1643.

[Letra capitular] AOs vinte & tres do passado, pellas dez horas da manhã faleceo nesta cidade o senhor Ioaõ Bautista Gault, que aqui foy Padre do Oratório, & depois nosso Bispo, não havendo gozado hum anno inteiro esta dignidade, em a qual socedeo por falecimento do senhor Eustachio Gault seu irmão, da mesma ordem, o qual a não logrou tres dias, foy tambem embalsamado, & metido em a capella de sua casa Episcopal, á vista de todo o povo, que ali concorreo em grande numero; depois havendo dado grades mostras de sua santidade, foy solemnemente levado á Igreja mayor desta cidade; onde he grande a fama dos milagres, que se nella fazem: mas ainda que a bondade da Raynha, a cuja piedade Deos visivelmente deo a Rey, que hoje França goza, como por milagre, nos faça esperar hum seculo todo milagrozo, em cousas tão sobrenaturaes, he necessario havermonos com madureza; espero as provas autenticas, & darvos hei a seu tempo parte dellas, contentandome com vos dizer, que a boa vida deste Prelado nos da grandes conjecturas, porque passava os dias ínteiros em nossas galès a confessar os forçados, & elle mesmo lhes administrava os Sacramêtos: com tal effeito, que oito Turcos do numero destes forçados, movidos sò pella memoria de seu zelo, se fizerão Christaõs depois de sua morte; & em ves de haver gozado das rendas de seu Bis_

pado, se acha que vendeo atè hũa carroça, que tinha com seis cavallos, pera empregar em obras de caridade, havendo fundado hũ hospital pera os ditos pobres forçados enfermos.

De Genes aos 6. de Junho de 1643.

[Letra capitular] EScrevemnos de Parma de vinte & nove do passado, que o Duque se apoderou de hum lugar chamado Bondeno, situado sobre o Canal, que vay de Modèna á Ferrara: fazendo retirar seisçêtos infantes, & duzentos cavallos do Papa; despois do que os cavallos ligeiros do Duque de Parma fazendo algũas correrias atè sinco milhas de Ferrara, fizerão presioneiro ao Marques de Gíavaría, que hia pera hũa sua casa de campo em hũa carroça de seis cavallos, acompanhado de seis criados, porque não offereceo mais por seu resgate, que cem dobrões, ao capitão, que lhe pedía mil. O dito Duque de Parma se avançou pera a Stellata, que trezentos soldados renderão á primeíra notificação, que lhe foy feyta. Aquí está hum posto, que com hum forte divide o Ferrarez do Milanez, & guarda o Pò: pello que o Duque fez avançar dous regímentos de Infantaria, os quaes deraõ assalto aos dito forte, que se defendeo algum tempo, mas em fim os Parmezanos se fizeraõ senhores delle, com perda de hum Capitaõ, hum Lugar tenente, & doze soldados. Da parte do Papa morreraõ vinte & sinco & quinhentos pedirão quartel. Deose logo ordem a reparar este forte, em o qual se acharão seis peças de artilheria, entre as quaes havia hum grosso canham, que defendía o Pó. Alem disto, o Duque de Parma com todas suas tropas foy pella parte de Ferrara pera ali esperar as do Duque de Modena, que com elle se havia de ajuntar, & hum socorro de sinco mil infantes, & quinhentos cavallos dos Venesianos. A dita cidade de Ferrara, sobresaltada com sua vinda, fez sair sinco mil homeñs de pè, & quinhentos cavallos, os qvaes Sua Alteza mandou reconhecer por hum Capitaõ com cento & sincoenta cavallos, & quinhentos dragões. E em quanto elles estavaõ escaramuçando com as tropas do Papa, o dito Duque fez avançar o Baraõ de Sam Germão com seu regimento sustentado do de seu irmão, os quaes fazião tres esquadroes; despois se teve avizo que o General Pèsaro se havia avançado a Figarol e com seu exercito pera se ajuntar a Sua Alteza, & que o Duque de Modena havendo tambem marchado com suas tropas pella parte de Bondeno, se havia tambem junto com elle: de sorte que

A3

se/

f.º 3 – v.º

se não vem poucas apparencias de se terminarem suas diferenças amigavelmente.

De Bruxellas a 8. de Junho de 1643.

[Letra capitular] AOs sinco deste mes o senhor Searon nosso Bispo fez aquí, cõ grande concurso dos principaes desta cidade, o estabelecimento da ordem das Relígiozas do *Verbo Encarnado*, vindas de Avinhão o precedente dia debaixo do governo, & guia da Madre de Matel sua fundadora, & instituidora, a qual sua virtude, & sua sciencia fazem muyto estimada entre todos os que a conhecem.

De Narbona a 12. de Junho de 1643.

[Letra capitular] EScrevemnos de Madrid do prímeiro de Mayo passado, que elRey de Castella fez fazer grandes devações em todo seu Reyno, por tempo de oíto días, & que havia levado em procissão a imagem que sua Magestade Catholica fez á imitação delRey defunto, tomando a Virgem por Patrona, & avogada de todos seus estados, afim de alcançar vitoria contra seus inimigos: a qual declaração sua dita Magestade, fex fixar por todas as Igrejas. O Conde Duque de Olivares està toda via em Luecher, & não sem esperanças de tornar a seu antigo mando, visto que a Condeça sua mulher he ainda valida com a Raynha. O Marques de Leganes está ainda preso acusado de haver tomado o dinheiro, destinado pera o exercito, que estava o anno passado em Aragoão: aonde houve hum grande motim, & tal que o Visorrey foy constringido a se retirar, dando mostras os povos de se quererem declarar por França, se brevemête não ha paz. Entre tanto o Marichal da Mota se vay pondo em campanha com hum poderoso exercito.

De Nancy aos ditos 12. de Junho de 1643.

[Letra capitular] SENDO advertido o Marques de Lenoncurt Governador de Lorena por sua Magestade, que alguns gentishomens Lorenezes fazião levas em aquelle pais, pera se irem ajuntar com o Duque Carlos, & havião ja feito tal progresso, que duas companhías destas novas levas havião tomando o Castello de Buconvilla, & a tor

rre/

re de Dompierre nos contornos de Simè, onde costumavão ajuntarse; fez subir a cavallo sua companhia de cavallos ligeiros, governados pello senhor de São Pol, com ordem de lhe dar avizo mais certo, do que tendo novas os inimigos, deixaraõ as praças, & se lançaraõ em Longuvi: porem o dito senhor de Sam Pol, de cuja parte não faltavão espias, o entendeo, & indo apos delles os alcançou a tão bom tempo com sua dita companhia aos onze deste mes, que prendeo dous capitães seus, hum delles chamado Dardanay, & outro Bronze, depois de hever^[sic] morto no caminho os seus Lugartenentes, & alferezes, com quarenta soldados, & feito a dezoito mais prisioneiros & desbaratado os demais, sem perder algum de seus cavallos ligeiros, nem tendo mais que dous feridos. O que tem dado tanto temor a outros, que andavão ocupados em fazer semelhantes leuas, que trezentos homens da mesma companhia se reconciliarão logo.

De Perona a 15. de Junho de 1643.

[Letra capitular] O Conde de Lignon, que havia perto de dous annos estava prezo nesta cidade, foy estes dias passados posto em sua liberdade por ordem da Raynha.

Mais de Narbona aos ditos 15. de Junho de 1643.

[Letra capitular] O Senhor de Feraciera havendo posto sitio ao Castello de Orta alem do Ebro, por ordem do Marichal da Motha, se fez senhor delle por composição, depois de haver estado alguns dias diante da praça. Esta somana passou por aqui hum frade leigo Espanhol, da ordem de nossa Senhora do Carmo, que vinha de Castella a nova por Bayona, de idade de setenta annos o qual não come mais que hũa vez no día, & hum pequeno de pão somente, que elle recebe por esmola, com hũa grande, & pezada Cruz ás costas, que diz leva a Roma por voto, & dali, se lhe for permitido, ao Calvario, por impetrar de Deos a paz geral da Christandade; o povo o segue em grande concurso, & lhe corta de seus habitos, de sorte que lhe he necessario fazer um novo em cada cidade, dorme sobre a terra, & as orações, que faz a Deos, tem aqui produzido alguns effeitos maravilhosos em a melhoria de alguns enfermos; de sorte que se o que se diz se acha verdadeiro, que o bom pobre de Paris tem o mesmo dísignio, parece que Deos se quer deixar dobrar juntamente pellas duas nações, pera dar a paz tão desejada á Christandade.

Del

De Laon aos 19. de Junho de 1643.

[Letra capitular] OS nossos feridos na batalha de Rocroy estão melhores: o Marichal do Hospital fora de perigo. O Marques da Fertè Senetèra Marichal de Campo, está tambem quasi são das grandes feridas, que recebeo. Os senhores de Pèdamur, de Grimard, de Povíllac, de Villí, & de Handouvilla Capitães do regimento de Picardia, & o senhor do Plefsis Puchot voluntario, estão saõs.

De Paris aos 20. de Junho de 1643.

[Letra capitular] O Senhor Dandelot filho do Marichal de Xatilhon, alumeado plenamente da verdade da Religião Catol ca, fez aqui profissão publica della, depois de haver abjurado a Religião pretendente reformada. Querendo por esta generosa acção ajuntar o lume da Fè a este illustre nome tão celebre em nossas historias.

¶ Aos vinte & nove do passado chegou de Meudon a esta cidade Madama, onde foy recebida com todas as honras devidas a seu nacimiento, a seu merito, & à calidade de espoza de Monsenhor o Duque de Orleans Lugar tenente General delRey, debaixo da Regencia da Raynha, em todas as Provincías deste Reyno, & cabeça de seus conselhos. Acompanharamna Madamusella sua filha a Duqueza de Lorena, & a Duqueza de Guiza; & foyse apear ao Luvre, onde suas Magestades a receberão com grandes carícias, & mostras de affeição: & dali se foy alojar á casa Real de Lucemburg, que ao prezente he tão frequentada de Príncipes, Princezas, & outros grandes senhores, & senhoras desta Corte, que vão ver, comprindo sua obrigação, como tem estado deserta ha doze annos.

¶ Ao primeiro deste mes a Cleresia fez aqui hum solene serviço pello repouzo da alma delRey defunto, em a Igreja dos grandes Agostinhos: onde o Arçebispo de Toloza officiou, assistido dos Bispos de Puy, & de Pamiers: & o Bispo de Vfez fez hũa elegante oração funebre em prezença dos Cardeaes de Leão, & Mazarin, & de grão numero de outros Prelados. Todos os Capitulos, Corpos, Comunidades, & Parrochías desta cidade fizeraõ o mesmo a somana passada, & esta, por ordem do nosso Arcebispo: em a mayor parte dos quaes lugares se fizerão orações funebres em honra deste grande Principe, cuja memoria deve ser eterna.

¶ Temos aqui novas do Campo do Duque de Enguien, que o ex
ercito/

ercito que elle governava em Flandes, avendo gastado vinte días em sua marcha, & estada no país inimigo, havia, pendente aquelle tempo, alem das praças, que haveís sabido, tomado a de Binch, & caminhava pera Maubeuge, repartindo a pillagem das correrias que tinha feito até as portas de Bruxellas, em quanto esperava as ordens de sua Magestade porem de todo seu progresso vereis particular relação.

¶ Aos dez deste mes, a Marqueza de Seneey, dama de honor da Raynha, teve em lugar da dama de Lansac, o cargo de Aya, ou governadora delRey, de que honte deo o juramento em mãos da Raynha. Sua piedade, & outras perfeições suas, & a constancia, com que soportou dentro de sinco annos, que esteve auzente da Corte, a perda de dous filhos mortos em serviço delRey; hum em os apertos, & trabalhos do cerco de Arras, onde elle governava o regimento de Piemonte: o outro pellejando despois na frente do mesmo regimento, são tão conhecidos de todos os de nosso tempo, com he aos que sabem as historias, a antiguidade de seu illustre titulo da casa da Rochefoucau, & como são os serviços feitos á Raynha Luiza pella Condeça de Randan sua mãy, em a mesma calidade de sua dama de honor.

¶ Aos dezasete morreo de hidropesia em sesenta & nove annos de idade na abadia do Val de graça, nos arrabaldes de Sam Iaques, a Madre Luíza de Milly, dita de Santo Estevão, relígioza professa da ordem de Sam Bento, a qual havia sido perto de doze annos nomeada quatro vezes consequutivas Abadessa do dito lugar, de hũa vida tão piedosa, & tão exemplar, & a Raynha, estimava tanto sua virtude, que muytas vezes honrava de suas visitas.

¶ Aos dezoito foy renovada a prohibiçaõ dos duellos. No mesmo dia o Conde de Vivonna, filho mais velho do Marques de Mortemar Cavalleíro das ordens delRey, primeiro gentilhomen de sua camara, & Governador por sua Magestade dos bispados, & pais de Metz, & Verdun, deo em prezença delRey, em mãos da Raynha, o juramento do dito cargo de primeiro gentilhomen da Camara em vagante de seu pay.

¶ Aos vinte deste mes foy o Marichal de Baffonpierra de parte de sua Magestade receber a meya legua daqui o Embayxador extraordinário de Florença.

O se/

¶ O senhor de Xavígní-Botilher pedio à Raynha lhe desse licença pera se retirar do cargo de secretario de Estado, a qual sua Magestade lhe concedeo; & pera, mostras da satisfação, que ella tem dos serviços ímportantes, que elle fez em este cargo, a Raynha lhe fez expedir letras de ministro de Estado, pera contínuar a entrar nos conselhos: & se quís servir delle em a negociação da paz geral: havendoo declarado pera este effeito por hum dos Plenipotenciários delRey, pera ir a Munster, aonde se encamínharão dêtro de poucos dias. Suas Magestades prouerão em o dito cargo de Secretario de Estado ao Conde de Briona; cuja casa não he menos recomendavel pellos antigos serviços do defunto senhor de Lomenia seu pay, do que sua pessoa pellos seus próprios. Elle dá a omenagem aos vinte & tres deste mes.

¶ He chegada a esta Corte desde os quatorze deste mes a Duqueza de Xeuroza, depois de dez annos de auuiscia^[sic] della.

¶ Tambem são vindos os Passaportes pera a paz geral: & temos novas que o Duque de Enguien tem cercado a Thronvilla.

De Lerida a 21. de Junho de 1643.

A tomada da Cidade de Almenas em Catalunha.

[Letra capitular] DEpois que os Castelhanos se apoderarão de Almenas, julgando o Marichal da Mota conveniente (assi pella importancia da praça, que serve de passage a Aragão, como pella reputação das armas delRey) não a deixar muyto tempo em mãos dos inimigos, havia dado ordem desde o principío do mes passado ao senhor de Ferraciera Marichal de campo, de fazer encamínhar por aquella parte duas tropas, hũa de cavalleria, & outra de infantería, entre as quaes estavam os regimentos de Conti, & de Rebè: dísignio de cercar a praça com tres peças de artilheria. Segundo a qual ordem o dito senhor de Ferraciera passou a este lugar aos quatro do dito mes, com toda sua gente, & sua artilheria, & se foy alojar a Villa nova Picarda: donde partio ao sinco ante dia, & fez avançar o senhor de Chambaut, que governava o regimento do Terrel, com duzentos cavallos, & algũa gente de pè, foraõ constringidos dos nossos a se retirar á cidade. Chegaraõ ali as

nossas/

nossas tropas pellas tres horas da manham, & em pregarão tambem seu tempo, que se asseguraraõ de todas as entradas, antes das tres horas depois do meyo dia do mesmo dia.

¶ Os dous Regímentos de Cantí, & de Rebè se alojaraõ tambem debaixo das emíncias do Castello, com tanta ventagem, que lhes não podião os inimigos fazer dano, com não estarem mais que cem passos da muralha. Teve então ordem o senhor de Senecey de fazer por em bateria duas peças de artilheria, o que foy feito com muyta diligencia pellos officiaes dellas, em o que se gastou o resto do dia. O regimento de Tonníns, que tambem engrossou este sitio, teve ordem de invadir a cidade por hũa parte que lhe pareceo accessivel, onde prantando suas esquadras, entrou, & se alojou à boca da noite em algũas casas proximas do castello. Entretanto pondo-se as nossas peças em bateria, começaraõ a t́rar pellas nove horas da manham, o que havendo espantado os cercados, que vião os nossos prepararse tão animozamente pera os cometerem, pediraõ fala pello meyo dia do mesmo día; mas querendo fazer sua composiçãõ muy aventajada, continuou a nossa bateria, a qual os obrigou a se render sem outra condiçãõ mais que a vida, & serem prisioneíros de guerra.

¶ A qual capitulação foy assinada pellas suas cabeças, que são Dom Ioaõ Mola, Sargento mor, & Governador da praça, o Capitão Miguel Carínhos, o senhor Ballader, Lugar tenente da cavallería do Capitão Lanussa, & Christovão de Carcer Alferes de Carínhos & Ajudante do Castello.

¶ Tinhão tambem consigo dous Alferezes más, dous sargentos, & quatro cabos de esquadra, com vinte & sinco Valões, & setenta Castelhanos com quarenta cavallos. Deixaraõ em a praça largando as duas peças de artilheria, muytas monições de guerra, algũas granadas, & alguns seiscentos mosquetes.

¶ O galante he, que esta mesma praça, que os nossos tornaraõ a ganhar em hum dia & meyo somente, com tão pouca gente, havia tido dous días inteiros díante de si hum exercito real de Castella: perderão aquí os inimigos vinte soldados, & dos nossos não ouve mais que dous mortos, & quatro feridos, com o cavallo do senhor de Ferraciera morto debaixo d'elle.

De Oxford aos 22. *de Junho de 1643.*

[Letra capitular] E Screveramnos de Límeriqua em Irlanda, que os navios dos

Pro/

Protestantes, que ímpedião atè agora o Comercio de seu Reyno, foraõ constringidos a se retirar, & que os Catholicos haviaõ recusado as proposições das treguas, que o Conde de Thomonia, do mesmo partido Protestante, lhes envíara, avía pouco tempo por hũa pinaça de pescadores a este fim; que os Catolicos da dita Provincia de Thomonia tinhaõ restituído a Limeriqua a artilheria, que ellas lhes emprestara o anno passado, pera lançar os Protestantes de todo seu território, como fizerão, & tambem, que o exercicio de Religião Catholica está aqui tão pacifico, como na dita cidade de Limeriqua; onde o Bispo tem reconciliado a Igreja Metropolitana, causando a todos grande espanto, o ver ali andarem todos os Religiozos em seus habitos; o que se não vio ha mais de oitenta annos, a saber despois que os Padres Salmeirão, & Pascasio Iezuítas, que ensinavão na dita Cidade, foraõ lançados della, com todos os outros Religiozos sobreditos.

¶ Temse averiguado, que de mil, & setecentos homens, que de Dublin foraõ em socorro de BallineKilla apertadamente cercada pellos Catholicos, os setecentos foraõ por elles mortos, & os de mais desbaratados, do qual feito se deve a principal honra ao Capitam Fennel, que se pos em hũa grande emboscada junto de Porthessa, & cáindo nella o Capitaõ Huilla; deixou alí com a vida cento & vinte soldados mais, & seu Lugar tenente prísioneiro:

O que na Gazeta do mes passado se diße de França, que cõ as presentes guerras se paßavão muytas necessidades, he falso & parece foy informação de peßoa mal intencionada, & pouco affecta as cousas deste, & daquelle Reyno.

Com todas as licenças neceßarias, & Privilegio Real.

Na Officina de Lourenço de Anveres. Anno de 1643.

GAZETA
DO MES DE SETEMBRO DE 1643. DE
nouas fora do Reyno, entre as quaes se relata a
preza de Cidade Thionvilla, com os
artigos das Capitulações.

De Brin da Moravia, aos 23. de Iulho de 1643.

[Letra capitular] O EXERCITO Imperial està ainda em seu antigo posto, entre os rios de Hanau, & da Markta, a baixo de Koientin, onde tem seu principal quartel, supposto q os Suecos tem destruido de todo aquella Cidade, como tambem todo o districto de Schradits: o que obrigou a todos os moradores daquelle contorno a levar ao campo Imperial seu gado, o qual he em tão grande numero, que fazem passar de oitenta mil cabeças. Depois da chegada das tropas da Austria, & de Stiria, este exercito he de algũs nove mil Infantes, & quinze mil cauallos, aos quaes se devê muito brevemente ajuntar mais sinco mil cavallos Vngaros. Os Suecos estam entre Breravv, & Tobischavv, a qual ultima praça elles vam fortificando muito bem. O General Torstenson tem seu principal quartel em o Castello; mas assiste de ordinario em hũa casa de prazer, que està junto delle, sobre o grande Lago, pelo qual passa hum pequeno arroyo, que desce da Ribeira de Markta, ao longo da qual tem feito fazer muitos fortes para a segurança de seu exercito, & para se fazer senhor daquelle Ribeira: o que os Imperiaes, que antes estavam de posse della nam quiseram fazer, & estam já arrependidos, vendo que lhes será dificultoso agora fazer sahir aos Suecos deste posto, onde ha abundancia de pam, de gado, mas poucos moinhos. Elle vai re

A

forçando/

f.º 1 – v.º

forçando seu exercito das tropas, que cada dia lhe vem da Silesia, & de outras partes, por não se querer servir dos Valaquos, receoso de algũ trato doble: o que obrigou aos ditos Valaquos a se retirar a suas terras. E ainda que estes dous exercitos estão sòmente duas leguas hũ do outro, não ha com tudo passado entre elles ainda cousa algũa consideravel; se não q̃ indo seiscentos Suecos atacar hum convoy de Vivres, foraõ mal tratados de mil & duzentos cavallos Imperiaes, que lhes sairão ao encontro.

De Leipsic aos 27. do Iulho de 1643.

[Letra capitular] APoderandose o General Mayor Konigsmarc de todos os passos do redor da cidade de Halberstad, que pertence ao Duque Leopoldo, disfarçou trinta soldados em naturaes da terra, que levavão mantimentos á cidade: a cuja porta sendo chegados, mataraõ a todos os soldados do Corpo da guarda, & acodindo ao alboroto todos os mais soldados do Corpo da guarda, & moradores da praça, os Suecos foraõ com toda pressa socorridos de quatrocentos cavallos, que estavaõ escondidos em hum lugar vizinho, & se fizeraõ senhores da dita praça, despois de averē morto todos os que quizeram defenderse, & feito prisioneiro ao Coronel Heister, que era o Governador della, com os officiaes: os quaes foraõ mandados a esta cidade. Esta preza a dantarà muito os designios do dito General Mayor, que ainda espera outras tropas para fazer hum corpo de exercito consideravel, & ajūtarse ao General Torstenson.

De Roma aos 25. de Iulho de 1643.

¶ Segundo o aviso, que temos, se esperam aqui brevemente seis gálès de Maltha, & outras de Genes, as quaes juntas com as do Papa devem fazer numero de algũas vinte, pera se oporem aos baixes inimigos, cujos corsos fazem muito dano a esta cidade por lhes impedirem o passo ao que de antes lhe vinha pello mar. Escrevemnos de Perugia, que o senhor Cornelio Malvasia, que antes era General das galès do Papa: indo de noite por caminhos desviados, junto de Castilhon do Lago, com quinhentos cavallos, havia alli tomado quantidade de bufos, dos que passavam a

artelhe-/

artilharía, & todas as mullas do Principe Mathias: o que havendo obrigado aos Florentinos a sahir fora, ouve alli entre elles huma escaramuça, que durou duas horas, com grande perda de huma parte, & da outra. Tambem nos avisaõ de Bolonha, que o Baillid de Valencey, por se vingar do dano, que as tropas de Modena, & de Parma havião feito a São Pedro do Casal, havia novamente entrado com mil & quinhentos cavallos, & quinhentos mosqueteiros em os Modeneses, onde arrasou as praças de Stuffion, & Ravarino, levando dellas grande sacco: que ao que Governava de antes em Bondeno pello Papa, lhe aviam cortado a cabeça, por haver rendido tão depressa esta praça ao Duque de Parma, o qual se vay fortificando nella com todo o fervor, trabalhando de noite, & de dia oitocentos homens.

De Paris aos ditos 25. de Iulho de 1643.

[Letra capitular] OS dias passados o senhor de Cogneux, tornando a esta corte, foy muito bem recebido, & restituído a seu cargo, & lugar de presidente no Parlamento.

¶ Aos seis deste mes o senhor de Bonnella-Ballion foy provido em o cargo de secretario das ordens DelRey.

¶ Aos sete, o Duque de Nemurs recebeo, em presença de suas Magestades, a Madamusella de Vandoma dentro do Luvre.

¶ Aos oito o dito senhor de Bonnella Ballion teve lugar em o Conselho de sua Magestade, como conselheiro de Estado ordinario, & aos 13 teve tambem lugar em a grande camara com titulo de Conselheiro honorario.

¶ Os embaixadores Plenipotenciarios nomeados por suas Magestades para a junta geral, que brevemente se ha de fazer em VVestphalia, se apressaõ para sahir desta cidade, recebidos os passaportes do Emperador: o qual da hoje grande mostras, & desejos de haver hum bom concerto com França, & com todos seus Aliados: & ElRey lhe dá já o titulo de Emperador; assi que em meus escritos o não nomearey mais por Rey de Hungria.

¶ Dizem que he sahido a Campanha o Principe Thomas com doze mil infantes, & sinco mil cavallos.

¶ O Marichal de la Motha tem entrado por Aragão com desaseis

A2

mil/

mil Infantes, & seis mil cavallos, onde tem tomado muitas praças, como sam entre outras, Estadilha, & Bènevari cabeça do Condado de Ribagorsa, em o qual ha cento & setenta Parrochias; & assi mais tẽ tomado à mesma Cidade de Ribagorsa: cujas novas sabidas em Çaragoça, causarão tam grande perturbaçam, & dissençam entre os moradores, q̃ obrigou a ElRey de Castella a mandar là a Dom Pedro de Villa Nova, novamente provido, em o cargo de Secretario de Aragam, a fim de appasiguar o povo com as esperanças da chegada de Sua Magestade Catholica, & obrigarlos a fazerem novas levas, para engrossar o exercito, & oporse ao nosso. Sam chegados a esta Corte o Conde de Miranda, Estevam de Brito Freire, & o Capitam Manoel Ribeiro escrevam dos Almazens dos mantimentos em o Reyno de Portugal, com outro Capitam mais, & quarenta, ou sincoenta Portuguezes, os quaes sahiram de Madrid a 22. de Junho.

¶ Dam por novas q̃ ElRey de Castella ficava para sair em campanha caminho de Tarragona, sem ainda ter preparaçam algũa de guerra: & havia mandado aos grandes, q̃ nam o acompanhassem por saber delles, que todos se escusavam por falta de dinheiro. Os Conselheiros de Estado q̃ leva, sam o Conde de Onhate, o Conde de Monterrey, o Duque de Nochera, o Conde de Chinhaõ; secretario, para despachar com Sua Magestade Catholica, André de Roças; o Conde de Onhate se escusou da jornada.

¶ Os Conselheiros de guerra sam D. Luis Ponce de Leon, o Marques de Tavera, General de artilheria de Castella, D. Francisco de Cardenas, Dom Andre de Castro.

¶ Que depois da caida do Conde Duque (o qual ao presente está prezo na cidade de Toro) se remetẽ os memoriaes aos Conselhos, & se tem desfeito algũas juntas, como eram a de execuções & feito algũas de novo; a saber, a junta de guerra de Espanha, em que entrava o Conde de Monterrey por Presidente, como mais antigo do Conselho de Estado, o Conde de Onhate, o Marques de Castanheda, D. Luis Ponce de Leon, o Marques de Tavera: secretario D. Fernando Ruiz de Contreras; na junta das

arma-/

armadas, o Duque de Villa Hermosa, D. Pedro Pacheco, secretario Pedro Colona. Outra que chamam dos presidios de Hespanha, em que tambem entrava o Marquez de Tavera, & sò para os petrechos de guerra, & tratar das fortificações dos portos de Castella.

¶ Que ElRey levava muito limitada casa por ir mais â ligeira, levando sòs quatro gētishomês da camara dous mordomos, quatro pages; os gentishomês são Dom Iayme de Cardenas, o Marques del Carpio, o Marques de Aytona, Dom Luis de Haro: os Mordomos o Conde de Punhourostro, o Marquez de Fromesta.

¶ Que em 21. do mesmo havia posto casa ao Principe, dandolhe o quarto baixo do Infante Dom Fernando, & por sumilher de Corpus o Fernando de Borja, que faz o mesmo officio a ElRey, por ser a gentilhomem da Camara mais antigo. Estribeiro mór Dom Luis de Haro, que dizem se declara por privado na jornada. Gentishomês da Camara o Marquez de Mirabel, o Marquez de Oram, o Marques de Flores de Avila, o Marquez del Viso, D. Vespasiano Gonzaga, irmão do Principe de Gastalha, o Marquez de Este, o Conde de Alva de Liste, o Conde de Corunha: & o Marques de Mirabel, he juntamente Ayo, & Dom Diogo filho do Conde de Salvaterra, gentilhomem da Camara; os Mordomos são os mesmos da Raynha, que servem às somanas; & dezasete mininos da mesma casa, & os mais officiaes della.

¶ Que a prata do retiro, & a DelRey, assi a do serviço, como a outra a avia feito retirar à casa da moeda, para ser batida, & muitas armações, que estavaõ no mesmo retiro de pessoas particulares, se tornarão outra vez a seus donos.

¶ Que a todos os Ministros, criados, officiaes da casa, & mais senhores pedirão toda a prata lavrada q̃ tiuessê, apagar quãdo viesse a frota com oito por cento de ganancia: & que quem quisesse ficar com ella a resgatasse a dinheiro.

¶ Em hum mes baixarão, & sobirão tres vezes a moeda, com a qual baixa affirmaõ os assentistas perdera Castella trinta & dous milhões; & o estado em que hoje ficava era na prata a doze reales

A3

de/

f.º 3 – v.º

de belhon cada pataca; os dobrões a quarenta & dous reales de prata; & levantarão a moeda de Caldeirinhas, que he hũa, que fez o Emperador Carlos quinto, ao seu antigo valor.

¶ Fizeraõ hũas moedas de prata, a que chamão Carinhão de hũ & dous, & quatro reales de quartos, & deitarãolhe tanta liga, que se quebrarão todos, pela qual causa de tornarão a recolher.

¶ Que para o exercito de Flandes se havia feito assento no principio da Campanha de sinco milhões, & trezentos mil cruzados; & recambiarão as letras, por não haverem querido aceitallas.

¶ Que dos navios da armada de Castella se haviam queimado em Cadiz, o de Sancto Domingo, & no Molhe, o de S. Francisco Capuchinho, & a Capitaina Lásgrave, que erão navios cada hum de mais de mil toneladas.

¶ Que o presidente de Castella Dom Ioão Chumacero, havendo lhe dado Cid de Almeida os capitulos antigos, q̃ deo contra Diogo Soarez se fora a ElRey pedir o mādasse castigar, & que ElRey lhe dera hum juiz, a quem Diogo Soarez deo por sospeito, pedindolhe dessem a Dom Pedro Pacheco, que jà o avia sido na mesma causa: o qual se lhe concedeo, com dous mais, & elle assistia agora em Madrid para tratar este negocio.

¶ Que havendose pedido hũ petitório aos apaniguados do Conde Duque se pedio a Iosepe Gonçalez trinta mil cruzados, a Diogo Soarez dez mil, & ao Protonotario vinte mil, os quaes venderão toda sua prata para os darem, como fizerão logo.

¶ Que havião feito ao Protonotario para q̃ largasse o despachar com ElRey tantas merces, que importavão as meyas annatas dellas trinta mil cruzados, & a mayor que lhe fizeraõ foy perdoarlhas. Entrou em seu lugar o secretario Andre de Roças, & por seu official mayor Dom Fernando Ruiz de Contreras: & que tinham tirado ao secretario Legarde, & ao secretario Carneiro.

¶ Que haviaõ posto por Governador do Conselho da fazenda a Dom Francisco Antonio de Alarcão, & tirado ao de Castrilho.

¶ Que desde que vieraõ de Aragoã, & tres meses antes q̃ fossem
que/

que vem a ser algũs dez meses, não pagão a nenhum Portuguez, & agora antes da vinda do dito Conde de Miranda, & Esteuão de Brito Freire se fez hũa junta, na qual entravão o Duque de Villa Hermosa, Dom Francisco de Alarcão, Frey João de Sancto Thomas Confessor DelRey Catholico, D. Lopo da Cunha, Francisco Leitão, Dom Luis Godiel, só a fim de tirarem o socorro aos Portuguezes, & se assentou nella [quando estes dous fidalgos querião partir] que aos Condes os deixassem com vinte quatro reales cada dia, & a todos os mais lhe tirassem a hũs a terça parte, a outros a metade: & que os mancebos, & soldados fossem servir que lhes dariaõ soldo. A Diogo Soarez tiraraõ todo o socorro.

¶ Que hũa júta que havia ecclesiastica fez consulta a ElRey em q̃ pedia mandasse para Portugal todos os q̃ tinhaõ residências nas suas Igrejas: a qual se teve encima quatro meses, & ouve sobre ella algũs dares, & tomares: o que resultou della não se sabe.

¶ Ao Marquez de Leganes, que estava prezo lhe mandaraõ pedir por sua soltura duzētos mil cruzados, o qual os mandou a ElRey, em hũas carretas rodeadas de trombetas, & outros aparatos.

¶ Os fidalgos Portuguezes que são mortos naquella Corte, depois da aclamação DelRey D. IOAM Quarto de Portugal, são os seguintes, os Condes de Miranda, Basto, S. João, Tarouca, & sua molher; D. Alvaro de Ataide, o senhor de Regalados, hum filho seu, Martim Affonso de Ataide. Estavaõ já sentenciados para soltarem Alvaro de Carualho, D. Francisco Mascarenhas, D. Ioaõ Tello.

¶ Que ao filho do Conde Tarouca deraõ o titulo de Marques de Penalva; a D. Francisco de Mello de Duque de Estremoz; ao Conde de Castro de Ayro o de Marquez de Colares. O Conde de Linhares largou sua casa nas mãos DelRey, o qual o fez Conde de Gigon, & General das Gales de Cisilia, & a seu filho Conde de Linhares, & Gentilhomem da Camara, ao Conde de Torres Vedras fizeraõ Mordomo da Raynha, & do Conselho de Guerraa^[sic]; D. Lopo da Cunha do Conselho de Guerra, & da fazenda, & o fa-

ziaõ do conselho de Cautabria, q̃ se desfez. Luis da Silva hia servir a Flandes, & outros fidalgos hiaõ para Napoles, & para a armada real: D. Pedro da Cunha serve de Capitam de cavallos em Catalunha.

¶ Que he tal a falta de dinheiro em Castella, & a miseria tanta, que ouve dia, em que se não deo estado às damas.

Mais de Paris ao primeiro de Agosto de 1643.

[Letra capitular] A Vinte oito do passado, passou por esta Corte Dom Diogo de Saavedra hum dos Plenipotenciarios de Castella para a-paz^[sic] geral.

¶ Aos vinte & nove, a Duqueza de Enguien veyo parida de hũ Principe, que todos tiverão por bom agouro de complimento de todos seus, & nossos desejos, principalmente devermos muito depressa o trabalho desta campanha acabado com grande honra, & gloria de França.

¶ Fizerão suas Magestades merce; ao Marquez da Fertè Senetèra do governo de Lorena, Nancy, & Clermont, q̃ vagou por morte do Marquez de Lenoncourt, que foi de hũa mosquetada, que recebeu no sitio de Thionvilla, em recompêsa de seus continuos & dignos serviços, por espaço de quatorze annos, em os quaes se assinalou em gloriosas acções em diversos sitios, & batalhas, principalmente na de Rocroy, em a qual ensaguentado de muitas feridas, & oprimido de outros muitos accidentes, que lhe sobrevieraõ, sustentou com muito valor o poder dos inimigos, que carregou sobre a ala direita, que governava por ordem do Duque de Enguien.

¶ Chegou não ha muito hum correo de Roma, & trouxe a nova da promoção de 15. Cardeaes, feitos de pouco, a saber os Senhores Faccinetti, Mathei Nuncio ordinario em Alemanha, Grimaldi nuncio ordinario em França, Panzirolo nuncio ordinario em Castella, Altieri Falconieri, Ceua, Poli, Giorio, Rapaccioli, Teodoli, Dongo, Rondonini, Costanguta, & Roseti internuncio para a paz geral em Alemanha. A Rainha, não obstante as grandes

occupa-/

ocupações de seu conselho, faz admirar seu espirito, & seu governo, empregando a maior parte desta somana em suas devações exemplares, & honrando com sua real presença a solemnidade q̃ honte se fez em a festa de sua freguesia.

A preza, & reducção da Cidade de Thionvilla à obediencia DelRey Christianissimo Luis 14 pello Duque de Enguien filho do Principe de Condé primeiro do sangue no Reyno de França, com os artigos das capitulações.

[Letra capitular] AQuele que assentado, & amparado dos perigos, se deleita em ler as dificultosas expedições de batalhas, & sitios de praças, & não as quer sómente começar, mas continuar cõ hũ mesmo animo, sem se espâtar do fogo da mosqueteria, & artilheria, que hũa praça cercada vomita sem cessar, nem do aspeito dos esquadrões, & batalhões postos em ordem, lea o cerco, que nossos valerosos Franceses puserão a Thionvilla, debaixo do governo de hum Principe, cujos primeiros movimētos, & progressos tem sido tão gloriosos, que nos estão prometendo hum alegre fim.

¶ Bem o avia profetizado ElRey antes de sua morte, & já não he sonho, o que entam disse ao Principe de Condé, que o Duque de Enguien seu filho poria a nossos inimigos em a razão. A sombra deste justo Principe os vay persiguindo, a innócia das armas do nosso tenro Monarcha, debaixo do ditoso governo da mais perfeita Rainha do Vniuerso, os vay sogeitando, com o braço victorioso de hum Principe, cujo golpe ategora seguiu sempre ao ameaço, avendo triumphado delles em campanha, & reduzido a capitular dêtro de hũa de suas mais fortes, & importantes praças. Mas não se podia esperar menos de hum exercito tambem disciplinado, que nenhum regimento entrava de guarda, que não fosse primeiro receber a benção do Sanctissimo Sacramento em a Capella do campo, & exercitar assi em particular, como em geral todos os actos de piedade, pella direcção de seis Padres da Cõpanhia de Iesus, & outros religiosos destribuidos por seus quartéis.

Naõ/

¶ Não me deterei agora em referir por extenso os progressos da guerra, por não escurecer com a brevidade de hũa relação a gloria, que mereceram nossas armas em esta ocasião, em que todos se portarão com tanto valor, que sobrandome o affecto para o engradecer com o coração, me faltaõ as palavras para o celebrar com a pena: porque he tam grande a importancia desta praça, q̃ chegou a dizer hum dos Plenipotenciarios de Castella (em hum tempo que mal imaginava elle pudesse nunca ser tomada) em hũ livro Castelhana intitulado, *Succesços principales de la Monarchia de Espanha, en el año de 1639. escriptos por el Marquez Virgilio Malvezzi, del Consejo de guerra de Su Magestad*. Impresso em Madrid anno de 1640. na Imprenta real o seguinte. *Os Franceses (diz elle) são mais para temer que os Suecos, Banier, não fará já mais o que ElRey de Suecia não pode fazer, mas ElRey de França o fará. Não he tão facil de conhecer o disignio de França, nem ha principe, nem Republica em Alemanha, que não tomesse as armas para o impedir, se o conhecesse: & não ha nenhum que o não conheça se quizer, & todos juntamente lho impedirão. O graõ desejo DelRey Christianissimo he de chegar ao Imperio, & esta he a ultima cousa que fara: seus predecessores a começarão pella preza de Metz, Toul, & Verdun: Este a prosequio pella occupação da Alsacia, & da Lorena: que se elle pudera fazerse senhor de Thionvilla, esta preza lhe daria logo todo o Lucemburg, acabaria a conquista do Condado de Borgonha, tirarlhehia a defesa ao Palatinado, fãlohia absoluto de todo o Pais de Treves, & de toda a antiga Austrasia: os tres Eleitores Catholicos ficarião seus subditos: ElRey de Espanha perderia Flandes, logo o Emperador o Imperio, as cidades livres de Alemanha, sua liberdade, & os Principes Alemães seu estado.* Mas era bem que hũa praça, a que não ha ainda sinco annos q̃ hũ de nossos exercitos serviço de Victima, viesse a dar inteira satisfação à Coroa, que tanto havia offendido: o modo foy este. Estando de guarda em as trincheiras o senhor de Paluau, Marichal de campo, & o senhor de Tourvilla primeiro gentilhomem da Camara do Duque de Enguien, o primeiro escreueo ao Governador de Thionvilla, q̃ desejava muito de lhe dar hũa palavra sobre certo negocio: a quẽ o Governador respondeo q̃ não podia sahir da praça, & assi lhe enviava dous dos seus principaes officiaes, pessoas de calidade

às quaes podia elle dar todo o credito. Em o qual tempo ouve daquella parte cessaõ de armas, pelejandose em o de mais como de antes, & chegando o dito senhor de Palnau a fallar cõ os ditos officiaes, depois de lhes aver dado conta da muita vêtage q̃ as ar-^[2] DelRey lhes fazia, & da gloria, q̃ o Duque de Enguien, Governador dellas, avia acquerido naquelle cerco, lhes fez ver como a preza da cidade era infalivel, & sua perda inevitavel, se esperassê ser entrados por força de armas. E assi lhe deo conta das minas, & estado dellas. Respõderaõ os officiaes querião dar de tudo conta ao Governador, para o q̃ o foy hũ delles buscar, & tornando brevemête, lhes disse q̃ para hũa cousa de tâta importancia havião mister tẽpo para se resolverê, o q̃ se não podia fazer aquelle dia por ser já muito tarde; q̃ o Governador queria aquella noite ajũtar os officiaes, & conselheiros, para tratar o q̃ havião de fazer; & assi ficarão todos quatro a se tornarê ver o seguinte dia pellas 8. da manhã, como fizerão, tendo entre si treguas, como o dia precedente: os dous officiaes lhe pedirão da parte do Governador quisesse alcançarlhe do Duque de Enguien seis dias; zombarão disso os ditos senhores de Paluau, & de Tourvilla: dizendo, q̃ o mais q̃ deviaõ esperer^[sic] avia de ser atê a terça feira: foy hũ dos officiaes avisar ao Governador, & tornando pedio lhe cõcedessê atê a quarta feira. Iantaraõ aquelle dia todos quatro sobre a contra escarpa, mandandolhes das trincheira pão, & vinho o senhor de Gâdelu, q̃ aquelle dia estava de guarda, avisou o senhor de Tourvilla ao Duq̃ de Enguien, q̃ não lhe quis cõceder mais, q̃ atê os 10. do mes ao meyo dia: & referido aos dous officiaes, foraõ buscar ao Duque q̃ lhes certificou, como esta era sua ultima resoluçãõ: foraõ avisar ao Gouvernador o qual lhes ordenou ficassê por arrefês. Chamaõse estes officiaes D. Francisco, hũ dos principaes officiaes da praça, e Bradimos Capitaõ Capitaõ de cavallos ligeiros: os arrefês da parte do Duq̃ foraõ o Comêdador Valin Capitaõ da cavallaria do regimento de Harcourt, & o senhor de Vouta Lugar tenête Coronel de la Melharé, q̃ estavam nas trincheiras. Dalli a pouco vierão os Magistrados de Thionvilla com algũs outros officiaes, & trouxeraõ os artigos das capitulaçoens seguintes, os quaes foraõ todos executados.

Artigos acordados por Sua Alteza o Senhor Duque de Enguien
Aos Governador, presidio, & moradores de Thionvilla pela
entrega da praça à obediencia DelRey
Christianissimo.

1 ^[Letra capitular] *Que todo o presidio, que ao presente està dentro de Thionvilla, sahirà della precisamente, & ao mais tardar segunda feira proxima dez do presente mes às horas de meyo dia; & para este effeito se lhe dará da parte de Sua Alteza ao dito dia de segunda feira as quatro horas da manhã duzentos carros para levarem os feridos do dito presidio, enfermos, viuvas dos officiaes, ou soldados: & o fato, & às mesmas quatro horas da manhã, os ditos Governador, & presidio largarão as tres brechas, & as primeiras trincheiras de dentro, para Sua Alteza mandar pòr nellas as guardas, que lhe bem parecerem; atè aqual hora das quatro da manhã poderão os ditos governador, & presidio quebrar a presente capitulação, em caso que antes da dita hora das quatro da manhã lhes possa entrar na Cidade hum socorro de dous mil homens de pè, & seiscentos de cavallo, sem que para fazer entrar o dito socorro o dito presidio, ou moradores do Thionvilla possam fazer algũa saida, nem dar algũ favor à dita entrada, directa, ou indirectamente, como tambem da parte de Sua Alteza, se não intentar à cousa algũa contra a Cidade, nem contra as fortificações de defora, em perjuizo do presente capitulo.*

2 *Que as pessoas Ecclesiasticas, que quizerem depois de rendida a praça retirar-se, o poderaõ fazer com seus bens, & moueis, & assi mesmo os Religiosos, ou Religiosas, & os que quizerem ficar na cidade, terão toda a liberdade para exercitar todos os officios dependentes de Fé Catholica, Apostolica, & Romana, sem nisso receberem nenhũ impedimêto, antes ficarão francos, & livres, em posse de seus bens, como de antes: fazendo porẽ o juramento de fidelidade; & os ditos Ecclesiasticos, que se quizerem retirar, não poderaõ levar Reliquia nenhũa, nem ornamentos de Igreja.*

3 *E em caso que algũs dos ditos Religiosos, ou Religiosas deixẽ seus Mosteiros vagos, & desemparados, que os ditos Mosteiros vagos, não poderaõ ser dados a outros Religiosos, ou Religiosas, senão aos da mesma ordem daquelles que ouverem deixado os ditos Mosteiros, & Conventos.*

4 *Quel*

4 Que os fidalgos, & fidalgas, que de presente e taõ na cidade teraõ toda a liberdade de ficarem com seus bês em a cidade, & gozarão de seus mesmos direitos, & privilegios, & tambem poderão tornar para suas quintas para as possuir, & cultivar, como de antes, dando porem o juramento de fidelidade^[sic]: & da mesma condição, serão todas as pessoas, que estiverem ausentes — com tanto que tornem à dita cidade, ou quintas em tempo, & espaço de seis meses, a contar do dito dia dez do presente mes.

5 Os ditos Governador, Capitães, & outros officiaes, soldados, & criados assi de pè como de cavallo do dito presidio de Thionvilla, de qualquer cõdição que sejam, excepto os officiaes, & soldados Franceses, & os que deixarão o exercito governado por Sua dita Alteza, poderão livre, & francamente sahir com suas armas, bandeiras despregadas, caxas tocadas, trombetas, mechas acesas, balas em boca, & bagages, sem respeitar, se em quanto durou o siiio^[sic] elles servirão a pé, ou a caualllo, & assi mesmo cõ seus moueis, & gado de qual quer especie q sejam, para tomarê a derrota da cidade de Lucẽburg pello direito caminho, para cujo effeito Sua dita Alteza lhe mandarâ dar boa, & fiel escorta.

6 Os ditos Governador, & presidio, como sahirem da cidade de Thionvilla levarão consigo dous quartos canhões, & o pequeno murteiro com as munições de guerra necessarias para tirar cada hum tres tiros; & para este effeito lhes serão dados cavallos, & aparelhos suficientes para os leuar atè Lucemburg: a qual artilharia seguiraõ os recebedores, & officiaes das moniçoês Del Rey Catholico, engenheiros, gentishomês da artilharia, artifices, condestables, bombardeiros, carpinteiros, & tudo o que for dependente do meneo da mesma artilharia.

7 Os ditos officiaes, soldados, ou outras quaesquer pessoas que tiverem em a dita cidade, bês moveis, & de rais, de qualquer natureza que sejam, que os não poderem levar consigo, terão plena liberdade para dispor delles dentro do tempo; & espaço de seis meses, que se contarão do dito dia dez do presente mes, em caso que não queiraõ tornar para a dita cidade.

8 Nenhũ official, soldado, bombardeiro, ou outra pessoa de pè, ou de cavallo do dito presidio, poderá ser embargado sob pretexto de ser Lorenzo, de aver servido em França, ou de ser de algũ pais neutral, antes sahirão livre, & francamente como os demais, reservando sòmente os que ouverem fugido do exercito governado por Sua dita Alteza despois do sitio.

9 Todos/

9 Todos os prisioneiros Franceses, ou de outras nações que ouuerem assentado praça em os exercitos DelRey Christianissimo, & se acharem em a dita cidade de Thionvilla ao tempo de sua entrega serão remittidos em mãos de Sua Alteza, sem pagar algum resgate.

10 Nenhum official, ou soldado poderá ser embargado por algũas dividas ao sabir da prisidio da dita cidade, nem assi mesmo os moradores, que se quizerem retirar.

11 Os Magistrados, officiaes de Camara, moradores, & moradoras, & todos os outros residentes em a dita cidade de Thionvilla, de qualquer condição, que seão serão sustentados, & cõservados em a propriedade de seus cargos direitos, & privilegios, segundo seus antigos costumes, dando porem o juramento de fidelidade. E em caso que elles escolhão retirarse da dita cidade, terão pleno poder, & liberdade, pendente o tempo, & espaço de seis meses, para fazer levar todos seus moveis, alfayas, gados, pam, vinho, & tudo o que consiste em pezos, ou medidas, seja por grosso, ou por meudo, & assi tambem os bês, que elles tiverem recolhido em suas casas pertencentes a seus parentes & amigos, para q̃ partindo da dita cidade se possaõ retirar onde bẽ lhes parecer, seja dêtro do districto da jurisdição de Thionvilla, ou a outra parte, para gozar da exempção dos que ahi residẽ, ou haõ residido: & da mesma condição seraõ aquelles, ou aquellas, que antes do sitio estavão em a dita cidade, & ao presente estão ausentes, para se poderẽ regular segundo os artigos acima referidos.

12 Os q̃ estiverẽ dêtro da dita Cidade poderaõ livremente, cõ licença do Governador della, acudir a seus negocios assi em o Pais do Lucemburg, como no Imperio, sem q̃ por residerẽ em a dita cidade de Thionvilla, lhes possaõ prohibir á faculdade de tratar de seus bês das outras partes.

13 Os ditos Governador, presidio, & moradores deixaraõ os almazens das monçoens de boca, & de guerra em o estado, que estão, sem tirar, nem divertir cousa algũa.

14 E para segurança da escolta, cavalos, & carretas, que forem dados por parte de sua dita Alteza pera execução deste tratado o dito Governador deixar àrefens, os quaes se tornaráõ a enviar com toda a segurança á dita Cidade de Lucemburg, logo depois da volta da dita escolta, cavalos, & carros.

¶ Feito, & acordado hoje 8. do mes de Agosto de 1643. em o campo de Thiõvilla, & assinados dous por Sua dita Alteza, & o dito Senhor governador.

Huml

Hum para ficar em poder de Sua dita Alteza, & outro para leuar o dito Senhor Governador: assinado

LVIS DE BORBON, E DE ORIoT.

¶ A qual capitulação o senhor Boisdauvin Ajuda de capo, q̃ em tódo este cerco cõprio muito bẽ cõ sua obrigação, trouxe á Rainhà aos 12 do dito mes de Agosto: & aos 14. pelas 3. despois do meyo dia o Senhor de Thourvilla, Gẽtilhomẽ da Camara do Duque de Enguien, lhe trouxe a nova da execuçaõ della, em cõpanhia do senhor da Roussiere escudeiro do Principe de Códé, q̃ o Duque lhe tornou a enviar cõ a nova desta presa, em câbio da q̃ elle lhe avia mandado do nascimento do novo Principe seu filho, que foy aos 19. de Iulho pelas sete da tarde.

¶ Està a Cidade de Thionvilla em o antigo Ducado de Lucẽburg sua forma he como de hũ meyo circulo, composto de 6. bastioens Reaes, hũa meya lũa entre cada hũ delles, sêdo o circulo cortado com o rio Mussella, ao longo do qual a praça estâ també regularmẽte fortificada. Tẽ muytos raelins, & peças apartadas álẽ dos ditos bastioens, particularmẽte hũ forte grande da parte de Lucẽburg. Seus fossos, q̃ são muy profundos, & bem lançados ao redor de todas estas obras estaõ cheyos com a agoa deste Rio: naõ tẽ mais q̃ duas portas, hũa da banda de Mets, & outra da banda de Treves, ou Lucemburg; & está situada em hũ valle. Entrou a nossa gẽte nella aos dez do dito mes de Agosto pelo meyo dia, tomando primeiro as guardas Francesas, & Suissas antes das 4. horas da manhaa posse das tres brechas, dos dous bastiões, & da cortina. A gente de guerra sairia em numero de 1300. ou 1400. entre Infanteria, & cavalaria: a saber 300. pera 400. cavallos, & algũs mil piões; naõ contado muytos feridos, algũs moradores, & 11. Capuchinhos, q̃ naõ quizeraõ ficar dêtro por mais persuasoens, q̃ lhes fez o P. Musnier da Companhia de Iesus, confessor do Duque de Euguien, q̃ o enviou tanto q̃ a capitulação foy assinada a assegurar os Ecclesiasticos, Religiosos, & moradores das boas vontades DelRey, & do General do exercito, com promessas de fazer reparar as ruinas, & perdas recebidas em seus Convêtos, q̃ estavaõ em [palavra omissa]

stos à artilharia por causa de sua vizinhança cõ os baluartes.

¶ Em qnanto^[sic] os inimigos sahião, os saõs a pê, & a cavalo, & os feridos em as carretas, q̃ o Duque de Enguien lhes auia dado, segundo a capitulação, o nosso exercito estaua ao redor da praça, & havendo o successo posto em esquecimento suas passadas fadigas, quaes se podem considerar de suas muytas vigias, & trabalhos, alem dos cuidados, q̃ sempre acõpanhão semelhantes empresas, fazia muytas saluas, & dava todàs as demais mostras de hũ exercito victorioso, & pelo contrario os inimigos davão assaz a entender o miseravel estado de suas cousas.

¶ Pelas duas horas depois do meyo dia, havêdose os regimêtos das guardas Francesas, & Suissas apoderado das entradas, praças, portas, & postos da Cidade, o Duque de Enguien entrou nella acompanhado dos officiaes generaes do exercito, & dos voluntarios, marchando desde a porta da Cidade sempre^[sic] com o chapeo na mão até a entrada da Igreja principal: a cujas portas foy recebido pelos Ecclesiasticos revestidos de suas capas, & o Cura lhe fez hũa pratica na lingua Latina, ao qual elle respõdeo na mesma lingua: & logo foy alli cantado o *Te Deum laudamus*, & as preces feitas por Suas Magestades: & não esqueceo dizer, como se observa em Frãça, o *Domine salvũ Regem nostrum Ludovicum*: a qual cerimonia acabou com a benção do Sanctissimo SACRAMENTO, q̃ estava exposto na Igreja.

¶ O Duque de Enguien foy logo aver o trabalho dos cercados, o qual tinha todo muyto q̃ admirar, se bem infalivelmête o fazião inutil as nossas minas, segundo estavam bê lançadas debaixo de suas cortinas, & mais fortificações; tudo merece a piedade, & religião inseparavel de nossa soberana Princesa, cujos altos disignios são generosamente favorecidos do vigor de espirito de Monsenhor o Duque de Orleans tio DelRey. Tudo produzê os sabios conselhos do eminentissimo Cardeal Mazarino; & tudo rende o animo excellente do Duque de Enguien, cujas virtudes, & partes são tão louvadas, & virtuosas, q̃ sua memoria servirá de Pharo, & de Methodo, aos q̃ viverem durante o curso de sua idade.

Soli Deo honor, & gloria.

Com as licenças necessarias, & Privilegio Real.
Em Lisboa, por Antonio Alvarez Impressor DelRey
nosso Senhor Anno 1643.

GAZETA
DO MES DE OVTVBRO DE 1643. DE

nouas fora do Reyno. Entre as quaes se relata a via
 ge do Marichal da Motha em Aragão, & o encon-
 tro, que a Armada de França teve com a Castelha-
 na em a Costa de Barcelona, & a conspira-
 ção do Baxá de Alepo contra o Grão
 Turco, cõ o sucesso que teve.

De Genova ao primeiro de Agosto de 1643.

[Letra capitular] O EXERCITO Frances, depois de haver estado largo tempo em os tres postos do Burgo, dos Iardins, & de hũa porta de Alexandria, se resolveo aos 28. do passado em se tirar, & passar, como fez o Tamaris, tomando sua marcha polla parte de Saõ Salvador. As tropas Castelhanas, que estão em Alexãdria o foraõ seguindo, mas considerando, que lhes não seria de muita utilidade o marcharem mais avante se retiraram logo, sem se poderẽ vingar das grandes perdas, que os Franceses naquelle Paiz havião feito, cuja cavalleria corria a campanha até Puzzuolo Formigaro. Dous dias antes havia o Conde de Siruela feito avançar mil cavallos para os meter em a cidade de Alexandria, a cargo do Conde Galeazzo Trotti, lugar-tenente General da cavalleria Castelhana, & do Milanez: o que fez polla assistencia do Coronel Stoz, & do Mestre de Campo Dom Pedro Gonçales, sem perder mais em esta expediçam que sinco, ou seis soldados.

¶ Os Castelhanos reforçarão tambem os dias passados o presidio do Castello de Moncastel, & o de Valença: onde o Conde

A

de/

de Siruela, que havia pouco chegara de Mortara, teve hũa junta de todos os officiaes, a fim de prover os perigos, que a esta ultima praça estão ameaçando.

¶ O Marquez de Velada, novo Governador de Milão, chegou a 25. do passado a Pavia, averse com o Conde de Siruela; & esteve muito arriscado a ser preso dos Suecos ao passar do Rhin, onde perdeu hũa boa parte de sua bagagem.

¶ De Florença nos escrevem, que a noite de 28. do passado, as tropas do Papa quizerão tomar por assalto a Cidade de Pieva; nas que o presidio os fizera retirar; que o Baillif de Valancey havia atacado a Novantola, confiado em que o Marquez Mathei se avançaria em o mesmo tempo com suas tropas a ocupar o passo de Novicello, & impedir o socorro da parte de Modena. Mas sendo disso advertido o Duque, por prevenir o disgnio do Marquez com toda a nobreza de seu Pais ocupou primeiro o dito passo, & no mesmo tempo enviou socorro a Novantola, o que fez com muita facilidade, porq̃ os de dêtro & os de fora da dita praça, se defendião com muito valor, & o dito Baillif, não tinha bastante poder. E retirandose depois o Duque de Modena, encontrou ao Marquez Mathei, que se avançava pera o dito passo de Novicello: o que deo lugar a hum combate, em o qual as duas partes disputarão largo tempo sem ventagem algũa, mas finalmente o Marquez Mathei, foy contragido a se retirar. Morreo aqui o Conde Francisco Gonzaga de hũa mosquetada: o Comissario da cavalleria do Papa ficou ferido, & algũs mais prisioneiros. Tambem o Duque de Modena perdeu algũs dos seus: & entre tanto o senhor Gâba Corta, ou perna curta, sargento mór do exercito Ecclesiastico, cerrou a cidade de Pieva, por lançar della as tropas do graõ Duque de Toscana: contra o qual se resolveo a formar dous campos, hum para entrar em a Toscana, & outro para lançar os Florentinos do Estado Ecclesiastico.

De Colónia aos 18. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] D'Espos da entrega de Thionvilla, que aqui tem causado
grande/

grande espanto, não se fallou mais em o exercito defensivo, que os Estados de VVestphalia queria levantar: visto a grande necessidade, que ha de tropas para outras partes. Estaõse aprestando seis regimentos, assi de pê, como de cavallo, que faraó algũs dous mil homês, para irem na volta de Mozella, em socorro do General Beck: com quem se ha de ir tambem ajũtar o General mayor Schnetter da VVestphalia, com quinhentos cavallos, & dous mil Infantes.

De Londres aos 20. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] HAViãose começado ordenar algũas proposições de paz; mas tratandose em as duas Camaras, se as enviariaõ a ElRey da Graõ Bretanha, depois de grandes debates se resolveo que não. Atribuiouse a causa o virem o Mere, & os Senadores desta Cidade em o mesmo dia ao Parlamento pedir, q̃ senam fizesse algum acordo de paz, em q̃ elles també não fossem comprehendidos, & sem que se lhes tornassem tres milhões & meyo de Iacobos, q̃ elles com tanta liberalidade havião emprestado às duas Camaras: o que foy causa para que os senhores da Camara alta, que pugnavaõ pella paz, se retirassem daquelle aperto cõ grande trabalho. O dia seguinte, veyo grande quantidade de mulheres, trazendo todas por divisa trançados brancos sobre seus toucados, o pedir paz ao Parlamento, & q̃ fosse ao preço que fosse: as quaes tornaraõ tambem honte em numero de tres para quatro mil, de todos os contornos desta cidade, & entrando por força, apezar das guardas, a primeira porta da Camara baixa, pediraõ em altas vozes a paz, & ao senhor Pym, & o Visconde Say, a quem ellas chamaõ botafogo: mas o primeiro estava ausente, & o segũdo passou pello meyo dellas sem ser conhecido: & mandando o Parlamento a suas guardas, que as fizesse retirar, algũas foraõ mortas: despois mandou tambem buscar as companhias de cavalleria, & de Infanteria, as quaes feriram també muitas, & finalmente as fizeram retirar de todo. Prometeram tornar mais fortes, & aparelhadas, como fizeram, & dando em a casa de senhor Pym, lhe

A2

quebra-/

quebraraõ as portas, entraraõ dêtro, mas não o achando se tornaraõ a retirar sem fazer mais cousa algũa.

De Soissons aos 25. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] AOs 24. deste mes pellas dez horas da noite morreo em a sua Abbadia de nossa Senhora desta cidade, da ordem de S. Bento, Luiza de Lorena, ultima do Ramo de Aumale, em os 82. annos de sua idade, & 75. de seu habito de Religiaõ: havendo sancta, & exemplarmente regido por espaço de 50. annos esta Abbadia: em a qual dignidade lhe socedeo Henrietta de Lorena sua sobrinha, & coadiutora, filha do defunto Carlos de Lorena Duque de Elbuf, & de Margarida Chaboz Duquesa hereditaria desta illustre casa.

De Paris a 29. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] ENTRE os accidentes do cerco de Thionvilla, não he para se deixar em esquecimento a morte do senhor Marigaut, hum das guardas do Duque de Enguien; & filho de hum Mercador da rua de Sancto Antonio desta cidade; o qual morreo, sem se sentir morrer, porque estando dormindo em sua barraca, lhe levou hum pillouro de bombarda a cabeça, tres dias antes da entrega desta praça, pella qual.

¶ Aos 18. deste mes se fizerão nesta cidade as cerimoniaes do *Tè Deum*, em Nostra Dama, as quaes passaraõ assi.

¶ A Rainha assistida de Monsenhor o Duque de Orleans tio DelRey, do Principe de Condè, das princessas do sangue, & outros Principes, Duques, & Pares, dos Marichaes de França, & de toda a Corte, & juntamente de todas as companhias soberanas, & do corpo da villa, conforme a carta DelRey assinada pello secretario de Guènegaut, em data de 17. do presente, chegaraõ ao outro dia, que foraõ 18. pellas sinco horas da tarde à Igreja de Nostra Dama desta cidade, onde foraõ recebidos pello senhor de Rhodes graõ mestre das Cerimonias, & pello senhor de Saintot mestre dellas, os quaes deraõ os lugares segundo o estilo, & ordem a costumada, aos que os tiveraõ. Diante do patio da Igreja, & às suas entradas estavaõ

quatro/

quatro companhias das guardas Francesas, & duas de Suíços. Chegou a Rainha á Igreja das sinco para as seis da tarde, a cujo^[sic] porta Sua Magestade foy recebida pello nosso Arçobispo, acompanhado de toda a Cleresia, & lançandolhe a agoa benta, Sua Magestade se foy para o Coro, onde lhe estavà preparado hum sitial coberto de hum pano negro, & a seus lados se puseraõ Monsenhor o Duque de Orleães, & o principe de Condè. Sobre o mesmo pano estavam todos os outros Principes, Princesas, Duques, & officiaes da Coroa, & toda a Corte sem algum lugar, nem assento. Ao lado direito da Rainha & diante de seu sitial para a parte do Altar estavam de joelhos o Bispo de Beauves seu grande Esmoler, o Bispo de Puy seu primeiro esmoler, & o Bispo de Pasmiers seu esmoler ordinario, & todos os Esmoleres de sua casa. A sua esquerda, & do outro lado, estavam algũs esmoleres DelRey, todos de joelhos. Os lugares estavam dispostos desta sorte; A mão direita do Altar môr, estava o banco dos Cardeaes, & sobre elle o Cardeal Mazarino: detras de sua Eminencia estavam mais tres bancos para os Arcebispos, & Bispos, que alli se acharaõ alguns 20. do outro lado junto ao Altar môr, estavam os Embaixadores, Residentes, & Agentes. A direita do sitial da Rainha, estavaõ o Chançarel de França, em sua cadeira, & hum dos Vreadores da fazenda: defronte delles, sobre o banco dos Secretarios de Estado, o Conde de Brienna, & os senhores de Vrillera, de Guénegaut, em o Tellier. Todas as cõpanhias soberanas, & corpos sobreditos, & os lugares acostumados. O *Tè Deum*, foy começado pello Arcebispo, & cantado pella Cleresia, & a Musica. No fim do qual se disse o *Exaudiat*, & durante elle, o senhor de Sancto Aouft fez atirar do Arsenal, & o senhor do Tremblay da bastilha, muitos tiros de artilheria. E finalmente a benção dada pello Arcebispo, a Rainha se tornou com a mesma ordem que havia vindo, & cada qual se retirou. A noite foraõ continuadas estas salvas com muitas luminarias, & outros fogos de alegria.

A3

De/

¶ De Constantinopla nos escrevê, que aos 30. de Abril passado, o Bay de Santo Amaro Mansoul, q̃ he o mesmo que dizer privado do cargo, sendo alli chegado, com algũs cem quintaes de tabaco, q̃ elle avia feito meter em sua galè, cõ disignio de o fazer vender secretamête, foi malsinado por algũs soldados da mesma galé, & tendo rastro disso, fugio, deixando o seu tabaco, o qual foi no mesmo instante queimado, & sua galè confiscada por ordem do graõ Senhor: o qual socedeo tambem ao odio implacavel, que seu predecessor tinha a esta mercancia, como fez a seus estados. Aos 26. de Mayo seguinte, Vissein Baxá de Alepo havendo feito publicar que tinha grandes designios, os quaes elle faria aparecer brevemente com grande desprazer da Porta, chegou com tres, ou quatro mil cavallos, a mayor parte Arabes, junto de Scudaret em Asia, que fica à vista do porto da dita cidade de Constantinopla: o q̃ obrigou ao graõ Senhor a passar daquella parte, cõ a mayor parte de sua milicia, para lhe impedir poder emprender cousa algũa. Mas como elle vio a sua Alteza em estado de lhe fazer rostro, lhe fez entender por certas pessoas, que se meterão de permeyo, que elle não vinha alli para mais que para lhe pedir justiça do aggravo, que seu primeiro Visir lhe havia feito: porque havendo elle dado hũa grão suma de dinheiro, por haver o governo de Alepo, & o ter tres annos, como se pratica, elle o não havia gozado mais que nove meses; o que o tinha reduzido a hum miserabilissimo Estado, sendo com tudo dos que se não havião empregado menos em o serviço de sua Alteza: porem não querendo sua Alteza admitir nenhũa destas desculpas, mandou aos Ianizaros, que fossem tras delle: o que elles mostrarão querer logo fazer, mas contudo não se bollirão de seu posto. Os Spahis mostrarão mayor resoluçãõ, porque tanto que elles tiveram ordem para atacar este rebelde, logo marcharão. Mas como forão avançados a tiro de mosquete do lugar, onde elles imaginavão combatello, reconhecerão que havia desemparado o seu campo, havendo deixado algũas

tendas/

tendas armadas, desviadas hũas das outras, para fazerem mayor aparato, com algũa bagagem de pouca consequencia, a fim de fazer crer, que elle estava alli entrincheirado, & convidar os soldados à pilhagem, em quanto elle fazia sua retirada, como fez. O graõ Senhor tornou em o mesmo dia a Constantinopla, mostandose muito contente, & satisfeito de que esta empreza não tivesse effeito contra seu principal Ministro: em o qual elle tem muita confiança. Este Vssein Baxà (que he filho do defunto Nassouf Baxá, que foy hum famoso rebelde em Asia, & que por algũas razões de Estado foy em fim feito Graõ Visir, pello defunto Sultão Achmet, que depois o fez enforçar, ainda que era seu genro) havia feito este cometimento debaixo da palavra, que muitos descontentes lhe havião dado, de que elles se declararião, tanto que elle apparecesse com mão armada, à vista de Constantinopla: mas o remedio que elle alli achou, indo com tão bõ animo em busca do mal, foy valer-se de seus pés, mas veyo por derradeiro a cair nas mãos do dito Graõ Visir, o qual lhe fez cortar a cabeça, & a enviou a sua Alteza.

De Leipsic aos 29. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] O General Mayor Konigsmarc continua os blocos da cidade Magdebourg: da qual se entende quer fazer sahir a guarnição Saxonna, & meter em seu lugar a de seu Arçobispado, para a fazer por este meyo neutral: & se diz q̃ o dito General Mayor Konigsmarc deve logo seguir sua marcha contra as tropas Imperiaes, que se vão ajuntando para a parte de Egger a cargo do Coronel Cappaon.

De Hamburgo aos 29. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] OS Suecos q̃ são vindos da Pomerania, & do Pais de Meklebourg, apertão notavelmente com a fortaleza de Donitz, junto à qual tem já ganhado hũa pequena Ilha. Os Deputados Suecos para a paz gèral, são partidos para Osnabruk, com o auiso que tiverão de q̃ os DelRey de Dinamarca eraõ chegados a Glukstad, para tomar a mesma derrota. A Rainha

viuva/

viuva de Suecia he ida para Prussa.

Do Campo de Asseneda aos 30. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] HAVendose o Principe de Orange aos 11. deste mes chegado a Sas de Gand, a artilheria, & mosqueteria da praça lhe matou algũa gente. Meteose em Bockhout a companhia de Stakembroek, & do Conde de Stirum com o regimento de Verdoes, & dispos de tal sorte todas as outras suas tropas, q̃ difficultosissimamente poderaõ ser surpresas.

De Amstardão aos 31. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] TEMos aqui auiso, que o exercito Holandes he partido de Asseneda, & que tomou a derrota de Maldeghe: onde tem acudido todos os marinheiros de Zelanda.

De Anvers aos 31. de Agosto de 1643.

[Letra capitular] AOs 14. do corrente algũs soldados da guarniçam de Lier, tendo embargado a barca que vay todos os oito dias de Bredá para Haya, tomaraõ nella muitas morcadorias, & fizeram nove prisioneiros, a mayor parte dos quaes lhe pagaram muito bom resgate. Ao outro dia vinte & quatro soldados Olandeses chegando ás portas desta cidade para ver se podiaõ roubar algũa cousa, forão persiguídos pellos nossos, os quaes mataram algũs, & fizeraõ aos demais prisioneiros.

A viagem do Marichal da Motha em Aragaõ.

[Maiúscula] HAVendo o Marichal da Motha, depois da preza de Estadilha, enviado aos dez do passado, o senhor de Ferraciera Marichal de campo investir Benevarri, cidade Capital do Condado de Ribagorsa em Aragaõ, ao qual os moradores offereceraõ meterse em a obediencia DelRey, & de fazer dão o juramento de fidelidade a todos os moradores deste Condado, com condição, que elle retiraria suas tropas daquella cidade, o dito senhor de Ferraciera os recebeo alli, assi para obrigar o resto de Aragaõ a fazerem o mesmo, como por executar as ordens de seu General, que lhe havia ordenado tornasse o mais depressa que pudesse a se ajũtar com elle: & que

rendo/

rendo depois o General passar a Sinca, & hir atacar os inimigos, que estavam alojados da outra parte, fez levar sua artilheria á borda daquella ribeira, para favorecerlhe o passo: mas subreveyo tam grande tempestade, que as neves das montanhas, que dezfez, fizeraõ crescer a ribeira tres pés de alto: a qual não se podendo passar a vao, foy o Marichal da Motha estrangido a trocar suas ordens, & resolverse a marchar para as montanhas por fazer subsistir seu exercito: & porque a artilheria não se podia là conduzir, mandou ao Marquez de Vxel, que a levasse a Lerida com 500. cavallos, & foy dormir a Tamaris, onde havia de ir ter o senhor de Brenonvilla tambem Marichal de campo, com o resto do exercito, para se encaminhar a Peralta, onde o dito Marichal da Motha devia chegar aos 13. do dito mes. Aos 14. o dito senhor de Bronõvilla chegou aos dito lugar de Peralta com suas tropas, & huma parte de Convoy dos Vívres, havendo deixado o resto em Tamaris, em quanto os carros não podiaõ chegar mais avante. Aquelle dia o Marichal da Motha enviou hum Trombeta a Benevarri, que notificou de sua parte os moradores executassem sua promessa. Ao que elles responderão, que ElRey de Espanha lhes havia enviado hum presidio de quinhentos homens, os quaes lhes impediaõ poderem fazer o prometido. Esta resposta obrigou ao Marichal da Motha, apartir aos 15. com tres mil infantes, & mil cavallos para a dita cidade de Benevarri: onde achando os moradores resolutos em se defender, fez atacar a cidade por todas as partes, prometendo a pilhagem aos soldados: o que os fez servir com tanta resolução, q̃ levaraõ a praça, & obrigarão aos que a defendiaõ, a se retirarem à Igreja, & ao Castello, que elles havião feito ajuntar por algũas fortificações: & depois de haver de novo notificado os moradores, q̃ se haviaõ elli^[sic] retirado, acompriré sua promessa, & elles respondido, q̃ nam queriam, né podião & que ElRey de Espanha lhes havia prometido socorro; & nam se podêdo trazer a artilheria para defronte deste castello

que/

que de outro modo se não podia tomar, o dito Marichal da Motha, havendo sobre este negocio, ajuntado o conselho de guerra, se achou mais conveniente, & mais aventejado para o seruiço DelRey, verdadeiramente mais prejudicavel aos inimigos, castigar sua falta de palavra com a ruina inteira da dita cidade de Benevarri, & com a destruição de mais de 20. leguas de terra, que contem o dito Condado de Ribagorsa, que empregar inutilmente o tempo, os homens, & as moniçõs diante deste castello: do qual assi mesmo, em caso q̃ elle fosse tomado, a fortificação, & a guarda era de mayor despeza que o proveito. E assi despois de haver tomado, & feito dismantelar todas as cidades, & castellos, que podiaõ impedir aos Franceses a entrada no dito Pais, & havello posto em estado que os inimigos não poderão fazer alli os lugares de assemblea, nem de quartel de Inverno, como tinham de costume, as grandes calmas, a falta de agoa, & algũas outras cõsideraçõs o obrigarão a meter suas tropas em quartel para as conservar, & ir a Barcelona dar ordem aos de dentro do Pais, a se prepararem para hũa nova campanha em sendo passadas as calmas, & manifestamente a se opor aos inimigos que se fortificavão, com a presença DelRey de Espanha, que esperavão de dia em dia em Çaragoça.

*A preza de seis baixeis Castelhanos pello Duque de Bresé, em
a costa de Barcelona.*

[Letra capitular] HAVendo sahido ao mar o Duque de Bresé, General da armada de França, ao principio do mes de Agosto, cheyo da esperança dos bons sucessos, que lhe prometia hũa vêtura, & honra tão grande, como a que sua casa recebia com o nascimento de hũ principe do sangue seu sobrinho, tomou a rota de Tarragona, para ir conferir, como fez, com o Marichal de Motha, sobre o que havião ambos de fazer em augmento do seruiço DelRey em aquelle Principado. E despois desta conferencia, espiava as ocasiões, em q̃ pudesse offender

a seus/

a seus inimigos, quando a torre de Monjovy deo o sinal, que costuma fazer quando vê no mar mais de quatro navios juntamente: & depois disto descobrio do tope dos mastros seis vellas ao mar; pello que mandou logo seis navios de sua Armada, a saber: S. Carlos, a Perola, o Leão Coroado, a Europa, o Tritão, & a Duquesa, Governados pellos senhores Gabaret, Matan, dez Goutes, la Lande, S. Martim, & a Fertè, para os irem conhecer, & lhe dar aviso de se eraõ amigos, ou inimigos; & deo tambem suas ordens as nove galès armadas, para assistirem a estes navios, & em caso que achasse serem mais de oito os inimigos, se resolveo que as galès comesçassem o combate, & que a Nona viria com toda a pressa dar aviso ao resto da armada real, dando entre tanto o sinal com hũa fumaça, & hum tiro de peça à Capitaina, que logo os iria socorrer com o resto da Armada. Para execuçaõ desta ordem o senhor de Baillibaut, que governava as ditas gales, julgando ser necessario ganhar o vento aos inimigos, fez dar hum reboque aos navios com as gales, cuja chusma fez tanto effeito, que finalmente puseraõ aos nossos abalravento dos inimigos, ficandolhes a tiro de canhão: onde reconheceo melhor as ditas seis vellas, de que a esquadra inimiga era composta; a saber, 1. de hum navio de guerra DelRey de Castella, de feiçaõ framenga, que jugava vinte oito peças de artilheria, 2. de hum galeão feito em as Indias, de feiçaõ Biscainha, que jugava vinte & duas peças, 3. de hũa falta de porte de trezentas toneladas, carregado de tres mil & setecentos quintaes de biscouto, & de cem pipas de vinho, 4. de huma polacra de porte de cento, & sincoenta toneladas, carregada de farinhas, & de vinho, 5. de hũa fragata de Dunkerque, & 6. de hũa grande barca, de cuja carga se não sabe, por se haver afundado. Tanto que a nossa gente esteve a tiro de canhão, começaram a combater estes baixeis inimigos, & constrangeraõ primeiramente à polacra, & à grande barca, como menos capazes para resistirem, a se renderem logo: os outros baixeis se defenderaõ valerosamente por muito tempo: mas finalmente o navio grande de feiçaõ framenga, havendo sido desêmasteado do

mastro/

mastro grande, & os outros muito maltratados da artilheria, se venderão. De maneira que ao outro dia os nossos levarão debaixo de sua bandeira a toda esta esquadra inimiga, excepto a grande barca, que se foy a pique no mesmo instante que foy rendida, tão maltratada estava da artilheria em este combate.

¶ O Duque de Bresè enviou a polacra ao Marichal da Motha para vigiar a costa: & fez armar a fragata de DunKerque, para servir em sua armada, a cargo do senhor de Forgettas, a quem deo o governo della. O navio desemmasteado, & a fusta devem ser levados a Toulon. As moniçoões de que estes baixeis estavam carregados devem servir para ganhar a Rozas, que os prisioneiros dizem estar em grande necessidade, & que a preza deste convoy augmentará muito mais a desesperação daquella praça, para a qual havia partido duas vezes de Mailhorca, onde os maos tempos havião cōstrangido tornar outras tantas, como se não esperasse mais que ao Duque de Bresè, para acabar por suas ordens. Dentro destes baixeis se acharão quatro mulheres, as quaes elle enviou com dinheiro, & vestidos ao lugar, donde os marinheiros as havião tirado.

Taxaõ esta Gazeta em seis reis. Lisboa 3. de Outubro de 1643.

I. Pinheiro.

Coelho.

Com todas as licenças neceßarias, & Privilegio Real.

Em Lisboa por Antonio Alvarez Impressor
DelRey N. S. Anno de 1643.

**GAZETA
DO MES DE
NOVEMBRO DE 1643.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM AS QVAES SE RELATA COMO O EXERCITO FRAN
ces gouernado pello Marichal da Motha fes levantar o cerco de Flix,
em Catalunha, com o desbarato dos Castelhanos diante
daquella praça.*

De Dunganvan em Irlanda ao primeiro de Setembro de 1643.
[Letra capitular] Escrevemnos que havendo hũa de nossas fragatas
encontrado os dias passados hũ navio delRey da graõ Bretanha
pelejando com hum galeão do Parlamento de Inglaterra, apertou
taõ viuamente com o galeão, que o rendeo, & o meteo em poder
do capitão do baixel real.

¶ Em o castello de Dublin prenderão por ordem de S.
Mag. Britanica a mayor parte do Conselho dos Protestãtes
daquelle Reyno, por se descobrir queriaõ entregar esta praça aos
Parlamentarios.

De Napoles aos 2. de Setembro de 1643.
[Letra capitular] O Visorrey se prepara pera voltar a Espanha chamado
de S. M. Catholica, & leva consigo mulher, & filhos juntamente,
com a senhora Duquesa de Mondragone: em seu lugar disem
vem o Almirante de Castella, que ao presente he Visorrey de
Sicilia.

De Coppenhaguen aos 5. de Setembro de 1643.

A

Aos/

[Letra capitular] AOs dous deste mes chegou a Elseneur o senhor Pedro Marcell Embaixador Moscouita, com os artigos do casamento entre o Conde de Woldemar, filho natural delRey de Dinamarca, & a filha do graõ Duque de Moscovia, o qual lhe dà em casamento, alem de dous duquados, oitocētos mil reisaldres, q̃ são outros tãtos cruzados, pouco mais, ou menos.

De Roma aos ditos 5. de Setēbro de 1643.

[Letra capitular] AOs 22 de Agosto passado passou por aqui hũ correo de Madrid, que deo por novas como por todo aquelle Reyno se fasiaõ grandes lévas pera reforçar o exercito, que S. Mag. Catolica tem em campanha contra Catalunha.

¶ Ouve aqui aviso, q̃ os Florantinos despois da presa de Carnaiola haviaõ começado a romper os muros de Chiana, pera fazer alagar esta cidade, & que não podendo levar àvante seu disignio, se haviaõ resuluido em a minar: pella qual resão sua Santidade enviou àquella parte o Cardeal de S. Clemente cõ muytos engenheiros pera o remediar, como fez: sendo os Florentinos constrangidos a se retirarem com a chegada de quatro cõpanhias Ecclesiasticas governadas pellos senhores Gambacurta, & Malvasia; as quaes chegaraõ no mesmo ponto, em que os Florentinos começavão a minar os muros.

¶ A 29 do passado se teve aviso que as seis gelés da esquadra de Malta eraõ chegadas ao porto de Civitavecchia, por comissão do eminentissimo Graõ mestre, a cargo do cavalleiro frey Gabriel de Boisbondan thesoureiro geral daquella Religiaõ, pera servirem â Sé Apostolica, em as occurrências da guerra, as quaes galès juntas com as outras seis da esquadra Pontificia seraõ sufficientes pera guardar a costa do Estado Ecclesiastico, & defendello dos cossarios, & entretanto os soldados

de/

de presidio em os lugares maritimos poderaõ marchar pera as partes onde os exércitos da Santa Igreja estão postos em campo contra os Principes da liga de Italia.

¶ Em o vltimo do passado pella manhã fez sua Santidade cõsistorio, em o qual alem de outras cousas, que nelle foraõ propostas, & determinadas, se fez a cerimonia de abrir a boca aos novos Cardeaes, a cada hum dos quaes foy tambem assinalado o titulo do Cardealado, a saber: ao Eminentissimo Poli o titulo de S. Grisogono, ao eminentissimo Falconteri o de S. Maria do Popolo; ao eminentissimo Fachinetti a Igreja dos Santos quatro, ao eminentissimo Altieri a Igreja de S. Maria de Minerva; ao eminentissimo Teodoli, o titulo de S. Alexo; ao eminentissimo Giorio o titulo dos Santos Quirico, & Iudith; ao eminentissimo Ceva o titulo de S. Prisca; ao eminentissimo Donghi S. Iorge; ao eminentissimo Rondanin a Igreja de S. Maria in Aquirio.

¶ He entrado na Corte de Madrid o Principe Laurgrave Federico de Hania, & em carta de Madrid de 19 do passado se disia, que em beijando as mãos à Raynha, & ao Principe, se partia logo para Helvecia, & gosar hũa sua comenda. S. Magestade Catholica lhe fez merce de seis mil ducados de ajuda de custo, & 3U. ducados annnuos sobre a Embaixada Alemanha.

¶ Ao Conde de Monterey fez sua Mag. Catholica m. de des mil escudos de prata, & tres mil de entrada annuos, com qne^[sic] vâ a França, como Embaixador particular da Raynha.

¶ Escrevem de Florença como chegara ali de Bolonda o senhor Cardeal Bichi, a negociar em nome delRey Christianissimo com o graõ Duque sobre a cõposição da guerra dos Prin

A2

cipe/

cipes da liga.

¶ Disem que ElRey de Polonia tem declarado ao senhor Dominico Roncalli seu secretario por Embaixador a França, cõ os pesames da morte delRey, & assi mesmo a congratularse com o novo Rey de sua sucessão naquelle Reyno, pera o que o dito senhor Rõcalli ficará por residente de S. M. naqlla corte.

¶ Esta somana foy aqui novamente publicado, que todas as pessoas dentro de outo dias trouxessem à casa da moeda toda sua prata pera ser batida com as condiçoens antes declaradas sopena de confiscação de toda sua dita prata, da qual a quarta parte seria pera o acusador.

¶ Temos aviso que setecentos Monferrenses, & dous mil Sussios são chegados a Sarzana pera o seruiço deste Estado: alê das quaes tropas se haõ tambem levantado graõ numero de gente por quanto o Papa està resoluto a ter em campo tres exercitos consideraveis, hum em Viterbo, q̃ será governado pello Baylly de Vallencey, pera entrar em a Toscana, pella parte de Cortena; & o outro em Castello, a cargo do senhor Cornelio Malvasia, perr^[sic] entrar pella cidade do Sol. Este pouco se tẽ ha pouco senhoreado de Montelion, junto de Orviet; donde foy logo cercar a cidade de Pièva com quatro mil infantes, 600. cavallos, & 8 canhoẽs; & pera impedir aos Florentinos q̃ estão em Castilhon do Lago a viremna socorrer, enviou hũa parte de sues^[sic] tropas ao caminho. O Duque Federico Savelli deixou o exercito do Papa, & se retirou pera junto de Viterbo.

De Pragua aos 12. de Setembro de 1643.

[Letra capitular] OS exercitos Imperial, & Sueco estão alojados junto a
Brim/

Brim, meya legua hum do outro; por cuja causa ha entre ambos escaramuças, & mostramse resolutos a hũa batalha; aquai^[sic] he muyto crível pella visilhança dos campos, & igualdade de forças. O Emperador foy a Schalitz, onde estão alojadas as tropas Hungaras, de que não pode alcançar mais que dous mil soldados, que enviou ao General Galas, & desesperado de poder tirar mais se tornou a Vienna. O Conde de Bouchain antes de se ajuntar com o General Goutz em a Silesia, perdeu graõ parte de sua gente; pello que foy obrigado a passar a traves dos Suecos, os quaes lhe tem morto, ou tomado mais de quinhentos homens.

De Flix em Catalunha aos ditos 12. de Setebro de 1643.

[Letra capitular] EStando, aos 8 do passado, o Marichal da Motha em Barcelona, & suas tropas em seus quarteis de Esté, que a incomodidade desta sazaõ em aquelle pais não os faz menos necessarios, que no inverno, teve aviso, que elRey de Castella era partido de Saragoça, pera Balbastro, que fica sete leguas de Fraguas, onde havia chegado com campo, composto de 14U. infantes, & 4U500 cavallos, governados pello Marques de Torregussa, & Dom Philippe da Silva Generaes, D. Ioaõ de Garay Lugartenente General, o Marques de Mortara General da cavalleria, & Dom Alvaro de Quinhones; General da cavalleria das ordens. A todos os quaes S. Mag. Catolica havia dado suas ordens fechadas com defensas de as abrir antes da chegar ao dito lugar de Fraguas com todo seu exercito.

¶ E julgando o dito Marichal da Motha, que o disignio dos inimigos não poderia ser senão sobre Lerida, ou sobre Flix, étre as quaes està situado^[sic] Fraguas, maddou^[sic] no mesmo dia ordem a todas suas tropas de se virem a Belpuch, que he a, quatro le-

guas de Lerida, & hum particular aos regimentos de Enguien & da Motha, pera se meterem em a dita cidade de Lerida, & aos de Rousselhon, & de Roquelaura, pera se meterem tambem em a de Flix, como tambem ao Governador de Monçõ, que com muyto cuidado o aduertisse da marcha dos inimigos, por ser seu posto avançado: & ao outro dia se foy com hũa diligencia incrivel ao dito Belpuch, onde havendo tido aviso que os inimigos eraõ saídos de Fraguas, & hiaõ marchã pera Lerida com sua artilheria, elle se encaminhou là com as tropas, que chegaraõ. Em o qual caminho teve outro aviso, q̃ a chegados dos inimigos pera Lerida, não era mais que pera divertir, & que elles haviaõ embarcado gente, & moniçoens & vivres, que fasião baixar pello Cinca, pera entrar em o Ebro pera Flix, com 4U. infantes, & 2U. cavallos, por terra governados por Dom João de Garay, o que obrigou ao dito Marichal a tomar sua marcha com tanta diligencia pera Flix, que aos 10. do mesmo mes chegou a Granadella, q̃ he à vista de Flix.

¶ Em este tempo os inimigos embarcados, que ali eraõ chegados amanhã do mesmo dia, acharão, que D. Luis de Richadel, & D. Iaime de Eiil^[sic] Mestres de campo Catalães, havião guarnecido tambem seus postos, que forão obrigados a se alojar detras dos outeiros, esperando suas tropas, que vinhão por terra. Mas os regimentos de Roussilhon, & de Roquelaura, sendo chegados antes, & entrados por detras em a praça, fizeram com os Catalães, que elles ali acharão, hua saída tão rigurosa sobre elles, que matarão, prenderão, & fizeram afogar mais de quatrocentos inimigos: da qual perda havendo alguns de seus fugitivos dado a nova a D. João de Garay, seus corredores em continente lhe levarão logo hum prisioneiro, que o Mari-
chal/

chal da Motha havia feito avançar expressamente, por lhe dar por sua preza aviso de sua marcha: estratagemas familiares ao defunto Duque de Weimar, de quem este Marichal a havia aprêdido: D. Ioaõ se retirou pera Ribaroja, & mandou aos seus, q̃ ficavão em os bateis, que lhes pusessem fogo, & se retirassem tambem; do que advertido o presidio de Flix, sahio de novo, & apertou de maneira com os que estavam desembarcados, que a mayor parte, querendo passar a nado de outra parte, se afogou, & o resto foy morto, ou preso. De sorte, que de 1200. homens, que estavam nestas barcas, se salvarão muy poucos: não perdendo nos mais, que 9. soldados, & sem recebermos outro dano mais, senão havernos cortado nossa ponte. Os ditos senhores de Richadel, & de Eric Mestres de câpo Catalês dos regimentos de Roussilhon, & de Roquelaura, se ouverão nesta ocasião com grande valor, & prudencia, como tambem todos os demais officiaes Franceses, & Catalães.

¶ E este valor dos Catalès, & sua fidelidade é o serviço delRey he tanto mais louvavel, quanto alguns espíritos inimigos do bem, & deste principado, trabalham por faser por é esquecimento a seus moradores os maos tratamentos, que tem recebido dos ministros de Castella; & as mortes, incendios, & ruinas de suas casas, que tem padecido, alem da profanação dos lugares sagrados, & dos misterios mais veneráveis da Religião, por toda a satisfação a suas humildes demonstrações; de que suas Mag. estão tão enformadas, que ainda hoje se não podem ler sem grande compayxão da miséria daquelles povos; & toda via estes maos espíritos tratão ao presente que tão gloriosamente tem sacudido o jugo, & posto em liberdade, aos tornar a sua primeira escravidão; semeando pellos enganar/

nar bilhetes, pellos quaes fingem, que é lugar dos sentimentos eternos, que o Conselho de Madrid reservou a seu procedido, se lhes perdoará o que em Espanha se não perdoou ja mais. Tambem o Marichal da Motha teve aviso, que sua Mag. Catolica se não avia chegado à fronteira de Catalunha, senão pera provocar estes povos com sua presença, & a de seu exercito a hum levantamento geral; pera prevenção do qual, & dos desgostos, que a guerra ordinariamente tras consigo, entre os quaes se faz, o dito Marichal entretem exactamente a disciplina militar, pagando inteiramente as hostes, da despesa que lhe fasem os seus soldados.

De Magdeburg aos 13. de Setêbro de 1643.

[Letra capitular] Affirmase, que os exercitos Imperial, & Sueco, estão em estado de deixar a Moravia, & que os Suecos vão caminhando pera Landscrou, que he no meyo da Silesia, Moravia, & Bohemia. E porque o General Trostenson tem feito abrir os passos ao redor desta ultima praça, as fortificações de pragua se começão a renovar.

De Toulon aos 21. de Setêbro de 1643.

[Letra capitular] Tendo aviso o Comêdador de Guitaut Governador das Ilhas S. Margarida, & S. Honorato, que se equipavão em Napoles muytos navios, & gaiès, mandou os dias passados em hũa falua hũa pessoa muyto pratica, & entendida em negocios do mar, pera lhe traser novas certas desta armação, a qual fes mais do que lhe foy encomendado: porque encontrando à vista de Napoles outra falua armada, & guarnecida, com dezaseis soldados a abalroou com tanto valor, que matando a dose delles, trouxe aos demais prisioneiros com seu baixel a S. Honorato, não perdendo mais em esta ocasião, que

dous/

dous homens, afôra quatro feridos. Os prisioneiros affirmão, q̃ em o porto de Napoles não havia mais que sete baixeis carregados de infantaria, pera Espanha. E alem destas novas se acharão em o mesmo baixel outras muytas novas conteudas em tres grandes maços, que se mandavão ao Principe de Telamar General dos postos do Reyno de Napoles, os quaes o dito Comendador de Guitaut enviou à Raynha.

De Amstardaõ aos ditos 21. de Setembro de 1643.

[Letra capitular] AOs 17. do corrente, o Pricipe de Orange se tornou a Haya depois de haver enviado todas suas tropas pera seus presidios. O General Tromp està toda via com sua armada sobre Dunquerque, pera impedir o melhor, que lhe for possivel a saírem ao mar os baixeis inimigos.

De Colonia aos 22. de Setembro de 1643.

[Letra capitular] O Conde de Erberstein havia ja redusido a cidade de Duren ao extremo; mas por intercessão do Duque de Neubourg, levantou o sitio com condição, que o presidio Imperial saísse da praça, & ficasse neutral: sem ja mais poder receber outras tropas, mais que as do Duque. O Conde Hosfeld, que assinou o tratado, està nesta cidade, & suas tropas pera a parte de Bonna.

De Brim aos 23. de Setembro de 1643.

[Letra capitular] O General Torstenson nos veyo cometer taõ de sobresalto, & com tanta violencia, que estivemos muyto iarriscados; porque depois de haver morto nossas guardas, desfeito muytos de nossos soldados em algũas saidas, que fizerão, elle se apoderou do Castello de Oberwitz, & assentou logo seu campo junto do lugar de Ladrin. Mas o Coronel Gaba, entrado aqui aos 8. do corrente com 1200. cavallos, vendo os Sue-

cos/

cos a pouca apparencia, que tinham nesta empresa, queimarão seu campo, & se retirarão a Austerlitz, depois a Tobischaw, & finalmente se avançaraõ a Neustad, que he o caminho da Silesia, onde ainda estão: & tão perto dos Imperiaes, que aos 13. deste mes, os dous exercitos se debaterão largo tempo com a artilheria, se bem com pouca perda de parte a parte. O Coronel Gil de Hasse desfes de seu regimento, & se possou ao serviço da Republica de Venesa.

De Hamburgo aos ditos 23. de Setembro de 1643.

[Letra capitular] EL Rey de Dinamarca continua em fazer embargar todos os baixeis Ingleses, que passaõ pello Ella sem passaporte del Rey da graõ Bretanha, atè lhe tornarem o baixel dano, que os Parlamentarios embargaraõ em Londres, com todas as armas, & moniçoens, que levava a sua Mag. Britanica. Os Suecos contenuão vigorosamente o terço de Domitz.

De Oxford, aos ditos 23. de Setembro de 1643.

[Letra capitular] A Raynha de Inglaterra, que determinava ir a Bristow, por causa dos banhos, que ali estão perto, se deixou ficar aqui a petição dos moradores, & de todos os soldados, q̃ temiaõ muyto sua ausencia. A cidade de Exester Metropolitana do pais de West, depois de haver soffrido todas as incomodidades de hum longo sitio, se rendeo ao Principe Mauricio, o qual tomou posse della, em nome de S. Mag. Britanica, & deixou nella por governador ao cavalleiro João Barklei. Os officiaes sairaõ com suas espadas, & os soldados com as forquilhas somente. As cidades de Biddeford, Appleford, & Barnstable, em o mesmo pais se renderão tambem a sua Mag. Britanica: q̃ sabêdo q̃ o Conde de Exes marchava pera o vaindir defronte de Gloucester, levanto o sitio pera o esperar; porẽ

naõ/

não o pode tirar a batalha, por o ter encravado de sorte, que não podia esperar socorro de nenhuma provincia de sua parte; porque estava cercado do exercico do General Wilmot, & do de sua Mag. que chega a doze mil infantes, & seis mil cavallos; os quaes brevemente devem ser reforçados de sinco mil soldados, que o Conde de Castelnovo lhe envia do Norte, & de sete mil mais, que o Principe Mauricio tras: todas as quaes tropas dificultosamente deixarão escapar os Parlamentarios. Alem disto nos auisam, que as Provincias de Northüberlând, de Câberlâ & Westmerlând, & assi mesmo o Bispado de Durhâ estão resolutas a se opor cõ todo vigor, aos que quizerem emprender contra o serviço de sua dita Mag. com qualquer pretexto, que seja. As cidades de Teuxby, de Pembrok, & Hautifordwest, & o porto de Milford, hum dos melhores de Europa, se declarão ha pouco pella parte real: & por esta rasam os Parlamentarios não ficarão tendo nada em o principado de Gales.

De Arràs aos 26. da^[sic] Setembro de 1643.

[Letra capitular] COM o aviso dos mercadores, que hião de Lila pera Bethunia com hũa escolta, & que havião de dormir em favone a noite de 19. ou 20. deste mes, se mandarão daqui a duas leguas, & meya de Lila 120. cavallos, & 150. infantes, a cargo dos senhores do Chesne Capitão de Cavalleria de Chesnoy, & de Verderonna Lugartenente de Verdura, & de Torquavilla, Sincera corneta das companhias de Mondejeu, & da Torne, & dous Marichaes dos alojamentos, & ainda que esta empresa fosse muyto difficil por quanto era necessario passar o Novo fosso, onde os passos pera a volta podião estar tomados pellos inimigos, pellos paisanos armados, & pello

presidio/

presidio de Bassea, que ficavão atras; os nossos cōtinuarão sua marcha, pera o lugar, que lhes foy ordenado, onde fizerão hũ grande; mas socedeolhes o que receavão, porque havendose 500 inimigos apoderado dos passos, se puserão entre o sacco, q̃ condusia hua parte de nossa ca^allaria a cargo do senhor do Chesnoy, & o novo fosso; então o senhor de Chesne, que se ha^ia posto de emboscada junto dali, com 50. cavallos, & outros tantos infantes deo sobre os inimigos, os quaes no mesmo tempo forão carregados de toda nossa cavalleria, ainda q̃ em lugar muyto desacomodado pera os cavallos, por causa das muytas covas, onde muytos dos nossos cahião querendoas saltr^[sic]: o que não impedio com tudo aos nossas matarem sesenta dos inimihos, & fazer outros tantos prisioneiros; entre os quais se achão dous capitaens de Basseè, donde estavão tão perto, que os demais se salvarão nella, por não poderem os nossos ir sobreelles, pella incomodidade dos caminhos de maneira que tada^[sic] esta facção foy feita pella nossa cavalleria, à que não pode chegar a infantaria. O senhor de Hameaux Marichal dos alojamentos da companhia do senhor da Torre foi ferido em a cabeça, nas costas, & em hum braço, mas todavia sem periho. Perdemos em esta ocasião alguns cavallos, se bem ficarão recuperados pello sacco, que monta setenta prisioneiros, trinta cavallos, oitenta vacas, & cem carneiros.

Com todas as licenças neceßarias, & Privilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa Anao^[sic] de 1643.

Taxão esta Gazeta a 6. reis. Lisboa 17. de Dezemb,o^[sic] de 1643.

Pinheiro.

Coelho.

**GAZETA
DO MES DE
DEZEMBRO DE ¹⁶⁴³.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*ENTRE AS QVAES SE DA CONTA DA VITORIA,
que o Principe Guilhermo de Naßau filho do Principe de Orange, te-
ve dos Castelhanos junta a Anueres, a qual foi a mayor que na
quellas partes se tem alcançado dos Castelhanos.*

De Barcelona ao primeiro de Outubro de 1643.

[Letra capitular] DEspois, que o Marichal da Motha fes abortar, como sabeis, o designio de D. Ioaõ de Garay, sobre a cidade de Flix, cõ a diligência que costuma, tomou sua marcha pera Lerida, com o aviso que teve, de que o grosso do exercito Castelhana estava dali a legua, & meya. Porem tanto que os inimigos souberão sua chegada, logo se retirarão a Fraguas, q̃ dista quatro leguas: & pera estarẽ cõ mayor segurança, passarão em Aragão alẽ do rio Cinca onde se acabarão, & fenecerão os designios deste poderoso exercito cõposto de muytas nações diferêtes, & fortificado, cõ a presêça delRey de Castella, q̃ se não prometia menos, q̃ a cõquista de Catalunha, ou pello menos estabelecer ali os quarteis de inverno a seu exercito, q̃ será obrigado a tomallos dêtro dos Reynos de Aragão, Valêça, & Navarra. Do q̃ os Aragoneses, a qué esta carga he insoportavel, se queixão ẽ tão altas voses, q̃ se diz, q̃ S. M. Catolica, não se dado ẽ Çaragoça por seguro, se tornov a Madrid. O Marichal da Motha vêdo q̃ lhe era

¶

impos-/

impossivel passar o dito rio Cinca, que não he muyto vadeavel, pera ir pelejar com os inimigos: depois de haver dado ordem á fronteira, & disposto de tal maneira seu exercito em seus quarteis, que estará prestes pera marchar ao primeiro aviso, se tornou a esta cidade, adonde foy recebido com grandes viuaas, & aclamações do povo livre de seu temor.

De Roma ao dito dia de Outubro de 1643.

[Letra capitular] POOr correo de Farrara tivemos cartas de 4. do corrente, em as quaes avisaõ como o forte de Lago escuro, não obstante que avia sido invadido por muytas partes pellos Venesianos aos 29. do passado, se defendia, & sustentava mais valerosamente, & que havendo alem disso os Ecclesiasticos feito hũa saida sobre os cercadores, mataraõ a mais de 200. & alem dos muytos feridos, fizeraõse diversas prisões: o qual aviso se confirmou por outras cartas, em que se escreve, que o numero dos mortos da parte contraria he de 1U. não havendo da parte dos Pontificios quantos os inimigos publicavão. Entre outros se diz ficou prisioneiro o Mestre de campo Conde Miroli, & morto o alferes Prospero Santa Crus. Tambem avisaõ que Monsiur da Valleta conductor dos Venesianos havia desēparado por causa do grãde dano seu posto q̃ recebia da artilheria da parte dos Põtificios; os quaes se ocupavão em desfazer as trincheiras, & fortificações, que o mesmo Valleta hauia feito; & que duas veses o Duque de Parma, & o de Modena se aballaraõ com o grosso de seus exercitos em ordenança contra os Pontificios, mas chegando à vista do Altiere, Capitão de S. Santidade, que com 2U. cavallos, & 5U. Infantes os estava esperando, tiveraõ por mais acertado retiraremse a seus antigos postos.

De/

¶ De Bolonha avisaõ, que havêdo os Modaneses feito hũa correria sobre os Bolonheses pella parte de Piamazzo, & Bazzano, & queimado algũas casas das aldeas visinhas, fizerão os Ecclesiasticos outra atê a cidade de Modena, queimando, & abrazando do mesmo modo, pello que, o Duque de Modena escrevera ao Regimento de Bolonha hũa carta, que lhe mandaraõ per hum trombeta, com data dos 4. dizendo, que se daquella parte se abstivessem de abrasar a campanha, faria sua Altesa a mesma prohibiçãõ a seus subditos, de fazerem semelhantes perdas, & danos. Tambem escrevem, que o Duque de Modena, & o de Parma haviãõ recebido dinheiro dos Venesianos, os quaes lhes fasião muyta instancia, pera que saíssem com todas suas forças unidas a campanha, & invadissem o forte dalem do Po, & lançassê delle os Ecclesiasticos, & que suas Altezas responderão, que estavam faltos de ferragens, pera a cavalleria, & de Vivres pera a soldadesca pella qual rasoã não podião sair, nem deixar hum dia seus postos, & a defesa de seus estados: donde os Venesianos tiverão sospeitas de que suas Altezas tratavão de algum concerto, & composiçãõ com a Sé Apostolica: & acrescentavão mais as mesmas cartas de Bolonha, que o senhor Cardeal Donghi Plenipotenciario de sua Santidade se havia passado a Ferrara pera fallar com o senhor Cardeal Antonio Barberino; & que o senhor Cardeal Bichi era partido pera Roma.

¶ De Perugia escrevem, que os Florentinos haviãõ tomado o lugar de Montelion despois de algũas bombardas, & hũa escala: em a qual fizerão prisioneiros a alguns soldados daquelle presidio, porque os demais saindo por outra porta se puserão em salvo: que o exercito Ecclesiastico era saído a

campanha a pelejas com os de Toscana; & que hũa tropa de 6U. combatentes pontificios governados pello Prior Nari, & o senhor Thobias Pallavicino saira com quatro peças contra o Burgo chamado santo sepulchro.

¶ Està dado á estampa a sentença de Monsenhor auditor da Camara, em a qual se declara, que o Duque Falvio de Cornea havia encurrido em escomunhaõ mayor, delito de leza Magestade *in primo capite*, pena de uida, & confiscação de todos seus bens; por aver entregado o lugar de Castilhão do Lago aos ministros do Grão Duque de Florença, & que por tal traição sua casa, posta em Perugia, seja derribada, & levãtada nella hũa columna com a descripção da infamia *ad perpetuam memoriam*.

¶ Temos aviso de hum caso estranho socedido a Monsiur Latizza Arçobispo de Ragusi: o qual estando enfermo em Loreto do febre maligna, se lançou per hũa janella, por cuja caída estava em o estremo de sua vida.

¶ Entedese que a cidade de Benavento tem establecido em conselho dar pera as presentes necessidades da guerra 10U. escudos à Sé Apostolica.

De Londres aos 2. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] O Cavalleiro Waller està ainda ocupado cõ as levas de gẽte pera êviar ê socorro da cidade de Southãptõ, q̃ o Principe Mauricio tẽ cerdado: ao qual se ajũtou o Cõde de Craiford. E temêdo os da praça, q̃ os nossos não cheguẽ a tẽpo, tẽ começado a capitular. A de Hull todavia està bloqueada por algũas tropas do Conde de Castello novo, que com o grosso de seu exercito està muyto bem acompanhado pera se opor aos Escoceses, ê caso q̃ queirão êprêder algũa cousa.

Aos/

Aos 28. do passado, os Parlamentarios tomaraõ o Castello de Sommerset, estancia da Raynha de Inglaterra, onde todos os bens, que se acharaõ pertencer à dama de Vantelet sua ama, & ao senhor de Orpe, foraõ declarados por presa, porẽ não se tocou em os de sua Magestade Britanica. Ao outro dia foraõ os mesmos â Witehal, estancia outro si delRey da graõ Bretanha, dõde levarãõ todos os moveis do Duque de Richemont, do Conde de Orset, dos Barões de Goring, & Iermin, dos dous Secretarios de Estado, dos Cavalleiros Cornwallis, Killegnewe, & Palmer, & do senhor Long.

¶ O Conde de Warwic General dos Parlamentarios chegou aqui esta somana, pera receber a paga do que se deuia a seus marinheiros, que continuavãõ com seus motins. Pello que se tratou de fazer com toda a pressa, & diligencia as levas do dinheiro, principalmente à conta dos bens dos que se tẽ por Realistas, não somente pera pagar estes marinheiros, mas pera dar tambem satisfação ao que se està devendo aos Escoceses, que sem isso não querem emprender cousa algũa: & se tem aqui bem necessidade de seu socorro, por quanto os Ingreses se retiraõ pouco, & pouco da guerra, & levando ha poucos dias desta cidade a Branford em os bateis alguns soldados, qce^[sic] se levantarãõ à pressa, tanto que passaraõ por Witehal, gritaraõ todos em alta voz, *Viva elRey Carlos, pello qual somente queremos peleijar*: & pondonosse em terra, se amotinaraõ, & feriraõ alguns dos officiaes. O povo desta cidade, principalmente os pobres murmuraõ descubertamente pello carvão, de que temos grande necessidade. A dama de Aubigni se salvou ha pouco de sua prisaõ, por ordem, & traça do Conde de Rochefort. O Conde de Essex imaginando^[sic],

A3

que/

que se retiraria sem combater, vinha pera esta cidade, porem ElRey da graõ Bretanha o apertou de maneira, que finalmete o obrigou à batalha, junto da Cidade de Newbery, onde de ha dous dias, que as duas partes vieraõ ás mãos, & não sabemos atègora de outras particularidades, senão, que a primeira jornada os Realistas tiveraõ muyta ventagem sobre a vanguarda dos Parlamentarios, que tambem mataraõ algũs dos seus inimigos, & entre elles ao filho do Marques de Vievilla, pellejando valerosissimamente.

¶ Tambem havemos tido novas que o senhor Hinderschã Realista, desbaratara ao Cavalleiro Cromwel, ao qual tomou toda a artilheria & bagage.

¶ Esta manhã se prohibio a todas as pessoas, que não saissẽ daqui a pê nem a cavallo, sem passaporte do cavalleiro Waller, mandandose a todos os mercadores, que duscassem dentro desta tarde 500. cavallos, à falta dos quaes foraõ todos prezos, & os cavallos, que se acharaõ em suas estrebarias confiscados: por quanto chegou honte à tarde hum correo do Conde de Essex, pedindo lhos mandasse de socorro a todo o preço, que fosse.

De Amburgo aos 2. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] A Fortalesa de Domitz está ainda em seu ser, & as provisoens de guersa^[sic], & de boca são nella em tanta abundancia, que he cousa incrivel. Fazemse grandes preparaçoẽs em Glukstad pera as bodas do Arçobispo de Brèma com a Princesa de Lunebourg; as quaes se devem fazer brevemete.

¶ O Conde de Woldemar se vay tambem preparando pera ir receber a Princesa de Moscovia: & tem junto graõ numero de officiaes, por ter comissaõ do graõ Duque pera lhe
levan-/

levantar 8U. Alemães.

¶ O nosso Magistrado tem offerecido a elRey de Dinamarca 50U. Escudos, pera em quanto durarem entre elle, & o Parlamento de Inglaterra as ja referidas diferenças: porem não se quer persuadir a que o Parlamento não quererá restituir o baixel, com todas as monições, que enviava a ElRey da Graõ Bretanha. O que não deixa de ter com grãde cuidado ao Magistrado, que teme que a companhia Inglesa leve a Emden o comercio dos panos, que aqui se chamão a *Estape Angleise*; por quanto por este meyo ficão desobrigados a passar o Elba; cousa que periudicará muyto a esta cidade, & assi mesmo a elRey de Dinamarca, pello direyto, que tem dos baixeis Ingleses, que passão a Glukstad, & outras commodidades, que seus vassallos delles recebem.

De Strasbourg aos 3. de Outubro de 1643.

[Letra capitular]

O Exercito do Marichal de Guebriant està em seu antigo posto, onde espera a infantaria, de que tem necessidade. Os Bavareses, que tambem estão em Weisenbourg, fizeraõ levar sua ponte de bateis, & toda sua artilheria a Philip-bourg. As tropas do Duque Carlos estão ao redor de Spira. O cerco de Franconia se resolveo a levantar 4500. homens pera sua defenção, & a cidade de Nuremberg porá em pè 1500. Os Bispos de Wurtzbourg, & de Bamberg outros tantos; as cidades de Kalembach, Aspack, Rosembourg, Weinhain, & Dunkelspiel os mesmos.

¶ Os dias passados o Coronel Widerholt, que governa em a fortaleza de Hohentwiell, fes algũas saidas pera a parte de Zell, donde trouxe muyto gado.

Del

De Bafie aos 4. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] Havendo alguns moradores de Vberlinguen feito hum buraco em a muralha pella parte do Lago, por onde queriaõ fazer entrar mil & seiscentos, pera mil & setecentos homens dos presidios de Lindau, Cõstança, & Bregens, o Bisconde de Courval, que he della Governador, fez prender a 24. & entre elles aos Burgmestres; a todos os quaes fez fazer o processo. Alguns são acusados de haverem chamado o inimigo; outros de o haverem avisado, que o Bisconde de Courval sabia seu disignio, porque o Bisconde, por fingir que de nada era sabedor, de nenhũa maneira havia querido fortificar suas guardas, mas somente fez levar algũas peças de artilheria às entradas, onde os inimigos devião fazer seu mayor empenho.

De Amstardaõ aos 5. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] EM Haya se resolveo que esquipassem 24. navios pera correr o mar contra os Dunquerquezes; pera o que Holanda deve armar 16. & Zelanda oito.

De Paris aos ditos 5. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] SEGunda feira passada teve a Raynha conselho a fim de se acudir ao provimento de pam pera esta cidade, & buscar os meynos pera que o haja em abundancia, pello bem cõmum; & assi depois de haverem resolvido todas as ordens, que pareceraõ necessarias, pera fazer vir o pam das provincias circunvisinhas desta cidade; sua Magestade, pera que a aflicção, & continuos cuidados, que tem pello bem publico, não sejam infructiferos, acentou se fizesse hum contrato com o senhor Husft Hollandes de nação, oqual tem grande comercio, correspondencia, em as terras estrangeiras, pera fazer

logo/

logo vir vinte mil moyos de pão a esta cidade, ficando esperando muyto mayor numero: ao que se obrigou, & prometeo de trabalhar sem descansar por diminuir o preço acentado, à conta do qual se lhe pagou logo parte, afim de assi melhor poder acudir às compras necessarias.

¶ Aos dous do corrente partio desta cidade o Duque de Enguien, pera se achar à chegada de seu exercito.

¶ Depois da nova, que a esta Corte trouxe o senhor de Mance, da victoria naval, que o Duque de Bresé aleantou dos Castelhanos, se soube, que os seis baixeis Dunquerquezes, por não poderem com as bombas esgotar a agua, quatro se haviam ido ao fundo, ao outro dia depois da batalha, à vista de Cartagena.

¶ Em Flandes o mes passado ouve hũa grande batalha entre os Hollandeses, & os Castelhanos, junto de Anveres, em aqual o Principe Guilherme de Nassau, filho do Principe de Orange, desbaratou ao General D. André Cantelmo, & fez prisioneiros os seguintes.

<i>D. Ioaõ Borja Tenête General</i>	<i>Capitães de cavallo.</i>	9.
<i>O Baraõ de Vauge Cõmissario General.</i>	<i>Tenentes da cavalleria.</i>	7.
<i>O Conde Carlos Ferrara.</i>	<i>Alferezes da cavalleria.</i>	5.
<i>O Senhor da Breme.</i>	<i>Capitaens de infantaria</i>	4.
<i>Luis Antonio Martins Tenen</i>	<i>Ajudantes.</i>	2.
<i>te do mestre de Câpo general</i>	<i>Sargentos.</i>	6.
600.	<i>Soldados.</i>	

Mais de Paris aos 10. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] AOs 4. deste mes, os Padres Bentos da Abadia de S. Germão, acompanhados do Cura, & Cleresia de S. Sulpicio, & dos Agostinhos reformados, forão em procissão

ao/

ao mosteiro dos Bentos do Calvario junto à casa de Lucemburg, a receber das mãos do Grão Prior de França, o braço de S. Placido primeiro martir de sua ordem, oqual o Grão Mestre de Maltha havia enviado de Messina a estes padres, q̃ acompanhados do dito Grão Prior, do Embaixador de Catalunha, & de todos os Commendadores, & cavalleiros de Maltha, que então se acharão nesta cidade, cada hum com hum cirio de cera branca aceso, levarão esta veneravel reliquia a sua Abadia: onde o Bispo de Vtique Coadiutor de Montauban, fez o panigirico deste santom que vivia ha 1100. annos. Ao outro dia, que era sua festa, despois de outra procissão dos Dominicos do Arrabalde de S. Germão, o Bispo de Bellay disse a Missa Pontificalmente em a dita Abadia; onde o Bispo de Bellay antigo prêgou, & as acçoens de graças, & rogos forão feitas pella prosperidade de suas Magestades Christianissimas.

¶ O Duque de Longavilla està de caminho pera Munster, dentro de dous dias parte o senhor da Capella seu Marichal deglogis, ou aposentador, pera lhe tomar cazas.

De Oxford aos 12. de Outubro de 1643.

[Letra capitular] Ainda que a cavalleria Real foy destruida de sua infantaria em a batalha, que se derão a 24. do passado as tropas delRey da Grão Bretanha, & as do Parlamento de Inglaterra, não deixou de alcansar hũa grande victoria dos Parlamentarios, porque lhes matou alguns dous mil infantes, & quatro mil cavallos: tomou duas peças de artilheria, & algũa bagagem: & ElRey perdeu somente quinhentos homens, & 200. feridos. Ao seguinte dia se passou sem peleja, mas aos 26. sua Magestade Britanica, pondose em a fronte

de/

de sua infantaria marchou contra o exercito do Parlamento, & encontrandose com elle, sua Magestade com a espada na mão se meteo pellos iniminos^[sic], que muytos dos seus lhe cairão mortos aos pès: & dandose renhida batalha, sua Magestade Britanica ficou senhor da campanha, & ganhou quatorze peças, & toda a bagage dos Parlamentarios: o numero dos mortos foy grande de parte a parte, mas não se pode ainda saber ao certo. Da parte de sua Magestade morrerão de hũa balla de^[2], peça, o Conde de Sunderland, chamado antes Milord Spencer, enteado do Conde de Leicester, que havia sido Embaixador extraordinario em França; o Bisconde de Faulkland secretario de Estado, indo por mandado de sua Magestade buscar o General de seu exercito; o Conde Carnarvan. Ficarão feridos o Bisconde Perey, & o Barão Iermin. Em a primeira batalha morreo tambem o filho do Marques de Vieuvilla, querendose defender contra os que o levavão presioneiro. Em o demais, o Conde de Castelnovo está tão chegado à cidade de Hull, que se tem feito senhor das Eclusas, & moinhos, por onde os Parlamentarios, que estão em a dita praça, lhe podião inundar a campanha, & todo o pais circunvisinho. E apos isto tem avançado de maneira duas minas, começadas debaixo dos muros, que estão em termo de concluir o tratado de sua capitulação, o que se não tem feito, por insistirem os cercadores, que lhes hão de entregar o Milord Fairfaz, & seu filho, com o cavalleiro Bointon, oque os cercados refusão. O filho segundo do Conde de Bristow té cercado a cidade de Pleimouth com sete mil soldados do pais da Cornualha; o qual sitio o senhor Penington vay continuar por mar com seus navios. O cavalleiro Wallar se tem

avan-/

avanzado atè Windsor, com algũas tropas novamente levãtadas em Londres.

De Anveres aos 13. de Outubro de 1643.

[Letra capitular]DOM Diogo de Saavedra, Plenipotenciario delRey de Castella, pera o tratado da paz geral, he chegado a esta cidade D. Andre Cantelmo a Malines, onde cahio enfermo: suas tropas estão ainda nos contornos de Arsehof, & de Lovain. Honte chegou a Bruxellas D. Francisco de Mello, & foy de todos muyto mal recebido, por hauer deixado perder a cidade de Thionvilla.

De Nanoy aos 15. de Outubro de 1643.

[Letra capitular]HE chegado o Duq̃ de Enguiẽ, & se deteve aqui hũ dia, q̃ foy aos 10. do corrẽte, pera dar meyo a suas tropas a se avãçarẽ atè Nomeni, õde as foy alcãsar o seguinte dia, pera as cõdusir à parte do Rhim: as quaes marcharão cõ extraordinaria galhardia, animadas cõ a presẽça de seu General, não obstãte a dificuldade dos caminhos, a incomodidade do tẽpo, & a eversaõ, que muytos haviãõ tido atè o presente, pella viagem de Alemanha. Donde sò a sua fama obrigou a tornar passar o Rhin, ètreSpira, & Philipsburg, ao exercito Bavaresco, & deo materia ao Duq̃ Carlos a separar suas tropas, sem lhes permitir tornar a passar cõ o dito sue exercito; fosse por cõservar seus quarteis de inverno de aquẽ do Rhim, como fez os annos precedẽtes, fosse por desmẽtir à parte imiga. O q̃ fes a tornada dàlẽ do Rhim muyto mais fácil ao Marichal de Guebriant, reforçado de hum numero muyto cõsideravel de tropas, q̃ o Duq̃ de Enguiẽ ajũtou a seu exercito: o qual por este meyo se acharã verissimelmẽte em estado de laçar o dos inimigos com mayor vigor, do que tè aqui havia feito o nosso.

Taxão esta Gazeta a 6. reis Lisboa 21. de Ianeiro 644. *Coelho*

**GAZETA
DO MES DE
DEZEMBRO DE ¹⁶⁴⁴.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*COM A COPIA DE HVMA CARTA ESCRITA DE ROMA
tocante a entrada do Principe Casimiro em a Companhia de Iesus;
a morte do Marichal de Guebriant General delRey Christia-
nissimo em Alemanha, & seus serviços.*

De Lubeck aos 7. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] O Conde de Woldemar se despedio de todos os grades do Reyno de Dinamarca, & aos 31. do passado se embarcou em Koppenhagen com cento & vinte homens, & outenta cavallos, em quatro navios, por tomar sua rota pera Riga em Livonia, donde por terra irà a Moscovia a celebrar suas bodas com a filha do Grão Duque.

De Londres a 9. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] SAõ chegados a Bristol, & Walles, algũs mil Irlandezes muyto bem armados, apos os quaes virão logo outo mil a servir, & ajudar na guerra a sua Magestade Britanica: cujas armas tem cercado, & em muyto aperto a cidade de Newarck. Os Embaixadores delRey de França, delRey de Portugal, & dos Estados de Catalunha forão muyto bem recebidos, & tratados em Dort: donde aos 20. de Outubro passarão a Rotterdam, & forão recebidos, com grande salva de artilheria, assi dos navios de guerra, como dos baluartes, & reparos da Cidade, & outras mostras de alegria.

A

Aos/

¶ Aos trinta do mesmo passarão de Rottordam a Haya, onde o Principe Guilherme, acompanhado de muytos senhores, assi a cavallo, como em coches, os foy receber à ponte de Hoorn, & muy magnificamente lhes deo as boas vindas.

De Roma aos 10. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] TEMSE aqui resolvido se fortifique a cidade de Montefiascone, da qual està feito Governador a senhor Paulo Gualtieri. As galès do Papa partirão brevemente pera Genova, em busca de dous mil Suissos, que ali chegaraõ ha pouco pera seu serviço. Havêdo as tropas do Duque de Modena passado o Panaro, pera invadirem a Bazzano, os obrigarão a retirar as tropas Ecclesiasticas: & indo outros soldados somente, que ali estavaõ de presidio, puseraõ taõ grande numero de mosquetes pellas muralhas, que tendo os Modeneses pera si que o presidio era mayor, passaraõ à vante, & se arrimaraõ a hum forte junto de Sambuca; porem não vendo tambem apparencias de ali poderem fazer algum progresso, se contentaraõ cõ fazer alguns estragos na campanha; em vingança do que o Bailli de Valencey, & o senhor de Griglion fizeraõ algũas correrias atè as portas de Modena, donde trouxeraõ muyta cousa. De Perugia nos escrevem, que saindo ha pouco de Angiari as tropas da liga, afim de cometerem a quarta ves a cidade de Citerna, foraõ taõ mal recebidos della, que se retiraraõ a Arezzo, atè onde foraõ persiguídos dos Ecclesiasticos, & que saindo dali a pouco algũs Cavalleiros Florentinos, a reconhecer hum posto junto a Monterchio, cahiram nũa emboscada, q̃ os mesmos Ecclesiasticos lhe tinham feito: mas tambem nos affirmam, que ajuntandose tres mil & quinhentos soldados

Vene/

Venezianos, governados pello cavalleiro da Valetta, & algũs mais de Modena, tornaraõ a passar o Panaro, & cometerão cõ tanta resolução a Rocca de Bazzano, onde havia hũa guarnição de alguns dragões, & moradores da terra, os quaes despois de lhe fazerem huã brecha, a levarão por assalto: marchava o Bailli de Valencey em socorro da praça, mas ainda q̃ a toda a pressa, ja chegou tarde. Saquearão os Florentinos a cidade de Bado, & o castello de Cassio sobre as montanhas, & lhe queimarão a mayor parte das casas: & outras tropas dos mesmos tomarão tambem ha pouco o posto de Sambuca.

De Constantinopla a 7. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] FInalmête Zulsiquar Baxà foy castigado de sua rebelião. O Grão senhor lhe tinha dado o governo da Ilha de Chipre, q̃ elle primeiro égeitou, & despois aceitou: & pella muyta gente q̃ tinha junto, principalmête é Famagusta, fortaleza principal daq̃lla Ilha, õde teve algũ cõtraste cõ os moradores não deixava de dar cuidado. O Capitão Baxà, a cuja cota estava tirar a este rebelde a vida, por qualq̃r via q̃ fosse, chegando ao mesmo lugar cõ sua armada, mostrou querer apasicar estas diferenças, é favor de Zulsiquar, & com boas palavras o trouxe à sua galè, onde se lhe mostrou també agravado do Grão senhor, de quẽ lhe disse todo o mal que pode; cõ o que deo cõfiança ao dito rebelde de declarar sua paixão, & indignado animo. O Capitão lhe offereceo hũ festim pera o seguinte dia, & aceitando elle, quãdo despois quis sahir da galè, se achou cercado de tres, ou quatro soldados, q̃ sem lhe dar lugar a diser nẽ hua só palavra lhe derão garrote, & cortarão logo a cabeça que a toda pressa foy aqui enviada, & posta aos seis, ou sete do passado em publico defronte da porta principal

A2

do/

do Serralho, com grande contentamento dos pacíficos, & inimigos da rebelião. Aos 15 do mesmo, os dous Embaixadores de Moscovia tiveram sua audiência de licença do Graõ senhor, o qual os recebeu em o jardim do Serralho, & não na sua camara, como sempre se vsou: dali a dous dias se embarcarão pera ir a Azac pello mar negro, & daqui a seu pais. As cartas de Alexandria de 28. do passado avisaõ da grande peste, q̃ no Egypto ouue, com a qual em sinco meses, que durou, morreo hum milhão de pessoas, & em muytos lugares ficou graõ numero de corpos sem sepultura, por não haver quem os enterrasse. A qual mortandade acrecêtarà muyto o thesouro do grão senhor, por causa do direito, que tem das terras despossuidas, & falta de herdeiros em os bens deixados, os quaes tornão pera sua Alteza. Contão as mesmas cartas, que na mesma cidade de Alexandria se haviaõ levantado outocentos Christãos, & depois de haverem morto dusentos Turcos, que se quizerão opor contra elles, se embarcarão numa galé, que acharão no porto novo da dita Cidade, & ainda que sem remos, à força de vella se puserão em a ilha de Candia, onde acharão sua liberdade, á custa de tresentos, que tambem forão mortos pello Turcos.

De Vberlinguem a 15. de Nsvembro^[sic] de 1643.

[Letra capitular] Tendo o Bisconde de Courval nosso governador aviso aos 8. do corrente, que os inimigos ao outro dia havião de tirar a guarnição de dragões, que tinham no Castello de Heilliguenburg, pera em seu lugar meterê 50. mosqueteiros; determinou de ir atacar o dito Castello entre a saída dos dragões, & entrada dos d. mosqueteiros. Pera este effeito partio a seguinte noite com 200. infantes, & sincoêta cavallos de sua

guar-/

guarnição, & tres petardos, estando bem advertido, que os ditos dragões havião desalojar do Castello antes da vinda dos mosqueteiros, ficando entre tanto nelle alguns dos ditos dragões até a vinda dos mosqueteiros. E assi chegou hũa hora ante manhã às portas do dito Castello, & havendo ganhado a primeira, atacou hum petardo à segunda, o qual fes tambem seu effeito, que os moradores, & dragões, sem esperar que as outras duas portas fossem quebradas, se renderão com o Castello, em o qual se achou muyto trigo, farinha, & outros mantimentos, com quantidade de gado.

De Paris aos 16. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] EScrevemnos de Italia, que nossas forças debaixo do governo do Lugar tenente General o Cõde de Plessis Pralein, tem começado a abrir suas trincheiras defronte de Pontestura a noite de 14. pera os 15. do passado, & que aos 26. do mesmo renderão a praça. A qual he de tanta consequencia pera a segurança do Casal, & de todo o Mõferrat, que os nossos Generaes a tem preferido a quantas podião esperar em esta campanha: porque alem das grandes comodidades, que se della tirão, faz livre a cõmunicação de Turim, Chivas, Verile, & outras praças, do Piemonte, postas sobre o rio Pô.

¶ De Barcelona nos avisaõ, que os Castelhanos marchavão com nove mil homens, & tres mil cavallos, & intentando tomar Balaguer, & Castillon de Farfagua, o Marichal da Motha, sendo disso advertido, lho impedio. A ordem, que delRey de Castella tem, he que se não retirarão até não tomarem a cidade de Balaguer, Lerida, ou Monçaõ: como defeito nos escrevem de Lerida, que os Castelhanos tem cercado Monçaõ, & que tem ordem de dar batalha com a chegada de dous

mil Alemães, com alguns Italianos mais, que esperaõ. E preparandose o Marichal da Motha, pera socorrer esta praça, se foy alojar ao 11. deste mes com todas suas tropas junto a Balaguer; aos 12 lhes ajuntou campo junto da ribeira de Noguera, sobre a qual fes fazer hũa ponte, pera a passar, como fes aos 13. de madrugada, com todo seu exercito, & se foy alojar meya legua abaixo de Almenas, & aos 14. se acampou jũto a Tamarit, donde por saber nouas de seus inimigos, mandou algũas tropas a correr o campo; hũa das quaes, que era do regimento de Alez, governada pello senhor Fleury corneta, encontrou hũa companhia de cavallos ligeiros inimigos, & carregando sobre elles, prendeo des, entre os quaes achou hum Lugar tenente de cavalleria. Outra tropa do regimento de Balthesar encontrou outra companhia dos inimigos, dos quaes matou muytos, & levou o resto prisioneiros, entre os quaes achou outro Lugar tenente de Cavalleria, & hũ Capitão de esquadra, dos quaes souberão, que os inimigos estavam grandemente intrincheirados Pello que o dito Marichal não achando aviso do corpo de Fraguas, que elle esperaua encontrar, vendose são avançado, se resolueo a ir reconhecer se havia lugar de dar nas trincheiras dos inimigos. Para este effeito continuou sua marcha, pendente a qual seus corredores encontrarão dusentos de cavallo, governados por Matamoros Commissario geral, aos quaes fizerão retirar atè às trincheiras, & matando muytos, fiserão mais a seis prisioneiros, sem que nenhum dos inimigos saisse das linhas pera os sustentar. Apos o que o dito Marichal, seguido dos principaes officiaes de seu exercito, & de tres mestres de campo Catalães, foy em pessoa reconhecer, como os inimigos, estavam in-

trin-/

trincheirados; aos quaes acharão fortificados de maneira, que assi os Franceses, como os Catalaães concluirão a hũa voz que era impossivel poder invadillos; & os ditos Catelães representarão como esta empresa era muyto importante a sua fronteira, a qual perigaria socedendo algũa cousa em contrario. O q̃ considerando bem o Marichal da Motha, antes de intentar nada, quis saber novas do estado da praça, pera o que deu aquella noite hum alarma geral, que facilitou a passagem de hũa espia, que falou com o senhor de Saulcey Governador de Monção, o qual auisou ao dito Marichal, que não estava ainda muyto oprimido, por quanto os inimigos estavaõ mais ocupados em sua circũvalação, que em o atacar poderosamente, & que se achava em estado de os faser sofrer muyto frio, & outras incommodidades. O que vendo o dito Marichal, & que o Castello do dito Monção, alem de ter 350. homens, estaua bem provido de todas as moniçoês, assi de guerra, como de boca, & que não padecia opressão alguã: & temendo a ruina de seu exercito, o qual havia quatro, ou sinco dias, q̃ não gastava mais, do que do que havia levado consigo, & que se não podia deter em hum pais tão esteril, & tão arruinado, que desde a fronteira atè o dito Monção, não achava hum homem de que viver, nem hum cavallo, de que pascer: por faser ver ao Catalaães, que não tinha temor algum dos inimigos, que se vangloriavaõ, que não havião posto aquelle sitio de tanta importancia, mais, que pera o tirar a hum combate, enviou a Ioanez trombetal delRey aos inimigos, a lhes offerecer batalha, ainda que elles fossem em dobro muyto mais fortes que elles em suas linhas, alem das forças do Picolomini, que estavam dalem da ribeira: & pera melhor os obrigar ao cõbate, & afim

de que/

de que elles o não pudessem honestamente recusar, sò pretexto de seu entricheiramento em o cerco de Monção, elle lhes offereceo, que se quisessem aceitar o combate, que elles lhes meteria nas mãos o castello do dito Monção: ao que os inimigos não querendo responder, o Marichal da Motha se resolveo a se tornar, pera Balaguer, & ali esperar que o tempo, & o rigor do inverno dando lugar a hua destruição do exercito inimigo, elle pudesse achar occasião de emprender algũa facção contra elles. E partindose deixou ao senhor Balthesar de emboscada com 150. cavallos, pera dar nos inimigos, quando o quizessem seguir, como fes sobre duas esquadras de cavalleria, taõ asperamente, que matou a 20. & fes outros tantos presioneiros, pondose o resto em salvo pella ligeiresa de seus cavallos. Em fim o numero dos mortos, ou prisioneiros inimigos desde sua chegada junto a Lerida se monta a mais de 500. de cavallo, alem dos infantes, & cavalleiros, que se vieraõ pera o Marichal.

Mais de Londres aos 26. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] O Conde de Harcourt Embaixador extraordinario em Inglaterra, depois de haver sido muyto bem recebido em Oxford por elRey, & a Raynha da Grão Bretanha, expoz a suas Magestades o sугeito de sua embaixada pera a pacificação das alterações de seus estados, & conferindo os meynos, q̃ havia, pera chegar à ella, se partio aos 14. deste mes pera tornar a esta cidade, onde fes offerecer aos do Parlamento o empenho de França pera os concertar com elRey, sobre o que esperou sua resposta. Em o qual interim aos 19. pellas duas horas depois da meya noite, hũa grande tropa de ladroes, todos Ingreses, excepto hum framengo, & hum Valão, havendo quebrado/

brado hũa porta travessa da casa da Raynha de Inglaterra, onde o Conde se alojou, entrarão dentro armados, & ferindo mortalmente hum de seus officiaes, que sò acudio ao reboliço, lhe levarão a baixella de prata. E fasendose pesquisa ao outro dia, foy preso o capitão destes vandoleiros, o qual confessa que seu primeiro designio havia sido entrarem na camara, & retrete do Embaixador, & depois de matarem a quãtos lhes saissem ao encontro, levar dous cofres cheyos de ouro, que elles fasião estar [disiã elles] em sua camara, os quaes levava, pera a Raynha de Inglaterra. Até o presente se não tem podido cobrar de toda a baixella, mais que huã só peça, que havia cabido por sorte â cabeça desta empresa.

¶ Temse aviso de West, que as tropas delRey da grão Bretanha tomarão o forte de Stamford, que he o baluarte de Plemua, o que fas crer a entrega da dita cidade de Plemua.

De Bar-le-duc, aos 29. de Novembro de 1643.

[Letra capitular] NÃo pode vangloriarse sò a antiguidade de aver tido Amasonas, nem França tem para que as ir buscar fõra de si. A senhora de São Balmont lhe tem ja muytas veses dado o exemplo: a qual os dias passados estando retirada em hũa de suas terras, chamada Neuville, ou Villa nova fronteira de Lorena, pera a cõservar das correrias dos inimigos, soube, que vinte sinco Croatas havião feito prisioneiro hum morador deste lugar, o qual lhe tinha ja prometido trezentas pistolas por seu resgate, & do qual elles esperavão muyto mais. Com o qual aviso ella sobio logo a cavallo em trage de homem; & levando consigo dose, ou quince de seus criados, foy no alcanse dos ditos Croatas, os quaes forão constrangidos a se salvar dentro de huã casa, onde os atacou com tanto vigor

que/

que depois de haver morto alguns, os outros se renderão à disereção. E a este valor ajunta hũa grande caridade, que a todos os soldados Franceses, que passão por suas terras, lhes dà seu socorro, & acode com o de que tem necessidade. E o q̃ he mais de estimar, que a afeição, que tem a França, a obrigou a deixar seu proprio marido, que està com os inimigos.

Mais de Paris aos 5. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] Tivemos por novas os dias passados, que continuando o Marichal de Guebriant o sitio de Rotweil, recebeo, aos 17. do passado hum tiro de falconete, que lhe levou o braço direito: o qual golpe elle recebeo tão generosamente, que dando voses os que estavam junto delle, elle lhe respondia, q̃ não era nada. A praça se rendeo aos 19. do passado por acordo: & os inimigos, que havião chegado pera a socorrer foraõ constrangidos a ficar pellos arrabaldes de Balinguer. Aos 20. o dito Marichal se fez traser nesta cidade (depois de haver dado a seu exercito as ordens necessarias) onde morreo aos 24. outo dias depois de ser ferido, havendo sempre atè sua morte trabalhado vigorosamente com o espírito pello bem, & segurança do exercito de sua Magestade, com taõ inteiro juizo, como se estivesse em sua perfeita saude. Foy esta morte aos 40. annos de sua idade, com tanta satisfação dos Religiosos, que tiverão cuidado de sua alma (aos quaes fallava na lingua Latina, que tão util lhe havia sido pera o governo dos negocios da guerra) como de sua perda deixou de sentimento, aos que conhecião bem seus meritos. Elle havia longo tempo servido em Hollanda, donde depois foy capitão do regimento de Piemonte, depois em o das guardas. Durante o sitio da Capella anno de 1636 teve ordem, pera se lançar em a

cidade/

cidade de Guisa, onde esteve por governador seis, ou sete meses, atè que o defunto Rey o mandou servir de Marichal de campo debaixo do defunto Duque de Ruão em a Valtelina anno de 1637. donde por ordem de sua Magestade elle levou o exercito a Franche Conte, pera o ajuntar ao do Duque de Longavilla, que alli era Governador. Em o mes de Fevereiro de 1638. levou sinco mil homens ao defunto Duque de Weimar, tão aventurõsamente, que à sua chegada se achou na batalha de Witweier, depois na presa de Brisac: em todas as quaes ocasiões elle se portou com hum animo, & hum governo, que forão causa que à tornada do Duque de Longavilla, ainda que elle não fosse mais, que Marichal de Campo, não deixou com tudo de governar o exercito. Havendo seu merito entercedido por elle de maneira os sufrágios de cada hum, q̃ foy general em effeito, antes que tivesse o titulo. Tambem em o combate de Wolfembutel, onde o exercito Sueco estava sê General por falecimento do Marichal Bonier, querendo elle combater, por suas ordens alcançou a victoria. Apoz o que, no anno de 1641. em o mes de Agosto teve a cedula de Cavalleiro das ordens delRey, & no mes de Outubro do mesmo anno, foy provido do Generalado do exercito de sua Magestade em Alemanha; em o qual cargo elle desbaratou o do General Lamboy, & se fes senhor de hũa parte do pais de Iulhers, & de Colonia. Estes assinalados serviços lhe fizerão finalmente haver o bastão de Marichal de França em o mes de Abril do anno passado, o qual não deixou, senão com o braço, que o sustentava, & a vida, que sacrificou em serviço de seu Principe.

Copia/

Copia de hũa carta escrita de Roma tocante à entrada do
Principe Casimiro em a Companhia de Iesu.

[Letra capitular] *DE*spois que o Principe Casimiro, entrou na Cõpanhia, havemos sabido, que ha mais de tres annos, que andava cõ estes pensamentos. Despois de alcansar licença delRey de Polonia seu irmão, veyo incognito a Loreto, onde fes os exercicios, que tiverão tanto de effeito em seu espirito, que na mesma hora se resolveo a tomar a sotana, como o fez. Ele chegou a esta Cidade com grande gloria, & alegria de todos. O Papa o recebeo, como a irmão de Rey, dandolhe, não obstante que ja tivesse o habito, o titulo de Altesa, & fazendoo aßentar, & cobrir diante delle, & dandolhe a mao a beijar. E esperase, que ade ser muyto bom religioso, pellos grandes principios, que tem mostrado, não querendo sofrer à sua entrada que lhe deßem outra camara mais, q̃ hũa das ordinarias; tendo o P. Gêral intento de o alojar em o retrete dos Cardeaes. Havendo hũa ves entendido a hum dos Religiozos, que perguntava aonde estava o Principe Casimiro, respondeo, que ja não era mais, que o irmão Casimiro. Outra ves vendo passar por diante de sua camara ao Padre Vrsino, irmão da Duquesa de Montmorancy, & havendose informado de quem era; como lhe disserão sua casa, sua virtude, & bondade de vida: Bem está isto, diße elle, he necessario, que taes pessoas não se metão, senão onde sejão grandes santos. entrando no noviciado, como o metessem ao principio em hũa camara assaz honesta, disse, que ella não era apta, pera hum noviço; mas disendoselhe, que não seria mais que por tres, ou quatro dias, disse a hum dos padres Polacros, que a gente ordinaria podia experimentar, se o noviciado lhe agradava, ou não, & sair se lhe não agradasse, mas, que pera pessoa de sua sorte, tomar o habito era fazer profissão.

Com licenças necessarias, & Privilegio Real. Na Officina de Domingos Lopes Roza.

**GAZETA
DO MES DE
FEVEREIRO DE ¹⁶⁴⁴.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM A QVAL SE DA CONTA DE DOVS SVCESSOS.
notaveis.*

De Genova ao primeiro de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] AOs 28. de Novembro chegou a este porto hũa nao, que aos 20. partio de Inglaterra, de cuyos negocios dà aviso o capitão, que continuando a prosperidade das armas daquelle Rey, havia sido combatido dellas o porto, & fortaleza de Talmud, & ficava cercado, & em muyto aperto Pleimud, que he hũa das principaes praças marítimas daquelle Reyno. ElRey se vay fazendo cada ves mais forte, & no Parlamento crece a confusão com os negocios, & o cavalleiro Vahiler, desgostado com o Conde de Essex, se escusou do governo do exercito. A milicia de Londres dà mostras de não querer sahir a campanha: & os socorros de Escocia, não estão promptos quanto se imaginava. Sua Magestade Britanica tẽ occupado muytos milhares de gastadore, em as fortificações de Reding, as quais tinha ja quasi redusido a sua perfeição.

De Haya aos 13. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] AOs 7. do corrente os Plenipotenciarios de França tiveram audiencia do Principe de Orange, & no mesmo dia

A

che-/

chegou o General Trom, o qual tem tambem enviado 8. navios à Rochella, pera dar escolta à frota de França, que se espera neste pais, com hum convoy de 24. navios de guerra. O Almirante Witt-Wittens he tornado ao mar com sua esquadra, reforçada de novos baixeis. Trabalhase aqui com muyto calor em as instrucções dos Deputados, pera a paz geral, dos quaes se diz q̃ o Cõde Guilherme Governador de Frisa será cabeça.

De Amstardão aos 14. de Desembro de 1643.

[Letra capitular] OS navios de guerra, q̃ aqui estão destinados pera ir cõtra os Dunquerquezes, estão em estado de partir breuemête.

De Barcelona aos 15. de Desembro de 1643.

[Letra capitular] O Castello de Monção se rendeo aos seis deste mes, por cõcerto, à falta de mantimentos, depois de haver sufrido mais de 4U. ballas de artilheria, q̃ redusirão a praça quasi em pò, tres minas, & tresentas bombas 250. Franceses, que sairão della forão condusidos a Lerida com duas peças de artilheria; mas a capitulação foi quebrada pellos inimigos, que se lançarão sobre hũa parte da bagage dos nossos, ainda que os Generaes de Castella tratarão muyto pello impedir. Perderão os inimigos em este sitio que durou quasi dous meses outo mil homens, dous mil dos quaes forão mortos pellos cercados, & os outros morrerão de frio, salvo algũs que se bandearão: de sorte que de quatorze mil homens, que cercarão a dita praça, não ficarão mais, que seis mil, & estes em tão misaravel estado, q̃ ha mister largo tempo pera se refazer, antes de se poderem ocupar em algum serviço de prestimo. O senhor de Saulcey, q̃ generosamente defendeo este castello, partio honte de aqui a dar conta a suas Magestades, do que passou neste cerco.

Del

De Brasta aos 17. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] T^Odos os principaes officiaes do exercito do defunto Marichal de Guebriant se ajuntarão, pera fazer iuramêto de que estarão sempre firmes em o serviço delRey Christianissimo, que lhes prometeo tambem acudiria com tudo que necessario lhes fosse; & a mayor parte dos regimentos de cavalleria deste exercito està ja em o melhor estado que nunca estiveraõ.

De Oxford ao 20. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] S^Vas Magestades Britanicas estão aqui com perfeita saude & se diz, que a Raynha de Inglaterra està pejada. As tropas Reaes, que estão em a Provincia de Leicester, tomarão nela ha pouco tempo a cidade de Melton Monbery, onde foraõ desbaratados tresentos cavallos Parlamentarios; & tomarão o Deputado do Parlamento, que estava em a mesma Provincia. Os Presidentes desta Corte partirão daqui a somana passada, pera fazer suas visitas em o pais de West, segundo o antigo costume, que foy interrompido despois das vltimas guerras: mas ao presente a justiça, & o comercio começam seu antigo lustre. Aos 13. deste mes o Conde de Castelnovo enviou hum proprio a elRey da Grão Bretanha, pera lhe dar aviso da vitoria, que mil & quinhentos cavallos, & dragões seus tiverão ha pouco junto da cidade de Lubon, entre as provincias de Darby, & de Staford, sobre dous mil Parlamentarios, trezêtos dos quais ficarão mortos sobre a praça, & mais de 500. prisioneiros, & todos os mais desbaratados. Apos o que o dito Cõde fes investir com todas suas tropas a cidade de Dorby, da qual espera fazerse em breve senhor. Em as cidades de Castel-

A2

novo/

novo, Tinemouth, Hartlapoole, & de York deixou muytos presidios. O cavalleiro Thomas Glenehain levou hum corpo de vinte mil homens pera se opor aos Escoceses, em caso, q̃ quizessem fazer algum movimento: de que não ha apparencia algũa. Mylord Hopton indo marchando pera a provincia de Kent, tomou a cidade, & castello de Arundel em a Provincia de Surrey, que he hum bom posto de mar defronte de Chereburg. O Principe Mauricio sabendo, que a cidade de Plemua não pode ser socorrida, não aperta com ella tanto como de antes fazia, afim de a poupar seus soldados.

De Londres aos 21. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] AOS 16. deste mes, o Conde de Northumberland, & dous mais da Camara baixa, trouxeraõ ao Conde de Harcourt a reposta do Parlamento, cuja substancia era, que o dito Parlamento muyto agradecia a elRey Christianissimo, & à Raynha Regente as boas vontades, que suas Magestades manifestavão em procurar a paz de Inglaterra; que o Parlamento receberà sempre com respeito, & reconhecimentos as boas intenções de suas Magestades pera com elRey da Grão Bretanha, & seu Estado; que as duas Camaras nenhũa cousa tanto desejaõ, como hũa boa paz, a qual seja permanente, & traga a sua Magestade Britanica honra, & felicidade; & a seus tres Reynos a conservação de sua Religião, segundo o ultimo concerto, & seus priuilegios; & que quando o Conde de Harcourt propusera algũa cousa ao Parlamento da parte de suas Magestades Christianissimas elle lhe respõderia prõptamente; prometêdo alé disto de dar a todo o mundo a justificação de seu procedimento. A qual reposta foy enviada no mesmo dia

a sua/

a sua Magestade Britanica por hum proprio, cuja volta se espera brevemente, depois do qual se fallará com mais claresa no tacante a esta materia; porem temese, que sua dita Magestade não queira consintir, que a Religião fique, como foy tratado no ultimo concerto; a qual arruina, & desfaz totalmente os Bispos, & todas as cerimoniaes tocantes à Religião Protestante, que he muyto diferente da Puritana.

Mais de Haya aos ditos 21. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] OS Plenipotenciarios de França estão ainda aqui, onde cada dia fahem suas conferencias com os Estados gerais, tocante ao ajuntamento da paz geral. Os Embaixadores Hollandezes, que hão de ir a Inglaterra, tiverão ordem pera partirem com o primeiro bom tempo.

De Rottordam aos 22. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] H Onte chegou aqui hum nauio de Norfolke, pello qual se teve aviso, que o Principe Roberto, com hum exercito consideravel, se havia avançado até a cidade de Cambridge, onde desbaratou 700. cavallos do Conde de Manchester Parlamentario. Outro baixel de Castelnovo chegou depois tambem de Amstardão, o qual conta por certo, que o Conde de Castelnovo tomou por concertos a cidade de Darby, dissipou os Parlamentarios daquela Provincia, redusio à obediencia delRey da grão Bretanha toda a Provincia de Hottinghã, excepto somente o Castello do mesmo nome, que està muyto bem aprestado: que o Conde de Darby se ajuntou ao dito Conde de Castelnovo com 500. cavallos, que levou da ilha da Mona, & que se teme agora mais, que nunca a saida dos Escoceses, vistas as grandes forças, que estão nas fronteiras, pera

A5^[sic]

hes/

lhes faser rosto. Esta somana partio daqui hum navio cõ 20U. armas, & muytas munições, pera sua Magestade Britanica.

De Marselha aos 23. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] A somana passada chegarão a este porto seis, pera setecentos Christãos, que se livrarão das mãos dos Turcos em o porto de Alexandria, & se entregarão à m. do mar; os quaes não obstante o grande numero de feridos, que passam de duzêtos, mostram grande contentamento por haverem tão generosamente conseguido sua liberdade.

De Paris aos 26. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] AOs 21. do corrente o Barão Goring, Vice-Camareiro da casa delRey da grão Bretanha, & seu Embaixador extraordinario a suas Magestades, fez sua entrada nesta cidade. Em o qual dia partio da casa do Marichal de Bassompierre pera Chaliot, onde o Marichal de Gassion, & o senhor de Berliza conductor dos Embaixadores; & Principes estrangeiros, o forão buscar em as carroças delRey, & da Raynha, & o conduzir á casa de Saint Chamunt (que ao presente he a dos Embaixadores extraordinarios) com mais de oitenta carroças, das quais mais de 60. erão de seis cavallos, com numero de cavalleiros. E o que he mais de considerar, que estas carroças hião a mayor parte dellas cheyas de nobresa, & gente de condição. Aos 23. o cavalleiro de Guisa grão Camareiro de França, & o dito senhor de Berliza, forão buscar ao dito Embaixador a sua casa, & o conduzirão ao paço Real, onde teve sua audiencia de suas Magestades, em presença de Monsenhor o Duque de Orleans, tio delRey, & de muytas Princesas, senhores, & senhoras de alta condição. Foy recebido delRey com hũa cortesia supe

rior/

rior a sua idade, & da Raynha, com tantas mostras das boas inclinações, que tem pera suas Magestades Britanicas, & desejo de procurar hũa boa paz a seus estados, que todos os assistentes ficarão muytos satisfeitos.

¶ Em o mesmo dia o Residente de Polonia teve tãbem sua segunda audiencia da Raynha.

¶ A presa da cidade de Crèvecour aos Modoneses pelas tropas Ecclesiasticas.

De Paris a 30. de Dezembro de 1643.

[Letra capitular] A Cidade de Crèvecour praça do Patrimonio, sendo iulgada por necessaria pello Duque do Modena, pera execução de outros disignios seus, ao principio do mes de Novembro passado, deo ordem o Coronel Panzetta Governador de Nonantola, pera a tomar por empresa. Pera este efeito o dito Coronel ajuntou quinhentos infantes, & tresentos cavallos com os quaes se encaminhou a noite de 4. pera 5. do dito mes pera Crèvecour; onde havendo tomado descuidados algũs corredores das tropas Ecclesiasticas, soube delles a pouca guarda, que em a praça havia, & o meyo pera a tomar por empresa facilmente, como fez; havendo feito esconder ante manhã 50 soldados seus em hum fosso proximo às muralhas da cidade; os quais havendo promptamente subido com escadas, & aberto hũa das portas, o Coronel Panzetta, que de fora esperava o sucesso desta empresa, entrou dentro depois de haver forçado algũs soldados, que quiserão defendella, & fez a todos os officiaes do presidio Ecclesiastico prisioneiros, & os mandou, pera Modena, & entre elles o Capitão Canti Governador da praça, o cavalleiro Caccia, & o capitão Deganelli. Entretanto

ficou/

ficou o Coronel em a dita Cidade de Crévecour, onde fes meter 800. infantes, & 100. cavallos, & trabalhar em as fortificações. Chegando a nova desta empresa a Bolonha, onde estava o Bailli de Valencey General das tropas Ecclesiasticas, & depois a Cento onde então estava o senhor de Coudray-Môtpensier Governador da Romana, Mestre de campo general, & Governador das tropas do Papa em a dita Provincia: o dito senhor de Coudray se avançou com diligencia pera o posto de S. Agada distancia somente de tres milhas de Crévecour, sem outro disignio mais, que de amparar o pais das correrias dos Modaneses, & conservar o seu posto; mas havendo depois sôdado o animo de seus soldados, & conhecido a sua resolução, fez ajuntar suas tropas, que se acharão montar a 1400. infantes, & 600. cavallos, & se avançou com 24. escadas, pera tornar a restaurar a dita cidade de Crévacour. Era isto a noite de 6. ou 7. do mesmo mes de Novembro, dous dias somente depois, que os Modeneses a ganharão: & por mais diligencia, que fez, não pode chegar ja, senão de dia à vista da praça, a qual atacou cõ toda a força, ainda que a cortina estava bem guarneçada, & seus soldados fossem constrangidos a se meter pella agua atè á cintura, pera passar o fosso. Porem não obstantes estas difficuldades, as escadas forão plantadas, 24. passos de cortina ganhados em hum quarto de hora, & pouco tempo depois toda a cidade entrada por força, com perda de quinse soldados das tropas do Papa: se bem morrerão nella muytos Modoneses, & foraõ feitos prisioneiros alguns trezentos, & entre elles o Coronel Pazzeta cavalleiro, cõ 34. capitães, Lugartenêtes, & outros officiaes, os quais forão levados aos 8 seguintes a Bolonha.

Sitiol

Sitio posto, & levantado ao Castello de Bazing em Inglaterra, pello Cavalleiro Waller.

[Letra capitular] O Cavalleiro Guilherme Waller, Parlamentario, estando 7. ou 8. dias em os contornos de Fornham, & de Alton, com seu exercito, composto de alguns 5U. homens, assi de cavalleria, como de infantaria, tomou sua marcha, pera o Castello de Bazing, à vista da qual chegou aos 16. de Novembro passado; & ainda que o estrondo de suas trombetas, & atambores dessem novas de sua madrugada, & de sua vinda, não foy sentido do presidio do Castello, por causa das grossas nevoas, senão á hũa hora despois do meyo dia. Ao qual tempo, despois de hũa ligeira escaramuça entre algũs cavalleiros Parlamentarios que se adiantarão do exercito, & algũs mais, que o Cõde Hopton tinha em a praça, sem perda algũa de hũa nem hũa nem de outra parte, algũs cem soldados do dito Waller, se avançarão com o favor de sua mosqueteria, aos baixos muros ou barbacãs do Castello: donde forão lançados pello presidio até o corpo de seu exercito; o qual se avançou pera Bazinstoke & passando ali a ribeira, se avançou hum pouco ao lado do dito castello, donde pellas quatro horas da tarde, o cavalleiro Waler, havendo feito atirar des, ou doze ballas de artilheria contra o castello, lhe mandou hum trombeta: o qual havendo notificado ao Marques remetesse a praça á obediencia delRey, & do Parlamento de Inglaterra, offerecendolhe bõ quartel, pera todos os que estavam dentro, sua reposta, a qual mandou ao cavalleiro Waller por hum atambor, retendo entretãdo o seu trombeta, foy, que elle tinha aquella praça por sua Magestade Britanica, em a qual tinha presidio. Duas horas des

pois, /

pois o dito cavalleiro enviou hum comprimento por escrito à Marquesa de Hopton, irmã do Conde de Essex: offerecendolhe livre passagem, a seus filhos, & todas suas molheres; do q̃ dandolhe ella os agradecimentos, & havendolhe ella feito a saber, que ainda não estava redusida a aceitar estes testemunhos de sua boa vontade, pellas des horas da tarde, o dito senhor Waler fes atirar contra o castello até 30. tiros de artilheria, composta de 5. peças pequenas, & duas comlebrinas: & ao outro dia enviou algũs infantes perdidos a hum valle pera verem se podiaõ ganhar algũs arrabaldes da praça, mas forão rechaçados pellos soldados do presidio, que atraves de hũa meya lũa lhes derão continuas cargas, de q̃ matarão muytos. Com tudo como a presa destas fortificações era absolutamente necessaria ao disignio dos cercadores, elles os atacam com tanta resolução, atemorizando por hum lado a guarnição Realista com tres peças de artilheria, que desaparavão sem sessar, em quanto o capitão Clonson, Lugartenente do cavalleiro Waler, atacava as ditas fortificações por outro, que se fizerão senhores dellas; mas por breve tempo, porque os cercados vendose em aperto, se resolverão a por fogo aos edificios pera lançar delles os inimigos, esperandoos à saída, em quanto sua artilheria atirava sobre elles. O que foy animosamente executado pellos senhores Peake, & Iohnson, Lugartenentes Coroneis, & o fogo posto aos quatro cantos dos ditos edificios. E avendose depois o dito senhor Iohnson avançado com 25. homens a hum patio contra o capitão Clinson, que conduzia os infantes perdidos, o matou com suas próprias mãos. Entretanto começando o fogo a faser seu effeito, os Parlamentarios/

rios forão constrangidos a deixar com toda pressa as fortificações, & nellas suas armas, & muytos de seus companheiros, hũs mortos, outros feridos, & sem forças, pera evitar a morte, que o fogo lhes preparaua. Apos o que o seguinte dia, que forão desoito do mes, o dito cavalleiro Waller deixando de todo estas obras se retirou com sua artilheria atè os 22. em o qual dia tornou a se por diante da mesma praça com hum novo socorro, & dous fogos de artificio, que fes vir de Londres, & dividindo seu exercito em tres, se resolveo a atacar a praça por outras tantas partes, mas o Lugartenente Coronel Iohnson teve ordem para os prevenir por hũa saída, que sobre elles fez com 30. mosqueteiros escolhidos, que animosamente derão sua carga, & depois se retirarão detras de hum vallado desviado; onde os Parlamentarios querendo ir àvante, forão lançados fóra pella mosqueteria da meya lũa: a qual tirando sem cessar sobre elles, matou a muytos, & pos os mais em fugida; sobre o q̃ o cavalleiro Waller vendo seu disignio frustrado, fez avançar quinhentos homens ao meyo do parque, pera dali ir atacar o corpo do castello. Mas disparouse do reparo hũa peça a tão bõ tempo, que matando a dose, & ferindo a muytos mais, deo tal espanto a todo o resto, que o pos em fugida. Tadavia o dito Waller fasendo atacar por outro lado a praça por 2U. infantes, & duas peças de campanha, elles se meterão em os fossos, lançarão os soldados do presidio fôra da meya lũa debaixo plantarão hũa de suas bandeiras em o fosso, & puserão hũ petardo debaixo da porta. Porem os cercados fasendo hum buraco no muro, & dando hũa carga de mosqueteria a seus inimigos, matarão algũs delles, & faltandolhes o petardo, forão

cons-/

f.º 6 – v.º

constrangidos a se retirar. O que conhecendo o presidio, que ja havia ganhado a meya lũa, os acompanhou com muytos tiros de artilheria, tirados de diversas partes, os quaes mataraõ muyta gente. De sorte que os Parlamentarios perdendo toda esperança alevantarão o sitio, com perda de mais de mil homens, entre mortos, & ferido, deixando quantidade de armas & outras moniçoẽs de guerra.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

Na Officina de Domingos Lopes Roza.
Anno I644.

Taxaõ esta Gazeta em 6. reis. Lisboa 18. de
Março de I644.

Coelho.

**GAZETA
DO MES DE
MARÇO, E ABRIL
DE. 1644.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM QVE SE DA CONTA DO RECIBIMENTO, QVE FIs-
serão na Rochella ao Marques de Cascais Embaixador extraor-
dinario delRey de Portugal em França.*

De Genova ao primeiro de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular]TEMos aviso, que o Cardeal Bichi vay muito avante em os concertos, que se fazem entre o Papa, & os Principes ligados, & que os Cardeaes Cesarino, & Baldelchi são mortos, o primeiro em Roma, & o segundo é Perugia. As ultimas cartas de Espanha, dizem que sua Magestade Catholica partirà brevemête para Aragam, onde deixou o Marques de Monterey. Que a Duquesa de Olivares havendo mandado pedir à Rainha de Castella, por causa dos maos tempos, que lhe permitissem esperar pella primavera para seir ao lugar, que lhe foi cõsignado para sua retirada, teve ordê, que partisse logo, sem mais tardança alguma. Que o Cardeal Trivulcio estava feito Conselheiro de Estado, & de gverra cõ outo mil escudos de pensam, & devia brevemente partir para Roma. O Duque Picolomini estava de caminho para Alemanha, para de ali passarse ao Pais baixo; onde cada dia o es-

A

pera/

pera dom Ioam de Austria.

De Vienna aos 4. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] O Emperador offereceo huma gram soma de dinheiro ao Governador de Olmutz para que saya della, & faça deixar aos Suecos todas as outras praças, que tem em a Moravia; do que elle deo logo aviso ao general Torstenson. Os deputados Imperiaes, Espanhoes, & Bavareses estam ainda iuntos en Passaw, para ali tratarem dos mais convinientes meios para estabelecer huma paz, em o Imperio do socorro que se deve enviar a ElRey de Dinamarca; das iuntas geraes de Munster & de Osnabrug: dos negocios de Italia, dos Suissos, & de Allaria.

De Roma aos 6. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] Ainda ã aqui se tẽ por cousa certa que o tratado de entre o Papa & os principaes ligados he de todo cõcluido, & ã não falta mais que cõfirmarse, nẽ por isso se deixaõ de exercitar de huma parte & outra as mesmas hostilidades, que ate ategora.

De Hamburgo aos 6. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] TTodo o Pais de Indland esta cheyo de Suecos, os quais tem seu principal quartel em Hadersleben, em Flensburg cem barquos pequenos, muitos dos quaes haõ de ser guarnecidos de alguma artelharia meuda, con digsinio de se apoderar da Ilha de Finẽ: E por que sua presa he muito importante aos negocios delRey de Dinamarca, tem feito ajuntar doze mil homẽs, para in pedir aos Suecos a entrada nella.

De Amstardam aos 8. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] Os dias passados quatro navios nossos, que andaõ a corso,
toma-/

tomarão hum navio Castelhana, que vinha de Biscaya com muitas mercadorias, & fizeram dar outro à costa na Ilha de Inglaterra. O Capitam Verhellen tambem ha pouco à Flessingua hum navio de Dunquerque, que tinha desaseis peças de artilharia, & cento & sessents homens, entre os quais havia algũs officiaes, que hiam para Castella.

De Barcelona aos 9. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] DOM Ioseph de Margarita Gouvernador de Catalunha he chegado de Empourda a esta cidade, dissipando cõ sua presença todos os disignios, que os inimigos tinhaõ sobre as cidades & portos de mar dos Medez, & de Cadaquers, que determinauam tomar por empresa, segundo o auiso, que havia tido o Marichal da Motha. Os Castelhanos que estaõ en Taragona semearaõ quantidade de bilhetes impressos, contra as cartas que o Marichal havia antes escrito as cidades & lugares deste principado, pelo seruiço de sua Magestade, mas os ditos bilhetes foraõ de nenhum &feito, por que os moradores das ditas praças naõ estaõ em estado de se deixarẽ corromper por traças, & tramoias de seus inimigos antes seruiraõ de os confirmar mais em sua boa fê.

Mais de Genoua aos 10. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] POR cartas de Madrid sabemos que o Conde de Oliuares, se havia encerrado a sua Camara, sem querer em quatro dias ser uisitado de pesoa alguma com a nova que teve de que a Condessa sua molher havia tido ordem para se retirar daquella Corte; & que o Conde de Penharanda era eleito emBaixador para Venesa.

A2

Mais/

Mais de Viena aos 18. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] O Temor que aqui se tinha do Principe de Transilvania não foy de todo vam: por que fes huã invasam por Vngria com 2000. cauallos, seguidos de todo o corpo de seu exercito, que he de 28U. homes: onde saqueou muitos lugares, principalmente em o territorio do Cõde de Humanay seu visinho & perpetuo inimigo, ao qual desbaratou algũas tropas, q̃ lhe quiseraõ resistir. E passando logo o Rio de Teissa tomou a cidade de Solnok, aque obrigou aos principaes de Hangria a acudir com toda pressa a esta cidade; onde se resolveo que se separasse o exercito Imperial em tres corpos, hum dos quaes deve ser governado pello Conde de Bouchem cõtra os Transilvanos, reforçandose primeiro pera este effeito de toda a milicia daquelle Reyno: o outro ficarà em a Moravia & Silicia, pera tratarem de restaurar as praças, q̃ os Suecos ali tem; & o terceiro marchará em serviço delRey de Dinamarca, governado pello General Galas. Mas toda a dificuldade consiste em achar gente pera compor estes tres exercitos, & dinheiro pera os sustentar.

Mais de Genova aos 18. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] AOs 16. do corrente, ouve aqui hum grande tremor de terra, mas durou pouco, & he o terceiro, que de dous annos a esta parte havemos notado.

Mais de Barcelona aos 18. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] ELRey de Castella, ainda que não pode bem tirar o socorro, que se esperava de naos, soldados, & moniçoẽs, cõtinuando todavia suas resoluções contra Catalunha, chegou com toda a Corte aos 9. deste mes a Saragoça, onde os Ara-gone-/

goneses lhe pediraõ, lhes desse o Duque Piccolomini por General. Esta marcha nos deo taõ pouco temor, que passamos aqui o entrudo com mais alegria, do que os annos precedentes: & os officiaes Franceses que aqui estão fizerão no paço de Ayetona nesta cidade hũa excellente comedia de 15. entradas, chamada *A Revolução do seculo*: em aqual foraõ representadas as victorias, que França tem tido de Castella.

Mais de Roma aos 22. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] AOs 14 de Dezembro passado criou o Papa Cardeal do Consistorio ao Padre Ioaõ Delugo da Companhia de IESVS, o qual na dita cidade ensinou Theologia 20. annos. O Cardeal Frances Barberin avisou seu General por hum escrito, que hum seu gentilhomen trouxe a sua Paternidade, cõ ordê de o aceitar: o que foy com tanto segredo, que nenhum dos Padres o imaginou. O Padre estava à mesa em o Collegio Romano, quando o grão coche do Cardeal Bauberin o foy buscar em habito da Cõpanhia, & o trouxe ao Collegio de Ypre, foy aqui censurado, & pronunciados por anathenas os que o defenderem. A Raynha de França foy aqui admirada por aver mandado à Sorbona registrar esta censura, mostrando por este acto a grande devação, que tem à Santa Sé Apostolica. Entendese que a paz entre sua Santidade, & os Principes ligados se concluirá brevemente. Esqueciame de vos diser que Baillio de Valencè Frances, Cavalleiro, & Governador de Maltha, irmão do Arçobispo de Rhemes, & General das armas do Papa, recebeo tãbem agora o Chapeo de Cardeal, depois de hauer fiel & generosamente servido a sua

A3

Santi-/

Santidade, em estas ultimas guerras contra a liga de Italia.

De Rhemes em França aos 25. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] Tluemos nouas de Canada, ou nova França é a America Septemtrional, por cartas de 2. de Desembro passado, que aquelles barbaros Hiroquois não haviaõ ainda comido mais que o dedo polegar da mão esquerda ao Padre Iogues da companhia de Iesus, que tem preso pella fê de hum anno a esta parte: mas ã lhe tinhão tirado todas as unhas das mãos: & se terminavaõ de o comer em hum banquete publico, onde se havia de ajuntar conuidada para isso toda a parentella; porem foy libertado por hum Herlandes, tendo a mesma heregia piedade do ã fazião padecer a este Padre: o qual foy trasido a esta Prouincia de Bretanha; donde brevemente se vay á Rochella para novamente pasar dali a Canada, onde espera achar da segunda vez perfeito o martirio, que nam achou da primeira.

De Anveres aos 25. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] A Fama, que se lançou da grande riqueza da Frota, que ha pouco chegou das Indias, he bem diminuida, despois que nossos mercadores descubriraõ a tramoya: mas em effeito ao mais que chegou, foraõ quatro milhões: a qual soma não he suficiente para socorrer aos gastos de Castella, que são preuilegiados, por ser empenhada nelles a pessoa de Sua Magestade Catholica: de maneira que as Provincias remotas, como he a nossa, não se puderaõ nesta ocasião aproveitar mais, ã das apparencias. E verdadeiramente, ã no mesmo tempo, em que nõs estavamos esperando ser aliviados de algũas cargas extraordinarias, com o socorro desta frota, se buscarão

meys/

meios para nos tirar mais dinheiro: de sorte que os mais simples começaram a se enganar, & reconhecer a suas promessas, que lhe fasiaõ de tantas prosperidades futuras, vendo-se atalados de dia em dia em novas miserias.

De Marselha aos 25. de Fevereiro de 1644.

[Letra capitular] O Embaixador, que o Duque de Mantua mandou a suas Magestades, he chegado a esta cidade. O tremor de terra, que foy quasi vniuersal nesta Provincia, foy muy grande, terribel, pera as partes de Nice, & de Grossa, onde fes morrer muyta gente, & derribou quantidade de casas, principalmente em Castelnovo, Piltza, Revest, Todon, a Roqueta, & outros lugares circunvisinhos.

Do Campo de Monsiur Marichal da Motha em Catalunha ao I. de Março de 1644

[Letra capitular] AQUI nos havemos estranhamente alegrado com as novas que de presente recebemos, dos gloriosos progressos das armas de Sua Magestade Portuguesa em Galiza, & em Castella; & igualmente havemos sentido a morte do Illustrissimo senhor Dom Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, cuias raras calidades o havião feito memoravel em todos os lugares de França, por onde passou. Tambem festejamos muyto o bom encontro, que teve o Monteiro mòr de Portugal Francisco de Mello em Albuquerque, & Pedrabueua, em cujas victorias vão Franceses particularmente interessados, por ser o primeiro Embaixador, que virão em seu Reyno da Coroa de Portugal.

Da Rochella aos 8. de Março de 1644.

[Letra capitular] O Marques de Cascaes Embaixador extraordinario del Rey/

Rey de Portugal a esta Coroa fes hoje sua entrada nesta cidade, onde foy recebido com todas as desmonstrações de honra, & de amisade, que requiere a estreita aliança destas duas coroas. Mandouselhe hum grande numero de carroças, todos os corpos desta cidade ecclesiasticos, & seculares lhe foraõ dar as boas vindas, como tambem as communidades das Religiões, das quaes os Padres da companhia, não tiverao o ultimo lugar; & entre outras cousas lhe fizeraõ dar as boas vindas por hũ grão numero de estudantes, q̃ pera este effeito prepararão, falandolhe em todas as linguas, conforme o pouco tempo, lhes permitia: o que sua Excellencia mostrava agradecer muyto, perguntando os nomes de todos os que lhe falavão em diversas linguas, & pedindo assi mesmo aos Padres lhe dessem os versos, & epigramas, que lhe recitavão. Entendese, que partirà dentro de oito dias, pera Paris, ainda que esta cidadã^[sic] lhe tem instantemente pedido queira fazer algũa demora nella, pera descansar do trabalho que em sua larga, & perigosa navegação teve, pois andou no mar vinte & quatro pera vinte & sinco dias, combatido de ventos contrarios, de maneira que foy levado á altura da Ilha terceira; se bem he de crer, que foy tudo por providencia Diuina, & particularmente favor de Deos, que não cessa de velar paternalmente sobre os negocios de Portugal; porque tanto que o senhor Embaixador chegou aqui teve aviso certo, de que des fragatas Dunquerqueas o esperavão no cabo de Finnisterra, & seis em a Ilha de Bellilha.

De Paris aos 16. de Março de 1644.

[Letra capitular] HAvemos recebido novas da gloriosa chegada do Marques/
ques/

ques de Cascaes à Rochella aos 8. do corrente, & se prepara aqui pera o receber como pede a estreita amisade de França, & Portugal, que de dia em dia se melhora; de sorte que se tem aqui por certissimo que se não concluirá nada em a dieta de Munster, sem que seus interesses não fiquem muyto aventejados. Os Principes, & os ministros ja mais estiverão nesta Corte, & Reyno em melhor intelligencia, que hoje, nem os aparelhos, & prevenções de guerra forão ja mais tão grãdes. Monsiur o Duque de Orleães tio delRey se diz tem recebido as patentes de suas Magestades pera o Governo de Longuedoc: vay conduzir o exercito de Picardia, & deve ter por Lugartenente o Marichal de Milharè. O Duque de Enguien governarà as armas de Xampanha. O Marichal de Turena se prepara tambem pera ir roer as unhas da Aguia em Alemanha com hum poderoso socorro. O Principe Thomas he partido desta Corte pera Italia, com grande satisfação de suas Magestades, a vay faser fallar bem de si, & das armas delRey em Italia. Não se faser menores prevenções pera Catalunha, cujo exercito será composto de vinte mil homês de pé effectivos, & de seis mil cavallos. Tambem se diz que irá o exercito contra Fonterabia, & a fama he que o Duque de Esper non Governador de Guoeuna, & o Coronel General de infantaria tem ordem de levantarem tropas, pera a irem cercar: com tudo as cousas da Corte são tão secretas, que vos não saberei dizer a certesa disto, sò vos affirmarei que o Duque de Bresè tem hũa poderosa armada no mar mediterraneo, que disem ser de cem navios, & vinte quatro gales, mas não se sabe o disignio.

O/

¶ O Principe de Condé na volta que fez de Borgonha deo a luz hum excellentissimo liuro, q̃ compos à honrra do SANTISSIMO SACRAMENTO, contra algũs proposições de hum Doutor, que reprovava a devação de tão nobre, & tão augusto misterio. E não ha muito que o Duque de Enguien seu filho deo a lus outro excellentissimo da Eloquencia; de sorte que com muyta resaõ podemos hoje dizer, que a virtude, a doutrina, & o valor tem posto seu throno em a família de Borbon. O Principe de Conty seu segundo filho fes também prodigios em Philosophia com os Padres da companhia do Collegio de Clermont, como atèqui triumphou dos outros exercitos das humanidades, & da eloquencia.

¶ Dizem por cousa certa que se tem feito assento pera os gastos dos exercitos de trinta milhoẽs de escudos, que parece incrivel, mas os dias atras se tratou de tomar contas a todos os Rendeiros deste Reyno, os quais porque se lhe não tomassẽ & lhes dessem quitação, derão des milhoẽs de escudos, alem de terem pago tudo o que prometerão. Depois da morte delRey a esta parte, se affirma serem gastos com os exercitos, q̃ quando faleceo estavam levantados, onse milhoẽs.

¶ Os dias atras ouve na praça Real, hum desafio famoso, em o qual foy desafiado o Duque de Guisa, por hum filho do Marichal da Força, o qual ficou mal ferido: ambos se ausentarão logo, & se trata de os comporem. Os Suecos tem conquistado a elRey de Dinamarca meyo Reyno, em que entrão muytos lugares, & cidades principaes delle. Monsiur de la Trullery Embaixador de Hollanda vay com toda pressa a Dinamarca para atalhar as diferenças delRey com a Coroa de Suecia.

Ha/

¶ Ha carta nesta Corte da Ilha de São Christovão, que he nas Indias de Castella, feita em os ultimos de Novêbro, em como a mayor parte das Indias tinhão negado a obediencia ao Castelhana, & que soo hum Visorrey havia por elle, ficando entre elles grandes revoluções.

¶ He aqui chegado hum frade Dominico que chamão Fr. Ioaõ Correa, filho de Lisboa, o qual vem de Madrid; não dá novas frescas por haver muyto que he partido daquella Corte, & prégou á Raynha em Espanhol no seu Convento da Rua de Santo Honorio; foy o sermão a S. Illefonso, & pareceo excellente, a todos os que o entendião.

De Nantes aos 28. de Março de 1644.

[Letra capitular] HE chegado a esta terra Monsiur de Lanier Conselheiro de Estado, o qual veyo a visitar o Marichal de la Milharè nosso Governador, que o recebeo com grandes affectos, & demonstraçoës de alegria; não vos posso affirmar quanto a sua tornada de Portugal tem alegrado estas Provincias, & assi esperamos que seja bem recebido em a Corte, pera onde parte despois das festas. Com elle veyo tambem Monsiur de Lessart Engenheiro mór de Portugal com o habito de Christo, pello qual entendemos que devia haver bem servido a sua Magestade Portuguesa, & que sua Magestade sabe tambem recompensar os meritos dos que deixando voluntariamente sua patria, se vão dedicar a seu serviço.

Carta que a Santidade de Vrbano VIII. escreveo a

ElRey de Polonia.

[Letra capitular] *A Resolução, que o Principe Casimiro irmão de vossa Magestade tomou de se partir pera Italia, & entrar na Cõ-panhial*

panhia de Iesus, verdadeiramente não he de crer que foy sem particular alegria dos Anjos, & aplauso singular de toda a Igreja: porque o illustre triumpho, que neste tão heroico acto alcãsou de si mesmo, deixa a perder de vista todas as mais victorias; pois sêdo pessoa de tãta authoridade, na primavera de seus annos, entre abũdãcia de todas as cousas q̃ costumão roubar os corações humanos, trocou o mãdo, & governo secular, cõ o jugo da observãcia religiosa, as dilicias cõ rigores, as riquezas cõ pobreza, o acõpanhamẽto de criados, & mais aparato da Corte cõ hũ humilde recolhimẽto, o poder de mãdar a outros cõ volũtaria necessidade de obedecer. E como quẽ de mistura cõ o leite bebeo a piedade Christã, & cõ as primeiras letras aprẽdeo a philosophia do Ceo, se resolveo cõ este acto a abrir caminho pera o Reyno eterno, pôdo toda sua industria ã enthesourar estas teyas de virtudes, cõ as quaes sabe muyto bẽ se cõpra o Reyno, q̃ ha-de durar pera sêpre; & illustrado seu entẽdimẽto cõ lus superior conheceo q̃ das chagas de Christo Crucificado brotavão fontes de vida eterna: com cuja agua regados os claustros Religiozos, produsẽ flores de todo genero de virtudes. A voßa Magestade, & a todo este Reyno não menos poderá elle agora ajudar cõ suas orações de que ategora o fes cõ sua prudẽcia, & valor. Nõs não sofremos ja mais, q̃ falte mostra algũa de vontade afeiçoada, & paternal benevolẽcia, pera com varão tão illustre; porq̃ nelle reconhecemos & estimamos muyto assi os mericimẽtos proprios, como de seus antepassados: Entretanto pedimos ao Supremo Pay da misericordias de todos os prosperos sucessos a V. Mag. aquẽ com grãde affecto concedemos a benção Apostolica. Dada em Roma em Outubro de I643.

Cõ licẽça. E Privilegio Real. Por Domingos Lopes Rosa An. 644.

**GAZETA
DO MES DE
MAYO, E IVNHO
DE. I644.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM QVE SE DA CONTA DO RECIBIMENTO, E
entrada, que fizeraõ em Paris ao Marques de Cascaes
Embaixador extraordinario delRey de Por-
tugal em França, & audiencia dos Chri-
stianissimos Reys.*

De Paris aos 26. de Abril de I644.

[Letra capitular] EM terça feira dezoito de Abril, entrou a bagagê do Embaixador extraordinario de Portugal o Marques de Cascaes, que constaua de cento & dezanove criados, começandose de duas trombetas, doze azemelas, com reposteiros de veludo carmesim bordados de ouro arrochos, & armas de prata, com dous lacayos cada azemela, com libré negra & plumas negras: seguiaõse logo doze moços da camara a cavallo vestidos à Francesa, com coxins, & maletois de veludo bordados de ouro, cõ pistolas, & crauinas, bolsas, frascos, chapeleiras, & espadas; apos os quais hia hum cavallo Espanhol ajaezado, para o Marques, com adereços bordados de ouro, estribos, & bo-

§

caes/

caes de prata cubertos, com hum telis de de^[sic] veludo negro bordado de prata. Acompanhaua a este cavallo, vinte & quatro lacayos, & hum estribeiro do Marques a cavallo, seguiosse a carroça do Marques de veludo negro, com seis cavallos Espanhoes, apos ella doze pagens a cavallo, com pistolas vistidos à Frácesa, & outra trôbeta mais, apos ella 6. carroças de seis cavallos cada hũa, com peitorais, & adereços de veludo carmesim, & ouro, mantas do mesmo, & reposteiros, arrochos, & testeiras de prata; detras dellas seis cocheiros a cavallo, com pistolas, bolças, & maletões, cõ q̃ hia outra trombeta; apos estas outras quatro carroças, cõ adereços de escarlata bordados de setim, & oito reposteiros a cavallo, com pistolas, coxins, maletões, & detras de tudo outra carroça negra, com seis cavallos, com o Mordomo da casa, o aplauso, & concurso foy grandissimo, porque se esperaua o Marques com grande gosto, & foy para esta recamara às casas, q̃ a Xp^{ma}. Raynha Regête tinha mādado entapiçar, para o Marques; ao outro dia ás noue horas de pella menhã chegou o Marques ao mosteiro dos Cartuxos (que està hũa legoa de Paris) com seis carroças todas negras, em que hiaõ vinte & quatro gentis homens, & em outra quatro fidalgos, que o acompanhavão, & elle em outra com vinte & quatro lacayos, com pistolas de guarda da primeira, & dous cavalleiros a cavallo, & outra carroça em que hiaõ quatro musicos de camara, que levava consigo, & o seu confessor; ahi o estava esperando o Conde da Videgueira, & dahi a pouco chegou o Condutor, que foi o

Mariscal/

Mariscal de Bresé, pay do Marques de Bresé, que là foy por Embaixador, & General delRey, pay delRey Christianissimo, trasia consigo duzentas carroças, que o seguião; entrou o Marques no coche do d. Mariscal, ao qual seguião os do Marques, & os do Mariscal apos elles, & toda a guarda della, que o Marques levaua, & trinta, & tantos pagens a cavallo se seguia a entrada com notavel sequito, & viuas de todo Paris, & grande concurso de gente, & apertoës pellas ruas. Chegado o Marques a sua casa, se despedio o Mariscal, & foi dar conta à Raynha, de como era chegado, aqual logo o mandou visitar pello Marques de Xequi primeiro gentilhomen da Camara delRey da parte delRey, & o Cavalheriso mayor da sua della, apos isso vierão os Guardamaedeis, & Forrieis offerecer as viandas, as quaes sinco dias jantar, & cea lhe servirão a elle, & a toda sua familia, com banquetes esplendidamente.

¶ Ao outro dia vinte, & quatro de Abril veyo em hũa carroça delRey nomeada pella Raynha, para a entrada do Marques ao Paço o Duque Delbeuf, primeiro Principe de la sangre da Casa de Lorena, que está casado com hũa irmãa delRey defunto, cunhado da Raynha: meteose o Marques com elle na sua mesma carroça à sua mão direita, & na da Raynha os fidalgos, & Secretario, & nas mais carroças do Marques os criados, & assim chegarão ao Paço, que estava com o mesmo luto, & os Reys sentados em cadeiras; levantarão-se, elRey se descubrio, deu o Marques suas embaixadas, & certas de crença; durou a entrada perto de

§2

hora/

hora, com notavel aplauso dos Reys, despediosse o Marques, & baixando a tomar os coches, se levantou a Raynha Regête, cõ todas as Princesas de la sagre, & se sahiu a hũa baranda, que cahia a hum patio, a ver entrar o Marques na carroça, o qual mandou sahir todas as carroças fõra do patio, & foise sahindo fazendolhe reuerencias, a que a Raynha correspondia, com suas inclinações, & de tam extraordinario, & nunca visto favor, se levantarão novos vivas, & parabens ao Marques, & grande, & extraordinario o concurso de todos os grandes, & Principes de la sangre em casa do Marques, aque elle assiste, & em presentes, & brindes perpetuos. Mandoulhe pedir a Raynha Regente, que assistisse aos Círculos, que he hũa hora depois de jantar, em que lhe assistem os Principes de la sangre, mais seus validos, entretendoa com conversação, & novas historias gostozas, a que o Marques assiste, & continuadamente lhe manda sempre presentes muy gaandicosos, & muy de gosto, de que a Raynha se dà por muy obrigada, fazendo muy notaveis merces, & favores ao Marques, tratandose da dieta com grande viveza.

Mais de Paris aos 15 de Mayo de 1644.

[Letra capitular] AOs dez de Mayo chegou o Conde Barac gentilhomẽ da Princeza de Carinhã, mulher do Principe Thomas, o qual dis q̃ o I. do dito mes elRey de Castella mãdou o Marques de Castanhedo à dita Marqueza de Carinham com passaporte de se ir para onde quisesse, & que elle se appare-

lhava/

lhava com seus filhos para vir para esta Corte passando por Navarra.

¶ Aos 14. de Mayo se fes nesta Cidade o Anniversario delRey Christianissimo Luis XIII. de felix memoria, com grande solemnidade: as occupaões da Raynha Christianissima são (depois do assistir aos negocios do Reyno, & expedição das cousas) visitar igrejas, & gastar o mais do tempo no mosteiro das freiras do Valle da graça, que são Religiosas de instituto apertadissimo; com as quaes janta muytas vezes, assiste com ellas no choro, & mais exercicios da Religião, & na verdade a obras tam pias se attribue cõmumente a grande vniao, & concordia, que ha em toda França.

¶ No Condado de Borgonha o Vixconde Turrenne Marichal de Francne, tem tomado a Lucheole por composiçã, & duas, ou tres cidades mais. Temse por certo, que o Parlamento de Londres tomou a Picolomini dous milhoês que levava pera pagas de Flandes, mas por causa dos tempos derrotou àquelle porto: ja contudo he chegado a Flandes, aonde se espera por Dom Carlos de Austria pera governar as armas daquelles estados.

De Lila aos 24. de Mayo de 1644.

[Letra capitular] COMO algũas tropas de infantaria, & cavallaria do Duque de Orleans hiaõ entrando por Flandes, & fasião grande destruição abrasando, & asolando quanto podião; chegarão às portas de São Thome donde levarão grande quantidade de gado: ahi se dis esperavão por Dom

§3

Francis-/

Francisco de Mello, que se dis vinha marchando com hum poderoso socorro de gente de pè, & cavallo, pera impedir o disinio do dito Duque.

De Anveres aos 26. de Mayo de I644.

[Letra capitular] AVisaõ que havia devisoões entre os ministros em resão do governo, & ministração do dinheiro, & que os Francezes havião entrado com grande exercito no pais de Artois, & que algũas tropas delles passarão á vista de Cambray que hião passando para Tuinvilla para se encorporarem com outro exercito que ahi estava.

De Roma aos 30. de Mayo de I644.

[Letra capitular] O Marques de Saim Chamond Embaixador extraordinario delRey Christianissimo a Sua Santidade, teve a primeira audiencia, em que Sua Santidade lhe fallou a solas fora elle ao Sacro Palacio acompanhado de duzentos & vinte coches, & nelles muytos Prelados, & senhores, alem da nobreza Franceza, Portugueza, & Catellam, aos quaes todos depois da visita banqueteou magnificamente.

¶ Finalmente por ordem delRey de França, o Cardeal Bichi fes as pazes entre o Papa, & Principes confederados de Italia. Os Castelhanos sofrem mal o não entrarem na effeituação destas pazes, & para deminuir a gloria ao Frances/
ces/

ces, dizem que se entrassem, porião condições mais proueitasas à Igreja; mas nem com todas estas melhorias deixaõ muytos Italianos de mudar as vontades para o favor de França; seguindo o exemplo do Principe Carboghano, que pos sobre as portas do seu paço as armas de França, com as do Papa, & do povo Romano em lugar das de Castella, as quaes pouco antes mandara tirar: & o Embaixador extraordinario lhe offereceo da parte do Christianissimo tença de tres mil escudos, & a seu irmão dous mil.

¶ O Cardeal Vallencei Frances, & o Cardeal Lugo da Companhia de IESVS, receberão o chapeo da mão de sua Santidade, & feitas as mais cerimonias forão leuados do sacro Collegio à capella de São Clemente; aonde se cantou hum *Tē Deum*, & o Cardeal Barberino lhes deu hum banquete esplendido.

De Polonia aos 30. de Mayo de 1644.

[Letra capitular] A Raynha de Polonia irmãa do Emperador morreo a vinte & quatro de Março depois de parir hũa filha morta.

¶ O Principe de Transilvania Ragoqui vay muyto pujante em Vngria: està em batalha contra a cidade de Filuch: diz em que tras sincoente mil homens, & parte delles devem ser Turcos: contra os quaes o Emperador ajunta muyta gente.

Del

De Napoles aos 2. de Junho de 1644.

[Letra capitular] HOuve huã grande desavença entre o Cardeal Filomarini nosso Arcebispo, & o Duque de Medina de las Torres Visorrey; sobre hũa proçissão, que o dito Visorrey mandou fazer sem convindar ao Arcebispo. Era a procissão à honra da Virgem nossa Senhora, aqual elRey de Castella tomou por protectora de seus Estados, à imitação delRey de França. No tempo em que a procissão se fasia mandou por o Arcebispo interdicto na Igreja da Annunciata aonde se havia de recolher a procissão, mandando com effeito fechar as portas, desorte, que chegando o Visorrey, com a solemnidade não pode entrar na igreja, & assi se desfes a procissão. Agravado disto o Visorrey, mandou logo sahir de todo o Reyno ao Arcebispo dentro de tres dias; porem os principais officiaes de Capua fiserão pellos compor: mas ainda depois da concordia feita man-mandou^[sic] o Visorrey desterrar o sanchristão, & prender muytos titulares da Casa de Filomarini, porque disserão, que não se podia fazer a dita procissão sem beneplacito do Arcebispo.

De Polonia aos 8. de Junho de 1644.

[Letra capitular] A Paz entre o Papa, & o nosso Duque Republica de Veneza, gram Duque de Toscana, & o de Modena se concluiu em Ferrara aos trinta & hum de Março: o capi-

tal/

tal artigo dos concertos foy, que o Papa restituísse Duarte Fernese Duque de Parma, Castro, & Montalto, & os mais lugares confiscados ao dito Duque; o qual deve restituir tudo o que tiver do estado Ecclesiastico. Todos os artigos do concerto se hão de cumprir dentro de sesenta dias; pellos quaes se hão de dar refens a elRey Christianissimo de hũa, & outra parte, oqual Rey toma por inimigo qualquer dos que não cumprirem os ditos artigos, ficando obrigado ajuntar seu poder com os da outra parte.

De Bayona em França aos II. de Junho de 1644.

[Letra capitular] ANte hontem chegou de Çaragoça hum homem, & conta por certo, que o Marques de la Motha alcançou do Castelhana hũa grande victorio^[sic] em Catalunha junto a Lerida, & dis que escaparão muytos poucos. ElRey Catolico se retirou da cidade aonde estava naõ se dando ainda por seguro, com as novas da ^[der]rota, que logo lhe chegarão.

Da Rochella aos I9. de Junho de 1644.

[Letra capitular] AGora chegou hum Correo de Paris que dà por novas ser tomada pello nosso exercito em Flandes junto a Giavellinis a fortaleza Sam Felippe, que fes edificar Dom Francisco de Mello; & que estamos cercando a Gravellinis com boas esperanças, que antes de hum mes se fallarà a lingua Franceza; & tomada esta grande força fica

mais/

mais facil Dunquerque, que somente dista tres legoas, na qual cidade estiverão tres dias ás portas fechadas pello medo que a perda visinha lhes causou.

De Abstardão aos 20. de Junho de 1644.

[Letra capitular] O Principe de Orange se prepara sahir a campanha ao acabar em Flandes as forças de Castella; disem que os Olandezes favorecem aos Suecos com navios, & dinheiro, pera tirarem a imposição que elRey de Dinamarca tinha posto sobre os navios que passavão pera o mar Baltico, de que todos se queixão.

De Suecia aos 23. de Junho de 1644.

[Letra capitular] Disse que sentido o nosso Embaixador diffiçuldade em ser admittido na dieta foy dar parte à Raynha de Suecia; & que ella o enviou com titulo de Embaixador seu protestando ao Emperador, & a elRey de Castella, que não entraria na liga se primeiro não fosse admittido Embaixador de Portugal, & se tratasse da justiça do Infante Dom Duarte pondoo primeiro em pais livre.

Dos tratados de paz em Munster

[Letra capitular] EM Munster estão entrados os Embaixadores de Castella, & Dinamarca, & de Venesa, & Legado de sua
Santi-/

Santidade, hum Embaixador de França, & Luis Pereira de Castro de Portugal; os de Suecia se esperavão cedo em Ozemburg, & com elles Rodrigo Botelho: os de Olanda faltão ainda; o de Saboya ainda està em Paris, & faltão alguns dos Principes do Imperio; & os que disem hão de ser cabeças das deputações de seus Reynos: que he de França o Duque de Longavilla: de Castella o Duque de Medina de las Torres, o de França que està em Munster, & o que vay, se tratão com grande ostentação, cada hum com mais de 120. pessoas.

¶ Querendo entrar o Nuncio de sua Santidade em Munster, mandou avisar aos Embaixadores pera lhe mandarem fazer cortejo de suas carroças, & Gentishomens, como he custume, & assi se resolveo Monsiur de Avoax Plenipotenciario de França a mandar a sua com doze gentis homens em seus cavallos, & os outros na carroça, levarão ordem pera tomar a dianteira à de Castella, se là fosse, & quizesse resistir, & os Embaixadores com estarem em terra de Imperio considerarão suas cousas, & estado, & não quiserão mandar suas carroças fingindo que não sabião a hora da entrada; os Francezes estiverão todos em arma atè saberem a fraquesa de seus contrarios.

¶ Dizem que a Raynha mandou ao Duque Carlos de Lorena os artigos de seu accõmodamento, resolvendo no Conselho em ausencia do Principe de Condé o qual fes conhecer manifestamente a averção que tinha nesta reconciliação: não somente receando que se engrandeça muyto a casa/

f.º 6 – v.º

casa de Lorena, mas ainda que creça o poder, & favor do
Monsiur o Duque de Orleans, a seu prejuizo.

Com todas as licenças necessarias,

E Privilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Domingos Lopes
Rosa Anno de I644.

*Taxão esta Gazeta em seis reis. Lisboa 9.
de Iulho de I644.*

Ribeiro.

Menezes.

**GAZETA
DO MES DE
IVLHO, E AGOSTO
DE. 1644.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

De Roma ao I. de Iulho.

[Letra capitular] Prosseguem os Cardeas^[sic] Bicchi, & Donghi a execução do trato da paz de Italia, & entretanto se vay trabalhando em as fortificações desta Cidade, começadas à porta do Cauallo Ligeiro, & continuadas pela de S. Parracio, & Portesa, conforme o digsinio^[sic], que deu o Cardeal Fiorensola.

De Viena aos 2. de Iulho.

[Letra capitular] O Conde de Tscherin se despedio já do Emperador para a sua jornada de Constantinopla: por quanto a cõtinueação da paz, que pede ao Grão senhor depende totalmente desta embaixada, & dos ricos presentes, que o Emperador lhe manda; entre os quaes ha hũa fonte de prata dourada, estimada em mais de sinco mil cruzados. Dizem q̃ em Buda, metropoli de Vngria, està já Embaixador Turco, que partirà para esta Corte, tanto que o nosso se puser a caminho. O General Gutz, levantou já o cerco da cidade

I

de/

f.º 1 – v.º

de Cassouia, assi porque as doenças, & necessidades cresciam tanto, que quinze mil homens, que levou de Vngria, os havião redusido a sete mil, como porque os Hungaros tratavão de o deixar, alem de o Principe Ragotsky se avançar cõ seu exercito mais forte, & em melhor estado que de antes.

De Lubeque aos 3. de Iulho.

[Letra capitular] A Armada dos Suecos tomou a Ilha de Bornholm. ElRey Dedinamarca^[sic] tem junto suas forças maritimas, as quaes consistem em 50. grandes nauios de guerra, & outros muito piquenos, & passou ao Estreito do Sul, com digsinio^[sic] de esperar ally a armada dos Suecos.

De Osnabrutk aos 5. de Iulho.

[Letra capitular] O Tratado da paz gèral està ainda nos mesmos termos, em que estaua de antes; por quãto os Imperiaes vem allegando cada dia nouas difficuldades, até que se venha a duuidar da segurança dos passaportes, que elles mesmos deraõ.

De Hanburgo aos 5. de Iulho.

[Letra capitular] O General Torstenson publicamente exhorta as cidades Anseaticos, a que fauoreçaõ o digsinio^[sic] dos Suecos, que tomaraõ as armas somente pela liberdade da navegação, & do comercio, em q̃ ellas são das mais interessadas.

Del

De Lila em Flandes aos 10. de Julho.

[Letra capitular] AS tropas, que hiao para o exercito de Dom Francisco de Mello estão detidas em Hainaut, para se oporê ao Duque de Elbuf, que por ally tem feito grâdes estragos. E o Conde de Buquoe passou por aqui ha pouco, & pela posta, a gouernar estas tropas.

De Strasburg. aos 10. de Julho.

[Letra capitular] OS Bauarezes continuão todavia o cerco de Friburg, em o qual tem perdido muita gente, alem de que todos os dias lhe vay fugindo: mas ainda estão mais de cem passos distantes do arrabalde, em hum posto muito anantajado^[sic]: & assi são senhores das mōtanhas, & dos caminhos, por onde podia entrar o socorro à cidade: cuja ribeira cortaraõ, entendendo que por este meyo priuariaõ aos cercados de agoa: mas o Coronel Kanofski, seu Gouernador, remediou esta falta, fazendo encher todas as cauas de agua, alem da qual ha tambem algũs poços, & cisternas. Os Frãceses, que tem o campo á sua vista, aos oito deste mes rebateraõ a sua grande guarda de caualleria, com tanta confusão que chegaraõ atè seus quarteis, onde o Alarma^[sic] foy tal, que todo seu exercito se poz em batalha de traz das trincheiras, fez a retirada o Marquez de Aumont, com duzentos cauallos somente, os quaes fizeraõ testa a toda a caualleria dos cercadores. Perderaõ ally os Franceses hum Capitaõ do Regimento do General Mayor Roza, & algũs trinta de caual-

lo, mas a perda dos Brauareses foy muito mayor ainda que o General Meruy escreueo hũa carta, que os Franceses alcançaraõ, a qual os espantou muito: porque nella fazia hũa grande relação de hũa batalha, em que dizia desbaratara quatro regimentos Franceses, & lhes ganhara duzentos cauallos; querendo por esta fingida victoria, escurecer a memoria da grande reuolta, que ha pouco lhe deu o Marichal de Turena.

De Amstardão aos II. de Iulho.

[Letra capitular] A Frota destinada para o mar Baltico partio de Vlic aos 4. do corrente, a cargo do General Witten Wittens, o qual mādou diante dous dos navios de guerra, que a acompanhaõ, auisar a elRey de Dinamarca desta saida, & da marcha de nossos Embaixadores. O Principe de Horãge ainda està em Maldeghe, onde chegou aos 29 do passado. Os Franceses conduzem a vanguarda, os Ingleses a batalha, & os Escoceses, Holandeses, & Frisoës a retaguarda. Aos dous deste mes fez sua Alteza edificar hum poderoso reduto junto á ponte, que està sobre a velha ribeira de Ley, para se assegurar de hum passo, que fica sobre Aldenburg, & a Eclusa: donde os mantimentos vem ao campo: para segurança do qual fez tambem outros redutos em as entradas, & ao redor, com boas trincheiras, em que os nossos soldados trabalhaõ sem cessar. Os Castelhanos do forte de Sam Diniz derão grandes cargas de artilheria aos nossos nauios, que estauão junto à cidade da Eclusa, mas todos sem

algum/

algum effeito.

De Leão aos 16. de Iulho.

[Letra capitular] AOs dous do corrente chegou a esta cidade o Marques Baqui Arçobispo de Athenas, & Nuncio do Papa neste Reyno, & honte partio para Paris.

Da Rochella aos 25. de Iulho.

[Letra capitular] ELRey de Castella esteue arriscado a ser preso em Catalunha; porque sabendo Monsiur de la Motha Gouernador por sua Magestade em Catalunha, que elRey Catholico estaua em hum Castello de traz de seu exercito, fez aprestar dous mil cauallos, & fazêdo hũa grãde roda mãdou atacar o dito Castello, & o tomou: mas havia hum quarto de hora, que elRey era saído delle; & se entende foi avisado. Porem tomaraõlhe toda sua bagage, & o seu proprio coche, alem de outros muitos: não ha duuida que outro dia terà mais cuidado de sua pessoa.

De Londres aos 26. de Iulho.

[Letra capitular] PErguntado hum Sabio Filosofo, que lhe parecia o mûdo, respondeo; Que hũa boa comedia: porque na Comedia, assi como no mundo, tudo he aparente, & fingido: digaõno as continuas, & subitas mudanças delle; & digao com exemplos mais viuos o presente Rey da Graõ Breta-

nha; o qual havendo tão pouco tempo, ou dias, que alcançara hũa tão grande victoria, dos Parlamentarios, vencendo, & desbaratando em batalha campal, tres milhas alem de Bambury, & quatorze da Cidade de Oxford, ao caualleiro Waller, se mudou contra elle a fortuna (digamos assi) de maneira, que encontrandose outra vez com os do mesmo partido, junto á cidade de Yorck, que cercado tinhaõ, alcançaraõ delle os Parlamentarios hũa victoria tal, que se diz, fugio sua Magestade vencido para Irlanda; ainda que outros affirmão se não sabe delle; a Rainha para França; o Conde de Castel nouo hum de seus Generaes para Hamburgo; & nam se sabe que he feito do Principe Roberto sobrinho delRey, & outro General seu.

De Hamburgo aos ditos 26. de Iulho.

[Letra capitular] A Este porto chegaraõ destroçados tres nauios de Inglaterra; em os quaes vinha o Conde de Neucastel, ou Castelo nouo, General de hum exercito delRey da Graõ Bretanha; & dous filhos seus, com quinhentos Ingleses, a mayor parte fidalgos, Milords, & algũs Condes; os quaes fugiraõ com tanta pressa, que se embarcaraõ sem o prouimento necessario para a viagem.

De Paris aos primeiro de Agosto.

[Letra capitular] Faleceo o Papa a 29. de Iulho, 21. de seu Pontificado. E em Roma ha grande confusão sobre a eleição do nouo
Papa./

Papa. A Rainha Christianissima tẽ mādado pela posta dous Duques, & muytos Correyos a varias partes. Em a Cidade tem entrado muytos Franceses, & muitos Castelhanos; ordene Deos o que melhor estiuer a sua Igreja, & á paz da Christandade.

¶ Està nomeado por Embaixador ordinario de Portugal o Marques de Ruhac (tio do Conde dos Arcos portuguez,) o qual partirà brevemente.

¶ Nesta Corte sahio agora hum livro intitulado: França interessada com Portugal: composto pelo Secretario da Embaixada do Conde Almirante, o qual foy muyto bem recebido.

De Flandes aos 2. de Agosto.

[Letra capitular] OS Franceses ganharaõ a Grauelinas tres legoas de Dunquerque, praça maritima, & de muita importancia: a qual esteue cercada dous mezes com sincoenta nauios Franceses, & Olandeses, & trinta mil homens de pé Franceses, & quinse mil cauallos, a cargo tudo de sua Altesa Real, tio del Rey, o Duque de Orleães, Lugartenente General de sua Magestade em todas as prouincias de seu Reyno, & terras de sua obediencia. O qual partio de Perona aos 22. de Mayo, & leouo seu campo junto a Baupame, ao seguinte dia o Aubigni, aos 24. a Sam Pol, ou Sam Paulo; onde soube que o Marichal de la Milharé havia por ally passado o Sabbado precedente; aos 25. foy de Saõ Pol a Fruges: aos 26. a Niella, & passou no mesmo dia depois do jantar à vista/

vista de Sancto Omer, até cujas portas vieraõ algũs do Regimento de Gassion a escaramuçar com os inimigos; & tomando este exercito a derrota de Polincoua, se foy a Zoaf, donde enuiou ao Marichal de la Milharè 500. homẽs q̃ lhe pedio a cargo do Marichal de Gassion, & se foy a Ardres, onde tomou algũas peças de artelharia, & deu as ordens necessarias, para tomarem o forte de Bajetta. Aos 28. deixando o resto de seu exercito em seu campo junto a Marc, hũa legoa de Calés, se foy a Calès, onde pelas oito da tarde recebeo hũa carta do Marichal de Gassion, em que lhe daua aviso de como o Marichal de la Milharè havia tomado o dito forte de Bajetta, com o que se impedia a commonicação de Sam Omer a Grauelinas, & os dous Marichaes, podião conferir o que quizessem. E logo o dito Marichal de la Milharé lhe enuiou hum proprio, com o mesmo aviso: & sua Alteza lhe mandou o senhor Regnezian intelligentissimo em os Hydrauliques (engenhos, com que nestas partes se desecaõ, & esgotão os campos alagados) q̃ elle lhe havia pedido, porque não sòmente pertende desecar em pouco tempo as terras innundadas pelas Eclusas, mas tornar a seu antigo leito a ribeira, que causa estas inundações, ainda que ha jà mais de desoito annos, que anda fora de seu curso. Neste tempo tomou o mesmo exercito ao redor de Gravelinas os fortes da Capella, & de Sam Folquin. Durantes^[sic] os seis dias da marcha de Monsenhor o Duque de Orleães, ouve tão grandes calmas, & securas, que lhe morreraõ mais de cento, & vinte pessoas de sede, & de calma. Mas nem por

isso/

isso Sua Alteza R. deixava de estar quasi todos os dias a cavallo, desde as quatro horas da manhã atè ás oito da tarde pelos grandes negocios, a que he obrigado acudir. O quartel del Rey, que he o do Marichal de la Milharé esteve junto ao Conuento das Religiosas de Bourbourg; o do Conde de Ramsau, junto à ribeira de Liaq: & o do Conde de Grācy, à ponte de Sam Nicolao. O senhor de Villaquier com a nobreza de seu governo de Bolonha, & algũa cavalleria do Marquez de Aumont, foy o que primeiro inuestio as cidades de Bourbourg, & de Gravelinas, chegando primeiro que o Marichal de la Milharè, & tomou seu quartel à Igreja de Sam Iorge; que he hum posto, que os inimigos haviaõ fortificado; mas elle o deu despois ao Marichal de Gassion para tornar ao Bolonhes com a dita nobreza, & cavalleria: despois de haver ally feito maravilhas, & lançado os inimigos atè às portas de Bergua, & de Dunquerque, & levado daqui hũa grande presa. Não conto o progresso da guerra, & o valor, com que os Franceses se ouveraõ nella, por nam ser capaz de tanto a estreiteza de hũa carta; basta saber que elles ganharaõ a Gravelinas, praça de tanta consideraçam, a qual se entregou a partido aos 28. de Iulho, sendo Governador della por elRey de Castella Dom Fernando de Solis, a qual sahio della ao seguinte dia, concedendolhe sua Alteza Real as vidas salvas, armas, bagagês, & outras muitas cousas conteudas em suas capitulações, que por largas me será agora licito deixalas aqui em silencio.

¶ Despois da tomada de Gravelinas pelos Franceses, ganharão/

nharaõ os Holandeses hũa pequena fortaleza junto a Bruges, praça deste pais, mais visinha a Olanda, & tem de cerco a Sac de gente, praça de grandissima importancia, onde os Franceses tem a vanguarda do exercito.

Mais de Paris aos 8. de Agosto.

[Letra capitular] A Esta Corte vieraõ novas como a Bresè, porto da provincia de Bretanha, havia chegado a Rainha de Inglaterra com cento, & sincoenta Damas: as quaes, fugindo ao furor dos Parlamentarios, vieraõ tão mal tratadas da viagem, & tão faltas do necessario, que a Rainha Christianissima lhe mandou logo seus medicos, com muitos senhores, & fidalgos para a receber, & prouer de todo o necessario, espectaculo que moveo a compaixão toda França, & moverà a todo o mundo.

De Catalunha aos 10. de Agosto.

[Letra capitular] TEmos aviso que o Marichal de la Mota cortou duas ribeiras, que hiaõ ao campo do inimigo, com que esperão fazer levantar o cerco a Dom Philippe da Sylva, por lhe morrer muita gente de sede, & de doenças,

¶ Ouve nesta Cidade de Lerida hũa grande trayção por algũs Catalães mal affectos a França, em a qual mataram ao Superintendente, & puseraõ luminarias nas ameas, que era o sinal, que tinham dado aos Castelhanos, os quaes se vi-
nhão/

nhão já avançado aos muros, quando chegou do Castello o Governador Frances, & matando aos Catalaães traydores, rebateo aos Castelhanos, obrigandoos a se recolher a suas trincheiras.

De Bordeos aos 13. de Agosto.

[Letra capitular] AQUI nos affirmarão por cousa muito certa, que os Castelhanos havião já levantado o cerco de Lerida.

Mais de Hamburgo aos 16. de Agosto.

[Letra capitular] OVve hũa grande batalha naval entre os Suecos, & elRey de Dinamarca, em a qual dizem ficou ElRey ferido, & o seu navio muito mal tratado, mas ainda se não sabe de quem foy da victoria.

Mais de Paris aos 18. de Agosto.

[Letra capitular] O Principe Thomas tomou agora com seu exercito Frances a Ponçon, em o estado de Milão, & tem cercado a Brema no mesmo estado. Sua mulher, a saber a Princesa de Carinhão, que com seus filhos estava prisioneira em Castella, he já partida de Bordeos para esta Corte, a bejar a mão a suas Magestades.

¶ O Duque de Enguien passou o Rheno para Brisac, com campo volante de seis mil infantes, & quatro mil cauallos: para se ajuntar com o Marichal de Turena, & fazer levãtar o cerco de Friburg, que a gente do Emperador, & o Duque de Baviera tem cercado.

Del

f.º 6 – v.º

De Lisboa aos 13. de Setembro.

[Letra capitular] **C**Hegou a este porto a 29. de Agosto a frota da Bahia de todos os Sanctos, & hũa naveta da Índia muyto rica: em a qual veyo o Rey das Ilhas de Maldiva, que são hũas Ilhas do mar Indico, que começando nos baixos de Padua, vão entestar na terra Iaoa, & costa da Sunda. E tambem veyo o Principe de Arrecão, & Chetigão: Dos quaes Principes, & seus Estados daremos mais copiosa relação na futura Gazeta do corrente.

Com todas as licenças necessarias.

E Privilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa.

Anno 1644.

Taixão esta Gazeta a 6. reis. Lisboa 13. de
Setembro de 644.

Coelho.

**GAZETA
DO MES DE
IANEIRO DE ¹⁶⁴⁵.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*COM A DESCRIPÇAM DAS CERIMONIAS,
que se fizeraõ antes, & depois da criação do
nosso S. P. o Papa.*

De Paris.

[Letra capitular] O Marichal de Gassion Gouvernador das armas de França em os Estados de Flandes, tomou a fortaleza d'Arca, porto muyto importante, pella comunicação de Sant-Omer, cõ as mais cidades de Flandes. Ganhou tambem depois as fortalezas de Fossa noua, Forte vermelho, a Abadia de Bambeco, o forte castello de Renocoro, & todas as demais fortalezas, q̃ os Castelhanos tinham ao redor de S. Omer. Desbaratou 37. tropas de caualleria, gouernadas por D. Pedro de Villamor, ganhando tanto despojo de algũas cidades de Flandes, que se estendia por espaço de meya legoa; com o que deu tanto terror em todo aquelle Pais, que muytos fidalgos se forão ao dito Marichal a pedir saluos condutos, para poderem viuer em suas quintas debaixo da obediencia do Christianissimo. As cidades de Aira, & de S. Omer não quiserão este anno semear suas terras, dizendo tinham necessidade de trigo, para viuer o anno seguinte, & que o Duque Piccolomini lho deixaria conseruar, & quando não elRey de França lhe daria pam, pois o de Castella lhes não daua mais que guerra. Tomou mais o d. Marichal perto da cidade de Dypre mil caualllos, & muyto despojo, com preza de muytas cidades: entre as

A

quais/

quais Asbrug, & Belle, para ficarẽ liures do fogo promterão^[sic] 40U. cruzados aos soldados, em segurança dos quais derão dous Padres da Companhia de Iesus por arrefens.

¶ Depois da tomada famoza da fortaleza de Filisburg em Alemanha, & outras muytas cidades, & Prouincias inteiras pellas armas vitoriosas do Duque de Enguiẽ, o dito Duque inuestio a grão cidade Eleitoral de Maguncia, aqual vendo que não podia resistir às armas Francezas se resolueo a leuar as chaues ao victorioso, que respondendo em latim de repente & com agudeza a todos os Senadores, & mais deputados das muytas comunidades desta cidade, os deixou admirados, confessando que ainda a fama de seu animo não era tanta, quanta em effeito parecia sua grandeza. Siguirão a dita cidade de Magũncia as pequenas prouincias de Hulm, Albesem, Ringau, Binguem, Ocquem, Flersem, & no dito exercito foy tanta a abũdancia de viueres, q̃ não valia a canada de vinho mais de 70. reis.

¶ Estando em o Cõselho de Estado o christianissimo Rey presente, & a Raynha Regẽte sua mãy, cõ o Duque de Orleãs, o Principe de Códẽ, o Eminentissimo cardeal Masarino o cãcellario mòr, & outras muytas pessoas das mais notauẽs desta corte, deu sua Magestade sentença, sobre os procedimentos de Monsiur Francisco de Lanier, senhor de S. Jema, & seu conselheiro de Estado, aqual diz assi.

^[Letra capitular] *Assistindo o Christianissimo Rey em seu Conselho & a Senhora Raynha Regente sua mãy julgado a causa de Francisco de Lanier, do Conselho do dito Estado foy o d. Francisco de Lanier absolto dos cargos & capitulos q̃ contra elle se deraõ, & da accusação que cõtra elle se intentou: de que tudo Sua Magestade o declarou por innocẽte, & o mandou, & manda livre, & absolto, com proibição a seu prourador Geral do Parlamento de Paris, seus substitutos & a todos os mais officiaes, & subditos de Sua Magestade, que não fação ao diante algũs processos contra elle, nem procedão pellos ditos cargos que contra elle se intẽtaraõ, & outro si, que nenhũa das ditas culpas lhe imputẽ: & ao d. Frãscisco de Lanier cõ de Sua Mag. que possa requerer as cus-*

tas, /

tas perdas, & danos, como mais lhe aprouuer. Do Conselho de Estado aos 20. de Outubro de 1644. Assinado LVIS; & mais abaixo de Lomenie, & cellado do grande cello de cera vermelha. E logo depois o d. senhor Francisco de Lanier foy restituído a todos os seus officios, & cargos, de novo.

De Munster.

[Letra capitular] APertaõ tanto os Francezes em Alemanha, & Flandes, q̃ se vão fazendo arbitros da Dieta, & obrigaraõ por suas vitorias aos deputados de Austria receberem o Embaixador de Portugal, & os mais Deputados dos confederados de França; de maneira q̃ ja os Austriacos nesta cidade fãõ de os receberem; mas querem q̃ seja sem constar aquillo por papel: q̃ entrem embora na dieta, porẽ sem outra cerimonia algũa; ao que não quer vir o christianissimo, querendo absolutamente, q̃ entrẽ cõ as formas escrita, & papeis ordinarios. Rodrigo Botelho Embaixador de Portugal à coroa de Suecia he morto.

De Francfurt.

[Letra capitular] O Arçobispo Eleitor de Maguncia vay para Viena auisar ao Emperador das extremas miserias destas terras, depois que nellas entrarão os Francezes, contando os successos, & do risco em que o Imperio està, se sua Magestade Imperial não trata logo de o remediar.

De Amstardão.

[Letra capitular] Chegaraõ nouas de América q̃ as nossas naos hauiaõ tomado a fortaleza, & a Ilha de S. Martinho nas Indias de Castella, jũto á Ilha de S. Christouaõ E q̃ 800. Portuguezes cõ ajuda dos Índios se hauiaõ leuantado cõtra os Castelhanos em as Ilhas de Portouello: & o mesmo se escreue de Madrid cuja Corte toda està pasmada de seu grande atreuimẽto. Chegaraõ a este porto dous nauios de Guiné, & trazẽ être outras ricas mercancias 1600 marcos de ouro, & muytos dêtes de marfim. E se esperaõ outros muytos da mesma terra.

De Barcelona.

A noua victoria de Mõsiur do Terrel, & de Mõsiur de Me-

A2

ronuil-/

rõuilla Francezes contra os Castelhanos; he ainda mayor do q̃ se disia. O q̃ tẽ notauelmẽte animado aos Catalaes, mais q̃ nũca resolutos a defẽder sua liberdade à custa de suas vidas.

De Viena.

[Letra capitular] Em o principio de Nouẽbro passado appareceo sobre esta cidade hũ arco celeste todo negro, o qual lançaua de si, hũ fedor como de fogo, que se sentia dali a tres legoas.

Varias.

[Letra capitular] O General Mayor Carlos Gustavo Sueco desbaratou hũa armada delRey de Dinamarca, q̃ constaua de 17. nauios: dos quais tomou 10. queimou 2. & meteo os demais no fũdo, fazẽdo prisioneiros o Amiral Grabo, & o vice Amiral Hasmond, & alẽ delles muytos capitães, & officiaes. O numero dos mortos nam he ainda sabido: entre elles foy o mesmo General, que gouernaua a frota.

¶ Os Irlãdezes Catolicos q̃ tomarão as armas contra Escocia, estão nella tam reforçados, q̃ se diz tẽ ao prezente 15U. homẽs. Em o Reyno de Inglaterra estam os Realistas senhores da campanha, & prẽderam agora ao General mayor Browne, hum dos mais afeiçoados, que a parte dos Parlamentarios de Londres tem.

¶ Em a cidade de Windsor ouue hũa grande sediçam ẽtre os soldados do prisidio, q̃ he Parlamẽtario, ẽ o qual feriram grauemẽte ao Coronel Veen gouernador da praça. O q̃ jũto com a affeiçam, q̃ os moradores tẽ ao seruiço delRey da gram Bretanha, impedio q̃ os Parlamẽtarios nam pudessem dispor daquella praça. Hauẽdo o Marichal Horn Sueco, dado mostras de se querer retirar para as fronteiras de Suecia. ElRey de Dinamarca mandou contra elle 1500, caualos escolhidos, cõ IU. dragões pera lhe dar na retaguarda, mas os Suecos q̃ estauam de ẽboscada, se deram tam boa manha, q̃ dando sobre elles com facilidade os desbarataram de todo matando 1500. & ferindo & catiuando os demais. O qual successo fora ainda mayor se os Suecos nam foram tam apressados, por quanto todo exercito Dano hia jà pella/

pella outra parte. Esperace todauia que entre estas duas coroas aja algum bom concerto.

¶ Tendo noticias as seis galès de Malta q̃ a Carauana dos Turcos passaua de Constantinopla a Alexandria a foraõ esperar, & descobrindo todas suas velas, deixaraõ passar o corpo da frota, & se puzeraõ por sua quadra, com disignio de atacar dous grandes galeões das Sultanas, q̃ são os mayores baixeis, que nauegaõ o mar Mediterraneo, & carregaraõ nelles com tanto vigor, que despois de muytas bõbardas de hũa parte, & outra, os Maltezes meteraõ no fundo hum delles, & inuistiraõ o outro, que renderaõ despois de hũa sagrenta batalha entre os Christãos, & infieis: em a qual catiuaraõ 344. Turcos, 60. mulheres, & alguns mininos da mesma nação. Entre os quais escrauos ha muytos de bom resgate: alem de 400. Turcos, que foraõ mortos a mosquetaços, & feitos pedaços. Em o q̃ foy a fũdo se afogaraõ algũas 800. pessoas, porq̃ a carga toda destes baixeis era de gente.

¶ Perderaõ as seis galès 109. homês alem de duzentos feridos, entre os quaes mortos são 11. caualleiros. O preço desta acção he muyto consideraue: porque pella presa de hum sò galião das Sultanas, que os mesmos caualleiros em outra ocasião tomaraõ, fes o Grão Turco, persuadido das damas do seu serralho, o cerco de Rhodes.

¶ Em Vngria ha grande peste, principalmente em as cidades de Presburg, & Edemburg, onde todos os dias morrem mais de sesenta pessoas.

¶ He fugido de Madrid com sua mulher Dom Ioaõ de Menezes, & está ja no Reyno de França, donde passará a Portugal muy breuemente. Para Catalunha tem os Reys Christianissimos despachado a Monsiur de Ancurt, Principe da Casa de Lorena, que partirà por todo mes de Janeiro, & são ja partidos todos os demais cabos, & Marichaes, com muyto boa gente, alem de dous regimentos da guarda delRey.

¶ Em Roma cahio hum rayo nos paços de Mudicis^[sic], & entrou na casa onde estaua deitado na cama o mesmo Carde-

A3

al/

al Mudicis^[sic] escreuêdo: mas não fes mais dano que queimar algũa armação: & a almofada da cama, deixando tal fedor, q̃ quasi todos os criados cairão de pasmo. Chegou á mesma Corte hum correo de Castella, & deu por nouas que Dom Philipe da Silua tomara posse do Officio de Presidente do conselho do Reyno: & que o fogo se pegou nos paços do Duque del Infantado, nos quais alem da mòr parte do edificio, consumio mais de sesenta mil cruzados de moueis.

¶ Tambem se diz que ardera hũa grande parte do Retiro, no mesmo tempo, em que o Marques de Terrecusso fora por o cerco á cidade de Eluas.

¶ O Marques de S. Chamont Embaixador extraordinario de França, mandou seu filho morgado ao Cardeal Antonio, sobrinho de Urbano VIII. para lhe significar em como recebera ordem de Sua Magestade Christianissima para pedir a sua Eminencia o breue de protector de França, que sua Magestade lhe mandara, & lhe dizer que fizesse tambem tirar as armas de França da porta de seu paço por ter desobedecido, & feito directamente em muytas cousas contra as ordens de sua Magestade Christianissima no Conclau. E ainda que o dito Cardeal ficou como pasmado ouuindo tal, o comprio todauia cõ todos os respeitos deuidos a sua Magestade, depois de ter diferido té a noite seguinte, na qual communicou com seu irmão, & ouue hũa audiencia particular de sua Santidade. De modo que perdeu nesta desgraça 28U. cruzados, que França lhe daua todos os annos.

*Descripção das cerimoniaes que se fizeraõ dentro & fõra do Conclau, antes, & depois da creação do nosso S. Padre
o Papa^[sic] Innocencio X*

[Letra capitular] HAVENDO os senhores Cardeaes acabada a nouena das pompas funebres de Urbano VIII. que teue a cadeira de S. Pedro vinte annos, onze meses & vinte & tres dias, o Cardeal Lanty, Deão do Sagrado Collegio, cantou a Missa do Sp̃rito Santo, & a Igreja de S. Pedro, &
no/

no Choro dos senhores Conegos, o senhor Iacques Accarisio fez huã elegante oração *De Eligendo Pontifice*, depois da qual tomando o senhor Dominico Belly Mestre de cerimonia a Cruz Papal, os musicos da capella, indo diante cātaraõ o Hymno *Veni Creator Spiritus &c.* seguindo os senhores Cardeaes a procissão na ordem seguinte, a saber.

<i>O dito Lanty, Deão Romano.</i>	<i>Verospi, Romano.</i>
<i>Crescencio, Romano.</i>	<i>Maculano, de Florençuela.</i>
<i>Cennino Senense.</i>	<i>Montalto Romano.</i>
<i>Bentinolbio, Ferrarenses.</i>	<i>Poli, de Cascia.</i>
<i>Roma, Milanes.</i>	<i>Falconiri, Florentino.</i>
<i>Cucua, Espanhol.</i>	<i>Matthei, Romano.</i>
<i>S. Onofrio, Florentino.</i>	<i>Pachincti, Bolonhes.</i>
<i>Arath, Alemaõ.</i>	<i>Grimaldi, Genoues.</i>
<i>Spada, de Bisiguella.</i>	<i>Rosseti, Ferrarenses.</i>
<i>Cornaro, Veneziano.</i>	<i>Altieri, Romano.</i>
<i>Sacchetti, Florentino.</i>	<i>Theodoli, Romano.</i>
<i>S. Cicilia, Genoues.</i>	<i>Rapaccioli, Romano.</i>
<i>Pamphilio, Romano.</i>	<i>Ceua, Bemontes.</i>
<i>Albornoz, Espanhol.</i>	<i>Giori, de Cameren.</i>
<i>Lion, Frances.</i>	<i>Lugo, Español.</i>
<i>Rocci, Romano.</i>	<i>Medicis, Florentino.</i>
<i>Pallota, Marquiano.</i>	<i>Francisco Barberino, Florentino.</i>
<i>Menti, Milanes.</i>	<i>Ginetti, de Velirano.</i>
<i>Brancani, Napolitano.</i>	<i>Antonio Barberino, Romano.</i>
<i>Bicchi, Senense.</i>	<i>Colena, Romano.</i>
<i>Carpenha, de Urbino.</i>	<i>Triuulcio, Milanes.</i>
<i>Franciotto, Luquense.</i>	<i>Gabrieli, Romano.</i>
<i>Durazza, Genotes.</i>	<i>Este, Modones.</i>
<i>Macchiauello, Florentino.</i>	<i>Costagutti, Genoues.</i>
<i>Filomarino, Napolitano.</i>	<i>Donghi, Genoues.</i>
<i>Bragadino, Veneziano.</i>	<i>Rondanino, Romano.</i>
<i>Ceso, Romano.</i>	<i>Valancey, Frances.</i>

Os tres seguintes estão em Espanha.

Borgia, Espanhol. *Sandoual, Espanhol.* *Spinola, Genoues.*

Em/

Em França estes dous.

Rocche Foucault, Frances.

Mazarita, Frances.

¶ Banzirelo Romano, sobre sua tornada de Espanha para Roma adoeceo. Bentinolhio, sahio enfermo do conclaue, & morreo nas camaras Vaticanas. Mathei, se sahio tambem enfermo, & se foy a sua casa, & não se achou na creação. Gabieto se sahio tambem por causa de sua indisposição. Ortono Romano, não entrou em conclaue, mais que a menhã da creação do Papa, por hauer estado muyto mal.

Cerimonias feitas dentro do Conclaue.

[Letra capitular] ENtrando os senhores Cardeaes em conclaue, se forão direito à capella de Xisto IV. onde o Eminentissimo Cardeal Deão, disse algũas orações, depois das quaes cada hum se assentou em seu lugar, & haêndoos licêciado o Mestre de cerimonias á saída, & cerrado a porta, & não deixado dentro alem dos ditos senhores Cardeaes, mais que os senhores Ioseph Frensanelli Secretario do Sagrado Collegio, & os 5. Mestres de cerimonias, por ordem do Sagrado Collegio em meyo dos bancos, pello sobredito Secretario, & pelos senhores Dominico Belli, & Francisco Maria Tabei Mestre das cerimonias, forão lidas em alta voz as Bullas tocâtes à creação do nouo Pontifice, & as da conclaue, & os senhores Cardeaes cada hum por si, iurarão de as observar, & guardar; apos o que cada qual se retirou a sua cella, & depois do jantar, & final do sino, tornaraõ á dita capella, & os senhores Principe Sauelli, Marichal perpetuo da S. Igreja, & guarda da porta do conclaue, que ficou aberta, & Bonasy clérigo de camera, Gouernador do Burgo de S. Pedro, & da conclaue, & outros muytos Prelados, que forão deputados para a guarda do torno, ou roda, derão iuramento em as mãos do Eminentissimo cardeal Deão.

¶ Isto feito os senhores Cardeaes se retirarão a suas cellas, para dar audiencia aos Embaixadores, & outros senhores da corte, atè as noue horas da tarde, & ao som do sino, se fez trabalhar, em o tapume das portas, & em tudo o mais neces

sario/

sario para a clausura da conclaue. O cardeal Deão, & Carmelinguo forão os que andarão vendo tudo se estaua bem seguro, de que fizerão acto publico os mestres de cerimonia, apos o que cada qual se retirou a sua cella, não ficando ninguem dentro q̃ os ditos Eminentíssimos senhores Cardeaes com seus conclaunistas tēdo cada hum dous, & os velhos, & enfermos tres, por graça, & por votos secretos do Sagrado Collegio, & alem disto o senhor Sanchristão com seu Secretario, 5. Mestres das cerimonia, com seu seruidor, o secretario com seu adjunto, o Padre Valentim Mangini Iesuita, Confessor, dous medicos, hum boticario, com dous ajudantes, dous barbeiros com dous ajudantes, hum mestre pedreiro, outro carpinteiro, & dezaseis trabalhadores, todos eleitos por votos secretos, pello confessor inclusiuamēte em as congregações, q̃ se fasiaõ todas as manhãs em a sanchristia de S. Pedro, antes de entrar no Conclaue, despois de se celebrar a Missa de *Requiem* & dêtro daquella congregação, alē da eleição dos ditos Ministros, feitos pello Sagrado Collegio se dauão as ordens necessarias para o bom gouerno de Roma, & de todo Estado Ecclesiastico, & se daua ali també audiencia a todos os senhores Embaixadores, ao Principe perfeito Gouernador de Roma, Gouernador do Burgo, & do Conclaue, conseruador de Roma, & outros.

Descripção de fôra do Conclaue.

[Letra capitular] PPrimeiramente em os lugares do torno, ou roda hauia muyto boas guardas postas pello Excellētissimo senhor Principe Sauelli, como guardião do Conclaue, & Marichal perpetuo da Santa Igreja, as quais guardas assistirão ali de dia, & de noite, até a creação do nouo Papa.

¶ Hauia sobre a praça de S. Pedro quatro corpos de guarda de soldadesca de Iena, postos pello excellētissimo senhor Tadeo Barberino, General da S. Igreja, confirmado pello Sagrado Collegio durante a Santa Sé vagante; sobre a escada do paço Apostolico, que cae para a praça fizerão os Suizios da guarda de Sua Santidade, hum tanque de taboado, cõ
dous/

f.º 5 – v.º

dous corpos da guarda, & outro em a primeira porta: & sobre a escada pella qual se déce a S. Pedro. Onde hauia duas guardas mais. O Conclaue estaua murado de ladrilho, & todas as portas, & janellas tapadas até o meyo, deixado por baixo abertura de quatro, ou sinco pés, com encerados de pano, huns com pregos, & outros não. Em diuersas partes hauia sete tornos, ou rodas, para passar a comida com estas ordens; primeiramente vinhão dous criados do Cardeal, a quem a leuauão, com duas massas nas mãos, pintadas de azul, & com as armas de seus senhores, & logo vinha o Masseiro com a massa de prata, & outros gentishomens, com o escudeiro, que trincha, o qual leuaua a toalha sobre os hombros, acompanhado de dous criados mais, com taças, & copos nas mãos, escalfadores de prata, & outras cortesias, com o seruiço da mesa, & todas as outras cousas erão leuadas, com as ditas maças azuis (as das pessoas de Urbano VIII. erão verdes) com a assistencia em cada roda dos Prelados deputados, que tinham cargo de ver, & visitar tudo quanto entrava pella dita roda; & estando as viandas de dentro, hum porteiro que nelle assistia, para este effeito, vestido de azul, fechaua o torno, & o Prelado assistente tornaua a ver se ficaua bem fechado, & a fechadura se cellaua com papel pella banda de fôra, & pella de dentro fasia o mesmo o Mestre de cerimoniaes.

Cerimonias que se fizeraõ estando fechado o Conclaue.

[Letra capitular] Pella menhã celebrou a Missa rezada do Spirito Santo, o Eminentissimo Cardeal Deão, & deo o Sanctissimo Sacramento a todos os senhores Cardeaes, & se fes hũa breue exhortação a todo Sagrado Collegio, para a eleição do nouo Papa; depois hauendose feito diuersos escritos, & chegado a espaço de trinta & sete dias por diuersos sujeitos, finalmente, depois de hauer estado vagando a Cadeira de S. Pedro hum mez & dezasete dias, á quinta feira quin-

ze/

ze de Setembro de 1644. dia em que se celebraua a festa da aparição da gloriosa imagem de S. Domingos em Sorian. O Eminentissimo senhor Cardeal Pamphilio depois de hauer dito sua Missa em a capella Paulina, como de costume tinha todas as manhãs, entrando em a capella de Xisto IV. com os outros Cardeaes, & estando todos assentados em seus lugares, se começou a Missa, *Pro Electione Romani Põtificis*: a qual dizia todas as menhãs o senhor Sanchristão, seruido de dous Mestres de cerimoniaes, hum dos quaes daua a seu tempo a paz aos cabeças da Ordem do Sagrado Collegio: depois da qual se começou o scrutinio pello Eminentissimo Cardeal Pamphilio, onde teue quinze votos, & chegarão a trinta & tres, durando o scrutinio espaço de seis horas, & hauendose aberto a dita capella, entrou dentro o senhor Sanchristão, & os sinco Mestres de cerimoniaes, com o secretario, & queimando os bilhetes, como se fasia todas as menhãs, os Eminentíssimos Cardeaes Deão, & Caponi primeiro prestes, & pella indisposição da gota do Serenissimo Barberino segundo Diacono, em nome do Sagrado Collegio fizerão instancia ao Eminentissimo Cardeal Pamphilio, de que quizesse aceitar o Pontificado, pois hauia sido dito pello Sagrado Collegio, & sua Eminencia o aceitou, & se nomeou Inocencio Decimo, de que fez acto o Mestre de cerimoniaes; & sua Santidade posto no meyo dos Cardeaes, Diaconos Barberino, & Ginetti, elles o leuarão ao altar da dita capella com ajuda do senhor Sanchristão, & Mestre de cerimoniaes, onde lhe despirão os habitos de cardeal, & vestirão o habito Papal, & o assentarão em a cadeira Pontifical diante do altar da dita capella, onde o Eminentissimo cardeal Deão começou ao adorar, pondose de joelhos, beijandolhe o pé, & a mão direita. Sua Santidade o mandou levantar, & lhe deu o *Osculum pacis*, em ambas as faces, estando em seu habito com sotana roxa, roxete & Cruz, & consecutiuamente todos os outros Eminentíssimos Cardeaes o adorarão, reconhecendoo por Papa. E logo o Eminentissi_

mo/

mo Cardeal Barberino, & o senhor Dominico Belly Mestres de cerimoniaes, tomarão a Cruz, cantando entre tanto os musicos da capella. *Ecce Sacerdos magnus &c.* E indo sua Eminencia diante, foraõ à loge da bênção, fazendo derribar o muro das janellas da dita loge, & fazendo apenas hum buraco por onde sua Eminencia, & o sobredito Mestre de cerimoniaes pudessem passar com a Cruz, amostraraõ ao pouo, que estaua esperando com grande dezejo na praça em sinal de que pella graça de Deos a Eleição do nouo Pontifice Romano era feita, em alta voz sua Eminencia o annunciou ao pouo nas seguintes palauras. *Annuncio vobis gaudium magnum: habemus Papa, Eminentissimum Dominum Ioannem Baptistam Pamphilium, qui sibi nomen imposuit Innocencium X.*

Com todas as licenças necessarias,
& Priuilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Domingos Lopes
Rosa. Anno de 1645.

*Taxaõ esta Gazeta em 6. reis. Lisboa 10
de Feuereiro de 1645.*

Ribeiro.

Coelho.

**GAZETA
DO MES DE
IVNHO DE ¹⁶⁴⁵.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM A QVAL SE DA CONTA DA ARMADA DO
do Graõ Turco, da preza, & redução do Castello, & Cidade de Agra-
mont, & Rosas em Catalunha, com as Capitulaçoens, que o Conde
de Plessi-Pressin, tenente General do exercito delRey Christi-
anissimo em aquelle Estado, debaixo das ordens do Conde
de Harcurt, Visorey, & Tenente general nelle, a Dom
Diogo Cavalleiro de Ilhescas, Governador da
dita praça de Rosas por elRey
Catholico.*

[Letra capitular] A NAO Estrella dourada Flamêga, que chegou a Liorne ao vinte & dous de Abril, & sahio de Constãtinopla, ou do Archipelago, deu por novas; que o Graõ Turco tinha aparelhadas seiscentas barcas & caramuçais, que são como caravellas, para conduzir a infantaria, & moniçoês de guerra a Constantinopla, da Morea, Saboin, Connon, Mondon, Navarni, & outros lugares: & q̃ armada, que ao prezente tinha feito contra a Christandade constava do seguinte.

*Cento & cincoenta navios, que ali se haviaõ de ajuntar de
Berberia, & outros lugares maritimos.*

Des Galeoês.

*Trinta Caramuçaes, cargados de materiaes para armar
outros Galeoês.*

A

Da-/

Duzentos mil infantes.

Quinze mil homens de cavallo.

Trezentos mil quintaes de biscouto.

Cem mil cestos, para carretar terra em os sitios.

Sessenta mil pas de ferro.

Trinta mil enxadas, & outros muytos petrechos.

¶ Com esta armada se diz que o Grão Turco trata de invernar em a Ilha de Malta, se neste verão não puder acabar a empresa: porem Malta està muyto bem fortificada, com muytas moniçoës, & mantimentos: & de França concorrerão muytos senhores, a servir á sua custa, sem serem Maltezes movidos só de hum Christianissimo zelo. Italia toda està cõ grandes receyos, principalmente Napoles, & Sicilia, & os Principes guarnecem os lugares maritimos, Venesa tem armado para se lhe oppor, quando necessario seja,

Sessenta galès.

Outo galeasas.

Vinte & quatro navios.

¶ Em Hollanda se trata com a companhia do Brasil, que està muyto acabada, acerca da restituição de Angola, & mais lugares, & praças de Portugal. Cujos Plenipotenciarios em Munster os Doutores Francisco de Andrada Leitaõ, & Luis Pereira de Castro, estão recebidos para a Diéta: quererá Deos effectuar hũa paz, & concordia universal entre os Principes Christaõs: para vnidos se opporem contra o inimigo commum.

¶ De Roma não ha más esperanças, & se tem feito diversas congregaçoes de Cardeaes sobre as Igrejas de Portugal.

¶ Sua Santidade não tem atè agora dado audiencia ao Embaixador de Castella, o Conde de Ciruelas, por mais que lha tê pedido, depois do caso do Doutor Niculao Monteiro, Prior de Sodofeita, de q os Castelhanos, q se presaõ de honrados, se dão por mais afrontados, q do do Bispo de Lamego, q

Deos/

Deos tem: & se fazê grandissimas diligências pellos culpados.

¶ O Duque de Enguien he partido para o Imperio com grãde exercito, & remediarâ com o favor de Deos, a perda, que ha pouco teve o Marichal de Turena, que em aquellas partes governava as armas Frãcezas. Os Suecos estão senhores absolutos de toda a Moravia, & entrados tanto em Vngria, q̃ estão canhoneando a Viena, Corte do Emperador; & a Imperatriz se acolheo a Grats, q̃ he a fortaleza, onde prenderão, & venderão ao Serenissimo Infante de Portugal.

¶ Os Holandezes estão sobre Zonte com sincoenta navios, para que elRey de Dinamarca tire os tributos da passagem. Os mesmos estão com setenta naos sobre a barra de Dũquerque, com que não deixoão sair embarcação algũa: & se diz q̃ tem cercado Hulst, villa principal em o Condado de Alost em Flandes.

¶ A sobrinha do Papa casou com o Principe Ludovico, Nepote, que foy, do Papa Gregorio XV. a quem sua Santidade fez Capitão general da Igreja.

¶ Mandado agora ElRey de Castella o General da Cavaleria a Cordova por mais cavalleria, os Cordovezes se amotinarão de maneira q̃ não somête não quiserao consitir que de suas terras se tirasse hum só cavallo, mas mataraão ao mesmo General sobre q̃ sua Magestade Catholica mandou hum Alcaide da corte a devassar do caso, porem foilhe forçado porse em cobro, porque não tornasse outro a devassar també delle. O dito Rey se diz que está com duas estocadas, ou punhaladas, que não recebeo, em o sitio de Rosas, ou em Agramont.

¶ Tomaraão os Holandezes a Capitania de Dunquerque: & os Francezes dous navios, que o Castelhana mandava com dinheiro para socorro de algũas praças.

¶ Julgando os inimigos a campanha passada, despois da tomada de Lerida, & Balaguier em as partes de Catalunha, que

A2

se/

se não podia fazer entrada mais facil em o plano de Vrgel, q̃ por Agramont, Cidade situada à quem do rio Segre, sete leguas de Lerida, & quatro de Balaguiet; tendo intelligencia com os moradores da terra a occuparão facilmente, & ainda que os Francezes em continente intentarão recuperalla, por meyo de quatro assaltos valentes, que lhe derao, não foy possivel. E assi os inimigos metendose o inverno tratarao com muyto cuidado de a fortificar, & lhe meterao hum presidio de outocentos homens, quasi todos Irlandezes, que saõ as tropas, em que se mais confia. Mas suposto q̃ as apparencias mostravao, que a praça estando em tal estado se poderia defender, o Conde de Chabot Marichal de campo, com a ordem, q̃ teve do Conde de Harcourt, se pos a caminho contra ella: & enviou diante a dizer aos que governavao aquelle presidio, que se esperavao que o exercito delRey seu Senhor se puzesse à vista, que lhe não havia de fazer composição algũa. Foi a tão boa hora, que os principaes officiaes do prisidio se contentarao com sairem elles, & seus soldados, as vidas salvas, & aquillo, que consigo levar pudessem. O dito Conde de Chabot lho concedeo com a approvaçao do Visorrey, que uoluntariamente veyo nisso, por quanto em a tal Capitulaçao se fasia memoria algũa dos moradores da praça, que pella insigne traiçao, que cometeraõ, se fiseraõ dignissimos de hũ grande castigo, pello mau exemplo, que a toda a Provincia derao, chamando de seu moru proprio aos Castelhanos. He esta praça de muyta consideraçao para os Francezes, porque com ella ficaõ senhores de hum posto, que he a guarda, & segurança toda de todo o plano de Vrgel, tao fertil de pão, & ferragens: & sem o qual suas tropas não podiaõ subsistir muito tempo em aquellas partes, senao com grande trabalho. E assi se vao fazendo senhores de todo aquelle Estado, o que conhecendo elRey de Castella, se passou a Saragoça, com o Principe Balthasar seu filho, & toda sua Corte: deixando o meneyo de/

de seus mayores negocios à Infante Margarita de Mantua assistida do Cardeal Borja, do Conde de Castrillo, & de D. Fernando de Alarcon: & ao Duque de Ossuna fez Visorrey de Valêça, é lugar do de Arcos, eleito então Governador de Milão. Poré não obstâte todas estas prevêções os Frãcezes novamête se tê apoderado da forte Cidade de Rosas, por cujo meyo elRey de Castella ficou perdêdo a comunicação toda q̃ Rossilhon tinha cõ todos seus estados por mar, & por terra. E se conhece bem de quanta importancia era, pello muyto que os cercados, peleijando com notavel animo, & valor, fizeraõ polla defender, mas desta occasião se infere tambem a muyta fraquesa, em que elRey de Castella está ao presente posto, & principalmente em o mar, pella impossibilidade que mostrou, em não fazer aparecer hũa grossa armada para o socorro de hũa tal praça: a qual se rendeo a vinte & oito de Mayo, própria razão de colher Rosas: mas ainda, q̃ estas não forão sê espinhos, consolação grande he para os nossos amigos haverênas colhido, deixado aos Castelhanos os espinhos & folhas. Durou o sitio sincoêta & nove dias; em os quaes de parte a parte se fiseraõ façanhas memoraveis. Naõ sofre brevidade de hũa Gazeta fazerse menção de todas, porem naõ podemos deixar de particularisar algũas pello affecto, q̃ devemos aos amigos, & merece o conhecido valor dos inimigos.

¶ Aos dezanove para vinte de Abril pellas onze horas, D. Diogo Cavalleiro Governador da praça, fez descer ao longo do fosso dous pequenos brulotes, ou navios de fogo, condusidos por hũa barca, para queimar a pôte, que os Francezes haviaõ feito, & lançar daquella parte o Mineiro: mas os Franceses, vendoas vir, os receberaõ com tanta resolução, que os inimigos foraõ constrangidos a deseparar os d. brulotes, a q̃ ja haviaõ posto o fogo: & hũ delles ficou á vista do baluarte, q̃ esquartina a meya lũa, q̃ cobre a sua porta; & o outro passando á vante se veyo a consumir a doze passos da nosso pô-

te sem fazer dano algum. Os inimigos que vinhaõ dentro, se salvarão, excepto hum, que se lançou em o mar, onde querendo o mineiro Frances entrar o achou com a espada na mão, ameaçando, com hum socorro de sessental mil homês, que elle dizia estavaõ dali muyto perto: mas não obstante todas estas rôcas, o dito mineiro, socorrido de outros seus iguaes, o matou, por não haver querido aceitar o quartel que lhe prometiaõ.

¶ Aos vinte fizerão os inimigos hũa grande saída com posta da mayor parte de sua cavellaria, & muyta infanteria: mas vendo o sinal, q̃ o senhor de Alvimar, q̃ governava o corpo, q̃ os Francezes tinhão em o alto da montanha, fasia aos seus, se tornarão a retirar; mas o Code do Plessi-Pressin, q̃ se havia apoderado do lugar, por onde elles havião de fazer sua retirada, os obrigou a se lançarem em os fossos, & a cavalleria a se misturar com a Franceza, de modo q̃ se veyo para o campo Frances aos 21. em q̃ os cercados tentarão de ir quebrar a dita ponte, com barcas armadas de pedreiros, mas sem effeito.

¶ Aos 25. estando acabada, & prestes para jogar a mina do baluarte, que ficava á parte esquerda, se dispos para montar á brecha. Para cujo effeito o Marques de S. Maigrin fez saltar em terra os cavalloos ligeiros da Raynha, armados de capacetes, & couraças: pistolas em a mão direita, & hũ gancho em a esquerda. O Conde do Plessis-Prassin quis tambem ser testemunha de vista desta acção, & todos os voluntarios, cõ rodellas, & alabardas. Posse fogo à dita mina pellas sinco horas depois do meyo dia, mas seu effeito não respondeo aos dezejões dos que esperavão ver ir pellos ares o alto do muro para mostrarem seus brios: & assi se diferio o assalto, para quando se fizesse jogar outras tres minas, que se esperavão prestes até os vinte & sete do mesmo.

A noi-/

¶ A noite de 25. para 26. quizerão os inimigos meter em Rosas duas falûas que lhe levavão algûs medicamentos de ã estavam muyto faltos; das quais tomarão os Francezes hũa, cõ oito marinheiros, cujo patrão se quis salvar a nado; mas tambem foy preso, & deu por novas, que a armada de Castella não podia fazerse á vella atè quinze de Junho, & ã os Castelhanos não tinhaõ mais que desanove galès, & dous bargantís, que elles entendião haverẽ ja chegado àquelle porto: a outra falua se salvou com a escuridade da noite, sem ã della se pudesse dar fé.

¶ Aos 26. o Conde do Plessi-Prassin enviou hum trombeta à Cidade, com hũa carta ao senhor de Faber, para que dissesse a D. Diogo Cavalleiro, que não esperase o vltimo extremo para se defender, pois não tinha apparencia algũa de socorro, como havião sabido pella dita falûa que veyo com os medicamentos; a que o Governador respondeo ã ainda desejava esperar; principalmente em quanto não visse hũa, ou duas de suas plataformas abertas & brechas suficientes para ser entrados: cõ a qual resposta os Francezes se animarão grandemente, para a continuação das minas, & se resolverão tanto ã ellas tivessem feito seu effeito, a dar hũ assalto: & assi se continuou com toda a diligencia possivel em as minas de duas plataformas: de sorte ã não obstante a duresa do muro, ã resistia ao martello como o proprio marmore, a da plataforma de S João esteve prestes para jogar pellas seis, sete horas da tarde: pello ã o Conde do Plessis-Prassin indo logo o fronte da trincheira, deu as ordens necessarias para o ataque. O Marques de Vxellas Marichal de campo, ã estava de guarda da trincheira^[sic], dispos as tropas, a saber, o seu regimêto, os de Saully, de Poitù, & Praromain, & apartou os Capitaes, ã haviaõ de fazer o alojamento sobre a brecha. O senhor de Choupes Lugartenente da artilheria, com o seu ordinario cuidado, acompanhado dos senhores de S. Hilario, Villy, & S. Clara,

visi- /

visitou logo todas as plataformas, & o dito senhor de S. Hilario, com o senhor de Vacchar, Commissario ordinario das guerras, puserão as duas mechas à mina, a qual jogando fez hũa grande abertura ao baluarte, & lançou as ruínas sobre a ponte, q̃ os Francezes haviam feito para passar o fosso: & cessando a poeira, começou contra aquella parte a jogar a artilheria, q̃ a fez maravilhosamente bem. E querendo os cercados mostrar atè o fim, q̃ lhes não faltava animo, & valor em os mayores perigos, & apertos, não obstante o grande fogo, q̃ os Francezes de todas as partes lhes fazião, se apresentarão sobre a brecha, com a mesma resolução, que em todas as occasiões passadas haviam mostrado, & em o mesmo instante guarnecerão a cortina de mosqueteiros: com a qual acção animados novamente os Francezes, o senhor de Marsilli Ajuda de campo, & corneta da companhia de cavallos ligeiros do Marichal de Schomberg, q̃ se havia encarregado de fazer o alojamento com dous sargentos mores, & 26. soldados do regimêto de Vxelles, sahindo primeiro da furna q̃ os seus tinham em o muro, q̃ revestia a contra escarpa, se arremessou a elles com grande valor. E o mesmo fiserão muytos officiaes reformados, & muytos voluntarios, dezejosos todos de participar aquella honra de serem os primeiros, q̃ montassem sobre a brecha: o qual excesso de coragem causou algũa confusão e os trabalhadores, q̃ forão constrangidos a levantar a mão da obra para dar passo, & praça a sua braveza: & assi pelejarão com tanta resolução, q̃ fizeraõ retirar aos q̃ estavaõ de guarnição em a dita brecha. Mas vendo D. Diogo Cavalleiro, & grande Cavalleiro, sua perdição taõ proxima, fez acudir áquella parte, & lugar todo o poder, q̃ tinha: & os Castelhanos servindolhe a desesperação de estimulo, se lançaõ sobre os Francezes, q̃ estavaõ mais avançados, seruindose de granadas, & outros fogos artificiaes, de pedras, & de tudo o que em semelhantes occasiões se vsa em sua defesaõ, & os fizeraõ
reti-/

retirar, peleijando com tanta coragê, & payxaõ, q̃ decendo 15. ou 16. do alto da brecha a muralha, se meteraõ sobre a ponte por meyo dos Franceses, os quaes carregando sobre elles mataraõ sinco, ou seis, constringendo os mais a se retirarê à praça: em a qual acção se peleijou de parte a parte mui generosamente: & nella morreo o senhor de S. Paulo Mestre de campo de hũ regimento de infantaria, & Marichal de batalha, de algũas vinte feridas, q̃ recebeo encima da brecha, favorecido de Brevil, Corneta da companhia de Feuquieres, que o ajudou valerosamente: das quaes ferido cahio sobre a ponte, onde os inimigos, lançandose sobre elle, o quiseraõ despojar dos vestidos, mas acudindo sete, ou oito Francezes lho tiraraõ das mãos. Também o sobredito senhor do Breuil recebeo dous botes de pique em o braço direito, & outro em o rosto, com q̃ foy revirado sobre a agoa, mas recebeo quartel do Capitão da cavalleria, q̃ alli estava, & foy levado à Cidade. Vendo o Conde do Plessis-Prassin, os seus tão arriscados & sabendo quaõ difficil era levar por assalto hum baluarte intrincheirado de pallissadas, cestões, & de hũ bom fosso, alem da bateria de duas peças, q̃ flanqueavão a entrada da brecha por não arriscar tão valerosos soldados, acudio ali pessoalmête, & fasêdoos retirar, se deu por satisfeito com fazer ali hũ alojamêto. Os q̃ mais se assinalarão nesta occasião (em q̃ todos se ouverão com notavel valor) foraõ o Barão de Baumes, & os Cavalleiros de Vins, & da Chafferia capitaes de hũ navio: q̃ os officiaes da armada não sò quiserão participar da presa desta praça, servindo em o mar com qualidade de officiaes, mas também em as brechas com nome de soldados rasos; também o senhor de Marina, ao qual quebraraõ hũa perna com hũa bala de hũ mosquete, q̃ primeiro passou de parte a parte as calças ao dito barão de Baumes. Os senhores de Guadaigne, de Quesnay, de Saulsy, Chastellit-Barlot Mestre de campo, o senhor de Souvigni Marichal de Batalha, os senhores de S.

Jorge, /

Jorge, & de Montanho voluntarios; o Conde de Vertu, os Marquezes de Vxellas, de Treuissa, & de S. Maigrin Marichaes de campo, & o senhor de Hermitte capitão da cavalleria do regimêto de Feuquiere, & geralmête todos os officiaes, assi de cavalleria, como de infantaria o fiserão é esta occasião com extraordinario valor, & prudencia. E se a noite não sobreviera derão fim a seus desejos. Mas considerando os inimigos aos 28. de Mayo o estado de sevs contrarios, & julgando sua perdição inevitavel, chamaraõ a capitulos, & regeitando o Conde do Plessis-Prassin suas primeiras proposições, & particularmête aquella, pella qual o Governador pedia hũa dilação de quinze dias para sair daqlla praça: vêdo o Governador, q se fes com tanta prudencia, q o dito Governador he muyto digno, & merecedor de todas as honras, & louvores, em sua entrega. De sorte que em o mesmo dia se acordarão os artigos seguintes.

I Consedese ao dito Senhor D. Diogo quatro dias, q começaraõ deste 28. de Mayo, até os 4. para se aviar elle, & seus officiaes, soldados de infantaria, & cavalleria, bagage fato, & todas as cousas tocantes à entrega da dita praça; para q passados os quatro dias o d. Senhor Dõ Diogo entregue em as mãos do dito Conde do Pressis-Prassin a praça com toda sua artilheria, moniçoës, & mantimentos, q forem achados é a dita praça; sem esconder nada. E à manhã pella manhã 29. deste mes, o dito senhor D. Diogo Cavalleiro entregará a porta do mar, & o baluarte S. Ioaõ, com sua cortina, q corre do dito baluarte até a porta, por onde entraraõ as tropas delRey, esperando q saya fõra o presidio.

2. Que todas as tropas de cavalleria, como de infantaria, q estiverem na dita praça, cabos, ministros, & officiaes de qualquer calidade & condição, q forem, sairaõ o dia sobredito com vida, armas, bagage; a cavalleria em seus cavallos armada, tocando trombetas, & a infantaria com caixas, duas mechas acesas, ballas em boca, bandeiras despregadas, com quatro peças de artilheria, & moniçoës necessarias para vinte tiros/

tiros, e que saindo da dita praça, nenhum soldado Frances, ou Catalão com pena de morte, lhes fará agravo, como tambem pello caminho.

3. *Que se não poderà demandar nenhum dos que saírem nem deter para q pague dividas, nem para qualquer outra cousa: que se não tocarà a mulher, crianças, nem criadas: q se concederá a todos levar seus moveis, e bagage, de qualquer sorte q forẽ, sem ser visitados: de mais q se permitirà levarẽ os cavallos delRey Catholico, q estiverẽ e seu poder.*

4. *Que todos os naturaes, e moradores da dita praça, q quiserem sair com o presidio, e seguir o partido delRey Catholico, o poderaõ fazer, sem impedimento algum: e q os q quiserem ficar na dita praça para acudir a seus negocios, ou vender suas fazendas, ou por outra qualquer rasão, se lhes dará hum mes para com toda a liberdade o poder fazer, e depois se lhe, dará hum passa porte do Governador, ou Capitão geral que mandar a praça, para irse aonde lhes parecer.*

5. *Que se lhe dará baixeis, e galẽs para conduzir, e levar os que saírem com armas, e tudo o q levarem da dita praça atẽ a Cidade de Valença, ou Denia, Alicante, ou Carthagenã sem anchorar em nenhũ porto somente em os lugares especificados, pello caminho direito.*

6. *Que poderã levar os livros, e registros reaes, tocantes aos direitos delRey Catholico.*

7. *Que se lhes daraõ mantimentos para subsistir os rendidos, saõs, e doentes, com medicamentos à custa delRey Christianissimo.*

8. *Que à saída da praça se não acharà Catalão algum, seja official, soldado, ou de qualquer calidade.*

9. *Que o dito senhor do Plessis-Prassin ficará obrigado a tornar todos os prisioneiros que tiver em seu poder em mãos do senhor D. Diogo Cavalleiro, assi officiaes, como soldados, marinheiros, e todos os mais: como tambem se obriga o dito senhor Dom Diogo Cavalhero a tornar todos os que estiverem em a dita praça, sem reservar algum.*

10. *Que poderà o dito Senhor D. Diogo mandar hũa barca a toda a diligencia, com hum official nella a Tarragona ou Vinerós, para dar conta a elRey Catholico, e a seus Generaes da Capitulaçã, e que quando der volta terà licença para tornar à praça com a reposta, que*

trou-/

trouxer, com condição que virà dentro dos quatro dias.

II. *Que para esta certeza desta Capitulação o dito Senhor D. Diogo Cavalleiro darà quatro arrefens, ao dito Conde do Plessis Prassin, o qual darà outros quatro da mesma qualidade ao Senhor D. Diogo, atè ser acabada a Capitulação, & se tornaraõ depois os ditos arrefens de parte a parte. Do Campo de Rosas a 28. de Mayo de 1645. Assinados*

Do Plessis-Prassin.

Dom Diogo Cavalleiro de Ilhescas.

Ao dia seguinte é execução da dita Capitulação pellas tres horas entrarão de guarda à porta do mar, cortina, & baluarte de S. Ioaõ algũas tropas Francezas governadas pello Marques de S. Maigrin, Marichal de campo, a quem tocava este dia: começando assi a tomar posse de hũa praça das mais consideraveis de Espanha: situada em hum chão em forma de Pentágono á borda do mar: com sinco baluartes, revestidos de hũa pedra mais dura q̃ o marmore: hũa contra escarpa da mesma natureza; com hum fosso em roda de mil & quinhêtos passos, profundo, & largo, dous tevelis, & hũ delles muyto grande, oposto á porta do mar. Tendo de hũa parte a hum quarto de legoa hum monte muy grande, & da outra o mar, com hum Castello a tiro de artilheria encima do monte pegado ao mar; o qual se defendia com hum presidio de dous mil infantes Espanhoes, os melhores de seus exercitos, & trezentos cavallos. Sitiada sómente com hum exercito de seis mil infantes em treze terços, & de seis para setecentos cavallos, feitos da cavalleria ligeira da Raynha: a qual preza mostra muy claro q̃ as difficuldades servem mais de leuantar o animo do dito Conde do Plessis-Prassin, q̃ de o abaixar.

¶ Os Castelhanos acodem áquellas partes com os socorros, q̃ podem: & de Badajòz sairaõ agora seis tropas de cavallo, deitando fama, que se hiaõ alojar em Xerez do Cavalleiros: mas he certo que dali se passaraõ a Catalunha.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

Em Lisboa. Na Officina de Domingos Lopes Rosa. An. 1645.

**GAZETA
DO MES DE
IVLHO DE ¹⁶⁴⁵.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM AS QVAIS SE DA CONTA DA GRANDE ROTA,
que os Castelhanos tiveraõ em Catalunha a 22. de Junho passado, com
a lista dos prisioneiros: & se refere o estado prezente das cousas de
Inglaterra, & Irlanda. Dase tambem noticia da entrada, que por Cas-
tella dentro fez Dom Rodrigo de Castro, & hũa carta, que de
Badajòz se diz escreveraõ ao Conde de Castel-milhor
Governador das armas delRey nosso Senhor em a
Provincia de Alentejo.*

[Letra capitular] O General Torstenson Sueco está ao prezente senhor da Moravia, região da Germania, & hoje cõjuncta com o Reyno de Bohemia: aonde se tẽ apoderado de todas as praças, salvo do Castello de Brim, a que tinha posto cerco com seis mil cavallos, & quatro mil infantes: porem achou com mayor resistencia do q̃ ao principio imaginou: porque os cercados, atẽ o ultimo aviso, que tivemos, se tem defendido com muyto valor, & grande resoluçãõ: por ser esta praça a melhor, que o Emperador tem em todos seus paizes hereditarios. O Torstẽson, em tres assaltos, que lhe havia dado, he certo que perdeu muyta gẽte: mas provavelmente o levará, pello estado, em que o Emperador està de prezente: alem do que para grangear o animo de todos aquelles povos, o dito General fez primeiro publicar, que não entrava em aquellas terras com animo de as conquistar, mas de as restituir a seus antigos foros, & privilegios, & por as cousas ẽ o mesmo estado, q̃ estavãõ o anno

A

de/

f.º 1 – v.º

de 1606. não só em a dita provincia da Moravia, mas ainda em toda Vngria: & por esta causa muytos seguirão sua faççam, com que reforçou muyto seu exercito.

¶ Os Suecos depois de haverem levado por assalto o forte de Huffum, bloquearão o Coronel Buchwrald em a cidade de Friderichstad: o qual não se dão nella por seguro, se quis passar pello Eider ao pais de Ditmarsen: mas encontrando 600. cavallos, q̃ andavão correndo aquella campanha depois, de lhe haverem dado hũa pequena carga, se retirarão para obrigar aos Danos a ir tras elles, como fizerão até dar na emboscada: da qual sairão ao mesmo tẽpo mil infantes Suecos, os quaes atacam tão fortemẽte aos Danos, q̃ os mais delles ficarão sobre a praça mortos, & prisioneiro cõ o d. Coronel.

¶ O Principe Rogorsky de Transilvania, havẽdo se declarado, q̃ queria perseverar ã amisade, & aliança com a Coroa de Suecia se avaçou cõ o grosso de seu exercito a Presburg: & Bukos Gabor seu lugar tenẽte General foy por sitio a Tornaw, para onde o d. General Torstenson espedio logo 4U. homẽs, a cargo do Coronel Mortagna: em quanto pessoalmente cõ o resto de seu exercito se avançava á d. praça de Presburg á qual se retirarão 2U. infantes das tropas Hũgaras, & com ellas se ajuntou depois o Conde de Bouchain.

¶ O Palatino de Hũgria se retirou tãbẽ a ella para a defẽder & para este effeito fez traçar algũs fortes, & reductos em hũa ilha, q̃ está visinha à d. cidade: a qual corre muyto risco, por quanto a mayor parte dos moradores são protestãtes, & por consequẽcia sospeitos ã favorecer os Suecos: os quaes com muita pressa, & fervor fazẽ trabalhar ẽ 3. fortes na d. ilha a saber hũ abaixo de Crẽbs, outro sobre hũa mōtanha ã direitura onde a ribeira de Vischa se ajũta cõ o Danubio; & o 3. jũto á ponte de Vienna: o q̃ he de grandissimo incõmodo, & opressão para a d. cidade, cujos moradores estão agora cõ mayor medo q̃ nũca: principalmente depois da volta dos deputados, q̃ o Emperador havia mandado ao General Torstẽson, para com elle tratar da passagem das barcas, & liberdade do

comer-/-

comercio: em q̃ o d. General não quis cõvir, senão debaixo de certas cõdições, q̃ aos Deputados não pareceraõ cõformes.

¶ Esperase q̃ as diferenças entre elRey de Dinamarca, & os Suecos, q̃ ao presente estaõ com poderosas armadas e o mar, se acabarão brevemête sem o rigor das armas, com q̃ de parte a parte estaõ dispostos a hũa sangrenta batalha.

¶ Os Francezes em Catalunha depois da praça de Agramôt de q̃ se fez menção na Gazeta passada, tomaraõ tãbem a cidade, & o castello de Camaras; o qual D. Antonio Cantelmo, General do exercito delRey Catholico iulgava por tão importante, q̃ havendoo visitado pouco antes, lhe reforçou o presidio, & meteo dentro moniçoens bastantes para se defender largo tempo. E para esse effeito o Conde de Harcurt avançadose à Liniola, q̃ fica hũa legoa de Balaguier, & 2. de Camaras, mandou a D. Ioseph da Costa, Mestre de Campo do batalhão Catalaõ, a cujo cargo està o castello de Acos, ali visinho, q̃ avançasse com parte de sua guarnição a reconhecer a d. praça de Camaras: & o senhor de Sant-Annés Marichal de Campo, que governava a cavalleria daquelle exercito, q̃ fosse tambem com 600. cavallos, & mil infantes a reconhecer, & atacar, se o achasse a preposito, o d. lugar de Camaras: o q̃ elle logo fes, & o atacou com muita resolução, ainda q̃ consigo não pode levar artilheria algũa: mas primeiro mādou notificar por hũ trombeta aos de dentro, q̃ se logo se rendessem lhes faria todos os bons partidos, & q̃ quando não q̃ os não esperassem despois delle, por q̃ os havia de levar todos ao fio de espada: do q̃ elles fizerão muito pouco caso, respondendo com grande segurança. Pello q̃ o senhor de Sant-Aunés fez atacar a praça por todas as partes, com tanto vigor, q̃ entrou sua gente logo por cima das muralhas, fazendo retirar os inimigos atè as trincheiras, q̃ tinham feito de pipas: mas os Francezes despois de algũas cargas os fizerão tambem retirar dellas atè o castello, aonde tratarão resolutamente de se defender por estarem bem apercebidos de gente, & muytas moniçoens: só a effeito de obrigarem, a traser ali o Frances

seu exercito, ou mandar mayor numero de tropas, & artilheria. Todavia não obstâte o grande fogo, q̃ os Castelhanos fasião de suas muralhas os Francezes lhe atacamão hũ mineiro, com q̃ os soldados desmayarão de modo q̃ não foy possivel ao Governador, & aos demais officiaes, q̃ sempre fizerão sua obrigação, obrigarlos a se defenderem mais: & assi se entregarão á merce: no mesmo tempo, em q̃ lhes hia socorro; ao qual D. Ioseph da Costa, q̃ havia ficado ao cabo da ponte, rechaçou valerosamente. Constava o presidio de hũa boa parte do regimento de Groensfelt, & de algũs Catalaens, & Micheletes, & chegava ao todo a 250. homens: sahirão logo da praça, & forão condusidos ao campo do Conde de Harcurt, aonde estão presioneiros, com o seu Governador. Perderão os Frãcezes nesta ocasião ao senhor de Veinert Alferes do regimento de Nerestât, de hũa bala de mosquete: & 20. soldados ficarão feridos 2. capitaens, & o comissario de artilheria, o senhor de S. Germaõ: & todos se portarão com muito valor.

¶ As diferenças entre elRey de Polonia, & o Moscovita tocantes a suas fronteiras vão por diante, & com poucas apparencias de os poderem acomodar: antes de parte a parte se vão dispondo a hũa cruel guerra. Entretanto elRey de Polonia tratava com a cidade de Dantzic, q̃ envie deputados á junta, q̃ em o mes de Agosto presente se pertendia fazer em Turenna, sobre algũs pontos da religiam.

¶ He certa a presa da Motha é Lorena, pellas armas delRey Christianissimo de França: da qual se espera a relaçam.

¶ De Gratz em Stiria região do Ilirico, ou Sclavonia se escreve, q̃ em o jardim, onde o Principe Ferdinando filho do Emperador andava passeando, foy prezo hũ homem em trage de peregrino, por parecer pessoa de sospeita: o qual sendo buscado, lhe acharão vestido hum colete de anta, duas pistolas, hũ punhal, & hũ grande cutello: pello q̃ foy posto em tormento, & confessou q̃ a causa, que ali o trouxera, era matar ao Principe: & q̃ o mesmo intentavão fazer quatro companheiros seus, de que não sabia parte.

Mon-/

¶ Monsenhor o Duque de Orleães tomou a cidade de Sant Omer no pais de Artoes, fronteira a França, & posta sobre o rio Aa, ou Ha; praça muy forte, & bem fortificada, & de bõs edificios de toda a sorte: & ao presête tê cercado a Dúquerque por terra, & a armada Olandesa por mar: & he tão grãde o medo é Dúquerque, que muytos moradores tem fugido, para Flelingua, & se diz q̃ todos os canhoês, q̃ ali avia é grãde numero, se levarão para Ostende: espero que brevemente daremos relação de sua entrega.

¶ A 15. de Mayo se fez em Roma hum grande consistorio, em o qual se não quiserão achar todos os Cardeaes da facção Castelhana, a saber, o de la Cueva, Alborno, Trivulce, Cèsis, Montalto, Medicis, Mattei, Lugo, Colonna, & Ludoviso: por serem avisados, de q̃ o Papa queria propor nelle algũas Igrejas vagantes em o Reyno de Portugal: cujo Agente o Prior de Sodofeita, depois do successo passado, não quis mais sair de casa por intimar a sua Santidade o justo sentimêto q̃ tê do desaforo, & dissulação dos Castelhanos, se bẽ esta cõ mayores esperanças, q̃ nunca, depois do edital, q̃ o Governador daquella Corte publicou cõtra o sargento Gravina, Gabriel de Benedictis, ou para melhor dizer de Maledictis, & 14 Castelhanos, mais cõplices em a maldade sacrilega, de q̃ a Gazeta do mes passado fes menção, a cerca do dito Prior, varaõ de grande exemplo: & depois do qual se fes ali hũa defesa rigurosa, de se trazer, guardar, nem forjar algũas armas de fogo: & achandose q̃ hum criado do Embaixador de Castella as vendia, & trasia, não obstante toda a prohibição foy prezo por ordem do Papa, sem que o dito Embaixador, que se indignou grandemente disso, o pudesse ainda livrar das mãos da justiça, antes se diz que fora sentenciado á morte.

Memoria das tropas, que o Conde de Harcourt, General de sua Magestade Christianissima, desbaratou a 22. de Junho de 645. começando a batalha (de que brevemente daremos inteira relação) entre as oito, nove da manhã, em os Campos de Horanse,

✍ Balaguier.

A3

Cava-/

f.º 3 – v.º

Cavalleria^[sinal] 600. *Cavallos das tres ordens Militares.*
desfeita 400. *Cavallos de Napoles.*
500. *De Matamora.*
060. *De Groenfoik.*

Infantaria^[sinal] *O regimento de D. Pedro Valenzola Castelhana.*
desfeita. *O regimento de Locenzana dos Velhos Napolitanos.*
O de Ignacio Broncaceyo dos velhos Napolitanos.
O de Peituque dos Velhos Napolitanos.
O do Barão da Mata Napolitano.
Tres companhias do Regimento de D. Pedro Osteritis,
& os demais de seu regimento prezos.

Os presioneiaos^[sic] principaes são os seguintes
O Marques de Mortàra Marichal de Campo General.
D. Pedro Pereira Tenente general da Cavalleria.
D. Simão Mascarenhas Mestre de Campo de hum terço.
D. Miguel Linatro Governador da Cavalleria de Napoles.
D. Libere Carrafã Comissario General da Cavalleria.
D. Vincencio Zoutavilla General da artilheria.
Ioaõ Bautista Dotto General das ordens,
O Duque de Lorensano General dos Infantes de Napoles.
O Barão de Mata Coronel Napolitano.
D. Pedro de Valanfoba, Mestre de Campo Espanol.
O Duque de Bonvineda Mestre de Campo de Infanteria.
O filho do defunto Duque de Najara Capitão de Cavallos.
O Capitão da guarda de Dom Andre Cantelmo, por nome Manoel Carraso.
D. Antonio Matheo, Capitão de Cavallos.
Ioseph Fulvio, Capitão de Cavallos.
Donato Amoureux, Capitam de Cavallos.
Lucas de Gaves Faranaite, Sargento môr do regimêto de Mata.
Ioseph da Franca, Capitão de Caravinas.
Antonio de Sonquinha Capitão de Caravinas.
Paulo de Parada Capitão de Infanteria.
Finalmente, Capitães de Cavalleria, & infantaria, Tenentes, & outros officiaes são 460. & ao todo conforme a lista, que

ao/

ao primeiro dia se fes, & se mandou a Paris, saõ

2500. *Prisioneiros.*

2000. *Mortos.*

Varias novas da Inglaterra, Escocia, & Irlanda que a esta Corte

Vieraõ em cartas nos meses de Junho, & Julho deste anno de 645.

[Letra capitular] NOTavel he a variedade, que ha nas cousas de guerra, & religião em o Reyno de Inglaterra, & Imperio Britânico, a saber Inglaterra, Escocia, & Irlanda com suas ilhas adjacentes, que ao presente pertencem a ElRey Carlos primeiro deste nome: o qual tem actualmente em Escocia hũ poderoso exercito, q̃ consta de 14U. homens Irlandeses Catholicos, & outros tantos, ou mais Escoceses, q̃ seguem a facção real, & por isso se chamão Realistas, como os q̃ seguem a facção do Parlamento Parlamentarios, como por veses em as Gazetas passadas temos dito. O intento do dito exercito Irlandes, & Escoces he fazer diversaõ em Escocia, para q̃ os Escoceses não deçã a Inglaterra em favor do Parlamento contra elRey, como por vezes fizerão em os tempos proximos passados. Tambem o Parlamento tem em Escocia muyta gente, & bom exercito: & procurão o melhor q̃ podem adiantar o seu partido. Entre estes pois Realistas, & Parlamentarios em Escocia se deraõ duas batalhas câpaes, & bem renhidas; & de ambas as veses ficarão os Realistas victoriosos, tomando varias praças, & saqueando Edemburk, cidade principal, & cabeça daquelle Reyno.

¶ Com esta valente diversaõ se animou elRey Carlos a sair com hũ poderoso exercito de 15U. homẽs, & correr varias provincias de Inglaterra, tomando varias praças, & redusindo a sua obediencia algũs povos: mas como lhe foy necessario presidir algũas praças, veyo a diminuir seu exercito de sorte, q̃ lhe não ficarão mais, q̃ 4U. infantes, & 3U. de cavallo: com os quaes se vinha recolhendo para a sua cidade de Oxford. Sahiolhe ao encontro hũ exercito do Parlamẽto, cujo General era Thomas Ferfex, fidalgo mancebo, mas experimentado em a guerra, & de muyto alento: o qual logo com animosa resolução apresentou batalha aos Realistas: elRey

fez/

fez muito pella escusar, cõsiderando a desigualdade do partido, pois se achava com sós 7U. homẽs tẽdo o inimigo 12U. Mas o General Parlamentario instou tanto pella batalha, q̃ offereceo ao exercito real o Sol, & o vento pella parte que quisesse: dizendo q̃ se não sahissẽ do lugar, onde estava, a dar batalha, os avia de cercar, encantoandoos com pouca reputação. O q̃ visto pello Principe Roberto sobrinho delRey, & outros fidalgos alentados, & briosos, aconselharaõ a elRey q̃ logo desse a batalha, não obstãte qualquer desigualdade, porq̃ era ja o negocio de honra: & se bem o inimigo tinha mais gẽte S. Magestade alẽ de andar victorioso, a tinha melhor, & bem disciplinada; q̃ a dos Parlamẽtarios pella mayor parte era canalha popular, & visonha. Finalmente deose batalha, & no melhor della faltaraõ a elRey os mais de sua cavalleria, fugindo infarnemente, & sò se achou cõ 500. cavalleiros, que antepuserão a hõra sua, & de seu Rey às proprias vidas. Durou o combate pertinazmente algũas horas, venceo o exercito Parlamentario: morreraõ da parte delRey 2U. infantes, & 200. de cavallo. E S. Magestade peleiou pessoalmente cõ grande valor, & chegou a estar duas veses prezo: a primeira lhe pegaraõ fortemente do freo do cavallo, mas logo foy socorrido, & livrado pellos seus: a segunda se abraçou com elle tesamente hũ esforçado Parlamentario, cujo atrevimento elRey castigou com hũa valente punhalada, com q̃ matou a seu contrario, & se livrou de tão evidente perigo. Esta he a terceira vez, q̃ este Rey se achou em batalhas campaes, pelejando por suas mãos. Os Realistas de cavallo vendo o negocio mal parado, & não sendo elles ja mais de 300. tomaraõ a elRey em meyo, & levaraõno fõra da briga, retirandose cõ elle do melhor modo q̃ puderao. A infantaria real pelejou quanto lhe foy possivel, & dos 4U. q̃ eraõ 2U. & os outros ficarão cativos. A Gazeta Ingresa faz especial, & honorifica menção de hũ terço deste exercito real, dizẽdo q̃ de tal sorte se unio entre si, q̃ parecia hũ muro de brõze impenetravel, & q̃ nũca quis partido nẽ quartel algũ, & acrecẽ

ta,/

ta q̃ devião ser Irlandeses, aos quais não soem os Parlamentarios conceder quartel, & que por temor se lhe não guardaria, pelejaraõ desesperadamente atè morrerem todos.

¶ S. Magestade Britanica se vay reparando, & ajuntado gēte, para o qual effeito mandou por seu Commissario a Irlanda Milord Herbert fidalgo Catolico com algũas condições para os Irlandeses, & ordem de conduzir 15U. soldados para Inglaterra, & se as condiçoens são as q̃ os Catolicos Irlandezes pedirão sortirá sem duvida effeito a conducção dos 15U. soldados, q̃ aquelle Reyno de Irlanda prometeo sustentar em Inglaterra effectivos todo o tempo, q̃ delles necessitasse elRey. As duas principaes condições, q̃ os Irlandezes pediaõ erão liberdade de consciencia com tal declaração q̃ não ouvesse em toda Irlanda outra religião mais q̃ a Catolica Romana: & q̃ elles havião de ser governados no temporal por Governadores Catolicos, & naturaes.

¶ A variedade na Religião he tambem grande nos tempos presentes em aquelle Reyno: onde, & principalmente é Londres, se tem augmentado hũa seita, q̃ chamão dos independētes, porq̃ não querem ter dependencia de ninguem em materia de fé, ou religião, senão crer, ou não crer, o que cada qual melhor lhe parecer. E os desta nova opinião tẽ tirado todos os artigos da fé Catolica, incluidos em o Credo, por este fim bolo (como elles dizem) haver sido composto pellos Ss. Apostolos, q̃ foraõ homens, & ser cousa de tradiçoens, q̃ nem humanas, nem divinas querem elles crer, sendo contra a doutrina de S. Paulo, q̃ diz. Guardemos, & conservemos as tradiçoens, *Tenete traditiones*. Tambem tiraraõ os des Mandamentos da Ley de Deos, dando por rasaõ, ou para melhor dizer por sem rasaõ, q̃ os mais dos ditos preceitos estavão ja postos por leys reays, ou parlamentarias publicas, & politicas em o Reyno de Inglaterra, onde se castigão os matadores, adulteros, & ladroens &c. E assi parece escusada a ley divina, onde a humana a acode. Sem cõsiderarem estes miseraveis, q̃ os taes preceitos são mais dignos de ser guardados por serẽ divinos, q̃

por/

por serem humanos; & q̃ bem pode hũa cousa ser mandada por varias leys, assi como por civil, canonica, natural, divina, & por ley universal, & particular, ou municipal. Nem tam pouco considerão q̃ Christo Senhor nosso declarou serem estes mandamentos necessarios para a salvação das almas; *Si vis ad vitam ingredi serva mandata*. Notavel cegueira!

¶ Os de outra seita tirárão dos 7. Sacramentos os 5. & assi sòmente querem q̃ não aja mais q̃ 2. q̃ são Bautismo, & Matrimonio: porem na forma do bautismo acrescentão algũas palavras rediculas, & supersticiosas: porq̃ depois de dizerem a verdadeira forma, q̃ he, *Eu te baptizo em nome do Padre, & do Filho, & do Espirito Santo, acrescentão, em nome do sangue, & do fogo & do nosso conselho*. Antes q̃ os improbos ministros desta seita baptisem as miseraveis crianças, tomaõ iuramento aos pays, como aquella criança he seu filho, ou filha de legitimo matrimonio & de ambos: & não basta q̃ os pais iurê q̃ assi o cuidão senão q̃ haõde jurar como cousa totalmente certa, & senão o fasem assi, ficaõ as crianças por baptisar. Fundaõ estes ignorâtes ministros seu infando abuso em hũa heregia de Calvino, que affirmou, que os bastardos todos estavam ab eterno reprovados: sendo certissi na verdade que muitos santos & santas estão hoje em a gloria, que nam naceraõ de legitimo matrimonio.

¶ Sahio agora em o Reyno de Inglaterra hũ livro impresso muito perverso, & pernicioso; cujo titulo he *Sana ratio*, sendo mais que insana; pois o intento do maldito herege seu autor he querer persuadir, que nenhũa cousa se deve crer, senão a que se alcansa por rasao natural: & não adverte este desaventurado que os misterios de nossa S. Fe, & religiam catholica sam sobrenaturaes, & que muitos delles excedem à capacidade dos melhores entendimentos criados deste mũdo (se bem nenhum delles he contra a rasam natural) & por isso S. Paulo diz q̃ todo entendimento criado se deve cativar é obsequio de N. S. Fê; *In captivitatē redigētes omnē intellectū in obsequiū Xpi*.

¶ Levantarãose mais agora em Inglaterra 2. facçoens de ho
mens/

mens, hũa de 15. até 20U. entre lavradores, pastores, & outros officiaes, homens quasi todos desarmados, & por armas usão somente de paos; por não terem por ora outras, & por isso se chamão lá os palistas: os quais tomarão ja algũas praças maritimas, & terrestres, & vam juntando armas, & moniçoens: estes nem sam realistas, nẽ parlamentarios; antes matão a quantos podem das d. 2. partes, affirmando q̃ elRey, & o parlamento tem botado a perder o Reyno, com suas guerras civís, & em se apartar das leys da Rainha Isabella ja defũta, & que elles as querem seguir, & conservar. A outra he tambem de officiaes, & lavradores, cujo exercito constará de 12U. homens, tomaram estes por titulo *Defēsanatural*, contra os insultos, & roubos dos Realistas, que lhe entravam por suas casas levando quanto nellas lhes parecia bẽ. Tomaram por cabeça hũ fidalgo & mandarão dizer a elRey, q̃ lhe pagariaõ hũa contribuição consideravel pera sustento dos soldados, com condição q̃ lhes não entrassem ã suas casas para roubar: & q̃ se tornassem lá, os havião de matar, ou enforcar: & de facto penduraraõ das arvores algũs. Não se sabe da reposta delRey. Assi està aquelle Reyno dividido em estas 4. facçoens, que parece pronosticão total ruina, conforme aquillo: *Omne regnũ divisũ.*

¶ De Irlanda se escreve q̃ as cousas dos Catolicos Irlãdeses vam cada vez de bem em melhor, desde seu alevantamento, q̃ foy em outubro de 41. atègora. Teve o Parlamento de Inglaterra em Irlanda muitas praças muyto fortes, mas todas forão tomando os Catolicos até este veraõ de 45. em q̃ tomarao 3. muito importantes, & agora estavaõ sobre duas cida- q̃ são Yogel, & Kinsal, as quaes tem cercado apertadamente: & tomadas estas, não fica ao Parlamento lá outra praça mais q̃ hũa pequena cidade por nome Corke, q̃ está 3. legoas distante do mar, posto q̃ ha della hũ rio navegavel para o mar; de q̃ nao fasem por ora caso os Catolicos, por ser cousa que com facilidade tomaram quando quiserem. As outras duas çidades, que sam Dublin, & Pontana estam por elRey Carlos mas em paz, & comercio com os ditos Catolicos Irlandeses,

que/

q̃ reconhecem a elRey por seu Senhor, posto q̃ ainda não estão concordados em os artigos q̃ elles pedem: renovãdo tregoa de tres em tres meses, & às veses em menos tempo. Tãbem algũs hereges Escocезes tem em hũa provincia de Irlanda chamada Vltonia duas, ou tres praças, q̃ ategora não puderaõ os Catolicos tomar, por quantas diligencias tem feito, mas esperase cõ o favor de Deos, q̃ este anno darẽ fim.

¶ ElRey Phelipe he chegado de Çaragoça a Madrid, & ferido, como se disse na Gazeta passada. O Conde Duque he morto: estão em aquella corte todos muyto enfadados, por as cousas de Catalunha, para onde mandão quantos cavallos & mullas podem achar, tomandoos a todos geralmente sem respeitar dignidade, ou calidade algũa.

¶ D. Rodrigo de Castro Tenente general da cavalleria entrou agora I2, legoas por Castella dentro, até o lugar de Burguilhos, ao qual saqueou de muito ouro, & prata, & roupas, q̃ nelle estavaõ recolhidas, por ser lugar afastado, de q̃ os soldados ficarão ricos, & se recolherão com I577. cabeças de gado mayor; deixando o menor, por não querer caminhar, em rasão das muytas calmas: mas tambem trouxerão muitas egoas, & cavallos, & algũs presioneiros.

Copia da carta q̃ se diz escreveraõ de Badajós a Elvas ao Cõde de Castelmelhor Governador das armas Portuguesas em Alentejo.

[Letra capitular] PVdiera V. S. ya q̃ se resolvio a venir a esta plaça, tratar de abisarnos a los besinos Della, para q̃ hallase agasajo mas de gratitud en sus voluntades en los barros, con q̃ los regalò, de lo que de aspereza con la resistencia de los corazones, cõ que aguardaban al repente.

¶ Nuestro sentimiento es q̃ los Senhores Portugueses no son tan pouco para vistos q̃ sea necesario valerse de la noche; ni los Castellanos tã desicuidados q̃ los puedã culpar de desprevenidos: q̃ fuera culpa entregarẽse al sueño, quando V. S. solicitava el desvelo para visitarlos.

¶ V. S. haga las partes de amigo, y de correspõdiẽte, y no quiera cõ aparẽcias de barro, usar rigores de inimigo, q̃ ya q̃ nos ocupamos ẽ la delicia de los q̃ nos embio, seria injusticia servir de ostorbo a su libertad. Dios guarde a V. S. y le de tregua a sus alientos, q̃ el despertarnos tan de mañana no es para muchas bezes.

Los Bezinos.

**GAZETA
DO MES DE
AGOSTO DE ¹⁶⁴⁵.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*EM AS QVAES SE DAM AS DA ARMADA DO,
Graõ Turco; da nossa India Oriental, da Dièta
de Munster, & de Roma. E tambem se re
ferem algũas da fronteira
de Alentejo.*

[Letra capitular] EM Catalunha o Conde de Harcourt Visorrey daquelle estado por elRey Christianissimo depois que tomou a praça de Rosas, tem dado ao Castelhana tres batalhas campaes, como temos referido em as Gazetas passadas: a primeira ao passar do rio Ebro, a segunda quando se encontrou com o General delRey Catolico Dom Andre Cantelmo, a quem desbaratou, & venceo; e a terceira sobre a praça de Balaguier, que o dito Conde de Harcourt ao presente tem cercado, & posto em grandissimo aperto. A esta quis socorrer Dom Philippe da Silva, a quem elRey Catholico nomeou por seu General, depois de ficar ferido & vencido Dom Andre Cantelmo em a segunda batalha que dissemos: por fiar muyto de seu grande valor, & prudencia, qual em os tempos passados por diversas veses mostrou, como bom Portugues: porem nesta occasiaõ experimentou tambem a mudança da fortuna, & quoaõ va

A

rios/

varios são os sucessos, & os acontecimentos da guerra: pois não teve melhor sorte, que a de seu antecessor; porque se bem não ficou ferido, ficou pello menos vencido, & desbaratado: não obstante a boa gente, & o grande poder, q̃ tinha de Aragaõ: de maneira que artilheria, & bagagé tudo ficou em poder do valeroso, & bem afortunado General Harcurt, fatal açoute de Castelhanos, em estes nossos tempos. Morrerão em estas tres batalhas (segundo se melhor tem averiguado) da parte de Castella 6500. homens; não entrando em esta conta os prisioneiros, que hoje estão reteudos em França, que são muytos; & entre huns, & outros os melhores soldados, que elRey Catolico tinha. De parte de França se perderao tambem homẽs de muyto valor, & disem passarão de 2U. Esperase cada dia a nova certa da tomada de Balaguier, visto haverem sido vencidos, & desbaratados, os que quiserão, & não puderão socorrerla.

¶ ElRey Christianissimo deu agora o titulo, & rendas de Marichal de França ao Conde de Plessis, que tomou Rosas: & ao Conde de Rasau Alemão de nação, & soldado de incomparavel valor.

¶ O exercito Sueco tem ja tomado a fortissima praça de Brim em Stiria, & novamente cercado Vienna corte do Emperador: em o qual cerco se ajuntou mais com o Sueco o Principe Ragowski de Transilvania.

¶ O Principe de Orange està com seu exercito, q̃ constarà de algũs 25U. homẽs, ao redor das cidades de Gante, & Hulst: desta fiz menção em as Gazetas passadas, & daquella he de saber (quero satisfazer aos q̃ não são tão versados em a lição dos livros) q̃ he hũa cidade magnifica, & por causa de seu sitio, & assento natural muyto forte, & fermosa, & hũa das mayores de Europa: cõ grandissimos arrabaldes; & muytos a fazẽ igual, & semelhãte à populo-

sa/

sa cidade de Milão. A ultima muralha desta cidade pella parte de dêtro contê 45640. passos Romanos, q̃ são mais de 7. milhas italianas; & pella parte de fóra tê mais de 10. milhas, q̃ fazê mais de 3. legoas. Tê hũ grãde, & forte castello, q̃ edificou o Emperador Carlos V. fica com igual espaço entre Anveres, q̃ lhe cae ao Nordeste, Madines, que lhe cae a Oeste, Bruxellas, q̃ lhe cae a Sueste, & Mildel, burg de Zelanda, q̃ lhe cae ao Noroeste. Mas atêgora o d. Principe não tê feito cousa algũa memorável, & toda via espera por mais gête. O Duq̃ de Orleãs tomou agora a cidade de Mardic é Flãdes, a qual se lhe entregou a descrição. Esta he hũa praça maritima situada entre Dũquerque & Gravelinga. Antiga, & noutro tẽpo famosa, & magnifica: mas é os tẽpos presentes està com as guerras destruida. Tomou mais o forte chamado Lele q̃ visinho de Dunquerque, por força de armas, sê intervir quartel, ou partido algũ. Em este assalto foy ferido com tres balas o Tenẽte general do exercito Christianissimo; dizê q̃ ficará aleijado de hũ braço, em caso q̃ escape: & ainda no ultimo aviso, q̃ daquelle cãpo veyo, tinha dêtro do corpo 2. balas: quererá Deos livralo, ou pello menos sua alma do ruim lugar, q̃ na outra vida o espera, é caso q̃ morra é a Religiaõ de Calvino, q̃ este fidalgo professa, annos ha. Tê tâbê o dito Monsenhor Duque de Orleans cercado a Bourburg, cidade pequena, mas muyto forte, & de muyta consideração: hũa legua de Gravelingas, & tres de Dunquerque.

¶ O Duque de Enguien anda por Alemanha cõ numeroso exercito, que dizem passa de 16U. infantes, & 15U. cavallos: porq̃ se lhe ajuntarão os da Provincia de Hessia & o exercito de Conismark General Sueco. Tê ja tomado por assalto 2. cidades, cujos nomes esquecerãõ neste aviso: outras muytas arvorarão bãdeiras Frãcesas, é sinal de se quererem declarar por França, & tomar a protecção

A2

de/

delRey Christianissimo, que assi como em annos, vay juntamente crescendo em as virtudes: & de Paris por carta de desaseis de Julho tive aviso como aos desasete do mesmo sahia publicamente a primeira vez a cavallo a dar as graças, em a Igreja de Notradama, das muytas victorias, que cada dia suas armas em diversas provincias de Europa, alcanção de seus inimigos, pellas quaes quasi todos os dias se ouve o *Te Deum laudamus*. O dito Duque, se ajuntou com o de Baviera, cujo exercito consta de algũs 20U. homens, & ambos deraõ agora hũa grãde batalha ao Emparador, em q̃ o desbarataraõ, & lhe tomarão artilheria. Não se sabe ainda por extêso deste successo, só affirmão que o de Enguien sahio mal ferido em hum braço.

¶ Magoroti sobrinho do Eminentissimo Cardeal Mazarini, morreo é o cerco da Motha em Lorena, tres dias antes de sua entrega.

¶ A cidade, & Republica de Franchecontè enviou a Paris deputados a pedir a protecção de França: cousa, que os castelhanos tem sentido muyto.

¶ O General castelhano de Milão cercou hum castello perto de Verseli, mas o Principe Thomas sahio cõ seu exercito para fazer levâtar o cerco, & retirar os cõtrarios.

¶ Em a Bohemia tras o Torstêsõ, outro General Sueco, hũ grãde exercito. O Principe de Orãge está sobre Vvas; & se tomar esta praça serà senhor de Anveres. Passa seu exercito de 30U. homens, & cada dia os Olandeses lhe enviaõ muyto socorro.

¶ Sobre a liberdade do Senhor Infãte se faz muyto: principalmente por parte da Raynha da Suecia; a qual tê mādado a seus Embaixadores, que não venhaõ em algum concerto de paz sem primeiro o porem em sua liberdade: & assi enviou pella posta dous correynos ao dito General Torstenson, q̃ não admitisse algum resgate pellos seis

Gene-/

Generaes, que na ultima batalha cativou ao Emperador: que foy em Ianeiro passado: pellos quaes o Emperador dava em seu resgate cento, & trinta mil crusados: & a dita Raynha tem dito, que sem a liberdade do senhor Dom Duarte, não hade fallar em a sua delles. Estase esperando a resposta do Emperador sobre a proposta, que por parte de Suecia, & França lhe fizerão neste particular. Tocante ao qual o Doutor Luis Pereira de Castro imprimio agora hum papel, que fez em Latim, para se dar a todos os Principes, & Embaixadores.

¶ A vinte & oito de Junho passado entrou em a cidade de Munster o Duque de Longavilla Embaixador de Frãça, & Principe do sangue: com o mayor acompanhamento & riqueza que ja mais se vio: porque toda sua gente hia cuberta douro, & prata. E sobre tudo foraõ muyto admiradas duas carroças, que levou bordadas por fôra, & por dentro: de maneira que em lugar de couro tudo era veludo carmesi bordado, & as gualdrapas dos cavallos do mesmo theor. Levava sua recamara quatorze azemalas cubertas cada hũa de hum reposteiro de veludo azul semeado de flores de lís grandes de ouro, de altura de tres dedos. Muyto ao revers de tudo isto entrou dali a tres dias o Conde de Penharanda Embaixador de Castella: se bẽ levou muyta gente, mas toda mal ordenada, & cuberta de luto, pello desbarato, que em Alemanha teve o Marichal de Turenna pellos Bavaros.

¶ De Paris se escreve, que o Papa daqui em diante favorecerà sem duvida algũa as cousas de França, & de seus aliados, tanto, & mais, que as de Castella: movido em parte dos maos termos dos Castelhanos, em os dous atrocissimos cazos, que contra o decoro de sua Santidade & direito commum, ousaraõ cometer em os Embaixado

res de Portugal: parte da paciencia, & modestia, com que ategora se ouveraõ os Franceses, & os Portugueses injustamente offendidos: & parte porque sua Santidade fez agora seu Ministro principal ao Eminentissimo senhor Cardeal Bicchi, que sempre foy da facção de França: da qual são ja tambem hoje os Eminētissimos senhores Cardeaes Francisco, & Antonio Barbarinos ambos irmãos, & sobrinhos, ou nepotes do Papa Vrbano outavo, que Deos tem.

¶ Da armada do Turco vieraõ varias novas, a primeira (com o favor de Deos) não farà este anno cousa algũa. Dizem que saltou nella peste, & se ateou tão fortemente, que cada dia morrem muytos, sem que lhes possa valer o seu falso, & infame Profeta Mafoma. E que o Graõ Turco mandara matar a hum grande prelado Armenio por lhe haver pronosticado, que tanto aparato de gente, & de armada não havia de obrar cousa algũa, antes teria desgraçado fim. Assi o permita Deos por sua misericordia.

¶ Malta està com mantimentos, & moniçoës para dous annos, & tem ja dentro desaseis mil homens de guerra, & cada vês lhe vão entrando novos socorros: para impedimento dos quaes se puseraõ à sua vista quatro navios Turquescos; mas enfandandose os Malteses de seu atrevimentos, & prevenindo ao caso remédio, armaraõ sete, ou outo galès, & em hum dia sereno, invadiraõ os quatro navios, & em breves horas, com pouco custo, os renderaõ, & levarão a Malta, franqueando assi o caminho para os socorros.

¶ Tambem avisaõ que o Turco desembarcara em Candia (Ilha do mar mediterraneo, mayor que Chipre, & menor que Sicilia, & Sardenha, mas igual a todas em nobreza, & fertelidade) com sesenta mil homens de pè, &

de/

de cavallo, deixando por mar noventa mil, reportidos em naos, & galès: das quaes os Venezianos, cuja he a Ilha tomarão ja com galharda resolução vinte: & assi esperamos em Deos o hiraõ pouco a pouco enfraquecendo, atè o desbaratarem de todo. Para o que tem ja feito liga sua Santidade com os mesmos Venezianos, Florentinos, & outras respublicas livres de Italia, para que dando cada qual o que puder se ajunte hũa boa armada de galès, & outros baixeis, para q̃ cõ o favor divino, oppondose ao inimigo commum, desafrontem o nome Christão. Tem sua Sanctidade nomeado por General desta armada ao Principe Ludovico, sobrinho do Papa Gregorio decimo quinto.

¶ Entrando o Embaixador de Florença a visitar o del_Rey Catolico em Roma, sobre as cortesias tiveraõ algumas palavras pesadas, & finalmente chegou o negocio à espada, & de parte a parte morreraõ quatro, ou sinco ho^{-[mens]}, & ficaraõ muytos feridos.

¶ ElRey de Inglaterra se diz perdeo agora hũa grande batalha com os Parlamentarios: em aqual lhe mataraõ muyta gente, & tomaraõ artilheria, & bagage: mas entendo, como muytos dizem, & algũas cartas Ingrezas daõ a entender, que esta batalha he a mesma, de que em a gazeta passada fiz menção: esperase aviso mais certo, & se dirà em a Gazeta futura. O que se tem por averiguado he, que os Escoceses, que seguem a facção Parlamentaria, tomaraõ a elRey a cidade de Carlile, em os confins de Inglaterra & Escocia: para com esta facção divirtir de algũ modo aos Escocезes, & Irlandeses Realistas, que por Escocia andão campeando, & fazendo notaveis perdas, & danos, como temos dito.

¶ De Londres se escreve hũa cousa monstruosa, que não pode entrar em a Gazeta passada, & he; que o Parla-

mento/

mento com pretexto de aliviar aquella cidade de pobres & acudir ás queixas de muytas molheres, cujos maridos morrerão em a guerra ficandolhes muytos mininos, ordenou secretamente, ou ao menos permittio aos mercadores, que tratão em as terras, que os Ingreses tem em a America, tomassem por força quantos mininos achassem pellas ruas de tres annos, & dali para cima, para irem povoar as ditas terras. E o que pior he que os taes mercadores costumão vender lá por escravos por algũs annos, os que destas partes levão. Em esta conformidade por força, & por afagos forão tomados muytos mininos por homês, & molheres, que a esta caça andavão por premio de dous tostoens, que os mercadores lhes davao por cada hum. E sem embargo dos clamores das mays, & parentes de alguns delles, os meterão em os navios, onde se diz morrerão em hum sò dia mais de sincoenta, por se verê fóra do elemento, em que nacerão, ou por outro qualquer incommodo. Durou esta persiguição hũa som^[ana], em o cabo do qual tempo (quando os navios estavam ja de verga de alto) acudio a justiça com muyto estrondo, & ministros para prohibir a tomada de mininos, mas os navios sem embargo de tudo isso derão á vella, & ficando os mininos por restituir, ficarão tambem os delinquêtes por castigar, mas tudo muyto quieto.

¶ Em carta de Goa de vinte & quatro de Setembro de mil & seiscentos, & quarenta & quatro, escrita pello padre Gregorio de Magalhaens da Companhia de IESVS, se refere hum caso milagroso, & foy: que em o Collegio de Tannà em Baçaim da dita Companhia, em o dito anno, mandou hum religioso mestre de latim a hum estudante seu discipulo, em sexta feira, que ao outro dia sabbado viesse muyto cedo ajudar á missa de nossa Senhora. Deitou-se o estudante com este cuidado, & levantouse tão

cedo/

cedo, que era meya noite, imaginando elle, que seriaõ as quatro da manhã. Sahio de casa, & foise caminho do Collegio. Encontrou em o caminho hum mancebo desencaminhado, o qual se persuadio, que o estudante o hia espreitar: pello que mandou a dous, que o acompanhavão, q̃ o matassem: arremeteraõ a elle, & lhe derão muytas cotiladas, & o deixaraõ por morto estirado no chão. Levantouse o devoto da Senhora, & proseguindo seu caminho, para o dito Collegio, esperou às portas delle a hora apontada: quando segunda ves o tornou a encontrar o sobredito soldado, & tendo por certa sua falsa sospeita, arremeteo a elle com a espada na mão deliberado ao matar, & assi lhe deo muytas cotiladas, & estocadas, até que com os golpes & pancadas lhe cahio da mão a espada: & com temor da justiça se foy sem ella. O estudante de ambos os assaltos se achou sem lesaõ, ou ferida algũa, por assi o permitir a soberana virgem, mas o vestido todo retalha^[do]. Abriose a porta, referio tudo o que passara a seu mestre, & a outros padres: & dando por sinaes q̃ a espada do agressor se acharia naquelle lugar, se achou ser tudo verdade; & por memoria do caso, & maravilha, se pendurou a espada em a capella da senhora, que quiz livrar ao seu devoto de tão evidente perigo.

¶ Em aquellas partes não andaõ agora de huns tempos a esta parte bem afortunados os Hollandeses; porque primeiramente em Cochinchina perderão duas naos, que hião da Ilha fermoza com todo o recheyo do Japão, donde tambem estão despedidos. Perderaõ mais outra em a mesma Ilha, a qual se foy apique: de cuja fazenda elRey da Cochinchina se aproveitou em grande parte, & de algũas peças de artilheria: mandando sincoenta soldados Hollandeses dos mais graudos para Jacatarà metidos em hũa embarcação sem armas. Pediraõ tambem a elRey

de/

de Achem, que fosse com elles sobre Malaca, & q̃ ficaria por sua para se intitular Emperador: & tinham tratado cõ elRey de Pam, que saindo de Achẽ, fosse elle a se meter de posse do Reyno, & q̃ elles destruiriaõ a armada. Descubrirão os Ingreses ao Achem este dolo, & mandando lançar mão de quatro naos, que em seu porto tinhaõ, cortou as cabeças a quantos achou nellas, que erão muytos. Huã embarcação nossa, q̃ por aquellas partes chamão cho, em aqual hião somête tres Portuguezes Europeos, q̃ eraõ o Capitão, o Piloto, & D. Christovão de Almeida, q̃ estava para entrar em a viagẽ do Japão por capitão mòr, & os mais eraõ filhos de Macao, q̃ haviaõ deixado a Loba, se encontrou com outra embarcação de Olandeses, q̃ vinhaõ da Cochinchina, para entrar em Sião, onde tẽ hũa requissima feitoria: & se travou entre ambas de parte a parte hũa perfiada briga, em a qual se pelejou com muyto valor, atẽ que morreraõ todos os Olandeses, excepto 6. que escaparão semivivos, & entre elles hum Portugues, que com elles andava laçado. Socederão estas cousas antes de as pazes serem feitas entre as duas nações Portugueses, & Olandeses em as partes Orientaes, que não parece justo, q̃ os mesmos, q̃ na Europa se dão as mãos taõ amigavelmẽte para se ajudar, & defender, em aquellas, nem em outras quaesquer a hum mesmo tempo as levantẽ armadas para se tirar não só as fasendas, mas o q̃ he mais as proprias vidas. Queixaraõse os Olandeses em Siaõ ao Barquelao do agravo recebido dos Portugueses ẽ este encontro, & respondeo q̃ tambem elles havião tomado aos mesmos Portugueses a cidade, & fortaleza de Malaca, & q̃ se não queixaraõ disso: pello q̃ lhes não achava culpa em o caso, pois entre elles corria guerra. Replicaraõ elles que os Portugueses despois do conflicto, & dentro das balisas que elRey havia prohibido, matarão os seis a sangue frio: porẽ

constou/

constou ser hũa grande mentira, & falsida, como affirmarã, & testeficarão os mesmos chins Lascarins.

¶ Em a nossa frôteira de Alêtejo, entrou Fernão Martins da Ayala, Tenente do Capitão Manoel da Gama filho de Fernão Gomes da Gama, quinse ou desaseis legoas por Castella dentro, com sós nove homens, & entre Trusilho, & Merida, encontrou ao Conde de Zinguen, natural de Bruxellas, cavalleiro do Tusaõ, mancebo de algũs vinte quatro, para vinte sinco annos, o qual vinha à ligeira com tres criados, em mulas de alquilè, caminho de Badajoz, a servir o cargo de General da cavalleria, por quanto ao Baraõ de Molinguen havia elRey Catolico feito Mestre de câpo general, & fez ao dito Conde prisioneiro trasendoo a Elvas, donde passou para o castello de Bellem.

¶ He certo que a ElRey de Castella lhe fugio toda a cavalleria estrangeira para França, como dizê quantos prisioneiros vê daquellas partes, & assi refere Jorge de Mello capitão de infantaria filho de Francisco de Mello Môteiro mór do Reyno, & General, q̃ foy da cavalleria, q̃ o ouvio dos mesmos castelhanos, estando la prisioneiro: & está hoje tão falto de homens, que os mais dos Governadores, & cabeças de milicia, que em suas praças ocupa, & em seus exercitos são estrangeiros.

¶ De Elvas se avisou por carta de vinte & nove de Agosto, em como Francisco Barreto capitão de cavallos, que estava em Arronches, tendo noticia, que hũa companhia de cavallos hia de Badajoz a render outra, que estava em a Codiceira, os foy esperar ao caminho, & fasendo da sua companhia tres esquadras, os cometeo, & invistio de sorte que matou trinta cavallos, & prendeu, & cativou vinte sete, com seus cavallos, alem das cargas, q̃ tomou de armas, & moniçoës, que levavão.

¶ Naõ he para deixar de advirtir pello que o vulgo
a des-/

a destro, & asinestro publica, & diz, encaixandoselhe logo na cabeça qualquer nova, que ouve, sem probabilidade algũa: como em a saída presente, que dizem fez o inimigo de Badajòz: porque ja affirmavão que tinha cercado Ouguela, & ja Campo mayor: como se elle não soubera muyto bem o presidio, com que assi estas como as demais praças fronteiras estão. O certo he que os inimigos, a maneira de Comediantes em hum tablado não fizeraõ mais que hũa mostra, saindo por hũa porta, & entrando por outra. Antes em o mesmo tẽpo mandando o senhor conde de Castelmelhor buscar hũa lingoa a Castella; entraraõ por ella dentro outo soldados de cavallo, & encõtrando a trinta castelhanos, que vinhão com seu commissario tomar armas a Badajoz, os renderão com muyta facilidade, & os trouxeraõ com toda sua bagagem a mãos lavadas: & destes, & de outros muytos semelhantes encontros pudéramos cada dia (a Deos graças) fazer muytas, & muy notaveis relações, se os Portuguezes se preparão tanto dos rasgos da pena, como dos da espada: & assi por mais que nossos contrarios finjão, & escrevão, manifesta a verdade, todos seus triũphos se hão de converter em tumbas, todos seus tropheos em funebres aparatos, & todo seu rijo em amargozo pranto: mas aquelle que quiser redusir seus pensamentos á gloriosa metas das victorias, & dos triumphos, tenha a mira no ceo, que de lá de cima vem guiadas todas nossas acçoens, com segurança tal que não podem deixar de ter felicissimo fim.

*Com todas as licenças necessarias, &
Privilegio Real.*

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno. 1645.

Taxão esta Gazeta em 6. reis.

Cazado.

**GAZETA
DO MES DE
IVLHO, E AGOSTO DE 1646.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*ENTRE AS QVAES SE DA CONTA DA BATALHA
naual, que a armado do Christianissimo Rey de França teue
com a de Castella.*

De Napoles aos 22. de Mayo.

[Letra capitular] **T**Rabalhase com grandissima diligencia neste Reyno com a fortificação das praças maritimas por ordê de nosso Visorrey. Ajuntãose tambem todas tropas, & terços porá se for necessario soccorrerem a Ilha de Ischia, que fica sòmente quatro legoas desta barra, & inda que aquella Ilha antigamente tão celebre por razão de suas caldas, & dos fogos que lançaua, seja de si mesma assaz fortificada por suas rochas, & penedos feros, & por sua fortaleza a mais segura chaue deste Reyno, todauia tanto he o medo, & a desconfiança que causou nestas partes a visinhança da armada Francesa, que até as guarnições desta Ilha, & fortaleza dobrauão; & lançouse hum bando para q̃ com pena de morte todos os Castelhanos naturaes de 15. até 60. anno fossem nesta occasião servir a elRey.

De Roma aos 28. de Mayo.

[Letra capitular] **P**Artio desta Corte aos 22. de Mayo o Marques Theodoli irmão do Cardeal do mesmo nome, para com ambos os seus filhos ir a França beijar as mãos às Magesta

¶

des/

des Christianissimas.

¶ Aos 23. partio o Cardeal Grimaldi para o campo dos Francezes em Orbitello tratar com o Principe Thomas, & o Duque de Brezè de negocios que importão ao seruiço do Christianissimo.

¶ Ouue consistorio solemne, no qual o Papa declarou Cardeal ao Padre Casimiro da Companhia de IESVS, irmão delRey de Polonia, que faz toda a instancia por não aceitar, & se recolheo a Frascati na casa dos Padres da Companhia, pretende elRey de Polonia o chamem Principe Cardeal de Polonia, & tenha titulo de Alteza Serenissima, & que lhe seja mandado o capello aonde a achar, assi como se costuma de fazer aos Cardeaes irmãos de Reys.

¶ Ha muytas esperanças que por via deste Principe serão em fim restituídos os Padres da Companhia aos Estados, & Republicas de Veneza, & tratados como antes, quando por rezão do interdito que o Papa Paulo Quinto poz sobre Veneza, & seus Estados, deixaraõ os ditos Padres da Companhia suas casas para obedecer ao breue do Summo Pontífice.

¶ Os caualleiros fidalgos Napolitanos tem cà mandado o senhor Dom Tyberio Carafa com titulo de Embaixador para se instificarem dos agrauos, & violencias cometidas contra o Cardeal Filomarino seu Arcebispo, quando os dias atraz à espada, & armas de fogo arremeteraõ contra elle, para lhe tirar das mãos as reliquias de Sam Iannario, as quaes dizem ter priuilegio de leuar em tal solemnidade. Accusamno tambem de fauorecer os France-

zes/

ses, & não ter coração Castelhana, pedindo por essas razões a sua Santidade, que seja servido darlhes por Arcebispo ao Cardeal Carafa.

De Liorne aos 8. de Junho.

[Letra capitular] DEfendemse os Castelhanos em Orbitello com muyto valor, animados por Dom Carlos de la Gatta grãde capitão seu Governador. Porem os ministros de Castella começam a recear que tomem em fim os Francezes aquella praça tão importante, mormente depois que tomaraõ as trinta & seis faluas, & hum bergantim, que leuauão socorro a Orbitello, carregadas de seiscentos officiaes reformados, de muytos mantimentos, & dinheiro. Escaparão alguns delles, & logo chegando a Roma foraõse queixar ao Almirante de Castella, que por força pès, & mãos atadas os embarcarão em Napoles.

¶ Espera o Papa de ter antes dos 15. de Junho polla seguridade de seus estados dez mil homês de pè, & dous mil cavallos.

De Veneza aos dous de Junho.

[Letra capitular] AVisamnos as derradeiras cartas de Constantinopla, que os Turcos fazem sempre grandes aparelhos de guerra. Porem esperamos agora em Deos que auemos de alcançar grandes vitorias contra elles, pois se concluyo, a liga, & cõfederação entre os Polacos, os Moscouitas, os Cossacos, & esta Respublica contra aquelle inimigo comum.

De Genova aos 9. de Junho.

[Letra capitular] EScreuese de Madrid que o Marques de Leganés ajunta todo o poder de Castella para cometer o Conde

de Harcourt que està sobre Lerida, & que Sua Magestade Catholica estaua ainda em Pampalona por rezão da doença do Serenissimo Principe seu filho que tinha tres sangrias.

¶ Escreuese tambem como tomaraõ os Franceses hũa meya lua de Lerida perto da ponte, sem ficar hum Castelhana viuio daquelles que a defendião. Todauia mataraõ aos Franceses o Conde de Chabot Marichal de Campo, primo do Conde de Harcourt, & grande capitão. Mataramlhes outra vez os Castelhanos em hũa saída que fez fulano de Brito Portugues, & Gouernador daquella praça ao Marques de Geures, pessoa valerosa, & de grãdes partes.

De Barcelona aos 6. de Junho.

[Letra capitular] QVerendo os Castelhanos com o sitio de Montebranco diuertir mais facilmente as forças dos Franceses que estão sobre Lerida, foraõ por elles obrigados a recolherse. E o Conde de Harcourt nosso Visorey tem tomado o posto de Algouarra que importa muyto para o sitio de Lerida.

De Francafurto ao ultimo de Junho.

[Letra capitular] OS Franceses que estão na guarnição de Brisac, tomaraõ ha pouco 4000. dobroës que o Gouernador de Frankendal mandaua a hũa, & outra praça com 130. caualllos.

De Turin aos 11. de Junho.

[Letra capitular] ALgũas sospeitas, & indicios ha que o Papa, o GranDuque de Toscana, & o Duque de Parma hũa intelligencia secreta resolverão de impedir o bom successo do sitio de Orbitello, nam querendo

nenhum/

nenhum delles os Francezes tão visinhos.

De Fhilisburg em Alemanha aos 13. de Junho.

[Letra capitular] O Marischal de Turena General do exercito delRey Christianissimo em Alemanha arruinou todos os arredores de Frankendal para mais facilitar o sitio daquella Cidade que quer tomar.

De Amsterdam aos 19. de Junho.

[Letra capitular] Está ainda o Principe de Orange na Haya donde ha de partir logo para com seu exercito entrar nas terras do inimigo aos 18. deste mes, não querendo mais as Prouincias vnidas dar credito às proposições que lhe faz atègora Castella, para que tratassem, & concluíssem as pazes sem França.

De Londres aos 16. de Junho.

[Letra capitular] HA quatro dias que o pouo desta cidade deu ao Parlamento hũa petição para que logo sem mais dilatar castigassem os reos, & fizessem pazes com elRey por não poder mais sofrer as miserias da guerra, & a ausencia de suas Magestades, aquem não respondeo ainda o Parlamento. ElRey està sempre em Neufchatel aonde os Escoceses o tratão com muyta honra, principalmente desopis, que vierão a Sua Magestade hũs deputados do Parlamento de Escocia de grande porte.

De Paris aos 23. de Junho.

[Letra capitular] CHegarão a esta Cidade das fronteiras os Reys Christianissimos com grande alegria do pouo; & logo depois chegou o senhor du Gramont mandado a suas Magestades pello Duque de Orleans, para lhes dar conta do q̃ tem feito nosso exercito de Flandes depois de sair d'Arras

& sitiar a importante Cidade de Courtrè perto de Gands no meyo do Condado de Flandes.

De Turin em Saboya a 30. de Junho.

[Letra capitular] Tinha o Governador de Milão estes dias atraz bom proposito de sair em campanha contra os Francezes, porem achou seu poder tão limitado, & os seus soldados tão poucos, & tão fracos, que não se atreueo de arriscalos, atè que lhe chegarẽ outras tropas pellas quais espera cada dia muy desejoso de vingar em aquella Prouincia as perdas que fazẽ, nas outras a elRey de Castella seu senhor. O que tinha de soldados mandou a Cremona para fortificar aquella cidade receando que os Francezes a cercassem.

Do Campo dos Francezes q̃ estão sobre Lerida a 5. de Junho.

[Letra capitular] O Conde de Harcourt se ha de tal modo no sitio desta cidade que não se pode esperar de seu valor, & prudencia senão hum bom successo. Tendo a somana passada auiso como o senhor de Souteuille Governador de Tarragona estaua sobre o lugar de Monte-branco com 1700. infantes, & 300. cauallos para o tomar, & diuertir daquelle modo as forças do sitio de Lerida, mandou o senhor de S. Colomba Marin com 400. cauallos para arremeter com elle em quanto se aparelhassem outras forças mais consideraueis conforme ao successo que tiuesse. Tomou o de santa Colomba ao de Tarragona de repente, & lhe deu tal sobressalto, que leuando logo o sitio se recolheo cõ muyta pressa em Tarragona queimando de caminho huns lugarinhos com tanta raiva que nem a mulheres perdoou, nem a mininos.

¶ Inda que estão em Lerida 900. Castelhanos de guarni-
ção/

ção alem dos Cidadãos que são muytos, toda via sahem poucas vezes contra nós, & deixão nossas trincheiras com muyta quietação, por onde sospeitamos que lhe faltão mais mantimentos, que soldados. ElRey de Castella ajunta todo seu poder no termo de Fraga, fingindo de querer sitiar a Cidade de Flix para diuertir as forças que temos diante desta cidade de Lerida, porem tendo ja preuisto o Conde de Harcourt que podia ir sobre aquella cidade, mandoulhe soldados, munições, & mantimentos para 8. meses.

De Paris aos 30. de Junho.

[Letra capitular] CHegou a esta Corte aos 27. o senhor de sancta Croya capitão de hum galeão delRey, & o senhor de Villanoua capitão da guarda do Duque de Brezè, partidos da armada Franceza, que está na costa de Toscana em Italia aos 18. dão as nouas que se seguem.

¶ Mandou o Duque de Brezè aos 6. hũas fragatas para ter algũa noticia da armada Castelhana, teue auiso, que ja se tinha ajuntada com a esquadra de Napoles, & que estauão no porto de Caillery na Ilha de Sardenha. Foise entã á costa do porto de Hercole cõ a sua almirante, 16. galeões, quatro flutas, oito nauios de fogo, & vinte gales, aonde lhe vierão outros oito galeões, que lhe mandou o senhor Mazarino Arcebispo de Aix em Prouença, irmão do Cardeal do mesmo nome.

¶ Entre tanto chegou a armada Castelhana a Ilha de Mõte Christo. Aos 14. descubrindo a Duque de Brezé, se poz em ordem de batalha na costa de Tallamone, & vêdo que vinha sobre elle chegou a ella de tal modo que se acharaõ ao dia seguinte as duas armadas perto hũa da outra às cin-

co/

co horas da manhã. Nesta occasião o Duque de Brezè deus mostras de seu valor arremetendo o primeiro contra a armada do inimigo, inda que ella tiuesse 31. gales, 35. galeões, & 10. nauios de fogo. Respondeolhe logo com outo tiros ao General dos Castelhanos Pimêta, & seguiose a batalha. Trauou o Duque de Brezé com a sua capitania fortemente com a capitania Castelhana, atè que em fim lhe quebrou o mastro grande com a bandeira que cairão no mar; o que vendo as gales Castelhanas, & os mais nauios de Espanha vieraõ soccorrela, o que não pode impedir que o Duque de Brezè não continuasse de tal modo, q̃ a capitania de Castella foi obrigada a se recolher ao sol posto do mesmo dia totalmente destroçada.

¶ Aos 16. segundo dia da batalha, às noue horas, estando o Duque de Brezé ao mastro grande dando algũas ordens morreo como valeroso capitão de hum balaço inimigo, que lhe lenou^[sic] a cabeça, que tantas vezes tinha offerecida pello seruiço de seu Rey, & honra da patria. Era este Duque de 27. annos, & dous mezes, Par de França, Almirante dos dous mares de França, Marquez de Brezè, Duque de Fronsac, General das armadas, Gouvernador da Rochela, & Prouincia Donix, ainda solteiro, herdeiro, & filho vnico de sua casa, sobrinho do Cardeal Duque de Richelieu, pessoa de grandes partes de muyta experiencia nas armadas inda que com mancebo, & conhado do Duque de Enguien o qual casou com sua irmã, que fica herdeira de sua casa.

¶ O Conde Douhon Almirante da armada, tendo auiso da morte do Duque se veyo meter na capitania, da qual perseguio com grandissimo valor ao inimigo atè aos 17.

em/

em que depois de dous dias de peleja se retirou o inimigo, do qual hũa sua bala encêdeo hum nosso nauio de fogo; & hum capitão Castelhana, que estaua junto a elle, vendo que não podia escapar do incendio poz fogo a seu proprio nauio. Deste modo nos recolhemos a nosso posto, & mandamos a Prouença 8. nauios nossos ja destroçados a refazer. Achase que nesta cruelissima batalha ficaraõ da nossa parte somente 40. mortos, & feridos.

¶ Como a armada Castelhana se recolheo não pudemos saber de certo qual foy a sua perda. Tomamoslhe poucos navios por razão do grande numero de Gales que os defendião. E consta por certo que os seus mortos foraõ muytos.

¶ Estaua ainda o Principe Thomas aos 18. sobre Orbitello, com esperança que dahi a pouco se entregaria aquella cidade aos Francezes, por não lhe poder os Castelhanos dar socorro, senão por via do porto Hercole, aonde fez hũa fortaleza na parte por onde podiaõ passar os inimigos. Aos 9. recebeo de França tres barcos, com oito nauios de socorro carregados de mantimentos, & munição, com dous mil soldados, esperando daqui a pouco outros tantos. Por onde se proua que não faltão mantimentos neste exercito, pois se lhe manda mais gente cada dia.

¶ Chegou às mãos dos Francezes hũa carta do Governador daquella praça de Orbitello para o Visorey de Napoles, na qual lhe dizia que á falta de socorro se entregaria aos 19. de Junho.

¶ O Marichal de Turena General do exercito Frances em Alemanha, vendose apertado pellos Suecos para que se ajûtasse com elles, tem cá mandado hum correyo para saber

as/

as ordens do Conselho, o qual lhe mandou que logo passasse o Rio Rheno, & depois fizesse o que lhe parecesse, & q̃ em occasioẽs semelhantes não tinha necessidade de mandar à Corte.

¶ ElRey de Inglaterra tem consentido que o Principe de Gales seu filho venha a França, como a Raynha sua mãy, q̃ està nesta Corte, & outros amigos lhe pedião, sinal que não tem resolução de fazer pazes tão cedo com o Parlamento.

De Leão de França aos 16. de Junho.

[Letra capitular] ESperamos daqui a pouco pazes entre o Papa, & os Barberinos, porque chegou a esta cidade ha pouco o Cardeal Francisco Barberino, que foy com muyta magnificencia agasalhado, no palacio do Abbade de VideRoy. Chegaraõ em breue a esta mesma cidade o cardeal Antonio, & o Prefeito de Roma Dom Thadeo seus irmãos que estauão em Aix de Prouença. Não vem estes senhores chegando daquelle modo pouco a pouco a Roma sem esperança de algum concerto fauorauel com sua Santidade.

De Londres aos 29. de Junho.

[Letra capitular] EMbarcase o Principe de Gales para Paris, o que sentẽ muyto os Parlamentarios, & fazem o que podem para o impedir.

¶ Temos nouas certissimas de Irlanda como o General mayor Mounq Gouvernador das armas do Parlamento em Irlanda com 9. terços de Infantaria, & II. companhias de caualllo, pelejou com 8. terços de Irlandeses Catholicos, & 12. companhias de caualllo, os quaes com muyto valor, & prudencia lhe fizerão huã emboscada de tal modo que os desbarataraõ totalmente, tomandolhes 9. peças de artilhe-

ria/

ria, todas as suas munições, bagagem, & mantimentos. Ficarão quasi todos os officiaes Parlamentarios mortos, os soldados tambem mortos, no furor da batalha presos, & afogados, de modo que sem duuida nenhũa ficão perdidos os Parlamentarios em Irlanda, se os Irlandeses Catholicos prosiguem a victoria como podem, & de sabê approueitar deste bom successo que o Ceo lhe deu. Mádou o Papa ao seu Nuncio Apostolico que està em Irlanda que declarasse como elle queria em fauor dos Irlandeses Catholicos sustêtarà sua custa em Irlanda seis mil homens.

¶ Aos 15. mandou elRey ao Parlamento os artigos das pazes, perguntandolhe se podia com segurança vir a esta cidade para em presença acabar mais depressa os concertos.

¶ Os Independentes, que são hũa noua casta de hereges nesta cidade, & Reyno os quais querem que em Inglaterra toda não seja Religião permitida, fazem o que podem para impedir as pazes.

De Veneza aos 22. de Junho.

[Letra capitular] DE Corfu he ja saído o Generalissimo Capello cõ huã poderosissima armada para se ajuntar com a outra nossa armada que gouerna o General Morosini, & juntas irem a Dardanelli impedir que a armada do Turco não saya de Constantinopla.

De Munster aos 6. de Julho.

[Letra capitular] OS negocios da Dieta vão muyto deuagar, não querendo os Franceses, & Suecos q̃ se trate de pazes sê primeiramente restituirẽ os Castelhanos o Infante D. Duarte no mesmo lugar de Alemanha aonde o tomarão, & sê êtrar nos concertos o Reyno de Portugal, & Catalunha.

Falase/

¶ Falase muyto nesta Corte das vitorias dos Franceses em Catalunha, Flandes, & Italia, & principalmente desta vltima vitoria naual que alcançarão em 15. & 16. de Junho sentindo muyto a morte do Duque de Brezé.

¶ Esperase que sem duuida nenhũa auerá batalha geral entre os Imperiaes, & Suecos, os quais tinha quasi feitas pazes.

De Amsterdão aos 6. de Julho.

[Letra capitular] AVisasse de Vort q̃ o Principe de Orange faz grandes aprestos, & gente para exercito, duuidase ser contra Anuers, Gãte, ou Gueldres, pela pouca força destas praças.

De Anvers aos 6. de Julho.

[Letra capitular] ENTregouse aos 27. de Junho a cidade de Courtray ao Duq̃ de Orleães, o qual a tinha sitiada cõ 30U. infâtes & 13U. cauallos. Deuse quartel a 2U. infante, que tinha de guarnição, por não poder mais defenderse faltandolhe a poluora, & socorro, porq̃ o Duque de Lorena generalissimo do exercito delRey Catholico, & o Duque Picolomini general debaixo de sua Alteza não se atreuerão dar sobre as trincheiras do Frâces, o qual despois tomou a Cid. Vdenar.

¶ Não se sabe sobre q̃ cidade dará o Duq̃ de Enguiê, sospeitase q̃ irá sobre Cambray cõ os 20U. homens q̃ tẽ.

¶ Chegou de Castella a esta cidade hũ correyo cõ ordẽ de fazer pazes cõ os Olãdeses de qualquer modo q̃ podese ser.

De Lisboa aos 17.

[Letra capitular] SObese cá por via de Cadiz, Seuilha, & Segouia, como os Frãceses tinhão tomado a Lerida despois de desbaratar o socorro q̃ lhe vinha de Castella, & matar ao Marques de Laganes 4U. infantes, & 2U. cauallos, & catiuar o Duq̃ del Infâtado General da caualleria, cõ outros senhores. Por via de S. Lucar se soube como Orbitello se tinha também entregado aos Francezes.

Taxasse ẽ 6. reis.

Coelho.

**GAZETA
DO MES DE
SEPTEMBRO, E OVTVBRO
DE 1646.**

DE NOVAS FORA DO REYNO.

*ENTRE AS QVAES SE DA CONTA DA CHEGADA
da esquadra Portuguesa a França, com outras circunstancias
tocantes a ella: & declarase a verdade no tocante a el
Rey de Castella, & os Olandezes.*

De Roma aos II. de Agosto.

[Letra capitular] CHEGOV a esta Corte por Embaixador ordinario delRey de Castella o Conde de Onhate, o qual aos dous de Iulho foi beijar os pez a sua Santidade.

¶ Ao dia seguinte veyo de Frascati o Principe Casimiro, para visitar a Marichala de Guebriant Franceza, a qual na volta de Polonia, aonde foi de Paris acompanhar a Rainha de Polonia, quis por deuação vir a esta cidade, & por nossa Senhora de Loreto voltar para França. Os Castilhanos lhe negaraõ o passaporte, que pedia. Pouca cortesia foy trattarse de tal modo hũa senhora tão authorisada, & virtuosa mormente não se negando passaporte nenhum em França aos Cás-

¶

tilhanos/

tilhanos que querem ir para sua terra.

¶ Ha poucos dias que por este Estado, & Cidade vimos passar a caualleria do Reyno de Napoles para ir socorrer Orbitello, de que por tres vezes se foy queixar a sua Santidade o Abbade de Sam Nicolao da parte delRey Christianissimo seu Senhor; porê nestas tres audiências não alcãçou mais do Papa senão palauras geraes cõ as quaes se queixaua sua Sãtidade dos Castilhanos pello ter afrontado de tal modo passando pellos seus estados contra sua vontade, & que se vingaria muyto bem delles. Entre tanto vimos fazer ao Gouernador desta cidade todas as diligencias possiueis, para que os fugidos da caualleria Napolitana não fossem para sua terra, & continuassem o seu caminho para Orbitello. Estranhouse aqui muyto de ver tanta afeição, & partialidade para com os Castilhanos na principal pessoa destinada para executar as ordens de sua Santidade.

¶ Aos dezaseis de Iulho ouue hum Consistorio geral, no qual o Papa declarou, que daqui por diante não queria, q os Cardeaes filhos, ou irmãos de Reys, ou Principes soberanos tomassem o titulo de Altesa real, ou Ducal, mas somente o titulo de Eminencia, contra o que tinha ordenado em hũa Bulla o Papa Vrbano octauo seu predecessor.

¶ Ordenou o Papa ao Cardeal Casimiro, que daqui por diante não morasse no nouiciado da Companhia, mas escolhesse em Roma algum paço para fazer os exercicios or
dina/

dinarios de Cardeal nouo se viuer mais incognito, porq̃ lhe veio a ordem delRey seu irmão, que se sojeitasse ao que desejaua o Papa, & se contentasse do titulo commum aos mais Cardeaes. Obedeceo o Principe Cardeal, & porque se declarou por França, escolheo os paços reaes de França, para nelles morar, na rua das quatro fontes. Mandoulhe o Christianissimo hũa boa soma de dinheiro para ajuda de custo, & hũa boa tença cada anno.

De Barcelona aos 15. de Agosto.

[Letra capitular] SObre o auiso, que tiuemos como o Marquez de Leganez tinha ja o seu exercito aparelhado para dar socorro a Lerida, & como elRey Catholico se punha em campanha, para dar animo a seus soldados, & fazer o exercito mais poderoso, ordenarãose nesta cidade procissoes publicas, & se tirou o SANTISSIMO SACRAMENTO na Sè para alcançar de Deos hum bom successo nesta cãpanha defendendo a praça com grandissimo valor o Gouernador Gregorio de Brito Portuguez.

*De Soissons em França na fronteira de Flandes aos
30. de Agosto.*

[Letra capitular] CONcluiraõse a somana passada, & forão firmados os concertos, que se fazião entre Monsiur du Peny deputado de sua Magestade Christianissima, & o Conde de Tuttauilla deputado de sua Magestade Catholica para atè os quinse de Outubro por troca, ou por dinheiro

soltarem os prisioneiros de guerra dambas as coroas. Os Franceses entregarão os Castilhanos em Sam João de Luz, & em Irun. Oos Castilhanos entregarão os Franceses em Perona, & Cambray.

De Genoua aos 12. de Agosto.

[Letra capitular] ELRey de Espanha apremiou os seruiços de Dõ Carlos de la Gatta, que defendeo Orbitello, com o Principado de Monte Storace.

¶ Os dias atras tomou esta cidade por Padroeiro nouo a Sancto Antonio de Padua Portugues com proposito de levar daqui por diante a sua Imagem nas procissoes com a Imagem de Sam Ianuario seu antigo padroeiro.

¶ Os muytos progressos, que fazem os Turcos na Prouincia de Istria, que fica no mar Adriatico a tres iornadas de Veneza defronte da Marcha d'Ancona causa grandissimo medo nesta Cidade, & obrigou o Papa de mandar a nossa Senhora de Loreto huns Cardeaes para levar o famoso thesouro daquella Igreja, & o por em lugar seguro.

Del

De Veneza aos 17. de Agosto.

[Letra capitular] DEgolaraõ aqui o capitão Martino Ostrie por auer entregado aos Turcos a praça de Norigada.

De Praga em Bohemia aos 10. de Agosto.

[Letra capitular] Na Sè desta Cidade foi coroado Rey da Bohemia com muita festa, & alegria o filho mais velho do Emperador.

De Colonia aos 18. de Agosto.

[Letra capitular] Depois de passar o Rheno o Marichal de Turena, cõ o seu exercito Frances, ajuntouse com o General Konismarc Sueco, & ambos desafiaraõ os Imperiaes, & Bauareses, os quaes não quiserão aceitar a batalha.

*Do Campo dos Franceses, que estão em Flandes
aos 27. de Agosto.*

[Letra capitular] NAõ podendo ficar ociosos os Duques de Orleans, & de Anguien, depois de tomarem Cortuè foram logo a Olanda, & deixarão ao Principe de Orange tres mil cauallos, & tres mil infantes de seu exercito para com o Marichal de Gramont seu General ajudar aos estados a fazer algũa facçam de sua parte cõtra os Castelhanos. Voltados q̃ forão, derão sobre Bergues de São Vinox, que tomarão em dous dias com as duas fortalezas, que a defendiaão a hum quarto de legoa.

¶ Aos 4. deste mez fizerão os aproches de Mardik aos 7. abrirão as trincheiras, aos 8. ficarão as baterias, cõtinu

ou o sitio com grandissimo valor de parte a parte atè aos 24. que Dom Fernando Solis, y Vargas, entregou a praça ao Duque de Orleans ficando o Governador officias,^[sic] & soldados prisioneiros de guerra: sairão da praça tres mil homens, acharãose nella vinte peças de bronze, & muita munição.

¶ Neste sitio se ouue toda a nobreza com muito valor, assi os voluntarios, como os mais. O Duque de Anguien foy ferido na mão de hũa estocada, no braço, & na face de hũa granada. Ao Marquez de Tejan lhe leuou hum pilouro a perna. Morreo o Marichal de Campo Duterrail homem de grande porte, & experiencia na guerra que sentirão muito os Duques de Orleans, & de Anguien. Ficou tambem mal ferido na perna o Duque de Nemurs geral da Cauallaria, com outros muitos fidalgos alem dos mortos, que não forão poucos.

¶ Partio hontem o Duque de Orleans para a Corte, depois de entregar o exercito ao Duque d'Anguien, o qual està melhorado de suas feridas.

De Parma aos 8. de Agosto.

[Letra capitular] Tluemos auiso da morte da Duqueza de Modena de parto. Partio de Veneza o nosso Duque para ir dar os pesames ao Duque de Modena seu cunhado.

De Paris ao I. de Setembro.

[Letra capitular] Aconteceo o mez passado aqui o que ordinariamente constuma de acontecer aos grandes estados, que

fazem/

fazem no mesmo tempo guerra em varias partes, a saber ter boas, & ruins nouas. Porque de hũa parte ouuimos os bons successos das armas Francesas em Flandes, Alemanha, & outras partes, temperou a alegria de tão boas nouas o levantamento do sitio d'Orbitello na costa de Toscana, a qual tinha ja sitiada o Principe Thomas por espaço de sessenta & dous dias. As calmas foraõ tão extraordinarias naquellas partes, as doenças tantas no exercito, as enuejas dos Principes visinhos tão notauéis, que se vio aquelle Principe obrigado de se retirar por não ter ja senão pouca gente, & por vir sobre elle o enemigo muy poderoso. Espantosa cousa foy, & muy estranhada de todos partir o socorro de Napoles com muyto pouca gente, & ser tanta a caridade dos Principes por cujos estados passou, que em menos de tres dias chegassem a dez mil infantes, & dous mil cauallos: donde quer que nascesse esta tão repentina multiplicação. Não he pouca consolação nossa terem os negocios de França chegado a tal altura, & a nossa nação ser tão costumada a vencer, que cuidem ganhar os enemigos muyto, quando não perdem nada.

¶ Aos dezanoue de Agosto foy a Rainha de Inglaterra a Fonteneblau com o Principe de Gales seu filho, & o Principe Roberto seu sobrinho, filho de Federico Segundo^[sic] Rey de Bohemia, para visitar a suas Magestades Christianissimas.

De Marselha aos 3. de Setembro.

[Letra capitular] Não se pode com palauras explicar o grande praser, & alegria/

gria, que tiuemos em toda esta Prouincia com sabermos da chegada da esquadra Portuguesa a Toulon, pella qual auia alguns dias se esperaua conforme os correynos, & cartas, que auia da Rainha, & com sua chegada esperamos grandes successos a nossas armas pella fortaleza de seus nauios, & bellicosa soldadesca que nelles vierão os quais juntos com o valor Frances nos prometem auentajadas victorias, nem se pode esperar menos da vnião dos Lirios de França com as quinas Portuguesas. Foi o General da armada Portuguesa Dom João de Menezes, com toda sua gente festejado com todo o aplauso que se pode imaginar, & em particular lhes mostrou especial beneuolencia o senhor Arcebispo d'Aix irmão do Cardeal Mazarino, & o Marichal de Lamilhère General de nossa armada conforme as ordens, que tinha recebido da Rainha. E o dito General da esquadra Portuguesa com os principaes officiaes da guerra forão chamados aos conselhos da mesma guerra, & nelles forão tratados com a diuida honra a tão valentes, & afamados soldados.

¶ Todos juntos, com numero de quarenta & oito nauios nossos de alto bordo, desoito galès, & os sette da esquadra Portuguesa determinão partir aos sette deste mez de Setembro, & vão com tanto segredo, que se não pode alcançar o termo, fim, & derrota que leuão.

De Lisboa aos cinco de Outubro.

[Letra capitular] O Mez passado fez sua Magestade merce ao Conde da Vidigueira do titulo de Marquez de Niza, &

auendo/

auendo respeito a elle se auer portado com tão bom successo na Embaixada de França, o tornou sua Magestade a nomear com Embaixada extraordinaria às Magestades Christianissimas com negocios, conforme se entende de summa importancia.

¶ Tambem Sua Magestade confirmou a Dom Diogo de Lima o titulo de Bisconde de Villanoua da Sirueira; por renunciação que nelle fez o Bisconde seu pay.

¶ Nomeou assi mais Sua Magestade por Arcebispo de Lisboa a Dom Manoel da Cunha Bispo d'Eluas, & seu Capellão môr, que estaua nomeado Arcebispo de Euora.

¶ Em Eluas aos noue deste mez dia de Sam Dionísio primeiro Apostolo de França, morreo Monsiur Gabriel du Laurans fidalgo Francez da Prouincia de Anjou capitão de caualllos, das estocadas, que recebeo na batalha de Tlena pelejando com o seu valor ordinario. Foy enterrado na Igreja de Sam Domingos d'Eluas com todas as ceremonias, que se pode.

¶ Morreo tambem na mesma semana poucos dias depois o senhor Iorge de Mello tambem capitão de caualllos da mosquetada, que na mesma batalha lhe passou ambas as pernas, fazendo como costumaua com grandissimo animo, & prudencia o officio de capitão, & de soldado.

¶ Estas duas mortes sentirão muyto os Generaes, & mais officiaes da guerra assi Portugueses, como Franceses, por serem estes dous fidalgos tão mancebos, & tão valerosos.

Che-/

¶ Chegarão aqui segunda feira dous nauios Olandeses os quais dão as nouas, que se seguem. Primeiramente trouxerão hum papel impresso em Olanda no qual se conta muito por miudo o que passou Haya aos vinte & hum de Agosto entre os Estados das Prouincias vnidas, & Monsiur de la Tuillerie Embaixador extraordinario delRey Christianissimo mandado a Olanda para se queixar da parte delRey seu senhor de duas cousas, a primeira dos concertos de pazes que trattauão em particular com Castella. A segunda dos nauios que tinham prometido mandar contra Dunquerque para facilitar o sitio aos Franceses, & que não guardarão sua palaura.

¶ No que toca às pazes com Castella, & hum certo papel^[papel] firmado em Munster pellos Plenipotenciarios de Castella, & d'Olanda responderão os Estados ao ditto Embaixador de França que tal papel não continha senão hūas instrucções geraes para os Plenipotenciarios dambas as partes, & que se nelle ouue algūas proposições de pazes, não foy para que podessem servir de modo algum para o concerto presente, que se presumia, mas somente para que seu tempo, & lugar seruissem no concerto geral das pazes de Munster. E para mayor claresa deste negocio do qual o real Embaixador pedia declaração aos Estados, & que manifestassem de hūa vez o que auia derradeira vez em forma a seu sentido, & animo, na materia, os senhores Estados geraes declararão que não tiuerão nunca, nem oje tinham outra intenção senão de guardar fielmente a irman-

dade/

dade com França, a quom tinhão tantas obrigações, & de quem receberão a conseruação de sua liberdade; prometterão de não fazer nada contra os concertos, & tratados, que sua Magestade Christianissima fizera com elles, para que com a correspondencia, boa intelligencia, & lealdade necessaria aos Estados da Olanda para seu credito, & prosperidade de suas armas, se faça em fim hũa boa, & longa paz na Dièta de Munster por concerto commum, & não particular, conforme ao que resultou entre elRey Christianissimo, & os ditos Estados na junta, & tratado do primeiro de Março de 1644. o qual os senhores Estados querem, & mandão a seus Plenipotenciarios de Munster, que guardem, & obseruem pontualissimamente.

¶ Quanto o que toca mandar os nauios prometidos à costa de Dunquerque conforme ao tratado, que se fez no principio da campanha, declararão os senhores Estados geraes, que forão muytos delles mandados a seu tempo a ditta costa, mas que tendo o seu Almirante Tromp noticia que o enemigo não tinha por mar forças algũas de consideração, & que o exercito Frances estaua polla terra dentro, & não parecia querer sitiar praça nenhũa maritima, nem se sabia o dessenho do Duque de Orleans sobre Mardik, & Dunquerque, iulgou o ditto Almirante ser mais acertado correr, & crusar o mar em busca de fragatas Dũquerquezes, entre tanto faltandolhe o necessario foi obrigado voltar outra vez a Olanda, como tambem para de nouo concertarem os nauios. Prometerão os Estados de
reparar/

reparar a falta com muytos, outros nauios, que mandarião logo à ditta costa para facilitar os dessenhos de sua Alteza real. Por remate de tudo pediraõ os senhores Estados geraes de Olanda ao senhor Embaixador, que fosse seruido voltar logo a França, para informar, & a certificar a elRey Christianissimo seu senhor, & à Rainha Regente sua may da boa, & sincera vontade, que tinhaõ pa-

ra seruiço de sua Magestade.

Com as licenças necessarias, & Priuilegio Real.

Na Officina de Domingos Lopes
Rosa. Anno I646.

Taxão esta Gazeta em ^[?] reis. Lis
boa 30. de Octubro de I646.

Coelho.

Ribeiro.

**GAZETA
DO MES DE
NOVEMBRO, DE 1646.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

DE NOVAS FORA DO REYNO.

*EM A QVAL SE CONTA O ESTADO DOS NEGOCIOS
das pazes geraes as victorias dos Franceses em Flandes, & Alemanha,
a presa de Furne, & de Dunquerque, com as Capitulações. Os successos
victoriosos da Armada de França, & esquadra real de Portugal em
Italia, o estado das guerras do Turco, contra os Vene-
zianos, & os concertos de S. Santidade com
a caza Barberina.*

*Estado da dieta de Munster, & Osnabrut, aonde se trata das
pazes geraes, tão desejadas.*

[Letra capitular] ASSI como são crueis as guerras que hoje ha entre os Principes Christãos de Europa, assi tambem he difficultuoso fazer estas tão desejadas pazes tão esperadas, & a Deos tantas vezes pedidas.

¶ Ha ja mais de 3. annos q̃ pello suaue, & paternal cuidado do Papa Vrbanno VIII. de felix memoria, começaraõ a se ajuntar os deputados Embaixadores, & Plenipotenciarios de varios Reynos, Estados, & Republicas da Christandade em Alemanha, na Cidade de Munster, q̃ he livre, & cabeça da Prouincia de Westphalia. Porem tão pouco foi o proueito q̃ atè o mes de Setembro deste anno de 646. se auia feito, q̃ aos 3. do dito mes se resolueo o Conde de Trautmansdorf Plenipotenciario do Emperador, voltar a Viena de Austria corte de S. Mag. Imperial, por não ver geito, nem esperança nenhũa de se poderẽ estes negocios concertar. Pedio por este effeito, & recebeo os passaportes dos Embaixadores Pleni_

§

poten/

potêciarios de França, & de Suecia, os quais todavia lhe representaraõ como era necessario considerasse mais de vagar as ruins consequências desta sua ida, & q̃ melhor fora esperar, & fazer ainda mais extremos para enfim alcançar o bem, & gosto de toda a christandade. Assi o fez, & com bom successo no q̃ toca os negocios do Emperador seu Senhor para cõ França, porque dali a pouco acabaram os Frãceses seus concertos com o Emperador, concederam a França tudo quanto pedia, mas sempre cõ protesto de q̃ França não cõcluiria nada sem Suecia, & aliados, nem o Imperio sem Castella.

¶ Partirão os tres Plenipotenciarios de França, os Senhores Duque de Longauilla, & Condes de Auos, & de Seruien de Munster para Osnabruk, aonde assistê os Plenipotêciarios, & os mais protestantes Plenipotenciarios de Suecia: a darlhe conta do que tinhaõ feito, para elles se accommodarê tambem com o Emperador: acharam os Suecos tão graues com os successos q̃ se haõ de referir no seguinte Capitulo, q̃ se tornàram sem averiguar nada. Foram propios, & correys a Suecia, & a França; até q̃ não venhão, senão pode saber nada, nem se faz negocio.

¶ Em quanto foraõ os Plenipotenciarios Franceses de Munster a Osnabruk foraõ os Mediatóres ver ao Conde de Penharãda Plenipotenciario de Castella, & lhe disseraõ q̃ conuinha que Sua Excelencia respondesse às propostas q̃ França tinha dado. Respondeo o dito Conde q̃ estaua muito sentido, porq̃ huns livros q̃ tinha mandado vir de Italia, lhe não eraõ chegados, replicoulhe o Mediator de Veneza dizendo, Senhor esses liuros que Vossa Excellencia espera tem algũa conueniencia com a paz? Respondeo o conde q̃ a paz tinha muito q̃ cuidar, & q̃ elle cuidaria nisso mais de vagar. Cõ esta resposta se despediram os Mediatóres, & cuidão os bem entendidos q̃ morrem agora os Castelhanos pera se fazerem pazes, & q̃ disso grande argumento foi auerse de tal modo o Embaixador delRey Catholico, fingindo por soberba natural de sua nação de não querer o que desejaõ notauelmente.

¶ Pedem a liberdade do Senhor Infante D. Duarte, todos os Principes do Imperio por concerto de paz, mas a maldade de

seus/

seus inimigos he muita.

¶ Os Senhores Embaixadores de Portugal Francisco de Andrade Leitaõ, & Luis Pereira de Castro, fazem neste particular marauilhas.

¶ Por carta de Munster se soube como em Suecia se tem feito hũa companhia de Mercadores, de que he presidente o Cancelario do Reyno para fazerem duas frotas todos os annos para Portugal hũa em Iunho, outra em Setembro.

Estado dos exercitos Franceses, Suecos, & Hassianos confederados em Alemanha.

[Letra capitular] NAõ se pode com palavras explicar o muito que padece Alemanha por ser à tantos annos o Theatro, aonde se representa o jogo insolente de Marte. Parece que não pode mais, & que se não fazem em breue tempo pazes, ficará de todo acabada; porque nesta campanha em quanto o General Torstenson Sueco na Prouincia de Pomerania, & o General Witemberg tambem Sueco na prouincia da Silesia, & outros Generaes da mesma Coroa em Morauia, ouuerão com muy bons successos contra os Imperiaes, victorias espantosas, contra os mesmo; & contra os Bauareses alcançaram, & outras o Marichal de Turena General do exercito Frances que está em Alemanha, & o General konismarcq Gouernador das armas dos Suecos confederados na mesma parte.

¶ Em o principio do mez de Setembro depois de desbaratar hũa grande parte da Infantaria dos Imperiaes, & Bauareses, encrauar a sua artilharia, & queimar toda a bagagem, entraram pello estado, & terras do Duque de Bauiera os ditos exercitos de França, & de Suecia cada hum por sua parte, & com tam felix successo caminharam que em menos de oito dias se fizeraõ senhores de sete praças das mais fortes, & principaes daquelle estado alem de muitas outras que tinhaõ ja tomadas, sem derramamento de sangue, nem morte de gente mais que virem os Magistrados das cidades, offerecendolhe as chaues duas legoas antes de che-

§3^[2]

gar/

gar a ellas.

¶ Das cidades principaes que tomaram são Lamberg, Hocstad, Dirlinguen, Norlingnen, Dunkelpièl, Neustat, Multilbach, Multembourg, Aschafembourg assento do Arcebispo, & leytor de Moguncia (que tem os mais famosos paços de Alemanha tirando os paços de Monachio) Carstat, Ginsbourg, Donauerth, Raim, o monte de Schellemburg; Ausbourg, & Schorendorf, que o Marichal de Turena General do exercito Frances sitiou, & tomou com vinte mil homens, & oitenta peças de artilharia, alem destas cidades fizeramse senhores da campanha nos ducados de Franconia, & de Witemberg, no Bispado de Wittebourg, & na prouincia de Suecia, obrigando as cidades de contribuir aos gastos da guerra com dinheiro, & mantimentos.

¶ Assombraram de tal modo ao Duque de Bauiera estas victorias, & progressos dos Franceses Sueccos que não se cuidando seguro em seus estados de Bauiera, desemparou a sua corte, & se foi esconder nos Alpes na fortaleza de Brauna que esta no condado de Tyrol, & João de Verth Imperial com a cauallaria foise com toda a preça para a conseruaçam de Ratisbona, entretanto que chegasse o Archeduke Leopoldo.

Estado das guerras dos Franceses contra Castella em Flandes, com a preza de Dunquerque, & Furne.

[Letra capitular] NÃo bastou aos Franceses chegar nesta campanha no meyo de Flandes, tomar Cortié, Bruges de Sam Vinox, Mardik, & Furne, com todo o seu termo que tem setenta & duas villas, ou lugares; não lhes bastou desbaratar a melhor parte da Infantaria, & cauallaria enemiga no cerco desta derradeira praça, & prender a D. Luis de Benauides General da cauallaria, & sobrinho do Marquez de Carracena, com outros muitos Castelhanos, quis Monsegnur o Duque de Anguien perfeiçoar as suas empresas, & victorias pello cerco, & presa de Dunquerque, & com hũa tam grãde victoria assegurar as nossas costas de ladroës Dũquerquezes, alimpar nossos mares, & fazer
comer/

comercio mais proueitoso.

¶ Pera este effeito começou a sitiar a Cidade, por mar, & por terra aos desanoue de Setembro. O campo diuidio em tres quartéis. O primeiro, & o mayor era o quartel delRey, o qual começando na praya do mar acabaua no canal que vai de Furna a Dunquerque; neste quartel estaua Monsenhur Duque de Anguien. O segundo quartel tinha o Marichal de Rantzau, & se estendia do mesmo canal de Furna até outro canal, que vai de Dunquerque a Bergues. O terceiro quartel era de Monsiur de Villequier posto nos arreis polla banda de Mardik.

¶ No mar auia dez fragatas, & doze Belandas Francesas polla banda de Neuporto, & polla banda de Mardik dez naos de guerra dos Olandeses.

¶ Não se podia nesta occasião esperar se não bom successo com tantos, & tam bons capitaes, os quais alem da muita experiencia vinhaõ animados pollas nouas victorias, & presas de tantas cidades. Tam gloriosa facçam, & tam vtil assi a Portugal, como a França, merece que se saibam os nomes dos principaes deste exercito.

¶ O General do exercito Monsenhur Luis de Bourbon Duque de Anguien Principe de sangue filho de Monsenhur o Principe de Condè, de idade de vinte & quatro annos.

¶ Os dous Marichais de França, Monsenhures os Marichales de Gassion, & de Rantzau.

¶ Os Tenentes Generaes o Marquez de Lafertè Imbaut, & Monsiur de Villequier.

¶ Os Marichais de Campo, o Marquez de Noirmontier, o Marquez de Laual Boisdauphin, o Conde de Miossans, o Conde de Quinsé, o Baraõ de Paluau, o Baraõ de Lamoussé, Monsiures Arnaud, de Rouanette, de Marsin, de Chabot, de Castelnau, de Chanlnè, de Chatilhon.

¶ Os Márichais de Batalha, o Marquez de Croisil, o conde de Clermont Vertilhac, o Baraõ de Semur, Mõsiueres de Vinhaux, de Noailhac, de Bougi, de Belloy.

¶ Os Tenentes de Artilharia nas seis baterias que

§3

auia/

f.º 3 – v.º

auia no cerco, Monsiur du Collè, Monsiur de S. Martinho, Monsiur de Graues, Monsiur de Choupes, Monsiur du Bordet.

¶ Os ajudantes, o Marques de Faure, Monsiur de Cauderoque, Monsiur de Quitard, Monsiur de Iansac, Monsiur Alexandre, Monsiur Tolnoy, Monsiur de Scars maltez, Monsiur de Iersé tambem maltez.

¶ Os nomes dos officiaes de Caualaria não escreuo, assi por não fazer esta Gazeta comprida, como tambem por não me parecer necessario, porque nesta empreza pelejou especialmente a Infantaria, ficando no seu posto a cavalaria, porque não ouue occasião de cometer contra o enemigo.

¶ O Capitão da esquadra Francesa Monsiur de Montinhi. O Capitão da esquadra Olandesa Monsiur Tromp.

¶ Os principaes Terços do exercito erão o Terço da guarda delRey dos Esguissaros, o Batalhão de 3U. homens dos Polacos o Terço da guarda delRey dos Franceses, o Terço dos Ingrezes, o Terço de Monsenhor o Duque de Anguien, o Terço de Monsenhor o Principe de Conti seu Irmão, o qual em quanto o Duque triumphaua dos Dunquerquees em Flandes, elle triũfaua tambem em varias conclusões que defendeo no mesmo tẽpo no Collegio dos Padres da Companhia em Paris com admiração de todos; o Terço de Albret, o Terço de Sua Eminencia do Cardeal Mazarino, o Terço de Vatteuilla, o Terço de Picardia, o Terço de Nauarra, o Terço de Piemonte, o Terço de Molondin o Terço de Sua Alteza Real do Duque de Orleans, os quaes Terço com Caualaria, & com os muitos fidalgos voluntarios que dezejaram participar aquella honra de se achar na empreza de Dunquerque, fazião 25 para 30U. homens.

¶ Defenderaõse com muito valor, & grandissima resistẽcia os Dunquerquees, & muitas vezes foram os nossos rebatidos com perda de bons capitaes: quizeraõ os Castelhanos assi por mar, como por terra socorrer a Cidade, mas não lhes foi possiuel, de modo que desconfiados os Dunquerquees trataram aos sete de Outubro de se entregarem, & foram dambas as partes firmados os capitulos seguintes.

Capi/

Capitulações concedidas por Monsenhur o Duque de Anguien
Gouernador General das armas delRey christianissimo nas Prouincias
de Flandes, & de Luxembourg, ao Marques de Leyde Gouernador da
Cidade de Dunquerque, para elle entregar ao poder, & obediencia de Sua
Magestade Christianissima, a dita praça, & a fortaleza chamada Forte Leão.

I^[Letra capitular] *Concedese que a dita Cidade de Dunquerque com o forte Leão, & as fortificações que della dependem se entregaraõ ao poder delRey pello dito Marques de Leyde quinta feira proxima onze deste mez, às sete horas polla menhã, no mesmo estado em q̃ agora estão com toda a artilharia, munições, & mantimentos q̃ nos almasoês da dita praça estinerem, ou em qualquer outra parte polla deffensa, & conseruação da dita Cidade, à qual hora sahiraõ o Marques de Leyde, o sargento General de batalha, todos os Coroneis, officiaes, gente de caualllo, soldados; & geralmente toda a gente de guerra q̃ ha na dita praça, & no forte Leão, com armas, bagagem, mechas acesas, tocando caixas, bandeiras despregadas, com duas peças de artelharia, & que sabindo da dita praça não se lhes fara agrauo algum, & seraõ o mesmo dia com boa escolta, & toda segurança leuados a Neuporto.*

2 *Que quarta feira proxima deste mez de Outubro às seis horas da tarde o dito Marques Gouernador entregará a Sua Alteza a porta da praça q̃ se chama a porta de Neuporto, para que a guardem os officiaes, & soldados Franceses, que Monsenhur o Duque ordenar.*

3 *Que para mais facil execuçaõ destes concertos se fara desdagora tregoa geral de ambas as partes até o dito dia de quinta feira onze deste mez, no qual tempo não se podera desparar artelharia de nenhũa das partes, & ficará cada hum em seu posto, sem poder fortificar-se, ou chegar mais adiante, nem ter communicacão nenhũa, senão for com licença dos Generaes de ambas as partes.*

4 *Que se poraõ hoje vigias de hũa parte & doutra para impedir que não se cõtinuearão as obras, as quais todauia sera licito reparar em presença da vigia, & dando auiso ao partido contrario se caírem ou arruinarẽ.*

5 *Que se pora tambem hũa vigia na pôte polla bãda do mar para dar auiso do que entrar, ou sahir do porto aqual vigia podera visitar quaesquer barcos, & nauios que entrarem, ou sahirem do dito porto.*

6 *Que todos os officiais, & soldados da armada de marinhagem, & todos os Senadores, & outros ministros delRey Catholico moradores da dita Cidade que quizerem sahir o poderã fazer, sem impedimento algum, que podera tambem o dito Marques de Leyde com as duas peças ja concedidas leuar outras seis peças de Campanha do exercito do Barão de Lamboy com os seus cauallos, carros, officiaes & criados.*

7 *Que todos os naturais, & moradores da dita Cidade assi Ecclesiasticos como Seculares de qualquer qualidade, & condição que forem serem conseruados nos seus bens, priuilegios, & franquesas que atégora lograram sem tributos nouos.*

8 *Que todos os mesmos naturais & moradores da dita Cidade assi Ecclesiasticos como Seculares que quizerem sahir com o presidio, ou dois mezes depois o poderã fazer sem impedimento algum com todos os seus bens moueis, & que se lhe dará hum anno para poder vender seus bens de raiz, ou para delles dispor de qualquer outro modo como lhes parecer.*

9 *Que se neste tempo de quarta feira próxima as seis horas da tarde a dita Cidade vier a ser socorrida por terra pello exercito delRey Catholico de tal modo que por força obrigue ao exercito do Christianissimo a se recolher, os ditos capitulos ficaraõ nullo, & a dita Cidade no mesmo estado em que estã, nem poderaõ os cercados receber, ou admitir socorro nenhum por mar, ou por terra se não for socorro q̃ faça levantar o sitio, & se vier qualquer outro socorro que não faça levantar o dito sitio, não o poderaõ os cercados admitir, ou porse em defesa, nem fazer qualquer outro acto de hostilidade para fauorecer ao dito socorro.*

10 *Que se no dito tempo na Cidade entrar algum socorro enuiado pollo exercito enemigo se lhes darà logo passaporte para se voltarem.*

11 *Que se antes do ditto dia de quarta feira dez deste mez de Outubro se publicarẽ pazes geraes entre ambas as Coroas, ambas as partes ficarão no mesmo estado em que agora estão, & que o presente tratado não poderà prejudicar aos tratados que no mesmo tempo se fizerem em Munster, & se publicarem.*

12 *Que se dara logo passaporte a quem o dito Marquez de Leyde nomearà para ir dar auiso destes concertos a Monsenhur de Pico-*
lomini/

lomini Duque de Amalphi, & para com segurança voltar outra vez.

13 *Que para inteira execução deste presente tratado alem da nossa fê, & palaura que empenhamos, o dito Monsenhur o Marquez de Leyde, dara ao dito Monsenhur o Duque de Anguien por refês hum Cronel delRey Catholico, outro Coronel do General Lamboy, o capitão dos Castelhanos que estão na dita Cidade, dous Magistrados, & hum ministro da Camara da marinhagem, & ao dito Marquez de Leyde dara Sua Alteza no mesmo tempo por refês dous Coroneis, & quatro Capitaens.*

14 *Que de ambas as partes se restituirão os presioneiros.*

15 *Que de lhes darão Baixeis, & carros para leuar os doentes, & feridos que estam na dita, Cidade até Neuporto.*

Do Campo de Dunquerque aos sete de Outubro de
1646. assinados

Luis de Bourbon.

Marques de Leyde.

¶ Conforme aos ditos capitulos sahiram aos onze de Outubro da Cidade de Dunquerque, & do Forte Leaõ mil & quinhentos Infantes, & tresentos cauallos alem de quatrocentos doentes, & muitos feridos, confessando que neste sitio lhes morrêram setecentos homens dos mais escolhidos que tinhão, & foram pontualissimamente guardados os capitulos sobredittos.

¶ No mesmo tempo mandou Monsenhur o Duque de Anguien entrar na cidade o presidio Frances, a saber o Terço de Sua Alteza Real o Duque de Orleans, o Terço de Piemonte, o Terço de Molondin, & hũas tropas de cauallos com o Marichal de Rautzac a quem Sua Magestade Christianissima nomeou Gouernador da praça, como era ja da Fortaleza de Mardik.

¶ Depois de entrar na cidade o presidio Frances, entrou Monsenhur o Duque de Anguien com o seu exercito, & se foi a Igreja logo adorar o Senhor, & dedicarlhe as victorias que por

mise-/

misericórdia sua tinha alcançadas no sitio, & na conquista desta praça. Na Sé achàrã todo o Clero, Religiosos, & outras comunidades da cidade, os quais com varios cumprimentos o recebêram, respondendo elle a todos com hũa affabilidade, e brandura, tam notauel, q̃ roubou os corações de todos, & obrigou cada hũ delles a dizer, *perieramus nisi perijsimus*; acabou o *Te Deum Laudamus*, com mais de dous mil tiros, que despararão as esquadras Francesa, & Olandesa.

¶ Dos nossos morreram nesta occasião muitos fidalgos, & officiais assi de cauallaria como de Infantaria, & foraõ feridos tambem muitos, nos quais entra Monsenhur o Duque de Anguien, o qual estando nas trincheiras donde poucas vezes faltaua de dia, ou de noite, a hum seu criado que estaua perto delle lhe leuou a cabeça hum pilouro de 24. libras, de tal modo que dando os pedaços dos ossos daquella cabeça cõtra o Duque ferirano na face, & no pescosso, de sorte que em menos de hum mez foi esse Principe ferido cinco vezes.

¶ Os outros ferido principais são o Marques de Laual boisdauphin Marichal de Campo de hũa mosquetada na cabeça, o Barão de Semur Marichal de batalha de hũa mosquetada na perna. O Barão de Dennemarié de hũa granada. Monsiures de Chabot Marichal de campo, de Iansac ajudante, de hũa mosquetada que lhe quebrou o braço, du Vinhaut Marichal de batalha, de Cauderc que ajudáte de, hũas mosquetadas. Lapomme Ingenheiro, & capitão de mineiros, de Chanclyé, Richard Ingenheiro, & capitão no Terço de Sua Alteza Real do Duque de Orleans, de Boldi Tenente da guarda delRey, de Sallenoue Ingenheiro de hũa mosquetada que lhe quebrou o braço, de Baucourt capitão no Terço de Piemonte, & ajudante de campo do Marichal de Ratnzau, o Bisconde de Aubeterra; o Sargento mor do Terço de Nauarra. Monsiures Breauté, de Graues, de Blanquefort capitaes no Terço de Piemonte, & o Sargento mor do mesmo Terço, de Boulhon Ingenheiro, & capitão de Mineiros.

¶ Com esta preza não ficam mais a elRey de Castella senão tres portos em Flandes, a saber Nieuporte, & Blankemberg, que só são senão para barcos de Pescadores, & o porto d'Ostenda tão

affa-/

affamada por seu sitio capas de maiores embarcações, mas pouco seguro.

¶ Aos desaseis de Outubro, foi elRey Christianissimo render graças a Deos na Sé de Paris com a Raynha sua may, Monsiur seu irmão, os Principes, as Princesas, Senhores, & damas daquella corte, alê dos ministros de Suas Magestades Christianissimas com grandissima festa, luminarias, tiros, & fogos de artificio, nas quais ceremonias assistirão tambem o Nuncio Apostolico, os Embaixadores de Veneza, de Saboya, & os Residentes de Portugal, de Florença, & de outros estados muitos.

Estado das guerras dos Turcos contra os Venezianos.

[Letra capitular] COusa lastimosa he ver o enemigo commum da Igreja fazerse cada dia mais poderoso. Aos onze de Junho chegou a armada Turquesca a vista de Candia com 70. gales, 5. mahonas, ou galeasas, 30. nauios de alto bordo, 200. sicos, ou caramuçois, & pello meyo da armada Veneziana que sitiaua a Capèa, entrou, & meteo quanto socorro quis de mantimentos, & munições; depois de socorrer esta praça desembarcou no mesmo Reyno de Candia 4U. Infantes, & IU. caualllos, os quais tomaram logo o posto das cisternas junto á dita cidade, & os postos de Cahni, & de Bicerno, aonde fizeram duas fortalezas, donde com sinco baterias de muitas peças estão batendo a fortaleza & o porto de Suda no qual está a Armada Veneziana taõ apertada polla dita Armada Turquesca q̃ de hũa parte lhe faltam mantimētos, & da outra não pode sair sem arriscarse muito.

¶ Tomaram també os Turcos na mesma Ilha a Apicomordona posto mui aventajado, o qual com muita couardia desemparraram sem pelejar os Gregos que o presidiauão.

¶ Em Dalmacia també q̃ està para banda dalem do mar Adriatico de Veneza o Baffá de Bosnia não faz poucos progressos cõtra os Venezianos, os quais toda via esperam q̃ não lhes aproueitarà pouco a poderosa diuersaõ q̃ fazem os Cosacos, & os Moscouitas q̃ estão sitiando a cidade de Asach no mar negro mui neccessario, & importante aos Turcos, os quais querendo com 30U. homēs socorrer aquella praça forão desbaratados pollos Cosacos, & Moscouitas, q̃ não quiseraõ esperar, que o Baffá de

Silis-/

f.º 6 – v.º

Silistra Gernerall dos ditos 30U. Turcos cometesse cõtra elles, mas sahiram elles mesmos das Trincheiras ja lhe deraõ batalha na qual ficàram muitos mil Turcos mortos.

Dos concertos de S. Santidade com os Senhores da Casa Barberina.

[Letra capitular] HAuendo emfim respeito Sua Santidade ao que da S. Sè Apostolica merece elRey Christianissimo, concedeo a Sua Magestade, o que com tantos extremos lhe pedia pellos Senhores da Casa Barberina a saber o Cardeal Francisco Barberino, Vicecancellario da S. R. E. o Cardeal Antonio Barberino, camerlengo, & o Senhor Dom Thadeo prefecto de Roma, Principe de Palestrina, todos irmãos, os quais ha ja dias estauam em França debaixo do emparo, & proteiçãõ de S. Magestade Christianissima, o qual por este effeito tinha mandado a S. Santidade Monsenhor Arnauld, Abbade de S. Nicolao de Angers de seu conselho destado, grande pessoa de muitas partes, & merecimentos, para tratar este tam difficultoso negocio; elle o fez de tal modo, & se houue na corte de Roma, & nas audiencias que lhe deu o Papa muitas vezes com tanta prudencia, & tanta destreza, que aos 17. do mes de Setembro admitio aos ditos Senhores Barberinos em sua graça, restituindolhes assi todos os cargos, & dignidades que tinham antes de sahir de Roma, sem delles querer mais senão que para darem prouas de sogeiçam sua, & obediencia perfeita a Sua Santidade, sahissem de França, & se fossem onde elle ordenar de maneira que por ordem do Papa foraose a Auinhã cidade do estado Ecclesiastico. Festejou muito a Corte Romana esta merce polla qual aos 18. foram agradecer a Sua S. o Cardeal deste proteitor dos negocios de França irmão do Duque de Modena, o Cardeal Grimaldi, e o dito Abbade de S. Nicolao. Aos 19. foram os mesmos visitar ao Cardeal Pamphilio sobrinho de S. Santidade, & a Senhora D. Olympia sua mãy, por ella ter feito muitos extremos neste negocio para dar gosto a elRey Christianissimo. Concluiose tudo com luminarias, fogos de artificio, & outras muitas alegrias publicas. Esperase, conforme ao que se julga agora do Papa, & que S. Santidade respondeo ao Abbade de S. Nicolao na vltima audiencia, que os negocios de Portugal se concertáram tão

bem/

bem daqui a pouco na corte Romana como conuem.

¶ Depois de acabar tão felizmente este negocio partio de Roma o dito Abbade de São Nicolao, & se foi as caldas do monte Cassirno no ducado de Toscana; as cartas mais secretas dizem que fingio ir as ditas Caldas, mas que não ja senão a Florença para dar auiso ao gram Duque da noua empreza dos Frãceses ajuntados com os Portugueses, pello que Sua Magestade Christianissima lhe pedia que se declarasse por França, ou Castella, porque não queria aceitar neutralidade nenhũa com as primeiras nouas saberemos o que ja tera feito o dito Abbade no negocio, & para tratar com os Senhores Mariscaes de Lamilheré, & Plemes Praslen generaes da armada.

Dos Successos victoriosos dos Franceses, & Portugueses em Italia:

[Letra capitular] NÃo podendo a Armada Francesa, & a esquadra Portuguesa ficar ociosas em porto nenhum, no mesmo tempo que costumão recolherse as outras sahiraõ estas do porto de Tolon em prouença, com proposito de algũa boa empresa aos 17. de Setembro. Leuaua a armada Francesa dez mil de pé, & 3U. cauallos; leuaua a Esquadra Portuguesa mil & seiscentos para desembarcar ficando os galioes prouidos de todos os soldados fugidos do exercito Castelhana de Aragoã, dahi a poucos dias foram ancorar na Ilha de Pianosa, que fica defronte da Ilha de Elba para a banda do Sul. Depois nos barcos, & mais pequenas embarçaõens Monsiur o Marichal de Lamilherè Monsiur de Hauteroche com os Terços de Sault, de Caluiere, de Berangiere, & da armada do leuante, com hũas tropas de cauallos para tomar noticia das partes principais aonde se podia desembarcar a nossa Soldadesca naquella Ilha de Elba, a qual fica tres legoas de Piombino que esta no certão costa de Toscana em Italia para a banda do Norte, & a noue legoas da Ilha Cersica para a banda do Sul, tendo seis legoas de comprimento, & tres de largura diuidesse esta Ilha em duas partes, hũa das quais que fica para a banda do Norte esta sogeta a elRey de Castella,/

Castella a outra, que fica para a banda do Sul, & de Este, esta sugeita ao gram Duque de Toscana, q̃ nella fez hũa noua, & ferosa cidade q̃ chamão Cosmopolis: no porto Ferraro. Na parte q̃ fica para a banda do Norte sogeita a elRey de Castella ha hum dos mais famosos portos de Italia q̃ chamão Porto Longone. Nelle de hũa parte desembarcaram Monsenhures os Marichales de Lamilleré, & de Plessis Pralin, & cõ elles o general D. Ioaõ de Menezes, cõtra qualquer resistẽcia q̃ fizessẽ hũas tropas de caualllos do enemigo; polla outra parte desembarcou com a sua gente Monsiur de Lunas, q̃ se ouue com muito valor à imitação dos Generaes Frãceses, & Portugues, os quaes desembarcados q̃ foram na Ilha ás quatro horas da tarde, caminharam por penedos, & mõtes sem parar até as duas depois de meya noite. Reconheceram a cidade, & fortaleza de porto Lõgone, deixarão a gente, & as ordens necessarias para a sitiãr, & se foram outra ves para os seus nauios até chegarem as nossas quinze gales, & cento & vinte barcos que não poderam chegar tam sedo com a mais Armada, por razam de hũa grande tempestade que sentia por extremo o Bachio de Sourè Embaxador de Malta em França, & General das ditas gales por não querer ficar a traz em quanto os mais Franceses, & Portugueses pelejauão.

¶ Chegado q̃ foi o dito Bachio de Soure, partiraõ os ditos Mõsenhores o Marichal de Lamilheré, & D. Ioaõ de Menezes para cõ estas 15 gales, & 10 nauios dar sobre Piombino a noite dos 4. para os cinco de Outubro,

¶ Chegaram ao meyo dia, & desembarcaram na costa de Piombino que he hum principado da dominação de Castella, feudatario do Imperio assi como porto Longone; quis o enemigo resistir com hũas, tropas de cauallo, mas vendo como a nossa artelharia q̃ se disparaua dos nauios leuaua pollos ares homês, & caualllos recolheraõse para a fortaleza.

¶ Abriãse as trincheiras á noite das sinco para as seis horas, começaram os mineiros a trabalhar nas minas, poderaõse as baterias, & de tal modo dispararam as peças no Domingo 7. de Outubro, & até segunda feira, q̃ não podendo sofrer o enemi-

go/

go hum tal estrondo, & vendo da outra parte a diligencia dos mineiros começou a cidade a pedir partido mas não lhos quizerão dar os Generaes Franceses, & Portugueses, até se entregar com ella o Castello, & a fortaleza; não quis o Gouernador Napolitano, atè o Marichal de Lamilharé lhe mädar dizer q̃ senão se entregaua logo o mandaria enforçar.

¶ Com estas ameaças, & com o muito que lhe prometéram resolueose o dito Gouernador não sómente de capitular, mas de passar a França, com tanto q̃ esperaria tres dias pollo socorro, os capitulos da entrega, foraõ ordinarios.

¶ Acharam nesta praça tres mil sacos de trigo, q̃ alê dos 400. mädou a Ilha de Elba o viador general da armada.

¶ Esta praça fica na costa de Toscana, tem figura oual, muy fermosa, não se pode ir á roda em menos de hũa hora; alem dos paços do Principe tem hũa boa fortaleza com 4. baluartes perto do mar, & na dita fortaleza; hum castello mui forte; na entrada de seu porto ha hũa lingua de terra que entra muito no mar em cuja ponta ha outro castello fundado sobre hum penedo, de que sahe hũa das mais fermosas fontes de Italia com 4. canos reais. Na mesma praça ha muitos Mosteiros de Frades, & de Freiras, grande pouo, & muita riqueza,

¶ O termo deste principado de Piombino tem 20. legoas, 4. villas muradas, & bẽ pouoadas, muita fruita, muito gado, muito pasto, muito uinho, do qual se aproueitãram os da Armada Frãcesa, & esquadra Portuguesa, & pertêce este Principado ao Principe Ludouisio, sobrinho do deffunto Papa Gregorio XV. & agora casado com hũa sobrinha do Papa Innocencio X. porẽm as fortalezas, & presidios eram delRey de Castella.

¶ O porto de Piombino he tão importante q̃ por ser quasi necessario passarem os nauios por este estreito de mar de 3. legoas q̃ esta entre a Ilha de Elba, & o dito porto quem he Senhor de Piombino fica senhor do mar, & dos nauios que vão de Genoua para Napoles, ou vem de Napoles para Genoua; porq̃ alê de dilatarse na nauegaçam, arriscarseão muito os nauios que forẽ obrigados a deixar a Ilha de Elba, para a banda do Norte, & ir buscar a costa de Africa alem da Ilha de Sardinia.

Dos/

¶ Dos nossos morrêram pessoas de mais porte, o Marquez de Bethune, & o ajudante do Terço do Mast. Foram feridos Monsiur du Montet Capitam da guarda delRey dos Esguissaros na face, & em hũa orelha recebendo algũas ordens do Marichal de Lamilherè, & Monsiur de Aluimar Marichal de batalha de hũa mosquetada.

¶ Depois de tomar esta praça passaram outra ves os Generaes o mar para ir ver o que se fazia pollos que tinham deixado diante de Porto Longone, com o Marichal du Plessis Pralin. Abrirão as trincheiras a noite das dez para os onze de Outubro, & com tanta diligência fizeram trabalhar dezenhando elles mesmos a circumuallação que antes de amanhecer se abrião 250. passos de trincheiras, & chegaram a hum tiro de pistola da contrescarpa, tendo ja feito alojamento para mil homens, para qualquer sahida, & resistencia que fizessem os enemigos.

¶ Tê esta fortaleza 5. beluartes regulares, & perfeitos sobre hũ penedo, hũa fermosissima contrescarpa, bons fossos, & boas meyas luas com 600. Castelhanos de presidio.

¶ Na ponta do porto q̃ tomarão os nossos ha tres bons lugares ainda se achou muito refresco, & muito vinho, alê de 800, sacos de trigo; porem não quizeraõ os Generais que se tomasse cousa nenhũa dos moradores sem lhes pagar.

¶ A Torre aonde se recolherão os castelhanos q̃ querião impedir aos nossos a desembarcarem, tomou Monsiur de Montade com o seu batalhão, & nella achou 4. peças de Artilharia. Outra Torre que seruia de Atalaya aos nauios tomou Monsiur de Valarnau ajudante com a soldadesca que lhe deu para este effeito Monsenhur o Marichal de Lamilherè.

¶ Esperamos daqui a pouco nouas de mais gluriosos successos, não parecendo q̃ possa esta praça resistir muito tempo a duas tam valerosas nações, & tam perfeitamente vnidas.

Outras nouas de Italia.

[Letra capitular] EM Parma aos onze do mes de Setembro morreo o Principe Duarte Farnesio Duque de Parma de febres malignas, da idade de 40 annos, depois de declarar com consentimento da Duqueza sua molher irmãa do Duque de Toscana, tutor do

Princi-/

Principe Ranuccio seu filho de idade de 17. annos, de outros dous seus filhos, & de hũa filha ao Cardeal Farnesio seu irmão o qual tambem nomeou Regente de seus estados atè chegar o principe seu filho á idade de 21. annos.

¶ Aos onze de Setembro as 4. horas polla manhã morreo no seu habito do Capucho o Cardeal Sant Onufrio, irmão do Papa Vrbano VIII. da idade de 77. annos, depois de receber com todos os Sacramentos a benção de Sua Santidade. A congregaçam da propagação da Fè deixou por seu testamento 150. mil escudos, por sua morte vagou o officio de penitêciario mor, & de Bibliothecario Apostolico, com algũas abbasias, & tenças de 40U. escudos.

¶ Morreo tambem o Cardeal de Spinola do titulo de Santa Cecilia no seu Bispado de Mazara ê Sizilia, de maneira q̃ vagaraõ polla morte destes dous Cardeais, sinco lugares no côclauio.

¶ Aos desasete de Setêbro foi despedirse de S. Sãtidade o Cardeal Casimiro, a quem por não querer o Papa dar o titulo de Alteza Real, mas só de Eminencia como aos mais Cardeais que não são irmãos, nem filhos de Rey, mandou elRey de Polonia seu irmão q̃ sahisse de Roma, & voltasse para Polonia.

¶ Em Napoles morreo aos sinco de Agosto na idade de 77. annos, o Marquez de Torrecuso General da armada Castelhana, aos 6. do mesmo mes morreo tambem Dom Luis Rodrigo General da cauallaria Castelhana ambos de dous pello muito que padeceram no sitio de Orbitello, aonde forão as doenças tam malignas, que morreram muitos officiais, & soldados nos hospitaes de Genoua, de Roma, & de Napoles.

Nouas de Castella, & de Catalunha.

[Letra capitular] SOubese por cartas do câpo de Lerida do I. de Outubro como o Marques de Leganes vinha dar socorro a Lerida cercada á perto de sinco mezes pollos Franceses, & q̃ no dia seguinte avia de dar contra as suas trincheiras cõ 25U. homens, & 30. peças de artilharia porê o Conde de Harcourt se tinha també intrincheirado que não parecia poder o Castelhana fazer leuantar o sitio daquela praça.

¶ Aos 7. do mesmo mes de Outubro (conforme se soube por varias partes) morreo em Saragoça o Principe de Castella; ja cazado por procuração com a filha do Emperador; as circunstancias desta morte esperamos cada dia.

f.º 9 – v.º

[fólio em branco]

**GAZETA
DO MES DE
AGOSTO, DE 1647.
DE NOVAS FORA DO REYNO.**

*ENTRE AS QVAES SE DA CONTA DO LEVAN-
tamêito de Napoles, & de Sicilia com as presas de Baſſea & Dix
muda pellas armas de França, & a grãde victoria q̃ os
venezianos tiueraõ do gram Turco.
ao primeiro de Iulho de 1647.*

[Letra capitular] Chegaraõ aqui hũ dia destes duas galés de Sardenha a dar auiso de como a Armada de França, composta de trezes galés, e uinte e quatro nauios & algumas tartanas haviã dado fundo em o Cabo Polo, iunto da quella Ilha: cõ o qual o nosso Visorey mandou logo reformar o presidio desta cidade & o de Gaeta, & assi o de todas as mais praças maritimas: adonde enuiou tambem caualleria: & no mesmo tempo despachou a Sicilia huã salua cõ auiso ao Marques de los Velez, prometendolhe tambem mandar socorro, em cazo que não pudesse compor & apasiguar os poucos leuantados daquelle Reyno: donde se auisa que não contentes ainda com auer lansado os officiaes del Rey de Espanha, lançaraõ tambem os Capitaes das galés Espanholas, em cujo lugar puseraõ outros Sicilianos. O que de maneira tẽ dado animo & ousadia a todos os demais, que se daõ por descontentes, que já as cidades Mazzara, Trapani, Monreal & Syracuse se tẽ feito de sua facção cõ os de Palerma, & quasi todas as outras cidades, excepto a de Messina: à qual O Visorey se retirou de baixo da palaura, que os moradores lhe daõ de o defender contra todos, & leuantar as tropas necessarias pera segurança de sua pessoa. Tẽse por cousa certa, que estes poucos haviãõ ia posto os olhos ã o marques de

A

Ge/

Geraça da caza Vintimilhia, pera o declarar por Rey de Sicilia debayxo do nome de Antonio primeiro: porem esperamos mayor certeza.

De Veneza a 3. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] DEspois q̃ nossas tropas de Dalmacia leuantaraõ o cerco de Clissa, o exercito dos Turcos emgrossou de maneira em esta Prouincia q̃ ao presente se acha cõposto de sessenta mil homes, a mayor parte dos quaes veyo da Bosnia, & seus contornos, donde foraõ enuiados pello Baxás daquellas frõteiras: os quaes se haõde diuidir em tres corpos; hũ pera atacar Zara, outro pera Sébenica, & outro pera ir contra a cidade de Travv edificada sobre hũ rochedo & se comunica por duas partes somente, q̃ ficaõ huã da parte de terra firme, & outra da parte da Ilha de Bua é o nosso golfo: & sendo ellas tomadas, lhes fica a entrada totalmente liure. Com o qual auiso se dera logo ao General Foscolo sessenta mil ducados para pagar a gente de guerra, q̃ té em aquelles quartéis, & breuemente se lhe hade mandar socorro. Os inimigos não fasem ao presente tantas pillhagēs é o Leuante, como ate gora. Da quellas partes nos escreuē q̃ o seu General Baixà do mar hauendo reforçado em oporto de Scio seis gales & duas vrcas ‘cõ a flor de toda sua soldadesca, & as chusmas cõ a de vinte gales, q̃ deyxou desarmadas é aquelle, porto se partira na volta de Metelin & dali a Volo, onde se fora ajuntar cõ vinte gales mais bẽ armadas, q̃ ali o esperauaõ, pera iuntas passar é socorro de Canca: mas tem os auiso, q̃ o nosso generalissimo Cromauí lhe defedia cõ muito valor a entrada da quele porto: & mandando tres galés atomar lingua dos inimigos, tiueraõ taõ boa fortuna, q̃ encontraraõ nestes mares tres saiques Turquescos cargados de monições, & os tomaraõ cõ os baixes & gēte de guerra, q̃ os cõdusiaõ a Canca: a cuja chegada receberaõ mais os nossos hũ pequeno corpo de armada nual, cõposto de duas galeaças, & algumas gales ligeiras & galeões, pera defender & impedir a êtrada deste socorro, sé o qual os Turcos não podē lōgo tempo conseruar esta praça.

De/

De Constantinopla nos escreueraõ que a gente de guerra se mostra mais descontente que nũa, principalmente depois q̃ foraõ auisados da marcha dos Persianos & Tartaros: o q̃ ostẽ obrigado a fazer propor algũs meyes de concerto & assi mesmo amandar algũ embaixador extraordinario da Republica. A qual tem enuiado ao Senhor Soranzo seu Assistente em Constantinopla as instrucçoẽs necessarias sobre esta materia, desejando hauer aqui arrefẽs antes de enuiar o Embaixador de paz, áqual a porta parece está inclinada. Tiemos novas q̃ hũ de nossos baixeis chamado nossa Senhora do Loreto, q̃ hia pera Candia carreguado de biscouto, cõ algumas mercadorias mais, que hauia decondusir a Tripoli de Soria, fora sumergido iunto desta cidade. Outro baixel Framengo, chamado Sam Ioam Bautista tornando de Candia, õde hauia leuado cõ outros baixeis a Caualleria do Caualeiro de GremonVilla, encõtrou sete baixeis Cossairos, & hauendo pellejado muito bem com elles por bom espaço, depois de cair em suas mãos, pos fogo a sua poluora & se queimou com dous baixeis mais, que o hauiaõ atraquado.

De Ratisbona 3. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] OS Suecos, depois de hauer ordenado tres plataformas, começaraõ abater a cidade Egger taõ forte mente, que a mayor parte de seus altos edificios vieraõ logo abaixo: Principalmente da parte da porta de Scaff, onde he seu mayor poder. Hauiaõ antes disto deixado a cidade de Hoff, mas o seu General Mayor Levvubaupt. a 20. do passado começou a cõbatella & em primeiro lugar o Castello, cujo governador hauia demandado poder sair com seus soldados & toda sua bagage, mas o dito General se resolueo a não os querer receber saluo a descrição.

De Hamburg 3. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] HE falecido o Principe de Dinamarca deidade de quarêta & sinco annos: o qual estaua ia eleito pelos estados pera a sucessão do Reino. Faleceo em Corbics, meya legua de Dresda aos doze de Iulho passado, das des pera as onze da noi

A2

te/

f.º 2 – v.º

te: de caminho pera os banhos de Carelibadt. E na mesma viagem faleceo tambem poucos dias antes o seu Chançarel, de jdade de sessenta e tres annos. Entendese que esta morte atrazará a junta q̃ se hauia de fazer em Odensèa na Ilha Fiunen, & impedirá outrosi a uiagem del Rey de Dinamarca a Gluckstard: pera a qual o Arcebispo de Brémen hauia feito grandes preparações.

[Letra capitular] DE Vvarsouia nos escreuê q̃ os Tartaros continuaõ suas irrupções em as fronteiras de Polonia, por quanto em a vltima Dieta se não muita conta de a suas proposições.

De Leipsic 4. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] AOs vinte e sete do passado se rendeo a descripção aos Suecos o Castello de Hoff: os quaes permitiraõ q̃ os officiaes se pudesse retirar, mas obrigaram aos soldados ali estar êse suas tropas.

De Nuremberg 5. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] O Duque de Bauiera tem feito ajuntar todas suas tropas & as quer reforçar cõ nouas leuas pera defenza das fronteiras do Palatinado, & pera este efeito mandou ordenar hũa ponte de bateis por baixo de Ratisbona, a qual está quasi acabada, & se dis que enuiaraõ hũa parte à Franconia, por estender mais seus quarteis.

De Vuirtzburg em Franconia 6. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] O General Vvrangel tem posto em grandissimo operto a cidade de Egger, afim de a reduzir a sua obediencia, antes que o General Melander Imperial a possa socorrer, em o que elle trabalha quanto pode: & o Senhor Paradeiser, gouernador della faz entre tanto em a praça as melhores trincheiras, que lhe sam possiues; principalmente por detrás da brecha q̃ os Suecos ali tem feito. As tropas que na Austria & outras prouincias visinhas se tem leuantado, montaõ sete mil homens, a mayor parte dos quaes se ham agregado ia ao exercito imperial, o qual vem tambem reforçar o General Montecoculli com as tropas, que gouerna em a Silesia.

De Anuicus 16. de Iulho de 1647.

Aos/

[Letra capitular] AOs doze do Corrente teue aqui audiencia de sua Magestade o Enuiado do Principe de Transiluania. A trese chegou o Senhor de Chasserat com auiso a suas Magestades Christianissima de como o Marichal de Gassion hauia posto cerco à cidade de Basséa desde os II. do mesmo & q̃ pellas sinco horas da manhã seguinte hauia o dito Marichal desbaratado cem Caualos & hũ regimento Ingres de mil homes, que se queriam lansar em a dita praça a mayor parte dos quaes foram mortos ou feitos prisioneiros em a qual reuolta tomarã huma bandeira, que a Rainha fez aqui aruorar em a Igreja dos Padres Agostinhos, por nome nossa Senhora da Fe, onde suas Magestades fizeram dar a Deos as graças do sucesso. O Senhor de Bar Capitam das guardas del Rey chegou tambem honte com auiso da tomada de Dixmuda pello Marichal de Rantzau, aqual passou na maneira seguinte.

A tomada de Dixmuda pello Marichal de Rantzau.

[Letra capitular] AVendose o Marichal de Rantzau separado do corpo do exercito gouernado pello Marichal de Gassion, cõ disignio de cercar alguma praça aos inimigos, & iulgando que as suas tropas nam eram suficientes para atacar a Bassea, a cuja vista passou; Porquanto dous mil caualos enemigos que lhe hiam nas costas em sua marcha lhe impediam fazer a circunuallaçam necessaria para a prasa desta forte praça, & de grande circuito, continuou seu caminho para a cidade de Dixmunda, a qual fica em a Senhoria & Viscondado de Bergade Sam Winot: & para acercar de todos os lados, ordenou ao Senhor de Clanca Marichal do Cãpo, partisse, como fez cõ diligencia de Carteau pera Amieus, a receber nella as ordẽs da Corte, para a inuestidura da quella praça da banda de Furnas & Nieuport. Chegando para este fim a Dunquerque aos outo do corrente; onde aiuntou algũs quarenta bateis em q̃ hiam embarcados cem Suizaros, das peças de artilheria cõ suas moniçoẽs, todas as madeiras necessarias para fazer as pontes & palissadas & tres mil raçoẽs, de pam para o exercito, & se partio aos noue por Furnas, onde chegando de noite cõ algũs mil e seiscentos homẽs, mandou quatro centos, q̃ ao outro dia pella manham fossem tomar seu posto entre Dixmuda & Neiuport – ou Portonouo, que he huma cidade pequena, mas muyto boa, com hũ cas-

A3

telloi

tello assas forte & hũ porto acomodado, & bem frequentado tres legoas de Dunquerque. Chegou elle ã o mesmo dia com todo este aparelho conseguindo que serue de passar os bateis da ribeira de Furnes à q̃ vem de Popringuen, au Poperingua, tres legoas de Casal, & caíndo em a de Ipra se mete em o mar iunto Niuport. Em o qual lugar encontrou ao Senhor Salomaõ Lugartenente Coronel do regimento de Rantzac, q̃ ha vindos segurado da chegada do dito Marichal a Ipra, fez promptamente desembarcar o resto de seus soldados cõ dous bastardos, & as munições necessarias para sincoenta tiros cada huma, & não achando outra cõ maldade alguma as fez leuar & arrastar pellos Suizaros, q̃ se offereceram para as leuar atè o reduto de KnoKe distancia de legoa e meya; o qual despois de ser defendido tres horas & hauer sofrido hũ tiro de canhaõ somente, se rendeo à descripção com quarenta soldados que estauaõ dentro sem dos nossos perigarem mais que dous ou tres, que ali morreram, & outros tantos q̃ ficaraõ feridos. Em o mesmo tempo o Senhor Fularten lugar tenente coronel do regimento de Duglas, q̃ hauia tido ordẽ do Marichal de Rantzau pera ir contra este mesmo reduto, sendo alli vindo com sincoenta homẽs deo aviso ao dito Senhor de Clanleu que o dito Marichal era chegado com seu exercito a huma legoa & meya deste reduto; & assi lhe enuiou o Senhor de Belloy Marichal de batalha & lugar tenente del Rey a Bergues San Vinox com a noua desta presa & receber as ordẽs do que hauia de fazer: que foraõ marchar com suas tropas ao longo da ribeira para estar aos onze seguintes antes de amanhecer a tiro de canham de Dixmuda, & quanto, o Marichal de Rãtzau se auançaua pellos ualles com seu exercito para chegar tambem atiro de canham da mesma praça por alem da ribeira. Entro tanto o Marichal enuiou o seu regimento de Caualleria, & sincoenta mosqueteiros das guardas, a cargo do Senhor de Guillottiera Marichal de batalha, para ocupar o porto de Sam Ioaõ, & fazer paßar o Marques de Noirmõtier Marichal de campo a de Vaumency que estaua mais iunto da cidade com ordem ao dito Senhor de Guillottiera, de enviar alguma gente a Eßoney a tomar ali nouas do Senhor de Bergerè Marichal de campo, que se soube hauer tambem chegado em o mesmo dia, que foram onze do mes, da lem da lagoa com outo centos Caualllos, & sete centos Infantes tirados de Coutra, y os quaes outrosi enuestiram esta praça da parte de

Nil

Nieuport. Todo o resto do dia se empregou em aſentar o campo, & em a cõmunicaçam dos quarteis; mas achandose muito difficultosa, enuiou o Marichal cẽ caualllos & sincoenta mosqueteiros a fortificar o porto de Sam Ioam que hauia sido occupado pello dito Senhor de Guillottiera: & hauendose passado a metade da noite em dar as ordẽs necessarias ao ataque desta praça: ao outro dia pella manham a foy reconhecer cõ o Senhor de Clanleu que chegou tam perto da contra escarpa, que voltandose recebeo hum mosquetada em a espalda esquerda, toda via fauorauel, pois lhe nam fez mais q̃ hum grande pisadura, pella resistencia da Coura que leuaua. A sua volta se resolueo que invadiſsem no mesmo dia os arrabaldes da praça, que consistiam, em hum meya lua tresdobrada, de altura extraordinaria, bem intrincheirada, & com dous foſſos secos muito profundos, & tres meyas luas mais á parte esquerda intrincheiradas da mesma sorte & cõ seus foſſos cheios de agua. Para este efeito mandou o Marichal de Rantzau quatro centos homês das guardas Francesas; dusentos de Piamonte, & trezentos Suizaros atacar a grande meya luà: em quanto dusentos homês condusidos pello Senhor Fularton, fasia hũ falso ataque á outra meya lua, como tâbem fez o Senhor de Bergerê, da parte de Nieuport. Vindo a noite se foy direito aos ataques com faxinas pipas machados & podoês, o Senhor de Noermontier marchando é a dianteira de Piamonte & de Molodin ao ataque da parte direita da grande meya lua, & á esquerda o Senhor de Clanleu, é a frente das guardas condusidos pello Senhor de Riborprè & sustentados pellos senhores de Longuac & Genlis, á esquerda. O q̃ foy executado cõ grande vigor & generosidade. Porque ainda que foy necessario marchar mais de cem passos descuberto, durante a claridade da lũa, q̃ ajudava muito os inimigos, nem por isso os nossos, nam obstante as muytas cargas de mosqueteria & pedras, com granadas, que sobre elles lansauam do alto da dita meya lua, depois de hauer cortado & derribado as paliſadas, deixaram de montar dentro & lançar os inimigos, aos quaes obrigaraõ tambem deixar a outra meya lua; apertando com elles tam fortemente, que lansandoos alem do fosso, da parte da praça algũs dos nossos passaraõ enuoltos com elles por hum pequena ponte feita de duas pranchas, que respondia a hum falsa porta: aqual sendo derribada pellos fugitivos, os nossos soldados condusidos pellos Senhores de Neucourt & de Vieuxburg Lu

garl

gar tenente das guardas, & por dous sergentos, mōtaraõ sobre o seus reparos cõ grande espanto de todo o presidio, que ficou bem assombrado deste temerario atreuimento. Animados os nossos batalhoēs com o exemplo de tã grandes animos, hauendo os seguido para entrar dentro da mesma forte, & tomar a cidade por assalto quebrou a ponte sobre elles, & obrigou a nossa gente a se intrincheirar sobre a grande meya lua & a fazer hum aloiamento em a contra escarpa para ^[forn]ecer aos trabalhadores: & estando os Senhores de Noermōtier & de Clauleu ocupados quãto lhes sera possiuel nisto foram ambos feridos, quasi à hum mesmo tempo de duas mosquetadas que receberam, o primeiro em a espalda direita, & o segundo no braço direito: & querendo dissimular algum tēpo suas feridas por nam desmayar de algum modo a seus soldados que ali estauam trabalhando cõ muyto risco, pois estauaõ expostos ao coniuuo fogo, que os inimigos faziaõ de sua cortina, foram finalmente constrangidos, pello excesso de suas dores, a se retirar, deixando o gouerno deste, trabalho a alguns officiaes, que o acabaram tam prontamente, que seu alojamento se achou de todo perfeito, antes que fosse dia. As outras duas meyas luas hauēdo sido leuadas pellos Escoceses, & Suizaros, o Marichal de Rantzau os fez retirar, por entender lhe não conuinha muito a guarda dellas: E elle esteue sempre posto a cauallo, ao pe da contra escarpa, todo o tempo que durou o grande fogo dos ataques: para dali dar suas ordēs & faser levar os materiaes necessarios a este trabalho, principalmente hũ numero tam grande de faxinas, para entupir o fosso, que ao seguinte dia, que foram trese do mes, pello meyo dia, os moradores obrigaram ao presidio a capitular; o qual constaua de quinhentos soldados & se rendeo à descriçam dos nossos, que os nam quiseram receber, com outra condiçam, senam de ficarē prisioneiros de guerra. A praça he muyto melhor do que se imaginaua, porque alem de sua situaçam tam auentejada, està fortificada com outo meyas luas bem acabadas & entricheiradas: a contra escarpa he muyto boa, os fossos largos & cheos de agoa, & se achou bē guarneçada de artilheria. Està posta sobre o Isara, entre Ipra & Nieuport, distante somēte desta ultima duas legoas & meya. Antigamente lhe chegaua o mar até as muralhas, fasendo hum pequeno braço capaz de receber os baixeis mercantis que ali vinham comerciar, por causa das franquesas, que os antigos Condes de Frandes, seus fundadores, lhe hauiam concedido. He
muyt

muyto celebre & famosa pelloos muytos & notaueis cercos, que gloriosamente tem sustentado; principalmente entre os de Gante & Bruges, & també pella presa q nella fizeraõ os Franceses no anno de 1583. & despois delles o duque de Parma General dos exercitos de Espanha. Tem em si hũa imagem muyto marauilhosa da Virgem Maria Nossa Senhora, a qual affirmão os moradores hauer derramado sangue de hũ golpe, que as ultimas guerras recebeo de hũ soldado Alemaõ, cuja cicatrice se ve ainda, & he de grande deuação em este lugar, o qual està cheo de diuersos cõuentos de frades e freiras. Todas as nossas tropas fizeraõ aqui o seu deuer, & isto basta; porque querer particalauisar a todos, fora hũ infinito & não pode hauer lugar em o limitado de hũa gazeta.

De Genoua 17 de Iulho de 1647.

[Letra capitular] Temendo as gales de Napoles, que o duque de Richelieu General da Armada de França as inuestise é o porto muytas cadeas de ferro & madeiros: & sabendo que se hauia feito à uella na volta de Prouença, se sairaõ é o mesmo dia 29. do passado, & tomaraõ a rota de Napoles.

De Anvers 18. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] DEspois que a Cidade de Wanera foy queimada, os nossos gouernadores fasê guardar a ribeira de Diel por hũ regimento de Italianos para impedir as correrias dos de Mastric. Disse que o Duque Carlos hauia ãuiado ao Conde de Solin Gouernador da dita Cidade de Mastric, pedir satisfaçaõ, q esperaua, da aentender que quer vsar o mesmo em os lugares e senhorios pertencentes ao dito Conde, na passegem, que faz à Alemanha, para onde está de caminho. Leuando esta somana cem soldados Espanhoès, algũs prisioneiros a Malines, voltando pella cidade de Eluerseel, foraõ preuistos de 86. soldados Olandeses que se hauiaõ escondido entre os paês; os quaes não quizeram atacar os nossos, senaõ despois que se espalharam pellas hosterias do dito lugar, onde entrados de improuiso, ouue entre elles hum forte conbate & muy renhido, q durou algũas du

as/

as horas & meya é o qual moreram muitos de ambas as partes, mas finalmente dizem que os nossos ficaram de alguma ventagem.

De Liorne 29. de Julho de 1647.

[Letra capitular] EScreuēnos de Roma que os Venesianos alcansaram em o Leuante hũa gram victoria dos Turcos, a quem queimaram a mayor parte de vinte e seis gales, q̃ estauam em o porto de Scio, depois da saida se sua Armada do Negro ponto, & q̃ tomaram hum forte Castelo, que defendia ao dito porto: & q̃ o Embaixador de Venesa, hauia tido audiencia do Papa para lhe dar conta desta boa noua.

A tomada de Baßéa pellas armas de França.

de Paris 30. de Julho de 1647.

[Letra capitular] EStando o Marichal de Gassion a ponto de abrir a trincheira diante de Bassèa, appareceo é o mesmo tempo hũ socorro dos inimigos, q̃ queria entrar em a mesma praça: o qual era hũ regimento Ingles composto de mil soldados escolhidos, a cargo do Coronel Garing da mesma naçam & cem caualllos, que hauiaõ ser sustentados pellos sinco mil caualeiros & mosqueteiros, que auiaõ sido mandados a gram pressa a cargo do Conde de Buquoy depois do dito Marichal, tanto que os inimigos vißem que elle hauia tomado sua marcha da banda de Artoès. Em o mesmo tempo que o Marichal de Gassion o entendeo assi, mandou cõtra elles seu Capitam Bambach Alemaõ, sustentado de alguma infantaria & Caualleria o qal deu taõ animosamente sobre o regimento Ingles & com taõ boa fortuna, que sem perda de hum so homẽ seu, matou daquella volta dusentos soldados & fês outros tantos prisioneiros, os quaes assentaraõ praça em nossas tropas, & o resto se saluou fugindo: & sendo tambem desbaratados os cem caualllos, deo tal espanto em o resto dos inimigos, q̃ lhes impedio a q̃ dali auante intentassem mais o dito socorro. E o Marichal proseguindo com seu valor acostumado com os dous ataques que fês á praça, & cõ a trincheira q̃ a noite de 16 para 17. abrio, a seguinte se fês Señor da contra escarpa, que foy valerosamente defendida pellos inimigos, em que nos feriram & mataraõ algũs Soldados, & entre elles o Senhor de Roneta Marichal do campo, que nesta occasiã se ouue com muyto valor, recebeo tambem huma mosquetada em huma coxa, mas como se entende,

sem/

sem perigo. A noite de 18. atacaraõ os noßos os de fora, que os desacomodaram muyto, & puseram em aperto tão os cercados, que o Archiduque Leopoldo hauia enuiado ds forças, que tinha diante de Landrecies carregassem sobre os nossos; mas preuenindoo a diligencia & cuidado do Marichal de Rantzau foy de nenhum momêto, porque so seruio de se apertar mais o sitio, a cuio auanço se portaram os noßos com tal valor, que os cercados foram constringidos a se render aos 16. à composiçam verdadeiramente honrosa, por quanto o gouernador o hauia bem merecido, & assi sahiram mais de quatrocentos homês de guerra, bastantes a se sustentar ainda mais algũ tempo, sem o terror, que conceberam do grande vigor com q os nossos foram atacados. De q o Senhor de Barriera Marichal de batalha foy logo a Amiês dar auiso a suas Magestades, da parte de nossos Generaes, o qual os aßegurou que elle hauia visto o dito dia 19. pellas sinco horas da tarde as guardas del Rey êtrar em a dita praça de Bassea: Entendese que apos esta boa noua suas Magestades se preparam para dar cõ sua felice tornada a esta cidade a gloria & contentamêto q ella recebe con sua presença. Foy esta cidade de Baßeia iulgada sempre por consequencia que cada huma das partes fasia o que podia por se ficar senhora della. Os Espanhoes se empregaram muytos annos ã a fortificar. O Marichal de la Milharè a tomou ia pello fim de Agosto do anno de 1641. se bem estaua guardada por mil & outo centos homês. Aos 12. de Setembro do mesmo anno, vendose os moradores de Lila & todo o pais, de entorno trabalhados pello soldados de seu presidio, a quem o avengejado sitio desta praça deu a grandissima commodidade para fazer correrias por toda a visinhança, apertaram tanto com o Cordeal Infante que enuiuou hũ poderoso corpo de exercito, que foy toda via constringido a leuantar o sitio, que hauia posto: mas sendo renouado aos 13. de Mayo de 1642. por o General dom Francisco, de Mello, elle a tornou ganhar ao Senhor de Bourdoacie, mestre de campo, despois de huma resistencia de vinte quatro dias, considerauel para hum exercito tam grande, que lhe lansou dentro mais de doze mil e seis centas balas de canham, & perdeo nella tres mil homês. Desde entam esteue sempre em poder dos Espanhoes, que a guardauam com muyto cuidado, mas sendo constringidos em a presente campanha, onde elles tem lansado todo seu resto, a despojar suas melhores praças de suas guarniçoês, o fizeram tambem a esta, com

a dos/

f.º 6 – v.º

fiados em a bondade de suas fortificações & de seu sitio natural. Porque a ribeira de Lis a defende por de tras; os Pantanos de Flandes, o arroyo de Betuna, & o nosso fosso pella parte direita, os Pontanos de Pont Auëdin, a ribeira de Deula & o Canal de Lila pella esquerda; & alem disso despois destas presas a represas foy grandemente fortificada. Assi que estes sam os Principios da campanha Espanhola, & esperamos em deos q̃ assi sejam os fins com o que permitta elle darmos huma Paz geral entre todos os Principes Christãos, para que unidos se oponham a soberba dos inimigos de noſsa Santa Fé.

[Letra capitular] O Leuantamento de Sicilia, de que no Principio desta Gazeta damos conta he certo: & noua mente o de Napoles; cuyas circunstancias sam tantas, que nam podendo resumirse em este lugar, me obrigam a relaçar Particular, para onde as reseruo. Tambem se diz que as cidades de Salerno & Capua ham siguido o mesmo exemplo: & de Roma auisam que em Orbitello ouue hum moti entre os soldados de seu Presidio, que consta de Napolitanos & Espanhoes; em o qual aquelles constrangeram estes a se sair fora (ficando muytos delles mortos sobre a mesma Praça) os quaes se retiraram a Roma & nam sabemos o que se siguiu despois.

Com as licenças necessarias, & Priuilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa Anno I647.

Taxão esta Gazeta em reis Lisboa
27. de Setembro de I647.

Coelho.

Ribeiro.

**GAZETA
DO MES DE
SETEMBRO, DE 1647.**

DE NOVAS FORA DO REYNO.

*ENTRE AS QVAES DE DA CONTA DE ALGVNS ALEVAN
tamentos mais en as partes de Italia. Se relata o poder das armadas de
França & Espanha, Venesa, & o Turco, cõ outras cousas muy dignas de
memoria, & o desbarato dos ollandeses em a ilha de Ceilaõ.*

do exercito de Catalunha o I. de Iulho de 1647.

[Letra capitular] O Principe de Conde, q̃ diziaõ se hauia retirado cõ seu exercito para Cerueras, estão ainda aquê do Rio Segre, hũa legoa de Lerida: & assi não so lhe falso o q̃ seus inimigos publicarão & fizeraõ imprimir, mas antes cada dia lhe vay chegando grande numero de soldados, & se entende não desalojará seu capo te não hauer posto em lugar seguro todas as monicoês de guerra, & boca, q̃ foraõ retiradas do cerco: é o q̃ se trabalha cõ grãdissimo cuidado, & fadiga, por as dificuldades, q̃ as carretas tê, & a cõducção da artelheria nestes pais. Entre tâto, os inimigos, que estão dentro na cidade, nem as tropas, que lhe sobreuieram, não tem ategora emprendido cousa alguma, nem assi mesmo ousado a parecer em campanha diante dos nossos.

De Bude Weis. 5 de Iulho de 1647.

[Letra capitular] DÍzem q̃ o exercito Imperial, está quasi para se por em Campanha, o qual virá a ser composto de vinte mil Alemaës, seis mil Vngaros, tres mil Croatas, q̃ o Emperador gouerna em pessoa com designio de dar batalha ao General Vvrangel Sueco, cujo exercito he de noue para des mil Caualllos, & de sinco para seis mil Infantes: o do General Vvittemberg de outo mil homês, & o do General Major Levvnhaupt de tres mil, todos soldados experimentados, & resolutos a se bem defenderem. As demais tropas

A

do/

do mesmo partido Sueco, que estão alojadas em a fortaleza de KonigiVvarts cõtинуão entre tanto suas correrias, para se pagarem das contribuições.

De Francfurt sobre o Main 12. de Julho de 1647.

[Letra capitular]AS tropas do Marichal de Turena estão ao presente alojados em o vale de kantzinguen, onde esperão nouas ordês. Aos sete deste mes começarão os Hessienos, gouernados pello General Mortanha, os seus aproxes á cidade de Rhinfeld, q̃ se diz tẽ de prisidio tres mil homens, os quais mostraõ q̃rerẽ se bẽ defẽder, & hauẽdo algũas tropas do mesmo General êcontrado trezẽtos soldados Imperiaes, os desbaratarão de todo, hauẽdo morto muytos sobre a praça, & feito dusẽtos prisioneiros, êtrelles o filho do General Melãder, Cômẽdador de Hẽberg, & o lugar tenẽte Goltz.

De Munster 14. de Julho de 1647.

[Letra capitular]AOs sete do Corrẽte, o Lugar tenẽte konigsmarc Sueco deo hũ assato à cidade de Vvidembruk, cõ grande fortuna, mas foy constrãgido a se retirar cõ algũa perda: cõ tudo se tẽ auizo, q̃ o Coronel Raymondo, q̃ está por Gouernador della, a quer deixar fazendoselhe algũa cõposição honrosa: porem os Suecos lhe não querem conceder, mas q̃ saya á descrição: & se entende sera constrangido a aceitar todo o partido; principalmente sabendo q̃ o General Major Spar, que hauia iunto algumas tropas, iunto a Vvarenderf, para o socorrer, se auia retirado, por nam ver apparencia alguma de poder socorrer a praça.

De Anueres 19. de Julho de 1647.

[Letra capitular]O Archiduque Leopoldo faz ao presente descansar as suas tropas, do grandissimo trabalho padecido em o cerco de Landrecies, durante o qual se diz q̃ perdeu mais de quatro mil homens, alem do grande numero, q̃ se retirou a suas cazas, por quererem ir colher suas nouidades. E assi tornou a mandar os presidios para as praças donde as hauia tirado, temeroso dos ataques dos Franceses: os quaes aos doze do Corrente tomaraõ o batel passageiro de Bruges a Gente, onde fizeraõ quantidade de prisioneiros.

De Liorne 20. de Julho de 1647.

[Letra capitular]DVas Galês do gram Duque de Toscana, q̃ pouco hauia erão idas a corso às costas de Barberia, tornarão aqui esta so-

ma-/

mana com quarenta e quatro escrauos, porem muyto descontentes dos Ministros de Espanha, que os trataram, em sua passagê pellos portos de Sardenha, como se elles fossem seus inimigos.

¶ Em as cidades de Pistoia, & Monte pulsiano ouue ha p ouço algumas alterações Populares, mas foram logo apasiguadas, pello bom cuidado que se nisso teue.

¶ As onze galés de Espanha, q̃ o Marichal de Turena despois de hauer tratado muytos dias com o Coronel Rosa, sem o poder reduzir a q̃ reconhecesse o erro q̃ hauia cōmetido ē desobedecer ao q̃ ElRey, de quem era pago, lhe mãdaua, fez entrar secretamēte alguns Soldados Franceses em a dita praça de Etlinguen, os quaes se fizeram Senhores della, & prenderam ao dito Coronel, que da li apouco foy conduzido a Philisburg.

De Gaeta 28 de Iulho de 1647.

[Letra capitular] AOs outo do corrēte ouue hũa grãde alteração Popular ē a cidade de Cosenza ē a Calabria, ē a qual matarão hũ homē muyto Principal, cujo corpo foy arrastado pellas ruas da cidade: & prenderão algũs quarenta mais, q̃ fauoreciaõ a parte dos Espanhoes; os quaes leuaraõ ao Visorey de Napoles. Em as cidades de Salerno, & de Bari não tem sido menores os tumultos, siguindo o exemplo das mais: & na primeira se tem queimado mais de vinte e sinco cazas; na segunda tē os moradores eleito huma Cabeça, que se faz grandemente temer por as muytas execuções, que faz. O pouo de Mileto tem tambem queimado as cazas do Conseruador Masciarello: & a mayor parte dos vassalos de diuersos lugares deste Reyno, tem posto em cerco a seus Senhores, por quererem sopportar o gouerno dos Espanhoes. De Messina em Sicilia nos escreuem, que metendose o Duque de Paterno em o Castello de Catania, & querendo dali bater a cidade leuantada, o nam pode fazer, por estar toda a artilheria encrauada pello pouo, que toda

A2

uia/

uia está em ma intelligencia com o Visorey.

Do Campo Imperial 2. de Agosto de [...]

[Letra capitular] AVãçãdose os dias passados Ioaõ de Verth, cõ a ala esquerda do exercito Imperial, pella ribeira de Egger, naõ obstante as frequentes canhonadas, q̃ sobre elle tirauão, se lansou sobre hũ dos quarteis do exercito, cõ o q̃ deo lugar a huã cruel escaramuça, é a qual morreraõ muytos de parte a parte. O General Melãder q̃ tãbê se hauia lansado cõ a ala direita, & algũas pequenas peças de campanha, se alojou em o mesmo tempo sobre a montanha de Galgenberg, se bẽ cõ perda de muytos soldados seus: & desta eminencia fez descarregar sua artilheria sobre o capo dos Suecos afim de dar meyo a sua ala esquerda fazer nelle mayores execuções: o q̃ tudo se passou á vista do Emperador, q̃ pessoalmête veyo muytas vezes a este quartel. Dous dias despois, a saber, aos 30 do passado, no apontar do dia, o General Mayor Helm Vvrangel veyo sobre o nosso quartel cõ a ala direita do exercito Sueco, mas elle o achou é tãboa defêsa q̃ lhe não socedeo, como imaginaua: & assi foy obrigado a se retirar a seu posto, cõ perda d'hũ de seus coroneis, de dous Lugartenêtes, & d'algũs soldados. Nos perdemos tãbê ali hũ Ritmestre de Croatas, & algus 30. Caualleiros. E hauêdose os Suecos apartado hũ puco da cidade Egger, o General Melãder a faz bater desta mōtanha de Galgeberg, onde està acãpado.

De Dauray em a Bretanha 3. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] HAuendo tido auiso aos noue do passado trinta e seis dos nossos moradores, q̃ duas pinaças de Fonterabia, hião de contino á entrada do rio de Morhihan, onde fazião suas pilhagês, se resolverão de as atacar pellas ilhas de Honat, & Heidic, a q̃ os Biscainhos chamão de sua pequena Espanha. E de effeito os nossos, metendose em huma barca descuberta, chegarão abordar a mayor destas Pinaças, & despois de hauerem sofrido felismente duas cargas da mosquetaria inimiga, elles se lansarão animosamente é a dita Pinaça, da qual se fizerão Senhores, não obståte sua grãde resistêcia. Em a qual refrega morrerão des dos inimigos, & ficarão outo feridos, hũ dos quaes morreo despois de chegarmos a este porto cõ a preza. Dos nossos morreo hũ somête, & ficaraõ des feridos, dos quaes hũ está é grãde perigo. A outra se saluou fugindo.

De Turim 4. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] OS moradores de Alexandrin, & outros lugares do Milanez, seguindo o exemplo dos mais subditos de Espanha, estão de presênte leuantados contra os Ministros Espanhoes.

De Roma 5. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] HVm correo extraordinario, q̃ aqui não ha muyto chegou de Modena por Napoles, tras q̃ em Orbitello, hũ soldado Napolitano do presidio daquela praça, naõ hauendo querido abaixar a ponte, para fazer êtrar hũ capitão Espanhol, q̃ pouco âtes saira, ainda q̃ elle mesmo lhe hauia dado ordem ao dito soldado, q̃ então estaua de guarda da ponte, q̃ a não leuantasse, ate elle não tornar: o Capitma,^[sic] que foy obrigado ficar toda a noite fora, matou ao outro dia pella manhã a este soldado de hũa punhalada: de q̃ os soldados Italianos, sintindose picados, & achandose mais fortes, se vingarão é os Espanhoés do mesmo presidio, matando delles hũ grãde numero, & fasêdo fugir aos demais; muytos dos quaes se retiraraõ a esta cidade, de Roma.

¶ Aos vinte e sete do passado assistio o Papa á Capella, q̃ se teue ao Quirial, pello aniuersario de Vrbano outauo de piedosa memoria a qual officiou o Cardeal Cornaro, assistindolhe desanoue Cardeaes, creaturas do defunto Papa, alé do Cardeal de la Cueva & quantidade de prelados, & Nobresa.

¶ O Conde de Conuersano q̃ se hauia aqui retirado de Napoles hauia ia algũs dias, & hauia tomado caza é o burgo, foy a noite de vinte outo do dito mes forçado por gêtes incognitas, q̃ o leuaraõ atado em hũa carroça fechada, mas nam se sabe onde foy conduzido; ameaçando, q̃ o matariaõ se fizesse qualquer resistencia. O q̃ tem dado tal alarma ao Duque de Matalona, que se hauia retirado ao Conuento dos Sanctos Apostolos, q̃ pedio licêça a sua Santidade para se recolher em o Castello de Santo Angelo, o q̃ lhe foy permitido, para segurança de sua pessoa.

De Nuremberg. 6. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] D'Espois q̃ os Imperiaes se retirarão de diante da cidade de Egger, & começaram a marchar para Ellenbogen, os Suecos se foram preparando para o mesmo, porem nam se sabe ainda para donde querem tomar. O Duque de Bauiera continua entre tanto em fortalecer suas fronteiras, para impedir o effeito das amea-

ças do Emperador, as quaes ate o presête hão sido inuteis. Aos outo do corrente o Conde de Trautmansdorf, hũ dos plenipotenciarios de Alemanha se partio daqui para o campo Imperial, onde vay dar auiso ao Emperador, de tudo o q̃ se tẽ passado em Munster, & Osnanbruk, no tocante a paz geral.

De Paris os ditos 6. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] TEmos aqui nouas da preza do forte de Nieusdam pello Marichal Rantzau; & q̃ os nossos tẽ tambẽ tomado aos Espanhoes, o famoso, & importante forte da Eclusa.

De Genoua trese de Agosto de 1647.

[Letra capitular] AOs vinte e sete do mes passado passaraõ á vista deste porto desanoue galés de Frãça, tomado a derrota de Piombino, & Portolõgone, onde se dis vaõ ēbarcar algũa gēte de guerra, q̃ ē aquellas praças tẽ, para ajũtar a seis mil soldados da Armada naual q̃ he de trinta e seis baixeis de guerra, & quatro brulotes, q̃ passarão para o Cabo Corso, em respeito de irem da li em companhia de nossas galès para os mares de Leuante, & obseruarem os designios da Armada naual de Dom João de Austria.

¶ A seis do Corrente chegaram a esta cidade em hũa galé de Doria muytas pessoas de condição, de hũ e de outro sexo, as quaes vem fugidas de Napoles, onde as desordēs sam mayores q̃ nunca.

¶ Esta semana chegaram dous nauios de Alicante, os quaes trazē por nouas q̃ a Armada de Espanha, composta de quatorze galés, & sincoēta e sinco baixeis ētre nauios de guerra, & de fogo, estaua ainda ētre Tarragona, & Vinerós, onde esperaua a ordē de sua marcha, & se dis que deue passar aos mares de Napoles, para se oppor aos disignios, q̃ pode hauer em aquelle Reyno. O Duque de Tursi se partio da qui em a galé Patrona, para ir gouernar esta armada, com calidade de Lugar tenēte General, de baixo de Dõ João de Austria, q̃ he o generalissimo. A Armada de França está ainda em o Canal de Piombino, onde espera suas ordēs, & occasião de pelejar com seus inimigos.

De Praga des de Agosto de 647.

[Letra capitular] O General Goltz, que gouerna a artilheria Imperial, & o Conde Pappenhein, seu Parente, se combateram aqui hũ dia destes a cauallo, em o qual combate foy este segundo morto.

Aos/

¶ Aos vinte e noue do passado, tresentos soldados Suecos, dos q̃ estão de presidio é a cidade de Egger, fizerão hũa saída sobre os Imperiaes, & se trauou entre elles hũa peleja bẽ renhida, q̃ durou largo tẽpo, & cõ algũas mortes de parte a parte, se retiraraõ outra ves a sua praça, é a qual tẽ feito quatro baterias. Os Imperiaes prãtaraõ sobre a montanha de Galgenberg outo canhoes, & sobre a de Spitalberg tres, donde fizerão grandes baterias sobre a cidade onde os soldados acudião ao reparo de suas brechas cõ incansauel animo: & se bẽ os dous, exercitos tratando e se entricheirarẽ, dauaõ a entender q̃ seu designio era pretêder atalhar os viures hũ ao outro, & se iulgauão estar de pior condiçãõ os Suecos, por quanto os Imperiaes os fasião levar desta cidade, o effeito mostrou o contrario: porq̃ os Imperiaes forão os primeiros q̃ leuãtarão o cãpo, conhecendo bẽ q̃ a falta de viures, nam podiam subsistir em seu antigo posto, & assi tomarã sua marcha para Ellenbogẽ por obseruarem dali os designios do exercito Sueco, q̃ todauia està a campado iunto a Egger: em cujas fortificações o General Vvrangel faz decontino trabalhar. Esta somana tresentos Cauillos Suecos tomarão a Neustat, Heydt, Rausberg, & alguns outros lugares, donde fizeraõ hum grande saco, O Conde de Trautmansdorf chegou hoje a Bischoffienits: a qual praça, como tambem a de Traces, os Suecos ameçam tomar, em caso q̃ os moradores nam leuem prouisoões ao campo do General Vvrangel.

Do Campo de Lesborges 12. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] O Principe de Conde se acha bẽ a Deos graças da colica, q̃ o obrigou estar de cama outo dias: suas tropas estão ainda é os antigos postos: como tãbẽ os dos imigos, q̃ se vão preparãdo para sair a cãpanha. Dizẽ q̃ desejam muyto a Flix, & a Mirabel, peq̃nas praças, huma junto de outra: donde tiuemos hoje auiso, que eram chegados a Vinerós sincoenta vellas: mas nam se sabe ainda se vem a Italia, esperando os inimigos algumas tropas daquella parte, ou se sam baixeis seus destinados à guarda de Terragona: do que o Principe tem enuiado tomar lingoa, & do estado da armada inimiga; como teue informação das ordes da corte, pello Marques da Monssava, que ontem tornou à este campo.

De Batisbona 12. de Agosto de 647.

Ha/

f.º 4 – v.º

[Letra capitular] HAuendo o General Major Helm Vvrangel aos trinta do mes de Iulho, passado o rio de Egger cõ algũs regimentos, se lansou sobre a ala esquerda do Exercito Imperial cõ tanta força, q̃ a fes retirar: & mandando depois tres regimentos cõtra o quartel dos Croatas e Dragoẽs, deu cõ o resto sobre o do Emperador, donde fes tambẽ desalojar duas companhias do regimẽto das guardas do Coronel Levvenstein, & lhes ganhou hũa bandeira. Depois disso se auançou sobre a ponte da casa, onde estaua alojado sua Magestade Imperial, tão secretamẽte, q̃ não foy reconhecido, se não depois de hauer dado carga sobre os Imperiaes: & assi logo o Coronel LeVvenstein pondose em a fonte de suas outo companhias iũtas cõ os Croatas e dragoẽs, e defẽsa della, os Suecos se retirarão & desde então ate o presente não passou mais cousa alguma entre estes dous exercitos, saluo algumas escaramuças; mas a sua muyta visinhança fas esperar entre elles alguma batalha.

De Auestardaõ 12. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] CHegarão ha pouco des nauios das Indias Orientaes, mas cõ muyto menos mercadorias, do q̃ tinham de costume: dão por nouas q̃ e a Ilha de Ceilaõ os moradores matarão algũs quatroçẽtos e sincoẽta Hollandeses, & fizeraõ mais de Duzẽtos Prisioneiros, apos o q̃ lhes ganharaõ hum pequeno forte.

¶ Tendo os Estados auiso, que todos os Domingos muytos moradores Catholicos do pais de Vvaes, vinhaõ á Igreja de S. Ioaõ Steen, onde acudiaõ muytos padres a diser Missa; fizeraõ hũas trincheiras ao redor da dita Igreja, pondo ali de guarda hũa companhia de soldados.

De Veneza 12. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] TEndo auiso o nosso prouedor General Foscolo, q̃ o Baxà de Natolia, era chegado a Albania com seis mil Ianizaros, & quãtidade de milicias, para vir a Dalmacia opporse a nossos progressos, leuanto o sitio, q̃ hauia posto à cidade, & fortaleza de Clissa, achãdosse cõ pouco poder para bater aquella praça, & a tãta multidão de tropas inimigas; as quaes tẽ ordẽ de marchar pellas mōtanhas caminho da mesma praça: donda hauendo dali a pouco saído outo centos Turcos para darẽ sobre Spalatro, se encontraraõ com os nossos, para a parte de Salona, & depois de hũa larga,

& cru/

& cruel escaramuça, em q̃ morreraõ muytos de parte aparte, & entre elles o Capitaõ Tartallia Venesiano, forão os inimigos cõstrangidos a se retirarem ao fauor da artilheria de Clissa. Tem manifestado terem disignio sobre Sébenico, q̃ se tẽ ia com este temor, fortificado, & munido de todas as cousas necessarias para sua defensa. Os mil Infantes, q̃ o Papa mandou ã socorro desta Republica chegaraõ felismête a Zara, donde os nossos Preuedores auisão os meynos contra a inuasaõ dos inimigos, que se preparam para tomar vingança das desgraças q̃ receberaõ em a Prouincia de Dalmacia, ao principio desta campanha; onde os nossos depõs de hauer arrasado, & queimado todas as praças que lhes foraõ ganhadas, se destribuirão em quarteis para se refrescarem. Entretanto a nossa armada de Leuante se não occupa em mais, que em obseruar a dos Turcos, que todauia está em seus antigos postos, donde se despos a fazer passar seus conuoyos e viueres, & moniçoões de guerra a Canea, cuja guarnição foi dali a pouco tempo reforçada do mais q̃ estaua em Rettimo: resoluendose os Turcos a consumir pouco, & pouco nossa Armada, em quanto continuão a deliberação de impedir a entrada do socorro, o qual elles podem fazer ali passar de Morea, dentro de seis horas, com qualquer vêto fauorauel.

¶ De Constantinopla nos escreuem, que hauendo sabido o gram Senhor a noua da perda de seus saiques, Caramuçaes, & outros Baixeis, q̃ o nosso Géral Grimani lhe tomou em o posto de Cisme fizera prender o seu grão Visir. mas q̃ a grão diligência da Sultana mãy de sua Alteza, cõ duzentas Sultanas mais, q̃ o dito grão Visir hauia peitado, o liurou da prisaõ, onde não esteue mais q̃ 6. horas, & hauendoo restabelecido em seu cargo, lhe mandou enuiasse promptamente ordens expressas ao Baxà, q̃ gouerna a Canea, que se fizesse senhor de todo aquelle Reyno ou lhe leuasse sua cabeça com as de todos seus officiaes. Priuou tâbẽ do cargo em o mesmo tempo a Toch Ali Baxa Aga dos Ianizaros, por naõ hauer feito embarcar o numero de soldados, que lhe elle hauia ordenado: & depõs o general Baxà do mar; em cuja praça meteo hũ manço de vinte annos, muito animoso: o qual casou com a filha vnica do defunto Sultaõ Amurares: & por continuar uiuamente a guerra, fez tirar de Casna, q̃ he o seu thesouro, seis milhoões para esta futu

f.º 5 – v.º

tura conquista: para a qual se di_s tem ia cem galès, & gram numero de saiques, & mahonãs. A nossa armada ao presente consta de vintetres gales ligeiras, as quaes com as auxiliares, & quatro mais Venesianas, q̃ se lhes hade ajuntar faraó numero de sincoenta, & seis galeaças, vintequatro nauios grossos, que tambem deuem ser reforçados de dez mais, que são partidos de Corfu, & de quantidade de pequenas fragatas, em as quaes se ham de embarcar quatro mil infantes estrangeiros, feitos pella Republica, & alé disto muytos artificios de fogo, de que os Turcos tem notabilissimo temor. He certa a entrada de hũ socorro em a Canea de tres mil Turcos, & quantidade de moniçoões, que vieraõ em sincoenta gales, condusidas pello Baixaõ General do mar: as quaes retirandose quis inuadio o nosso Generalissimo Grimani, mas ellas se meterão em o porto de Maluosia, donde não querem sair, ate não chegaré outras muytas gales, que esperaõ de Constantinopla. Contudo o nosso General Dolfino tem por sua a campanha em o mesmo Reyno de Candia, com desouto mil homês, assi soldados pagos, como miliciarios, os quaes fazem suas correrias até as portas de Canéa. O General Ghildas continua tambem seus progressos em o mesmo Pais, onde ao presente desfez tresentos Infantes, & dusentos Caualllos Turcos, dos quaes cento e cincoenta forão mortos, & os de mais feitos prisioneiros; & lhes tomou tres bandeiras em o qual encontro perdemos o Gouvernador Rossi, o Coronel Gherardi, & seu Lugartenente, com quarenta soldados. Tomarão os ditos Generaes em o mesmo Reyno o Castello de Temene; ^sete milhas de Rettimo; ao qual os Turcos hauiam muyto bem fortificado, & tinham nelle quatrocentos soldados de presidio, os quais foraõ quasi todos feitos em peças; & neste sucesso perderão tãbem os nossos algũs soldados, entre elles hum nobre Venesiano da Casa Quérini: o General Ghildas foy ferido em o rosto. Tambem o Caualeiro de Gremonvilla desbaratou a Caualleria inimiga em o mesmo Pais.

De Nanci 17. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] HAuendo o Marques de la Ferté Senetére iunto quatrocentos, ou quinhentos homês dos prisidios desta cidade, de Mirsal, de Dieusa, de Mets, & de Thiouuilla, se partio da qui aos des

des-/

deste mes, para ir sobre a Mosella, onde tomou o forte de Bridimò, donde se hauia saído a mayor parte da guarnição, sê ficarem dentro mais de trinta homês, os quaes se renderam á vista da artilheria. Tomou mais a cidade de krenckmark, onde hauia sincoenta homens, que se renderam prisioneiros de guerra, depois de hauerem sofrido vinte tiros de canha. O Senhor de Marolles, que com elle estaua, se ficou daquella parte, para fazer arrasar as fortificações destas duas praças, & por este meyo, impedindo que os inimigos não tornê a reedificallas, deixar liure o comercio entre Mets, & Tréues. Os regimentos Franceses do Marichal de Turenna correraõ atê as portas de Lucemburg, & em sua marcha tomarão muytos lugares e villas daquelle Pais.

De Marselha 20. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] EM o mes passado chegaraõ a Tulon sete baixeis em que hauia tres d. Portugal: os quaes encontrando em sua derrota dous baixeis Turquescos, os abalroaraõ, & tomaraõ com quinhêtos escrauos: do qual porto partiraõ aos 24. do passado todas as nossas gallês, com todos os baixeis de guerra, mas não se sabe ainda qual seja o seu disignio.

¶ Tiuemos auiso que o baixel chamado a Copa de Ouro, gouernado por hũ Framengo, o qual partio da qui não ha muytos dias com trinta marinheiros, para passar a Alepo, encontrandose com hũ Cossario de Tripoli, montando de dusentos homens, entre gente de mar e guerra, ouue entre elles hũ grãde cõbate, do qual a nosso leuou a ventagem, hauendo morto mais de sessenta Turcos, & feito alguns mais prisioneiros.

De Ruaõ 29. de Agosto de 1647.

[Letra capitular] HAuendo o parlamento desta cidade declarado por sua sêtença dos 21. deste mes ao defunto Mathurin o Picardo Cuta do Mecnil Iurdaõ, & a Bonlay seu Vigairo, conuencidos da Magica, & Sortilegio, condenou ao dito Bonlay a ser queimado viuo, & o corpo do dito Picardo se fez tambem em cinsa, o que foy executado esta somana em a nossa praça do Velho mercado.

De Londres aos 30. de Agosto de 647.

[Letra capitular] TEMse grandes esperanças de que este Reyno seja breuemête restabelecido em seu antigo lustre, & sua Magestade Brita-

nica/

nica, é sua primeira autoridade, & assi o pedem geralmente os poucos. Da Prouincia de Gales avisão, q̃ a mayor parte dos moradores se tem aleuantado, & querem tomar as armas por sua dita Magestade: o q̃ da bem é q̃ cuidar às duas camaras, as quaes ordenarão ao General Major Langhorue, que tratasse de os apasiguar: assi mesmo temos nouas, q̃ as tropas, que estão em o Pais de Kent querem seguir o proprio partido de sua Magestade: q̃ os moradores do Pais de Bukingam, & outras prouincias visinhas, mandarão pedir ao General Farfax que não quisesse emprender nada contra o bem do Reyno, em o qual caso estauão prestes para o fauorecerem; & que os do Pais da Cornualha tanto que tiueraõ auiso que sua Magestade estaua em bõ caminho para se restablecer, protestauão de pedir iustiça contra todos os que ate o presente são causa de tam grandes diuosoês. Neste comenos nos escreuerão de Irlanda, que alguns outo centos homens de tropas, que o Conde de killkirt entretinha em as montanhas de Escocia, eraõ chegadas à prouincia de Vlster em quinse baixeis, para se ajuntarem ao exercito dos Catolicos. &.

Depois de feita esta Gazeta, chegaraõ auisos das baterias, que se estauaõ dando à cidade de Napoles, & do sitio, que se hauia posto à de Milaõ, com outras nouas particulares de que se darà conta em a primeira Gazeta.

Com as Licenças neceßarias, & Priuilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa.

Anno I647.

**RELAÇAM
DA FAMOSA
VITORIA, QVE ALCANÇOV**

em 20. de Agosto deste anno de I648. O
Serenissimo Principe de Conde Generalissimo do Exercito delRey Christianissimo em Flandes contra o Archiduque Leopoldo Irmão do Emperador,
Generalissimo das armas delRey
Catholico nos Países baixos.

E GAZETA DE NOVAS, E SVCESSOS

de fora do Reyno em que se dá conta das cousas de Napoles, & Tortosa, & Milão. Cõ a tomada da Cidade de Praga Metropoli do Reyno de Boemia pelo General do Reyno da Suecia.

[Letra capitular] **CO**mo os grandes sucessos, & casos extraordinarios contêtaõ mais a todos, quanto mais cedo forem publicados quero dar copia de humas relações de credito escritas a 23. & 26. de Agosto em París, & chegadas a esta Cidade aos 28. de Setembro do anno presente, nas quaes se da conta da vitoria.

§

Con-/

¶ Considerando o Principe de Conde que importaua ao acrescamento das armas delRey Christianissimo presentar batalha ao Archiduque Leopoldo, o qual só se podia opor com seu exercito ás empresas de Fança^[sic], o foy a buscar em 19. de Agosto à Villa de Lens que he hum das do Condado, & Prouincia de Artoes, porem por o achar junto á Villa em hum sitio muito forte, como o dito Principe he muito prudente, recorreo às traças^[sic], que em semelhantes occasioens se costumaõ praticar, & assi fingio que fugia para o enganar ate chegar a huma campina desuiada de Lens, em que hauia huma eminencia, a qual ganhou, & aos 20. do mesmo mes de Agosto, dia de Sam Bernardo Padroeiro de Borgonha, de que o dito Principe he Gouvernador, & muito deuoto deste Santo, ao romper da Alua, presentou com seu valor ordinario batalha ao Archiduque, o qual o vinha seguindo com todo seu exercito emaginando que elle lhe fugia, & assi a naõ refusou, tendo o Principe quatro atè sinco mil homens menos que elle. Durou o combate desde as tres para as quatro horas da manhaam, atè ao meyo dia, & por tres vezes esteue a vitoria duuidosa pelo grande animo, & valor dos dous Generaes Principe, & archiduque, & de suas Gentes, & verdadeiramente se inclinaua à parte do Archiduque. Porem a grande experiencia militar, & singular valor do Principe, tinha disposto de sua retaguarda com o General de Harlac hum Tenente General, Gouvernador da Praça, & Cidade de

Bri-/

Brisac em Alemanha, que a governaua, juntandose com o Principe, cometerão com toda a gente ao Inimigo na quarta vez com tanto impeto, que logo poz em delbarate total ao Archiduque, de modo que lhe matou mais de quatro mil homens, & tomou seis mil prisioneiros, quarenta peças de artilharia, duzentos, & vinte, & sinco estandartes, & toda a bagagem, que trazia.

¶ Acabada a batalha, sabendo o Principe de Conde que o Archiduque se saluarà em Lens desejoso de o colher, voltou para aquella parte, & tomou a villa por assalto, em que já não achou o Archiduque, porem em seu lugar fez prisioneiro ao Barão Bec Mestre de campo General, & a seu filho o Barão de Beaufort, ao Principe de Ligne caualeiro do Tusaõ d'ouro General da artilharia, os quais saluarão o Archiduque prezo duas vezes, a Francisco Alberda Tenente General do Barão de Bec, o Conde de Santo Ancour General da artilharia, & o Barão de Crendeuo Mestre de campo da Infantaria, & Governador de Auena, Dom Bernabè de Vargas Mestre de campo da Infantaria Castelhana, Dom Fernando Solis Mestre de campo, Dom Gabriel de Toledo Mestre de campo de Infantaria, Dom Miguel de Luna Veedor General do Exercito. Dom Árias Gonçales filho do Conde de Polincastro, ao Marques de Sam Martin voluntario nas tropas de Lorena Dom Antonio Fernando sargento mor de hũ Terço Castelhana, o Coronel Housse da Cauallaria

§2

de/

de Lorena Dom Antonio Furtado de Mendonça Capitão mor da guarda do Archiduque, o Coronel Vrduisan das tropas de Lorena, o Coronel Gustin das mesmas tropas, o senhor Lencosij Tenente Coronel do Terço de Dom João Moras, Dom Gaspar Bonifacio Coronel de Infantaria, o senhor Galand Ajudante de campo do Principe de Ligne, o Barão de Bonierc Mestre de campo reformado, que foy Gouvernador da Cidade de Volhunos, antes de a tomarem os Franceses. Dom Francisco de Solis Ajudante do Mestre de campo General, Dom Miguel Ajudante do General Bec. E alem destes outros dous Mestres de Campo, dous Coroneis, hum Tenente Coronel, 209. Capitaens. 22 Capitaens reformados, 92. Tenentes 2. Ajudantes, 174. alferez, 244. alferez reformados, 94. sargentos, & 64 sargentos reformados, hum Auditor, 7. Gentilhomens da artilharia noue da guarda do Archiduque, 15. ingenheiros de fogo. Em fim os prisioneiros chegão a seis mil, & duzentos como consta pela mostra, que fizerão delles os Franceses perto da Cidade de Aras, & os mortos passarão de sinco mil, & de toda a infantaria do Archiduque não escapou hum so homem de morto, ou preso, fora de 400, & assi os officiaes della. A cauallaria se saluou por humas lagoas com grande risco, com tudo perdeo o Archiduque mil, & quinhentos caualllos. Elle se recolheo ferido com muita pressa, & desgosto à Cidade de Duay^[2] com sinco caualos, &

com/

com elle o Duque de Lorena passado de huma estocada no braço, como dizem sendo ate a porta da Cidade, & á vista dos vizinhos della perseguidos de huma parte do Exercito do Principe de Condé.

os mortos de consediração.

O General da batalha do Duque Carlos de Lorena. O Marques de Grana. O Conde de Esterd. O Barão de Lambert. O Conde de Coloram. Dom Iozefo Vasco Mestre de campo. Dom Antonio Carlodo Capitão da guarda do Archiduque. O Senhor de Costiza Coronel de hum Terço de cauallaria Alaman. O Senhor Gorn Voluntario filho do Comissario Becker. Todos os Coroneis da Infantaria de Lorena.

Do referido se mostra claramente a felicidade, & destreza na guerra, autoridade, & valor grandioso do Principe de Condè, partes que constituem o todo de hum perfeito General, & pelejando tão valerosamente, que lhe mataraõ os castelhanos dous caualllos debaixo de si, & as armas lhe ficaraõ cheas de pelouradas. O Marichal de Gramont Tenente General do Exercito que gouernaua a ala direita escreueo que o Principe de Condè fez taes proezas, que nam podia pedir mais o desejo humano, dispondo tudo com tanto esforço, que sempre rompeo os Terços do Inimigo; do Marichal de Gramont basta de dizer, que o Principe de Condé não fez, nem executou cousa alguma sem seu conselho, & que nunca o Inimigo pode romper suas

§3

tropas/

tropas. O General de Harlac, a cujo cargo estaua a retaguarda, & o senhor de Chastilhon, que governaua a Infantaria, pelejarão animosissimamente, [ordenando] tudo com muita prudencia.

¶ A noua desta vitoria chegou a Paris aos 22. do mes de Agosto pelo Conde de Chastilhon. Suas Magestades Christianissimas mandaraõ cantar o Te Deum Laudamus na Igreja mayor de Paris a onde forão leuados os 225. estandartes do Inimigo aos 25. dia de Sam Luis Rey de França com grande alegria, por quãto esta vitoria não foy de menor consideração, que a de Rocroy dada pelo mesmo Principe de Condè no anno de 43. em 18. de Mayo, & com esta fica pondo o auge a sua gloria. As mais particularidades, & circunstancias com os nomes de todos os officiaes se imprimiraõ para satisfação de todos os curiosos, & ao bem publico, & couza commum de ambas as coroas, & seus aliados que Deos guarde, & prospere como da outra batalha, q̃ o mesmo Principe deu depois na qual desbaratou 3000. caualllos governados pelo Marques Desfondrato, & da tomada da Cidade de Furnes da qual fez presioneiros 1300. Castelhanos que estauão dentro do presidio, a discrição, & tambem de outra batalha que ganhou em Alemanha o Marichal De Turena General do Exercito Frances considerado com os Suecos na qual desbaratou 2000. caualllos, como mais do desbarato de 800. caualllos pelo mesmo contra, o General Ioão de Verth nẽ a de se esquecer a to-

mada

mada por asalto da Cidade de Tortoza em Catalunha pelo Duque Marichal de Xomberg Vizorey em Catalunha, & de outras mais Cidades.

¶ De Italia se auiza que o Duque de Modena General do Exercito de França com o Marichal Duplessis Praslin no Ducado de Milão, tinham cercado a Cidade de Cremona naquelle estado, & que aos 8. de Agosto estauão já senhores da Contraescarpa das cauas da Cidade, pelo que se conieituraua com probabilidade que estará já rendida, & do partido Frances. Esta Cidade dista da de Milão Metropoli d'aquelle Estado sò dezoito legoas. O Marquez de Villa ficaua governandou outro Exercito Frances para por outra parte sitiar a Cidade de Pauia.

¶ Constrangidos os Napolitanos tanto, como escandalizados de Dom Ioaõ de Austria lhes quebrar a fé, & palaura dada, que vsaria de seu poder só para a quietação do pouo, & não para o castigo, & vendo que contra ella lhes tinha morto tres mil dos seus secretamente, & que para mais intimidar aquelle Reyno, & Cidade, disposera por toda ella cem forças; pretenderaõ buscar outra vez remedio contra esta insolencia para o que se juntaraõ o pouo, & nobreza; & o Conde de Conuersano, que sustenta as partes do pouo tem na, Pulha leuantado, & posto em campanha mais de sinco mil homens determinando libertar por armas sua pátria de semelhante tyrania. A armada Real de França, que se diz que consta de 50. naos de alto bordo, &

24./

24. galè, com muitas tartanas, & outras embarcaçoens, em que se achão 8U. Infantes, & 2U. caualllos, para desembarcar em terra, alem da gente dos [nauios a] qual gouernaua como General o Principe Thomas esta já nas costas de aquelle Reyno para dar calor, & lhes acodir com sua protecção, & tem já lançado gente em terra perto da Cidade, & porto de Gaeta. O Vizorrey Onhate Castelhana com o temor, & receo desta armada, mandou arribar 7. galés, & 5. nauios, que com bastimentos^[sic], & 2U., & quinhentos homens mandaua de socorro ao Estado de Milão.

¶ Em Sicilia não estão as cousas em melhor estado por a grande falta de trigo, & outros mantimentos, que ao presente padece aquella Ilha, em outros annos tam abundante delles, & a grande difficuldade, com que se lhe pode socorrer, nem prouer da parte de Castella. Hà nouas como de tudo se levantarão contra os Castelhanos, & que os deitarão os Sicilianos fora da sua Ilha.

¶ De Roma se auiza hauer sua santidade declarado por nouo Gouernador da Cidade de Fermo a Monsenhor Imperiale, com poderes de Commissario Apostolico, & muita soldadesca para deuassar dos amotinados, que chegão a oito mil. A causa do Motim, & levantamento desta Cidade foy por se auer tirado della a mayor parte do tripo, que tinha, para o mandarem os Ministros Espanhoes a Napoles; de que scandalizados, & levantados cometerão graues insultos con-

tra/

tra a Camera, & Chancellaria, que arrombaraõ, & queimaraõ os papeis, matando a Monsenhor Visconti seu gouernador.

¶ De Alemanha se escreue, que o General dos suecos Connuxmarcq despois de ter, pelos muitos tiros, & artificios de fogo, que lançou sobre a Cidade Velha de Praga, Metropoli do Reyno de Boemia, posto em grande aperto, & despois de pegar o fogo na Igreja noua dos Padres da Companhia, & derribado com os Ingenhos, & machinas os Ingenhos de agoa, & casa do sal da mesma Cidade, & entrara por assalto à escala vista, cõ grande destroço da pouoação, & afronta do partido Imperial, & suas armas, tomando nesta empresa grande sacco, q se aualia em mais de sinco milhoens de ouro, por quãto muitas pessoas poderosas, & riquas do Reyno se tinham alli recolhido cõ suas riqueza, & bês, como praça mais segura, & fortificada, principalmête ao Cardeal de Arac Arcebispo da mesma Cidade, se lhe tomaraõ em dinheiro de contado mais de cento, & sincoenta mil patacas. Durou este sacco em hum dia das tres horas da manhaam ate outro dia às oito horas, sem escapar cousa alguma, excepto a de Henrique Lucemburgo Duque de Saxonia, & da Princesa de Locouitz, que por seu resgate pagou ao General doze mirisdraldes. Na casa do Gouernador Colloredo se acharão I8. centenaes de prata, q fazê IU800 arratês, & mais doze centenaes, que somão IU200. arratês de prata dourada batida, & fundida. Ao Senhor Vueland, q lhe

jul-/

Iulgador se tomarão 20. visdraldes. Tomaraõ os suecos, afora este grandioso despojo, na Cidade cem peças de bronze, oito morteiros, & muito grande quantidade de moniçoens, de que estaua abundantemente prouida pelo Conde de Colloredo, Gouernador que era d'aquella praça, pelo Emperador. Este Gouernador foy retido na casa do Concelho, & elle, & o senhor Vehena, & o Conde Nostix, & o senhor Vberlant foraõ mandados a bom recado a Polonia. O Cardeal Arcebispo Arac, & o Conde Frausmandorf estão presos com guardas em suas casas. Vitemberg General da parte dos Imperiaes entregou ao Sueco toda sua Infantaria, & a cauallaria se acolheo para Guldenstein. Afora os nomeados foraõ prisioneiros pessoas de conta o General Veador mor Dalembergo, O General Camareiro mor Gregorio Martiniz, o Prior de Vischerat, Prior do Castello de Praga, o Brauno de Martiniz. Entre os mortos se acharaõ as pessoas principaes seguintes. O General Barcgraef o Velho Duque de Martiniz, o Presidente da Camara da Boemia Duque do dito Martiniz, o Conde de Furstembergo, o Conde de Cherina, o Conde de Lotxtorqui, o Conde Michana, o Tenente General Smit. Pessoas notauéis feridas o General Capitaõ do Castello de Villanoua, o General Colloredo, o General Butcgraef passado com huma espingarda por huma perna. O General da Suecia seguindo a vitoria leuou o exercito a diante, & ficaua batendo a Cidade de praga a noua, que amendentada com o sucesso da

velha, /

velha, & obrigada do impeto, & valor dos Suecos [vitoriosos], se entende estarà hoje rendida a suas armas.

¶ O Exercito Frances, que assiste nas terras de Alemanha Governador pelo General o Marichal de Turena em quanto o Sueco aperta aos Imperiaes pela parte de Boemia, vay fazendo grandes progressos, & demonstraçoens de valor com grande credito das armas Francesas por todo o Ducadado de Bauiera.

¶ Em Catalunha o Marichal de Xomber Vicerrey daquelle Principado por França, tomou a Cidade de Tortosa, & outras tres de menos porte, a força de armas, á vista do exercito de Castella gouernado por Dõ Francisco de Mello, & o Duque de Albuquerque, & conseguira mayores cousas, se o não impedira a grande peste de que anda inficionado o Reyno de Valença Cartagena, Alicante, & Murcia.

¶ Em 8. de Agosto deste anno chegou à Corte de Paris a suas Magestades Christianissimas hum correo cõ cartas delRey Catholico, pedindo passaporte, & saluo conduto para poderem passar liurementemente de Italia para Castella a Rainha Catholica, & elRey de Vngria seu Irmão, que havião de vir por mar, em caso que encontrassem algũa armada de França, ou tomassem algum porto della. O q̃ suas Magestades Christianissimas concederaõ cõ muita beneuolencia, & magnificêcia Real, oferecendo, se quizessem, a passagem França por terra.

¶ A Malaga chegou o Principe filho mais velho delRey de Marrocos ja defunto, a que outro seu Irmão

tem/

tem vsurpado o Reyno, pedindo socorro a ElRey de Castella, o qual o mandou agasalhar, cõ o estado [decente] a filho de hum Rey.

¶ Auizasse que Dom Belchior de Borja está declarado por General das Galès de Espanha, & o Conde de Onhate confirmado por dez annos Vicerrey de Napoles.

¶ Em Castella se diz hà grandes reuoltas ocasionadas sobre o casamento da Princesa, que os Grandes, & Senhores nam querem consentir que ElRey seu pay, a case com Principe estrangeiro de alguns, que por parte de ElRey se lhes proposeraõ, não querendo que aquelles Reynos passem a Senhor estranho, pela experiencia das ocasioens passadas, que a derão a grandes calamidades com as guerras de Flandes, & outras, & que se case com Senhor Castelhana, & natural. Sobre este caso, & controuersia dizẽ que estão presas mais de 60. pessoas de grande porte, em que entraõ alguns Títulos, & Grandes por não dar consentimento à vontade delRey, que se entendese inclina

a hauer de a casar com ElRey de Vngria filho
do Emperador, & seu sobrinho,
& Cunhado.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno. De I648.

Taxada Em reis em papel.

Coelho.

Ribeiro.

Índice Analítico

A

- A Revolução do Século*, [comédia francesa], 311;
- Abreu, Luís de, 4;
- Accarisio, padre Jacques, 349;
- Achém, rei de, [?], 388;
- Acos, castelo de, 369;
- Afonso, «conde africano», [?], 122;
- Africanos, guerreiros, 122;
- Aglien, marquês de, [?], 119;
- Agostinhos Reformados, ordem dos, [Paris], 279;
- Agramunt, castelo de, 355;
- Agramunt, tomada de, 355;
- Aguillon, duquesa de, [?], 169;
- Ahmet I, sultão turco otomano, 253;
- Aiguebon, monsieur de, [?], [embaixador francês em Piamonte], 119;
- Aitona, castelo de, 56;
- Alange, Antonio, [?], 20;
- Alarcão, D. Francisco António de, [governador do Conselho da Fazenda castelhana], 236; 237;
- Alarcão, Rui de Figueiredo de, [fronteiro-mor de Trás-os-Montes], 4; 41; 78;
- Alarcon, D. Fernando de, 359;
- Alba de Liste, Luiz Enríquez de Guzmán y Coresma, 9.º conde de, [general castelhana], 4;
- Alberda, D. Francisco de, [tenente-general imperial alemão], 459;
- Albornoz, cardeal Gil Carrillo de, [embaixador plenipotenciário espanhol na Santa Sé], 133; 121; 159; 349; 371;
- Albuquerque, Francisco Fernández de la Cueva, duque de, [general castelhana], 224; 467;
- Albuquerque, Nicolau de Paiva de, [alferes português], 88;
- Albuquerque, Ventura da Cunha de, [sargento-mor português], 80; 81;
- Alcanices, Alvaro Antonio, marquês de, [general castelhana], 4;
- Alcântara, quinta real de, [Lisboa], 76; 83; 99; 100;
- Alcobaça, comenda cisterciense de, 32;
- Alconchel, castelo de, 91;
- Aldeia do Bispo, igreja de, 89;
- Alemã, Corte imperial, 207; 331; 357; 380; 402; 415;
- Alemã, nobreza imperial, 222; 240; 416; 417; 418;
- Alemão, bloqueio sueco ao comércio, 165;
- Alemãs, tropas imperiais, 23; 62; 84; 112; 131; 132; 134; 143; 144; 145; 160; 162; 163; 164; 165; 166; 167; 172; 173; 195; 208; 209; 231; 232; 249; 253; 262; 263; 266; 267; 268; 277; 278; 282; 286; 287; 288; 291; 292; 308; 310; 315; 325; 332; 341; 367; 368; 382; 402; 407; 435; 436; 441; 443; 445; 446; 448; 449; 450; 451; 452; 455; 460; 461; 462; 465; 466; 467;
- Aletz, bispo de, [?], 136;
- Alexander, monsieur, [ajudante-de-campo francês], 420;
- Alexandria, porto de, 286; 300;
- Aliança entre o papa Urbano VIII e o duque de Parma, 122;
- Aliança militar entre a Hungria e a Tartária, 207;
- Aliança militar entre a Suécia e a Transilvânia, 172; 368;
- Aliança militar entre Moscóvia e a Tartária, 172;
- Aliança militar entre Veneza, Polónia e Moscovo, 393;
- Alier, monsieur de, [?], 142;
- Almada, D. Antão de, [embaixador extraordinário a Inglaterra], 5;
- Almeida, D. Cristóvão de, 388;
- Almenas, castelo de, 229;
- Almenas, tomada de, 228; 229;

- Altieri, cardeal Giambattista, [ou cardeal da Igreja de S. Maria de Minerva], 238; 261; 349;
- Altieri, signor, [capitão pontifício], 272;
- Alva, conde de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
- Alvarez, António, [impressor régio português], 246; 258;
- Alvimare, monsieur du, [marechal-de-batalha francês], 360; 430;
- Ambleton, marquês de, [?], 25;
- Americanos, índios, 345;
- Amoureux, Donato, [capitão napolitano], 372;
- Ana de Áustria, rainha de França, 106; 107; 116; 117; 158; 212; 213; 214; 215; 216; 222; 225; 226; 227; 228; 233; 238; 239; 245; 246; 250; 251; 265; 267; 278; 279; 280; 293; 298; 300; 301; 311; 313; 315; 317; 319; 320; 321; 322; 333; 329; 337; 340; 341; 344; 347; 360; 391; 392; 395; 409; 410; 411; 414; 425; 437; 443; 462; 467;
- Anatólia, *pasha* da, [?], 452;
- Anglicano, credo, 376;
- Anguina, duque de, [?], 60;
- Anunciação, ordem militar da, [Sabóia], 119; 151;
- Anunciata, igreja da, [Nápoles], 326;
- Anvers, *officina* de Lourenço de, 1; 28; 122; 129; 142; 154; 169; 182; 194; 205; 217; 230;
- Apostólico, conclave, 71;
- Apostólico, paço, [Roma], 351;
- Apóstolos, 375;
- Árabes, corsários, 435; 455;
- Árabes, tropas, 252;
- Aragão, recrutamentos militares em, 234;
- Aragonesas, tropas, 184; 271; 310; 311;
- Arath, cardeal, 349;
- Arc, fortaleza de, 343;
- Arco, [padre franciscano italiano], 171;
- Arcos, Rodríguez Ponce de León, duque dos, [vice-rei de Nápoles], 337; 359; 391; 399; 433;
- Areda, padre Diogo de, 18;
- Argenson, monsieur de, [?], 35;
- Arimberti, cardeal, 50;
- Armazéns Reais, [Lisboa], 17;
- Arménio, prelado, [?], 384;
- Arnaud, monsenhor, [abade de S. Nicolau de Angers e conselheiro de Estado francês], 404; 426; 427;
- Arnaud, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 419;
- Arnul, Juan, [?], 20;
- Arração, príncipe de, [?], 342;
- Arragi, cardeal, 50;
- Arras, cerco de, 227;
- Arsenal, [Paris], 251 ;
- Artifelt, conde de, [major-general imperial alemão], 109; 125;
- Artigos acordados entre Cristina de França, duquesa de Sabóia, e os príncipes de Sabóia, 149; 150; 151; 152;
- Arundel, castelo de, 298;
- Arundel, Henry Howard, 22.º conde de, [comissário da embaixada inglesa a Portugal], 25;
- Aston, Arthur, [cavaleiro e governador de Reading], 209;
- Ataíde, D. Álvaro de, [fidalgos português em Espanha], 237;
- Ataíde, D. Francisco de Azevedo de, 94;
- Ataíde, D. Martim Afonso de, 237;
- Ataíde, Nuno da Cunha, [capitão português], 89; 90;
- Aubeterre, visconde de, [capitão francês], 424;
- Aubiers, Abel Servien, conde de, [embaixador francês à Junta da Paz Geral em Münster], 416;
- Aubigny, lady, [aia da rainha de Inglaterra], 275;
- Aumont de Rochebaron, Antoine d', duque de, [marechal de França], 333; 339;
- Áustria, Casa de, 173;
- Áustria, D. Carlos de, [general castelhano], 323;
- Áustria, D. João de, [generalíssimo de Espanha], 450; 463;
- Áustria, Mariana de, [filha do imperador Fernando III e 2.ª esposa de Filipe IV de Espanha], 467;

Áustria, recrutamentos militares na, 143;
 Austríacas, tropas imperiais, 108; 231; 436;
Auto-de-fé, condenados em, [Lisboa] 64;
 Avaux, Claude de Mesmes, conde de, [em-
 baixador francês à Junta da Paz Geral em
 Münster], 416;
 Aveiro, duquesa de, [?], 101;
 Avignon, cônsules de, [?], 153;
 Avinhão, conde de, [?], 158;
 Avis, D. Pedro Garcia de, [alferes português],
 94;
 Avis, frei Roque de, [frade dominicano por-
 tuguês], 97;
 Avoax, monsieur de, [embaixador plenipo-
 tenciário francês à Junta da Paz Geral em
 Münster], 329;
 Ayala, Fernão Martins da, [tenente portu-
 guês], 389;
 Ayamonte, Manuel Silvestre de Guzmán,
 marquês de, 21; 95;
 Ayetona, paço de, [Barcelona], 311;
 Aygabonne, monsieur, [embaixador pleni-
 potenciário francês em Sabóia], 149; 161;
 Aymery, castelo de, 219;
 Aytona, Francisco de Moncada, marquês de,
 [gentil-homem de Filipe IV de Espanha],
 235;

B

Badajoz, carta de admoestação de Gaspar
 Pinto Correia ao governador de armas
 de, 104;
 Badajoz, governador de armas de, [?], 104;
 105;
 Badajoz, ponte de, 77;
 Badajoz, tambor-mor de, [?], 64;
 Bailleul, presidente de, [chanceler da rainha
 de França], 215;
 Baillibaut, monsieur de, [comandante naval
 francês], 257;
 Bais, monsieur de, [?], 61;
 Bajetta, forte de, 338;
 Balaguer, tomada de, 357;
 Balandria, D. Iñigo de, [governador caste-
 lhano], 4;

Baldelcchi, cardeal, 307;
 Ballader, señor de, [tenente castelhano], 229;
 Baltasar Carlos de Áustria, príncipe das
 Astúrias, [filho de Filipe IV de Espanha],
 235; 261; 358; 394; 431;
 Balthazar, monsieur de, [capitão francês],
 290;
 Báltico, liberdade da navegação e comércio
 no, 332; 357;
 Baluarte da carreira de cavalos, [Lisboa], 33;
 Bamba, «duque africano» da, [?], 122;
 Bambach, herr, [capitão alemão ao serviço
 de França], 442;
 Bambeco, abadia de, 343;
 Bamberg, bispo de, [?], 277;
 Bandarra, 76;
 Bandarra, mercê régia das rendas de uma
 capela a um bisneto do, 76;
 Banier, [?], 240;
 Banzirelo, cardeal, 350; 354;
 Baqui, marquês de, [arcebispo de Atenas e
 núncio pontifício em França], 335;
 Bar, monsieur de, [capitão francês], 437;
 Barac, conde de, [gentil-homem da prince-
 sa de Carinhan], 322;
 Barbaroxa, pirata, 155;
 Barberini, acordos entre o Papado e a Casa
 de, 415; 426;
 Barberini, cardeal Antonio, 134; 158; 273;
 348; 349; 384; 400; 424;
 Barberini, cardeal Francesco, [vice-chanceler
 pontifício], 49; 349; 353; 384; 400; 424;
 Barberini, cardeal, [?], 71; 121; 191; 192; 311;
 325;
 Barberini, Casa de, 415; 426;
 Barberini, palácio do cardeal Antonio,
 [Roma], 348;
 Barberini, Thaddeo, [general pontifício], 351;
 Barcarena, fábrica de armas de, [Lisboa], 30;
 Barcelona, catedral de, 405;
 Baritaus, monsieur de, [?], 60;
 Barkley, John, [governador de Exeter], 268;
 Barlemont, castelo de, 219; 220;
 Barlemont, governador castelhano do cas-
 telo de, [?], 219; 220;
 Baron, monsieur de, [?], 8;
 Baròn, Petro, [?], 20;

- Barreto, Francisco, [capitão português], 389;
- Barrières, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 443;
- Bassonpierre, François, marquês de, [marechal de França], 227; 300;
- Bastilha, fortaleza da, [Paris], 59; 251;
- Basto, conde de, [fidalgo português em Espanha], 237;
- Baumes, barão de, [capitão francês], 363;
- Baupame, governador de, [?], 47;
- Bávara, Corte, 418;
- Bávaras, tropas ducais, 121; 122; 125; 167; 277; 282; 333; 334; 341; 382; 383; 407; 417; 436;
- Baviera, Maximilian I, eleitor e duque da, 121; 122; 125; 341; 160; 167; 382; 417; 418; 436; 449;
- Bazing, castelo de, 303; 304; 305; 306;
- Beaucourt, monsieur de, [capitão francês], 424;
- Beaufort, Philippe-Emmanuel, barão de, [filho do barão de Beck], 459;
- Beck, Johann, barão de, [mestre-de-campo imperial alemão], 249; 459; 460; 461;
- Beguino, frade, [?], 7;
- Bellay, bispos de, [?], 280;
- Belloy, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 419; 438;
- Belly, Dominicó, [mestre de cerimónias do Sagrado Colégio], 349; 350; 354;
- Benedictis, Gabriel de, [sargento-mor de Gravina in Puglia?], 371;
- Benedictinos Reformados, ordem dos, [França], 136;
- Benevarri, castelo de, 255; 256;
- Bentinollio, cardeal, 349; 350;
- Bergère, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 438; 439;
- Berlim, condutor de, [?], 117;
- Berliza, monsieur de, [condutor protocolar dos embaixadores e príncipes estrangeiros em França], 300;
- Betford, William Russel, 1.º duque de, [general realista inglês], 138; 178; 146; 147;
- Béthune, marquês de, [coronel francês], 430;
- Beuvès, bispo de, [esmolador-mor da rainha de França], 213; 251;
- Beyran*, [festa religiosa muçulmana], 198;
- Bichi, cardeal Alessandro, 49; 261; 273; 307; 324; 331; 349; 384;
- Biron, cavaleiro, [?], 149;
- Biron, mariscal de, [?], 47;
- Biscainhos, corsários, 448;
- Biscoito, [alimentação naval], 17;
- Bispo Conde, [?], 57;
- Bivero, D. Álvaro de, [mestre-de-campo castelhano e governador da fortaleza de São Felipe do Monte Brasil – ilha Terceira], 95;
- Blanquefort, monsieur de, [capitão francês], 424;
- Bocoi, conde de, [?], 8;
- Boémias, tropas, 121;
- Bointon, [cavaleiro inglês], 281;
- Boisbondan, frei Gabriel de, [tesoureiro geral da ordem de Malta], 260;
- Boisdaufin, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 245;
- Boldi, monsieur de, [tenente francês], 424;
- Bolhão, [moeda], 236;
- Bolner, [capitão sueco], 145;
- Bolonha, tropas ducais de, 273;
- Bom Jesus de Portugal*, [galeão português], 100;
- Bonasy, signor, [clérigo do conclave para a eleição papal], 350;
- Bondeno, bailio de, [?], 233;
- Bonier, marechal de, [general sueco], 293;
- Bonierc, barão de, [mestre-de-campo imperial alemão e governador de Volhunos], 460;
- Bonifacio, D. Gaspar de, [coronel castelhano], 460;
- Bonlay, monsieur, [padre francês], 455;
- Bonnella-Ballion, monsieur de, [secretrário régio francês], 233;
- Bonvineda, duque de, [mestre-de-campo castelhano], 372;
- Borbom y Oriot, Luis de, [governador castelhano de Thionville], 240; 241; 242; 243; 244; 245;
- Borbom, Isabel de, rainha de Espanha, [primeira esposa de Filipe IV de Espanha], 117; 184; 224; 307; 366;

- Borbon, Casa de, 316;
 Borbon, mademosseile de, [filha do príncipe de Condé], [?], 118;
 Bordet, monsieur de, [tenente francês], 420;
 Bordéus, bispo de, [general da armada francesa no Mediterrâneo], 10; 35;
 Borgia, D. Fernando, 184; 349;
 Borgonheses, espiões, 133;
 Borgonheses, vagabundos, [Roma], 125;
 Borja y Velasco, cardeal Gaspar, 359;
 Borja, D. Belchior de, [almirante castelhano], 468;
 Borja, D. Fernando de, [sumilher régio castelhano], 235;
 Borja, D. Juan de, [tenente-general castelhano], 279;
 Borralho, Miguel Pereira, 56;
 Bosckel, Browm, [?], 140;
 Bósnia, *baffá* da, [governador turco otomano], [?], 425;
 Botelho, D. Rodrigo de, [embaixador plenipotenciário português na Suécia], 329; 345;
 Botera, príncipe de, [?], 34;
 Bouchain, conde de, [mestre-de-campo imperial alemão], 263; 310; 368;
 Bouconville, castelo de, 224;
 Bougi, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 419;
 Bouillon, Eleanora van Berg's-Heerenberg, duquesa de, 122; 157;
 Bouillon, Frédéric Maurice de La Tour d'Auvergne, duque de, [general ao serviço do exército francês], 118; 122; 156; 157;
 Bouillon, monsieur de, [engenheiro militar francês], 424;
 Bourburg, convento feminino de, 339;
 Bourdoacie, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 443;
 Boxes, regimentos de, 60;
 Bradimos, [capitão francês em Thionville], 241;
 Braga, presídio militar de, 43;
 Bragadin, cardeal Marcantonio, 349;
 Bragança, D. Duarte de, [irmão de João IV de Portugal], 8; 328; 357; 382; 383; 401; 416;
 Bragança, D. Teodósio de, [filho e herdeiro de D. João IV de Portugal], 29; 30; 40; 42; 56; 57; 75; 76; 117;
 Bragança, festa de aniversário de D. Teodósio de, 40;
 Bragança, juramento de D. Teodósio de, 57;
 Bragança, regimentos/terços de D. Teodósio de, 75;
 Branca de Castela, rainha de França, 216;
 Brancani, cardeal, 349;
 Brandeburg, embaixadores do Eleitorado de, [?], 135;
 Brandeburg, Frederick William, Eleitor de, [também conhecido como duque de Cleves ou Frederick William I da Prússia], 71; 108; 135;
 Brasil, esforço de guerra português no, 101;
 Brasileiros, índios, [«gentios»], 101;
 Brauna, fortaleza de, [Braunau am Inn], 418;
 Bréauté, monsieur de, [capitão francês], 424;
 Breitenfels, batalha de, 160; 164; 165;
 Breme, senhor de, [mestre-de-campo castelhano], 279;
 Bremen, arcebispo de, [filho de Cristiano IV da Dinamarca e futuro Frederick III da Dinamarca], 222; 276; 436;
 Brenonville, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 255;
 Brevil, monsieur de, [corneta francês], 363;
 Brézé, Armand de Maillé, duque de, [almirante de França], 22; 35; 36; 59; 60; 109; 169; 181; 182; 256; 258; 279; 315; 320; 321; 392; 397; 398; 402;
 Brézé, Casa de, 256; 398;
 Bridimò, forte de, 455;
 Brieche, cerco das tropas suecas a, 126;
 Brienna, monsieur de, [secretário de Estado francês], 251;
 Brim, castelo de, 367;
 Briona, Casa de, 228;
 Briona, conde de, [secretário de Estado francês], 228;
 Bristow, banhos e termas de, 268;
 Bristow, conde de, [?], 281;
 Bristow, filho do conde de, [?], 281;
 Brito, [capitão português], 394;
 Brito, [mestre-de-campo castelhano], 197;

Brito, D. Gregório de, [governador português de Lérida], 405;
 Brito, Rui Tavares de, [capitão português], 7; 87; 88;
 Bron, doutor [embaixador castelhano em França], 212;
 Broncaceyo, Ignacio, [coronel castelhano], 372;
 Bronze, monsieur, [capitão francês], 225;
 Brook, lorde Robert Greville, [general realista inglês], 140; 141; 197;
 Brovay, conde de, [?], 160;
 Browne, sir Richard, [major-general parlamentário inglês], 346;
 Brue, conde de, [?], 135;
 Brül, monsieur de, [capitão francês], 156;
 Brunehaut, rainha da Austrásia, 216;
 Brunswick, deputados ducais de, [?], 162;
 Brunswik, Rudolf August, duque de, 162;
 Buchwald, herr, [coronel imperial alemão e governador de Husum], 368;
 Bucquoy, conde de, [marechal-de-campo francês], 333; 442;
 Bufalo, monsenhor Luincio del, [mestre de câmara do cardeal Barbarini], 50;
 Buquoy, conde de, [coronel castelhano], 224;
 Burgo Forte, palácio ducal de, [Mântua], 188;
 Burgos, cruzeiro da sé de, 158;
 Burgos, tempestades em, 158;
 Burton, mestre, [?], 210;
 Bussy, monsieur de, [?], 60;

C

Cabrera, Juan Alfonso Enriquez de, [almirante castelhano e vice-rei de Nápoles], 393; 447; 448;
 Caccia, signor, [cavaleiro pontifício], 301;
 Cadeia, [Lisboa], 100;
 Caia, ponte do rio, [?], 29; 78;
 Caldeirinhas, [moeda], 236;
 Calderon, D. Rodrigo, 21;
 Calheta, João Gonçalves da Câmara, 4.º conde da, [tenente português], 42;
 Calvário, mosteiro beneditino do, [Paris], 280;

Calvinista, credo protestante, 202; 203; 205; 376; 381;
 Calvino, João, 203; 376; 381;
 Câmara de Roma, auditor da, [?], 274;
 Câmara dos Comuns, [Parlamento de Inglaterra], 138; 146; 147; 148; 176; 177; 197; 209; 210; 249; 298; 456;
 Câmara dos Condes, [Paris], 213;
 Câmara dos Condes, [Turim], 119;
 Câmara dos Lordes, [Parlamento de Inglaterra], 138; 146; 147; 148; 176; 177; 197; 209; 210; 249; 298; 456;
 Câmara, Francisco de Ornelas, [capitão-mor português], 65;
 Camaras, castelo de, 369;
 Caminha, fortaleza de, 19;
 Caminha, porto de, 76;
Caminho Real, 15;
 Camp, Francisco de, [?], 20;
 Campo, António Pessoa, 29; 42;
 Campona, signor, [bispo de Mântua], 188; 189;
Cano Real, [principal conduta de esgotos em Lisboa, à época], 33;
 Cantábria, Conselho de, 238;
 Cantanhede, D. António Luís de Meneses, 3.º conde de, [1.º marquês de Marialva e mestre-de-campo português], 14;
 Cantelmo, D. André de, [general castelhano], 22; 112; 279; 282; 372; 379; 380;
 Cantelmo, D. António de, [general castelhano], 369;
 Canti, signor de, [capitão pontifício e governador de Crèvecour], 301;
 Capela Paulina, [Roma], 353; 354;
 Capela Real [Lisboa], músicos da, 14;
 Capela Real, [Lisboa], 56; 57; 64; 66;
 Capela Sistina, [Roma], 449;
 Caponi, cardeal, 353;
 Cappaon, herr, [coronel imperial alemão], 253;
 Cappello, Giovanni, [general veneziano], 401;
 Capuchinhos, ordem francesa dos frades, [Inglaterra], 138; 197;
 Caracena, D. Luís de Benevides, marquês de, [general castelhano], 197; 418;

- Carafa, cardeal Pier Luigi, 393;
- Carbognano, irmão do príncipe italiano, [?], 325;
- Carbognano, palácio de, 325;
- Carcer, Cristobal, [alferes castelhano], 229;
- Cardenas, D. Francisco de, [conselheiro de Guerra castelhano], 234;
- Cardenas, D. Jaime de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
- Cardoso, Cristóvão da Fonseca, [capitão português], 87; 88; 89;
- Carig Arís, fortaleza de, 105;
- Carignano, cardeal Maurício de, [irmão do príncipe Tomás de Carignano], 118;
- Carignano, Marie de Bourbon-Soissons, princesa de, 118; 322; 323; 341;
- Carignano, Tomás Francisco, príncipe de, [e de Sabóia], 72; 118; 120; 142; 149; 150; 151; 152; 161; 182; 233; 322; 315; 325; 382; 392; 399; 409; 464;
- Carinhão*, [moeda], 236;
- Carinhos, Miguel, [capitão castelhano], 229;
- Carleno, abade, [embaixador do duque-conde de Clevès], 71;
- Carlodo, D. Antonio, [capitão imperial alemão], 461;
- Carlos I de Inglaterra, 10; 24; 25; 36; 69; 73; 74; 84; 85; 86; 92; 113; 114; 115; 116; 122; 123; 127; 128; 129; 131; 137; 138; 139; 140; 141; 145; 146; 147; 149; 165; 174; 175; 176; 177; 178; 182; 185; 188; 197; 209; 210; 222; 249; 259; 268; 269; 275; 276; 277; 280; 281; 283; 290; 291; 295; 297; 298; 299; 300; 301; 303; 335; 336; 346; 373; 374; 375; 377; 378; 385; 395; 400; 401; 455; 456;
- Carlos I de Inglaterra, emissários parlamentares ingleses a, [?], 86;
- Carlos I de Inglaterra, petição do Parlamento irlandês a, 84;
- Carlos IX, rei de França, 216;
- Carlos V, imperador do Sacro Império Romano Germânico, [Carlos I de Espanha], 236; 381;
- Carlos V, o *Sábio*, rei de França, 216;
- Carmelinguo, cardeal, 351;
- Carmo, igreja da Grande Convento do, [Paris], 158;
- Carnarvon, Robert Dormer, conde de, [cavaleiro realista inglês], 281;
- Carneiro, D. Manuel Quaresma, [governador de Angola], 20; 21; 50;
- Carneiro, señor, [secretário dos conselheiros de Guerra castelhano], 236;
- Carpegna, cardeal Ulderico, 349;
- Carpio, marquês de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
- Carrafa, D. Libere, [comissário geral napolitano], 372;
- Carrafa, Tiberio, [embaixador napolitano extraordinário à Santa Sé], 392;
- Carraso, Manoel, [capitão castelhano], 372;
- Cartuxa, mosteiro da ordem da, [Paris], 320;
- Carvalho, D. Álvaro de, 95; 237;
- Carvalho, Gonçalo Pires de, 20;
- Casa do Conselho, [Praga], 466;
- Casas da Moeda, [Portugal], 66;
- Cascais, fortificação de, 42;
- Cassanate, signor, [embaixador extraordinário castelhano na Santa Sé], 173;
- Cassio, castelo de, 285;
- Castañeda, marquês de, [conselheiro de Guerra castelhano], 234; 322;
- Castanheira, D. António de Ataíde, 5.º conde de, 3; 20;
- Castela, agravamento da carga fiscal em, 96;
- Castela, brasão de armas de, 325;
- Castela, motins populares em, 96;
- Castela, portugueses civis e militares presos em, 34;
- Castelete, [Paris], 213;
- Castelhana, armada, 3; 9; 10; 16; 20; 27; 28; 59; 72; 106; 107; 109; 137; 196; 199; 200; 235; 236; 238; 247; 256; 257; 258; 266; 267; 279; 309; 312; 357; 359; 361; 391; 393; 397; 398; 399; 422; 431; 433; 445; 447; 450; 451; 468;
- Castelhanas, aprisionamento de embarcações fluviais, 101;
- Castelhanas, condenação às galés de tropas desertoras, 31;
- Castelhanas, deserções nas tropas, 22; 31; 37;
- Castelhanas, efectivos militares estrangeiros nas tropas, 389;

- Castelhanas, enforcamento de tropas desertoras, 31;
- Castelhanas, mercês régias, 94;
- Castelhanas, pagamento do soldo das tropas, 93;
- Castelhanas, rendas régias, 96;
- Castelhanas, tropas, 6; 15; 17; 18; 19; 21; 27; 29; 31; 34; 36; 37; 40; 41; 42; 43; 45; 46; 48; 52; 53; 54; 55; 56; 57; 58; 60; 61; 67; 68; 72; 75; 76; 77; 79; 80; 81; 82; 83; 84; 87; 88; 89; 90; 92; 93; 94; 95; 96; 99; 100; 101; 102; 103; 104; 112; 118; 120; 137; 141; 142; 147; 152; 156; 160; 161; 162; 165; 166; 167; 173; 182; 183; 195; 196; 219; 220; 224; 225; 228; 229; 234; 236; 238; 239; 242; 243; 244; 245; 246; 247; 248; 255; 256; 259; 260; 263; 264; 265; 266; 269; 270; 271; 272; 279; 282; 287; 288; 289; 290; 296; 309; 310; 323; 324; 327; 328; 333; 334; 335; 338; 339; 340; 341; 343; 345; 346; 348; 357; 358; 359; 360; 361; 362; 363; 364; 365; 366; 367; 369; 370; 372; 378; 379; 380; 382; 389; 390; 391; 393; 394; 395; 396; 397; 399; 402; 404; 405; 406; 407; 408; 409; 413; 416; 418; 420; 422; 423; 427; 428; 429; 430; 431; 433; 437; 438; 439; 440; 441; 442; 443; 444; 445; 449; 450; 451; 457; 458; 459; 460; 461; 462; 463; 464; 467;
- Castelhano, clérigo, [“el Licenciado Gordo”?], 55;
- Castelhanos, prisioneiros de guerra, 17; 31; 66; 89; 90; 93; 95; 101; 102; 103; 104; 406;
- Castelhanos, vagabundos, [Roma], 125;
- Castelnau, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 419;
- Castelo Branco, D. Francisco de, 101;
- Castelo Rodrigo, Francisco de Moura, marquês de, [embaixador castelhano em Áustria e França], 57; 207; 212;
- Castel-Vetri, governador de, [?], 189;
- Castel-Vetri, igreja-mor de, 189;
- Castrillo, Garcia de Haro y Guzmán, conde de, [governador do Conselho da Fazenda castelhana], 236; 359;
- Castro Daire, D. Jerónimo de Ataíde, [6.º conde de Castanheira e 2.º conde de], 237;
- Castro, confessor de D. Álvaro Pires de, [?], 320;
- Castro, D. Álvaro Pires de, [1.º marquês de Cascais e embaixador extraordinário português a França], 307; 313; 314; 315; 319; 320; 321; 322;
- Castro, D. André de, [conselheiro de Guerra castelhano], 234;
- Castro, D. Manuel de, 94;
- Castro, D. Rodrigo de, [tenente-general português], 19; 102; 367; 378;
- Castro, Dr. Luís Pereira de, [embaixador plenipotenciário português à Junta da Paz Geral em Münster], 329; 345; 356; 383; 417;
- Castro, Jerónimo de, [capitão português], 6;
- Castro, mordomo da embaixada de D. Álvaro Pires de, [?], 320;
- Castro, recepção oficial a D. Álvaro Pires de, [Paris], 319; 320; 321; 322;
- Catalãs, tropas, 34; 183; 264; 265; 289; 346; 365; 369; 370;
- Catalunha, guerras na, 64; 72; 75; 124;
- Catalunha, inundações na, 165;
- Catania, castelo de, 447;
- Catarina de Bragança, [esposa de D. João III e rainha de Portugal], 192;
- Catarina de Médicis, rainha de França, 216;
- Cauderc, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 424;
- Cavalo autômato, [oferta a D. Teodósio de Bragança], 29; 30;
- Caya, ponte no rio, 29;
- Cazado, [?], 390;
- Cennino, cardeal, 349;
- César, Sebastião, 11; 62; 98; 110; 142;
- Cesarini, cardeal Alessandro, 159; 307;
- Cesi, cardeal Pierdonato, 349; 371;
- Cesio, monsenhor Pedro Donato, [tesoureiro-geral da Santa Sé], 50;
- Ceva, cardeal Francesco Adriano, 238; 349;
- Cey, barão de, [?], 144;
- Chabot, duquesa Margarida de, 250;
- Chabot, Henri de, conde de Sainte-Aulaye e duque de Rohan, [marechal-de-campo francês], 60; 183; 358; 394; 419; 424;
- Chafferie, cavaleiro de, [capitão francês], 363;

- Chambaut, monsieur de, [coronel francês], 228;
- Champdenier, monsieur de, [capitão francês], 214;
- Chanclué, monsieur de, [engenheiro militar francês], 424;
- Chanlné, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 419;
- Chapel, lorde, [?], 140;
- Chapelle, forte de, 338;
- Chapelle, monsieur de, [aposentador do duque de Longueville], 280;
- Charrosts, monsieur de, [capitão francês], 214;
- Chassart, monsieur de, [capitão francês], 437;
- Chastellit-Barlot, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 363;
- Chatillon, monsieur de, [tenente-general francês], 226; 419; 462;
- Chaulnes, Charlotte Eugenie d'Ailly, duquesa de, 211;
- Chavigny-Botiller, monsieur de, [secretário de Estado francês], 169; 182; 200; 228;
- Cheapside, cruz de, [Inglaterra], 211;
- Chenpe, batalha de, 84;
- Cherina, conde de, [?], 466;
- Cherouse, duque de, [?], [príncipe da Casa de Lorena, cavaleiro da ordem do Santo Espírito e primeiro "gentil homem" da Câmara Real], 116; 117; 214;
- Cherouse, duquesa de, [?], 228;
- Chetigão, príncipe de, [?], 342;
- Chinchon, conde de, [secretário dos conselheiros de Estado castelhano], 234;
- Chins Lascarins, 389;
- Chomley, sir, [capitão inglês], 186;
- Chouppes, monsieur de, [tenente francês], 361; 420;
- Chumacero, D. Juan de, [presidente do Conselho de Castela], 236;
- Ciriè, Giovanni Girolamo, 4.º marquês de, 119; 120;
- Ciruelas, conde de, [embaixador castelhano na Santa Sé], 356;
- Cister, ordem de, [Alcobaça], 32;
- City, 'homens de negócios' da, [Londres], 128;
- Clanca, ou Chianche, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 437;
- Clanleu, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 438; 439; 440;
- Clanricard, Ulick de Burgh, 5.º conde de, 137;
- Clermont, colégio jesuíta de, [Paris], 316;
- Clermont-Vertillac, conde de, [marechal-de-batalha francês], 419;
- Clinson, Clonson, [capitão parlamentar inglês], 304;
- Clissa, fortaleza de, [Klis], 452; 453;
- Coaslin, marquês de, [filho], 158;
- Coaslin, marquês de, [pai], 158;
- Cobre, análise de amostras de, [Penamacor], 104;
- Cocheton, [coronel realista inglês], 165;
- Coelho, António [Carvalho de], 11; 98; 122; 129; 182; 194; 205; 217; 258; 270; 282; 306; 342; 354; 402; 414; 444; 468;
- Cogneux, monsieur de, [presidente no Parlamento de Paris], 233;
- Colégio Real de La Felxia, igreja do, [Anjou], 117;
- Colégio Romano, [Roma], 311;
- Colena, cardeal, 349;
- Colle, monsieur de, [tenente francês], 420;
- Colloredo-Waldsee, Rudolf von, conde de, [governador de Praga], 465; 466;
- Colona, Pedro de, [secretário dos conselheiros da Junta das Armadas de Espanha], 235;
- Colónia, auxílio militar bávaro ao arcebispado de, 125;
- Colónia, convento dos Frades Capuchinhos em, 117;
- Colónia, Fernando da Baviera, Eleitor Arcebispo de, 117; 125;
- Colónia, núncio extraordinário em, [?], 117;
- Colónia, núncio ordinário, [?], 117;
- Colónia, superior do convento dos Frades Capuchinhos em, [?], 117;
- Colónia, tropas do arcebispado de, 125;
- Colonna, cardeal Girolamo, 371;
- Coloram, conde de, [?], 461;
- Companhia de Jesus, [Anjou], 117;
- Companhia de Jesus, [França], 195; 201; 203;

Companhia de Jesus, [Goa], 386;
 Companhia de Jesus, [Lisboa], 16; 18;
 Companhia de Jesus, [Nova França], 312;
 Companhia de Jesus, [Paris], 211; 212; 314;
 316; 420;
 Companhia de Jesus, [Praga], 465;
 Companhia de Jesus, [Roma], 283; 294; 311;
 317; 325; 392; 404;
 Companhia de Jesus, [Sacro Império Roma-
 no Germânico], 344;
 Companhia de Jesus, 239; 245;
 Companhia de Jesus, abade geral da, [Roma],
 [?], 294;
 Companhia de Jesus, colégio da, [Paris], 420;
 Companhia de Jesus, igreja da, [Praga], 465;
 Companhia de Mercadores, [Suécia], 417;
 Companhia do Brasil, [holandesa], 356;
 Companhia dos Jesuítas, [Inglaterra], 179;
 Conde Almirante, secretário da embaixada
 do, [?], 337;
 Conde Regedor, [?], 57;
 Condé, Henri II de Bourbon, príncipe de,
 419;
 Condé, Louis II de Bourbon, duque de
 Enghien e príncipe de, 7; 35; 37; 59; 60;
 118; 213; 214; 215; 216; 219; 220; 226;
 227; 228; 238; 239; 240; 241; 242; 243;
 244; 245; 246; 250; 251; 264; 279; 282;
 315; 316; 329; 341; 344; 357; 381; 382;
 398; 402; 407; 408; 418; 419; 420; 421;
 423; 424; 445; 451; 457; 458; 459; 461;
 462;
 Condrai, monsieur de, [?], 60;
 Congé, comendador de, [capitão francês],
 109;
 Congo, «el-rei» do, [?], 122;
 Congregação da Propagação da Fé, [Roma],
 431;
 Congregação do Oratório, [Marselha], 222;
 Consistório Papal, 311;
 Constantinopla, embaixador francês em, [?],
 221;
 Constantinopla, embaixador húngaro em,
 [?], 198;
 Constantinopla, embaixador persa em, [?],
 199; 221;
 Constantinopla, embaixador transilvano em,
 [?], 198; 199;
 Constantinopla, embaixadores moscovitas
 em, [?], 286;
 Constantinopla, porto de, 252;
 Contarini, Aloysius, [embaixador veneziano
 e mediador à Junta da Paz Geral em
 Münster], 416;
 Conti, Armand de Bourbon, príncipe de, [fi-
 lho do príncipe de Condé], 213; 214; 316;
 420;
 Contreras, D. Fernando Ruiz de, [secretário
 dos conselheiros de Guerra castelhano],
 234; 236;
 Conversações de paz e aliança entre Ingla-
 terra e Portugal, 25;
 Conversações diplomáticas entre Moscovo
 e Dinamarca, 135;
 Conversano, Giangirolamo II Acquaviva
 d'Aragona, conde de, 449; 463;
Copa de Ouro, [baixel flamengo], 455;
 Copenhaga, embaixada extraordinária ho-
 landesa a, 334;
 Copenhaga, governador de, [?], 165;
 Corche, conde de, [?], 84;
 Córdoba, motins em, 357;
 Cornaro, cardeal Federico, 349; 449;
 Cornea, duque Flavio de, 274;
 Cornwallis, sir, [cavaleiro realista inglês], 275;
 Corpo de Deus, procissões de, 13; 14; 92;
 Correia, Domingos de Andrade, [cabo de
 Torre de Moncorvo], 4;
 Correia, frei João, [pregador dominicano
 português], 317;
 Corsas, tropas, 48;
 Corte das Ajudas, [Paris], 213;
 Corunha, conde de, [gentil-homem de Fili-
 pe IV de Espanha], 235;
 Cossacas, tropas, 393; 425;
 Costa, D. João da, [mestre-de-campo portu-
 guês], 5; 101;
 Costa, D. Joseph da, [mestre-de-campo
 catalão], 369; 370;
 Costa, Francisco Valente da, [capitão portu-
 guês], 88; 89; 90;
 Costa, Jorge da, [gentil-homem da embai-
 xada portuguesa em França], 107;
 Costagutti, cardeal Vincenzo, 238; 349;
 Costiza, herr von, [coronel imperial alemão],
 461;

Cotque, conde de, [?], 116;
 Coudekerque-Branche, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 420;
 Coudray-Montpensier, signor de, [governador de Emiglia Romana e mestre-de-campo general pontifício], 302;
 Courval, visconde de, [governador alemão de Überlingen], 278; 286;
 Coutinho, D. Francisco de Sousa, [embaixador à Suécia], 8; 328;
 Coutinho, D. Gastão, [general português], 30; 32; 43; 53;
 Couvonges, monsieur de, [?], 161;
 Crato, priorado do, 7;
 Crawford, conde de, [mestre-de-campo parlamentar inglês], 274;
 Crendevø, barão de, [mestre-de-campo imperial alemão e governador de Auvøna], 459;
 Crescenzi, cardeal Pier Paulo, 349;
 Crèvecoeur, tomada de, 301; 302;
 Cristiano IV da Dinamarca, 85; 135; 136; 165; 196; 208; 209; 221; 222; 253; 260; 268; 277; 308; 310; 316; 328; 332; 334; 341; 346; 357; 369; 435; 436;
 Cristina da Suécia, 8; 23; 26; 30; 44; 46; 69; 108; 126; 134; 165; 172; 240; 253; 254; 328; 383;
 Cristo, ordem de, [Portugal], 56; 317;
 Croatas, tropas, 134; 135; 143; 291; 292; 445; 448; 452;
 Croisilles, marquês de, [marechal-de-batalha francês], 419;
 Cromavi, signor, [generalíssimo veneziano], 434;
 Cromwell, Oliver, [cavaleiro parlamentar inglês], 276;
 Cruzados, [moeda], 7; 66; 72; 91; 108; 164; 200; 210; 211; 22; 28; 221; 222; 236; 237; 331; 344; 348; 383;
 Cuanza, fortaleza portuguesa a jusante do rio, [?], 122;
 Cucua, cardeal, 349;
 Cuidad Rodrigo, sé de, 93;
 Cumberland, Henry Clifford, 5.º conde de, 147;
 Cunha, D. Lopo da, [fidalgo português designado para o Conselho de Guerra, do

Conselho da Fazenda e do Conselho de Cantábria], 237;
 Cunha, D. Manuel da, [capelão-mor de D. João IV, bispo de Elvas e arcebispo de Lisboa], 411;
 Cunha, D. Pedro da, [fidalgo português designado para capitão na Flandres], 238;
 Cunha, D. Rodrigo da, [arcebispo metropolitano de Lisboa], 7; 13; 33; 57; 64; 66;
 Cunhete, [caixote de explosivos], 63;
 Cúria Romana, eleição dos novos cardeais para a, 134;

D

Dalemberg, herr, [general vedor-mor imperial alemão], 466;
 Damas, *pasha* de, [?], 221;
 Dandelot, monsieur de, [?], 226;
 Dannemarie, barão de, [marechal-de-batalha francês], 424;
 Dardanai, monsieur de, [capitão francês], 225;
 David, Charles, [frade superior da ordem franciscana em Rouen], 220;
De Eligendo Pontifice, [oração litúrgica], 349;
 Décima, imposto da, 43;
Defesa Natural, [milícias inglesas], 377;
 Deganeli, signor, [capitão pontifício], 301;
 Delfino, Giovanni, [general veneziano], 454;
 Deli Huseyin Pasha, [almirante turco otomano], 453; 454;
 Della Gatta, D. Carlo, [general italiano ao serviço de Espanha], 406;
 Della Moreta, signor, [?], 159;
 Delugo, cardeal João, 311;
 Delvin, Montgaret, 84;
 Dembigh, condessa de, [primeira dama-de-honor da rainha de Inglaterra], 187;
Demonstração dos acontecimentos admiráveis que sucederam em Irlanda..., [obra política], 96;
 Derby, James Stanley, 7.º conde de, [ou Darby, general realista inglês], 175; 299;
 Des Goutes, monsieur de, [comandante naval francês], 257;

Desembargo do Paço, [Lisboa], 86; 98; 110;
 Desfondrato, marquês de, [?], 462;
 Devon, *sheriff* de, [?], 176;
Dez Mandamentos, 375;
 Dia de Reis, festa litúrgica do, 30;
 Digby, lorde George, [2.º conde de Bristol], 177;
 Digno, monsenhor Antonio Borrage, [bispo vicentino], 50;
 Dinamarca, chanceler da, [?], 436;
 Dinamarca, embaixador plenipotenciário inglês na, [?], 165;
 Dinamarca, embaixadores moscovitas a, [?], 135; 136;
 Dinamarca, tributo inglês de navegação à, 165;
 Dinamarquesa, armada, 85; 136; 165; 222; 283; 332; 341; 346; 357;
 Dinamarquesa, Corte, 165;
 Dinamarquesa, nobreza, 283;
 Dinamarquesas, tropas, 208; 209; 308; 316; 346; 368;
 Dinot, [padre jesuíta francês], 195;
 Diu, carreta para o tiro de, 42;
 Dives, Louis, [cavaleiro parlamentar inglês], 149;
 Dobroës, [moeda], 223; 236;
 Dombach, [sargento-mor da guarnição de], [?], 132;
 Dombach, cerco a, 132;
 Domitz, fortaleza de, 276;
 Domo, igreja de, [Mântua], 189;
 Dompierre, torre de, 225;
 Donghi, cardeal, 238; 273; 331; 349;
 Dongo, monsenhor, [prefeito de La Graça], 50;
 Donitz, fortaleza de, 253;
 Dorset, Edward Sackville, 4.º conde de, [Dorset], 139;
 Dotto, João Baptista, [general napolitano], 372;
 Douhon, conde de, [almirante francês], 398;
 Duarte, Francisco, [capitão almirante português], 7;
 Dublin, castelo de, 259;
 Ducados, [moeda], 260; 261; 434;
 Duelos, leis proibitivas dos, [França], 227;

Dunlyps, [deputado parlamentar inglês], 85;
 Dunquerque, artigos da capitulação de, 421; 422; 423;
 Dunquerque, cardeal-infante castelhano em, [?], 208; 211;
 Dunquerque, esquadra de, 27; 32; 44; 112; 136; 137; 207; 208; 267; 278; 279; 296; 309; 314; 413;
 Dunquerque, população flamenga de, 122;
 Dunquerque, proibição inglesa do circuito de correios para, 122;
 Dunquerque, *reders* de, [corsários], 418;
 Dunquerque, tomada de, 415; 418; 420; 421; 422;
 Dunquerqueas, tropas, 136; 420; 421;
Duquesa, [navio francês], 257;
 Durazza, cardeal, 349;
 Duvres, castelo de [Rochester], 127; 139;
 Duvres, governador do castelo de [?], 127;

E

Eberstein, conde de, [?], 61;
Ecce Sacerdos Magnus, [oração litúrgica], 354;
 Eclesiástico, subsídio, [Portugal], 7;
 Eduardo IV de Inglaterra, 116;
 Egípto, rebeliões cristãs contra o poderio turco otomano no, 286;
 Egípto, surto de epidemias no, 286;
 Eisers, conde de, [general inglês], 114; 115;
 Elbeuf, Christina Marie, duquesa de, [irmã de Luís XIII de França], 321;
 Elbeuf, duque de, [duque Carlos de Lorena], 333;
 Elges, castelo de, 67; 68;
 Elisabeth I, rainha de Inglaterra, 211;
 Elvas, muralhas de, 53; 54;
 Elvas, paços do concelho de, 53;
 Emehor, [grão escudeiro otomano e *pasha* de Alepo], 221;
 Encinasola, castelo de, 80; 81;
 Ende, [coronel sueco], 145;
 Enkenfort, graf von, [general imperial alemão], 162;
 Enkensert, [general-major sueco], 135;

Enseinstin, [general sueco], 112;
 Enther, [coronel sueco], 134;
 Entrudo, festejo do, [Barcelona], 311;
 Entrudo, jubileu do, 51;
 Épernon, Bernard de Nogaret de La Valette, duque de, [governador francês de Guienne], 59; 315;
 Erberstein, conde de, [general sueco], 112; 267;
 Erlach, Leonard, [general sueco], 167;
 Esbirras, tropas, [?], 48;
 Escocesa, conspiração da nobreza, 25;
 Escocesas, guardas, [Paris], 214;
 Escocesas, tropas católicas, 378;
 Escocesas, tropas parlamentárias, 385;
 Escocesas, tropas protestantes, 378;
 Escocesas, tropas realistas, 385;
 Escocesas, tropas, 105; 115; 129; 149; 178; 274; 275; 295; 298; 299; 334; 346; 440;
 Escoceses, deputados parlamentários, 139;
 Escoceses, mercadores, 116;
 Escócia, Igreja de, 138;
 Escócia, Parlamento da, 74; 105; 395;
 Escócia, sublevações na, 25; 74;
 Escorial, palácio do, [Madrid], 199;
 Escudos de ouro, [moeda], 169;
 Escudos, [moeda], 107; 126; 261; 274; 307; 316; 325; 431;
 Espaa, termas balneares de, [Spa], 69;
 Espanha, circulação fiduciária de prata em, 96;
 Espanha, Conselho de Estado de, 234; 348;
 Espanha, embaixador húngaro em, [?], 184;
 Espanha, *Grandes* de, 468;
 Espanha, impostos para o esforço de guerra em, 199;
 Espanha, inflação e subida dos preços em, 96;
 Espanha, Junta das Armadas de, 234; 235;
 Espanha, Junta de Guerra de, 234;
 Espanha, leis de recrutamento militar em, 157; 158;
 Espanha, recrutamentos militares em, 64; 199; 260;
 Espanha, regimento de cavalaria ligeira da rainha de, 366;
 Espanhola, Corte, 46; 173; 237; 261; 309; 310; 345; 348; 357; 358; 378;

Espanhola, expulsão da nobreza portuguesa em, 237;
 Espanhola, fluxo de prata, 64;
 Espanhola, nobreza, 157; 174;
 Espanhola, protonotário da Corte, [?], 236;
 Espanholas, ordens militares, 34;
 Espírito Santo, festa litúrgica do, 92;
 Essex, Robert Devereux, 3.º conde de, [general parlamentar inglês], 128; 138; 139; 140; 146; 148; 149; 175; 209; 210; 268; 275; 276; 295;
 Estadilha, tomada de, 254;
 Estados Pontifícios, recrutamento militar nos, 28; 159; 262;
Estape Angleise, [comércio de panos ingleses em Hamburgo], 277;
 Este, cardeal Rinaldo d', [protector dos assuntos franceses em Roma], 349; 426;
 Este, marquês de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
 Estense, monsenhor Reinaldo, 50;
 Esterd, conde de, [?], 461;
 Estíria, tropas de, 231;
Estrela Dourada, [nau flamenga], 355;
 Estremoz, feira de, 19;
 Estugarda, castelo de, 190;
 Estugarda, corte ducal de, 190;
 Estugarda, Eberhard III, duque de, [e duque de Württemberg], 190; 191;
 Estugarda, relação de 12 prodígios ocorridos em, 190; 191;
 Euil, D. Jaime de, [marechal-de-campo catalão ao serviço de França], 264; 265;
Europa, [navio francês], 257;
Exaudiat, [prédica], 251;
 Extrema-unção, sacramento do, 117;

F

Faber, monsieur de, [capitão francês do regimento de Sedan], 157; 361; 364;
 Faccinetti, cardeal, 238;
 Faial, porto da ilha do, 30;
 Fairfax of Cameron, Robert, 7.º lorde, 281;
 Fairfax of Cameron, Thomas, 6.º lorde, [general parlamentar inglês], 175; 210; 281; 373; 374; 456;

- Falconieri, cardeal Lelio, 238; 349;
 Falkland, visconde de, [secretário de Estado inglês], 281;
 Famagusta, fortaleza de, 285;
 Fanfanelli, signor de, [mestre-de-campo italiano], 158;
 Faranaite, Lucas de Gaves, [sargento-mor napolitano], 372;
 Farnese, Giancarlo de Medici, cardeal de, 431;
 Faro, D. Fernando Teles de, [capitão-mor de Campo Maior], 17;
 Faure, marquês de, [ajudante-de-campo francês], 420;
 Federico de Hania, [príncipe suíço], 261;
 Fennel, [capitão irlandês], 230;
 Feracieras, senhor de, [mestre-de-campo catalão], 183;
 Feria, duque de, [?], 162;
 Fernandina, duque de, [almirante castelhano], 27; 35; 199;
 Fernando III, rei da Boémia, da Hungria e imperador do Sacro Império Romano Germânico, 8; 23; 59; 61; 118; 121; 125; 126; 160; 173; 184; 196; 198; 368; 207; 208; 370; 380; 382; 383; 407; 415; 416; 431; 445; 448; 450; 452; 457; 466; 468;
 Fernando IV, rei da Boémia e sucessor do imperador do Sacro Império Romano Germânico, 370; 407; 467; 468;
 Fernando, D. Antonio, [sargento-mor castelhano], 459;
 Fernando, infante de Espanha, 235;
 Ferracieras, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 225; 228; 229; 254;
 Ferrara, conde Carlos de, [mestre-de-campo castelhano], 279;
 Ferrara, tropas ducais de, 223;
 Ferreira, D. Francisco de Melo, 3.º marquês de, [3.º conde de Tentúgal e mordomo-mor da rainha de Portugal], 21;
 Feuquieres, regimento francês de, 363; 364;
 Fialho, João, [capitão português], 93;
 Fielding, [coronel inglês], 209; 210;
 Figos e passas, carregamento de, 63;
 Filipe Augusto, rei de França, 216;
 Filipe I, duque de Orleães e irmão de Luís XIV de França, 425;
 Filipe II de Portugal, festividades de recepção a, [Lisboa], 14;
 Filipe II de Portugal, 14;
 Filipe III de Portugal, 14;
 Filipe IV de Espanha, 10; 21; 22; 26; 27; 28; 34; 35; 36; 37; 46; 47; 48; 56; 59; 64; 72; 75; 84; 94; 95; 112; 123; 124; 125; 126; 156; 157; 158; 165; 173; 174; 184; 193; 196; 199; 220; 224; 234; 235; 236; 237; 240; 243; 255; 256; 257; 259; 260; 261; 263; 266; 271; 282; 287; 307; 309; 312; 322; 326; 327; 328; 335; 339; 343; 355; 357; 358; 359; 365; 369; 378; 379; 380; 385; 389; 391; 394; 396; 397; 402; 403; 405; 416; 422; 423; 424; 427; 428; 429; 433; 447; 457; 467; 468;
 Filipe IV, o *Belo*, rei de França, 216;
 Filipe V, o *Longo*, rei de França, 216;
 Filipe, padre Felipe, [confessor da Maria Henriqueta, rainha de Inglaterra], 27;
 Filomarino, cardeal Ascanio, [arcebispo de Nápoles], 50; 326; 331; 349; 392;
 Filomarino, Casa de, 326;
 Flamengo, marinha mercante, 200;
 Flamengas, tropas, 395;
 Flandres, antiga linhagem dos condes da, 440;
 Flandres, guerras na, 124;
 Flandres, nobreza de, 343;
 Flandres, prisioneiros portugueses na, 20;
 Fleury, monsieur de, [trombeta francesa], 288;
 Florença, Cosimo, filho primogénito dos duques de, [futuro Cosimo III de Medici, grão-duque de Toscana], 132;
 Florença, parto da duquesa de, 132;
 Florença, tropas ducais de, 233; 248; 260; 262; 273; 284; 285; 385;
 Florença, Vittoria della Rovere, duquesa de, 132;
 Flores de Ávila, Pedro de La Cueva Ramirez de Zuñiga, marquês de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
 Fonseca, António da, [ajudante de cavalaria português], 88;
 Fontana-Chalandray, conde de, [?], 217;
 Fontené Marevil, marquês de, [embaixador francês na Santa Sé], 174;

Fonterabie, cerco a, 156;
 Forgettas, monsieur de, [comandante naval francês], 258;
 Forte Leão, [Dunquerque], 421; 423;
 Forte Vermelho, fortaleza de, 343;
 Foscolo, Leonardo, [general veneziano], 434; 452;
 Fossa Nova, fortaleza de, 343;
 Four, herr, [coronel alemão], 145;
 Fraguas, ponte de, 165;
França interessada com Portugal, [obra política], 337;
 Franca, António Machado da, [tenente português], 102;
 França, arautos de, 214;
 França, baptismo de refugiados turcos em, 158;
 França, brasão das armas de, 325;
 França, Câmara Real de, 116;
 França, chanceler-mor de, [?], 169; 213; 214; 215; 251;
 França, Conselho de Estado de, 329; 344; 345;
 França, Coroa de, 117;
 França, Corte dos Moedeiros de, 215;
 França, embaixada extraordinária portuguesa em, 234; 237;
 França, embaixada portuguesa a, 117; 411;
 França, embaixador catalão em, [?], 280;
 França, embaixador da Transilvânia em, [?], 437;
 França, embaixador ducal de Mântua em, [?], 313;
 França, embaixador polaco residente em, [?], 301;
 França, esmoleres da Casa da rainha de, 251;
 França, esmoleres da Casa da rei de, 251;
 França, fomes e guerras em, 217;
 França, governadores das províncias de, 214;
 França, Grão Conselho de, 215;
 França, grão-prior de, [?], 280;
 Franca, Joseph da, [capitão castelhano], 372;
 França, maceiros do rei de, 214;
 França, marechais de, 214;
 França, nobreza inglesa refugiada em, 340;
 França, oficiais da câmara régia de, 321;
 França, oficiais da Coroa de, 214;
 França, recrutamento militar em, 35;
 França, refugiados egípcios cristãos em, 300;
 França, reis-de-armas de, 214;
 França, vedores da Fazenda de, 251;
 Francês, clero, 215; 226; 251;
 Francesa, armada, 10; 16; 20; 21; 35; 36; 43; 45; 48; 59; 63; 72; 75; 87; 107; 109; 137; 141; 182; 211; 222; 247; 256; 257; 258; 266; 267; 279; 296; 315; 334; 337; 345; 391; 397; 398; 399; 410; 415; 419; 420; 424; 427; 428; 429; 433; 441; 445; 450; 451; 463; 464; 467;
 Francesa, Casa Real, 107; 116;
 Francesa, condenados às galés na armada, 222; 223;
 Francesa, Corte, 5; 106; 142; 191; 214; 219; 226; 227; 228; 233; 234; 238; 250; 251; 262; 279; 300; 315; 317; 323; 337; 340; 341; 344; 373; 397; 400; 408; 425; 437; 451; 467;
 Francesa, nobreza, 211; 213; 214; 226; 250; 251; 300; 322; 340; 408; 425;
 Francesa, núncio papal na Corte, [?], 191;
 Francesa, porteiros da câmara régia, 214;
 Francesa, rendeiros da Corte, 316;
 Francesas, direitos e rendas reais, 45
 Francesas, mercês régias, 107;
 Francesas, tropas, 7; 10; 20; 22; 27; 34; 45; 46; 47; 59; 60; 61; 62; 68; 71; 72; 84; 94; 104; 112; 117; 118; 120; 124; 125; 141; 156; 160; 161; 165; 166; 167; 168; 182; 183; 196; 212; 213; 219; 220; 224; 225; 226; 227; 228; 229; 233; 234; 238; 239; 240; 241; 242; 243; 244; 245; 246; 247; 250; 251; 254; 255; 256; 259; 263; 264; 265; 266; 269; 270; 271; 272; 277; 279; 282; 287; 288; 289; 290; 292; 293; 296; 297; 309; 311; 315; 316; 323; 324; 327; 333; 334; 335; 337; 338; 339; 340; 343; 344; 345; 346; 347; 348; 355; 357; 358; 359; 360; 361; 362; 363; 364; 365; 366; 369; 370; 371; 379; 380; 382; 383; 391; 392; 393; 394; 395; 396; 397; 399; 402; 405; 406; 407; 408; 409; 410; 411; 412; 413; 415; 417; 418; 419; 420; 421; 422; 423; 424; 427; 428; 429; 430; 431; 433; 437; 438; 439; 440; 441; 442; 443; 445; 446;

447; 450; 451; 454; 455; 457; 458; 459; 460; 461; 462; 463; 464; 467;
 Franceses, engenheiros militares [ao serviço da causa régia inglesa], [?], 128;
 Franceses, frades capuchinhos, [confessores da rainha inglesa], 114;
 Franceses, prisioneiros de guerra, 406;
 Franciotti, cardeal Marcantonio, 349;
 Francisco I, rei de França, 216;
 Francisco II, rei de França, 216;
 Frangipani, Mario, marquês de, 159;
 Frankenthal, governador de, [?], 394; 402;
 Franzoni, cardeal Giacomo, [presidente da Câmara cardinalícia], 50;
 Frederick III da Dinamarca, 135; 136;
 Frederick V, Eleitor do Palatinado e rei da Boémia, 409;
 Frederico da Dinamarca, secretário de, [?], 136;
 Freire, Estêvão de Brito, 234; 237;
 Frensanelli, Joseph, [secretário do Sagrado Colégio], 350;
 Frísias, tropas, 334;
 Fromesta, marquês de, [mordomo de Filipe IV de Espanha], 235;
 Fularten, monsieur de, [tenente-coronel francês], 438;
 Fularton, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 439;
 Fulvio, Joseph, [capitão castelhano], 372;
 Furnes, tomada de, 415; 418;
 Fürstenberg, Ferdinand von, conde de, 466;

G

Gaba, herr, [coronel imperial alemão], 267;
 Gabaret, monsieur de, [comandante naval francês], 257;
 Gabieto, cardeal, 350;
 Gabor, Bukos, [tenente-general transilvano], 368;
 Gabrielli, cardeal Giulio, [deão da Câmara cardinalícia], 50; 349;
 Gal, herr, [coronel alemão], 163;
 Galand, monsieur de, [ajudante-de-campo imperial alemão], 460;

Galas, conde de, [tenente-general do império alemão], 196; 263; 310;
 Galeazzo Trotti, conde de, [tenente-general italiano ao serviço de Espanha], 247;
 Galega, população, 67;
 Galegas, tropas, 6; 19; 31; 32; 58;
 Galegos, pescadores, 76;
 Galegos, prisioneiros de guerra, 17;
 Gales, Carlos, príncipe de, [futuro Carlos I de Inglaterra], 27; 69; 184; 400; 409;
 Galiza, crises de fome na, 67;
 Galvão, Fulgêncio de Matos, 94;
 Galvão, mestre frei Inácio, 11; 38; 86; 98; 110;
 Gama, D. Vasco Luís da, [5.º conde da Vidigueira, 1.º marquês de Nisa e embaixador português em França], 2; 5; 51; 57; 65; 94; 106; 116; 117; 107; 320; 410; 411; 425;
 Gama, Fernão Gomes da, 389;
 Gama, Manuel da, [capitão português e filho de Fernão Gomes da Gama], 389;
 Gamba Corta, [ou *Perna Curta*, sargento-mor das tropas pontifícias], 248; 260;
 Gambôa, António de Andrade de, [capitão português], 89; 90;
 Gandelu, monsieur de, [?], 241;
 Garay, D. Juan de, [tenente-general castelhano], 46; 66; 263; 264; 265; 271;
 Garroteia, ordem da, [ou ordem da Jarreteira], 24;
 Gassion, Jean, conde de, [marechal de França], 219; 220; 300; 338; 339; 343; 419; 437; 442;
 Gault, Eustachio, [bispo de Marselha], 222;
 Gault, Jean-Baptiste, [bispo de Marselha], 222;
 Gautier, Jean, [capitão e governador do castelo de Verruè], 161; 162;
Gazeta da Holanda, 84;
Gazeta de Londres, 85;
Gazeta Inglesa, [Gazeta de Londres], 374;
Gazeta, 1; 11; 13; 28; 29; 38; 39; 50; 51; 62; 63; 64; 74; 75; 87; 98; 99; 110; 111; 122; 123; 131; 142; 143; 154; 155; 169; 171; 182; 183; 194; 195; 205; 207; 217; 219; 230; 231; 259; 270; 271; 282; 283; 295; 306;

- 307; 319; 330; 331; 342; 343; 354; 355; 359; 366; 367; 369; 371; 373; 378; 379; 380; 385; 390; 391; 402; 403; 414; 415; 420; 433; 441; 444; 445; 456; 457;
- Gazeta*, licenças de impressão da, 74; 86; 98; 110; 122; 129; 142; 154; 169; 182; 194; 205; 217; 230; 246; 270; 294; 306; 318; 330; 342; 354; 366; 390; 414; 444; 456; 468;
- Gazeta*, taxas de impressão da, 11; 38; 50; 62; 74; 86; 98; 110; 122; 129; 142; 154; 169; 182; 194; 205; 217; 270; 282; 306; 330; 342; 354; 366; 390; 402; 414; 444; 456; 468;
- Gazette de France*, 73;
- Genes, esquadra de, 232;
- Genlis, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 439;
- Génova, embaixada portuguesa a, 10;
- Génova, sismos em, 310;
- Germin, mounsieur de, [estribeiro-mor da rainha de Inglaterra], 186;
- Gherardi, signor, [coronel veneziano], 454;
- Ghildas, signor, [general veneziano], 454;
- Gian, Bastian, [?], 20;
- Giavaria, marquês de, [?], 223;
- Ginetti, cardeal Marzio, [legado papal em Ferrara], 172; 349; 353;
- Giori, cardeal Angelo, 238; 349;
- Glenehain, Thomas, [cavaleiro realista inglês], 298;
- Godiel, D. Luis, 237;
- Góis, Jorge de, [capitão português], 82;
- Goltaker, [coronel sueco], 145; 163;
- Goltz von Kranz, Maximilian, [general imperial alemão], 446; 450;
- Gonzalez, D. José, 236;
- Gonzaga, conde Francisco, 248;
- Gonzaga, D. Vespasiano, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
- Gonzaga, D. Vicente, [mestre-de-campo castelhano], 197;
- Gonzaga, palácio ducal de, [Mântua], 188; 189;
- Gonzaga, senhor de, [?], 159;
- Gonzalez, D. Arias, [mestre-de-campo castelhano], 459;
- Gonzalez, D. Pedro, [mestre-de-campo castelhano], 247;
- Goring, lorde George, barão de, [coronel e governador de Porsimyem, vice-camareiro da Casa Real inglesa e embaixador extraordinário em França], 140; 147; 176; 275; 300; 442;
- Gorn, herr, [tenente-coronel imperial alemão], [?], 461;
- Goutz, herr, [general imperial alemão], 263;
- Gouveia, D. Diogo da Silva, marquês de, 51;
- Govan, marquês de, [?], 144;
- Grabó, [almirante dinamarquês], 346;
- Gramont, Antoine III, duque de, [marechal de França ao serviço da Holanda], 395; 407; 461;
- Grana, marquês de, [general lorenó], 461;
- Grancy, conde de, [general francês], 142; 144; 339;
- Grandison, lorde, [general realista inglês], 174; 176;
- Grão Pará, navios do, 101;
- Gravelines, tomada de, 339;
- Graves, monsieur de, [tenente francês], 420; 424;
- Graz, fortaleza de, 357;
- Green, Hugh, [padre jesuíta], 178; 179; 180; 181;
- Green, relação da execução do jesuíta Hugh, [Londres], 178; 179; 180; 181;
- Gregas, tropas, 425;
- Gregório XV, papa, 357; 385; 429;
- Grémonville, monsieur de, [cavaleiro de Malta], 435; 454;
- Griglion, senhor de, [?], 284;
- Grimaldi, príncipe Honore II, [Mónaco], 48;
- Grimaldi-Cavalleroni, cardeal Girolamo, [cardeal e núncio ordinário em França], 238; 349; 392; 426;
- Grimani, Giovanni Battista, [almirante veneziano], 453; 454;
- Grimard, monsieur de, [capitão francês], 226;
- Guadaigne, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 363;
- Guadiana, ponte do rio, [?], 78;
- Gualtieri, Paulo, [governador de Montefiascone], 284;

Guarda Real Francesa, terço da, [Dunquerque], 420;
 Guarda Real Portuguesa, 78;
 Guastalla, príncipe de, [?], 235;
 Guébriant, Jean-Baptiste, conde de, [marechal de França e capitão-general das tropas francesas na Alemanha], 61; 62; 84; 109; 111; 162; 163; 167; 277; 282; 283; 292; 293; 297;
 Guébriant, Renée, condessa de, 403;
 Guenegaut, monsieur de, [secretário de Estado francês], 214; 250; 251;
 Guerra dos Trinta Anos, 417;
 Guerra, empréstimo régio português para o esforço de, 43;
 Guerra, tributos castelhanos para o esforço de, 64; 72;
 Guerra, tributos galegos para o esforço de, 67;
 Guerra, violação castelhana das leis da, 67;
 Guevres, marquês de, [marechal-de-campo francês], 394;
 Guiana, duque de, [?], 152;
 Guiché, marechal de, [?], 169;
 Guise, Anne-Marie de Gonzague, duquesa de, 226;
 Guise, Henri II de, [camareiro-mor de França], 300; 316;
 Guिताut, comendador de, [governador francês das ilhas de S. Margarida e de S. Honorato], 266; 267;
 Guldenwein, doutor, [magistrado de Leipzig], 164;
 Gusmão, D.^a Luísa de, rainha de Portugal, 21; 44; 56; 57; 64; 107;
 Gustav, Carl, [general sueco], 346;
 Gustin, monsieur de, [coronel loreno], 460;
 Gutz, herr, [general imperial alemão], 331;

H

Hadock, [capitão inglês], 186; 187;
 Halluin, Charles de Schomberg, duque de, [marechal de França], 125;
 Hamburgo, magistrado de, [?], 208; 277;
 Hameaux, monsieur de, [marechal dos alojamentos francês], 270;

Handouville, monsieur de, [capitão francês], 226;
 Harcourt, Henri de Lorraine, conde de, [embaixador extraordinário francês em Inglaterra, tenente-general francês e vice-rei indigitado da Catalunha], 124; 290; 291; 298; 355; 358; 369; 370; 371; 379; 380; 394; 396; 397; 431;
 Harlac, monsieur de, [tenente-general francês e governador de Brissac], 458; 462;
 Haro, D. Luis de, [estribeiro-mor de Filipe IV de Espanha], 235;
 Harrach, cardeal Ernest Adalbert von, [arcebispo de Praga], 465; 466;
 Harsfest, marquês de, [?], 128;
 Hartford, castelo de, 146; 148;
 Hartford, marquês de, [general realista inglês], 138; 146; 147; 175; 178;
 Haslerig, senhor, [?], 147;
 Hasmond, [vice-almirante dinamarquês], 346;
 Hastings, [coronel inglês], 197;
 Hauteroche, monsieur de, [coronel francês], 427;
 Hayas, mounsieur de, [embaixador plenipotenciário francês em Constantinopla], 171;
 Haydon, John, [?], 139;
 Hazfeld, [general alemão], 61; 162; 163; 167; 267;
 Heilliguenburg, castelo de, 286; 287;
 Heister, [coronel alemão e governador de Halberstadt], 232;
 Heister, coronel sueco, 135;
 Hemberg, comendador de, [filho do general Peter Melander], 446;
 Henrique de Portugal, cardeal e rei, 192;
 Henrique II, rei de França, 216;
 Henrique III, rei de França, 216;
 Henrique IV de França, 117;
 Henriques, D. Afonso, [rei de Portugal], 32;
 Henriques, D. Henrique, [capitão português], 54; 58; 82;
 Henriques, doação à ordem de Cister por D. Afonso, 32;
 Henriques, Duarte de Miranda, [capitão português], 89; 90;

- Henriqueta Maria, rainha de Inglaterra, 27; 69; 113; 114; 117; 147; 176; 184; 185; 186; 187; 188; 197; 268; 275; 290; 291; 297; 301; 336; 340; 395; 400; 409;
- Herbert, lorde, [Edward Somerset, 2.º marquês de Worcester], 175;
- Herbert, lorde, [Henry Somerset, 1.º marquês de Worcester], 375;
- Heresias, [Portugal], 100;
- Hermitte, monsieur de, [capitão francês], 364;
- Hesse, Gil von, [coronel imperial alemão], 268;
- Hessenianas, tropas, 62; 112; 123; 125; 163; 381; 417; 446;
- Higaet, forte de, 139;
- Hindersheim, sir [general realista inglês], 276;
- Hohentwiél, fortaleza de, 167; 277;
- Holanda, embaixadores plenipotenciários franceses na, [?], 295; 299;
- Holanda, Félix da, 65;
- Holanda, Henry Rich, conde da, 69; 114; 138;
- Holanda, prisioneiros portugueses na, 20; 44;
- Holandesa, armada, 3; 9; 10; 20; 23; 69; 106; 107; 112; 147; 185; 187; 207; 208; 267; 278; 283; 296; 300; 308; 309; 328; 334; 337; 357; 371; 387; 388; 412; 413; 414; 419; 420; 424; 452;
- Holandesa, nobreza, 124; 284;
- Holandesas, tropas, 18; 36; 81; 112; 122; 124; 125; 139; 254; 267; 271; 279; 328; 334; 340; 357; 380; 382; 387; 388; 395; 402; 403; 407; 441; 445; 452;
- Holandeses, corsários, 308;
- Holland, Thomas, [padre jesuíta inglês], 195; 201; 202; 203; 204; 205;
- Holmes, doutor, 210;
- Homem, Diogo Ribeiro, [capitão português], 88; 89; 90; 93;
- Homem, Manuel, [capitão português], 32;
- Hoorn, ponte de, [Haia], 284;
- Hopton, Elizabeth Capel Lewin, marquesa de, 304;
- Hopton, lorde Ralph, [general realista inglês e governador de Bazing], 176; 298; 303;
- Horn, familiares de Gustav, [marechal sueco], 135;
- Horn, Gustav, [marechal sueco], 135; 346;
- Hospital, marechal do, [?], 226;
- Hotham, [capitão inglês], 176; 186;
- Hottingham, castelo de, 299;
- Housse, monsieur de, [coronel lorenense], 459;
- Huguenote, credo, 220; 226;
- Huguenotes, 217;
- Huilla, [capitão irlandês], 230;
- Hull, governador de, [?], 128;
- Humanay, conde de, [?], 310;
- Humanay, tropas condaís de, 310;
- Húngaras, tropas, 118; 121; 125; 126; 134; 196; 231; 263; 310; 325; 332; 368; 445;
- Hungria, auxílio militar bávaro à, 121; 125;
- Hungria, auxílio militar boémio à, 121;
- Hungria, impostos de guerra exigidos por Fernando III, rei da, 118;
- Hungria, pestes em, 347;
- Hungria, querelas pelo trono da, 126;
- Hungria, tropas aliadas da, 121;
- Husft, [mercador holandês ao serviço da Coroa francesa], 278; 279;
- Hussein, *pasha* otomano de Alepo, 247; 253; 253;
- Husum, forte de, 368;
- Huxelles, Nicolas Chalon du Blé, marquês de, [marechal de França], 255; 361; 364;
- Hydrauliques*, [engenhos, de escoamento de águas em pântanos], 338;

I

- Iacci, monsieur de, 61;
- Iacobos, Jacobos, [moeda], 210; 211; 249;
- Iarrie-Montigni, [gentil-homem do embaixador francês na Santa Sé], 191;
- Ibrahim I, sultão turco otomano, 106; 121; 125; 195; 196; 198; 199; 208; 221; 247; 252; 253; 285; 286; 331; 347; 355; 356; 379; 384; 453;
- Igreja de S. Maria de Aquirio, Rondanin, cardeal da, 261;
- Igreja dos Santos Quatro, Fachinetti, cardeal de, 261;

Ilhescas, D. Diogo de, [governador castelhano de Rosas], 355; 359; 361; 362; 364; 365; 366;
 Imperiale, monsenhor, [comissário apostólico e governador de Fermo], 464;
 Imprensa Real, [Madrid], 240;
In hoc signo vinces, [lema régio joanino], 15;
Independentes, seita inglesa dos, 401;
 Índias Ocidentais, revoltas contra o poderio castelhano nas, 317;
 Infantado, palácio ducal do, [Madrid], 348;
 Infantado, Rodrigo Díaz de Vivar Sandoval y Mendoza, duque do, [general castelhano], 348; 402;
 Inglaterra, alterações ao credo protestante em, 45;
 Inglaterra, aplicabilidade da *Lei Sálica* em, 113;
 Inglaterra, ataque de navios parlamentários à comitiva da rainha de, 186; 187;
 Inglaterra, benefícios e rendas católicas em, 73;
 Inglaterra, carência de carvão em, 275;
 Inglaterra, Casa de, 300;
 Inglaterra, cônsul de Florença em, [?], 27;
 Inglaterra, crimes contra os crentes protestantes em, 97;
 Inglaterra, embaixada castelhana em, 24;
 Inglaterra, embaixada portuguesa a, 23; 24; 25; 65;
 Inglaterra, embaixador catalão em, [?], 283; 284;
 Inglaterra, embaixador francês em, [?], 114; 138; 283; 284;
 Inglaterra, embaixador veneziano em [?], 26; 27;
 Inglaterra, estandarte real de, 139;
 Inglaterra, exumação de bispos e clérigos protestantes em, 97;
 Inglaterra, guerra civil em, 123; 127; 129; 177;
 Inglaterra, guerras religiosas em, 73;
 Inglaterra, herdeiros da Casa Real de, 113;
 Inglaterra, heresias em, 73;
 Inglaterra, Igreja de, 138; 176; 177; 211;
 Inglaterra, liberdade de confissão religiosa em, 73;
 Inglaterra, liberdade de consciência em, 73;
 Inglaterra, motins em, 27; 45; 146;
 Inglaterra, motins populares no Parlamento de, 249;
 Inglaterra, Parlamento de, 24; 25; 26; 27; 36; 69; 70; 74; 84; 86; 96; 113; 114; 115; 122; 123; 127; 128; 129; 131; 137; 138; 139; 141; 146; 147; 148; 149; 174; 175; 176; 177; 178; 182; 185; 209; 210; 249; 259; 277; 280; 281; 290; 295; 297; 298; 303; 323; 373; 377; 385; 386; 395; 400; 401;
 Inglaterra, perdão geral do Parlamento de, 148;
 Inglaterra, perseguições aos católicos em, 70;
 Inglaterra, petição dos parlamentários católicos irlandeses a Carlos I de, 73;
 Inglaterra, pilhagens em, 148;
 Inglaterra, propostas de paz do Parlamento a Carlos I de, 176; 177;
 Inglaterra, queima de livros de confissão católica em, 138;
 Inglaterra, queima de livros de confissão protestante em, 97;
 Inglaterra, recrutamentos militares em, 123; 127; 139; 147;
 Inglaterra, reformas religiosas puritanas em, 26;
 Inglês, credo protestante, 73; 138; 146; 298; 299;
 Inglês, credo puritano, 299;
 Inglesa, armada parlamentária, 131; 147; 178; 185; 186; 187; 259; 268; 275; 277;
 Inglesa, armada realista, 185; 187; 197; 259; 280; 281; 299; 336;
 Inglesa, armada, 20; 23; 32; 34; 36; 70; 94; 95; 106; 114; 127; 128; 137; 147; 165; 222; 388;
 Inglesa, Corte, 24; 69; 297;
 Inglesa, general dos galeões da armada, [?], 70;
 Inglesa, justiça militar, 146;
 Inglesa, leis irlandesas proibitivas do uso da língua, 96;
 Inglesa, marinha mercante, 200;
 Inglesa, motins na armada parlamentária, 275;

- Inglesa, nobreza, 115; 123; 147; 176; 336;
 Inglesa, perseguições à nobreza, 128;
 Inglesa, presidentes da Corte, [?], 297;
 Inglesas, confiscação dos bens às facções católicas, 148;
 Inglesas, convenções presbiterianas, 114;
 Inglesas, convenções puritanas, 114;
 Inglesas, desertação de tropas, 149;
 Inglesas, facções católicas, 73; 147;
 Inglesas, facções presbiterianas, 27; 97; 114; 138;
 Inglesas, facções puritanas, 26; 74; 85; 114;
 Inglesas, mercês régias, 116;
 Inglesas, motins nas tropas realistas, 209;
 Inglesas, pagamento do soldo às tropas, 146;
 Inglesas, princesas, [filhas de Carlos I de Inglaterra], 27;
 Inglesas, tropas "comunitárias", 148;
 Inglesas, tropas mercenárias, 127;
 Inglesas, tropas parlamentárias, 115; 123; 127; 128; 129; 137; 138; 139; 140; 141; 146; 147; 148; 149; 174; 175; 176; 178; 182; 186; 197; 209; 210; 211; 249; 259; 268; 269; 274; 275; 276; 280; 281; 282; 295; 297; 298; 299; 303; 304; 305; 306; 336; 340; 346; 373; 374; 375; 377; 385; 400; 401; 456;
 Inglesas, tropas protestantes, 26; 36; 69; 70; 71; 85; 106;
 Inglesas, tropas realistas, 127; 128; 129; 138; 139; 140; 145; 146; 147; 148; 149; 174; 175; 176; 178; 182; 186; 197; 209; 210; 268; 269; 274; 275; 276; 281; 291; 295; 297; 298; 299; 303; 304; 305; 306; 334; 336; 346; 373; 374; 375; 377; 385; 456;
 Inglesas, tropas, [Dunquerque], 420;
 Inglesas, tropas, [Flandres], 437; 442;
 Inglesas, tropas, 23; 114; 388;
 Inglesas, voluntários para as tropas parlamentárias, 128;
 Ingleses, conversão católica de facções protestantes, 97;
 Ingleses, mercadores, 116;
 Ingleses, prelados católicos, 138;
 Ingleses, protestantes moderados, 73; 85;
 Ingleses, salvo-condutos irlandeses a refugiados protestantes [ou «salvo-condutos»], 98;
 Ingleses, teólogos presbiterianos, 114;
 Ingleses, teólogos puritanos, 114;
 Inocêncio X, eleição do papa, 343; 348; 350; 351;
 Inocêncio X, papa, [antigo cardeal Pamphilio], 343; 348; 349; 350; 351; 353; 354; 356; 357; 371; 383; 384; 385; 392; 393; 394; 400; 401; 403; 404; 405; 406; 415; 426; 429; 431; 442; 449; 453; 464;
 Inocêncio X, sobrinha do papa, [?], 357;
 Inojosa, conde de Aguilar e marquês de, 46; 60;
Inventário da artilharia, armas, apetrechos..., 153; 154;
 Ioanez, monsieur de, [trombeta francesa], 289;
 Ilogues, monsieur de, [padre jesuíta francês], 312;
 Irlanda, comissário parlamentar inglês à, [?], 84;
 Irlanda, comissários ingleses à, 25;
 Irlanda, conselho régio da, 73;
 Irlanda, conselhos locais da, 74;
 Irlanda, guerras da, 74;
 Irlanda, inquirições parlamentárias inglesas na, 96;
 Irlanda, núncio apostólico em, [?], 401;
 Irlanda, Parlamento da, 70; 74; 98; 116;
 Irlanda, publicações legislativas do Parlamento da, 98;
 Irlanda, recrutamento militar inglês em, 375;
 Irlanda, refugiados ingleses vindos da, 96;
 Irlanda, sublevações na, 26;
 Irlanda, vice-rei da, [?], 73; 115;
 Irlandês, direito consuetudinário, 74;
 Irlandês, liberdades do comércio, 131;
 Irlandesa, armada protestante, 229; 230;
 Irlandesa, armada, 97; 105; 137; 259;
 Irlandesa, nobreza, 116;
 Irlandesas, desmobilização das tropas, 116;
 Irlandesas, facções católicas, 25; 97; 131; 149;
 Irlandesas, facções protestantes, 131;
 Irlandesas, indulgência plenária da Santa Sé às tropas católicas, 85;
 Irlandesas, tropas católicas, 26; 36; 69; 70; 85; 96; 97; 98; 106; 230; 283; 346;
 Irlandesas, tropas protestantes, 230;

Irlandesas, tropas realistas, 149; 373; 375; 377; 385; 400; 401;
 Irlandesas, tropas, 116; 129; 358;
 Irlandeses, clérigos católicos, 74; 97;
 Irlandeses, concessões comerciais aos mercadores, 116;
 Irlandeses, deputados parlamentários, 73; 84;
 Irlandeses, governadores, 84; 115;
 Irlandeses, mercadores, 116; 131;
 Iroqueses, índios, [Nova França], 312;
 Isabel de Borbom, rainha de Espanha, 235; 261;
 Isabel I de Inglaterra, 73; 114; 115; 377;
 Ischia, fortaleza de, 391;
 Itália, Estados e potentados da, 121; 122;
 Itália, inundações em, 188; 189; 190;
 Itália, motins contra o poderio espanhol em, 445; 447; 449; 450;
 Itália, recrutamentos militares em, 47;
 Itália, relações impressas sobre as inundações em, 188;
 Italianas, tropas, 121; 288; 441;

J

Jacques, Jacobo, [?], 20;
 Jaime da Boémia, 148;
 Jaime I de Inglaterra, 115;
 Jan II Kazimierz Vasa, rei da Polónia, ['príncipe-cardeal Casimiro'], 283; 294; 317; 318; 392; 403; 404; 405; 431;
 Janízaros, [tropas de elite turcas otomanas], 252; 452; 453;
 Jansac, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 420; 424;
 Jansen, Cornelius, [bispo de leper e fundador do Jansenismo], 311;
 Jarreteira, Ordem da, [Inglaterra], 147;
 Jermin, barão de, [?], 275; 281;
 Jersé, monsieur de, [ajudante-de-campo maltês], 420;
 Jerusalém, *pasha* de, [?], 171;
 Jerusalém, perseguições aos cristãos em, 171;
 Jesus Cristo, imagem de, [Capela Real portuguesa], 66;

Joana de Bourbon, rainha de França, 216;
 Joana de Navarra, rainha de França, 216;
 Joanes, doutor Henrique, [ou Henry Johns, Phd.], 96;
 João IV de Portugal, D., 3; 5; 7; 8; 10; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 20; 21; 24; 30; 32; 40; 41; 43; 44; 48; 49; 50; 51; 53; 54; 56; 57; 62; 63; 64; 65; 66; 68; 71; 75; 76; 83; 86; 88; 92; 94; 95; 98; 99; 100; 106; 107; 110; 116; 192; 193; 194; 200; 237; 246; 258; 307; 313; 314; 317; 319; 367; 410; 411;
 Johnson, sir, [tenente-coronel régio inglês], 304; 305;
 Jordão, Paulo, 159;
 Júlio III, papa, 49;
 Junta da Paz Geral [Münster], deputados austríacos à, [?], 345;
 Junta da Paz Geral [Münster], deputados bávaros à, [?], 307;
 Junta da Paz Geral [Münster], deputados franceses à, [?], 345;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixador castelhano à, [?], 328;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixador dinamarquês à, [?], 328;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixador francês à, [?], 329;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixador pontifício à, [?], 328; 329;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixador sueco à, [?], 329;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixador veneziano à, [?], 328;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixadores ducais de Sabóia à, [?], 329;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixadores holandeses à, [?], 329; 412; 413;
 Junta da Paz Geral [Münster], embaixadores imperiais alemães à, [?], 329;
 Junta da Paz Geral [Osnabrück], 332;
 Junta da Paz Geral [Osnabrück], embaixadores imperiais alemães à, [?], 332;
 Junta da Paz Geral, [Münster], 233; 238; 253; 282; 296; 299; 307; 315; 356; 379; 383; 402; 412; 413; 415; 416; 417; 422;
 Junta da Paz Geral, [Münster], deputados castelhanos à, [?], 307;

Junta da Paz Geral, [Münster], deputados imperiais alemães à, [?], 307;
 Junta da Paz Geral, [Münster], embaixadores castelhanos à, 412;
 Junta da Paz Geral, [Münster], embaixadores franceses à, 416;
 Junta da Paz Geral, [Osnabrück], 415;
 Junta da Paz Geral, [Osnabrück], embaixadores suecos à, 416;
 Junta da Paz Geral, embaixadores franceses à, 233; 402;
 Junta da Paz Geral, embaixadores plenipotenciários suecos à, 208; 253; 402;
 Junta de Paz Geral, [Münster], 208; 228;

K

Kanofski, herr, [coronel imperial alemão e governador de Friburg], 333;
 Keldar, bispado de, 97;
 Kemankes Mustafa Pacha, [grão-visir otomano], 171; 221; 252; 253; 453;
 Kilkirt, conde de, [?], 456;
 Killegnewe, [cavaleiro inglês], 275;
 Kimbolton, lorde, [?], 177;
 King, sir, [general realista inglês], 210;
 Königsmarck, Hans Christoff von, [general sueco], 132; 134; 144; 145; 162; 163; 164; 232; 253; 381; 407; 417; 446; 457; 465; 466;
 Königswartha, fortaleza de, 446;
 Kopperberg, minas de cobre de, 134;
 Kullemberg, herr, [mestre-de-campo alemão], 144;

L

La Cueva, cardeal Alonso de, [antigo marquês de Bedmar], 121; 371; 449;
 La Ferté, monsieur de, [?], 257;
 La Ferté-Imbaut, Jacques d'Estampes, marquês de, [tenente-general francês], 419;
 La Ferté-Senneterre, Henri, duque de, [marechal-de-campo francês], 226; 238; 454; 455;

La Fontana, conde de, [general castelhano], 22; 112;
 La Fontene, marquês de, [embaixador plenipotenciário francês na Santa Sé], 121;
 La Fontene, palácio do marquês de, [Roma], 121;
 La Force, Armand Nompar de Caumont, duque de, [marechal de França], 316;
 La Force, filho do duque de, [?], 316;
 La Garra, D. Carlo de, [governador de Orbitello], 393;
 La Guillottière, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 438; 439;
 La Lande, monsieur de, [comandante naval francês], 257;
 La Meilleraye, Charles de la Porte-Vezins, marquês de, [marechal de França], 59; 142; 169; 315; 317; 337; 338; 339; 410; 427; 428; 429; 430;
 La Meilleraye, monsieur de, [coronel francês], 241;
 La Motha-Houdancourt, Philippe de, duque de Cardona, [marechal francês e vice-rei indigitado da Catalunha], 10; 34; 35; 47; 60; 61; 84; 107; 137; 165; 182; 183; 271; 212; 224; 225; 228; 233; 259; 263; 264; 265; 266; 287; 288; 289; 290; 309; 313; 327; 335; 340; 358;
 La Mousse, barão de, [marechal-de-campo francês], 419;
 La Pomme, monsieur de, [engenheiro militar francês], 424;
 La Rochefoucault, cardeal François de, 350;
 La Roqua, senhor de, [mestre-de-campo catalão], 183;
 La Torre, Jerónimo de, 20;
 La Turenne, Henri de la Tour d'Auvergne, visconde de, [marechal de França], 157; 315; 323; 334; 341; 357; 383; 395; 399; 407; 417; 418; 446; 447; 455; 462; 467;
 La Valetta, cavaleiro de, [mestre-de-campo veneziano], 285;
 La Vieuville, marqueses de, [?], 276; 281;
 La Vrillere, monsieur de, [secretário de Estado francês], 251;
 Lailei, conde de, 25;
 Lain, Montgaret de, [?], 116;

Lambert, barão de, [?], 461;
 Lambeth, arcebispo de, [?], 139;
 Lamboy, Guillaume de, barão de, [general francês], 61; 84; 293; 422; 423;
 Landricour, monsieur de, 61;
 Landvert, diga, [?], 61; 62;
 Lanier, François de, [conselheiro de Estado francês], 317; 344; 345;
 Lanier, julgamento de François de, [conselheiro de Estado francês], 344; 345;
 Lansac, mademoiselle de, [aia do rei de França], 213; 214; 227;
Lansgrave, [navio castelhano], 236;
 Lanty, cardeal, [deão do Sagrado Colégio], 348; 349; 350; 351; 352; 353;
 Lanussa, señor, [capitão castelhano], 229;
 Lastly, conde de, [general sueco e governador das armas na Escócia], 26;
 Latizza, signor, [arcebispo de Ragusi], 274;
 Laton, John de, [capitão inglês], 82;
 Laurans, Gabriel du, [capitão francês ao serviço de Portugal], 411;
 Laval Boisdauphin, Abel Servien, marquês de, [marechal-de-campo francês], 419; 424;
 Le Chesne, monsieur de, [capitão francês], 269; 270;
 Le Picard, Mathurin, [cura de Mesnil-Jourdain], 455;
 Le Thil-Riborpré, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 439;
Leão Coroadado, [navio francês], 257;
 Leão, João Baptista, [agente régio português em Roma], 48;
 Lechez, convento de, 184;
 Leda, marquês de, [general castelhano], 112;
 Leganés, D. Diego Felipe de Guzmán, marquês de, [general castelhano e vice-rei de Aragão], 46; 107; 173; 237; 224; 405; 393; 402;
 Legarde, señor, [secretário dos conselheiros de Guerra castelhanos], 236;
 Leicester, deputado parlamentar de, [?], 297;
 Leicester, Thomas Wentworth, conde de, [vice-rei inglês da da Irlanda], 149; 281;
 Leipzig, castelo de, 166;
 Leipzig, Eleitor de, [?], 164;
 Leitão, D. Francisco de Andrada, [embaixador plenipotenciário português à Junta da Paz Geral em Münster], 237; 356; 417;
 Lele, forte de, [Dunquerque], 381;
 Lemos, Rodrigo Rodrigues, [secretário da embaixada portuguesa à Santa Sé], 49;
 Lemosii, señor de, [tenente-coronel castelhano], 460;
 Lempercur, mounsieur de, [secretário do embaixador francês em Constantinopla], 221;
 Lencastre, frei Dinis de, 5;
 Lenoncourt, marquês de, [governador de Lorena, Nancy e Clermont], 224; 238;
 Leon, D. Luis Ponce de, [conselheiro de Guerra castelhano], 234;
 Leopold Wilhelm, arquiduque de Áustria, 22; 36; 45; 111; 127; 134; 163; 166; 167; 195; 232; 233; 240; 263; 308; 325; 328; 331; 341; 345; 357; 443; 446; 457; 458; 459; 460; 461; 367; 368; 418;
 Lérida, batalha de, 142;
 Lérida, castelo de, 341;
 Lérida, governador francês do castelo de, [?], 341;
 Lérida, superintendente francês em, [?], 340;
 Lérida, tomada de, 357;
 Les Tuileries, monsieur de, [embaixador francês na Holanda], 316; 412; 414;
 Leslie, conde de, [general protestante inglês], 70;
 Lessart, monsieur de, [engenheiro-mor de Portugal e membro da ordem de Cristo], 317;
 Lestria, conde de, [general e deputado da Irlanda], 26;
 Levante, rota marítima do, 137;
 Levenhaupt, Gustaf Adolf, [general sueco], 435; 445;
 Lewenstein, herr, [coronel imperial alemão], 452;
 Lexfeld, herr, [coronel imperial alemão], 144;
 Leyde, Augustin de Beth, marquês de, [governador castelhano de Dunquerque], 421; 422; 423;
 Liège, levantamentos populares para a defesa de, 125;

- Liga dos Príncipes de Itália*, 284; 307; 308; 311; 312; 324;
- Liga Hanseática, 332;
- Ligne, Charles, príncipe de, [cavaleiro da ordem do Tosão de Ouro e general imperial alemão], 459; 460;
- Lignon, conde de, [?], 225;
- Lille, marquês de, [comissário da embaixada francesa em Portugal], 25;
- Lima, D. Diogo de, [7.º visconde de Vila Nova de Cerveira], 51; 57; 411;
- Lima, D. Lourenço de Brito de, [6.º visconde de Vila Nova de Cerveira], 411;
- Limbrey, [?], 116;
- Limerick, bispo católico de, [?], 230;
- Linatro, D. Miguel, [governador militar napolitano], 372;
- Linden, [coronel sueco], 145;
- Lindsey, Robert Bertie, conde de, 140;
- Linhares, D. Miguel de Noronha, 4.º conde de, [fidalgos portugueses designados para conde de Gigon e almirante das Duas Sicílias], 237;
- Linhares, condes de,
- Linhares, D. Fernando de Noronha, 5.º conde de, [designado para gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 237;
- Linot, duque de, [comissário da embaixada inglesa em Portugal], 25;
- Lion, cardeal, 349;
- Lisboa, bispo capelão-mor de, [?], 75;
- Lisboa, castelo de, 3;
- Lisboa, crime violento em, [mulher esquartejada e encontrada dentro de um saco], 42;
- Lisboa, igrejas de, 67;
- Lisboa, pendão/estandarte da cidade de, 65;
- Lisboa, porto de, 87; 95; 101;
- Lisboa, procissão geral em, 65;
- Lisboa, Relação de, 30;
- Lisboa, Sé de, 13; 14; 64; 65;
- Lisboa, Senado da Câmara de, 65;
- Lisboa, tempestades em, 33;
- Liste, Luis Enríquez y Guzman, 9.º conde de Alba de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 4; 235;
- Lizieux, bispo de, [?], 215;
- Ló, São, [?], 20;
- Lochowitz, princesa de, [?], 465;
- Lomellini, cardeal Giovanni Girolamo, [tesoureiro-geral da Santa Sé], 50;
- Lomenie, monsieur Antoine de, [cancelário-mor de França], 228; 344; 345;
- Londres, agente régio francês em, [?], 197;
- Londres, ataques iconoclastas protestantes em, 209;
- Londres, tráfico de crianças em, 386;
- Long, [cavaleiro inglês], 275;
- Longhorn, Thomas, [general parlamentar inglês], 456;
- Languac, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 439;
- Longueville, Anne-Geneviève de Bourbon-Condé, duquesa de, 60; 118; 119; 213; 238;
- Longueville, Henri II de Orleães, duque de, [general e embaixador francês à Junta da Paz Geral em Münster], 60; 118; 119; 120; 156; 161; 182; 280; 293; 329; 383; 416;
- Longueville, Marie de, [duquesa de Estouteville e filha de Henri II de Orleães de Longueville], 118;
- Lordecler, conde de, [?], 127;
- Lorena, auxílio militar bávaro ao ducado de, 125;
- Lorena, Carlos IV, duque de, 59; 122; 125; 132; 142; 224; 250; 277; 321; 329; 402; 441; 461;
- Lorena, Casa de, 116; 321; 329; 330; 347;
- Lorena, duquesa de, [Christine Marie, duquesa de Elbeuf], 226;
- Lorena, Henriqueta de, [abadessa beneditina de Soissons], 250;
- Lorena, Louise de, [abadessa beneditina de Soissons], 250;
- Lorena, monsieur de Ancourt, príncipe de, 347;
- Lorena, recrutamentos militares em, 224;
- Lorenenses, tropas ducais, 122; 125; 224; 225; 459; 460; 461;
- Lorenese, vagabundos, [Roma], 125;
- Lorenzani, duque de, [general napolitano], 372;

Los Velez, D. Pedro de Fajardo, marquês de, [embaixador castelhano plenipotenciário na Santa Sé e vice-rei de Nápoles], 121; 133; 134; 159; 173; 174; 191; 385; 371; 433;

Lotxtorqui, conde de, [?], 466;

Louvre, palácio-fortaleza do, [Paris], 213; 215; 224; 233; 300; 321;

Luanda, fortaleza de, 20;

Lucatíne, signor, [mestre do Sacro Palácio, Roma], 50;

Luce, [?], 116;

Lucena, D. Francisco de, 86; 98; 110;

Ludovico, príncipe, [almirante pontifício e sobrinho do papa Gregório XV], 357; 385;

Lugo y de Quiroga, cardeal Juan de, 325; 349; 371;

Lui, Carlo, 20;

Luís VIII, rei de França, 216;

Luís XI de França, 61;

Luís XIII de França, 15; 20; 21; 22; 27; 35; 36; 37; 45; 46; 47; 48; 59; 60; 68; 71; 72; 84; 94; 95; 106; 107; 114; 116; 117; 118; 119; 120; 122; 124; 125; 137; 141; 142; 149; 152; 156; 157; 158; 160; 161; 167; 168; 169; 171; 181; 182; 195; 197; 200; 207; 211; 212; 213; 214; 215; 217; 224; 226; 239; 240; 250; 262; 293; 316; 321; 323;

Luís XIV de França, 212; 213; 214; 215; 216; 217; 222; 226; 227; 228; 233; 238; 239; 241; 242; 243; 244; 245; 246; 250; 251; 254; 256; 261; 262; 265; 280; 283; 289; 292; 293; 296; 297; 298; 300; 301; 313; 315; 317; 319; 321; 322; 324; 325; 326; 335; 337; 338; 339; 341; 343; 344; 345; 347; 348; 355; 358; 364; 365; 370; 371; 379; 380; 381; 382; 391; 392; 395; 397; 398; 404; 405; 409; 411; 412; 413; 414; 419; 420; 422; 423; 424; 425; 426; 427; 437; 438; 443; 457; 462; 467;

Luís, delfim, [futuro Luís XIV de França], 117; 198;

Luísa de França, 227;

Luísa de Sabóia, rainha de França, 216;

Luna, D. Miguel de, [general-vedor castelhano], 459;

Lunebourg, deputados ducais de, [?], 162;

Lunebürg, duque de, [?], 162;

Lunebürg, princesa de, [?], 276;

Luxemburgo, paços reais do, [burgo de St. Germain, Paris], 117; 226; 280;

Lymbre, [deputado parlamentar inglês], 85;

Lyon, cardeal de, [?], 226;

M

Macchiavelli, monsenhor Francesco Maria, [patriarca de Constantinopla], 50; 349;

Macedo, D. António de Sousa, [embaixador português em Inglaterra], 283; 284;

Macedo, D. António de Sousa, [secretário da embaixada portuguesa em Londres], 24;

Macsuyne, Eugene, [bispo católico de Quilmor], 97;

Maculani, cardeal Vincenzo, [mestre do Sacro Palácio, Roma], 50; 349;

Madredeus, convento de, [Lisboa], 44;

Madrid, Conselho de, 266;

Madrid, embaixada imperial alemã em, 261;

Madrid, núncio papal em, [?] 173;

Magalhães, Gregório de, [padre jesuíta português], 386;

Magarotti, cardeal, [sobrinho do cardeal Mazzarino], 382;

Magnà, padre, [superior do grande Convento de S. Francisco, Paris], 171;

Mahè, monsieur de, [coronel, senhor da Turcha e cavaleiro da Medalha], 39;

Mahè, Sebastian de, [coronel francês], 88;

Maia, Miguel Nunes da, [tenente português], 66;

Maidalchini, Olimpia, [mãe do cardeal Camillo Francesco Maria Pamphili], 426;

Maillé-Brézé, Marie-Clémence, duquesa de, [irmã do duque de Brézé], 398;

Mal de Luanda, [escorbuto], 17;

Mala Espina, D. Catarina de, 16;

Mala Espina, marquês de, [?], 16;

Malaca, fortaleza de, 387;

Malaca, tomada de, [por Afonso de Albuquerque, 1511], 387;

Maldivas, rei das ilhas, [?], 342;

- Maleissi, monsieur de, [marechal-de-campo e governador de Casal], 161;
- Malinas, arcebispo de, [?], 22;
- Malortin, Jacques, [noviço franciscano], 220;
- Malta, armada de, 232; 260; 347; 384;
- Malta, grão-mestre da ordem de, [?], 221; 260; 280;
- Malta, ordem de, 260; 280;
- Maltesas, tropas, 356; 384; 428;
- Malvasia, Cornelio, [almirante papal], 159; 232; 260; 262;
- Malvezzi, marquês Virgilio del, [conselheiro de Guerra castelhano], 240;
- Mance, monsieur de, [?], 279;
- Mangini, Valentin, [sacristão do conclave papal], 351; 353;
- Mansfeld, castelo de, 145;
- Mansoul, [bay turco de Santo Amaro], 252;
- Mântua, duquesa Margarida de, [vice-rainha de Portugal, por Espanha], 16; 188; 359;
- Mântua, Vincensio Gonzaga, duque de, 188; 313;
- Manuel, D. Sancho, [mestre-de-campo português], 7; 68; 88; 89; 93; 103;
- Maomé, profeta, 384;
- Maqueda, duque de, [capitão-general da armada castelhana], 9; 27; 35;
- Máquina de bolantes no ar*, 15;
- Marceli, Peter, [embaixador moscovita em Copenhaga], 260;
- Marcos, [moeda=ouro], 345;
- Mardik, fortaleza de, [Mardyck], 423;
- Marfim, tráfico de, 345;
- Margarida de Navarra, rainha de França, 216;
- Margarita, D. Joseph de, [governador castelhano da Catalunha], 309;
- Maria Ana, infanta de Espanha, e 1.^a esposa do imperador Fernando III, [ou Mariana de Áustria], 69; 148; 184; 357; 383; 431;
- Maria de Médicis, deposição do coração da rainha de França, [Igreja do Colégio Real de La Felxia, em Anjou], 117;
- Maria de Médicis, deposição do féretro da rainha de França, [mosteiro de São Dinis, em Paris – panteão real], 117;
- Maria de Médicis, luto geral pela morte da rainha de França, 119;
- Maria de Médicis, rainha-mãe de França, 117; 195;
- Maria de Médicis, testamento e herança da rainha de França, 117;
- Maria Teresa, infanta de Espanha, 468;
- Marigaut, monsieur de, [?], 250;
- Marina, monsieur de, [capitão francês], 363;
- Maro, D. Vicente de, [marechal-de-campo pontifício], 262;
- Marolles, monsieur de, [coronel francês], 455;
- Marrocos, Abd al-Malik II, rei de, 467;
- Marrocos, embaixadores do emir de, [?], 92;
- Marrocos, emir de, [?], 92;
- Marrocos, príncipe de, [?], 467; 468;
- Marselha, porto de, 300;
- Marselha, sismos em, 313;
- Marsilli, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 362;
- Marsin, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 419;
- Martiniz, Barcgraef, duque de, [general imperial alemão], 466;
- Martiniz, duque de, [presidente da Câmara da Boémia], 466;
- Martiniz, Gregor, [general camareiro-mor imperial alemão], 466;
- Martins, Luis Antonio, [mestre-de-campo tenente-general castelhano], 279;
- Mascarenhas, António de Queirós, [capitão-mor de Valadares], 58; 59; 93;
- Mascarenhas, D. Francisco de, [fidalgo português em Espanha], 7; 95; 237;
- Mascarenhas, D. Nuno de, [mestre-de-campo e capitão-mor de Castelo de Vide], 7; 77;
- Mascarenhas, D. Simão, [mestre-de-campo castelhano], 372;
- Mascarenhas, Manuel da Silva, [capitão-mor de Mourão], 44; 57; 58; 79;
- Mascarenhas, padre Inácio, 18;
- Masciarelllo, signor, [conservador de Mileto], 447;
- Matalona, duque de, [?], 449;
- Matamoras, señor, [comissário geral castelhano], 288;
- Matan, monsieur de, [comandante naval francês], 257;

- Matel, madre de, [fundadora da ordem feminina do *Verbo Encarnado*], 224;
- Mathei, príncipe, [?], 248;
- Matheo, D. António, [capitão castelhano], 372;
- Matos, padre João de, [reitor da Companhia de Jesus em Évora], 7;
- Matta, barão da, [coronel napolitano], 372;
- Mattei, cardeal Gaspare, [núncio ordinário na Alemanha], 238; 349; 350; 371;
- Maypeyker Kosem Sultan, [mãe de Ibrahim I, sultão turco otomano], 453;
- Mazarin, cardeal Jules, [primeiro-ministro de França], 107; 117; 136; 157; 168; 169; 181; 200; 226; 246; 251; 344; 382; 397; 410; 420;
- Mazarin, cardeal Michel, [arcebispo de Aix-en-Provence e irmão do cardeal Jules Mazarin, primeiro-ministro de França], 397; 410;
- Mazarino, [padre dominicano], 191;
- Mazarita, cardeal, 350;
- Mazerino, monsenhor Decimo, 50;
- Meaux, bispo de, [esmolero-mor de Luís XIII de França], 195;
- Mecia, D. Francisco de, [capitão-general da armada castelhana], 27;
- Médis, cardeal Giancarlo de, 347; 348; 349; 371;
- Médis, palácio dos, [Roma], 347; 348;
- Médis, Pedro de, [general toscano], 220;
- Médis, príncipe João Carlos de, [almirante da armada castelhana], 126;
- Médis, Vincencio de, [agente do grão-duque de Florença em Roma], 133;
- Medina de las Torres, Ramiro Nunez de Gúzman, duque de, [vice-rei castelhano de Nápoles], 159; 259; 326; 329;
- Medina Sidónia, Gaspar de Gúzman, duque de, 21; 95; 105;
- Mehmet IV, sultão turco otomano, 221;
- Melander, Peter, Graf von Holzappel, [general imperial alemão], 436; 446; 448;
- Mello, D. Francisco de, [general castelhano], 112; 157; 282; 323; 324; 327; 333; 443; 467;
- Melo, D. Cristóvão de, [mestre-de-campo português], 7;
- Melo, D. Francisco de, [fidalgo português designado para duque de Estremoz], 237;
- Melo, D. Francisco de, [monteiro-mor e general português], 7; 57; 22; 48; 90; 91; 99; 124; 125; 313; 389;
- Melo, D. Jorge de, [capitão português e filho de D. Francisco de Melo, monteiro-mor de Portugal], 389; 411;
- Melo, D. Martim Afonso de, [general português], 5; 21; 54; 57; 75;
- Melo, doutor Pedro de Castro de, 54;
- Melo, Jerónimo de Castro de, [capitão português], 54;
- Melo, Luís de, [porteiro-mor e capitão da Guarda Real Portuguesa], 78;
- Melo, Manuel de, [alcaide-mor e capitão-mor de Serpa], 78; 79; 80; 81; 82; 83;
- Melo, Pêro de, [capitão-mor e superintendente das armas de Miranda], 4;
- Mendonça, Afonso Furtado de, [alcaide e capitão-mor da Covilhã], 68; 102;
- Mendonça, Cristóvão de Sá de, [capitão português], 87; 89;
- Mendonça, D. Tristão de, [almirante português], 7; 28;
- Mendoza, D. Antonio Furtado de, [capitão-mor castelhano], 460;
- Meneses, D. António Luís de, [governador das armas de Cascais], 42;
- Meneses, D. António Teles de, [general português], 3;
- Meneses, D. Fernão Teles de, [general português], 67; 68; 87; 88; 89; 90; 91; 94; 102; 103;
- Menezes, [?], 28; 38; 50; 62; 74; 86; 98; 122; 129; 217; 330;
- Menezes, D. João de, [general português], 95; 347; 410; 428; 429; 430;
- Menti, cardeal, 349;
- Mercadores, preboste de, [?], 213;
- Mercy, herr, [general alemão], 167;
- Meronville, monsieur de, [general francês], 345; 346;
- Mers, D. Diogo de, 61;
- Meruy, herr, [general imperial alemão], 334;
- Mesquita, Jorge de, [capitão português], 62; 65;

- México, revolta contra o poder espanhol no, 173;
- Michanice, conde de, [?], 466;
- Micheletes, tropas, [?], 370;
- Miguel, D., [ajudante-de-campo general castelhano], 460;
- Milagre, relato de um, [Lisboa], 40;
- Milanesas, tropas, 382; 396;
- Milly, madre Louise de, [abadessa beneditina francesa], 227;
- Mimoso, Lourenço da Costa, [sargento-mor português], 89;
- Miossens, César d'Albret, conde de, [marechal-de-campo francês], 419;
- Mirabel, marquês de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
- Miranda, D. Henrique de Sousa Tavares, 3.º conde de, [1.º marquês de Arronches e embaixador extraordinário português em França], 234; 237;
- Miranda, sé de, 43;
- Mirolí, conde de, [mestre-de-campo pontifício], 272;
- Modena, Francesco II d'Este, duque de, 158; 172; 223; 248; 272; 273; 284; 301; 326; 408; 426; 463;
- Modena, Maria Catarina Farnese, duquesa de, 408;
- Modena, recrutamento militar em, 172;
- Modena, tropas ducais de, 223; 233; 248; 272; 273; 284; 285; 301; 302;
- Moeda, Casas da, 44;
- Moeda, falsificação de, [Portugal], 100;
- Mogúncia, Anselm Casimir Wambold von Umstadt, arcebispo eleitor de, [Mainz], 345;
- Mogúncia, dieta de, [Mainz], 68;
- Mogúncia, senadores e deputados de, [Mainz], 344;
- Moirá, castelo de, 81;
- Mola, D. Juan, [sargento-mor e governador de Almenas], 229;
- Möllinguen, barão de, [mestre-de-campo general castelhano], 389;
- Mombazon, duque de, [?], 213;
- Mónaco, fortaleza do, 48;
- Monbray, lorde, 140;
- Monção, governador de, [?], 195;
- Moncastel, fortaleza de, 247;
- Monck, George, duque de Albemarle, [general parlamentar inglês], 400;
- Monçon, castelo de, 289; 290; 296;
- Monçon, governador francês de, [?], 264;
- Mondragone, D.^a Anna, 6.^a duquesa de Rocca, 259;
- Monferrato, tropas ducais de, 262;
- Mongrol, monsieur de, [alferes francês], 88;
- Moniz, frei Martinho, 15;
- Monjoví, torre faroleira de, [Barcelona], 257;
- Monserate, igreja de, [Roma], 71;
- Monssava, marquês de, [?], 451;
- Mont, monsieur de, [escudeiro francês], 214;
- Montade, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 430;
- Montagno, monsieur de, [miliciano voluntário francês], 364;
- Montagu, Antonio, 20;
- Montagu, lorde Edward, [1.º conde de Sandwich e de Manchester, general parlamentar inglês], 147; 299;
- Montalto, cardeal Francesco Peretti di, [embaixador plenipotenciário castelhano na Santa Sé], 121; 133; 159; 349; 371;
- Montalvão, D. Jorge Mascarenhas, 1.º marquês de, [vedor da Fazenda e superintendente da armada portuguesa], 41; 42; 51; 76;
- Montauban, cardeal, 280;
- Monte, igreja do lugar do, [?], 189;
- Montecúccoli, Raimondo, conde de, [general imperial alemão], 436;
- Montefarnan, concílio irlandês de, 98;
- Monteiro, D. Nicolau, [prior de Cedofeita e embaixador plenipotenciário português na Santa Sé], 356; 371;
- Monterrey, conde de, [conselheiro de Estado castelhano e embaixador particular da rainha de Espanha em França], 234; 261; 307;
- Montet, monsieur du, [capitão suíço], 430;
- Montigni, monsieur de, [capitão da Marinha francesa], 420;
- Montmorency, Marguerite, duquesa de, 294;
- Moras, D. Juan de, [coronel castelhano], 460;

Mordon, herr, [coronel imperial alemão], 167;
 Moreto, conde de, [embaixador de Sabóia em França], 120;
 Morhe, mariscal de, [?], 107;
 Moris, São, [?], 20;
 Morosini, Girolamo, [almirante veneziano], 401;
 Morsheuser, coronel, [governador da guarnição de Dombach], 132;
 Mortagna, [coronel sueco], 368;
 Mortaigne, Gaspard Corneille de, [tenente-general francês ao serviço de Hess], 446;
 Mortara, Rodrigo Orozco, 1.º marquês de, [marechal-de-campo general castelhana], 263; 372;
 Mortemar, marquês de, [primeiro gentil-homem da Câmara Real francesa], 227;
 Mortório Régio, presidentes do, 214;
 Moscóvia, Mikhail Feodorovich Romanov, grão-duque de, [czar Mikhail I da Rússia], 121; 126; 135; 136; 172; 260; 276; 283; 370;
 Moscóvia, princesa Irene de, 136; 260; 276; 283;
 Moscovitas, tropas, 172; 393; 425;
 Moulin, monsieur de, [ministro francês], 157;
 Moura, André Lopes de, [soldado português], 81;
 Moura, Jerónimo de, [capitão português], 81;
 Mouro, capitão corsário, [?], 63;
 Mouros, corsários, 63;
 Mouros, fidalgos, 17;
 Mouros, príncipes, [?], 53;
 Mousinho, Gaspar, [capitão e alcaide-mor de Segura], 33;
 Münster, tratado de, 328;
 Murat IV, filha do sultão turco otomano, [?], 453;
 Murat IV, sultão turco otomano, 252; 453;
 Musnier, padre jesuíta, [confessor do duque de Euguien], 245;

N

Nájera, D. Afonso Fernandez de Velasco, 9.º duque de, [general castelhana], 372;

Nájera, D. Antonio Velasco y Acuña, 10.º duque de, [capitão castelhana], 372;
 Nápoles, esquadra de, 441;
 Nápoles, motins contra o poderio espanhol em, 433; 444;
 Nápoles, tropas portuguesas enviadas por Filipe IV de Espanha a, 34;
 Napolitana, esquadra, 397;
 Napolitanas, tropas, 372; 391; 392; 404; 444; 449; 463;
 Nari, prior, [mestre-de-campo pontifício], 274;
 Nassau, Guilherme, príncipe de, [filho do príncipe de Orange], 124; 139; 149; 268; 269; 271; 274; 279; 298;
 Nassouf, grão-visir otomano, 253;
 Navarra, sargento-mor do terço francês de, [?], 424;
 Neerstraat, regimento de, 369;
 Nemours, Charles-Amédée I de Sabóia, duque de, [general francês], 233; 408;
 Nestier, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 161;
 Neuburg, duque de, [general imperial alemão], 267;
 Neucourt, monsieur de, [tenente francês], 439;
 Nevers, Ludwika Maria Gonzaga de, rainha consorte da Polónia, 403;
 Newcastle, William Cavendish, conde de, [general realista inglês], 140; 141; 175; 176; 178; 185; 187; 197; 210; 269; 274; 281; 297; 299; 336;
 Newgate, cadeia pública de, [Londres], 201; 202;
 Nice de la Paille, tomada de, 142;
 Nice, parlamento de, 150;
 Noailhac, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 419;
 Nochera, Francisco María de Caraffa y Caraffa, duque de, [conselheiro de Estado castelhana], 234;
 Noël, Petro, [?], 20;
 Noier, mounsieur de, [Secretario de Estado francês], 169; 182;
 Noirmoutier, marquês de, [marechal-de-campo francês], 419; 438; 439; 440;

Norborch, duque de, [?], 125;
 Norborch, tropas ducais de, 125;
 Northampton, Spencer Compton, conde de, [general realista inglês], 140;
 Northumberland, Algernon Percy, 10.º conde de, [general e almirante realista inglês], 70; 197; 298;
 Nossa Senhora da Coroada, igreja da, [?], 58;
 Nossa Senhora da Estrela, [naveta portuguesa], 40;
 Nossa Senhora da Estrela, capela-mor do Santíssimo Sacramento da igreja de, [Lisboa], 40;
 Nossa Senhora de Montefarnan, convento de, 98;
 Nossa Senhora do Carmo, ordem de, [Espanha], 225;
 Nossa Senhora do Loreto, [baixel veneziano], 435;
 Nossa Senhora do Loreto, imagem de, [Roma], 403; 406;
 Nossa Senhora do Monte do Carmo, convento de, [Lisboa], 14; 15;
 Nossa Senhora dos Prazeres, festa de, 68;
 Nossa Senhora dos Remédios, igreja da, [Gerês], 39;
 Nossa Senhora dos Remédios, imagem da, [Gerês], 39;
 Nossa Senhora dos Remédios, romaria da, [Gerês], 39;
 Nossa Senhora, dia litúrgico de, 116;
 Nossa Senhora, imagem de, [Dixmude], 441;
 Nostix, conde de, [?], 466;
 Notre Dame, catedral de, [Paris], 142; 213; 158; 250; 382; 425; 462;
 Nova Espanha, armada castelhana da, 37; 45; 64;

0

O'Neill, [deputado parlamentar inglês], 85;
 O'Neill, Eugene, [coronel católico irlandês, "o Moço"], 26; 137;
 O'Neill, Felix, [general católico irlandês], 85; 96;
 O'Reilly, Edmund, 97;

Oberwitz, castelo de, 267;
 Óbidos, D. Vasco Mascarenhas, 1.º conde de, 51;
 Odemira, D. Sancho de Noronha, 6.º conde de, 17; 21;
 Odiscoil, Malachias, [general da armada irlandesa], 105;
Ofício das Trevas, celebração litúrgica do, 66;
 Oitão, fortaleza de, 56;
 Olivares, Gaspar de Guzmán y Pimental, [conde-duque de Sanlúcar de Barrameda], 95; 156; 184; 199; 224; 234; 236; 309; 378;
 Olmutz, cerco a, 208;
 Olmutz, governador de, [?], 308;
 Oñate, Íñigo Vélez de Guevara y Táxis, conde de, [embaixador castelhano em Roma e vice-rei de Nápoles], 173; 234; 403; 464; 468;
 Oncale, [?], 116;
 Oram, marquês de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
 Orange, Amalia of Solms-Braunfels, princesa de, [esposa de Frederik Hendrik de Orange], 184;
 Orange, Frederik Hendrik, conde de Nassau e príncipe de, 69; 112; 122; 123; 124; 125; 179; 185; 254; 266; 271; 295; 328; 334; 380; 381; 382; 395; 402; 407;
 Orange, William II de, príncipe holandês, 284;
 Oria, príncipe de, [general napolitano ao serviço de Espanha], 59;
 Orleães, Gaston, duque de Anjou e de, [irmão de Luís XIII de França], 117; 122; 212; 213; 214; 215; 217; 226; 246; 250; 300; 315; 323; 324; 330; 337; 338; 339; 344; 371; 381; 395; 402; 407; 408; 413; 414; 420; 423; 424;
 Orleães, Marie de Bourbon, duquesa de, [esposa de Gaston de Orleães], 211; 217; 226;
 Oropeza, marquês de, [?], 107;
 Orpe, lorde John, 275;
 Orset, conde de, [?], 275;
 Orta, castelo de, 225;
 Ortono, cardeal, 350;
 Orvub, conde de, [primeiro escudeiro da rainha de França], 214;

Osculum pacis, [cerimonial litúrgico], 353;
 Osteritis, D. Pedro, [coronel castelhano], 372;
 Ostrie, Martino, [governador veneziano de Norigada], 407;
 Osuna, duque de, [vice-rei de Valência], 359;
 Otomana, armada turca, 7; 106; 121; 221; 196; 198; 347; 355; 356; 379; 384; 385; 401; 425; 433; 434; 442; 453; 454;
 Otomana, Corte imperial, 198;
 Otomanas, tropas turcas, 121; 125; 126; 208; 252; 253; 325; 355; 356; 379; 384; 385; 393; 406; 407; 415; 425; 426; 433; 434; 435; 442; 445; 452; 453; 454; 455;
 Otomano, império turco, 347;
 Otomano, rebeliões armadas no império, 252; 253;
 Otomano, surtos de peste no império turco, 384;
 Otomano, tesouro imperial turco, 286;
 Otomano, tributos dos estados vassalos do império turco, 198;
 Ouro, fundição do, [Lisboa], 66;
 Ouro, recenseamento do, [Lisboa], 65;
 Oxenstjerna, Axel, [chanceler da Suécia], 135; 417;
 Oxford, universidade de, 147;

P

Pacheco, D. Manuel de Sousa, [governador da Ilha Terceira], 41;
 Pacheco, D. Pedro, [conselheiro da Junta das Armadas de Espanha], 235; 236;
 Pacheco, Pantaleão Rodrigues, [agente régio português em Roma], 49;
 Pachincti, cardeal, 349;
 Paço da Justiça, [Paris], 213;
 Paço Real, [Lisboa], 64;
 Pais, Francisco, [sargento-mor português], 76;
 Palatinado, campanha do, 26;
 Palatinado, Maurício, príncipe do, [general das tropas realistas inglesas], 69; 210;
 Palistas, [milícias inglesas], 377;
 Pallavicino, Thobias, [mestre-de-campo pontifício], 274;

Pallota, cardeal, 349;
 Pallvau, Philippe de Clérambault, conde de, [marechal-de-campo francês], 240; 241; 419;
 Palmer, [cavaleiro inglês], 275;
 Pam, rei de, [?], 388;
 Pamiers, bispo de, [?], 226;
 Pamphili, cardeal Camillo Francesco Maria, [sobrinho do papa Inocêncio X], 426;
 Panciroli, cardeal Giovanni Giacomo, [auditor da Rota; patriarca de Constantinopla e núncio extraordinário a Madrid], 50; 238;
 Panzetta, coronel, [governador de Nonantola], 301; 302;
 Papado, brasão de armas do, 325;
 Pappenheim, Gottfried Heinrich, conde de, [marechal-de-campo alemão], 450;
 Parada, signor Paulo de, [capitão napolitano], 372;
 Paradeiser, herr von, [governador imperial alemão de Eggen], 436;
 Paredes, João Pais de, [licenciado], 54;
 Paris, abastecimento de pão a, 278; 279;
 Paris, arqueiros do grão-preboste de, 213;
 Paris, burguesia de, 141; 142;
 Paris, Câmara de, 213;
 Paris, conselheiros do Parlamento de, [?], 214;
 Paris, embaixador extraordinário de Florença em, [?], 227;
 Paris, embaixador florentino em, [?], 425;
 Paris, embaixador saboiano em, [?], 425;
 Paris, embaixador veneziano em, [?], 425;
 Paris, grão preboste de, [?], 213; 214;
 Paris, Jean-François-Paul de Gondi de Retz, arcebispo de, 226; 251;
 Paris, núncio apostólico em, [?], 425;
 Paris, Parlamento de, 213; 215; 233; 344;
 Paris, presidentes do Parlamento de, [?], 214;
 Paris, Procurador-geral [?], 344;
 Paris, senadores da Câmara de, 213;
 Parma, Alexandre Farnese, duque de, [general ao serviço de Espanha], 441;
 Parma, Margherita de Médicis, duquesa de, 430;

- Parma, Odoardo Farnese, duque de, 47; 71; 122; 133; 155; 158; 159; 189; 223; 233; 272; 273; 326; 327; 394; 408; 430;
- Parma, perfeito de, [?], 155;
- Parma, Ranuccio II Farnese, duque de, 431;
- Parma, tropas ducais de, 133; 155; 158; 159; 223; 233; 272; 273;
- Pascasio, [padre jesuíta irlandês], 230;
- Pasmiers, bispo de, [esmoler ordinário da rainha de França], 251;
- Patacas, [moeda], 7; 31; 198; 221; 236; 465;
- Paternò, Luigi Moncada, príncipe de, 447;
- Pauli, Broder, [síndico alemão], 222;
- Paulo V, papa, 392;
- Peake, [tenente-coronel realista inglês], 304;
- Pédamur, monsieur de, [capitão francês], 226;
- Pedepao, [almirante holandês], [?], 9; 122;
- Poituque, senôr de, [coronel castelhano], 372;
- Peixe, monstuoso, [espadarte?], 40;
- Pembrok, conde de, [comissário da embaixada inglesa], 25; 147;
- Penalva, D. Duarte Luís de Meneses, 1.º marquês de, [3.º conde de Tarouca, fidalgo português refugiado em Espanha], 237;
- Penamacor, descoberta de jazigos de cobre em, 103;
- Peñaranda, Gaspar de Bracamonte y Guzmán, conde de, [embaixador castelhano em Veneza e na Junta da Paz Geral em Münster], 309; 383; 416;
- Penington, lorde, [?], 281;
- Pents, herr, [coronel imperial alemão], 165;
- Pereira, D. Nuno Álvares, [condestável de Portugal], 15;
- Pereira, D. Pedro, [tenente-general castelhano], 372;
- Pereto, monsenhor Francisco, 50;
- Perey, visconde de, [?], 281;
- Pernon, duque de, [?], 61;
- Pérola, [navio francês], 257;
- Perpignan, carta de Luís XIII de França aos burgueses de Paris sobre a tomada de, 141; 142;
- Perpignan, comemorações pela tomada de, 156;
- Perpignan, epidemias em, 141;
- Perpignan, relação das festas que se fizeram em Avinhão pela tomada de, 152;
- Perpignan, tomada e bloqueio naval de, 134; 137; 141; 142; 152; 153; 156; 184;
- Perry, monsieur de, [deputado régio francês], 405;
- Persas, tropas, 435;
- Pérsia, Abbas II, xá da, 199;
- Pesaro, signor de, [general italiano], 223;
- Pestana, Gaspar Pinto, [comissário português], 55; 77; 104; 105;
- Pianazza, marquês de, [marechal-de-campo], 119; 161;
- Piccolomini, Octavio, duque de Amalfi, [general toscano ao serviço do Sacro Império Romano-Germânico e de Espanha], 23; 83; 111; 112; 144; 160; 163; 166; 196; 199; 289; 220; 307; 311; 323; 343; 402; 422; 423;
- Pimenta, señor, [general castelhano], 398;
- Pinheiro, João, 28; 74; 142; 154; 182; 194; 258; 270;
- Piombino, Isabella Gesualdo, princesa de, 429;
- Piombino, Niccoló Ludovisi, príncipe de, 429;
- Plastras, [moeda], 198;
- Plemua, baluarte de, [Plymouth], 291;
- Plessis-Praslin, conde César de, [duque de Choiseul e marechal de França], 119; 287; 355; 360; 361; 363; 364; 365; 366; 380; 427; 428; 430; 463;
- Plessis-Puchot, monsieur de, [capitão francês], 226;
- Polacas, tropas, [Dunquerque], 420;
- Polacas, tropas, 121; 125; 126; 171; 393;
- Poli, cardeal Fausto, 238; 349;
- Policastró, Francesco, conde de, 459;
- Polonguiera, condessa de, [irmã do conde de Moreto, embaixador de Sabóia em França], 120;
- Polónia, Ana de Áustria, rainha da, [irmã do arquiduque Leopoldo de Áustria], 325;
- Polónia, carta do papa Urbano VIII ao rei da, 317; 318;
- Polónia, Junta dos Estados da, 172;
- Pomfrett, castelo de, 175; 210;

Pont Courlé, marquês de, [?], 181;
 Pontifícia, antiga bula [com disposições pontifícias medievais sobre a legitimidade régias], 121;
 Pontifícia, armada, 232; 260; 284;
 Pontifícia, bulas regulamentares do conclave para a eleição, [?], 350;
 Pontifícia, comissário das tropas, [?], 248;
 Pontifícia, conclave para a eleição, 348; 350; 351; 352; 353; 354;
 Pontifícia, Corte, 173; 192; 193; 350; 371; 391; 403; 426; 449;
 Pontifícia, embaixadores europeus na eleição, [?], 350; 351;
 Pontifícia, governador da Corte, [?], 371;
 Pontifícia, mestres-de-cerimónias do conclave para a eleição, [?], 350; 351; 353;
 Pontifícia, secretário do sacristão do conclave para a eleição, [?], 351; 353;
 Pontifícias, tropas, 121; 133; 158; 159; 173; 174; 223; 248; 260; 261; 262; 272; 273; 274; 284; 285; 301; 302; 311; 351; 393; 453; 464;
 Pontifício, conclave, 124;
 Pontifício, consistório, [1642], 71;
 Pontifício, ministro, [?], 384;
 Porsimyem, castelo de, 140;
 Portel, frei Lourenço de, 32;
 Portland, conde de, [?], 123;
 Porto Longone, fortaleza de, [Porto Azzurro], 428; 429;
 Porto Longone, governador napolitano de, [?], 429;
 Portugal, armas reais de, 15; 159;
 Portugal, Conselho da Fazenda de, 57;
 Portugal, crime de lesa-majestade em, 83;
 Portugal, D. Miguel de, [bispo de Lamego e embaixador plenipotenciário português na Santa Sé], 7; 9; 22; 28; 48; 49; 71; 120; 121; 133; 134; 142; 159; 174; 183; 191; 192; 193; 194; 313; 356;
 Portugal, édito de expulsão ou naturalização da população castelhana em, 65;
 Portugal, embaixador da Catalunha em, [?], 60;
 Portugal, embaixador sueco em, [?], 43;
 Portugal, espões em, 7; 41; 77; 79;
 Portugal, Igreja Católica em, 356;
 Portugal, Junta dos Três Estados de, 192;
 Portugal, questão da vagatura de igrejas em, 371;
 Portugal, Restauração de, 8; 13; 17;
 Portugal, tropas francesas ao serviço de, 88;
 Portugal, tropas holandesas ao serviço de, 91;
 Portuguesa, alistamento militar da nobreza, 75;
 Portuguesa, armada, 16; 17; 19; 20; 28; 41; 43; 56; 65; 66; 75; 95; 342; 345; 388;
 Portuguesa, Casa Real, 99;
 Portuguesa, construção naval, 43; 44; 75; 100;
 Portuguesa, Corte, 1; 8; 44; 45; 51; 56; 57; 60; 63; 64; 68; 92; 100; 101; 104; 317;
 Portuguesa, esquadra, [Mediterrâneo, com armada francesa], 403; 410; 415; 427; 428; 429;
 Portuguesa, furto de pólvora nos estaleiros da armada, 30;
 Portuguesa, gôndola real, 76;
 Portuguesa, marinha mercante, 200;
 Portuguesa, nobreza, 10; 13; 15; 54; 57; 65; 75; 92; 94; 95;
 Portuguesa, processo do meirinho e do escrívão da armada, 30;
 Portuguesa, reverendo padre confessor da rainha, [?], 57;
 Portuguesas, batedores franceses das tropas, 102;
 Portuguesas, fronteiras, 40; 65;
 Portuguesas, mercês régias, [comendas], 64; 65;
 Portuguesas, mercês régias, 54; 76; 95;
 Portuguesas, mestres-de-campo das tropas, [?], 54;
 Portuguesas, pedido de aliança das tropas holandesas às tropas, 122;
 Portuguesas, sargento-mor das tropas, [?], 54;
 Portuguesas, tropas, 15; 18; 19; 20; 32; 34; 39; 40; 41; 42; 51; 52; 53; 55; 56; 58; 64; 65; 66; 67; 68; 75; 76; 77; 78; 79; 80; 82; 83; 87; 88; 89; 90; 91; 92; 93; 94; 99; 100; 101; 102; 103; 104; 122; 195; 313; 345;

378; 388; 389; 390; 394; 410; 411; 427; 428; 429; 430;

Portugueses e castelhanos, trocas de prisioneiros de guerra, 101;

Portugueses, ardis militares, 34;

Portugueses, despojos de guerra, [«quinto de Sua Majestade»], 91;

Portugueses, despojos de guerra, 83; 87; 91; 95; 99; 101; 102; 103; 104;

Portugueses, desterrados, 34;

Portugueses, investidura de cavaleiros, 82;

Portugueses, maceiros, 30;

Portugueses, morte de lavradores, 100; 104;

Portugueses, perseguições populares castelhanas a civis, 9; 46; 101;

Portugueses, pescadores, 40; 76;

Portugueses, prisioneiros de guerra, 66; 101; 103;

Portugueses, prisioneiros, [Flandres], 72;

Portugueses, refugiados, 101;

Portugueses, reis-de-armas, 30;

Portugueses, salvo-condutos castelhanos a, [ou «salvo-condutos»], 92;

Pouvre, monsieur de, [marquês, cavaleiro da ordem do Santo Espírito e primeiro gentil homem da Câmara Real francesa], 116;

Povillac, monsieur de, [capitão francês], 226;

Prado, palácio ducal de, [Mântua], 189;

Praga, catedral de, 407;

Praga, prior do castelo de, [?], 466;

Praromain, regimento francês de, 361;

Prata, quebra da moeda de, [Espanha], 235; 236;

Pregadores, Ordem de, [Roma], 50;

Presente de D.^a Luísa de Gusmão, rainha de Portugal, a Ana de Áustria, rainha de França, 107;

Presépio, [Nazaré], 171;

Presi, monsieur de, [Secretário de Estado francês], 214;

Privilégio Real, 1; 28; 38; 194; 205; 230; 246; 258; 270; 294; 306; 318; 330; 342; 354; 366; 390; 414; 444; 456;

Pro Electione Romani Pontificis, [oração litúrgica], 353;

Procissão dos Passos, 56;

Prodígio, [“fogo-fátuo”?], 33;

Prodígio, [“menino mudo de Miranda”], 43;

Prodígio, [vitela bicéfala], 66;

Protestante, credo, 157;

Protestantes, congregação sobre os ritos ingleses, 210; 211;

Protestantes, Conselho dos, [Irlanda], 259;

Províncias Unidas, comissários franceses às, [?], 37;

Províncias Unidas, Junta dos Estados das, 185; 196;

Províncias Unidas, ultimato francês às, 37;

Proximo, Borgez, [príncipe italiano], 159;

Pruent, conde de, [?], 119;

Punhourostro, conde de, [mordomo de Filipe IV de Espanha], 235;

Puplinier, monsieur de, [capitão francês], 88; 89;

Purificação, festa litúrgica da, 71;

Puy, bispo de, [primeiro esmoler da rainha de França], 226; 251;

Pym, [deputado parlamentar inglês], 249;

Q

Quaresma, festa litúrgica da, 53; 56;

Querini, Casa de, 454;

Quesnay, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 363;

Quilmor, [bispo protestante inglês], 97;

Quinhones, D. Álvaro de, [general castelhano], 34; 263;

Quinsé, conde de, [marechal-de-campo francês], 419;

Quinta-feira de Endoenças, festa litúrgica de, [Quinta-feira Santa], 66;

Quirival, [Roma], 449;

Quitard, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 420;

R

Ragio, monsenhor Ottaviano, [auditor geral da Câmara], 50;

Rambourg, monsieur de, [ministro francês], 157;

- Randan, condessa de, [dama-de-honor da rainha de França], 227;
- Rangon, marquês de, [?], 189;
- Rantzau, Josias, conde de, [general alemão e marechal de França], 339; 380; 419; 423; 424; 437; 438; 439; 440; 443; 450;
- Rapaccioli, cardeal Francesco Angelo, 238; 349;
- Rapaccioli, monsenhor, [prefeito de la Anona], 50;
- Ratisbona, magistrado de, [?], 163;
- Ratisbona, ponte de, [?], 163;
- Ray, batalha de, 144;
- Raymondo, herr, [coronel imperial alemão e governador de Widembruk], 446;
- Reais irlandeses, [moeda], 97;
- Reales, [moeda], 235; 236; 237;
- Reding, fortaleza de, 295;
- Redondo, D. Francisco Coutinho, 6.º conde do, 51;
- Regalados, senhor de, [fidalgo português em Espanha], 237;
- Régias, novas disposições canônicas a respeito da legitimidade e governo das linhagens, 124;
- Regnezian, monsieur de, [engenheiro militar francês], 338;
- Reichmark*, [moeda], 465; 466;
- Reims, arcebispo de, [?], 311;
- Réis, [moeda], 11; 28; 38; 50; 62; 74; 86; 98; 110; 122; 129; 142; 154; 169; 182; 194; 205; 217; 258; 270; 282; 306; 330; 342; 344; 354; 390; 414; 444; 468;
- Reisdaldres*, [moeda], 221; 222; 260;
- Relação de uma carta escrita por uma dama de honor da rainha de Inglaterra a seu marido, 185; 186; 187; 188;
- Relação*, 457;
- Relação, tribunal da, [Lisboa], 83;
- Relações*, [imprensa periódica portuguesa], 142;
- Renocoro, castelo de, 343;
- Restauração, guerras da, 20; 28;
- Rey dos Esguissaros*, [Johann Rudolf Wettstein, burgomestre de Basell?], 420; 430;
- Reyna, monsieur de Chel de la, [mestre-de-campo francês], 46;
- Ribeiro, João Pinto, 38; 50; 86; 110; 205; 330; 354; 414; 444; 468;
- Ribeiro, Manuel, [capitão português], 234;
- Ribera, Noel de, [?], 20;
- Rich, lorde, [?], 140;
- Richadel, D. Luis de, [marechal-de-campo catalão ao serviço de França], 264; 265;
- Richard, monsieur, [engenheiro militar francês], 424;
- Richelieu, Armand de Wignerod, duque de, [almirante francês], 181; 441;
- Richelieu, Armand Jean du Plessis, cardeal-duque de, [primeiro-ministro de França], 107; 168; 169; 181; 182; 211; 212; 398;
- Richelieu, conspiração contra o cardeal-duque de, 107;
- Richelieu, palácio de, 168; 169;
- Richmont, duque de, [?], 148; 275;
- Rivers, conde de, [?], 140;
- Riviere, condessa de, [?], 147;
- Robon, Bertholameu, [abade regular do mosteiro de São Bento, Soreza], 136;
- Roca, conde de, [embaixador castelhano em França], 212;
- Rocas, D. André de, [secretário dos conselheiros de Guerra castelhano], 234; 236;
- Rocci, cardeal Ciriaco, 349;
- Rochefort, conde de, [general parlamentar inglês], 275;
- Rochevoucauld, Casa de, 227;
- Rocroi, batalha de, 226; 238; 462;
- Rodes, grão-mestre de, [mestre das cerimônias fúnebres régias francesas], 213; 214; 250;
- Rodrigo, D. Luis, [general castelhano], 431;
- Roi, Juan, [?], 20;
- Roma, brasão de armas de, 325;
- Roma, cardeal, 349;
- Roma, comunidade borgonhesa em, 134;
- Roma, comunidade lorenese em, 134;
- Roma, consistório cardinalício castelhano em, 371;
- Roma, éditos papais contra a vagabundagem em, 125;
- Roma, eleições cardinalícias em, 238;
- Roma, eleições pontificias em, 336; 337;
- Roma, escaramuças entre portugueses, catalães e castelhanos em, 72; 159;

Roma, inquérito papal às desordens entre as embaixadas de Portugal e Castela em, 134;

Roma, palácio da embaixada espanhola em, [?], 134;

Roma, palácio da embaixada florentina em, [?], 132;

Roma, palácio da embaixada francesa em, [?], 49; 134;

Roma, palácio da embaixada imperial alemã em, [?], 49;

Roma, palácio da embaixada portuguesa em, [?], 134;

Roma, reforço da fortificação militar em, 331;

Roma, reforço da segurança na cidade de, 133; 134;

Roma, secretário da embaixada francesa em, [?], 49;

Romana, Cúria, 71;

Romana, Igreja Católica, 124; 179; 192; 193; 325; 425;

Romano, credo católico, 73; 74; 115; 137; 202; 203; 204; 205; 212; 226; 242; 375; 376;

Romanos, cardeais católicos, 124;

Roncalli, Dominicó, [embaixador plenipotenciário em França], 262;

Rondinini, cardeal Paolo Emilio, 238; 349;

Ronnet, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 442;

Rosa, *officina* de Domingos Lopes, 38; 50; 62; 65; 74; 86; 110; 270; 294; 306; 318; 330; 342; 366; 390; 414; 444; 456; 468;

Rosa, presidente, [?], 22;

Rosa, señor, [coronel castelhano], 447;

Roses, artigos da capitulação de, 355; 364; 365; 366;

Roses, castelo de, 355;

Roses, rota marítima de, 137;

Roses, tomada de, 355; 360; 361; 362; 363; 364; 365; 366;

Rosmon, Carlo, [?], 20;

Rossetti, cardeal Carlo, [internúncio papal em Münster], 238; 349;

Rossi, signor, [governador veneziano], 454;

Rouen, duque de, [general francês], 293;

Roussi, conde de, [?], 157;

Roussiere, monsieur de, [escudeiro do príncipe de Condé], 245;

Rovainette, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 419;

Roxo, Manuel Martins, 94;

Roza, monsieur de, [general francês], 333;

Ruhac, marquês de, [embaixador ordinário francês em Portugal e tio do Conde dos Arcos], 337;

Rupert, príncipe do Palatinado, [general realista inglês e sobrinho de Carlos I de Inglaterra], 139; 147; 149; 210; 299; 336; 374; 409;

Russas, tropas, 121; 126;

S

S. Aleixo, Teodoli, cardeal de, 261;

S. Ângelo, marquês de, [superintendente general das fortificações toscanas], 221;

S. Luc, mariscal de, [cavaleiro da ordem do Santo Espírito], 116;

S. Prisca, Francesco Adriano Ceva, cardeal de, 261;

S. Simon, duque de, [?], 183;

S. Toné, monsieur de, [?], 35;

S.^a Cecília, Giandomenico Spínola, cardeal de, 349; 431;

Saavedra, D. Diogo de, [embaixador plenipotenciário castelhano a Münster], 238; 282;

Sabóia, cardeal de, [?], 72;

Sabóia, Carlos Emanuel, duque de, [filho], 119; 120; 150; 151; 152;

Sabóia, Carlos Emanuel, duque de, [pai], 151;

Sabóia, Corte de, 161;

Sabóia, Cristina de França, duquesa de, 117; 118; 119; 120; 149; 150; 151; 152; 155; 160; 161; 162;

Sabóia, grão-chanceler de, [?], 150;

Sabóia, Maurício, príncipe-cardeal de, 118; 119; 120; 149; 150; 151; 152; 155;

Sabóia, paços do ducado de [Turim], 119;

Sabóia, tropas de, 151; 382;

Sabóia, Victor Amadeu, duque de, 151;

Sacchetti, cardeal Urbano, 349;

- Sacro Colégio, [Roma], 325;
 Sacro Império Romano-Germânico, recrutamentos militares no, 310; 325;
 Sacro Palácio, [Roma], 50; 71; 324; 348; 350; 351; 352; 353;
 Sagrado Colégio, ordem do, [Roma], 353;
 Sagres, fortaleza de, 32;
 Saintot, monsieur de, [mestre de cerimónias da Corte francesa], 142;
 Sakuil, John, [?], 139;
 Sal, comércio de, 43;
 Saldanha, Aires de, [mestre-de-campo português], 5; 16; 91; 100;
 Saldanha, António de, [general português], 41; 56; 66; 95;
 Saldanha, D. Manuel de Saldanha, [reitor da universidade de Coimbra], 66;
 Saldanha, João de, [capitão português], 6; 16;
 Sallenôves, monsieur de, [engenheiro militar francês], 424;
 Salmeiron, [padre jesuíta irlandês], [?], 230;
 Salnova, conde de, [?], 144;
 Salsbery, conde de, [?], 127;
 Salvaterra, conde de, [gentil-homem de Filipe IV de Espanha], 235;
 Salvaterra, D. Diogo de, 235;
 Salvio, senhor, [?], 208;
 Sampaio, Francisco de, [fronteiro-mor de Torre de Moncorvo], 4;
 Samprul, monsieur de, [governador de Arras], 47;
 San Ancour, conde de, [general imperial alemão], 459;
 San Ângelo, fortaleza pontifícia de, [Roma], 133; 449;
San Francisco Capuchinho, [navio castelhano], 236;
 San Jorge, duque de, [general castelhano], 34;
 San Juan, baluarte de, [Roses], 361; 362; 363; 364; 365; 366;
 San Martín, fortaleza da ilha de, 345;
 San Martin, marquês de, [?], 459;
 Sanchez, [?], 154;
Sancto Domingo, [navio castelhano], 236;
 Sandoval, cardeal Francisco Gómez Rojas de, 349;
 Sands, sir, [coronel inglês], 147;
Sane Ratio, [obra teológica anglicana], 376;
 Sangria, prática médica da, 78;
 Santa Crus, Prospero de, [alferes pontifício], 272;
 Santa Engrácia, festa litúrgica de, 30;
 Santa Engrácia, igreja de, [Lisboa], 30;
Santa Margarida, [galeão português], 3;
 Santa Margarida, igreja de, [Westminster], 209;
 Santa Maria do Pópulo, Falconteri, cardeal de, 261;
 Santa Maria no Pórtico, Vincenzo Costaguti, cardeal de, 261;
 Santa Maria, ordem da, [Sabóia], 151;
 Santa Sé, embaixada catalã à, 71;
 Santa Sé, embaixada e nobreza castelhana na, 71; 121; 191; 324; 383;
 Santa Sé, embaixada e nobreza catalã na, 121; 324;
 Santa Sé, embaixada e nobreza francesa na, 49; 121; 191; 324; 384;
 Santa Sé, embaixada e nobreza portuguesa na, 121; 191; 193; 384; 324;
 Santa Sé, embaixada imperial alemã à, 49;
 Santa Sé, embaixadas à, 72;
 Santa Sé, embaixador florentino na, [?], 132; 385;
 Santa Sé, embaixador plenipotenciário francês, [?], 133; 134; 191; 192;
 Santa Sé, embaixador veneziano à, [?], 442;
 Santa Sofia, basílica de, [Constantinopla], 198;
 Santiago, Ordem Militar de, 94;
 Santíssimo Sacramento, imagem do, [Lisboa], 14;
 Santo Agostinho, convento de, [Paris], 437;
 Santo Agostinho, igreja-mor da ordem de, [Paris], 226;
 Santo Ângelo, ponte de, [Roma], 49;
 Santo Antão-o-Novo, igreja de, [Lisboa], 53;
 Santo António de Lisboa e de Pádua, imagem de, [padroeiro de Génova], 406;
 Santo António, festa litúrgica de, 92;
 Santo António, igreja de, [Lisboa], 13; 64;
 Santo António, imagem de Santo Antonino saqueada da ermida de, 101;

- Santo Espírito, ordem militar francesa do, 116;
Santo Lenho, [Lisboa], 13;
 Santo Ofício, tribunal do, [Lisboa], 56; 100;
Santo Óleo, 57;
 Santo Sepulcro, [Jerusalém], 171;
 Santo Tomás, conde de, [secretário de Estado francês], 119; 120;
 Santos Apóstolos, convento dos, [Roma], 449;
São Bento, [galeão português], 65;
 São Bento, abadia de, [Soissons], 250;
 São Bento, igreja e mosteiro de, [Soreza], 136;
 São Bento, ordem de, [Londres], 27; 70;
 São Bento, ordem de, [Paris], 227; 279; 280;
 São Bento, ordem de, 250;
 São Bento, palácio ducal de, [Mântua], 188;
 São Bernardo, 458;
 São Clemente, capela de, [Roma], 325;
 São Clemente, cardeal de, 260;
 São Cristóvão, forte de, 78;
 São Cristóvão, igreja de, [Lisboa], 33;
 São Cristóvão, palácio ducal de, [Mântua], 189;
 São Dinis, 411;
 São Dinis, abadia de, [Paris], 117; 195;
São Domingos, [galeão português], 109;
São Domingos, [nau veneziana], 44;
 São Domingos, capítulo geral da ordem de, [Lisboa, 1618], 97;
 São Domingos, convento de, [Lisboa], 65; 86; 98; 110;
 São Domingos, convento de, [Paris], 317;
 São Domingos, igreja de, [Elvas], 411;
 São Domingos, imagem de, [Sorian], 353;
 São Domingos, ordem de, [Irlanda], 97;
 São Domingos, ordem de, [Paris], 280;
 São Filipe do Monte Brasil, fortaleza de, [Ilha Terceira], 16; 17; 30; 45; 62; 95;
 São Filipe do Monte Brasil, notícia da tomada da fortaleza, [Ilha Terceira], 64; 65;
 São Filipe, fortaleza de, [Giavellinis], 327;
 São Francisco Xavier, festa litúrgica de, 18; 19;
 São Francisco, convento de, [Campo Maior], 100;
 São Francisco, ordem de, [Rouen], 220;
 São Francisco, ordem, [Jerusalém], 171;
 São Gião, torre de, 56;
 São Grisogono, Poli, cardeal de, 261;
 São Ildefonso, 317;
 São Januário, imagem de, [padroeiro de Génova], 406;
 São Januário, relíquias de, 392;
São João Baptista, [baixel flamengo], 435;
São João Baptista, [fragata portuguesa], 75; 76;
 São João, conde de, [fidalgo português em Espanha], 237;
 São João, dia litúrgico de, 99;
 São João, igreja de [Roma], 133;
 São João, igreja de, [Turim], 120;
 São João, ordem militar de, 16;
 São Jorge, Giovanni Stefano Donghi, cardeal de, 261;
 São Jorge, monsieur de, [miliciano voluntário francês], 363; 364;
 São Lázaro, festa litúrgica de, 64;
 São Lázaro, ordem da, [Sabóia], 151;
 São Luís IX, rei de França, 216; 462;
 São Luís, igreja de, [Paris], 211;
 São Nicolau, ponte de, [Bourburg], 339;
 São Onofrio, cardeal Antonio Barberini, [irmão do papa Urbano VIII], 431;
 São Onofrio, cardeal de, 349;
 São Paulo, 375; 376;
 São Paulo, bairro de, [Lisboa], 33;
 São Paulo, terreiro de, [Lisboa], 30;
 São Pedro, apóstolo, 193;
 São Pedro, basílica de, [Roma], 348;
 São Pedro, burgo de, 350; 351;
 São Pedro, cátedra de, 85; 348;
 São Pedro, músicos da basílica de, [Roma], 349;
 São Pedro, sacristia da basílica de, [Roma], 351;
 São Plácido, 280;
 São Plácido, relíquias de, 280;
 São Pol, condessa de, [?], 107;
 São Pol, monsieur de, [coronel francês], 225;
 São Quirico e Santa Judite, Giorio, cardeal de, 261;
 São Roque, igreja de, [Lisboa], 51;

- São Salvador, convento de, [Jerusalém], 171;
 São Sulpício, [Paris], 279;
São Teodósio, [fragata portuguesa], 75;
 São Tomás, frei João, [confessor de Filipe IV de Espanha], 237;
 São Vicente, igreja de, [Lisboa], 33;
 Saulcey, monsieur de, [governador de Monçon], 289; 296;
 Saulsy, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 363;
 Sauveuse, monsieur de, [cavaleiro francês], 61;
 Savelli, duque Frederico, [embaixador húngaro na Santa Sé e marechal pontifício], 173; 262; 350; 351;
 Savelli, monsenhor, [arcebispo de Salerno], 159;
 Saxe-Weimar, Bernhard, duque de, [general alemão ao serviço de França], 265; 293;
 Saxónia, Johann II, duque-eleitor da, 118; 160; 164; 465;
 Saxónia, Lauvemburg, duque Francisco de, 108;
 Saxónia, morte do irmão do duque da, [?], 118;
 Saye and Sele, William Fiennes, visconde de, [deputado parlamentar inglês], 249;
 Scars, monsieur de, [ajudante-de-campo maltês], 420;
 Schlarg, coronel sueco, 135;
 Schleinitz, herr, [tenente-general imperial alemão], 164;
 Schmit, herr, [tenente-general imperial alemão], 466;
 Schnetter, herr, [tenente-general imperial alemão], 249;
 Schomberg, Charles de [marquês de Epinay, duque de Hallwin e marechal de França], 107; 142; 362; 463; 467;
 Schonek, capitão, [?], 134;
 Schoner, [coronel sueco], 134; 144;
 Searon, monsenhor, [bispo de Grenoble], 224;
 Sedan, castelo de, 156; 157;
 Sehurten, [capitão austríaco?], 108;
 Seixas, João de, [capitão português], 6;
 Semana Santa, celebração da, 66;
 Semur, barão de, [marechal-de-batalha francês], 419; 424;
 Senecey, marquesa de, [dama-de-honor da rainha de França], 227;
 Sentot, monsieur de, [mestre das cerimónias fúnebres da Corte francesa], 213; 214; 250;
 Sepulcro da Virgem, [Nazaré], 171;
 Serralho, porta e jardim imperial do, [Constantinopla], 286;
 Sevilha, calamidades em, 35;
 Sfondrato, senhor de, [?], 159;
 Sforza, duque, [?], 158;
 Sicília, motins contra o poderio espanhol em, 433; 444; 464;
 Sicilianas, tropas, 433;
 Silistra, *baffá* de, [governador turco otomano], [?], 425; 426;
 Silva, D. António Teles da, [governador do Brasil], 66; 99;
 Silva, D. Filipe da, [general português e presidente do Conselho de Estado de Espanha], 263; 340; 348; 379; 380;
 Silva, D. Jerónimo da, [cavaleiro da Ordem Militar de Santiago], 94;
 Silva, D. Luís da, [fidalgo português designado para capitão na Flandres], 238;
 Silva, Fernão da, [capitão português], 77;
 Silva, Pêro da, 11; 38;
 Silva, Salvador de Melo da, [cavaleiro da Ordem de Cristo], 56;
 Siruela, conde de, [mestre-de-campo castelhano], 173; 247; 248;
 Sitmond, [padre jesuíta francês e confessor de Luís XIII de França], 195;
 Slaning, Nicholas, [cavaleiro inglês], 178;
 Smorasky, [capitão sueco], 167;
 Soares, Diogo, 67; 236; 237;
 Soares, libertação da mãe e restante família de Diogo, 67;
 Soison, irmã do conde de, [?], 118;
 Soison, príncipe-conde de, [?], 60; 118;
Sol Dourado, nau portuguesa, 64;
 Solin, conde de, [governador de Maastricht], 441;
 Solis y Vargas, D. Fernando, [governador castelhano de Gravelines e Mardyck], 339; 408; 459;

- Solis, D. Francisco de, [ajudante-de-campo general castelhano], 460;
- Solomon, monsieur de, [tenente-coronel francês], 438;
- Sommerset, castelo de, 275;
- Sonquinha, Antonio de, [capitão castelhano], 372;
- Soranzo, signor, [cônsul veneziano em Constantinopla], 221; 435;
- Sorbonne, universidade da, [Paris], 311;
- Soreza, arcebispo de, [?], 136;
- Soria, D. Baltazar de, [embaixador castelhano em Inglaterra], 24;
- Sotteville, monsieur de, [governador francês de Tarragona], 396;
- Sotto-Mayor, D. Rodrigo Pereira de, [alcaide-mor e capitão-mor de Caminha e Valadares], 76;
- Soure, *bachio* de, [embaixador maltês em França], 428;
- Sousa, D. Álvaro de, 94;
- Sousa, D. Francisco de, [mestre-de-campo português], 58; 64; 78; 79; 80; 82;
- Sousa, D. João de Saldanha de, [tenente-general português], 44; 87; 88; 89; 90;
- Sousa, D. Lourenço de, [capitão português], 88;
- Sousa, D. Luís de Vasconcelos e, [3.º conde de Castelo-Melhor e governador de armas do Alentejo], 367; 378; 390;
- Sousa, Jordão de Barros de, [capitão português], 46;
- Souvigny, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 363;
- Soya, barão de, [?], 144; 145;
- Spada, cardeal, 349;
- Spahis*, [tropas de elite turcas], 252;
- Spar, Graf von, [major-general imperial alemão], 446;
- Spínola, cardeal Giambattista, 173; 349;
- Spínola, Casa de, [Génova], 208;
- Spínola, marquês de, [embaixador castelhano em França], 212;
- Spork, herr, [coronel imperial alemão], 145;
- St. Aouft, monsieur de, [governador do Arsenal de Paris], 251;
- St. Aunis, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 369;
- St. Balmont, madame de, [?], 291; 292;
- St. Carlos*, [navio francês], 257;
- St. Chamond, filho do monsieur de, [?], 348;
- St. Chamond, marquês de, [embaixador extraordinário francês na Santa Sé], 324; 325; 348;
- St. Chamunt, casa de, [residência oficial dos embaixadores extraordinários estrangeiros em Paris], 300;
- St. Claire, monsieur de, [capitão francês], 361; 362;
- St. Colomba Marin, monsieur de, [mestre-de-campo francês], 396;
- St. Croya, monsieur de, [capitão da marinha francesa], 397;
- St. Denis, fortaleza de, 334;
- St. Elma, porto de, 141;
- St. Folquin, forte de, 338;
- St. Francisco, convento de, [Paris], 171;
- St. Georges, igreja de, [Bourburg], 339;
- St. Germain, abadia de, [Paris], 279; 280;
- St. Germain, barão de, [comissário francês], 223; 370;
- St. Hilaire, monsieur de, [capitão francês], 361;
- St. Maigrin, marquês de, [marechal-de-campo francês], 360; 364; 366;
- St. Martin, catedral de, [paços do arcebisado de Mainz], 418;
- St. Martin, monsieur de, [capitão francês], 220;
- St. Martin, monsieur de, [comandante naval francês], 257;
- St. Martin, monsieur de, [tenente de artilharia francês], 420;
- St. Paul, bispo de, [?], 136;
- St. Paul, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 363;
- St. Salvador, monsieur de, [marechal-de-campo francês], 161;
- Stal-hans, [?], [general sueco], 108;
- Steen, Cornelis Cornelissen van den, 452;
- Steen, igreja de Cornelis Cornelissen van den, [?], 452;
- Stercan, Isban, [?], 20;
- Stirum, conde de, [mestre-de-campo holandês], 254;

Stoz, señor, [coronel castelhano], 247;
 Stozzi, conde Affonso, [general toscano], 220; 221;
 Strafford, forte de, 291;
 Strafford, sir Thomas Wentworth, conde de, 147; 175;
 Strange, barão de, 138; 147; 148;
 Strikland, lorde, 138;
 Suarez, padre, [carmelita francês], 158;
Successos principales de la Monarchia de Espanha, en el año de 1639...., [obra política], 240;
 Suda, fortaleza de [Sarandë?], 425;
 Sueca, aliados da Coroa, 118;
 Sueca, armada, 43; 208; 222; 332; 341; 346; 369; 417;
 Suecas, tropas, 23; 46; 108; 111; 112; 118; 123; 125; 126; 127; 131; 132; 134; 143; 144; 145; 159; 160; 162; 163; 164; 165; 166; 167; 172; 208; 209; 216; 231; 232; 240; 248; 251; 253; 262; 263; 266; 267; 268; 278; 286; 287; 293; 308; 310; 328; 346; 357; 367; 368; 380; 381; 382; 399; 402; 407; 417; 418; 420; 435; 436; 445; 446; 448; 449; 451; 452; 462; 465; 466; 467;
 Suécia, Dieta da, [Estocolmo], 328;
 Suécia, governadores-gerais da, 135;
 Suécia, Maria Eleonora de Brandenburg, rainha-mãe da, 69;
 Suecos, senadores, 135;
 Suíças, guardas pontifícias, 351; 352;
 Suíças, tropas ou guardas, 212; 213; 214; 220; 245; 246; 262; 284; 437; 438; 439; 440;
Summa Vniversæ Philosophiæ, [obra filosófica], 16;
 Sunderland, Henry Spencer, 1.º conde de, [lorde Spencer], 281;

T

Tabaco, tráfico ilícito e legislação proibitiva ao, [Império Otomano], 252;
 Tabei, Francisco Maria, [mestre de cerimônias do Sagrado Colégio], 350;

Talmud, fortaleza de, 295;
 Talon, monsieur de, [advogado régio de Luís XIII de França], 215;
 Talon, monsieur de, [intendente das fortificações de Piamonte], 161;
 Tana, conde de, [tenente francês], 161;
 Tanná, colégio jesuíta de, [Baçaim], 386; 387;
 Tarouca, D. Duarte Luís de Meneses, 3.º conde de, [fidalgo português refugiado em Espanha], 237;
 Tarouca, D. Luísa de Castro, condessa de, 237;
 Tartallia, signor, [capitão veneziano], 453;
 Tártaras, tropas, 172; 435; 436;
 Tartária, grão *khan* da, [?], 207;
 Taurmund, forte de, 208;
 Tavara, Enrique Pimentel y Guzman, 5.º marquês de, [general e conselheiro de Guerra castelhano], 234; 235;
Te Deum Laudamus, [hino litúrgico], 64; 120; 133; 141; 142; 246; 250; 251; 325; 382; 424; 462;
 Tejan, marquês de, [?], 408;
 Telamar, príncipe de, [general castelhano de Nápoles], 267;
 Teles, D. Rui de Moura, [governador de Mazagão], 57;
 Teles, padre Baltazar, 16;
 Tellfer, monsieur de, [Secretário de Estado francês], 214;
 Tellien, senhor de, [intendente da justiça, da polícia e da fazenda em Turim], 119;
 Tellier, monsieur de, [secretário de Estado francês], 251;
 Telo, D. João, [fidalgo português em Espanha], 237;
 Temene, fortaleza de, 454;
 Teodoberto II, rei da Austrásia, 216;
 Teodoli, monsenhor, [auditor geral da Câmara], 50;
 Teodorico II, rei da Borgonha, 216;
 Teodoro, príncipe Ercole, [filho do cardeal Giangiacomo Teodoro Trivulzio], 173;
 Terrail, monsieur du, [marechal-de-campo francês], 60; 345; 408;
 Tertail, monsieur de, [?], 61;
 Tertina, fortaleza de, 199;

- Thaddeo, D., [perfeito de Roma e príncipe de Palestrina], 351; 400; 403; 426;
- Theodoli, cardeal Mario, 238; 349; 391;
- Theodoli, marquês de, [?], 391;
- Thionville, artigos da capitulação de, 231; 239; 241; 242; 243; 244; 245; 246;
- Thionville, tomada de, 231; 238; 239; 241; 242; 243; 244; 245; 246; 248; 250;
- Thomonia, conde de, [?], 230;
- Tirchborn, Richard, [cavaleiro inglês], 175;
- Tobischaw, castelo de, 231;
- Toch Ali Pasha, [comandante geral dos janízaros], 452;
- Toledo, D. Gabriel de, [mestre-de-campo castelhano], 459;
- Toledo, tempestades em, 158;
- Tolnoy, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 420;
- Tolouse, arcebispo de, [?], 226;
- Torlon, conde de, [?], 22;
- Torneo, Francisco Cardoso de, 11; 38; 98; 110;
- Torre de Belém, [Lisboa], 389;
- Torre de Londres, 27; 139;
- Torre, D. João de Mascarenhas, 2.º conde da, [tenente português e 1.º marquês de Fronteira], 42; 63;
- Torre, monsieur de, [capitão francês], 270;
- Torrecuso, Carlandrèa Caràcciolo, marquês de, [almirante napolitano ao serviço de Espanha], 34; 84; 263; 348; 431;
- Torres Vedras, D. João Soares de Alarcão, 3.º conde de, [mordomo da rainha de Portugal e conselheiro de Guerra], 237;
- Torstensson, Leonard, [general sueco], 108; 111; 112; 118; 126; 127; 159; 160; 164; 165; 167; 231; 232; 266; 267; 308; 332; 367; 368; 369; 382; 417;
- Tortona, artigos da capitulação de, 167;
- Tortona, castelo de, 160; 161; 167; 168; 196;
- Tortona, cerco a, 182; 196;
- Tosão de Ouro, ordem do, 389; 459;
- Toscânia, esquadra de, 446;
- Toscânia, Ferdinando II de Medici, grão-duque de, [e duque de Florença], 126; 133; 158; 248; 261; 274; 394; 427; 428; 430; 431; 446;
- Toscânia, Matias, príncipe e grão-duque da, 155; 174; 220; 233; 248; 326;
- Toscânia, tropas ducais da, 155; 174; 220; 248;
- Tostões, [moeda], 386;
- Tour, [coronel sueco], 144;
- Tourville, monsieur de, [gentil-homem da câmara ducal de Enghien], 240; 241; 245;
- Tovar, Alonso de, [capitão castelhano], 89; 90;
- Transilvanas, tropas, 121; 126; 172; 207; 208; 310; 325; 332; 380;
- Transilvânia, acordos sobre a autonomia da, 118;
- Transilvânia, György I Rákóczi, príncipe da Transilvânia, da Moldávia e da Valáquia, 118; 126; 172; 196; 198; 199; 207; 310; 325; 332; 368; 380; 437;
- Transilvânia, levantamentos populares na, 118;
- Transubstanciação, dogma da, 97;
- Tratado de neutralidade entre o Eleitor de Brandemburg e Cristina da Suécia, 108;
- Tratado de paz entre a França e Lorena, 329;
- Tratado de paz entre o Império Otomano e a Pérsia, 199;
- Tratado de paz entre o Papado e a Liga dos Príncipes de Itália, 324; 326; 327; 331;
- Tratado de paz entre Portugal e a Suécia, 30;
- Tratado de paz entre Portugal e as Províncias Unidas, 388;
- Tratado de paz entre Portugal e França, 15;
- Tratado de tréguas e paz entre Portugal e Inglaterra, 92;
- Tratado secreto entre o governo espanhol e dissidentes franceses, 156;
- Trauttmansdorf, Maximilian, conde de, [embaixador plenipotenciário alemão em Münster], 415; 450; 451; 466;
- Travas, mosteiro das, 42;
- Trave, marquês de, [?], 144;
- Tréguas entre as tropas polacas e as tropas russas, 125;
- Tréguas entre as tropas turcas otomanas e as tropas polacas, 125;
- Tréguas entre o papa Urbano VIII e o duque de Parma, 158;

Tremblay, monsieur de, [governador da Bastilha], 251;
 Trevisa, marquês de, [marechal-de-campo francês], 364;
 Trigo, campanhas da ceifa do trigo, [Portugal], 103;
 Trigo, incêndios dos campos de, [Portugal], 104;
 Trigo, transporte fluvial de, 83;
Tristão, [navio francês], 257;
 Trivulzio, cardeal Giangiacomo Teodoro, ["Grande de Espanha" e conselheiro de Estado e de Guerra castelhano], 173; 371; 307; 349;
 Tromp, Maarten Harpertszoon, [tenente-almirante holandês], 106; 147; 185; 187; 267; 296; 413; 420;
 Tscherin, conde de, [embaixador plenipotenciário alemão a Constantinopla], 331;
 Tuder, monsieur de, [deão da catedral de Notre-Dame, Paris], 158;
 Tunnins, monsieur de, [?], 61;
 Turcos, piratas, 200;
 Turim, embaixador francês em, [?], 119;
 Turim, nobreza de, 119;
 Turim, núncio papal em, [?], 119;
 Turim, Parlamento de, 119;
 Turim, presidentes do Parlamento de, [?], 119;
 Tursi, Carlo Doria Carreto, duque de, [almirante espanhol], 450;
 Tuttavilla, Francesco, conde de, [deputado régio castelhano], 405;

U

Ufez, bispo de, [?], 226;
 Umstadt, Anselm Casimir Wambold von, [arcebispo e eleitor de Mainz], 418;
 Unhão, Rodrigo Teles de Menezes, 2.º conde de, [tenente português], 42;
 Urbano VIII, comemorações do jubileu dos 20 anos do pontificado do papa, 124;
 Urbano VIII, papa, 7; 9; 10; 22; 26; 28; 47; 48; 50; 71; 72; 74; 85; 117; 119; 121; 122; 124; 125; 132; 133; 155; 158; 159; 173; 174;

183; 191; 192; 193; 194; 223; 232; 233; 248; 260; 261; 262; 272; 273; 284; 294; 302; 307; 308; 311; 312; 317; 324; 325; 326; 327; 328; 329; 335; 336; 347; 348; 352; 384; 403; 415; 431; 449;
 Urbano VIII, protesto de D. Miguel de Portugal ao papa, 192; 193; 194;
 Urduisan, monsieur de, [coronel lorenense], 460;
 Ursino, monsenhor Virginio, 50;
 Ursino, padre jesuíta, 294;
 Utique, bispo de [coadjutor do cardeal Montauban?], 280;
 Uveland, herr, [juiz boémio], 465; 466;
 Uzès, François de Crussol, 4.º duque de, [cavaleiro de honor da rainha de França], 214;

V

Vacchar, monsieur de, [comissário militar francês], 362;
 Vahiler, [cavaleiro parlamentar inglês], 295;
 Valadares, D. Fradique de, [mestre-de-campo galego], 93;
 Valanfoba, D. Pedro de, [mestre-de-campo castelhano], 372;
 Valáquias, tropas, 207; 232;
 Valarnau, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 430;
 Vale da Graça, mosteiro feminino do, [Paris], 323;
 Vale de Graça, abadia de, 227;
 Vale de Reis, D. Nuno de Mendonça, 2.º conde de, 20;
 Vale, Domingos do, [sargento português], 81;
 Valença, governador de, [?], 158;
 Valença, fortaleza de, 247;
 Valençay, Achille d'Estampes de, [cardeal e general pontifício], 233; 248; 262; 284; 285; 302; 311; 325; 349;
 Valenzola, D. Pedro, [coronel castelhano], 372;
 Valin, monsieur de, [capitão francês], 241;
 Valleta, monsieur de, [condutor militar veneziano], 272;

- Valonas, tropas, 229;
- Valparaíso, marquês de, [?], 42; 43; 93;
- Vantelet, mademoiselle de, [aia da rainha de Inglaterra], 275;
- Vargas, D. Bernabe de, [mestre-de-campo castelhano], 459;
- Varjas, ponte das, [?], 51;
- Vasco, D. Josefo, [mestre-de-campo castelhano], 461;
- Vasconcelos, António de Carvalho de, [capitão português], 88;
- Vasconcelos, D. João Mendes de, [conselheiro de guerra português], 93;
- Vasconcelos, Francisco Luís de, [governador e capitão-geral da ilha de S. Miguel], 92; 93;
- Vasconcelos, frei João de, 11; 38; 98; 110;
- Vaticano, catacumbas do, 350
- Vauge, barão de, [comissário geral castelhano], 279;
- Vechiarelo, monsenhor, [clérigo de câmara], 50;
- Veen, [coronel realista inglês e governador de Windsor], 346;
- Vehena, senhor de, [?], 466;
- Veillère, monsieur de, [Secretário de Estado francês], 214;
- Veinart, monsieur de, [alferes francês], 370;
- Velada y San Román, Antonio Sancho Dávila de Toledo y Colonna, 3.º marquês de, [governador castelhano de Milão], 22; 24; 248;
- Velasco, Bernardino Fernando de, conde de Haro, [governador de Milão], 396;
- Velhos Napolitanos*, [regimento napolitano sob comando castelhano], 372;
- Vêndome, Laura Mancini, duquesa de, [e duquesa de Mercoeur], 233;
- Vêndome, Luis de Bourbon, duque de, 214;
- Veneza, embaixada portuguesa a, 10;
- Veneziana, armada, 356; 385; 401; 425; 433; 434; 435; 442; 445; 453; 454;
- Venezianas, tropas, 223; 272; 273; 284; 285; 385; 393; 425; 433; 434; 435; 442; 453; 454;
- Veni Creator Spiritus*, [hino litúrgico], 349;
- Ventimiglia, Casa de, 434;
- Ventimiglia, Giovanni di, [11.º marquês de Gerace, 4.º príncipe de Castelbuono, governador da Sicília], 434;
- Verbo Encarnado, ordem feminina do, [Bruxelas], 224.
- Verderonne, monsieur de, [tenente francês], 269;
- Vergas, [capitão holandês], 66;
- Verhellen, [capitão holandês], 309;
- Verospi, cardeal Girolamo, 349;
- Verospio, monsenhor Hieronymo, [auditor da Rota], 50;
- Verospio, monsenhor Leone, 50;
- Verrue, artigos da capitulação de, 161; 162;
- Verrue, castelo de, 161;
- Verrue, porto de, 162;
- Vertu, conde de, [mestre-de-campo francês], 364;
- Véspera de Reis, festa de, 29;
- Viático, sacramento do, 117;
- Vicent, Mathia, [?], 20;
- Vice-Rei, abade do palácio do, [Lyon], 400;
- Vice-Rei, palácio do, [Lyon], 400;
- Viena, embaixador tártaro em, [?], 207; 208;
- Viena, embaixador turco otomano em, [?], 331;
- Vieux-Bourg, monsieur de, [tenente francês], 439; 440;
- Vigliéra, marquês de, [vice-rei do México], 173;
- Vigneaux, monsieur de, [marechal-de-batalha francês], 419; 424;
- Vila de Segura, castelo da, 32;
- Vila Real, [capitão da embaixada portuguesa em França], 107;
- Villa Ajuda, monsieur de, [ajudante-de-campo francês], 161;
- Villa Franca, conde de, [?], 95;
- Villa Hermosa, duque de, [conselheiro da Junta das Armadas de Espanha], 235; 237;
- Villa Nova, D. Pedro de, [secretário geral de Aragão], 234;
- Villa, marquês de, [mestre-de-campo francês], 463;
- Villa, marquesa de, [?], 119;
- Villamor, D. Pedro de, [mestre-de-campo castelhano], 343;

Villanova, castelo, [?], 466;
 Villequier, Antoine d'Aumont de Roche-
 baron, marquês de, [marechal de Fran-
 ça], 339; 397; 419;
 Villy, monsieur de, [capitão francês], 226;
 361;
 Vins, monsieur de, [capitão francês], 363;
 Vintena, imposto da, 43;
 Virgem Maria, 40;
 Vischerat, prior de, [?], 466;
 Visconti, signor, [governador de Fermo], 465;
 Viso, marquês de, [gentil-homem de Filipe
 IV de Espanha], 235;
 Vivonne, conde de, [primeiro gentil-homem
 da Câmara Real francesa], 227;
 Vouta, monsieur de, [tenente-coronel fran-
 cês], 241;

W

Waldemar, conde de, [filho bastardo de
 Cristiano IV da Dinamarca], 136; 260; 276;
 283;
 Walh, [general imperial alemão], 163; 167;
 Walkenstein, barão de, [?], 167;
 Waller, sir William, [coronel parlamentar
 inglês], 178; 274; 276; 281; 303; 304; 305;
 336;
 Wancke, [coronel sueco, governador de
 Olmutz], 135; 143;
 Warwick, castelo de, 140; 141;
 Warwick, Robert Rich, 2.º conde de, [general
 parlamentar inglês], 127; 128; 274;
 Weibeck, Cornelio, [capitão holandês], 208;
 Werth, Johann von, [major-general imperial
 alemão], 125; 418; 448; 462;
 Whight, governador da ilha de, [?], 123; 127;
 Whitehall, palácio de, [Londres], 275;
 Widerholt, herr, [coronel alemão e governa-
 dor de Hohentwiel], 277;
 William, conde, [governador da Frísia], 296;
 William, príncipe holandês, [?], 284;
 Wilmot, Henry, [1.º conde de Rochester e
 general realista inglês], 149; 177; 269;
 Windebank, [capitão inglês], 176;

With, Witte Corneliszoon de, [ou Witten
 Wittens, almirante holandês], 106; 296;
 334; 346;
 Wittemberg, herr von [general imperial ale-
 mão], 466;
 Wittenberg, Arvid, [general sueco], 417; 445;
 Witweier, batalha de, 293;
 Wladyslaw IV Vasa, rei da Polónia, 121; 125;
 126; 172; 262; 294; 317; 318; 370; 392;
 405; 431;
 Wolfembutel, batalha de, 293;
 Wrangel, Carl Gustav, [general sueco], 436;
 445; 448; 451; 452;
 Wurtzbourg, bispo de, [?], 277;

X

Xabregas, convento de São Francisco de,
 [Lisboa], 32;
 Xabregas, quinta real de, [Lisboa], 101;
 Xequi, marquês de, [primeiro gentil-homem
 da câmara de Luís XIV de França], 321;
 Xisto IV, capela do papa, [Vaticano], 350;
 353;
 Xisto IV, papa, 350; 353;

Y

York, duque de, [Carlos I de Inglaterra], 27;

Z

Zagallo, Vitorio, [capitão italiano], 89;
 Zapta, conde de, [embaixador castelhano
 em França], 212;
 Zelti, varão, [?], 62;
 Zinguen, conde de, [general flamengo ao
 serviço de Castela e cavaleiro da Ordem
 do Tosão de Ouro], 390;
 Zoccolantes, convento dos padres, [?], 189;
 Zoutavilla, D. Vincencio, [general napo-
 litano], 372;
 Zulsiquar, *pasha* otomano de Chipre, 285;
 Zuñiga, D.ª Inês de, [esposa do conde-du-
 que de Olivares], 184; 224; 307; 309.

Índice Toponímico

A

- Aa, rio, 371;
Abbeville, 124;
Abrilongo, rio, 55;
Abruza, [Abruzzi], 133;
Achém, 388;
Açores, [?], 7;
Açores, 56;
Acos, 369;
Ada, rio, 190;
Adriático, mar, 190; 406; 425;
África, 17; 429;
Agramunt, 355; 357; 358; 369;
Ahis, 48;
Airien, 22; 36; 45;
Aix-en-Provence, 397; 400;
Albânia, 452;
Albergaria, 67;
Albesen, 344;
Albret, 420;
Albuquerque, 95; 313;
Alcântara, [Lisboa], 68; 86; 92;
Alcântara, pedreiras de, [Lisboa], 100;
Alcobaça, 32;
Alconchel, 90; 91; 95; 99;
Alcoutim, 83; 101;
Aldeia da Ponte, 56;
Aldeia do Bispo, 87; 88; 89;
Aldenburg, 334;
Alemanha, 57; 118; 127; 182; 190; 199; 200;
203; 216; 238; 240; 261; 282; 283; 293;
307; 315; 344; 345; 381; 383; 395; 399;
401; 409; 415; 417; 418; 441; 450; 459;
462; 465; 467;
Alentejo, 5; 17; 41; 42; 43; 57; 63; 77; 78; 90;
92; 99; 102; 104; 367; 378; 379; 389;
Alepo, [Halab], 221; 247; 252; 455;
Aleria, [Córsega], 308;
Aletz, 136;
Alexandria, 286; 300; 347;
Alexandrin, [Alessandria], 160; 196; 247; 449;
Alez, [Alès], 288;
Alfaiates, 56; 67;
Algarve, 200;
Algovarra, [Alcoletge], 394;
Alharis, [Allariz], 93;
Alicante, 365; 450; 467;
Almada, 44;
Almeida, 56; 87; 88; 94; 104; 236;
Almenas, 212; 228; 229; 288;
Alost, [Aalst], 357;
Alpes, 418;
Alsácia, 125; 240;
Altenau, 209;
Alto Palatinado, 163;
Alton, 303;
América, [Setentrional, colónias inglesas],
386;
América, 312; 345;
Amesterdão, 126; 136; 147; 190; 208; 254;
267; 278; 296; 299; 308; 328; 334; 345;
395; 402; 452;
Amieus, Anicuis, [Amiens], 124; 436; 437;
443;
Anatolia, 452;
Anau, 36;
Ancona, 406;
Ancour, 84;
Andaluzia, 28; 34; 44; 46; 64; 105;
Andrinópolis, 196; 208;
Angiari, [Anghiari], 284;
Angola, 20; 122; 356;
Anjou, 117; 411;
Anona, [Ancona?], 50;
Antigo, [?], 48;
Anvers, [Anvers, Antwerp ou Antuérpia],
254; 271; 279; 282; 312; 324; 381; 382;
402; 441; 446;
Apenino, monte, 155;
Apicomordona, [?], 425;
Appleford, 268;
Acquapendente, 158; 159;
Aquila, [L'Aquila], 133;

Aragão, 10; 37; 60; 95; 107; 137; 165; 173;
184; 224; 228; 233; 234; 236; 247; 254;
271; 307; 380; 427;
Arc, 343;
Ardres, 338;
Arezzo, 284;
Argel, 106; 200;
Argilliers, 59;
Arien, [Arriën], 36; 124; 343;
Arnstein, 144;
Aroche, 79;
Aroche, vale de, 54;
Arrábida, 44;
Aras, [Arras], 36; 47; 124; 227; 269; 395; 460;
Array, 140;
Arracão, 342;
Arronches, 389;
Arsehof, [Aarschot], 282;
Artois, 22; 36; 112; 324; 371; 442; 443; 458;
Arundel, 298;
Asach, [?], 425;
Asbrug, 344;
Aschaffenburg, 163; 418;
Aschersleben, 144; 145;
Ásia, 252; 253;
Aspack, 277;
Asseneda, [Assenede], 254;
Atenas, 335;
Atlântico, oceano, 59;
Aubigny, 337;
Augsburg, 418;
Aulnis, [Aulnois], 181;
Aumale, 250;
Austerlitz, 268;
Austrásia, 240;
Áustria, 111; 164; 173; 231; 345; 415; 436;
Avenas, [Avennes], 219; 220; 459;
Avinhão, [Avignon], 48; 152; 153; 158; 211;
224;
Ayamonte, 22; 44; 96; 101;
Aymery, [Aulnoye-Aymeries], 219;
Azac, [Asagc Arsin?], 286;

B

Baçaim, 386;
Badajoz, 15; 17; 29; 31; 41; 55; 64; 66; 77; 91;
92; 101; 103; 104; 366; 367; 378; 389; 390;

Bado, 285;
Bafte, 278;
Bahamas, 37;
Baía de Todos-os-Santos, 40; 342;
Baía, 20;
Baixa Saxónia, 84;
Balaguer, 166; 287; 288; 290; 292; 357; 358;
369; 371; 379; 380;
Balbastro, [Barbastro], 263;
Ballinekilla, [Ballinakill], 230;
Balthesar, [?], 288;
Báltico, mar, 208; 328; 334;
Bamba, 122;
Bambeco, [Bambecque], 343;
Bamberg, 277;
Bampama, [?], 36;
Banbury, 336;
Barbante, 36;
Barberia, 155; 355; 446;
Barca, 32;
Barcarena, [Lisboa], 30;
Barcelona, 60; 68; 96; 137; 166; 183; 195;
247; 256; 263; 271; 272; 287; 296; 309;
310; 311; 345; 394; 405;
Bari, 447;
Bariano, [Castelnuovo Bariano], 190;
Bar-le-Duc, 291;
Barlemont, [Berlaimont], 219;
Barnet, 146;
Barnstable, 268;
Barquilha, lugar de, [Castela], 94;
Basingstoke, 303;
Basla, [Basel, Basle, Bâle], 167;
Bassea, [La Bassée], 270; 433; 437; 442; 443;
Baupame, 46; 47; 337;
Baviera, 121; 122; 125; 160; 167; 382; 417;
418; 436; 449; 467;
Bayonne, 225; 327;
Bazing, 303; 304; 305; 306;
Bazing, ribeira de, 303;
Bazzano, 273; 284;
Beira, 3; 17; 31; 40; 67;
Belle, 344;
Bellilha, [Melilla], 314;
Belpuch, 263; 264;
Bemposta, lugar da, 18;
Benevarri, 234; 254; 255; 256;

Benevento, 274;
 Benneveld, 132;
 Benzianes, lugar de, [?], 58;
 Béranger, 427;
 Bergade Sam Winot, Bergues San Vinot,
 Bergua, [Bergues-St-Vinox], 339; 407;
 418; 419; 437; 438;
 Bérgamo, 190;
 Berlim, 117;
 Bermudas, 9;
 Besse, 189;
 Bettole, 190;
 Betuna, [Béthune], 269; 444;
 Beverley, 186;
 Béziers, 106; 152;
 Bicerno, [Bicerni, Piqueras], 425;
 Bideford, 268;
 Bielloes, [Bielloises], 150;
 Binch, 227;
 Bingum, 344;
 Biscaia, 309;
 Biscaia, golfo da, 23;
 Bischofteinitz, [Horšovský Tyn], 451;
 Bisiguella, [Brisighella], 349;
 Blankenberg, 424;
 Bockhout, [Bockhorst], 254;
 Boémia, 69; 121; 148; 160; 163; 164; 165;
 166; 167; 184; 266; 367; 382; 407; 409;
 457; 465; 466; 467;
 Bolonda, 261;
 Bolonha, 155; 233; 273; 302;
 Bom Retiro, lugar de, [?], 95;
 Bomarzo, 191;
 Bona, 267;
 Bondeno, 223; 233;
 Bordéus, 35; 341;
 Borgonha, 45; 240; 316; 323; 458;
 Borma, [Bormes-les-Mimosas], 48;
 Bornholm, ilha de, 332;
 Bósnia, 425; 434;
 Bouconville, 224;
 Bourburg, 339; 381;
 Braga, 32; 42; 51; 53;
 Bragada, 54;
 Brandenburg, 135;
 Brandilanes, 4;
 Branford, 275;

Brasil, 9; 19; 66; 99; 356;
 Brasta, 297;
 Brauna, [Braunau am Inn], 418;
 Breda, 254;
 Bregens, 278;
 Breitenfeld, 160; 164; 165;
 Brema, [Bremen], 162; 197; 222; 276; 341;
 436;
 Breraw, 231;
 Bresé, [Bresse], 340;
 Breslaw, [Bressau, Wroclaw], 108; 134;
 Bretanha, 21; 43; 312; 340; 448;
 Briech, 126;
 Brieg, [Brzeg], 134;
 Briel, [Bril], 185;
 Brielle, 150;
 Brim, Brin, [Brnište], 111; 231; 262; 263; 267;
 367; 380;
 Brisac, [Brissac], 293; 341; 394; 458; 459;
 Bristau, 175;
 Bristol, 197; 283;
 Bristow, 268;
 Britânico, império, 373;
 Brovage, 181;
 Bruges, 340; 441; 446;
 Brunswik, 162;
 Bruxelas, 36; 217; 224; 227; 282; 381; 389;
 Bua, [Brac?], 434;
 Buckingham, 456;
 Buda, [Budapest], 331;
 Bude Weis, [Böhmisch Budweis, České
 Budejovice], 445;
 Buffe, 189;
 Bunzel, [Bünzen], 108;
 Burgos, 158;
 Burguillos, 378;
 Burlington, 197;
 Burlington, baía de, 185; 186; 187;

C

Cabeço da Cerva, lugar do, 55;
 Cabo Corso, [Cap Corse], 450;
 Cabo Polo, [Capo Comino], 433;
 Cābrilles, [Cabrillanes], 34;
 Cadaquers, [Cadaqués], 309;
 Cádis, 3; 9; 10; 20; 22; 37; 45; 64; 72; 101;
 236; 402;

Caeta, 211;
 Cafa, [?], 208;
 Cahni, [?], 425;
 Caia, rio, 29; 78;
 Caillery, [Caullery], 397;
 Calabria, 447;
 Calais, 338;
 Calemberg, [Callenberg], 162;
 Calez, [Calais?], 124;
 Camaras, 369; 370;
 Cambray, [Cambrai], 211; 324; 406;
 Cambridge, 299;
 Cameren, 349;
 Caminha, 6; 19; 76;
 Campo Maior, 15; 16; 17; 18; 41; 55; 66; 78;
 91; 100; 104; 105; 390;
 Canca, 434;
 Candia, [Iráklion, Creta], 286; 384; 385; 425;
 435; 454;
 Canea, [Cydonia, Khaniá], 453; 454;
 Canevets, [?], 150;
 Cantábria, 238;
 Capèa, [?], 425;
 Cápuia, 326; 444;
 Caravazo, [Caravaggio], 190;
 Cardona, 182;
 Carelibadt, [Karlsbad, Karlovy Vary], 436;
 Carlile, [Carlisle], 385;
 Carnaiola, 260;
 Carstat, [Karlstadt], 418;
 Cartagena, 72; 107; 279; 365; 467;
 Casal, Cazal, [?], 118; 161; 162; 287; 438;
 Cascais, 65; 349;
 Casna, 453;
 Cáspio, mar, 199;
 Cassam, 209;
 Cassio, 285;
 Cassovia, 332;
 Castela, 7; 9; 31; 34; 41; 42; 46; 64; 67; 75; 77;
 78; 82; 87; 93; 95; 96; 102; 104; 106; 107;
 109; 112; 121; 123; 124; 125; 126; 133;
 134; 141; 156; 157; 159; 165; 173; 174;
 184; 191; 193; 196; 199; 201; 207; 212;
 224; 229; 234; 235; 236; 238; 240; 257;
 259; 263; 265; 271; 282; 287; 296; 307;
 309; 310; 311; 312; 313; 317; 322; 325;
 326; 328; 329; 335; 339; 341; 343; 345;
 348; 356; 357; 358; 359; 361; 367; 371;
 378; 380; 383; 389; 390; 391; 393; 395;
 396; 397; 398; 402; 403; 412; 416; 418;
 424; 427; 428; 429; 431; 464; 467; 468;
 Castela-a-Nova, 225;
 Castelejo, lugar de, 90;
 Castello, 262;
 Castelnovo, 313;
 Castelo de Vide, 77;
 Castel-Vetri, [Castelvetro, Castelvetro di
 Modena], 189;
 Castillon de Farfagua, [Castelló de Farfaña,
 Castelló de Farfanya], 287;
 Castillon-du-Lac, 232; 274;
 Castro Laboreiro, 6; 19;
 Castro Marim, 10; 22; 101;
 Castro, 155; 327;
 Catalunha, 22; 32; 35; 37; 44; 45; 46; 51; 56;
 59; 60; 64; 72; 75; 84; 87; 109; 124; 137;
 141; 165; 173; 182; 183; 212; 228; 238;
 259; 260; 263; 265; 266; 271; 280; 283;
 289; 309; 310; 313; 315; 327; 335; 340;
 347; 355; 357; 366; 367; 369; 378; 379;
 401; 402; 431; 445; 463; 467;
 Catânia, 447;
 Cedofeita, [Porto], 356; 371;
 Ceilão, 20; 445; 452;
 Cento, 302;
 Cersica, [Corse, Córsega], 427;
 Cervera, 445;
 Chaaça, ribeira de, [Elvas], 55;
 Chaliot, 300;
 Chapelle, 292;
 Chapmagne, 315;
 Cheles, 99;
 Cherebourg, 298;
 Chesnoy, 269;
 Chester, 148;
 Chetigão, [?], 342;
 Chiado, [Lisboa], 14; 15;
 Chiana, [Civitella in Val di Chiana], 260;
 Chipre, 149; 285; 384;
 Chivas, [Chivasso], 287;
 Cidade do Sol, [?], 262;
 Cinca, rio, 264; 271; 272;
 Cisme, [Çesme], 453;
 Citerna, 284;

Civitavecchia, 48; 260;
 Claviere, 427;
 Clermont, 238; 316;
 Clissa, [Klis], 434; 452; 453;
 Cobham, 139;
 Cochinchina, [Vietname], 387; 388;
 Codiceira, 75; 389;
 Coimbra, 66;
 Colibre, 59; 71; 84; 141;
 Colónia, 69; 109; 112; 117; 125; 248; 267;
 293; 407;
 Colorno, 189;
 Comboi, [?], 91;
 Conaciam, [Irlanda], 106;
 Conaciam, cabo de, [Irlanda], 106;
 Congo, 122;
 Connon, 355;
 Constança, 278;
 Constantin, 34;
 Constantinopla, 50; 121; 171; 198; 208; 221;
 252; 253; 285; 331; 347; 355; 393; 401;
 435; 453; 454;
 Conti, 228; 229;
 Copenhaga, 165; 259; 283;
 Corbics, 435;
 Córdoba, 357;
 Corfu, 401; 454;
 Corke, 377;
 Cornualha, [Cornwall], 281; 456;
 Cornualha, cabo da, 22;
 Cortena, [Cortona], 262;
 Cortié, Coura, Carteau, Courtré, [Courtrai ou
 Kortrijk], 396; 402; 407; 418; 439; 437;
 Cosenza, 447;
 Cosmopolis, [Portoerraio], 428;
 Cosni, 155;
 Coventry, 137; 140;
 Covilhã, 68; 102;
 Crassen, [Caarssen, Kaarßen], 134;
 Crato, 41;
 Cremona, 188; 189; 396; 463;
 Crenbs, [Krebs], 368;
 Crescentin, [Crescentim, Crescentino], 119;
 120; 162;
 Crèvecour, 301; 302;
 Cronaw, 162;
 Cuanza, rio, 122;

Cuidad Rodrigo, 34; 56; 93; 94;
 Cumberland, 269;

D

Dalmácia, 425; 434; 452; 453;
 Damas, [Damasco?], 221;
 Damvillers, 36;
 Dantzig, [Gdansk], 165; 172; 370;
 Danúbio, rio, 368;
 Darby, 297; 299;
 Dardanelli, [Dardanelos, Çanakkale], 401;
 Dauray, 448;
 Delfinado, 156;
 Denia, 365;
 Derby, 145;
 Deula, [Deulin?], 444;
 Devon, 176;
 Diel, rio, 441;
 Dieuze, 454;
 Dinamarca, 85; 135; 165; 196; 208; 221; 222;
 253; 260; 268; 277; 283; 308; 310; 316;
 328; 332; 334; 341; 346; 347; 365; 369;
 435; 436;
 Dirlinguen, [Dillingen an der Donau], 418;
 Dittershausen, 368;
 Diu, 42;
 Dixmuda, [Dixmude, Diksmuide], 433; 437;
 438; 439; 440; 441;
 Dombach, 132;
 Dömitz, 268; 276;
 Dompierre, 225;
 Donaverth, [Donauwörth], 418;
 Dönitz, 253;
 Donix, [Champ d'Onix?], 398;
 Dora, rio, 190;
 Dorchester, 138; 178;
 Doria, 450;
 Dort, [Dordrecht], 283;
 Doures, [Dourques, Dourges], 122;
 Dover, 84;
 Dresda, [Dresden], 172; 435;
 Dresden, rio, 164;
 Drohedale, [Drogheda], 137;
 Duas Sicílias, 237;
 Duay, [Dhuy], 460; 461;

Dublin, 26; 85; 96; 97; 131; 137; 230; 259; 377;
 Duderstadt, 134;
 Duglas, 438;
 Dunes, 69; 122;
 Dungarvan, 259;
 Dunkelpiël, [Dinkelsbühl], 277; 418;
 Dunquerque, [Dunkerque], 3; 23; 32; 43; 44;
 106; 106; 107; 112; 122; 128; 147; 148;
 207; 257; 258; 267; 309; 328; 337; 339;
 365; 371; 381; 412; 413; 415; 418; 419;
 420; 421; 422; 423; 424; 437; 438;
 Düren, 267;
 Durham, 145; 269;
 Duthlinguen, [Dethlingen], 167;
 Dypre, 343;

E

Ebro, rio, 183; 225; 264; 379;
 Ecita, [?], 24;
 Eclusa, [L'Écluse], 450;
 Edimburgo, 347; 373;
 Egger, [Eggen], 162; 163; 253; 435; 436; 448;
 449; 451; 452;
 Egipto, 286;
 Eider, rio, 368;
 Eisfeld, 134;
 Elba, passo do rio, [?] 131;
 Elba, rio, 131; 132; 209; 277; 427; 428; 429;
 Elbuf, [Elbeuf], 250;
 Elges, [Elgia, Elgas], 67;
 Ella, rio, 268;
 Ellenbogen, 163; 449; 451;
 Elsenieur, [Elsinore, Helsingor], 260;
 Elts, [Elters], 162;
 Elvas, 5; 6; 17; 21; 29; 31; 41; 53; 54; 55; 57;
 64; 90; 92; 348; 378; 389; 411;
 Elverseel, [Viersel], 441;
 Emden, 277;
 Emiglia Romana, 302;
 Emporda, 309;
 Emsynock, [?], 139;
 Encinasola, 78; 79; 80; 82;
 Entre-Douro-e-Minho, 39; 42; 51; 67;
 Erford, [Efford], 134; 164;

Ergadella, [?], 189;
 Erst, rio, 109;
 Escócia, 25; 26; 73; 74; 105; 116; 138; 139;
 176; 210; 295; 373; 385; 395; 456;
 Escrivan, 29;
 Esford, 132; 145;
 Eslovénia, 370;
 Espàa, [Spa], 69;
 Espanha, 9; 32; 36; 141; 142; 152; 156; 173;
 184; 196; 203; 208; 211; 220; 234; 235;
 240; 255; 256; 259; 260; 266; 267; 307;
 349; 350; 366; 398; 406; 433; 441; 445;
 447; 449; 450; 468;
 Espichel, cabo, 63;
 Essen, 163;
 Essoney, 438;
 Estadilla, 234; 254;
 Estados Pontifícios, [*Património de S. Pedro*],
 10; 71; 133; 159; 248; 260; 262; 301; 327;
 351; 393; 426;
 Este, 263;
 Estocolmo, 134; 135; 165;
 Estrasburgo, 277; 333;
 Estreito do Sul, [?], 332;
 Estremoz, 19; 66;
 Estugarda, 190;
 Etlinguen, [Ettlingen], 447;
 Europa, 24; 69; 168; 269; 380; 382; 387; 415;
 Évora, 7; 411;
 Exester, 268;
 Exford, 163;
 Extremadura, 46;

F

Faial, ilha do, 30;
 Falmu, [Falmer?], 23, 24;
 Famagusta, 285;
 Fermo, 464;
 Ferrara, 155; 190; 223; 272; 326;
 Philisburg, [Philippsburg], 395;
 Figarole, [Ficarolo], 223;
 Figueiró de Bargas, [?], 104;
 Filuch, 325;
 Finen, 308;
 Finisterra, cabo, 314;

Fiunen, [Fyn], 436;
 Flandres, 20; 22; 23; 32; 36; 45; 51; 72; 94; 95;
 112; 124; 139; 203; 227; 236; 238; 240;
 279; 323; 327; 328; 333; 337; 343; 345;
 357; 381; 395; 396; 402; 405; 407; 409;
 415; 418; 420; 421; 424; 440; 444; 457;
 468;
 Flelingua, [Frelinghen], 371;
 Flensburg, 308;
 Flersen, 344;
 Flessingua, [Flessingue], 309;
 Flix, 183; 259; 263; 264; 265; 271; 397; 451;
 Florença, 132; 133; 158; 159; 220; 227; 248;
 261; 274; 385; 425; 427;
 Florenciola Placentina, [?], 50;
 Florençuela, [Fiorenzuola d'Arda], 349;
 Fontainebleau, 409;
 Fontana del Tevere, [Roma], 49;
 Fonte Branca, [Elvas], 53;
 Fonterabia, 7; 10; 45; 156; 315; 448;
 Forcalhos, 67;
 Formosa, [Taiwan], 387;
 Fornham, [Fornham All Saints], 303;
 Fraga, 397;
 Fraguas, 165; 263; 264; 271; 288;
 França, 5; 9; 16; 35; 45; 46; 47; 56; 57; 59; 61;
 65; 71; 73; 75; 106; 107; 112; 113; 116;
 117; 119; 121; 124; 125; 133; 134; 137;
 138; 141; 142; 149; 152; 157; 158; 166;
 168; 169; 171; 172; 174; 181; 182; 203;
 207; 212; 214; 215; 216; 217; 221; 222;
 224; 226; 230; 233; 238; 239; 240; 243;
 246; 247; 250; 256; 261; 262; 280; 281;
 283; 290; 291; 292; 293; 295; 296; 299;
 300; 307; 311; 312; 313; 315; 316; 319;
 323; 324; 325; 326; 327; 329; 335; 336;
 337; 340; 343; 345; 347; 348; 350; 356;
 370; 371; 380; 381; 382; 383; 384; 389;
 391; 395; 398; 400; 403; 405; 409; 410;
 411; 412; 413; 414; 415; 416; 417; 419;
 426; 427; 429; 433; 441; 442; 445; 450;
 458; 462; 463; 467;
 Francfort sobre o Oder, [Frankfurt, Frank-
 furt an der Oder], 134;
 Francheconté, [Franco-Condado], 382;
 Franco Condado, 142; 144; 156; 293;
 Francónia, [Franken], 132; 163; 277; 418;
 436;

Frankendal, [Frankenthal], 394; 395;
 Frankfurt am Main, 207; 446;
 Frankfurt, 163; 345; 394;
 Frascati, 159 392; 403;
 Frexenal, 82;
 Fribourg, 333; 341;
 Friedrichstadt, 368;
 Frísia, 296;
 Fristerel, [?], 108;
 Fronsac, 398;
 Fruges, 337;
 Fuentes, 102;
 Fuinhos, [Fuinhas], 67;
 Furnes, 415; 418; 419; 437; 438; 462;

G

Gaeta, 433; 447; 464;
 Galgenberg, 448; 451;
 Galhegos, 102;
 Galiza, 19; 39; 43; 47; 48; 50; 51; 58; 93; 313;
 Galuca, 106;
 Gante, [Ghent, Gent, Gente, Gand ou
 Gueldres,], 22; 380; 396; 402; 441; 446;
 Gatta, serra da, 68;
 Gaurzi, [?], 189;
 Geldres, 112; 123;
 Génova, [ou Genes], 10; 32; 72; 155; 188;
 196; 223; 232; 247; 284; 295; 307; 309;
 310; 313; 393; 406; 429; 431; 441; 450;
 Gerés, [Galiza], 39;
 Germânia, [Alemanha], 61; 73; 367;
 Gibraltar, 32; 200;
 Gieradada, 190;
 Ginsburg, 418;
 Glaster, 176;
 Gloucester, 268;
 Glückstadt, 165; 208; 253; 276; 277; 436;
 Goa, 95; 386;
 Govan, 144;
 Gozo, ilha de, 221;
 Grã-Bretanha, 113; 114;
 Granadella, [La Granadella], 264;
 Grão Pará, 101;
 Gratz, [Graz], 357; 370;
 Gravelinas, [Gravelines, Giavellinis], 124; 327;
 337; 338; 339; 381;

Gravesent, 139;
 Gravina, [Gravina in Puglia?], 371;
 Gray, 144;
 Grenoble, 224;
 Gresliz, 145;
 Groenfoik, [Groenendijk], 372;
 Gronsveld, 370;
 Groslogaw, [Gross Gaglow], 108; 144;
 Grossa, 313;
 Guadiana, rio, 15; 43; 78; 83; 101;
 Guarda, 40; 56;
 Guardia, [Galiza], 19;
 Guben, 134; 144;
 Gubra, 108;
 Guegoas, [?], 58;
 Guiné, 345;
 Guise, 219; 293;
 Guldenstein, [Branná], 466;
 Guoeuna, [Guyenne], 315;

H

Hadersleben, [Hadmersleben], 308;
 Haia, 184; 209; 254; 267; 277; 284; 295; 299;
 395; 412;
 Hainaut, 333;
 Hal, 167;
 Halberstadt, 162; 163; 164; 232;
 Hamburgo, 135; 165; 196; 208; 209; 221;
 222; 253; 268; 276; 277; 308; 332; 336;
 341; 435;
 Hanapes, [Hannappes], 219;
 Hanau, rio, 231;
 Hannover, 162;
 Harcourt, 241;
 Hartlepool, 298;
 Hautifordwest, [Haverfordwest], 269;
 Havana, 37;
 Heidic, [Heideck], 448;
 Heilliguenburg, [Heiligenberg], 286;
 Helvécia, [Suíça], 261;
 Hemberg, 446;
 Henestadt, [Henfstädt], 108;
 Hercule, [Porto Ercole], 397; 399;
 Hereford, 175;
 Hesdin, 36;

Hessia, [Hessen], 381;
 Heydt, [Heide], 451;
 Higaet, [?], 139;
 Hildesheim, 162; 163;
 Hocstad, [Höchstadt], 418;
 Hoff, 435; 436;
 Hohentwiel, 167; 277;
 Holanda, 9; 20; 25; 28; 36; 69; 84; 85; 112;
 114; 122; 127; 138; 185; 187; 197; 278;
 292; 316; 329; 340; 356; 407; 412; 413;
 414;
 Holstein, [Holsteen], 222;
 Honat, 448;
 Horanse, 371;
 Hortas dos Mártires, [Elvas], 53;
 Hottingham, 299;
 Höxter, 134;
 Hull, 186; 274; 281;
 Hülme, 344;
 Huls, 114; 115;
 Hulst, 357; 380;
 Hungria, 118; 121; 125; 126; 160; 172; 173;
 184; 196; 198; 207; 208; 233; 310; 325;
 331; 332; 347; 357; 368; 468;
 Husum, 368;

I

Iena, [Jena], 351;
 Ieper, 311;
 Ifanes, 4;
 Ilhas de Rei, [?], 181;
 Ilírico, [Ilíria], 370;
 Índias Ocidentais, 9; 200; 257; 312; 317; 342;
 345; 379; 387;
 Índias Orientais, 7; 20; 23; 27; 53; 65; 95;
 452;
 Índico, oceano, 342;
 Indland, [?], 308;
 Inglaterra, 5; 23; 27; 28; 34; 45; 65; 69; 70;
 73; 74; 84; 92; 94; 95; 105; 106; 113; 115;
 116; 122; 123; 127; 129; 131; 137; 138;
 139; 141; 145; 146; 147; 148; 149; 165;
 174; 176; 177; 178; 179; 182; 184; 185;
 186; 187; 197; 201; 202; 205; 209; 210;

211; 222; 259; 268; 275; 276; 277; 280;
 281; 290; 291; 295; 297; 298; 299; 300;
 301; 303; 309; 335; 340; 346; 367; 373;
 374; 375; 376; 385; 400; 401; 409; 442;
 456;
 Inglaterra, canal de, [canal da Mancha], 22;
 23;
 Intrímio, [?], 58;
 Ipra, [Ieper, Ypres], 438; 440;
 Irlanda, 25; 26; 36; 69; 70; 71; 73; 74; 84; 85;
 92; 96; 98; 105; 115; 116; 129; 131; 149;
 208; 229; 230; 259; 298; 336; 367; 373;
 375; 377; 378; 400; 401; 456;
 Irlanda, mar da, 70;
 Irún, 405;
 Isara, [rio Yser], 440;
 Ischia, 391;
 Ístria, 405;
 Itália, 28; 34; 45; 47; 53; 87; 117; 119; 121;
 122; 142; 155; 159; 171; 182; 188; 189;
 261; 287; 308; 312; 315; 317; 324; 331;
 356; 385; 402; 415; 416; 427; 428; 429;
 430; 445; 451; 463; 467;
 Iulhers, [Ixelles], 293;
 Iungenbunzel, [Jungenbunzel], 167;

J

Jacatará, [Jakarta], 387;
 Japão, 387; 388;
 Jerusalém, 171;

K

Kallenbach, 277;
 Keldar, [Kildare], 97;
 Kempen, 61;
 Kent, 298; 456;
 Kilkenny, 131;
 Kinsale, 131; 377;
 Kirkenheim, 190;
 Kitzingen, 446;
 Kitzingen, vale de, 446;
 Knokke, 438;
 Koientin, [?], 231;

Königswartha, 446;
 Kopparberg, 134;
 Krencmark, [Kranzmaar], 455;

L

L'Écluse, 148; 334;
 La Puebla, 16;
 La Rochelle, 21; 32; 35; 36; 45; 48; 56; 87; 94;
 181; 217; 296; 307; 312; 313; 315; 327;
 335; 398;
 La Roquette, 313;
 Lac de Castillon, 262;
 Ladrin, 267;
 Lago Escuro, [?], 272;
 Lagos, 32;
 Lamas de Mouro, 42; 43;
 Lamberg, [Langenberg], 418;
 Lancaster, 27; 140; 175; 201; 203;
 Landiesy, [Landdries?], 36;
 Landrecies, 219; 443; 446;
 Landscrou, [Lanškroun], 266;
 Langres, 144;
 Languedoc, 315;
 Laon, 226;
 Larache, 34;
 Lavor, [Lavoir], 136;
 Leão de França, [Lyon], 400;
 Lechenich, 109;
 Leeds, 210;
 Leicester, 297;
 Leina, rio, 162;
 Leipzig, 145; 159; 160; 162; 163; 164; 165;
 166; 173; 232; 253; 436;
 Lemberg, 108;
 Lens, 458; 459;
 Lérida, 60; 96; 142; 165; 166; 228; 255; 263;
 264; 271; 287; 290; 296; 327; 340; 341;
 357; 358; 394; 396; 397; 402; 405; 431;
 445;
 Lesborges, [Les Borges Blanques], 451;
 Leuca, rio, 131; 132;
 Leucate, 35;
 Levante, 434;
 Ley, rio, 334;
 Liac, rio, 339;

Lichfield, 197;
 Lichtenberg, 145;
 Liège, 69; 125;
 Lier, 254;
 Lila, [Lille], 269; 323; 333; 443; 444;
 Limerick, 229; 230;
 Limone, 150;
 Lindau, 278;
 Liniola, 369;
 Liorne, [Livorno], 28; 44; 59; 355; 393; 442;
 446;
 Lis, 444;
 Lisboa, 1; 9; 11; 13; 20; 21; 22; 30; 32; 33; 34;
 36; 38; 40; 43; 44; 45; 50; 62; 63; 65; 74;
 86; 87; 95; 97; 98; 110; 122; 129; 142; 154;
 169; 182; 194; 205; 217; 246; 258; 270;
 282; 306; 317; 330; 342; 354; 366; 402;
 411; 414; 444; 456; 457; 468;
 Lison, 142;
 Livónia, 172; 283;
 Loba, [?], 388;
 Lobeira, 58;
 Lochowitz, [Lochovice], 465;
 Lodi, 190;
 Lombardia, 188; 190;
 Londres, 22; 24; 25; 26; 27; 69; 70; 71; 86; 96;
 113; 114; 123; 127; 128; 138; 139; 147;
 148; 175; 176; 178; 182; 185; 197; 202;
 205; 209; 210; 249; 268; 274; 276; 282;
 283; 290; 295; 298; 305; 323; 335; 346;
 375; 385; 386; 395; 400; 401; 455;
 Longuvi, [Longueil?], 225;
 Lorena, 122; 125; 224; 238; 240; 250; 291;
 321; 329; 330; 347; 370; 382; 402; 459;
 460; 461;
 Loreto, [Roma], 274; 294;
 Lovaina, [Louvain, Leuven], 282;
 Lübeck, 164; 165; 208; 283; 332;
 Lubon, 297;
 Lucca, 158; 159;
 Luchao, [Lüchow], 108;
 Lucheole, [?], 323;
 Luecher, 224;
 Luface, 167;
 Lugares Santos, 225;
 Lunebourg, [Lüneburg], 162; 276;
 Luxemburgo, 36; 240; 243; 244; 245; 421;
 455; 465;

Lyon, 48; 191; 335;
 Lyon, golfo de, 73;

M

Macau, 388;
 Madines, [Malines, Mechelen], 381;
 Madrid, 9; 21; 26; 28; 32; 34; 44; 46; 50; 94;
 95; 124; 134; 157; 165; 173; 174; 184;
 199; 224; 234; 236; 240; 260; 261; 266;
 271; 309; 317; 345; 347; 378; 393;
 Magdeburg, 165; 253; 266;
 Maiorca, 109; 258;
 Malaca, 387; 388;
 Málaga, 467;
 Maldeghen, [Maldegem], 254; 334;
 Maldivas, 342;
 Malhadas, 4;
 Malines, [Mechelen], 282; 441;
 Malta, 221; 232; 260; 280; 311; 347; 356;
 384; 428;
 Malvosia, [Malvasia, Monemvassia], 454;
 Mamora, 34;
 Mancha, 54;
 Mancha, canal da, 69; 106;
 Manchester, 175;
 Mansfeld, 134; 144; 145;
 Manti, 166;
 Mântua, 188; 189; 313;
 Mântua, lago de, 188;
 Mântua, praça principal de, [?], 189;
 Mar do Norte, 438; 440;
 Mar Euxino, [Ponto Euxino, Mar Negro], 208;
 286; 425;
 Maranhão, 101;
 Marc, 338;
 Mardic, [Mardyck], 381; 407; 408; 413; 418;
 419; 423;
 Markirche, vale de, [Ste.-Marie-aux-Mines],
 132;
 Markta, 231;
 Marrocos, 92; 467; 468;
 Marselha, 9; 35; 188; 196; 200; 222; 300; 313;
 409; 455;
 Marvão, 21;
 Mast, 430;

Mastric, [Maastricht], 123; 441;
 Mata, 372;
 Matalona, 449;
 Matamora, [Matamoros], 372;
 Maubert, praça, [Paris], 158;
 Maubeuge, 220; 227;
 Mazagão, 17; 57; 200;
 Mazzara, [Mazzarrà Saint'Andrea], 431; 433;
 Medez, 309;
 Medina Sidónia, 95;
 Mediterrâneo, mar, 59; 315; 347; 384;
 Meklebourg, [Mecklenburg-Vorpommern],
 253;
 Melgaço, 43; 51;
 Melton Monbery, [Melton Mowbray], 297;
 Melun, 216;
 Mercado Velho, praça do, [Rouen], 455;
 Mérida, 46; 389;
 Mértola, 22; 83;
 Mesana, 189;
 Messina, 280; 433; 447;
 Metelin, [Mytilene], 434;
 Metz, 227; 240; 245; 454; 455;
 Meudon, 226;
 México, 173;
 Milão, 50; 156; 167; 173; 182; 188; 190; 196;
 223; 247; 248; 341; 349; 359; 381; 382;
 396; 456; 457; 463; 464;
 Mildel, [Malden?], 381;
 Mileto, 447;
 Milford, 269;
 Minden, 134;
 Minho, 32; 53;
 Minho, rio, 76;
 Miniard, 149;
 Minorca, 196;
 Mirabel, 195; 451;
 Miranda, 4; 43;
 Mirsal, 454;
 Misnia, 108;
 Modena, 50; 158; 159; 172; 223; 233; 248;
 272; 273; 284; 285; 301; 326; 408; 426;
 449; 463;
 Modena, canal de, 223;
 Mogúncia, [Mainz], 68; 344; 345; 418;
 Moira, 54; 79;
 Moirão, 79;
 Molda, rio, 160;
 Moldávia, 198;
 Molondin, 420; 423; 439;
 Mona, ilha de, [Anglesey Islands], 299;
 Mónaco, 48; 59;
 Monção, 195;
 Moncastel, 247;
 Monçon, 215; 217; 264; 287; 288; 289; 290;
 296;
 Mondejeu, 269;
 Mondon, 355;
 Monferrat, 287;
 Mononia, 105;
 Monpavona, [Pavone d'Alessandria], 196;
 Monreale, 433;
 Monson, 107;
 Mont Blanc, Monblanca, [Catalunha], 34; 60;
 394; 396;
 Montalto, 327;
 Montanches, [Montánchez], 95;
 Monte Cassino, 427;
 Monte Castello, 196;
 Monte Pulsiano, [Montepulciano], 447;
 Monte Storace, 406;
 Monte, lugar do, [?], 189;
 Montecristo, ilha de, 397;
 Montefiascone, 284;
 Montelion, [Monteleone d'Orvieto], 262;
 273;
 Montereccchio, 284;
 Montijo, 16;
 Mora, 183;
 Morávia, 111; 126; 127; 164; 231; 266; 308;
 310; 357; 367; 368; 417;
 Moreia, [Pelopónnisos], 355; 453;
 Morengo, 190;
 Morhihan, 448;
 Morhihan, rio de, [?], 448;
 Mortara, 248;
 Mosa, rio, [ou Musa], 185;
 Moscóvia, [Moscovo], 7; 135; 172; 260; 276;
 283; 286;
 Mosela, rio, [Mosel, Moselle], 163; 245; 249;
 455;
 Motha, [Mothe], 382; 370;
 Moura, 79;
 Mourão, 44; 57;

Mulhausen, 134;
 Multembourg, [Miltenberg], 418;
 Multilbach, [Mittelbach], 418;
 Münster, 163; 196; 228; 280; 328; 329; 345;
 356; 379; 383; 401; 412; 413; 415; 416;
 417; 422; 446; 450;
 Múrcia, 467;
 Muzzanega, 190;

N

Namur, 112;
 Nancy, 224; 238; 454;
 Nanoy, 282;
 Nantes, 63; 317;
 Nápoles, 34; 50; 133; 155; 156; 159 173; 174;
 196; 211; 238; 259; 266; 267; 326; 356;
 372; 391; 393; 397; 399; 404; 409; 429;
 431; 433; 441; 444; 447; 449; 450; 456;
 457; 464; 468;
 Narbona, [Narbonne], 35; 59; 68; 84; 106;
 184; 195; 224; 225;
 Naubourg, [Nabburg], 162;
 Naumburg, 145;
 Navarni, 355;
 Navarra, 165; 216; 271; 323; 420; 424;
 Navona, praça, [Roma], 49; 121;
 Nazaré, [Galileia], 171;
 Negrita, lugar da, [?], 58;
 Negroponto, [Euboea], 442;
 Neuburg, 134;
 Neufchatel, [Newcastle], 395;
 Neustadt, 268; 418; 451;
 Neuville, 291; 292;
 Newark, 283;
 Newbery, 276;
 Newcastle, 123; 127; 128; 139; 140; 146;
 176; 185; 187; 297; 298; 299;
 Nice de la Pailla, [?], 142; 156;
 Nice, 48; 150; 155; 313;
 Niella, [Niellès-lès-Calais ou Niellès-lès-
 Ardres], 337;
 Nieuport, Neuporto, [Nieuwport], 419; 421;
 424; 437; 438; 439; 440;
 Nieusdam, [Nieuwdam], 450;
 Noguera, ribeira de, 288; 289;

Nomeni, 282;
 Nonantola, [Novantola], 248; 301;
 Nordlinguen, Norlingnen, [Nördlingen], 156;
 167; 418;
 Norfolk, 299;
 Norigada, [?], 407;
 Normandia, 156;
 Northampton, 137; 140; 146;
 Northausen, [Nordhausen], 134;
 Northumberland, 146; 269;
 Nossa Senhora da Botova, lugar da, 55;
 Nossa Senhora do Loreto, 220;
 Nottingham, 137; 139; 140; 145; 178; 210;
 Nova Espanha, 37;
 Nova França, [Canadá], 312;
 Novicello, [Navicello], 248;
 Nuis, 112;
 Nuremberg, 167; 277; 436; 449;

O

Oberwetz, 267;
 Ocquem, [?], 344;
 Odensèa, [Odense], 436;
 Oder, rio, 108; 144;
 Oleron, [Île d'Oléron], 181;
 Oliva, 82;
 Olivença, 6; 90; 91; 99; 103; 105;
 Olmutz, 111; 126; 127; 135; 143; 208; 308;
 Onor, 95;
 Orbitello, [Orbetello], 392; 393; 394; 399;
 402; 404; 406; 409; 431; 444; 449;
 Orço, rio, [Orco], 150;
 Ordiningen, 61;
 Orta, 225;
 Orviet, [Orvieto], 262;
 Osnabrück, 134; 163; 196; 208; 253; 308;
 332; 415; 416; 450;
 Ostenda, [Oostende], 371; 424;
 Otomano, império turco, 198; 221; 252;
 Ouguela, 390;
 Oxford, 147; 149; 174; 185; 197; 209; 229;
 268; 280; 290; 297; 336; 373;
 Ozemburg, [Osnabrück?], 329;

P

- Padua, [?], 342;
País de Gales, 148; 149; 175; 176; 178; 269;
283; 298; 456;
Países Baixos, 22; 307; 457;
Palatinado, 9; 240; 436;
Palermo, 433;
Palestrina, 426;
Pam, 388;
Pamplona, 394;
Panaro, rio, 284; 285;
Paraíba, 122;
Paris, 5; 48; 59; 116; 117; 120; 141; 142; 156;
168; 171; 181; 199; 211; 212; 213; 217;
225; 226; 233; 238; 250; 278; 280; 287;
292; 300; 314; 319; 320; 321; 322; 323;
327; 329; 335; 336; 337; 340; 341; 343;
344; 373; 383; 382; 395; 397; 400; 403;
408; 420; 425; 442; 450; 457; 462; 467;
Parma, 122; 133; 155; 158; 159; 189; 223;
233; 272; 273; 327; 408; 430;
Passaw, 195; 308;
Paternò, 447;
Pavia, 248; 463;
Pembroke, 269;
Pena, 162;
Penamacor, 87; 103;
Peralta, [?], 255;
Pernambuco, 9; 122;
Perona, [Péronne], 211; 225; 337; 406;
Perpignan, 9; 35; 59; 94; 96; 106; 124; 134;
137; 141; 142; 152; 153; 156; 184;
Pérsia, 53; 199; 221;
Perugia, 232; 262; 273; 274; 284; 307;
Pèsato, [Pesaro], 155;
Pevenek, [?], 145;
Philisburg, [Philippsburg], 277; 282; 344;
447;
Piamazzo, [Piumazzo], 273;
Piamonte, 119; 149; 161; 162;
Pianosa, 427;
Picardie, 48; 182; 211; 219; 220; 226; 315;
420;
Piedmont, 72; 220; 227; 287; 292; 420; 423;
424; 439;
Piedrabuena, 313;
Pieva, 248; 262;
Piltza, 313;
Pinhel, 56;
Piombino, 427; 428; 429; 430; 450;
Piombino, canal de, 450;
Pirinéus, 255;
Pistoia, 447;
Placenza, 189;
Pleimud, Plemua, Portsmuden, Priamua,
[Plymouth], 32; 127; 291; 295; 298;
Plesentin, 189;
Plessis lez Bois, [Le Plessis-aux-Bois], 142;
Plymouth, 281;
Pó, rio, 162; 188; 189; 190; 223; 273; 287;
Polincove, 338;
Polónia, 121; 125; 126; 144; 172; 216; 262;
294; 301; 317; 325; 326; 370; 392; 403;
431; 436; 466;
Pomerânia, 253; 417;
Pomfrett, 175; 210;
Ponçon, 341;
Pont Avendin, [?], 444;
Ponta das Varjas, 42;
Pontana, 377;
Ponte da Barca, 39;
Pontecentino, 158;
Pontestura, 287;
Poperinge, 438;
Porsimyem, [?], 140;
Porta de Pópulo, [Roma], 133;
Porta de Portesa, [Roma], 331;
Porta de São João de Latrão, [Roma], 133;
Porta de São Parracio, [Roma], 331;
Porta dos Cavalos Ligeiros, [Roma], 49; 331;
Porta Dourada, [Constantinopla], 198; 199;
252;
Portalegre, 77;
Porthessa, [?], 230;
Portimão, 63;
Porto Longone, [Porto Azzurro], 428; 429;
430; 450;
Porto, 65; 100;
Portobello, ilhas de, 345;
Portoferraio, 428;
Portsmouth, 123; 147; 175;
Portugal, 8; 9; 10; 13; 14; 18; 21; 24; 25; 34;
41; 44; 45; 56; 62; 59; 63; 65; 68; 71; 83;

94; 95; 96; 105; 106; 111; 116; 123; 131;
133; 134; 143; 155; 159; 174; 182; 183;
184; 191; 192; 194; 195; 200; 219; 231;
234; 237; 247; 259; 271; 283; 295; 307;
313; 314; 315; 317; 319; 328; 329; 331;
337; 343; 345; 347; 355; 356; 357; 367;
371; 379; 384; 391; 401; 403; 410; 415;
417; 419; 425; 426; 433; 445; 455; 457;
Pozzolo Formigaro, 247;
Praça dos Canos, [Lisboa], 42;
Praça Real, [Paris], 316;
Praga, [zona antiga], 457; 465; 466; 467;
Praga, [zona nova], 466;
Praga, 135; 144; 162; 166; 167; 207; 262;
266; 407; 450; 451;
Praguam, 163;
Pressburg, [Bratislava], 347; 368;
Preul, 109;
Proceno, 158;
Provença, 48; 59; 399; 410; 427; 441;
Províncias Unidas, 36; 37; 140; 196; 395;
412; 452;
Prússia, 254;

Q

Quatro Fontes, rua das, [Roma], 405;
Quilmor, [?], 97;

R

Ragusi, [Ragusa], 274;
Rain, 418;
Rakoniz, [Rakonitz, Rakovník], 163; 166;
Ratisbona, [Regensburg], 162; 163; 418; 435;
436; 451;
Rausberg, 451;
Ravarino, 233;
Ray, [?], 144;
Reading, 209; 210;
Rebè, 228; 229;
Reding, 295;
Reims, 311; 312;
Reno, região da bacia do rio, 125;
Reno, rio, 61; 109; 112; 125; 163; 248; 282;
341; 400; 407;

Renocoro, [Riencourt-lès-Baupame?], 343;
Rettimo, [Réthimno], 453; 454;
Reurmonde, [Roermond], 123;
Revest, 313;
Rheinfeld, 446;
Rhoden, 163;
Ribagorsa, 234; 254; 256;
Ribarroja, 265;
Ribeira das Naus, [Lisboa], 43; 75; 76;
Ribeira de Tourões, 87; 89;
Riga, 136; 283;
Rimberg, 112;
Rimini, 155;
Ringau, 344;
Rocca di Bazzano, 285;
Roccabianca, 189;
Rochester, 139;
Rocroi, 226; 238; 462;
Rodes, 347;
Roma, 7; 9; 22; 28; 48; 49; 50; 71; 121; 124;
125; 132; 134; 142; 155; 158; 172; 183;
191; 192; 225; 232; 238; 260; 272; 273;
283; 284; 294; 307; 308; 311; 318; 324;
331; 336; 347; 350; 351; 356; 371; 379;
385; 391; 393; 400; 403; 404; 426; 427;
431; 442; 444; 449; 464;
România, 155;
Roquelaure, 264; 265;
Rosas, 258; 355; 357; 359; 360; 361; 362;
363; 364; 365; 366; 379;
Rosenburg, 277;
Rossio dos Mártires, [Elvas], 54;
Rostok, [Roztoky], 209;
Roterdão, 27; 283; 284; 299; 300;
Rottenburg, 167;
Rottweil, 292;
Rouen, 220; 455;
Roussillon, 124; 133; 141; 264; 265; 359;
Rua dos Canos, [Lisboa], 33;
Rua Nova, [Lisboa], 15;

S

Saalfeld, 145;
Sabóia, 117; 119; 120; 149; 150; 152; 155;
329; 396; 425;

Saboin, 355;
 Sabugal, 56;
 Sac, [?], 340;
 Sacro Império Romano-Germânico, 111;
 118; 125; 126; 127; 143; 163; 240; 244;
 308; 329; 345; 357; 367; 416; 428;
 Safara, 54; 79;
 Saint-Elme, 141;
 Saint-Germain, 48;
 Saint-Germain-en-Laye, 107; 195; 198;
 Saint-Malo, 16;
 Saiona, 59;
 Salberg, 135;
 Salerno, 159; 444; 447;
 Salona, [Solin], 452;
 Salses, [Les Salces], 35;
 Sam João de Luz, [Saint-Jean-de-Luz], 406;
 Sambra, rio, 219; 220;
 Sambuca, [Sambuca Pistoiese, Taviano], 284;
 285;
 San Cristóbal, ilha de, 345;
 San Lucar, [Sanlúcar de Barrameda], 402;
 San Martín, ilha de, 67; 345;
 San Torcas, 96;
 Sanacavalle, [?], 168;
 Sanlúcar de Guadiana, 101;
 Sant Pol, 337;
 Santa Honorata, ilha de, 48;
 Santa Lúcia, 78;
 Santa Margarida, ilha de, 265;
 Santa Maria das Minas, [?], 132;
 Santa Maria de Frechas, [Viseu], 56;
 Santa Maria, [Espanha], 27;
 Santa Sé, 121; 133; 273; 274; 311; 351; 426;
 Santiago, 77;
 Santo Aleixo, 54; 58; 79; 83;
 Santo António, ermida de, 101;
 Santo Honorato, porta de, [Paris], 213;
 Santo Honório, rua de, [Paris], 317;
 Santo Sepulcro, burgo de, [Itália], 274;
 São Bartolomeu, ilha de, 158;
 São Cristóvão, ilha de, 317;
 São Domingos, [Lisboa], 11; 38;
 São Honorato, ilha de, 265;
 São João, rua de, [Lisboa], 14;
 São Miguel, ilha de, 16; 93; 95;
 São Paulo de Luanda, [Luanda], 122;
 São Pedro do Casal, 233;
 São Pedro, [Avinhão], 153;
 São Pedro, praça de, [Roma], 351; 352; 354;
 São Salvador, 247;
 São Tomé, [?], 124;
 São Tomé, [Espanha], 46; 47;
 São Tomé, ilha de, 20; 50; 122;
 São Tomé, porta de, [Lille], 323;
 São Vicente, cabo de, 9; 27; 32; 200;
 Sapatão, lugar de, 79;
 Saragoça, 124; 165; 234; 256; 263; 271; 310;
 327; 358; 378; 431;
 Sardenha, 384; 397; 429; 433; 447;
 Sarzana, 262;
 Sas-de-Gand, 254;
 Sault, 427;
 Saxónia, 118; 132; 160; 164; 465;
 Scaff, porta de, [Eggen], 435;
 Scarborough, 146;
 Schalitz, 263;
 Schellenberg, 418;
 Scheveningen, 184; 185;
 Schorndorf, 418;
 Schraditz, [Šaratice], 231;
 Scio, [Khíos], 434; 442;
 Scudaret, [?], 252;
 Sébenica, [Sibenik], 434; 453;
 Sedan, 156; 157; 220;
 Segóvia, 95; 402;
 Segre, rio, 358; 445;
 Sena, 220;
 Seravale, 156;
 Serpa, 78; 79;
 Sespedes, monte, 78;
 Setúbal, 3; 43; 56;
 Severna, rio, 149;
 Sevilha, 32; 34; 35; 402;
 Sherburn, 146; 148; 138;
 Shrewsbury, 148;
 Sião, [Japão], 388;
 Sicília, 259; 356; 384; 431; 433; 434; 444;
 447; 464;
 Siena, 158; 262;
 Silésia, [Slask, Schlesien, Slezko], 108; 118;
 127; 232; 263; 266; 268; 310; 417; 436;
 Silistra, 425; 426;
 Simé, [?], 225;

Sinca, rio, 255;
 Siracusa, 433;
 Sitaw, 167;
 Soissons, 250; 405;
 Sola, 190;
 Solnok, [Szolnok], 310;
 Sommerset, 128; 275;
 Sonda, 342;
 Soreza, 136;
 Soriano, 353;
 Southampton, 274;
 Spalatro, [Spalato, Split], 452;
 Spira, 277; 282;
 Spitalberg, [Spielberg], 451;
 St. Agada, 302;
 St. Antoine, rua de, [Paris], 250;
 St. Denis, [Paris], 211;
 St. Desidério, [Avinhão], 153;
 St. Donato, 147; 148;
 St. Germain, [Paris], 117; 168; 181; 211; 212;
 213; 215;
 St. Hay, 120;
 St. Jacques, [Paris], 227;
 St. Jean, porto de, 438; 439;
 St. Jema, 344;
 St. Maurice, 144;
 St. Omer, 338; 343; 371;
 Staden, 221;
 Stafford, 297;
 Stakembroek, [Stokkumerbroek], 254;
 Stamford, 291;
 Steiermark, [Styria], 370;
 Stellata, 223;
 Stenenvert, [Stenenveld], 123;
 Stetevilla, [?], 162;
 Striga, 134;
 Stuffion, [Stuffione], 233;
 Styria, [Estíria, Steiermark], 231; 380;
 Suda, [Sarandë?], 425;
 Suécia, 23; 45; 108; 112; 126; 134; 135; 165;
 172; 240; 254; 316; 328; 329; 345; 347;
 368; 382; 383; 416; 417; 457; 466;
 Suíça, 308;
 Sund, 222;
 Surrey, 298;
 Sussex, 176;

T

Talamone, 397;
 Talaveruela, [Talavera la Real], 15; 18;
 Talmud, [?], 295;
 Tamaris, 247; 255;
 Tamarit, 288;
 Tanaro, rio, 196;
 Tarragona, 10; 22; 34; 35; 37; 44; 46; 47; 59;
 60; 72; 107; 137; 183; 234; 256; 309; 365;
 396; 450; 451;
 Tartária, 172; 207;
 Taurmund, 208;
 Taurmund, canal de, 208;
 Tavira, 44;
 Teissa, rio, 310;
 Telena, 411;
 Temene, [Témeni], 454;
 Terceira, ilha, [Açores], 16; 30; 41; 45; 56; 62;
 64; 66; 95; 314;
 Terena, 103;
 Terra laoa, [?], 342;
 Terra Santa, 171; 216;
 Terreiro do Paço, [Lisboa], 13; 15; 33; 40; 56;
 Terrel, 228;
 Tertina, 199;
 Tetuão, 200;
 Teuxby, 269;
 Texel, 208;
 Thionville, 231; 238; 239; 241; 242; 243; 244;
 245; 246; 248; 250; 282; 324; 454;
 Thomonia, 230;
 Thronville, 228;
 Tíborne, 201; 202;
 Tíhas, 59;
 Tirol, 418;
 Tobischaw, [Tobitschau, Tovacov], 135; 231;
 268;
 Todon, 313;
 Toledo, 158;
 Tolosa, 35;
 Tonneins, 229;
 Torgau, 131;
 Torne, 269;
 Tornow, 368;
 Toro, 234;
 Torqueville, 269;

Torreselle, 189;
 Tortona, 155; 160; 167; 182; 196;
 Tortosa, 35; 37; 457; 463; 467;
 Toscânia, 132; 155; 174; 220; 248; 262; 274;
 326; 409; 427; 428; 429; 431; 446;
 Toul, 240;
 Toulon, 35; 258; 266; 410; 427; 455;
 Toulon, 48; 211;
 Toulouse, 136;
 Traces, 451;
 Transilvânia, 118; 121; 126; 172; 198; 199;
 207; 310; 325; 368; 380; 437;
 Trapani, 433;
 Trás-os-Montes, 17; 66;
 Travv, [Traw?], 434;
 Tréves, [Treves, Trier], 240; 245; 455;
 Trinoes, 150;
 Tripoli di Soria, 435;
 Tripoli, 455;
 Trujillo, 389;
 Turenne, 157; 369;
 Turim, 119; 152; 160; 167; 190; 287; 394;
 396; 448;
 Turquia, 199; 221;
 Tursi, 450;
 Tynemouth, 298;

U

Ubeda, rio, 29;
 Überlinguen, 278; 286;
 Überlinguen, lago, 278;
 Udenar, [Uden?], 402;
 Ulia, 208;
 Ulster, 456;
 Ultonia, [Ulster], 70; 96; 378;
 Urbino, 158; 349;
 Urgel, 358;

V

Vaas, 452;
 Valadares, 58; 76; 93;
 Valaguer, [Balaguer], 60;
 Valáquia, 198; 207; 232;

Vale da Mula, 87;
 Vale de Aram, 212;
 Valença, 6; 158; 173; 247; 467;
 Valencey, [Valençay], 233;
 Valencia, 197; 271; 359; 365;
 Valhes, [Valles?], 34;
 Valmont, 60;
 Valónia, 227;
 Valsse, 60;
 Valtelina, 293;
 Valverde, 5; 41; 54; 68; 103;
 Varceloes, [?], 150;
 Varsóvia, 172; 436;
 Vatteville, 420;
 Vaumency, 438;
 Velirano, [Vallirana], 349;
 Veneza, 10; 44; 50; 155; 158; 159; 188; 190;
 196; 198; 220; 221; 268; 310; 326; 328;
 356; 392; 393; 401; 406; 407; 408; 416;
 425; 434; 435; 442; 445; 452; 453; 454;
 Venlo, 123;
 Verdoes, 254;
 Verdun, 227; 240;
 Verdura, [Verdure], 269;
 Verile, 287;
 Vernante, 150;
 Verrue, 161; 162;
 Versel, 120;
 Verseli, [Vercelli], 382;
 Vestefália, 233; 249; 415;
 Via Longara, [Roma], 49;
 Viadana, 188;
 Viana do Castelo, 30;
 Viena, 108; 111; 118; 126; 135; 144; 164;
 195; 207; 208; 263; 310; 331; 345; 346;
 357; 368; 380; 415;
 Vila de Fraga, 56;
 Vila de Reus, 34;
 Vila de Segura, 32;
 Vila Franca de Panaderes, [Vilafranca del
 Penedès], 34; 84;
 Vila Longa, 60;
 Vila Nova de Caminha, 32;
 Vila Nova de Cerveira, 411;
 Vila Seca, 34;
 Vilar Formoso, 103;
 Villa de Chelles, 58;

Villa Nova Picarda, [?], 228;
Villa Nova, 79;
Villar de Servo, [Villar de Ciervo], 89;
Villar del Rey, 16; 55; 66;
Villar, lugar de, 58;
Vincennes, 216;
Viñeros, 46; 107; 365; 450; 451;
Vischa, rio, 368;
Viseu, 56;
Viterbo, 262;
Vlic, 334;
Voitland, 145;
Volhunos, [?], 460;
Volo, [Vólos], 434;
Vort, 402;
Vuirzburg, [Würzburg], 436;
Vusel, 61;
Vvas, [Hove], 112; 382;

W

Waimuth de Malacowe, [?], 178;
Wanera, [Wanneranval], 441;
Warenderf, [Warendorf], 446;
Warwick, 140; 141;
Weinheim, 277;
Weller, 163;
West, país de, [West Sussex?], 291; 297;
Westchester, 147; 148; 268;
Westminster, 138; 209;
Westmoreland, 135; 269;
Wexford, 137;
Whight, ilha de, 127;
Widembruk, [Rheda-Wiedenbrück], 446;

Winchester, 174; 176;
Windsor, 175; 282; 346;
Wissembourg, 277;
Wittenberg, 131; 418;
Wittenburg, 418;
Witweier, [Wittwer], 293;
Wolfenbüttel, 293;
Worcester, 149; 178;
Würzburg, 277;

X

Xabregas, [Lisboa], 101;
Xerez de los Cavalleiros, 366;
Xexester, [Chichester?], 178;

Y

Yogel, [Youghal], 377;
York, 69; 186; 187; 197; 298; 336;
Yser, rio, 438;
Yvrée, 150;

Z

Zara, [Zadar], 434; 453;
Zelândia, 254; 278;
Zell, 277;
Zinguem, 389;
Zoaf, [?], 338;
Zocca, 190;
Zuitckau, [Zwickau], 160.

Colecção Biblioteca Diplomática – nova série:

série A:

1. Jorge Braga de Macedo, org., **Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar: A Experiência Histórica Contemporânea. Comemorações do Legado Bibliográfico**
2. Armando Marques Guedes, **Estudos sobre Relações Internacionais**
3. Filipe Ribeiro de Meneses, **Correspondência diplomática irlandesa sobre Portugal, o Estado Novo e Salazar: 1941-1970**
4. Armando Marques Guedes e Nuno Canas Mendes, eds., **Ensaio sobre nacionalismos em Timor-Leste**
5. Zília Osório de Castro, Júlio Rodrigues da Silva e Cristina Montalvão Sarmiento, eds., **Tratados do Atlântico Sul: Portugal, Brasil (1825-2000)**
6. Eurico Gomes Dias, **Gazetas da Restauração [1641-1648]; uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas (edição transcrita)**

série D:

1. Ana Maria Homem Leal de Faria, **Duarte Ribeiro de Macedo. Um diplomata moderno: 1618-1680**
2. José Filipe Pinto, **Do Império Colonial à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Continuidades e Descontinuidades**
3. Luís Elias, **A Formação das Polícias nos Estados Pós-Conflito. O Caso de Timor-Leste**

4. Elisabete Cortes Palma, **Cultura, Desenvolvimento e Política Externa. Ajuda Pública ao Desenvolvimento nos Países Africanos Lusófonos**
5. Pedro Cantinho Pereira, **Portugal e o Início da Construção Europeia: 1947-1953**
6. Gisela Guevara, **As Relações entre Portugal e a Alemanha em torno da África: Finais do Século XIX e Inícios do Século XX**

ISBN 972-9245-52-5



9 789729 245527